

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social

Renata Alves Costa

**O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UMG/UFMG: memórias, práticas
educativas e ensino de Matemática (1954-1968)**

VOLUME I

Belo Horizonte – MG
2021

Renata Alves Costa

**O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UMG/UFMG: memórias, práticas
educativas e ensino de Matemática (1954-1968)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação Matemática

Orientadora: Dra. Maria Laura Magalhães Gomes

**Belo Horizonte – MG
2021**

C837c T	<p>Costa, Renata Alves, 1978- O Colégio de Aplicação da UMG/UFMG [manuscrito] : memórias, práticas educativas e ensino de Matemática (1954-1968) / Renata Alves Costa. - Belo Horizonte, 2021. 2 v. (499 f.) : enc, il.</p> <p>Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientadora: Maria Laura Magalhães Gomes. Bibliografia: f. 261-273. Apêndices: f. v.2 (f. 274-476). Anexos: f. 477-499.</p> <p>1. Universidade de Minas Gerais -- Colégio de Aplicação -- História -- Teses. 2. Universidade de Minas Gerais -- Faculdade de Filosofia -- História -- Teses. 3. Universidade Federal de Minas Gerais -- Faculdade de Filosofia -- História -- Teses. 4. Educação -- Teses. 5. Educação matemática -- História -- Teses. 6. Matemática -- Estudo e ensino -- História -- Teses. 7. Professores de matemática -- Formação -- História -- Teses. 8. Universidades e faculdades públicas -- História -- Teses. 9. Ensino superior -- História -- Teses. 10. Minas Gerais -- Educação -- História -- Teses. 11. Minas Gerais -- Universidades e faculdades -- História -- Teses. I. Título. II. Gomes, Maria Laura Magalhães, 1955-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p> <p style="text-align: right;">CDD- 378.0098151</p>
------------	--

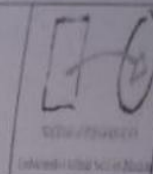
Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL



ATA DA DEFESA DE TESE DA ALUNA RENATA ALVES COSTA

Realizou-se, no dia 10 de fevereiro de 2021, às 14:00 horas, em plataforma virtual devido a pandemia COVID-19, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 775ª defesa de tese, intitulada *HISTÓRIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (1954-1968)*, apresentada por RENATA ALVES COSTA, número de registro 2017654862, graduada no curso de MATEMÁTICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Profa. Maria Laura Magalhães Gomes - Orientador (UFMG), Prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica (UNESP), Prof. Bruno Alves Dassie (UFF), Prof. Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG) e Prof. Filipe Santos Fernandes (UFMG).

A Comissão considerou a tese: aprovada, destacando a pesquisa realizada e suas contribuições para a História da Educação, a História da Educação Matemática e a História da UFMG.

A Banca sugeriu e a candidata acatou a mudança de título de tese para: O Colegio de Aplicação da UMG/UFMG: memórias, práticas educativas e ensino de Matemática (1954-1968).

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2021.

Maria Laura Magalhães Gomes

Prof(a). Maria Laura Magalhães Gomes (Doutora)

Antonio Vicente Marafioti Garnica

Prof(a). Antonio Vicente Marafioti Garnica (Doutor)

Bruno Alves Dassie

Prof(a). Bruno Alves Dassie (Doutor)

Luciano Mendes de Faria Filho

Prof(a). Luciano Mendes de Faria Filho (Doutor)

Filipe Santos Fernandes

Prof(a). Filipe Santos Fernandes (Doutor)

Dedico esta tese aos meus filhos: Miguel e Sofia

AGRADECIMENTOS

"Quem caminha sozinho pode até chegar
mais rápido, mas aquele que vai
acompanhado, com certeza vai mais longe."
Clarice Lispector

Durante o tempo dedicado à investigação e produção desta tese muitos estiveram comigo me apoiando, auxiliando-me e cuidando de mim. Quero aqui agradecer a todos que contribuíram de modo direto ou indireto para que eu conseguisse cumprir esta tarefa. Muito obrigada a todos.

Gostaria de registrar um agradecimento especial:

a Deus, pelo seu imenso amor, pelo seu cuidado e proteção, que durante essa jornada foi fundamental em minha vida me dando forças para seguir em frente diante dos desafios.

aos meus filhos, Miguel e Sofia, pelo amor, os sorrisos radiantes, os abraços e os beijos infinitos. Por me permitir ser uma pessoa cada dia melhor e conhecer um amor sem limites. Por me fortalecer nos momentos mais difíceis, por tornar os meus dias mais alegres e preencher minha vida com muito mais amor.

ao meu esposo Anderson. Obrigada pelo seu amor, carinho, compreensão e dedicação há mais de vinte anos, pelo incentivo, por cuidar tão bem dos nossos filhos para que eu pudesse me dedicar aos estudos, por me abraçar e enxugar as minhas lágrimas quando eu precisei, por compartilhar as alegrias e as tristezas por todos esses anos.

aos colaboradores que generosamente compartilharam suas lembranças. Ana Maria, Aloys, Camélia, Clemenceau, Carlos Braga, Carlos Tassara, Cláudio, Eduardo, José Lima, Luiz Santana, Marco Antônio, Marcus Gontijo, Paula, Paulo Ângelo, Gilvan, Gilvânia, Maria Leonor, Paulo Wanner e Rafael. Obrigada por dividir comigo memórias de suas vidas, que permitiram a escrita deste texto.

à professora Maria Laura Magalhães Gomes. Obrigada, Maria Laura, por me “adotar” durante estes quatro anos no doutorado. Obrigada pelo olhar atento, pela colaboração e oportunidade de aprender, elementos que me fizeram crescer e almejar novos horizontes.

aos meus pais, Maria e Irineu, por sempre me apoiarem, pelo incentivo, força e amor irrestrito. Minha eterna gratidão.

às minhas irmãs, Raquel e Regina, obrigada pelo amor, pela amizade, pela confidencialidade, pelo incentivo e por se alegrarem comigo nesse momento.

aos professores Luciano, Vicente, Filipe e Bruno por terem aceitado avaliar este trabalho. Obrigada!

aos amigos do Núcleo de Matemática do CP: Ana Rafaela, Diogo, Denise, Juliana, Roselene, Tânia e Warley. Obrigada pelo apoio de vocês. Foi fundamental! Gratidão pelos momentos que passamos juntos, pela amizade e carinho sempre. Vocês são muito especiais.

Agradeço a outros colegas do CP que compartilharam também esses momentos, em especial a Raquel que guardou as memórias fotográficas do Colégio e a Camila pelo apoio no arquivo.

Aos “filhos da Maria Laura”: Ana Catarina, Brian, Flávia, Kelly, Luiza e Paulo, pelas experiências compartilhadas nos momentos de angústias e alegrias.

Às minhas queridas amigas Ana Rafaela e Jacqueline, pelo amparo, amizade, carinho, companheirismo e por partilharmos momentos maravilhosos que me fortalecem a cada dia. Obrigada Ana e Jacque, vocês são especiais.

Ao meu amigo Diogo, obrigada por compartilhar experiências, pelo carinho comigo e com minha família, por ser sempre presente. Gratidão a você.

À Fernanda, que foi uma luz na minha vida. Obrigada pela solidariedade e companheirismo, em especial, pelas longas conversas ao telefone que oportunizaram reflexões frutíferas e em muito contribuíram na realização deste trabalho.

Aos colegas do Ghoem pelas contribuições feitas em diversos momentos: nos encontros e nos ENAPHEMs de que participamos juntos. Obrigada!

Aos professores da linha de pesquisa em Educação Matemática da Faculdade de Educação da UFMG: Cristina, Ção, Filipe, Jussara, Samira e Vanessa, pelas contribuições em diversos momentos.

À Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, que oportunizou o acesso às fontes e a Solange Ribeiro, que me auxiliou no processo de imersão nos arquivos.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pela concessão de licença remunerada em boa parte do desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma história do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), suas memórias, práticas educativas e o ensino de Matemática no período de 1954 a 1968. Para a construção desta narrativa, priorizamos a constituição de fontes históricas por meio de entrevistas com ex-alunos, funcionários e professores, realizadas mediante a metodologia da História Oral. As entrevistas visaram, prioritariamente, a elaboração de memórias sobre as práticas de ensino e aprendizagem da Matemática, bem como a conhecer as percepções dos sujeitos sobre essa disciplina no Colégio desde sua criação, em 1954, até o ano de 1968. Entrevistamos dezesseis ex-alunos, três docentes de Matemática e uma orientadora pedagógica sobre as práticas pedagógicas, as metodologias, os recursos empregados e os materiais didáticos utilizados no ensino de Matemática. As conversas foram gravadas, transcritas e textualizadas para constituir um conjunto de onze narrativas. Além dessas narrativas, analisamos documentos diversos da escola, tais como os livros de atas, os boletins, as fotografias, o livro de ponto e o livro de admissão. Apresentamos narrativas que caracterizam o Colégio, incluindo aspectos de sua trajetória para uma maior compreensão do cenário de pesquisa; dissertamos sobre os modos de organização do Colégio de Aplicação (estrutura institucional, o exame de Admissão, práticas pedagógicas e o espaço escolar); focalizamos os estudantes do Colégio (o perfil socioeconômico dos discentes, as práticas de socialização dos estudantes, suas motivações para terem optado pela instituição e alguns aspectos de seu cotidiano escolar); discorremos sobre os professores (a forma de ingresso dos docentes, os processos de formação dos professores de Matemática entrevistados, os cursos realizados e suas experiências de ensino); e abordamos o ensino de Matemática, o cerne da investigação. Os resultados encontrados evidenciam que as práticas de ensino de Matemática no Colégio de Aplicação foram muito semelhantes às de uma escola comum de Ensino Secundário, regida pela legislação de ensino vigente, com utilização da aula expositiva como principal técnica pedagógica e forte participação do livro didático, que funcionava como guia para o currículo e o plano de aulas. Verificamos ainda que o Colégio não adotou práticas mais modernas presentes em outras escolas da mesma época e atendeu a estudantes que pertenciam, na maior parte das vezes, às classes socioeconômicas mais favorecidas.

Palavras-chave: Colégio de Aplicação da UFMG. Ensino e aprendizagem da Matemática. História da Educação Matemática. História Oral. História das instituições escolares.

ABSTRACT

In this work, we present a history of the College Application of the Faculty of Philosophy of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), its memories, educational practices and the teaching of Mathematics from 1954 to 1968. For the construction of this narrative, we prioritize the constitution of historical sources through interviews with alumni, staff and teachers, carried out using the Oral History methodology. The interviews aimed, primarily, the elaboration of memories about the teaching and learning practices of Mathematics, as well as to get to know the subjects' perceptions about this discipline at the College since its creation, in 1954, until the year 1968. We interviewed sixteen former students, three mathematics teachers and a pedagogical advisor on pedagogical practices, methodologies, resources employed and didactic materials used in teaching mathematics. The conversations were recorded, transcribed and textualized to constitute a set of eleven narratives. In addition to these narratives, we analyzed different documents from the school, such as the minutes books, the school report, the photographs, the point book and the admission book. We presented narratives that characterize the College, including aspects of its trajectory for a better understanding of the research scenario; we talked about the organization of the College of Application (institutional structure, Admission exam, pedagogical practices and the school space); we focused on the students of the College (the socioeconomic profile of the students, the students' socialization practices, their motivations for having chosen the institution and some aspects of their school routine); we talk about the teachers (the way of admission of the teachers, the training processes of the mathematics teachers interviewed, the courses taken and their teaching experiences); and we approach the teaching of mathematics, the heart of the investigation. The results found show that the mathematics teaching practices at the “Colégio de Aplicação” were very similar to those of a common secondary school, governed by the current teaching legislation, using the lecture as the main pedagogical technique and strong participation of the textbook, that served as a guide to the curriculum and lesson plan. We also verified that the College did not adopt more modern practices present in other schools of the same period and served students who belonged, in most cases, to the most favored socioeconomic classes.

Keywords: UFMG Application College. Teaching and learning mathematics. History of Mathematics Education. Oral History. History of School Institutions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Arquivo do Centro Pedagógico, sala 1.....	58
Figura 2 - Documentos separados para análise. Encontram-se nos arquivos do Centro Pedagógico, sala 1.....	58
Figura 3 - Retrato da professora Filocelina Costa Mattos de Almeida.....	65
Figura 4 - Capa do primeiro álbum de fotos do Colégio de Aplicação.....	66
Figura 5 - Contracapa do primeiro álbum de fotos do Colégio de Aplicação.....	66
Figura 6 - Primeira página do álbum 1 de fotos do Colégio de Aplicação.....	66
Figura 7 - Capa do segundo álbum de fotos do Colégio de Aplicação.....	66
Figura 8 - Capa da <i>Revista</i> , 1961.....	106
Figura 9 - Prédio do Colégio de Aplicação.....	124
Figura 10 - Pátio central do Colégio de Aplicação.....	127
Figura 11 - Gabinete da diretora.....	129
Figura 12 - Secretaria.....	129
Figura 13 - Biblioteca.....	129
Figura 14 - Laboratório.....	129
Figura 15 - Sala dos professores.....	130
Figura 16 - Sala de aula.....	131
Figura 17 - Vestiário.....	134
Figura 18 - Campo de futebol.....	134
Figura 19 - Foto da excursão para a praia do Canto, em Vitória.....	138
Figura 20 - Foto da excursão para a Gruta de Maquiné.....	138
Figura 21 - Foto de uma assembleia. Fonte: arquivo do Centro Pedagógico.....	152
Figura 22 - Foto da equipe feminina de vôlei do Colégio de Aplicação.....	157
Figura 23 - Sala de aula do C.A.....	170
Figura 24 - Três cadernetas do Científico e quatro do Ginásio.....	172
Figura 25 - Caderneta com identificação do aluno, ano 1959.....	172
Figura 26 - Caderneta com foto, quadro de pagamento e compromisso de honra.	172
Figura 27 - Caderneta com resumo do regulamento.....	172
Figura 28 - Caderneta com registro de notas.....	172
Figura 29 - Caderneta com frequência diária e informe aos pais.....	172
Figura 30 - Jornal Sinal. Arquivo Faculdade de Filosofia.....	192

Figura 31 - Livro de Álgebra e Análise. Mário de Oliveira e Clemenceau Chiabi Saliba.....	235
Figura 32 - Apostila de Exercícios de Limites. Clemenceau Chiabi Saliba.....	235
Figura 33 - Apostila de Exercícios de Álgebra. Equações do 2º Grau. Clemenceau Chiabi Saliba.....	235
Figura 34 - Apostila de Exercícios de Limite, 1962, p.1. Clemenceau Chiabi Saliba.....	236
Figura 35 - Contra-capas do livro de Jacomo Stávale.....	238
Figura 36 - Detalhe da Figura: inscrição de conformidade com a portaria de 1951 no livro de Jacomo Stávale.....	238
Figura 37 - Capa do livro de Jacomo Stávale. Elementos de Matemática, 1953.	239

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Primeiros Colégios de Aplicação no Brasil (1948 – 1965).....	39
Quadro 2 - Programa de Matemática da Portaria de 1951 para o curso Ginasial.....	209
Quadro 3 - Programa de Matemática da Portaria de 1951 para o curso Colegial.....	209
Quadro 4 - Professores de Matemática que atuaram no curso Ginásial e Colegial do Colégio de Aplicação da UMG entre os anos de 1954 e 1968.....	213

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Relação de ex-alunos entrevistados	95
Tabela 2 - Relação da orientadora e dos ex-professores e entrevistado.....	96
Tabela 3 - Relação de inscritos e aprovados no exame de admissão ao ginásio no C. A. de 1954 a 1968.....	123
Tabela 4 - Agrupamento das profissões dos pais dos alunos do C. A. de 1954 a 1968.....	144
Tabela 5 - Matrículas no primeiro ano do Ginásio entre os anos 1954 e 1964...	147
Tabela 6 - Candidatos ao exame de admissão ao primeiro ano do Ginásio de 1954 a 1964.....	147
Tabela 7 - Horários das aulas de Matemática para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação no ano de 1954.....	216
Tabela 8 - Horários das aulas de Matemática para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação no ano de 1958.....	216
Tabela 9 – Grade curricular para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação nos anos de 1954 a 1957.....	217
Tabela 10 – Grade curricular para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação no ano de 1958.....	218

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ABHO	Associação Brasileira de História Oral
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CAP	Colégio de Aplicação
Capes	Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cedoc	Centro de Documentação
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEMIG	Companhia Energética de Minas Gerais
Coep	Comitê de Ética em Pesquisa
Coltec	Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais
COLUNI	Colégio Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais
CP	Centro Pedagógico
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CPOR	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
DER	Departamento de Estradas e Rodagem
DOT	Departamento de Orientação e Treinamento do Banco da Lavoura
EJA	Educação de Pessoas Jovens e Adultas
FaE	Faculdade de Educação
FAFI-BH	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte
FAFI-MG	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais
Fafich	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
GEPHE	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação
Ghoem	Grupo de História Oral e Educação Matemática
HEM	História da Educação Matemática
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICB	Instituto de Ciências Biológicas
ICEx	Instituto de Ciências Exatas
IEMG	Instituto de Educação de Minas Gerais
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio

	Teixeira
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MM	Matemática Moderna
MMM	Movimento da Matemática Moderna
OSPB	Organização Social e Política do Brasil
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
Prepes	Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SOEV	Serviço de Orientação Educacional, Profissional e Vocacional
SOSP	Serviço de Orientação Profissional da Secretaria de Educação
SUS	Sistema Único de Saúde
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO – VOLUME I

Apresentação.....	19
1 - MODERNIZAR, ENSINAR E PRATICAR: a constituição dos Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro	27
1.1. Processo de criação dos Colégios de Aplicação: os caminhos percorridos	26
1.2. Da constituição da Faculdade de Filosofia à criação dos Ginásios de Aplicação: produzindo instituições-modelo.....	35
1.3. A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: um projeto de aspiração intelectual para Belo Horizonte	40
1.4. “Um dos meios mais práticos para ensinar os professores a ensinar”: a criação do Ginásio de Aplicação da UMG	47
2 - FONTES.....	52
2.1. Arquivos.....	53
2.2. Fotografia.....	62
2.3. História Oral.....	67
2.4. Colaboradores da Pesquisa.....	77
2.4.1. Os entrevistados.....	87
3 - ESTRUTURA INSTITUCIONAL, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, ESPAÇO ESCOLAR: modos de organização do Colégio de Aplicação.....	98
3.1. A organização institucional do Colégio de Aplicação.....	98
3.2. Um “verdadeiro vestibulinho para entrar”: o exame de Admissão no Colégio de Aplicação	117
3.3. “Então era essa varanda em torno do colégio todo, com as salas laterais, e durante o intervalo era aquela comunhão de todo mundo”: espaços e tempos escolares no Colégio de Aplicação.....	124
4 - OS ESTUDANTES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.....	140
4.1 Quem eram os estudantes do Colégio de Aplicação?	141
4.2 Cultura e sociabilidade entre os estudantes do Colégio de Aplicação	154
4.3 Por que ir para o Colégio de Aplicação?	165
4.4 Uniformes e cadernetas: cenas do cotidiano dos estudantes do Colégio de Aplicação	168
5 - OS PROFESSORES.....	175

5.1 Formas de ingresso dos professores	176
5.2 A formação e o desenvolvimento dos professores de Matemática do Colégio de Aplicação	186
5.3 Experiências Docentes	195
6 - O ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.....	203
6.1 Programas de Matemática para o Ensino Secundário	204
6.1.1 A Disciplina Matemática do Ensino Secundário e seus primeiros programas	205
6.1.2 Os programas de Matemática nas décadas de 1950 e 1960, os congressos brasileiros de ensino de Matemática e o movimento da Matemática Moderna	207
6.2 Professores, práticas pedagógicas e recursos didáticos no ensino de Matemática do Colégio de Aplicação	213
6.2.1 O livro didático	233
6.2.2 Avaliação	244
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
8 - Referências.....	261
9 – Fontes Oraís.....	272

SUMÁRIO – VOLUME II

RESUMO	275
LISTA DE FIGURAS.....	276
APÊNDICES.....	280
APÊNDICE A - Apresentação inicial da pesquisa.....	280
APÊNDICE B - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido.....	282
APÊNDICE C - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (Entrevista Coletiva).....	285
APÊNDICE D - Roteiro para elaboração das perguntas das entrevistas.....	288
APÊNDICE E - Roteiro para elaboração das perguntas da entrevista coletiva.....	289
APÊNDICE F - Memórias do ensino e aprendizagens da Matemática no Colégio de Aplicação da UMG.....	290
Aloys de Meira Carvalho.....	291
Paula Apgaua Britto.....	319
Gilvan Westin Cosenza.....	330
Rafael Rabelo Guimarães.....	339
Camélia Elizabeth dos Santos Cassimiro.....	354
Gilvânia Westin Cosenza.....	363
Ana Maria Reis de Souza.....	383
Maria Leonor Vianna Ferrari.....	400
Carlos Eduardo Rezende Braga, Carlos Tassara, Cláudio Berenstein, Eduardo Belisário, José Lima Oliver Junior, Luiz Santana Ivo, Marco Antônio Ferreira, Marcus Gontijo, Paula Apgaua Britto, Paulo Ângelo de Pinho.....	414
Paulo Sérgio Wanner.....	431
Clemenceau Chiabi Saliba.....	449
APÊNDICE G - Cartas de cessão de direitos.....	472
ANEXOS.....	477
ANEXO I – Ata de instalação do Ginásio de Aplicação.....	477
ANEXO II - ata da seção solene de inauguração do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.....	480
ANEXO III – Ata da instalação do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.....	483
ANEXO IV - Programas de Matemática do curso ginásial e colegial da Portaria Ministerial nº 1045 de 14 de dezembro de 1951.....	485
ANEXO V - Sugestões para um roteiro de Programa para a cadeira de Matemática.....	494

APRESENTAÇÃO

Nesta tese, apresentamos nossas¹ compreensões sobre as memórias, práticas educativas e o ensino de Matemática do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais², denominada Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desde 1965. O Colégio de Aplicação existiu durante 13 anos, de 1954, data de sua criação, até 28 de fevereiro de 1968, quando, no bojo da Reforma Universitária, foi convertido na unidade ainda hoje designada como Centro Pedagógico.

O recorte temporal deste trabalho é precisamente o período 1954-1968, em que a escola ofertou os cursos Ginásial, Clássico, Científico e Normal. Na condição de Centro Pedagógico, a escola, inicialmente integrada a outra unidade criada pela reforma de 1968, a Faculdade de Educação, passou a oferecer a educação escolar para os cursos chamados, naquela época, de primário e ginásio.

A História Oral foi o referencial teórico-metodológico usado na constituição de fontes para a investigação mediante a realização de 11 entrevistas com 19 pessoas: antigos professores de Matemática, ex-alunos e uma orientadora educacional que se vincularam ao Colégio de Aplicação no período de referência. Dez entrevistas foram concedidas individualmente e uma delas reuniu um grupo de ex-estudantes especialmente reunidos para esse encontro. Os antigos membros da comunidade escolar do Colégio de Aplicação narraram seus percursos de vida, sua formação e suas experiências. Partilharam conosco os momentos marcantes vividos naquele espaço, descrevendo em detalhes a estrutura física da escola e a importância do Colégio para suas vidas. Testemunharam acerca de suas vivências no ensino e na aprendizagem de Matemática, sobre as metodologias, os modos de avaliação, os recursos utilizados, os conteúdos ensinados e aprendidos e as relações humanas no processo de ensino-aprendizagem.

¹ Neste texto, será utilizada a primeira pessoa do plural ao se tratar de elaborações produzidas em interações mantidas ao longo do doutorado com a orientadora desta pesquisa, com colegas e professores participantes de diversos encontros e com os membros da banca de qualificação deste trabalho, além daquelas estabelecidas como os muitos textos mobilizados na investigação. A primeira pessoa do singular será usada em referência a experiências e ações individuais da doutoranda.

² Em 1927, quando foi criada a partir da reunião das escolas de Engenharia, Direito, Medicina, Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, a universidade foi denominada Universidade de Minas Gerais (UMG). O nome Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a partir de 1965, permaneceu. Para simplificar, neste texto, frequentemente, ao nos referirmos à universidade, usaremos seu nome atual.

Em um movimento paralelo à realização de entrevistas, foram efetuadas buscas por documentação atinente ao tema de pesquisa nos arquivos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, nos arquivos do Centro Pedagógico e no acervo da professora Alaíde Lisboa, diretora do Colégio por mais de uma década, abrigado no Centro de Documentação da Faculdade de Educação da UFMG. Recorreremos ainda às legislações, aos documentos oficiais e aos currículos, visando uma melhor compreensão do cenário em torno do ensino de Matemática voltado para estudantes do ensino secundário no período de interesse da pesquisa.

A análise dos mais diferentes tipos de fontes documentais é relevante para a construção de uma história do Colégio de Aplicação, já que todos esses materiais são indispensáveis para se compreender como a educação foi pensada nesse período. Essa documentação torna-se mais relevante à medida que viabiliza a execução daquilo que conhecemos como cruzamento de fontes, ou seja, a possibilidade de colocar em diálogo informações de diversas origens, inclusive aquelas provenientes das narrativas de nossos colaboradores. Como sugere Schmitt (2005), construir histórias requer analisar vários pontos de vista acerca do objeto de estudo, o que justifica a variedade de fontes levantadas e em processo de análise. Esta pesquisa se situa, portanto, no campo da História da Educação Matemática (HEM), abarcando, entre outros aspectos, o estudo das ideias pedagógicas relativas ao ensino da Matemática que fundamentaram as práticas dos professores na instituição focalizada.

É relevante ponderar que conhecer os desafios e as experiências vividas por determinada escola propicia entrar em contato com elementos para a compreensão sobre o ensino de Matemática atual. Galvão e Lopes (2010) propõem que atentemos ao passado com indagações como: “o que se fazia, por que se fazia, quem fazia, como se fazia algo em determinada época, numa sociedade específica?” (p.12), pois conhecer essas indagações e o modo como elas foram tratadas nos auxilia na compreensão e nos questionamentos vigentes no momento presente. Possibilita, ainda, operar com a noção de que a história nos auxilia na compreensão da realidade a partir de um ponto de vista menos afetado, pois a maneira como os problemas foram pensados, anteriormente, contribui nas práticas atuais:

A história nos permite ver que, em outros lugares, em outras culturas e em outras épocas, ou aqui perto de nós, a educação (de modo geral) e a escola (em particular) têm se transformado, mas mantém elementos que,

surpreendentemente, são os mesmos de um século atrás (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 12).

Cabe ressaltar que, no caso desta pesquisa, apesar do encantamento pelas práticas desenvolvidas no Colégio, além do reconhecimento de um lugar de relevância ocupado por ele dentro da universidade, não há a intenção de construir uma história do Colégio de Aplicação simplesmente para conhecer o seu passado. Por mais fascinante que seja, conhecer esse passado não se converteria em justificativa para o tempo gasto e o trabalho de pesquisa. Os resultados das pesquisas apresentadas por Nosella e Buffa (2013) nos auxiliam a perceber que a história que construímos sobre o Colégio de Aplicação poderá contribuir para ampliar o conhecimento e a responsabilidade de seus profissionais.

Quando propomos uma investigação sobre a história de uma disciplina específica em um contexto específico – a história do ensino de Matemática no Colégio de Aplicação – pode recair sobre esse movimento uma dúvida quanto a seu potencial de contribuição para o campo da Educação e, mais especificamente, para o campo da Educação Matemática. Neste sentido, é possível encontrar inspiração nos estudos de Nosella e Buffa (2013), que apresentam justificativas para a pesquisa sobre instituições escolares. Esses autores utilizaram-se de depoimentos de professores e dirigentes que trabalhavam nas escolas que pesquisaram. Tendo lido livros sobre a história de determinada instituição, a eles foi proposto responderem à questão: “a que serviu a leitura do livro?” (p.34). Os pesquisadores analisaram as respostas agrupando-as em seis categorias. A primeira, “emocional-afetivo”, relaciona-se ao despertar de um sentimento de orgulho de pertencer à instituição. A segunda, “responsabilidade e comprometimento”, foi considerada pelos autores a mais relevante para a melhoria da prática pedagógica, pois criou nos colaboradores o reconhecimento de que a escola é anterior a sua relação imediata com ela, reforçando a necessidade de preservá-la. A terceira categoria, “conhecimento”, está ligada ao fato de que conhecer a história da instituição complementa e muitas vezes até aprofunda informações superficiais. A quarta, “práticas pedagógicas”, propõe utilizar os resultados da pesquisa com os alunos. Os entrevistados mostraram acreditar que, com esse conhecimento histórico da instituição, os alunos possam contribuir com a “preservação da memória”, que é a quinta categoria. Os professores também se sensibilizaram com os pesquisadores, que passam horas em arquivos e bibliotecas coletando dados da instituição para sua

preservação. Por fim, está a categoria “relacionamento da escola com o público externo”, que se refere ao fato de que conhecer a história da instituição pode despertar a atenção da comunidade escolar e até mesmo de sua liderança para as suas necessidades.

Múltiplos são os caminhos percorridos e os contextos vivenciados na jornada que estabeleceram esta investigação. Todos eles compõem uma trama de relações, interesses e afetos que constituíram meus interesses e os conduziram até o tema de pesquisa proposto neste trabalho. Dentre eles, destaco um pouco da minha trajetória profissional e acadêmica, da minha relação com o Colégio de Aplicação e dos itinerários que me levaram à proposição desta investigação.

As primeiras imagens que se configuram em minha memória se remetem a minha infância humilde em Belo Horizonte. Nasci no final da década de 1970 em uma família simples, com pais que cursaram apenas o primário. Sou a filha caçula de três irmãs que tiveram uma vida marcada por uma educação rígida, mas de muito amor. Minha educação básica, Ensino Fundamental e Médio, entre os anos de 1984 e 1995, foi em escolas públicas municipais de Belo Horizonte. Os níveis correspondentes ao atual Ensino Fundamental foram cursados no bairro em que morava em virtude da facilidade de deslocamento. O segundo grau foi cursado no Colégio Municipal Marconi, instituição de referência da rede pública belo-horizontina. O ambiente escolar sempre foi um lugar em que gostei de estar. Durante minha formação, vivenciei momentos de muito envolvimento em cada etapa de escolarização. Tinha interesse por todas as disciplinas e por explorar novos conhecimentos. A Matemática sempre provocou em mim uma curiosidade fascinante e com isso me destaquei nessa disciplina. Surgiu daí a oportunidade de ministrar aulas particulares quando cursava a série final do Ensino Fundamental.

Mesmo com baixa escolaridade, meus pais sonhavam que eu me formasse no Ensino Superior. Sempre fui boa aluna e acreditei nessa possibilidade. Com o passar do tempo, a procura de aulas particulares aumentou. Eu procurava conciliar as aulas que lecionava e os estudos para que o sonho se realizasse. Minha experiência como professora particular influenciou na escolha profissional pela educação. Assim, iniciei o curso universitário de Licenciatura em Matemática em 1997, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (FAFI-BH), uma instituição privada. Para poder pagar a faculdade, além das aulas particulares, precisei trabalhar meio período. Foi então que comecei a dar aulas em escolas da rede estadual de Minas Gerais.

Em minha prática docente, concomitante ao curso de Licenciatura, busquei, por meio de leituras, observações e participação em eventos, compreender questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de Matemática que me auxiliassem como docente em formação. Após cursar três períodos na referida faculdade privada, fui aprovada em uma seleção de transferência para a UFMG, iniciando meus estudos na universidade em 1998. Concluí a licenciatura em Matemática trabalhando como professora contratada da rede estadual. No mesmo ano, prestei o concurso para docente na mesma rede e fui aprovada.

Como docente, fazia-me vários questionamentos a respeito dos processos de ensino e aprendizagem, questionamentos esses que permaneceram mesmo com a conclusão do curso de licenciatura. Percebi que o trabalho e a formação do educador são para a vida toda, exigindo, a cada dia, reorganizar e recriar a própria prática. Dessa maneira, busquei me aperfeiçoar no curso de Especialização em Educação Matemática, no qual ingressei em 2002, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Ali se deu minha inserção no campo da Educação Matemática e da História da Educação Matemática. Nesse curso, pude conhecer diferentes textos, estudos teóricos e autores (D'AMBROSIO, 1993, FIORENTINI, 1995, MIGUEL; BRITO, 1996, MIGUEL; MIORIM, 2001) relacionados a esses campos de estudo, que me levaram a perceber a relevância de lançar um olhar sobre o passado para compreender de maneira mais qualificada o ensino de Matemática no presente. Por meio do estudo da história, nos “deparamos com experiências humanas que por coincidirem com as nossas nos revelam que não somos tão originais como pensávamos” (LAUAND, 1986, p. 19). Nesse sentido, direcionei meus estudos de especialização para esse campo de pesquisa.

Mais adiante, no ano de 2007, iniciei o mestrado em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), no qual pesquisei “A passagem da numeração romana para a indo-arábica no Ocidente em livros didáticos de Matemática”. O foco do estudo foi a análise de livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2008 e de entrevistas com professores que trabalhavam com esses livros nas redes públicas municipal de Belo Horizonte e estadual de Minas Gerais. Ainda que não contemplasse especificamente a História da Educação Matemática, esse trabalho me proporcionou um contato maior com professores da disciplina e suas impressões sobre a História da Matemática.

Dando prosseguimento aos meus estudos, cursei uma disciplina isolada denominada *História da Educação Matemática*³ e pude realizar leituras que me fizeram refletir sobre a importância desse campo. Além disso, pude perceber ainda o quanto os saberes referentes a esse campo de conhecimento estiveram presentes em minhas inquietações tanto como professora da Educação Básica, quanto como pesquisadora da Educação Matemática. Os textos discutidos durante a disciplina, tais como Gomes (2010), Miguel (1995), Miorim (1998), Schubring (2003) e Valente (1999), me instigaram a optar por uma investigação de doutorado que tivesse por objetivo central a produção de uma História do ensino de Matemática no Colégio de Aplicação da UFMG. O interesse em investigar essa instituição em específico surgiu a partir do meu ingresso no Centro Pedagógico como professora efetiva em 2014. Ali, passei a lidar tanto com a formação dos estudantes quanto com a formação de professores, visto que o colégio tem entre seus objetivos receber como estagiários alunos dos cursos de licenciatura da universidade, caracterizando-se assim como um espaço privilegiado de formação de educadores para atuar no Ensino Fundamental. Deste modo, ao lançar o olhar sobre a história do ensino da Matemática, caminhei na direção de empreender esforços para conhecer de modo mais verticalizado esse campo, investindo em leituras referentes a ele e participando de congressos e fóruns de discussão nessa área.

Assim, essas vivências despertaram meu interesse em conhecer a trajetória do ensino de Matemática nos primeiros anos do estabelecimento de uma escola secundária integrada à universidade e direcionada à formação de professores.

Esta tese, resultante de meu percurso como estudante e profissional, organiza-se em dois volumes. O primeiro deles é composto por seis capítulos, brevemente descritos a seguir.

No primeiro capítulo, examinamos os caminhos percorridos para a criação do Colégio de Aplicação no âmbito da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. A seguir, o segundo capítulo apresenta as diversas fontes utilizadas e descreve os dezenove entrevistados, colaboradores da pesquisa, fundamentais para a constituição da narrativa. No terceiro capítulo, expomos o contexto, o Colégio de Aplicação, abordando sua criação, a partir do Decreto-lei 9053 de 1946, examinando sua estrutura institucional e discutindo a seleção de ingresso dos estudantes. Analisamos, também, os modos de

³ Essa disciplina foi ministrada em 2012, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG. Durante esse período, pude ter meu primeiro contato com discussões referentes à História Oral, por meio do trabalho de Baraldi (2003).

organização do Colégio, os espaços e tempos escolares. O quarto capítulo dá destaque aos estudantes do Colégio de Aplicação, a sua origem social, ao interesse pela escola e a cenas de seu cotidiano na instituição. No quinto capítulo, dedicamo-nos à trajetória profissional dos professores e a suas práticas pedagógicas nos anos de atividades no Colégio. Tratamos ainda da forma de ingresso dos docentes, dos processos de formação dos professores de Matemática entrevistados, incluindo os cursos realizados e as experiências de ensino. O sexto capítulo focaliza especificamente o ensino de Matemática, situado no interior das práticas educacionais desenvolvidas no âmbito do ensino secundário. Abordamos não apenas as questões em torno do ensino de Matemática no Colégio de Aplicação, mas também aquelas relacionadas à trajetória geral do ensino da disciplina em território nacional, nas décadas de 1930 a 1960. No último capítulo, tecemos nossas considerações finais.

O segundo volume da tese traz os apêndices e anexos, com o texto de apresentação inicial da pesquisa, o termo de consentimento livre esclarecido, os roteiros das entrevistas, as onze textualizações produzidas a partir do que foi narrado por nossos colaboradores, as cartas de cessão das entrevistas e cópias de documentos relevantes para a realização da pesquisa.

1 - MODERNIZAR, ENSINAR E PRATICAR: a constituição dos Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro

Os Colégios de Aplicação foram criados em meados da década de 1940, período em que o Brasil passava por uma redemocratização pós-ditadura presidida por Getúlio Vargas. O contexto educacional brasileiro configurava-se como demasiadamente elitista, centrando-se na instrução, em contrapartida à formação. A partir de críticas direcionadas a uma educação diferenciada para a elite e para o restante da população, o sistema educacional brasileiro enfrentou um processo de reorganização do ensino. Tal processo foi ancorado na instituição de novos decretos-lei, que contemplavam diferentes segmentos da educação e previam a ampliação do acesso à escola pela população comum. Nesse sentido, foi em meio a essa reorganização estatal para o ensino, que em 1945, no período pós-saída do presidente Vargas, iniciaram-se os primeiros estudos para a implantação dos colégios de aplicação nas Faculdades de Filosofia (FRANGELLA, 2002), responsáveis pela formação de professores desde a década de 1930.

Consideramos que para uma melhor compreensão do nascedouro dessas instituições torna-se necessária a apreensão de dois movimentos distintos empreendidos no sistema educacional brasileiro. O primeiro deles diz respeito às ações em favor da renovação do Ensino Secundário, ocorrida em anos anteriores, e o segundo refere-se ao processo de criação das Faculdades de Filosofia.

1.1 - Processo de criação dos Colégios de Aplicação: os caminhos percorridos

No final dos anos 1920 e início dos anos 1930, o Brasil passou por uma recessão econômica que levou a modificações em sua estrutura social. A queda da bolsa de Nova York, em 1929, afetou a maior parte dos países do mundo, repercutindo em uma crise na produção de café em território brasileiro. A partir desse contexto, pode-se observar um crescimento do mercado interno e a queda de exportações, que acabou abrindo caminho para a industrialização (CANO, 2015). Do ponto de vista político, as críticas ao processo eleitoral de 1930, somadas à crise vivida pela economia mundial, levaram à presidência de Getúlio Vargas, no movimento que ficou conhecido como “Revolução de 1930”. Vargas tornou-se chefe do Governo provisório com amplos poderes. O Estado brasileiro iniciou um conjunto de ações articuladas no sentido de estruturar um vasto projeto de centralização político-administrativa, inclusive na esfera educacional. Sua

economia, que até então era quase prioritariamente agrária, cada vez mais se industrializava. Tal processo promoveu significativas modificações na sociedade, que se tornou mais urbanizada, estabelecendo as bases da moderna economia brasileira.

O forte controle estatal imprimiu o crescimento à indústria nacional, caracterizada pela substituição de importações, isto é, a substituição de bens de consumo de produtos importados por bens de consumo de produção interna. É importante notar que esse modelo de substituição de importação “busca a combinação positiva e dinâmica com o setor agrário, encadeando as exigências de divisas com as exigências de investimentos destinados a atender o mercado interno” (IANNI, 1971, p. 54). Assim, inicialmente os investimentos foram aplicados nas indústrias de bens de consumo assalariado, como a têxtil e a de alimentos, uma vez que se exigiam investimentos acessíveis à economia brasileira (MORAES, 2000). Nesse cenário, o Estado tornou-se o centro de decisão da política econômica. A partir de tal modelo de economia, passou a oferecer à população maiores oportunidades para a instrução, considerada necessária a um país que se transformava para ser mais urbano e industrializado. Frente a esse contexto, foram criadas condições para planejar as estruturas do país, conforme aponta Rodrigues (2006, p.30).

Os acontecimentos daquele período, quando diferentes experiências e ideais se encontraram, propiciaram um terreno bastante fértil de elaborações e debates e nesse meio, a educação começou a ser discutida por diversos grupos, e a escola primária se transformou em tema de reivindicações constantes e o meio eficaz/disponível para o enfrentamento de um conjunto de problemas, dos quais o analfabetismo era considerado o maior. A escola transformou-se no maior e principal instrumento que possibilitaria ao País superar seu maior entrave rumo ao progresso, como também no principal instrumento de disseminação dos novos valores idealizados para a sociedade brasileira.

A educação passou a ocupar um lugar de destaque, visto que tornou-se meio fundante para preparar os cidadãos, erradicar o analfabetismo e formar mão de obra para a sociedade urbano-industrial. As questões educacionais, de acordo com Moraes (2000, p. 133), estavam voltadas a “criar um ensino mais adequado à ‘modernização’ do país, com ênfase na capacitação para o trabalho e na formação das ‘elites’”, enfatizando que

a reforma da sociedade se daria pela reforma da educação e do ensino, a importância da ‘criação’ de cidadãos e de reprodução/modernização das ‘elites’, acrescidas da consciência cada vez mais explícita acerca da função da educação no trato da questão ‘social’: a educação rural, para conter a migração do campo para as cidades e a formação técnico-profissional do trabalhador, visando solucionar o problema das agitações urbanas (p.132).

Tal transição de modelo econômico enfrentada pelo país impôs, assim, novas exigências educacionais. Afastando-se da estrutura oligárquica, em que nem a população nem os poderes constituídos sentiam necessidade da instrução, a relação com o ensino se modificou profundamente com a nova situação implantada na década de 1930, inclusive no que se refere às ações do próprio Estado (ROMANELLI, 1998) para esse setor. Assim, pode-se pensar que, a partir desse significativo movimento, instaurou-se sobre o contexto educacional brasileiro um significativo paradoxo, especialmente no que se relacionava ao caráter elitista do ensino.

Vale pontuar que essas transformações atribuídas ao campo da educação nos anos 1930 nasceram de um fluxo de ideias e práticas gestadas em momento anterior, durante os anos de 1920⁴. Aquilo que se convencionou chamar de Escola Nova permitiu articular uma reforma com base nacional, iniciando assim um processo de centralização. Tal característica tornou-se uma marca da educação do país. Em outras palavras, tratava-se de uma política nacional que visava uma subordinação dos sistemas estaduais ao governo federal. Para isso, o governo provisório chefiado por Getúlio Vargas criou novos órgãos administrativos, entre eles o Ministério da Educação e Saúde Pública, atendendo às antigas reivindicações dos educadores. É nesse cenário que, de acordo com Saviani (2004, p.18), “o poder público assume a tarefa de organizar integralmente escolas, tendo como objetivo a difusão do ensino para toda a população”. Naquele momento, Francisco Campos foi nomeado ministro da Educação, considerando-se, entre outros fatores, que sempre tinha estado ligado ao movimento de modernização do ensino (BRASIL, 1993). Francisco Campos, com a colaboração de Mário Casasanta, Inspetor Geral da Instrução em Minas Gerais, foi responsável pela reforma da educação em Minas Gerais, que abrangeu o ensino Primário e o Normal. No início de 1931, o então ministro implantou uma reforma do ensino fixada em seis decretos que, em seu conjunto, receberam seu nome, passando a ser conhecida como “Reforma Francisco Campos”:

1. Decreto nº 19.850 de 11 de abril de 1931 – Institui o Conselho Nacional de Educação.
2. Decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931 – Dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil considerando o sistema universitário.

⁴ Aqui é importante destacar a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE). A ABE “foi criada em 1924 por um grupo de intelectuais (advogados, médicos, professores e engenheiros) que, fundamentados na ideia de que na educação residia a solução dos problemas nacionais, realizaram uma ampla campanha pela causa educacional” (LEON; AMARAL, 2010, p.173).

3. Decreto nº 19.852 de 11 de abril de 1931 - Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro.
4. Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931 - Dispõe sobre a organização do ensino secundário.
5. Decreto nº 20.158 de 30 de junho de 1931 - Organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências.
6. Decreto nº 21.241 de 14 de abril de 1932 - Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências.

A reforma em questão apresentou como diferencial a criação de um Sistema Nacional de Educação, estabelecendo uma organização tanto para o ensino secundário, quanto para o ensino comercial e o ensino superior. Cabe pontuar que, até aquela ocasião, o que existia eram os sistemas estaduais, desarticulados do sistema central e alheios a uma política nacional de educação (ROMANELLI, 1978). Nesse sentido, o objetivo central da reforma foi a ampliação do curso secundário, que deixaria de ser um curso propedêutico para o ingresso nas faculdades, apresentando uma finalidade própria, com um ensino de caráter eminentemente educativo, como expressa a exposição de motivos sobre a reforma do ensino secundário:

A finalidade exclusiva do ensino secundário não há de ser a matrícula nos cursos superiores; o seu fim, pelo contrário, deve ser formação do homem para todos os grandes setores da atividade nacional, constituindo no seu espírito todo o sistema de hábitos, atitudes e comportamento que o habilitem a viver por si mesmo e a tomar, em qualquer situação, as decisões mais convenientes e mais seguras. Muito de propósito atribuo ao ensino secundário a função de construir um sistema de hábitos, atitudes e comportamentos, ao invés de mobiliar o espírito de noções e de conceitos, isto é, dos produtos acabados, com os quais a indústria usual do ensino se propõe a formar o stock dos seus clientes. (CAMPOS, 1931).

Ao considerar os objetivos e rumos da nova reforma educacional, Silva (1969, p.285) argumenta que:

A reforma de 1931 representou o início de uma nova fase de considerável progresso no sentido da constituição de uma estrutura institucional de ensino secundário não somente adequada à função de preparação básica ao ensino superior, como também orientada para uma finalidade mais compreensiva de preparação do adolescente para sua satisfatória integração a uma sociedade que ia começar a fazer-se mais complexa e dinâmica.

Assim, o intuito da Reforma Francisco Campos foi reorganizar o ensino secundário para adequá-lo à obra da modernização nacional. Apesar de elitista e de natureza conservadora, a Reforma concebeu uma conjuntura diferente da que existia, especialmente no que tangia ao ensino secundário. Podemos destacar o currículo seriado; as disciplinas obrigatórias a serem oferecidas em cada série do curso; o número de alunos por turma, a carga horária diária e semanal das aulas, o tipo e as formas de avaliação dos alunos, a frequência obrigatória, a criação da inspeção federal, que

nivelava todos os estabelecimentos de ensino secundários ao Colégio Pedro II; as normas para o corpo docente e seu registro junto ao Ministério da Educação e Saúde Pública (ROMANELLI, 1978). Essa estrutura mais complexa do ensino secundário alinhou o Brasil aos países ocidentais mais desenvolvidos que, naquele momento, também utilizavam essa divisão do ensino em ciclos (DALLABRIDA, 2009).

Dentre as novas proposições da Reforma, destacamos o decreto n.º 19851, de 11 de abril de 1931, que dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil. Tal decreto significou uma nova orientação, com maior autonomia administrativa e organização didática para as universidades, maior interesse pela pesquisa e pela difusão da cultura. Apesar de as instituições de ensino superior no Brasil datarem do século XIX, eram organizadas de forma fragmentada, em escolas isoladas, privilegiando as Faculdades de Direito, Medicina e as Escolas Politécnicas. Antes do decreto n.º 19851 de 1931, já havia no Brasil duas Universidades constituídas da junção de várias faculdades existentes: a Universidade do Rio de Janeiro (1921) e a Universidade de Minas Gerais (1927) (FAVERO, 2006).

A primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras constituída de acordo com o decreto federal foi a da Universidade de São Paulo, implantada em 1934. Essa Universidade apresentou-se como inovadora tanto em relação a sua organização de acordo com o regime universitário como quanto à existência de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que tinha “por objetivos a formação do magistério para o ensino secundário e a realização de altos estudos desinteressados e a pesquisa” (ROMANELLI, 1978, p.132). Do ponto de vista histórico, foi a primeira vez que houve uma preocupação com a formação de professores em nível superior, pois anteriormente a formação de professores era considerada como exclusivamente dependente do domínio do conteúdo a ser ensinado. Nesse sentido, havia certo desprezo pela formação pedagógica, que ficava em segundo plano, como salienta Paschoal Lemme em entrevista concedida a Buffa e Nosella (1991) ao rememorar sua participação no movimento renovador:

(...) há uma circunstância pessoal minha: eu era um jovem que apenas tinha saído da Escola Normal, com aquela concepção de ser professor, professorzinho de escolas elementares, e então, fui chamado. Não pleiteei nada, como está nas minhas Memórias, fui chamado a colaborar com esses

homens⁵. Como não havia, nessa época, nem academias, nem faculdades de Pedagogia (que só muito depois apareceram), eu me formei naquelas concepções e essas concepções não nasceram na cabeça daqueles homens. (...) Há outros fatores internos. (p.87)

Ainda analisando o movimento de criação de universidades e da relação da Reforma Francisco Campos com o ensino superior, cabe lembrar que, após a referida reforma, em 1935, foi criada a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Tal universidade foi idealizada por Anísio Teixeira, então secretário de Educação, e se destacou por sua proposta inovadora, que incluiu a criação de uma Faculdade de Educação específica para formação do magistério em nível superior (ROMANELLI, 1978).

Enquanto não havia diplomados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a indicação era de que os professores realizassem concurso de títulos e provas, pois o propósito era criar um dispositivo de formação obrigatório, mesmo para os docentes em exercício. Em 1937, formaram-se os primeiros licenciados para o ensino secundário no Brasil. Sobre tal questão, Fernando de Azevedo (1963, p. 753) expõe:

Com esse acontecimento inaugurou-se, de fato, uma nova era do ensino secundário, cujos quadros docentes, constituídos até então de egressos de outras profissões, autodidatas ou práticos experimentados no magistério, começaram a renovar e a enriquecer-se, ainda que lentamente, com especialistas formados nas faculdades de filosofia que, além do encargo da preparação cultural e científica, receberam por acréscimo o da formação pedagógica dos candidatos ao professorado do ensino secundário.

Contudo, a organização do ensino secundário proposta por Francisco Campos, na prática, contrariava seu discurso, pois esse nível da educação continuava a ter o caráter de preparatório para o curso superior (SOUZA, 2016), por meio do curso complementar, com matérias compatíveis com a escolha profissional. Com um currículo de caráter enciclopédico associado a um sistema rígido de avaliação, o ensino secundário “manteve o seu caráter elitista” (ROCHA, 2001, p.162). Isso porque era uma minoria que podia passar cinco anos adquirindo uma sólida cultura geral, conforme Nunes (2000).

O seu currículo continuou enciclopédico e, no ciclo fundamental, os estudos científicos apresentavam, diferentemente da Reforma Benjamin Constant, na qual houve o predomínio das matemáticas, o domínio das ciências físicas e naturais. O curso complementar de currículo diferenciado quanto à

⁵ Aqui Lemme faz referência a Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, pessoas expressivas no movimento renovador.

destinação dos alunos também assumia ares de um enciclopedismo especializado. (p. 44)

A organização do ensino secundário criada pela Reforma passou por pequenos ajustes nas constituições de 1934 e 1937, principalmente no que tange à formação dos professores proposta pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1931). A ideia expressa no manifesto era da “impossibilidade de se organizar o sistema e dar-lhe unidade de ação sem a unidade de formação de professores, os quais, de todos os graus de ensino, devem ter formação universitária” (ROMANELLI, 1978, p. 149).

Podemos observar que, embora nas décadas de 1920 e 1930 tenham ocorrido diversos movimentos educacionais que geraram mudanças significativas para o cenário da educação brasileira, não necessariamente tais mudanças romperam com paradigmas educacionais vigentes até então. Foi apenas em 1942 que o ensino secundário passou por alterações mais extensas. Gustavo Capanema, na ocasião ministro da Educação e da Saúde Pública, empreendeu novas reformulações por meio das Leis Orgânicas do Ensino, mais conhecidas como Reforma Capanema. Essa reforma confirmou o que já havia sido posto pela Reforma Francisco Campos e a constituição de 1937 sobre a dualidade do sistema de ensino brasileiro. Como destacado por Saviani (2007), o ensino secundário estaria voltado às “elites condutoras” do país e o ensino profissionalizante destinado à formação da classe trabalhadora, ou seja, “ao povo conduzido”. O autor ainda destaca que a reforma tinha um caráter corporativista, pois “vinculava estreitamente cada ramo ou tipo de ensino às profissões e ofícios requeridos pela organização social.” (p. 269).

As reformas foram sendo implantadas parcialmente, mediante quatro decretos-lei durante o Estado Novo (1937-1945) e se completaram após a Era Vargas, no governo provisório de José Linhares, por mais quatro. São os seguintes: 1) Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que cria o SENAI; 2) Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942: Lei Orgânica do Ensino Industrial; 3) Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942: Lei Orgânica do Ensino Secundário; 4) Decreto-Lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943: Lei Orgânica do Ensino Comercial; 5) Decreto-Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946: Lei Orgânica do Ensino Primário; 6) Decreto-Lei nº 8.530, de 2 janeiro de 1946: Lei Orgânica do Ensino Normal; 7) Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, que cria o SENAC; 8) Decreto-Lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946: Lei Orgânica do Ensino Agrícola (SAVIANI, 2007, p. 254).

O ensino secundário, reestruturado pelo decreto-lei de número 4.244, de 9 de abril de 1942, em seu Art. 1º estabeleceu como diretrizes gerais: “formar a personalidade integral dos adolescentes”, “acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística”, bem como “dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial”. As finalidades da reforma endossavam o momento político caracterizado pelo Estado Novo. Vale lembrar que tal regime político era constituído por centralização do poder, nacionalismo, autoritarismo, anticomunismo e populismo de Getúlio Vargas que, inclusive, ficou conhecido como o pai dos pobres. Assim, de acordo com a argumentação de Romanelli (1999, p.157), “a lei nada mais fazia do que acentuar a velha tradição do ensino secundário acadêmico, propedêutico e aristocrático”. Deste modo, esses objetivos encontravam-se em conformidade com a ideia explanada na exposição de motivos sobre o ensino secundário assinada por Gustavo Capanema, que definiu como finalidade fundamental a formação da personalidade do adolescente:

O que constitui o caráter específico do ensino secundário é a sua função de formar nos adolescentes uma sólida cultura geral, marcada pelo cultivo a um tempo das humanidades antigas e das humanidades modernas, e bem assim, de neles acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística (CAPANEMA, 1942).

Diante dessas proposições, segundo Romanelli (1978), o ensino secundário deveria proporcionar ao aluno uma cultura geral e humanística, promover uma ideologia política definida em termos do patriotismo e do nacionalismo, de caráter fascista, para a compreensão dos problemas e necessidades da pátria, além de proporcionar condições para o ingresso no ensino superior. Ademais, o ensino secundário se destinava a “formar as individualidades condutoras” (Art. 23), isto é, “dos homens que deverão assumir as responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação, dos homens portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habituais entre o povo” (CAPANEMA, 1942).

No que se refere a sua forma estrutural, a Lei Orgânica do Ensino Secundário instaurada por Capanema manteve, em relação à legislação anterior, o tempo de duração de sete anos e a divisão do ensino secundário em dois ciclos, embora alterando os nomes e a duração de cada um deles. O primeiro ciclo correspondia ao ginásio, com duração de quatro anos, destinado a “dar aos adolescentes elementos fundamentais do ensino secundário” (art. 3º), ou seja, uma formação geral. O segundo ciclo, denominado

colegial, com duração de três anos, correspondia a dois cursos paralelos: o Clássico, voltado para aqueles que mais se aproximavam das Ciências Humanas, e o Científico, para aqueles que se identificavam com as Ciências Naturais. Ambos tinham como objetivo aprofundar e desenvolver a educação ministrada no ginásio, visando à inserção no ensino superior.

Os estabelecimentos de ensino destinados ao nível secundário também sofreram modificações quanto à nomenclatura, passando a serem chamados de ginásios aqueles que oferecessem apenas o primeiro ciclo e colégios aqueles que assumissem a responsabilidade por ambos os ciclos. Além dos estabelecimentos de ensino secundário federal, mantidos sob a responsabilidade direta da União, também havia aqueles considerados equiparados a eles, mantidos pelos Estados ou pelo Distrito Federal. Existiam ainda os estabelecimentos reconhecidos, autorizados pelo Governo Federal, mantidos pelos Municípios ou por iniciativa privada. Ademais, criou-se o curso Normal, com centralização nacional das diretrizes para formar professores para as escolas primárias. De forma semelhante, foi criado o ramo secundário técnico-profissional, subdividido em industrial, comercial e agrícola. Visando o ingresso no ensino secundário, eram requisitos: ter idade mínima de onze anos completos ou a completar até o final de junho, ter recebido uma educação primária satisfatória, comprovar não ser portador de doença grave, além de apresentar o atestado de vacinação. O exame de admissão ao secundário, oficialmente requerido para o ingresso, era realizado em duas épocas do ano: dezembro e fevereiro.

Em um outro sentido, a Reforma Capanema também apresentou indicações em relação ao professorado, que deveria ser formado em instituições apropriadas para a formação docente. Os docentes deveriam ainda realizar concursos para efetivação no cargo, sendo assegurada uma remuneração condigna e pontual. Em suas práticas educativas, de acordo com Souza (2008), os professores deveriam usar diferentes formas de ensino destacando os processos de experimentação. Nesse contexto, as reformas curriculares demandaram uma boa formação do professor e para essa formação, a Reforma Francisco Campos já indicava uma instituição específica, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras, que foi substituída, mediante o decreto lei nº 452, de 5 de julho de 1937, pela Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras.

Em 1939, Gustavo Capanema detalhou a organização da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras por meio do Decreto-Lei federal nº 1.190 de 1939, e

nomeou-a Faculdade Nacional de Filosofia. Essa instituição foi a primeira Escola Superior do país criada pelo governo federal com a finalidade de formar professores e pesquisadores, servindo como um “padrão nacional” para todas as instituições similares, existentes ou ainda por ser criadas.

Foi no bojo desse movimento que se iniciaram os estudos para implantação do colégio de demonstração junto à Faculdade Nacional de Filosofia. Outras ações implementadas em consonância com essa também foram levadas a cabo, como a criação do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Contudo, convém ressaltar que “todas as realizações acontecem num clima centralizador, autoritário, em que o debate educacional perde aquele vigor político que possuía na época dos Pioneiros, tornando-se um “debate” politicamente desidratado, despojado das aspirações sociais progressistas” (BUFFA; NOSELLA, 1991, p. 96).

1.2 - Da constituição da Faculdade de Filosofia à criação dos Ginásios de Aplicação: produzindo instituições-modelo

A Faculdade Nacional de Filosofia nasceu como uma proposta de modelo para as instituições análogas que a partir daquele momento foram criadas e difundidas pelo país. O objetivo central consistia em desenvolverem pesquisas fundamentais e formarem professores, como podemos observar na exposição de motivos da lei que organiza a Faculdade Nacional de Filosofia. Nela, Gustavo Capanema situou a instituição como “estabelecimento de ensino federal destinado à preparação do magistério secundário”. O ministro expõe, ainda, que a instituição caracterizava-se como parte do processo de elevação da cultura nacional, dando grande relevância à formação do professorado:

Em primeiro lugar, é o ensino secundário que recebe considerável benefício. Fala-se muito na decadência de nosso ensino secundário. Mas é um falar excessivo e injusto. Nunca foi de primeira ordem esta modalidade de ensino em nosso país. E hoje ele está melhor do que em qualquer outro tempo, melhor na sua organização, na sua disseminação, na sua realização. Ótimo não é, e não o será somente pelo efeito de reformas de lei e regulamentos, pela mudança de programas, pela mais abundante e complexa montagem das instalações escolares. Tais coisas, certamente necessárias e valiosas, não resolverão jamais o penoso problema da necessária educação secundária. Neste terreno, a renovação certa, útil e vital só poderá partir de uma base essencial, a saber, a preparação de um vasto corpo de professores, cientes das disciplinas do currículo e mestres no ofício de ensinar. Somente depois da

existência desses professores, e, mais, somente depois de ser vedado que outros professores, os improvisados, os primários no saber e incautos na experiência, possam professar nas escolas secundárias, é que realmente o ensino das humanidades se desenvolverá com método e primor, com as excelentes qualidades, que deve possuir, para que propicie à juventude aquele fundamento espiritual, sólido e sério, que a torne apta de um modo geral para a vida, e, de modo especial, para o ingresso nas escolas superiores, destinadas à formação dos grupos culturais mais altos e aprimorados (CAPANEMA, 1939).

Além disso, eram ressaltados os benefícios trazidos pela instituição em relação ao ensino primário, em virtude da qualidade da formação superior dos professores do Ensino Normal. Prosseguindo em seu discurso, Capanema refere-se à obrigatoriedade, a partir de 1943, “do diploma de licenciado para o exercício do magistério normal” e tal exigência era estendida para o exercício do magistério secundário, de acordo com o seu Art. 51:

A partir de 1 de janeiro de 1943 será exigido: a) para o preenchimento de qualquer cargo ou função do magistério secundário ou normal, em estabelecimento administrado pelos poderes públicos ou por entidades particulares, o diploma de licenciado correspondente ao curso que ministre o ensino da disciplina a ser lecionada;

Por último, reforça a contribuição da Faculdade Nacional de Filosofia para “aumentar e aprofundar a cultura nacional, no terreno filosófico, científico e literário”, constituindo-se em “grande força de animação, de enriquecimento e de orientação de nossos trabalhadores intelectuais”. E finaliza argumentando que “desta forma, transcendendo os estritos limites do ensino, entrará ela a influir, de modo mais amplo, no destino da cultura nacional” (CAPANEMA, 1939).

A Faculdade de Filosofia era composta por quatro “seções fundamentais”: “secção de filosofia”, “secção de ciências”, “secção de letras”, “secção de pedagogia”, além de “uma seção especial de didática”. Em cada seção ocorreriam os denominados “cursos ordinários”, com duração de três anos, constituídos por um conjunto de disciplinas necessárias para a obtenção do diploma. Também, havia os “cursos extraordinários”, divididos em duas modalidades: cursos de aperfeiçoamento destinados a intensificar os estudos das disciplinas por área e os cursos avulsos, designados ao estudo das disciplinas não pertencentes aos cursos ordinários. As seções de Filosofia, Pedagogia e Didática constituíam-se em curso único. Já a seção de Ciências era composta por seis cursos: Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais. A seção de Letras abrangia três cursos: Letras Clássicas,

Letras Neolatinas e curso de letras Anglo-germânicas. Conforme Haddad (2015), esses cursos apresentavam características semelhantes às disciplinas do ensino secundário, confirmando o sentido técnico e pragmático assumido pelas Faculdades de Filosofia. Os cursos deveriam ser realizados em três anos. Aos alunos que concluíssem todas as disciplinas seria conferido o diploma de bacharel e, para obtenção do diploma de licenciado, o estudante deveria concluir mais um ano regular do curso de Didática⁶, evidenciando, assim, o “esquema 3+1”, pois a licenciatura só poderia ser cursada após o bacharelado (BONARDI, 1990, p.43). Bonardi ainda acrescenta que, com essa divisão, no curso de bacharelado desenvolvia-se o conteúdo, sem preocupação com a aprendizagem voltada para o ensino. Já o curso de Didática oferecia a formação pedagógica, desvinculada dos conteúdos do bacharelado.

Assim, constata-se a importância atribuída às Faculdades de Filosofia para a formação de professores secundários, uma vez que se aproximavam dos Institutos de Educação e das Escolas Normais. A nosso ver, a ideia de um colégio de demonstração nasce no interior das Faculdades de Filosofia tendo em vista a relevância conferida à prática docente dos seus licenciandos, pois a criação dos Colégios de Aplicação está interligada à preocupação com a formação de professores e remete aos objetivos estabelecidos no Estatuto das Universidades. Instituições de caráter semelhante aos Colégios de Aplicação já funcionavam na Alemanha e Estados Unidos. No Brasil, Escolas Normais, que eram responsáveis pela formação do professor primário, já incluíam escolas anexas para demonstração e treinamento dos professores. Esse era também o caso do Instituto de Educação da Universidade do Distrito Federal, que mantinha uma escola de educação para prática profissional. Em Minas Gerais, temos como exemplo a criação do “Pedagogium”, local de educação de crianças e exercício dos alunos-mestres (MOURÃO, 1962). Outro exemplo é a Escola de Aperfeiçoamento, criada pelo então secretário do interior de Minas Gerais, Francisco Campos, no governo de Antônio Carlos. Em Belo Horizonte, a Escola de Aperfeiçoamento foi implantada em 1929, e “contava com classes anexas para a prática profissional e desenvolvimento de aulas de demonstração pelos professores de metodologia, além de um laboratório de

⁶ Os cursos de licenciatura como conhecemos hoje, que cuidam da formação de professores para atuarem no ensino básico, “[...] tiveram origem e se estabeleceram em meados do século XX. Esses cursos tinham duas características básicas: estavam todos na Faculdade de Filosofia e eram formação complementar à do bacharelado (SOUZA, 2016, p.199)”, ou seja, os estudantes cursavam 3 anos de bacharelado e mais um ano de formação pedagógica no Curso de Didática, de acordo com o decreto lei nº 1190, de 4 de abril de 1939, em seu artigo 20.

psicologia dirigido pela professora Helena Antipoff” (COLLARES, 1989, p. 37). Acreditamos que essas experiências são precursoras da criação dos ginásios de aplicação.

Visando, pois, à sólida formação dos futuros professores do ensino secundário, sobretudo sua formação pedagógica, foram criados por meio do Decreto Lei nº 9053, de 12 de março de 1946, os ginásios de aplicação, durante a presidência de Eurico Gaspar Dutra, momento em que o Brasil retornava ao estado de direito, com governos eleitos pelo povo e marcados pela esperança de um progresso acelerado. O texto do decreto, em seu primeiro artigo, estabeleceu a obrigatoriedade de as Faculdades de Filosofia da esfera federal, reconhecidas ou autorizadas, manterem um ginásio de aplicação, destinado à prática docente dos alunos matriculados em cursos de Didática.

Em geral, esses estabelecimentos deveriam seguir o Decreto- Lei 4.244 de 1942, ou seja, a Lei Orgânica do Ensino Secundário, e suas modificações posteriores. Previasse que o Ginásio deveria funcionar na sede da Faculdade ou próximo a ela. De acordo com o Decreto, tais colégios teriam como dirigentes o professor da cátedra de Didática. A orientação pedagógica ficaria a cargo dos assistentes de Didática e a direção geral sob a responsabilidade do diretor da Faculdade de Filosofia. Já a incumbência de lecionar as várias disciplinas seria dos alunos matriculados no curso de Didática, sob a orientação do catedrático de Didática e seus assistentes. As disciplinas para as quais não existissem alunos matriculados ou para as seções didáticas que não estivessem em funcionamento seriam assumidas por licenciados contratados. As turmas não poderiam ter mais de 30 alunos por série. Era permitida a cobrança de taxa de matrícula, a qual não poderia ultrapassar o valor de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) por mês.

O Decreto-Lei nº 9.092, de 26 de março de 1946, ampliou o regime didático das Faculdades de Filosofia que, em seu Art. 4º, parágrafo 1, dispunha que, para obter a licença ao magistério, o aluno do quarto ano receberia uma formação didática teórica e que a formação prática seria exercida por meio da docência no Ginásio de Aplicação. Além disso, os estudantes deveriam realizar um curso de psicologia aplicada à educação. Na perspectiva de ofertar tal educação, inicialmente, as Faculdades de Filosofia teriam um ano para se adequar à nova Lei. Contudo, esse período foi ampliado para três anos, de acordo com a Lei 186 de 19 de dezembro de 1947, sendo facultada a manutenção de aulas práticas em outros colégios da comunidade, observando as

exigências legais. Essa mudança significou que as Faculdades de Filosofia teriam até 1949 para fazer cumprir a nova legislação.

Ginásio de Aplicação era o nome da escola que ministrava apenas o curso ginásial, enquanto Colégio de Aplicação designava as escolas que ministravam os cursos ginásial e colegial. Essa nomenclatura se deve essencialmente à função desempenhada pelo estabelecimento de ensino, justificção primeira sob a qual foi criado: proporcionar que os estudantes do curso de Didática realizassem a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos nos cursos de licenciatura em situações reais de ensino e aprendizagem. Surgem assim os Colégios de Aplicação com uma funcionalidade e um modo de organização claros e definidos.

O primeiro Colégio de Aplicação criado nos moldes do decreto foi o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia no Rio de Janeiro, em 1948, seguido pelo Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em 1949. O quadro 1 mostra as Faculdades de Filosofia que anexaram Colégios de Aplicação no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960.

Quadro 1 - Primeiros Colégios de Aplicação no Brasil (1948 – 1965)⁷

Ano	Instituições
1948	Faculdade Nacional de Filosofia
1949	Faculdade de Filosofia da UFBA
1954	Faculdade de Filosofia da UFRS
1958	Faculdade de Filosofia da UFPe
1960	Faculdade de Filosofia da UFSe
1961	Faculdade de Filosofia da UFSC
1965	Faculdade de Filosofia da UFJF

Fonte: Quadro elaborado por Barros (1975, p. 19).

Acrescenta-se às instituições apresentadas no quadro o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, que foi instalado em 23 de

⁷ Informamos as siglas atualizadas e seus significados atuais: UFBA (Universidade Federal da Bahia - UFBA); UFRS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS); UFPe (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE); UFSe (Universidade Federal de Sergipe – UFS); UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina); UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora).

março de 1954, nos termos do decreto nº 9053 de 12 de março de 1946, destinado à Prática de Ensino dos estudantes de licenciatura. Transformado em Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais em 1957, passou a manter cursos de 1º e 2º ciclos secundários, incluindo, em 1965, o Curso Colegial Normal. Podemos, então, indagar, no âmbito desta pesquisa: por que o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais foi criado somente em 1954? Para responder a essa questão, buscamos entender o contexto da própria Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, desde sua fundação.

1.3 - A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: um projeto de aspiração intelectual para Belo Horizonte

A criação da cidade de Belo Horizonte, em dezembro de 1897, deu-se num contexto imbuído por uma retórica de modernização. Planejada para ser a capital política e administrativa do estado mineiro, já nas primeiras décadas do século XX caracterizou-se como uma cidade em franco crescimento. No ano de 1940, a capital mineira contava com uma população de 211.377 habitantes⁸, quase quatro vezes maior que a população no ano de 1920, que era de 55.563 habitantes, o que se explica pelo intenso fluxo migratório provocado pelo processo de melhorias da infraestrutura da cidade e pela expansão industrial. Tal expansão, que ultrapassou os limites da cidade, acentuou-se entre as décadas de 1930 e 1940. O ano de 1943 foi marcado pela inauguração do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, obra encomendada pelo então prefeito Juscelino Kubitschek, para a qual contribuíram dois dos maiores nomes do modernismo brasileiro: Oscar Niemeyer e Cândido Portinari. No cenário nacional, a cidade destacou-se por meio dos escritores que nela residiram, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Emílio Moura, Belmiro Braga, entre outros (RABÊLO, 2013).

De acordo com Haddad (2015, p. 52), “a tradição cultural de Minas tinha suas raízes no Caraça⁹, que formara gerações de humanistas, e nos seminários de Mariana e Diamantina, desenvolvendo nos mineiros o gosto pelo estudo da filosofia e das letras”.

⁸ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> último acesso: 07 out. 2019.

⁹ O Colégio Caraça, fundado pela Congregação Lazarista em 1820, situado na Serra do Caraça, em Mariana, funcionou como escola somente para meninos até 1912. Em 1885, abriu-se, junto ao Colégio, a Escola Apostólica, para a educação de meninos que queriam ser Padres Lazaristas. Essa escola encerrou suas atividades em 1968. <https://www.santuariodocaraca.com.br> . Último acesso em 21 de abr. 2020.

Complementa a autora argumentando que: “a Escola de Minas de Ouro Preto¹⁰ dava uma orientação científica atualizada, o que a transformou na mais importante escola de engenharia do Brasil”. Para Dias (1997), as formações humanista e científica presentes na vida intelectual mineira levaram à fundação da Universidade de Minas Gerais e, mais tarde, à criação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. A Universidade de Minas Gerais - UMG¹¹, foi criada pela Lei nº 956, em 7 de setembro de 1927, reunindo as faculdades já existentes de Direito, de Odontologia, de Farmácia, as Escolas de Engenharia e de Música¹², tendo como seu primeiro reitor o professor Francisco Mendes Pimentel.

Além da Universidade recém-criada, havia, também, na cidade, as escolas profissionais isoladas e as dedicadas ao ensino secundário, que se dividiam em escolas públicas e escolas privadas (HADDAD, 2015). Embora o número de escolas públicas fosse pequeno, pelo alto padrão de ensino, tratavam-se de estabelecimentos de ensino prestigiados, como o Colégio Municipal, o Ginásio Mineiro e a Escola Normal Modelo (Idem, 2015). No que diz respeito às escolas particulares, havia também instituições muito conceituadas, laicas, protestantes e católicas. Dentre elas, podem ser destacados o Ginásio Marconi, o Ginásio Afonso Arinos, o Ginásio Batista Mineiro, o Colégio Anchieta, o Colégio Izabela Hendrix, o Colégio Arnaldo, o Colégio Santo Agostinho, o Colégio Santa Maria, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, o Colégio Imaculada Conceição e o Colégio Sacré-Coeur de Marie (Ibidem, 2015).

Em sintonia com os movimentos de sua época e com a expansão do ensino secundário, os colégios da capital demandavam profissionais preparados para o magistério. Contudo, antes mesmo do Decreto-Lei federal nº 1.190 de 1939, de acordo com Ferreira (2012, p.99), “um grupo de professores do Colégio Marconi começa a

¹⁰ A Escola de Minas de Ouro Preto foi criada 1876 por meio do decreto n. 6.026, de 6 de novembro de 1875, com o objetivo de “preparar engenheiros para a exploração das minas e para os estabelecimentos metalúrgicos” (BRASIL, 1876). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/1851-1899/D6026.htm último acesso em: 23 de abr. 2020.

¹¹ A Universidade de Minas Gerais era uma instituição privada, subsidiada pelo Estado, tendo permanecido assim até 17 de dezembro de 1949, quando foi federalizada. Durante o governo militar, por sua determinação, a partir do ano de 1965, passou a se denominar Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Ela “passa a ser jurídica de direito público, de ensino gratuito, mantida pela União, dotada de autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial”. <https://ufmg.br/a-universidade/apresentacao/linha-do-tempo> último acesso em: 08 de out. 2019.

¹² A Faculdade de Direito foi fundada em 10 de dezembro de 1892 e foi transferida para Belo Horizonte em 1898. A Faculdade de Odontologia, em Ouro Preto, foi inaugurada em 03 de março de 1907. Em 1911 foram inauguradas mais três Faculdades: Faculdade de Medicina, em 05 de março, Escola de Engenharia, em 21 de maio, e Faculdade de Farmácia, em 27 de agosto. Fonte: <https://ufmg.br/a-universidade/apresentacao/linha-do-tempo>. Último acesso em: 06 out. 2019.

discutir a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Belo Horizonte”. Para eles, Belo Horizonte carecia de uma instituição que oferecesse o desenvolvimento da filosofia, das ciências e das letras, cultivando um saber “desinteressado”, como era denominado na época, desvinculado do mundo prático e profissional. Almejavam uma instituição que introduzisse os jovens a uma reflexão filosófica, com a discussão de questões de ordem metafísica, literária e científica. Esse grupo criticava o ensino superior ministrado nas escolas tradicionais, pois nelas as ciências eram ensinadas somente segundo necessidades práticas. Os professores propunham a criação de uma instituição que cultivasse o saber por si mesmo, sem preocupações imediatas e utilitárias. Além disso, expressavam motivações de ordem prática que demonstravam a necessidade de uma reflexão urgente em relação ao ensino. Acompanhando os movimentos em busca das transformações educacionais, desejavam construir uma instituição que tornasse possível a formação de professores para o ensino secundário.

Nessa perspectiva, a partir da publicação do decreto que organizou a Faculdade Nacional de Filosofia, que serviria como modelo para todas as Faculdades de Filosofia existentes ou a serem criadas a partir do decreto 1190 de 1939, o grupo de professores do Colégio Marconi mobilizou esforços para a criação de uma Faculdade de Filosofia em Belo Horizonte. Desse grupo, inicialmente, faziam parte os professores: Arthur Versiani Velloso, Braz Pelegrino, Padre Clóvis de Souza e Silva, José Lourenço de Oliveira, Guilhermino César, Orlando Magalhães de Carvalho, Nivaldo Reis, Mário Casassanta e Vincenzo Spinelli (HADDAD, 2015).

Embora fosse de se esperar que a criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Belo Horizonte ocorresse dentro da Universidade de Minas Gerais, não foi o que se efetou. A Faculdade de Filosofia, bem como a Faculdade de Ciências Econômicas e a Escola de Arquitetura, nasceram isoladamente da Universidade de Minas Gerais. Elas viveram seus primeiros anos como instituições privadas, até serem aceitas pela comunidade, formarem patrimônio e posteriormente se submeterem à incorporação da Universidade (HADDAD, 2015). Devido a problemas financeiros enfrentados pela UMG que impossibilitaram a incorporação de novas instituições, a Faculdade foi criada como uma instituição isolada e privada (HADDAD, 1988). Durante o processo de concretização da criação da Faculdade, o conjunto de docentes à frente do projeto encontrou dificuldades. Tais obstáculos guardavam relação com algumas imposições de caráter financeiro e material, dentre elas as exigidas no Art. 4,

alínea “a” do Decreto-lei nº 421/1938. Por exemplo, havia a necessidade de demonstrar capacidade financeira para manter, de modo satisfatório, o seu integral funcionamento e disponibilidade de edifícios e instalações apropriadas, sob o ponto de vista pedagógico e higiênico, para o ensino a ser ministrado. Na perspectiva de derrubar os impedimentos surgidos, o grupo em questão firmou um contrato de manutenção entre a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais e o Instituto Ítalo-Mineiro Guglielmo Marconi, pelo qual o Instituto cederia pelo prazo de trinta anos as instalações, mobiliário e aparelhamento didático científico, iniciando, assim, o processo de criação da Faculdade (HADDAD, 1988).

Em reunião no salão nobre da Casa d'Itália, à época localizada no centro da cidade de Belo Horizonte, no dia 21 de abril de 1939, os nove professores do Colégio Marconi discutiram a legislação pertinente e decidiram fundar a primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais-FAFI-MG, com encaminhamentos para levar a intenção oficialmente ao conhecimento do Governador do Estado. No mês seguinte do mesmo ano, os nove docentes reuniram-se novamente em assembleia com mais professores, que junto com eles passaram a constituir o corpo docente da Faculdade. Foram eleitos o professor Lúcio José dos Santos¹³ como primeiro reitor e o professor Hermelindo Lopes Rodrigues Ferreira como vice-reitor. Na mesma ocasião, indicou-se o “Conselho Técnico Administrativo da Faculdade, constituindo-se dos professores padre Clóvis de Sousa e Silva, José Lourenço de Oliveira, Braz Pellegrino e Arthur Versiani Veloso” (DIAS, 1997, p.260). Esse órgão era responsável pelas medidas necessárias para o funcionamento da Faculdade.

Em fins de maio de 1939, foi enviado ao governo federal o pedido de autorização para o funcionamento da instituição, de acordo com os decretos 22, 32 e 42 do decreto nº421 de 1939. Inicialmente, solicitou-se autorização de funcionamento para os cursos de Filosofia, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Neolatinas e Letras Clássicas. Para o desenvolvimento de todo o trabalho, incluindo a

¹³ De acordo com Haddad (2015, p.62) “a escolha de Lúcio José dos Santos para dirigir a Faculdade de Filosofia expressava as forças mais representativas de Belo Horizonte, naquele momento. Ele era um dos mais destacados líderes católicos, muito próximo do Arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral. Tinha também estreitas ligações com a Casa d'Itália onde sempre participava de comemorações cívicas-culturais, sendo frequentemente convidado como conferencista”. Sua formação conciliava o humanístico, adquirido no seminário, e o científico, na Escola de Minas de Ouro Preto, pela qual era bacharel em Engenharia.

organização dos cursos vestibulares¹⁴, a direção da Faculdade contou com “a infraestrutura administrativa e a boa vontade dos professores e funcionários do Colégio Marconi, que teve, assim, um papel decisivo na efetiva instalação do novo estabelecimento” (DIAS, 1997, p. 260).

Após dificuldades burocráticas para o reconhecimento, em 5 de novembro de 1940, pelo Decreto-Lei nº 6.486, foi concedida a autorização para o funcionamento da Faculdade de Filosofia. Cinco dias depois, foi aprovado o Regimento Interno da FAFI-MG, por meio do parecer nº 264, pela Comissão de Estatutos, Regulamentos e Regimentos do Conselho Nacional de Educação. Realizaram-se no dia 15 de janeiro de 1941 os primeiros vestibulares aos cursos recém-criados da Faculdade de Filosofia, inaugurando suas atividades oficiais. Em junho de 1941, foi encaminhado ao Ministério da Educação e Saúde o pedido para o funcionamento dos cursos de Física, Química, História Natural, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Didática, completando assim a estrutura da Faculdade, de acordo com o Decreto-Lei nº 1.190 de 1939 (HADDAD, 2015). Devido à morosidade do processo de autorização, esses cursos “foram iniciados em 1942 sem credenciamento e assim continuaram até 1947” (LIMA, 2008, p.93).

Do ponto de vista de sua estrutura física, até 1942 a Faculdade de Filosofia funcionou no prédio do Colégio Marconi, situado à Avenida do Contorno, no bairro Gutierrez, em Belo Horizonte. O estabelecimento foi emprestado pela Casa d'Itália¹⁵, de acordo com o contrato firmado pela Faculdade e a instituição. Entretanto, durante a segunda guerra mundial, em 1942, Getúlio Vargas rompeu as relações com a Alemanha, a Itália e o Japão, causando impactos diretos à Faculdade de Filosofia que, à época, estava ligada à Casa d'Itália, dando novos rumos à instituição. Iniciaram-se as negociações com o “Governo Estadual para que a Faculdade, sob a proteção do Estado, tivesse melhores condições para seu desenvolvimento” (HADDAD, 2015, p. 76). O Governo do Estado indicou o professor Mario Casasanta, reitor da Universidade de Minas Gerais, então uma instituição estadual, para dar continuidade às negociações com a Faculdade. Casasanta solicitou ao Governador a indicação de um novo diretor para a Faculdade. Segundo ele, isso não se devia às relações políticas que Lúcio dos Santos

¹⁴ De acordo com a legislação da época, a própria escola deveria preparar os candidatos, que, até 1940, tinham direito legal a “ingressarem nos cursos da Faculdade de Filosofia, apenas com o curso secundário fundamental concluído” (HADDAD, 2015, p.70)

¹⁵ Cabe aqui destacar a importante ação cultural e educativa da colônia italiana, presente em Belo Horizonte desde sua criação, que se tornou relevante para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da capital (HADDAD, 2015).

mantinha com os italianos, mas era necessário em relação ao trabalho, pois o diretor deveria assumir toda a organização da Faculdade (Idem, 2015). Assim, Lúcio dos Santos manifestou o desejo de não permanecer no cargo e foi substituído por Guilhermino César. Por sua vez, Guilhermino foi sucedido pelo professor Tabajara Pedroso, em 1943. A gestão iniciada em 1943 foi responsável por ações relevantes para o avanço da Faculdade, entre elas o empenho pelo reconhecimento dos cursos, já em funcionamento (Ibidem, 2015).

Após a gestão de Tabajara Pedroso, em abril de 1945, a Faculdade passou a ser dirigida por Antônio Camillo de Faria Alvim, que instituiu uma comissão para tratar da regularização dos cursos de Filosofia, Matemática, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Neolatinas e Letras Clássicas, que foram reconhecidos pelo Decreto nº 20.825 de 26 de março de 1946. Os demais cursos, que funcionavam desde 1942, sem permissão oficial, foram reconhecidos pelo Decreto nº 23.841, de 14 de outubro de 1947, passando assim a Faculdade a ter mais estabilidade institucional e o reconhecimento da sociedade. Para completar seu propósito, tornando-se mais independente, a FAFI deveria adquirir meios para formar seu próprio patrimônio, exigido por lei. Nesse sentido, foi enviado um pedido ao secretário de Educação do Estado para que o Governo subsidiasse esse patrimônio. Após várias negociações, em dezembro de 1946 foi autorizada pelo Governo de Minas Gerais a dotação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, concedendo-lhe o patrimônio que permitia à instituição se desvincular da Casa d'Itália. Ela passou a funcionar, a partir de 1947, no prédio do Instituto de Educação¹⁶. A primeira sede própria da instituição localizou-se no edifício Acaiaca, na Avenida Afonso Pena, número 867, no centro da cidade, a partir de 1953, e somente no início da década de 1960 a Faculdade instalou-se em prédio próprio, na Rua Carangola, no bairro Santo Antônio.

Com o reconhecimento dos cursos e agora com patrimônio próprio, tendo se tornado uma Faculdade Estadual, seus idealizadores e fundadores se empenharam em incorporar a Faculdade de Filosofia de Minas Gerais à Universidade de Minas Gerais, o que foi concretizado em dezembro de 1948 com a aprovação do Conselho Nacional de Educação. Um ano após, ocorreu a federalização da Universidade de Minas Gerais.

¹⁶ O Instituto de Educação de Minas Gerais foi fundado em 1906. Situado à rua Pernambuco, 47, Funcionários, Belo Horizonte, inicialmente preparava as moças para o magistério. Atualmente, oferece a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos. <http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/issue/archive> . Último acesso em: 18 nov. 2019.

Para o estudo que propomos, é fundamental indagar sobre o processo de criação do Ginásio de Aplicação ligado à Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Assim, é possível tentar responder à questão: por que, mesmo com toda a legislação vigente e todo o movimento de expansão do ensino, o Ginásio de Aplicação foi criado somente em 1954?

1.4 - “Um dos meios mais práticos para ensinar os professores a ensinar”: a criação do Ginásio de Aplicação da UMG

Para responder a essa questão, parece-nos significativa a elucidação realizada sobre o contexto da própria Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Assim, como já posto, a faculdade foi instituída no dia 21 de abril de 1939 e obteve autorização para funcionamento em novembro de 1940. Iniciou suas atividades acadêmicas em março de 1941, porém, naquele momento, tratava-se de uma instituição independente e privada e, assim, não se enquadrava nas condições do Decreto-lei 9053, de 1946, que instituiu a obrigatoriedade de que as Faculdades de Filosofia de âmbito federal criassem um ginásio de aplicação. Seu reconhecimento como instituição de ensino oficial veio apenas em 1946 e posteriormente, em 1948, foi incorporada à Universidade de Minas Gerais, sendo federalizada no ano seguinte, em 1949.

Após a federalização, a instituição precisava adequar-se às normas que regiam o ensino superior em nível federal e uma das exigências era, justamente, a criação do ginásio de aplicação. Assim, em 1951, o professor Tabajara Pedrosa, ex-diretor da Faculdade de Filosofia, apresentou um projeto de instalação de um ginásio de aplicação, de acordo com o Decreto 9053 de 1946. Esse projeto previa a instalação de um ginásio para o ano seguinte, 1952, e sua transformação em colégio de aplicação quando a primeira turma concluísse a 4ª série do primeiro ciclo secundário. Essa proposta foi encaminhada à congregação da Faculdade em outubro do mesmo ano. O projeto de instalação foi discutido em reunião da congregação da Faculdade de Filosofia, tendo sido feita a proposta de contatar as autoridades governamentais a fim de incorporar o Colégio Estadual de Minas Gerais à Faculdade de Filosofia ou mesmo à Universidade de Minas Gerais. Em fevereiro de 1952, foi discutida, em reunião da Comissão Administrativa da Faculdade de Filosofia, a constituição do ginásio de aplicação, e

decidido que até a sua criação os alunos matriculados no curso de Didática continuariam realizando seus estágios no Instituto de Educação.

Na reunião da Comissão Administrativa do dia 22 de março de 1952, o professor Aires da Mata Machado Filho sugeriu a compra do Colégio Marconi para a instalação do Ginásio de Aplicação. Para analisar essa proposta, foi formada uma comissão composta pelos professores Aires da Mata Machado Filho, Tabajara Pedroso e Arthur Versiani Velloso. Em reunião da Comissão Administrativa em abril de 1952, o professor Aires da Mata retirou-se da comissão, pois considerou inviável a proposta de compra do Colégio Marconi. Meses depois, em nova reunião da Comissão Administrativa, realizada em novembro de 1952, o professor Arthur Versiani Velloso, que também era diretor do Colégio Marconi, sugeriu a encampação do Colégio Marconi pela Faculdade de Filosofia. Entretanto, o professor Aires alertou os presentes sobre as consequências de tal proposta para a Faculdade. A lei de criação do ginásio de aplicação determinava a existência de uma turma por série e que as aulas fossem dadas pelos alunos matriculados no curso de Didática sob a supervisão dos professores daquela seção. Deste modo, as dimensões do Colégio Marconi iriam ultrapassar o que estava previsto em lei. Após várias discussões, foi constituída nova comissão para cuidar do assunto, que deu parecer desfavorável sobre a encampação do Colégio Marconi em reunião do dia 07 de fevereiro de 1953.

Devido a certa dificuldade de resolver o impasse e à necessidade de aderir o mais prontamente às normas legais, foi no segundo semestre de 1953 que uma proposta que poderia resolver o impasse foi apresentada. Naquele contexto, foi indicada a compra do terreno que pertencia ao Colégio Afonso Arinos, situado à rua Carangola, nº 288, no bairro Santo Antônio, para a instalação da Faculdade de Filosofia. A proposta foi aprovada e isso criou condições para a instalação do Ginásio de Aplicação. Para obter os recursos necessários para a aquisição do terreno, o professor Pedro Paulo Penido, reitor da Universidade de Minas Gerais naquele momento, enviou, em meados de janeiro de 1954, um ofício ao professor Anísio Teixeira, então secretário geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), solicitando auxílio financeiro para o custeio das despesas de instalação do Ginásio de Aplicação, pois nem a faculdade nem a reitoria dispunham de recursos para este fim.

Em momento próximo, em fins do mês de janeiro de 1954, o diretor da Faculdade de Filosofia, professor Antônio Camilo de Faria Alvim, encaminhou ao reitor

da Universidade o processo nº 70/53¹⁷ com o projeto de fundação do Colégio de Aplicação. No documento dirigido ao reitor, o professor expõe que a Faculdade de Filosofia estava se empenhando para a criação do Colégio de Aplicação, destinado à prática do magistério por parte dos alunos do Curso de Didática. Declarava, ainda, que o Colégio teria por finalidade tanto a elevação do ensino secundário, quanto a preparação de candidatos ao concurso de habilitação nas diversas unidades da Universidade de Minas Gerais. Em anexo ao ofício, Alvim apresentou uma exposição de motivos para a criação da instituição. Relatava, ainda, o problema do ensino secundário que constituía uma das maiores preocupações da esfera cultural do país, acarretando índices de aproximadamente 80% de reprovação nos exames de habilitação ou exames vestibulares. Sugeriu medidas urgentes para melhorar essa situação, pois as Faculdades de Filosofia, até aquele momento, não haviam conseguido uma contribuição definitiva para solucionar o problema, o que colocava em dúvida a eficiência do Curso de Didática nessas instituições, assim como o modo como ele estava organizado. Diante dessa exposição de argumentos, o diretor escreveu: “na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais é urgentíssima e imprescindível a organização de um Colégio de aplicação. É esse um dos meios mais práticos para ensinar os professores a ensinar”.

Para além desse conjunto de argumentos, o documento apresentava ainda um plano geral de organização. De acordo com o descrito, os professores seriam recrutados entre os licenciados da Faculdade de Filosofia por meio de concurso. Além disso, as provas para o concurso seriam compostas por um teste com 10 perguntas e seria exigida também a organização de um plano de aula. Os candidatos teriam quatro horas para realizar essa última etapa. No caso dos candidatos às cadeiras de línguas (Latim, Francês e Inglês) seriam exigidas uma versão e uma tradução de um texto não conhecido, sendo permitido o uso do dicionário. Para os candidatos a Língua Portuguesa, era requerida uma dissertação sobre assuntos de literatura brasileira. Tais concorrentes também teriam quatro horas para realizar essa etapa. Já para os postulantes das cadeiras de Ciências, era demandada uma prova prática de laboratório. Em comum para todos os concorrentes, haveria uma prova didática. Os aspirantes às vagas deveriam dar uma aula sobre um assunto de livre escolha com a duração de 50 minutos e uma

¹⁷ Não tivemos acesso ao ofício original; analisamos a cópia do documento que se encontra na dissertação de mestrado de Marinez Collares (1989).

aula de 50 minutos sobre um assunto que seria sorteado com quatro horas de antecedência.

Quanto ao corpo docente, inicialmente, seriam admitidos alunos das quatro séries do ginásio, com no máximo 70 alunos por série, dos quais 60 realizariam um pagamento mensal de C\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) e dez frequentariam a instituição gratuitamente. A matrícula estava subordinada a uma prova prévia de seleção. Os professores da escola seriam considerados assistentes das respectivas cadeiras dos cursos da Faculdade de Filosofia. Os catedráticos exerceriam um controle mensal das matérias dadas pelos professores assistentes e aprovariam a tabela das aulas a serem ministradas pelos alunos matriculados no curso de Didática. O documento ainda previa, para o ano de 1955, além do Ginásio, a implantação do curso Colegial e de um curso anual de preparação ao concurso de habilitação ou exame vestibular nas diversas Faculdades ou Escolas da Universidade. O documento é assim finalizado:

Às Faculdades de Filosofia deveria ser entregue a incumbência do preparo dos jovens destinados ao ingresso na Universidade. Seria este o meio para estabelecer maior aproximação da organização do ensino entre o Secundário e o Superior, garantindo a eficiência daquele e oferecendo ao meio universitário elementos preparados para receberem ensinamentos de nível elevado.

Assim, após longo período de construção do projeto e negociação das condições, aos 23 dias de março de 1954¹⁸, foi instalado o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Estavam presentes nessa sessão o professor Antônio Camilo de Faria Alvim, então diretor da Faculdade de Filosofia; a professora Filocelina da Costa Matos Almeida, catedrática de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia e diretora do Ginásio de Aplicação; o professor Arthur Versiani Velloso, vice-diretor da Faculdade de Filosofia; Nalí Burnier, Inspetora Federal junto ao Ginásio de Aplicação; os professores do curso de Didática, Braz Pellegrino, Morse Bellem Teixeira, Carlos dos Anjos Duarte de Andrade, Alaíde Lisboa de Oliveira, José Quiroga; os professores do Ginásio de Aplicação, Padre Antônio Cecílio, Eunice Morais, Beatriz Ricardina de Magalhães, Noêmia Enéas Diniz, Olga Duarte de Oliveira, Fernando Pieruccetti, Décio Furtado de Mendonça, Ana Luiza de Araújo Queiroz, Benoue Guimarães, Tereza Myrian Melucci, Maria Terezinha Picchioni, Thais Magalhães Cardoso de Souza e George Marinuzzi. Também estiveram

¹⁸ Ata de instalação do Ginásio de Aplicação. Arquivo do Centro Pedagógico.

presentes o secretário da Faculdade de Filosofia e do Ginásio de Aplicação, Messias Pereira Donato, e os professores Wilter Florenço, Aires da Mata Machado Filho, José Albano de Moraes, Tabajara Pedroso, Valdemar Versiani dos Anjos, Olinto Orsine de Castro, Emanuel Brandão Fontes, José Lourenço de Oliveira, Nivaldo Reis, além de alunos do Ginásio de Aplicação e da Faculdade de Filosofia.

A direção do Ginásio de Aplicação ficou a cargo da professora Filocelina da Costa Matos Almeida, catedrática de Didática Geral e Especial. De acordo com a professora Alaíde Lisboa em entrevista¹⁹ cedida a Collares (1989), as aulas do Ginásio de Aplicação foram atribuídas a ex-alunos da Faculdade de Filosofia, que foram indicados por seus professores do bacharelado a partir de critérios de avaliação como: desempenho durante o curso, capacidade de liderança e compromisso e interesse pela disciplina. A informação dada por Alaíde em seu depoimento apresenta dissonâncias em relação ao artigo 6º do Decreto 9053 de 1946, que entregava aos alunos do curso de Didática os encargos das diversas cadeiras do curso ginásial. De acordo com o artigo 7º do mesmo decreto, só seriam contratados professores licenciados, caso não houvesse as cadeiras correspondentes às seções didáticas ou não existissem alunos matriculados. A professora Alaíde Lisboa ofereceu a justificativa de que o número de alunos matriculados no curso de Didática era muito baixo, o que dificultava a disponibilidade para assumir as aulas durante todo o ano letivo, ainda mais com uma remuneração simbólica. Para ela, ter um corpo docente formado por estudantes não daria estabilidade à situação nem continuidade ao trabalho da escola, o que poderia impedir a sua estruturação.

Oficialmente, o Ginásio de Aplicação foi inaugurado aos 21 dias do mês de abril de 1954. Antes da sessão solene, o Padre Clóvis Souza e Silva, catedrático de Filosofia da Faculdade, abençoou todas as dependências da escola e celebrou uma missa. Mais tarde, durante a solenidade de inauguração, lembrou aos presentes que quinze anos antes ele havia celebrado a missa gratulatória que marcou o início dos trabalhos da Faculdade de Filosofia, que naquela mesma data aniversariava. Em discurso proferido durante a cerimônia de inauguração, a professora Filocelina da Costa Matos Almeida expôs os objetivos e as normas gerais do Ginásio de Aplicação. Dirigiu a palavra ao “seleto corpo docente” incentivando-os que tomassem, pelo seu esforço, dedicação, constância, todas as medidas no sentido de tornar-se o referido Ginásio o mais notável estabelecimento de

¹⁹ Entrevista cedida à professora Marinez Collares em março de 1987.

ensino de Minas Gerais. O desejo expresso na fala da diretora (de que o colégio fosse reconhecido) parece ter encontrado eco nas representações sobre a instituição, como podemos observar na fala seguinte do professor Clemenceau Chiabi Saliba:

O Colégio de Aplicação era um colégio que as pessoas admiravam. Era um colégio espetacular. Os pais tinham orgulho de dizer que os filhos estudavam no Aplicação. Os professores eram muito bons e dedicados. Claro que havia divergências, como em qualquer organização, mas divergências sadias, de coisas contornáveis. Não era o ambiente em que tudo era um “Mar de Rosas”, problema sempre tem. Organização é feita por pessoas e pessoas têm defeitos, então o colégio era perfeito? O colégio não era perfeito, porque ele era formado por pessoas e nós, como pessoas, temos defeitos. Mas, pegando a somatória das virtudes de cada pessoa e dividindo pela somatória dos defeitos, dá um coeficiente k , que é constante. Então, o colégio era muito bem visto, muito respeitado, e manteve essa tradição.

Nessa mesma direção, o professor Paulo Sérgio Wanner disse em seu depoimento: *O Colégio de Aplicação era um colégio de destaque e funcionava numa área nobre de BH, no início do bairro Santo Antônio. Por que num bairro nobre? A situação tinha relação com a circunstância de que quem tinha acesso à formação secundária, naquele momento, era economicamente favorecido? No primeiro período de sua existência, o Colégio funcionou nas instalações da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, na rua Carangola, número 288, bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Era um prédio antigo, mas arrumadinho, bem conservado e os professores eram de alto padrão. Tinha excelentes professores. Os alunos também eram muito bons. A escola era muito bem dirigida e era realmente um privilégio dar aula no Colégio. Eu gostava demais!* Desse modo o professor Clemenceau Chiabi Saliba completou sua apreciação anterior.

2 - FONTES

A partir da metodologia da História Oral, utilizamos como fonte, neste estudo, prioritariamente as narrativas de ex-alunos, funcionários e professores sobre suas práticas e percepções em relação ao ensino de Matemática no Colégio de Aplicação. Conhecer o contexto de desenvolvimento do Colégio também nos pareceu fundamental, assim como o da Matemática como disciplina escolar na instituição. Para tal, a análise de documentos de naturezas diversas se fez necessária, já que, cabe ressaltar, “a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas” (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 81). As fontes são imprescindíveis para a produção e sistematização do conhecimento histórico. Sem o seu levantamento e inquirição a pesquisa de caráter historiográfico corre o risco de se tornar um mero conto ou um apanhado de “achismos”. As fontes são a empiria de qualquer estudo histórico. Desse modo, as fontes são a matéria-prima em um trabalho historiográfico. Conforme nos indica Saviani (2004, p. 5):

As fontes estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história.

A relação do historiador com as fontes se torna essencial para a pesquisa histórica, pois as fontes têm muito a dizer, mas é fundamental que o pesquisador as questione, levantando indagações em relação ao passado. Assim, o andamento adequado do trabalho historiográfico sempre irá depender tanto do volume documental do qual se dispõe, quanto da qualidade das perguntas que serão realizadas aos documentos. Nesse sentido, valemo-nos do argumento de Ragazzini (2001), quando resalta que:

a fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado. (p. 14).

De acordo com Bacellar (2008), o "olhar de historiador", necessita de alguns cuidados e informações anteriores acerca do tema pesquisado. Para estabelecer conexões com o objeto de pesquisa, é necessário o conhecimento da produção científica e bibliográfica, dos documentos oficiais, como pareceres, atas, decretos, fazendo-se essencial "cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História" (p.71). Em um estudo historiográfico há uma diversidade de fontes possíveis que sugerem o tema pesquisado, mas cabe lembrar que o "documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita" (KARNAL; TASCH, 2011, p. 24). Conforme Buffa (2001), o documento escrito, quando existe, é uma fonte importantíssima a considerar, mas existem outras que são preciosas, especialmente "em se tratando de história da educação, as memórias, as histórias de vida (escritas ou orais), livros e cadernos dos alunos, discursos em solenidades, atas, jornais de época, almanaques, livros de ouro, relatórios, fotografias, etc." (p. 82).

No que se refere a este estudo, serão detalhadas adiante as fontes utilizadas para a construção da narrativa, bem como serão apresentadas reflexões sobre a apropriação e a constituição dos diferentes tipos documentais. Serão abordados os caminhos percorridos: o trabalho realizado, as dificuldades enfrentadas, os desafios para o acesso a cada arquivo utilizado e aos diferentes tipos de documentos, os modos de se operar com eles, a aproximação com os depoimentos orais e seu lugar de produção. A expectativa é de que, para além de discutir os caminhos e o labor empreendido para a construção desta pesquisa, se possa contribuir, ainda que brevemente, com o processo de encontro com os materiais e de lida com os arquivos enfrentados por pesquisadores futuros, que tenham em seu horizonte de investigação a pesquisa histórica, especialmente com o uso da História Oral.

2.1 Arquivos

A decisão pela pesquisa em arquivos partiu da compreensão da importância desses centros de guarda e preservação de documentos como lugares de acesso às fontes. Optei, então, por iniciar a pesquisa no acervo do Centro Pedagógico, a fim de

efetuar um levantamento dos possíveis colaboradores, bem como encontrar documentos que pudessem ser apresentados a eles e elas durante a entrevista de modo a reavivar suas memórias. Para tal, foi solicitada uma autorização à direção da escola, que indicou o auxílio de uma funcionária que trabalhava na própria direção. Como início das atividades de pesquisa no arquivo, pude consultar um “Formulário para Inventário de Documentos”, em que constavam as caixas, o item documental, o período/data e o setor/área. Notei que nesse instrumento de consulta havia uma identificação por cores relacionadas a cada uma das caixas de documentos. A distribuição da legenda foi realizada em quatro cores que correspondiam a procedimentos - do ponto de vista da guarda dos documentos - que seriam realizados em relação à documentação: vermelho, descarte; amarelo, averiguação; cinza, guarda permanente e azul, caixas não localizadas.

De posse desse resumido inventário, realizei um levantamento das caixas que poderiam conter materiais referentes ao período que circunscreve esta pesquisa. Fui surpreendida ao notar que quase todas as caixas que eram de meu interesse estavam marcadas em vermelho, ou seja, tinham a previsão de serem descartadas²⁰. Do ponto de vista histórico, o descarte dessa documentação poderia representar uma espécie de apagamento de uma determinada memória que contribui na construção de uma narrativa sobre o passado de processos de escolarização, neste caso, com características próprias do Colégio. Tais documentos caracterizam-se como fundamentais para o estudo e compreensão desses processos, bem como da história da instituição, de sua cultura escolar, entre outros aspectos relevantes.

Há de se pontuar que o Centro Pedagógico não dispõe de um funcionário específico para o trabalho no arquivo. Nesse sentido, a escola conta apenas com monitores do curso de Arquivologia que realizam os procedimentos de catalogação dos documentos e organização do arquivo. Assim, a consulta para pesquisadores fica restrita aos horários de atendimento desses bolsistas, com quem pude agendar um encontro para dar início ao levantamento dos materiais.

É relevante ressaltar que as precárias condições de manutenção do arquivo foram um obstáculo para a seleção da documentação. O ambiente em que ela se encontrava

²⁰ Com o auxílio dos monitores do curso de Arquivologia, os documentos foram novamente analisados, considerando seu conteúdo, e estão sendo reorganizados quanto à catalogação. Cabe ressaltar que os arquivos constituem a memória das instituições e das pessoas, como ressalta Calderon (2013), “a história dos arquivos é marcada por seu intenso envolvimento com a administração e com a necessidade humana de criar e preservar registros documentais”, registros esses que “possibilitam a preservação da memória individual e coletiva, fonte de informação valiosa para o desempenho administrativo e o desenvolvimento da humanidade” (p.33).

alocada era pequeno, com pouca ventilação. Alguns documentos estavam guardados em caixas de papel depositadas diretamente ao chão e outros armazenados em caixas plásticas e pastas de papel. Havia ainda uma parcela dos documentos que estava envolvida por papel pardo e continha em seu exterior informações relativas a parte de seu conteúdo. Ao acessar as caixas de meu interesse, deparei-me com um conjunto de documentos que não correspondiam à identificação descrita nessas caixas. Em relação a essa imprecisão de informações, que acaba dificultando o processo de consulta à documentação, Bacellar (2008) nos alerta que é comum encontrarmos pastas ou caixas de documentos com identificações imprecisas ou mesmo nos surpreendermos com os conteúdos por não corresponderem ao que está identificado nas etiquetas externas. O autor ainda afirma que:

A paciência é arma básica do pesquisador em arquivos: paciência para descobrir os documentos que deseja, e paciência para passar semanas, quando não meses ou anos, trabalhando na tarefa de cuidadosa leitura e transcrição das informações encontradas. Pesquisar em fontes, principalmente as manuscritas, requer, ainda, o empenho de aprender as técnicas de leitura paleográfica, que permitem o "decifrar" dos escritos (p. 53, grifos do autor).

Para além da dificuldade de acesso aos documentos, deparei-me com a falta de estrutura física para a realização da consulta aos documentos. Não havia cadeiras ou mesas que pudessem ser utilizadas para isso e, então, foi necessário solicitar à direção da escola permissão para deslocar a documentação até o Núcleo de Matemática²¹ a fim de efetuar o levantamento dos materiais. Deste modo, realizei uma busca nestes arquivos com o objetivo inicial de encontrar nomes de docentes que atuavam na disciplina de Matemática, desde os primeiros anos do Colégio de Aplicação até o final da década de 1960. Minha intenção com esse primeiro movimento era produzir um levantamento preliminar de informações, pois de acordo com Vidal (2005, p.24) “o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a freqüentaram ou freqüentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno”. Ao acessar o acervo do Centro Pedagógico, percebi que seria possível reaver documentos que contribuíssem para o entendimento do funcionamento do Colégio de Aplicação e de sua cultura escolar.

²¹ O Núcleo de Matemática é a sala dos professores de Matemática desse colégio, que contém os materiais didáticos, livros, computadores, escaninhos dos professores.

O pesquisador em História, especialmente aquele que trabalha com temas pertinentes à História da Educação, ao se propor a utilizar arquivos escolares como locais de busca de documentação, se depara com a tarefa de levantar, catalogar e analisar documentos históricos, constituindo seu conjunto de fontes. Isso porque, como nos alerta Bacellar (2008, p.45) muitas vezes “é preciso garimpar os documentos nas condições mais ou menos precárias em que se encontram”. Ressalta-se que o processo de investigação foi realizado de maneira sistemática, considerando que seria necessário desenvolver um trabalho minucioso de seleção e de organização dos documentos que serviriam como fontes. Os documentos não são necessariamente fontes. Eles são apenas documentos, vestígios do passado. Só passam a ser fontes a partir do momento que contribuem para que o pesquisador possa responder suas perguntas de pesquisa. Assim, só se tornam fontes a partir das perguntas que fazemos a eles. Orso (2013) define fontes como os

“documentos, registros, marcas e vestígios deixados por indivíduos, por grupos, pelas sociedades e pela natureza que representam ou expressam uma determinada forma de ser da matéria, seja ela natural, humana ou social, em seu processo de contradição e transformação” (p. 43).

Nessa mesma direção, Lombardi (2004) ressalta que as fontes são resultados das ações históricas do homem. Elas representam o ponto de partida de pesquisas históricas e, de acordo com Castanha (2013), “são expressão do passado e, como tais, estão carregadas de sentidos que evidenciam/revelam características da sociedade que os produziu” (p. 83).

Entre a documentação levantada, foram selecionados os livros de ponto, que possibilitaram a produção de uma listagem nominal dos professores, suas disciplinas e seus cargos, com as datas de suas admissões na instituição. O recolhimento dessas informações iniciais contribuiu para o estabelecimento do perfil do corpo docente em diferentes períodos da escola. Ainda foi possível investigar a organização dos cursos oferecidos pelo Colégio, em vários aspectos: o horário das aulas, a grade escolar, os intervalos, a duração do ano letivo e o período de provas. Iniciei minhas anotações no caderno de campo, atentando para informações basilares, como o nome de todos os professores que lecionaram Matemática no período de interesse da pesquisa e as séries em que ministravam as aulas. Construí um quadro de horários para identificar a grade de disciplinas em diversos períodos, e acrescentei outras anotações que me auxiliassem

a voltar aos arquivos e identificar os documentos. Entretanto, foi necessário optar por um rearranjo no processo de análise da documentação. Em função do significativo número de horas que esse trabalho descritivo demandava e tendo em perspectiva o objetivo central daquele momento - levantar os nomes dos professores e os documentos que pudessem suscitar suas lembranças - foi necessário um procedimento mais breve de leitura da documentação, mas que me possibilitasse, em momento posterior, retornar a ela para uma análise mais detida.

Além dos documentos já mencionados, também encontrei o livro de atas do exame de Admissão ao Ginásio, que traz dados como os conteúdos das provas e o desempenho dos alunos nessa avaliação. Os livros de registro de matrículas do Ginásio, do Científico, do Clássico e do Normal apresentam informações sobre os alunos em relação a: nacionalidade, naturalidade, filiação, idade, profissão dos pais ou responsáveis e endereço residencial. Tais livros contribuem para a produção de um perfil do quadro discente em diferentes períodos do Colégio. O acervo consultado conta ainda com os livros de atas de provas orais, o livro dos resultados finais e parciais de todos os níveis escolares e o livro do termo de visitas de inspetores. O acesso a esse material contribuiu para a apreensão de detalhes e informações a respeito da organização didático-pedagógica da instituição. Consultei também as atas de instalação do Ginásio de Aplicação e a ata de instalação do Colégio de Aplicação, que auxiliaram na compreensão dos processos de constituição e instalação do Colégio. Vale ressaltar que, naquele momento, não fotocopiei os documentos, pois eram numerosos e estavam disponíveis para consulta a qualquer momento. Destaco que alguns documentos que constavam no “Formulário para Inventário de Documentos” fornecido pela escola não foram encontrados no arquivo ou estavam em outras caixas também não localizadas.

A documentação do arquivo do Centro Pedagógico foi revisitada durante a realização das entrevistas. Em diversos depoimentos, surgiram questões que os documentos ajudaram a responder. Ao retornar ao arquivo, deparei-me com a mudança de local que ele havia sofrido na escola. Embora esse deslocamento tenha melhorado as condições anteriores de armazenamento, o acervo passava por uma fase de nova catalogação, o que dificultou ainda mais a pesquisa. Eles haviam mudado de localização dentro do arquivo e encontravam-se mais desorganizados do que antes. Reconheci-os pelo papel pardo, e verifiquei que estavam guardados de forma inadequada, como ilustra a fotografia da figura 1.

Figura 1 - Arquivo do Centro Pedagógico, sala 1



Fonte: arquivos do Centro Pedagógico, sala 1

Separei-os novamente e solicitei que assim os mantivessem, pois a necessidade de acesso a eles seria constante. Ao retornar em diferentes momentos para consultá-los, observava que, a cada vez, os documentos se encontravam em lugares diferentes, mas estavam sempre maltratados. Havia sido retirados do papel pardo, conforme mostra a figura 2, porém encontravam-se todos misturados. Vale pontuar que, infelizmente, essa situação de descaso com os documentos, com os vestígios da história é recorrente em instituições de ensino. Nessa direção, Saviani (2004) nos alerta quanto à importância de se construir uma política de preservação das fontes, estabelecendo critérios para os documentos produzidos na escola, decidindo quais devem ser preservados ou descartados.

Figura 2 - Documentos separados para análise.



Fonte: arquivo do Centro Pedagógico, sala 1.

Apesar das más condições a que a documentação foi exposta ao longo do tempo, os materiais analisados encontravam-se em bom estado e conservados, o que representou um grande avanço para a pesquisa, pois de acordo com Karnal & Tatsch (2011, p.24), "atrás de cada documento conservado, há milhares destruídos", indicando que "o grande limite da função do historiador seja o limite do documento".

Dando prosseguimento a nossa investigação sobre o Colégio de Aplicação, foi realizada uma visita ao arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (Fafich/UFMG). Antes de iniciarmos o levantamento da documentação nesse acervo, elaboramos uma carta para a direção da faculdade, formalizando nosso pedido de acesso. A pesquisa foi iniciada contando com a colaboração da funcionária responsável pelo setor, que selecionou alguns livros de atas e algumas caixas contendo documentos que tinham sido utilizados antes por outros pesquisadores. O arquivo da Fafich está dividido em três salas. Duas delas acondicionam o acervo documental²² - que se encontra em diferentes condições de consulta e estado de conservação - e a outra é uma sala ampla com estantes deslizantes - ainda praticamente vazias -, com uma antessala equipada com mesas e computadores em que trabalham a funcionária responsável e alguns bolsistas no processo de organização do arquivo²³.

Uma das salas que armazena parte da documentação encontra-se em condições insalubres de uso e por isso não há permissão para o acesso de pesquisadores. De acordo com a funcionária responsável pelo arquivo, não se sabe o conteúdo dos documentos alocados nela e aqueles de que se tem conhecimento foram selecionados e separados por pesquisadores que tiveram acesso à sala. Esses documentos foram transferidos para outro espaço anexo ao arquivo. A funcionária explicou que, quando um pesquisador realiza uma seleção de documentos desse arquivo "desconhecido", também produz um breve catálogo da documentação, e esse conjunto é transferido para a sala anexa, já em caixas, sinalizando alguns critérios de descrição que possam ser utilizados em outras pesquisas. Assim, pude consultar alguns documentos a respeito do Colégio de Aplicação a partir da seleção realizada por uma pesquisadora que teve acesso a esse arquivo "desconhecido" e os organizou em caixas que foram guardadas no

²² Uma das salas que acondicionam parte da documentação tem prateleiras de ferro com caixas de plástico e papelão. Nesse arquivo, não há qualquer instrumento de pesquisa, como guias, catálogos, índices, inventários, entre outros, produzidos acerca dos documentos depositados em suas prateleiras. A outra sala localiza-se em um andar diferente do prédio e apresenta uma parte do acervo cujo conteúdo não é conhecido, pois se encontra em más condições de uso. Não obtive acesso a essa segunda sala.

²³ Foi relatado pela responsável pelo setor que está sendo priorizada a documentação mais recente, de acordo com a demanda da administração.

ambiente anexo ao arquivo. Essas caixas não estão organizadas a partir de um critério lógico, tampouco agrupam documentos semelhantes, tornando-se fundamental selecionar, avaliar e fazer uma revisão crítica dos dados obtidos, já que eles estão repletos de interpretações, não somente dos seus autores, mas também dos que fizeram a catalogação. Nesse sentido, conforme argumenta Vasconcelos (2005), os dados contidos nos documentos oficiais, tais como pareceres, atas, relatórios, não podem ser considerados

como fontes totalmente fidedignas de leitura da realidade, e sim como registro por vezes manipulado daquilo que se desejava mostrar. Por outro lado, esse direcionamento, quando evidenciado conserva o mérito de assinalar aquilo que era do interesse oficial demonstrar em tais documentos (p. 21).

No que se refere à pertinência da documentação encontrada nesse conjunto de caixas selecionadas do arquivo “desconhecido”, foi necessária uma leitura atenta das atas e a realização de anotações do que considerei relevante. Isso porque, como o Colégio fazia parte da Faculdade de Filosofia, as reuniões eram feitas com todos os cursos da faculdade; conseqüentemente, nem sempre as atas trazem referências à escola. Nos arquivos sobre o Colégio de Aplicação, inicialmente fui tomando nota da documentação, considerando as informações que julgava mais pertinentes. Entretanto, logo constatei a presença de um significativo volume de documentos ao qual não poderia ter acesso a qualquer momento. Assim, optei por fotografar toda a documentação para que pudesse analisá-la posteriormente com mais vagar e rigor. Assim, construí uma catalogação do material fotocopiado para que eu pudesse localizar os documentos e também conhecer o seu conteúdo.

Nesse arquivo, encontram-se registros de diferentes naturezas, que fazem parte da memória que representa um passado de escolarização, que são fundamentais para o estudo do Colégio de Aplicação. Há documentos de caráter administrativo e pedagógico, como relatórios, correspondências, controles de pagamentos, ata de instalação do Ginásio de Aplicação, decretos, fichas de funcionários, folhas de pagamento. Além disso, há ainda aqueles de caráter pedagógico, como propostas de reformas circulares, provas, entre outros, que contribuem para a compreensão do processo de ensino, da cultura escolar, trazendo informações fundamentais para a pesquisa.

Além dos arquivos do Centro Pedagógico e da Fafich, na biblioteca da Faculdade de Educação tive acesso ao inventário da professora Alaíde Lisboa, diretora

do Colégio de Aplicação entre os anos de 1958 e 1970. O bibliotecário me enviou o inventário por e-mail e fiz uma seleção das caixas que poderiam conter informações referentes ao Colégio de Aplicação. Após essa seleção, solicitei o conjunto de documentos e fotocopiei aqueles que se relacionavam à pesquisa. Posteriormente, cataloguei esses documentos. No momento em que escrevo, os documentos da professora Alaíde Lisboa se encontravam no Centro de Documentação (Cedoc) da Faculdade de Educação (FaE) com outra organização. Consideramos que, a partir dessa nova organização, mereçam ser novamente consultados, pois pode ser que coisas novas sejam encontradas.

Do ponto de vista da localização de outros trabalhos sobre a temática que pudessem servir como apoio para esta pesquisa, em um levantamento realizado no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da palavra-chave “Colégio de Aplicação da UFMG”, apenas três estudos foram encontrados. Desses, somente uma investigação de autoria de Marinez Collares, 1989, é de cunho historiográfico²⁴: trata-se da dissertação de mestrado “Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: a trajetória de uma escola de ensino médio no contexto universitário”, que relata uma pesquisa sobre o desenvolvimento histórico do Colégio. Nesse trabalho, a autora refere-se às dificuldades enfrentadas na execução do seu estudo devido à falta de tradição dos registros das atividades realizadas nas escolas em geral. É necessário ponderar sobre a relevância da preservação da memória associada à história escolar, tendo em vista que por meio dessa memória é possível a compreensão das relações dos sujeitos que compõem o espaço da escola - professor, aluno e demais funcionários - e ainda apreender as nuances e os vestígios da realidade das instituições de ensino. Além da preservação da memória da escola, é pertinente reconhecer que “não há prática escolar desligada das condições materiais de sua efetivação” (VIDAL, 2005, p.24). Ragazzini (2001) afirma:

(...) é de grande importância o desenvolvimento de uma consciência e de uma prática documentária de individualização, catalogação e conservação dos documentos. As novas identidades da História da Educação foram muito

²⁴ A dissertação de Reginaldo Lima (1981), intitulada “*Trabalho de construção de material elementar com vistas a um programa de treinamento a distância para professores de 1º grau*”, apesar de o autor fazer um estudo histórico da sua passagem como professor pelo colégio, volta-se especialmente ao material didático, aludindo apenas de passagem à formação de professores da escola. A investigação realizada por Mônica Santos (2008), intitulada “*A interferência dos sinais de pontuação em textos em prosa na proficiência de leitura oral*”, não contempla o ensino de Matemática, distanciando-se, pois, do objeto de nossa pesquisa.

discutidas, assim como as possibilidades de uma aproximação inovadora com a história da escola, contudo, enquanto permanecemos sem uma prática de documentação adequada, permaneceremos no âmbito das discussões acadêmicas ou do pioneirismo. Uma historiografia mais sofisticada requer uma inovação no uso das fontes e isto não será possível sem uma nova prática de pesquisa, uma nova prática arquivista e uma nova sensibilidade documentária (p.26).

Em seu trabalho, Collares (1989) disponibiliza como anexos alguns documentos que usou, a exemplo de pareceres, atas, decretos, entrevistas realizadas com alunos e professores da instituição. A autora cita diversos documentos que não conseguimos encontrar, pois os livros de atas citados pela autora estavam desaparecidos dos arquivos da Fafich. Tínhamos a intenção de seguir em busca de sua localização, acreditando que esse material seria de fundamental importância para nossa pesquisa. Em 2020 e 2021, a pandemia do novo coronavírus trouxe o fechamento dos espaços da UFMG e a dificuldade de acesso à documentação.

Na busca por trabalhos sobre o Colégio de Aplicação, também foram conferidas as produções desenvolvidas pelo GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, da Faculdade de Educação da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, mas nelas não encontramos trabalhos relacionados ao Colégio.

Considerando a carência de estudos sobre a trajetória do Colégio de Aplicação ou do ensino de Matemática em suas práticas educativas, nossa investigação é relevante. Suas possíveis contribuições se inserem simultaneamente nos campos da História da Educação e da História da Educação Matemática.

2.2 - Fotografia

Entre os documentos disponíveis para escrevermos uma narrativa sobre o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação, contamos com fotografias. A fotografia é resultante da ação de homens e mulheres, os fotógrafos, que captam gestos, olhares, crianças e jovens em salas de aula, o corpo docente, o ambiente, a vestimenta, a mobília, os instrumentos de escrita, de estudo, enfim, tudo que suas lentes possam transformar em imagens, que fixam a memória, contribuindo para o não esquecimento e para a possibilidade de lugar na posteridade. Os elementos preservados pela fotografia revelam dados presentes em um contexto, com uma riqueza de detalhes que as fontes orais, por mais minuciosas que possam ser em suas descrições, não são capazes de reproduzir. A imagem congela momentos vividos, permite testemunhar o passado, e nas fotografias

visualizamos momentos marcantes da história do Colégio de Aplicação. Deste modo, de acordo com Ribeiro (1992), o registro imagético fornece um rico testemunho do cotidiano escolar. A fotografia pode perdurar com o tempo, já que se apresenta numa forma materializada, adquirindo, conforme Le Goff (2003), a natureza de documento, testemunhando ou provando aspectos do passado.

Ao assumir tal natureza, de acordo com Mauad (2004), a fotografia é uma fonte histórica que exige do pesquisador um novo olhar para esse tipo de evidência, não interessando se o seu registro foi realizado para documentar um acontecimento ou para representar um estilo de vida. A autora, ao citar Le Goff, caracteriza a fotografia dentro daquilo que o historiador francês chamou de documento-monumento. Quando se pensa na fotografia como documento, ela pode ser descrita, segundo Mauad (2004), como marca de uma materialidade passada, em que objetos, pessoas, lugares, nos informam certos aspectos de um tempo ido, como as condições de vida, os estilos de moda, a infraestrutura urbana ou rural e as condições de trabalho. Já ao ser considerada como monumento, a fotografia pode ser percebida como um símbolo, ou seja, aquilo que a sociedade da época definiu como a imagem que seria guardada para o futuro.

Assim, ao ponderarmos que a fotografia se insere em um contexto de comunicação e arte, torna-se importante compreender que, antes de tudo, sua matéria-prima é a informação, visto que é capaz de fornecer pistas para a busca de indícios, vestígios de uma história que ficou no passado. Ela congela um momento do tempo, mas é o pesquisador, no desenvolvimento de sua investigação, que dará à fotografia um teor de documento histórico, próprio à problemática a ser estudada (MAUAD, 2004).

Ao discorrer sobre o uso da fotografia como fonte histórica, Boris Kossoy (2002) sugere que se deve considerar o seu processo de produção, pois a imagem fotográfica é um documento construído conforme um conjunto de ideias e interesses daqueles que por ela são responsáveis. Para esse autor, a observação das imagens remete o pesquisador à problemática da interpretação, pois “a realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (2002, p. 38). Nesse aspecto, Lima (1988) contribui para o debate do tema argumentando que a interpretação é uma ação mental permanente e é justamente nesse estado que se manifesta o caráter polissêmico da fotografia. De um modo geral, as pessoas são capazes de fazerem a mesma leitura, mas cada uma interpreta de sua forma,

em função de sua idade, do seu sexo, da sua profissão, de sua ideologia, enfim, do seu saber. Nessa direção, Kossoy (2002) propõe uma análise dupla de interpretação de uma fotografia. A primeira diz respeito à autoria da imagem capturada e à tecnologia empregada para a produção do conteúdo registrado. Isso porque o momento da realidade congelada possibilita reunir informações preliminares importantes. A segunda refere-se ao conteúdo da fotografia, ou seja, a sua composição imagética. Ainda de acordo com o autor, que sugere a realização da análise técnica e da análise iconográfica conjuntamente, por meio de uma interpretação mais aprofundada, o pesquisador seria capaz de alcançar o sentido da imagem apresentada na fotografia.

Na perspectiva deste estudo, encontramos dificuldades, na maioria das vezes, no processo de identificação de autoria das fotografias, bem como dos locais e das pessoas retratadas, o que, em alguma medida, compromete o potencial informativo desses documentos. No entanto, não descartamos o caráter ilustrativo das imagens localizadas. Ao visualizarmos fotografias do prédio do Colégio de Aplicação, do pátio, de seus laboratórios, das pessoas presentes em seus cenários, podemos compreender melhor a trajetória da instituição. Assim, é possível dizer da relevância da fotografia para o nosso trabalho, em diferentes aspectos. Por meio dela é possível ampliar informações sobre a cultura, os costumes, as tradições, as origens, o espaço escolar, entre outros.

Em nossa pesquisa, o acesso aos álbuns de fotografias do Colégio de Aplicação ocorreu somente após as entrevistas, pois as imagens não tinham qualquer identificação no acervo e não constavam no relatório sobre o arquivo consultado inicialmente. Em 2019, o Centro Pedagógico comemorou 65 anos, iniciados no Ginásio de Aplicação em 1954. No movimento de levantar as lembranças da escola, fui convidada a fazer parte da comissão de organização do evento e fiquei responsável pela criação de uma “linha do tempo” por meio de imagens. Em uma conversa com uma funcionária antiga da escola, ela me relatou que existiam 18 álbuns que retratavam momentos da escola desde sua criação. Assim, passei a realizar a busca por esse material, que interessava tanto ao projeto de comemoração do aniversário da escola quanto a esta pesquisa.

Todos os departamentos do Centro Pedagógico foram consultados sobre a existência de álbuns, que de início não foram encontrados. Durante essa busca, deparei-me com um quadro com uma fotografia da primeira diretora da escola, Filocelina Costa Mattos de Almeida. O quadro parecia descartado em um canto da sala de materiais do teatro. Pedi que fosse transferido ao arquivo para uma melhor condição de preservação,

já que se trata de um importante documento da memória da instituição. A mesma funcionária que relatou a existência dos álbuns de fotografia me disse que havia outro quadro do mesmo tipo com o retrato da professora Alaíde Lisboa de Oliveira, a segunda diretora, mas que ele foi doado para a Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei) que tem o seu nome e se localiza no Campus da UFMG.

Figura 3 - Retrato da professora Filocelina Costa Mattos de Almeida



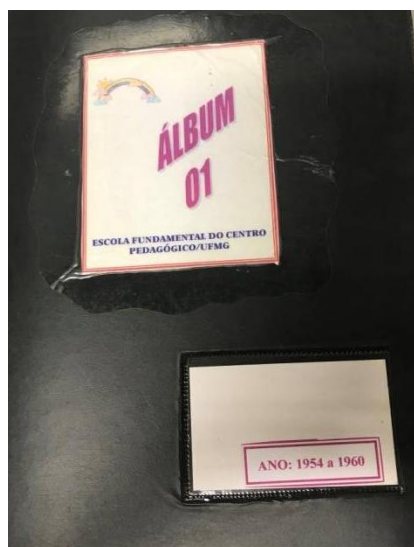
Fonte: arquivo do Centro Pedagógico, sala 1.

Prossegui na busca pelos álbuns e, após duas semanas, fui comunicada que eles tinham sido encontrados no arquivo. Estando em mau estado de conservação, as imagens foram realocadas e acondicionadas em melhores condições. E os álbuns foram organizados por períodos. Para este estudo, utilizamos os álbuns de números um e dois

por serem daqueles que atendem ao recorte temporal desta investigação - respectivamente correspondem aos anos de 1954 a 1960 e de 1960 a 1966²⁵.

As fotografias a seguir mostram a capa, o sumário e a primeira página dos álbuns analisados.

Figura 4 - Capa do primeiro álbum de fotos do Colégio de Aplicação.



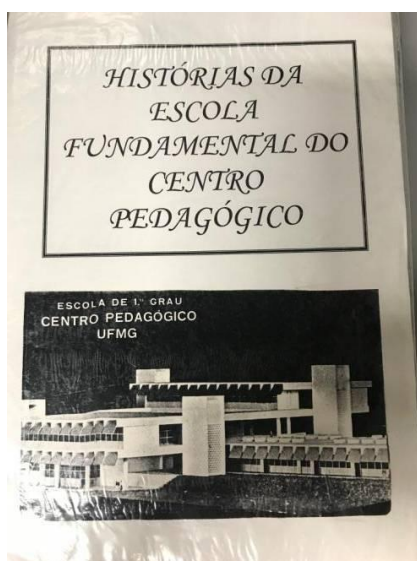
Fonte: arquivo do Centro Pedagógico.

Figura 5 - Contracapa do primeiro álbum de fotos do Colégio de Aplicação.

TÍTULO	PG.
Colégio de Aplicação Fac. de Filosofia	01
Instalações 1954 a 1972	03
Campus de Aplicação	04
Área Aberta	05
Campo de Futebol	06
Hortário	07
Directorias	09
Administração	13
Sala dos Professores	14
Biblioteca	17
Auditorio	19
Salas Especiais	20
Material - Cabecas Históricas	26
Sala Especial Cabecas	29
Sala de Educação Física	34
Laboratório de Geografia	35
Instalações Sanitárias	39
Salas de Aula	45

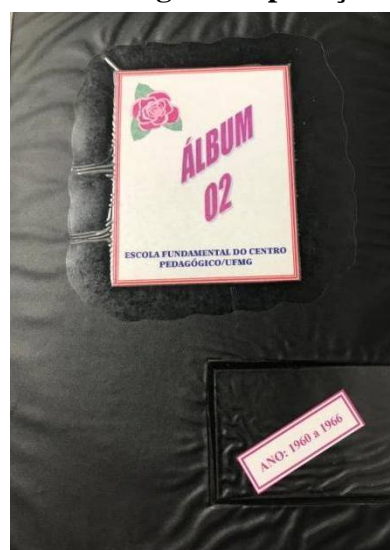
Fonte: arquivo do Centro Pedagógico.

Figura 6 - Primeira página do álbum 1 de fotos do Colégio de Aplicação.



Fonte: arquivo do Centro Pedagógico.

Figura 7 - Capa do segundo álbum de fotos do Colégio de Aplicação.



Fonte: arquivo do Centro Pedagógico.

²⁵ O álbum três também era do nosso interesse, mas não foi encontrado até o momento em que redigi este texto.

Todos os álbuns contêm um sumário na contracapa e as fotos estão fixadas em um papel espesso com uma pequena legenda que informa o local e, em alguns casos, a data. Não encontramos a autoria das fotografias e a identificação das pessoas retratadas, entretanto, não ter conseguido localizar exatamente quem produziu as fotos ou quem está retratado nelas não invalida a sua utilização como fonte. É preciso pensar que elas podem ser vistas como textos que é preciso explorar analiticamente, não sendo suficiente descrever o conteúdo das imagens.

O primeiro álbum tem 57 páginas de fotos nas quais aparecem o prédio do Colégio, a área externa, o pátio, o campo de futebol e vôlei, a sala da direção com a diretora, a sala dos professores com alguns presentes, a biblioteca, o auditório lotado de alunos, os banheiros e vestiário, os laboratórios com seus equipamentos e alunos manuseando-os, as salas de aulas com mobiliários, alunos e professores. Já o segundo álbum, com 34 páginas, também mostra momentos em sala de aula, assembleias e várias atividades externas, e finaliza com a imagem de um jantar em comemoração ao Natal de 1966.

Para além dos álbuns de fotografias localizados no arquivo do Centro Pedagógico, o acervo imagético que confere suporte a este estudo conta com fotografias cedidas pelos colaboradores. Foi possível, ainda, achar outras fotografias de acervos pessoais de ex-alunos postadas por eles em redes sociais.

2.3 - História Oral

Conforme já comentado, consideramos como fonte principal os depoimentos dos sujeitos que, à época do recorte temporal proposto por esta investigação, estavam vinculados ao Colégio de Aplicação. A opção pela História Oral como metodologia central desta pesquisa se deu na perspectiva de constituir fontes para o uso nesta investigação e outras que possam extrair de seu conteúdo informações relevantes para seus objetos particulares de estudos. Do ponto de vista metodológico sobre este fazer, guiamo-nos por uma série de procedimentos de produção dessas fontes, composta da realização, transcrição, textualização e validação das entrevistas, detalhadas mais adiante neste texto (GARNICA, 2011). Como nos alerta Vicente Garnica (2015) sobre a produção de fontes orais, ao elegermos um caminho metodológico é relevante não considerar “apenas *como* fazer, mas *por que* fazer de determinado modo” (p. 38). Isso

porque, complementa o autor, “uma metodologia não é algo estático, mas um arsenal de possibilidades sempre em construção” (GARNICA, 2015, p. 38).

A utilização de depoimentos orais como ferramenta de construção de narrativas e do ato de contar a respeito de determinado tema remonta à antiguidade. Clássicos textos nesse sentido foram aqueles produzidos por Heródoto e Tucídides, historiadores gregos, que narraram diferentes aspectos da vida na Grécia Antiga. Mais adiante, a própria Igreja Católica considerou, por séculos, a tradição oral como base de seus ensinamentos. Entretanto, é importante enfatizar que a expressão História Oral é tão recente quanto o gravador, datando do início da década de 1950. A origem da História Oral está vinculada ao jornalista e historiador Allan Nevins, devido às gravações que realizou com personalidades estadunidenses, como Henry Ford, após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Meihy (2002, p. 89), a expressão passou a ser “indicativo de uma nova postura em face da formulação e da difusão das entrevistas”. A História Oral foi se desenvolvendo com o surgimento de novas tecnologias e aos poucos foi sendo incorporada nos programas de pesquisas históricas e de outras ciências, como nos conta Alberti (2006, p. 157):

Na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se frequentes também as entrevistas de histórias de vida, com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo. Foi a fase conhecida como da história oral militante, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História “vinda de baixo.

Foi apenas a partir de meados da década de 1960 com continuidade nos anos de 1970 que a História Oral passou a ser caracterizada como um procedimento metodológico de pesquisa, ao abordar o sujeito que narra e considerar o contexto no qual ele se constitui/constituiu. Marco relevante desse “novo lugar” foi o primeiro Curso Nacional de História Oral no Brasil, realizado em 1975. Além disso, no mesmo ano foram realizadas as primeiras entrevistas do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, importante instituição do país (ALBERTI, 2006). Foi na década de 1980 que se intensificou o uso desse recurso por universidades e demais instituições (GARNICA, 2007). Em relação a trabalhos historiográficos, contribuiu a valorização, promovida pela nova história cultural e pela *Escola dos Annales*, da diversificação de fontes. Assim, a História Oral foi paulatinamente passando a ocupar

lugar de relevância na realização de pesquisas históricas. De acordo com Amado e Ferreira (2006), a História Oral ganhou notoriedade no Brasil, com desenvolvimento considerável, após a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994. Porém, do ponto de vista da pesquisa em Educação Matemática, até os anos 2000 eram poucos os trabalhos que utilizavam a metodologia da História Oral (GARNICA, 2007). No ano de 2002, foi criado o Grupo História Oral e Educação Matemática, o Ghoem²⁶, com intenção de reunir pesquisadores em Educação Matemática “interessados em discutir as potencialidades da história oral” (GARNICA, 2015, p. 40) como metodologia. Ao optar por tal metodologia de pesquisa, na perspectiva exercitada pelo Ghoem, Garnica (2010, p. 33) recomenda que devemos assumir uma série de posturas, quais sejam:

(a) dialogar com fontes de várias naturezas (escritas, pictóricas, fílmicas, etc), ressaltadas as fontes orais; negando que a verdade – essa onífrica, imaculada e sempre ausente presença que nos assombra – jaz dormente em registros escritos, implicando, com isso, a a-historicidade da fantasia, dos sonhos humanos, da memória (sempre enganadora) que se deixa captar oralmente; (b) exercer a pluralidade de perspectivas (interpretações) a partir das quais cada tema ou objeto pode ser realçado; (c) abraçar uma proposta de configuração coletiva – no que diz respeito aos atores sociais envolvidos na pesquisa, quer como pesquisadores ou como depoentes – de um cenário amplo, descentralizado e dinâmico (intencionalmente caótico, mas com estabilidades possíveis); (d) fazer registros cuidadosos, eticamente comprometidos; (e) atentar que o domínio na elaboração de narrativas e o posicionamento/compromisso de que tais narrativas têm a função de reconduzir o sujeito “para dentro” das investigações, negando toda afirmação de que a objetividade científica está radicada na neutralidade do pesquisador em relação ao pesquisado; (f) afastar-se da perspectiva historiográfica positivista, o que implica fundamentalmente neutralizar concepções absolutistas que defendem a existência de uma “História verdadeira” e a possibilidade de aproximação congenial com os autores de textos (quaisquer que seja a natureza desses textos).

Fica claro que adotar a História Oral como metodologia de pesquisa não exclui o diálogo com outras fontes. Pressupõe-se adotar certos procedimentos na realização e tratamento das entrevistas, priorizando modos específicos de registrar as memórias e analisá-las, constituindo novas fontes. Dessa forma, a História Oral é uma metodologia de pesquisa que constitui fontes e implica a “realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2006, p. 155). A metodologia permite construir

²⁶ O Grupo “História Oral e Educação Matemática” (Ghoem), coordenado pelo professor Antonio Vicente Marafioti Garnica, está cadastrado no CNPq e integra a Associação Brasileira de História Oral (ABHO). O Ghoem tem sede fixa na Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, mas agrega pesquisadores de várias universidades e instituições brasileiras. Diversas informações sobre as ações desse grupo estão disponíveis no site <http://www2.fc.unesp.br/Ghoem>.

fontes históricas com o intuito de encontrar respostas para a indagação do pesquisador e ainda, possibilita que diálogos anteriormente não vislumbrados, abandonados ou mesmo ignorados se realizem, fazendo com que histórias “impossíveis de serem contadas” se tornem possíveis (GARNICA, 2008). Portanto, pode-se considerar que a História Oral é:

(...) um método de pesquisa qualitativa que não difere, em geral, dos demais métodos qualitativos: compartilha com eles alguns dos princípios mais essenciais e elementares, mas deles difere por ter, dentre suas expectativas iniciais, não somente amarrar compreensões a partir de descrições, mas constituir documentos “históricos”, registros do outro, “textos provocados”. (...) São, portanto, sempre potenciais fontes históricas, cabendo a alguém aproveitá-las assim ou não (GARNICA, 2008, p. 130).

Vale destacar que há uma distinção entre pesquisas que utilizam a História Oral como metodologia e outros trabalhos que também se utilizam de entrevistas. Isso porque, ao fazer História Oral “o pesquisador, intencionalmente, cria fontes históricas explicitando-as como fontes históricas (...)” (GARNICA, 2007, p.15) que poderão se tornar fontes para quaisquer estudos de caráter historiográfico. Além disso, “obriga os que se valem de tal método a defenderem uma concepção de história (...) que parametrize tantos os procedimentos para a constituição das fontes quanto os motivos e objetivos para constituí-la” (GARNICA, 2008, p. 130). Assim, utilizar a História Oral em uma operação historiográfica

(...) implica inaugurar essa operação com as fontes produzidas a partir da oralidade e, segundo as circunstâncias, incorporar paulatinamente fontes outras que possam apoiar a criação da narrativa. Não se trata de recorrer à oralidade apenas quando as fontes escritas são insuficientes, nem de teimar em restringir-se apenas às fontes orais quando há disponíveis inúmeras fontes de outra natureza (escritas, pictóricas, arquiteturas, etc). Trata-se de iniciar um processo a partir de uma perspectiva singular, a da narrativa de um sujeito situado, e ir aos poucos abrindo esse diálogo, incorporando escritos e informações outras, ampliando essa perspectiva não para checar a (ou chegar à) verdade do sujeito, mas para criar um enredo plausível no qual narrador e ouvinte se reconheçam: um enredo que narrador e pesquisador julguem significativo como parte do acervo de que dispõem para conhecer determinado aspecto do mundo (GARNICA, 2015, p. 42).

É relevante salientar que a utilização da História Oral não pressupõe o abandono de outros tipos documentais, de outras fontes. Nesse sentido, os depoimentos caracterizam-se como as fontes primordiais, mas convocam, para aquilo que chamamos de “cruzamento de fontes”, outros potenciais documentos, de diferentes naturezas, para que assim se estabeleça uma espécie de diálogo entre as informações apresentadas em um e em outro. A respeito da relevância deste procedimento, Garnica (2004), nos alerta que “negar os arquivos escritos como recurso de pesquisa seria um equívoco tão

alarmante quanto negar a importância da oralidade para entender a temporalidade e, nessa temporalidade, as circunstâncias humanas” (p.90). Na narrativa que aqui construímos, buscou-se reconhecer a importância dessa diversidade documental, lançando mão de fontes tais como os livros de atas, os boletins, as fotografias, o livro de ponto e o livro de admissão, entre outros.

A esta altura cabe destacar que não temos como intenção neste trabalho discutir sobre uma maior relevância desses materiais frente aos depoimentos orais ou vice-versa. Tampouco optamos pela História Oral a partir da inexistência de outras fontes. Privilegiar as fontes orais neste trabalho despontou como consequência de acreditarmos que as narrativas dos depoentes possibilitariam a este estudo contar uma história do ensino e aprendizagem de Matemática no Colégio de Aplicação, a partir de uma multiplicidade de perspectivas. Consideramos que, para melhor entendimento de nossas fontes orais, foi necessário conhecer o contexto educacional brasileiro e de Minas Gerais, especialmente o processo histórico de constituição do ensino secundário, no período de 1930 a 1968. Igualmente relevante foi investigar a história das Faculdades de Filosofia e a criação dos Colégios de Aplicação. Além disso, buscou-se compreender como se deu a incorporação da Matemática como disciplina nas legislações, nos documentos oficiais e nos currículos voltados para o ensino secundário. Esses estudos tornaram-se significativos para o desenvolvimento desta pesquisa ao contribuírem para uma melhor compreensão do cenário em torno do ensino de Matemática voltado para estudantes secundaristas no período de 1954 a 1968. Visando ter subsídios para dialogar com os colaboradores, tornou-se necessário ainda, revisar a literatura pertinente, tanto a atual quanto a da época, buscando apreender diferentes nuances do contexto em questão. Interessou-nos, ainda, assimilar as potencialidades analíticas apresentadas nos resultados de exames e provas, livros de atas, fichas de alunos, arquivos escolares, e documentos oficiais (legislações, regulamentos, normas e pareceres), pois esses materiais puderam ser úteis para a percepção de como a educação foi pensada no período estudado. A fim de captar os alcances, as intenções, as contradições e os sentidos das prescrições contidas nesses dispositivos legais, inspiramo-nos nas ponderações de Luciano Mendes de Faria Filho (2008), ao afirmar que “é fundamental relacionar toda a prática legislativa e seus produtos, ou seja, as leis, com as relações sociais mais amplas nas quais elas estão inseridas e contribuem para produzir” (p. 256).

A metodologia da História Oral proporciona trabalhar com diversas fontes; contudo, “a potencialidade da História Oral para a historiografia não deve ser buscada na autossuficiência das fontes orais em detrimento de outras fontes, mas na natureza qualitativa das informações que as fontes orais incorporam à operação historiográfica” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.53). Somente as entrevistas não se qualificam como uma operação historiográfica, que requer, além dos registros da oralidade, o cruzamento com outras fontes de várias naturezas. Desse modo, buscamos compreender e interpretar as fontes orais construídas em articulação com as demais fontes.

Ao perseguir uma compreensão sobre os sentidos produzidos pelo depoimento oral, valemo-nos da argumentação proposta por Verena Alberti (2004), ao afirmar que a História Oral é um método de pesquisa que possibilita ao pesquisador ter acesso a informações históricas obtidas por fontes testemunhais. Como temos enfatizado, esse método produz fontes históricas, que podemos chamar de narrativas, obtidas por meio de entrevistas. Elas representam “o momento no qual o pesquisador ouve a narração de algo que pretende compreender e articular a partir das compreensões e articulações do depoente” (GARNICA, 2003, p. 23). Tais narrativas contribuem para a compreensão do indivíduo como sujeito histórico e constituem-se como um documento. A pesquisa, quando utiliza a História Oral, propicia uma reconstrução da memória por meio de negociações entre entrevistador e entrevistado. A memória assume, assim, uma posição central no trabalho investigativo. Ela “é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentido de unidade, de continuidade e de coerência - isto é, de identidade” (ALBERTI, 2006, p.167). As narrativas orais, de acordo com Fernandes (2011), possibilitam compreender as experiências sociais compartilhadas em tempos cruzados, o do relato e o do acontecido, contribuindo para uma relação entre o colaborador e o pesquisador que ultrapassa a busca pela veracidade dos fatos. Nesse sentido, Portelli (2013) defende que devemos considerar que as fontes orais não são sempre fiáveis em termos factuais. “Mas isso, em vez de resultar numa fraqueza, resulta numa força: erros, invenções e mitos guiam-nos através e para lá dos fatos, permitindo-nos descobrir seus significados” (p.103). Neste estudo, não temos a pretensão de atingir a veracidade dos fatos. Entretanto, temos um compromisso com a construção de caminhos que ampliem as compreensões sobre o tema aqui investigado.

Utilizar a História Oral pressupõe desenvolver uma série de procedimentos para a constituição da pesquisa, mas não se reduz a eles. De acordo com Meihy e Ribeiro

(2011), primeiramente o pesquisador deve elaborar um projeto de pesquisa para em seguida escolher os entrevistados significativos para o tema a ser pesquisado. O projeto de pesquisa apresentado para a seleção do doutorado foi reestruturado, com ampliação e aprofundamento dos referenciais teóricos e metodológicos a partir da revisão bibliográfica, com os estudos e as disciplinas cursadas durante o primeiro ano do curso. Ao final do primeiro ano do doutorado, submetemos o projeto reformulado à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa - Coep²⁷, que aprovou a realização do trabalho²⁸. Uma das diretrizes éticas que envolvem a pesquisa com uso da oralidade é informar ao entrevistado alguns procedimentos que devem ser realizados em relação ao seu depoimento. O esclarecimento a respeito da assinatura do “Termo de consentimento livre e esclarecido” e, posteriormente, de uma carta de cessão de direitos das transcrições e textualizações produzidas permitirá ao pesquisador os direitos sobre a entrevista, bem como a atualização das informações nela contida para fins acadêmicos.

No caso deste estudo, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, os colaboradores foram contatados com a perspectiva de esclarecer-lhes os objetivos da pesquisa, os métodos de realização das entrevistas e todos os cuidados éticos atinentes a uma investigação acadêmica. Nessa etapa, foram definidos junto aos colaboradores o momento, e o local de cada entrevista, buscando atender suas necessidades e também as limitações que porventura houvesse. Desde o princípio houve a preocupação de estabelecer um vínculo de respeito e confiança com os entrevistados, para que não se sentissem desconfortáveis ao rememorem e narrarem suas lembranças. A relação entre o entrevistador e o entrevistado deve ser de muita confiança e delicadeza, podendo até mesmo se tornar uma conversa, já que ao escutarmos os entrevistados, “não os escutamos sem nos entregarmos a uma provocação, a um diálogo” (AUAREK; NUNES; PAULA, 2014, p. 125). E é nessa

²⁷ “O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UFMG é o órgão institucional da UFMG que visa proteger o bem-estar dos indivíduos participantes em pesquisas realizadas no âmbito da Universidade. Necessitam da aprovação do CEP-UFMG os projetos de pesquisa, cuja fonte primária de informação seja o ser humano, individual ou coletivamente, direta ou indiretamente – incluindo suas partes. Isto inclui material biológico ou dados já armazenados”. Disponível em: <https://www.ufmg.br/bioetica/coep/>. Último acesso em: 21 out. 2019.

²⁸ Os seguintes documentos foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e foram utilizados no desenvolvimento desta pesquisa: uma carta de apresentação inicial da pesquisa, a ser entregue aos depoentes, precedendo as entrevistas; um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; uma Carta de Cessão de Direitos das gravações, transcrições e textualizações produzidas, que foi assinada pelo entrevistado, após aprovar o material apresentado; e um roteiro para elaboração das perguntas das entrevistas.

troca dialógica, nas entrevistas, que as fontes orais são geradas. Desse modo, a História Oral é “primordialmente uma *arte da escuta*” (PORTELLI, 2016, p.10), uma aprendizagem para o historiador, “é uma experiência em que a relação entre quem ensina e quem aprende se inverte, se troca” (PORTELLI, 2010, p.5). Como suporte técnico para o registro dos áudios dos depoimentos, foram utilizados dois gravadores digitais e ainda um caderno de campo, como nos recomenda Alberti (2006), no qual registramos as razões da escolha dos colaboradores, a descrição do contato inicial, as impressões sobre as entrevistas e outros aspectos que, durante a entrevista, pudessem nos auxiliar. Nesse sentido, Garnica (2003) ressalta a relevância de que

(...) o historiador, vivenciando momentos por ele julgados extremamente significativos, mas que dificilmente se deixam aprisionar pela escrita (e nem mesmo pela oralidade) – silêncios, gestos, murmúrios, por exemplo – tente captar esses instantes nesse seu primeiro registro (p. 30).

As entrevistas foram organizadas com base em um roteiro inicial²⁹ que possibilitasse aos entrevistados trazer à tona suas memórias sobre o Colégio de Aplicação, bem como suas lembranças relativas ao ensino e à aprendizagem da Matemática no período de referência de nossa investigação. O roteiro, também, permitia ao colaborador discorrer sobre sua vida pessoal e sua formação acadêmica, entre outros assuntos importantes para a compreensão de nosso objeto de investigação. Procuramos proporcionar abertura quanto a conversas sobre o cotidiano, a família, o trabalho e outros assuntos, dando-nos oportunidade para conhecer um pouco mais aqueles sujeitos. Considerando que o objetivo desta pesquisa foi constituir uma história do Colégio de Aplicação, uma instituição específica, relacionando-a a uma experiência particular vivida por nossos colaboradores, trabalhamos na perspectiva da História Oral Temática, a qual, conforme Meihy e Ribeiro (2011, p. 89), “ressalta detalhes da história pessoal do narrador que interessam por revelarem aspectos úteis à instrução dos assuntos centrais”.

Após a realização das onze entrevistas, que foram gravadas em áudio, sendo uma delas uma entrevista coletiva, passamos do registro oral para o registro escrito, realizando então, a **transcrição**³⁰, “que, embora reconhecidamente impossível, direciona-se para ser literal, descrevendo pausas, tons e emoções” (SOUZA, 2013, p. 266). Nesse processo, tivemos preocupação com o maior grau de fidedignidade possível

²⁹ Esses roteiros se encontram nos apêndices.

³⁰ Em nosso trabalho, realizamos as transcrições à medida que as entrevistas ocorriam.

às falas preservando, na escrita, as marcas da oralidade e os vários elementos linguísticos presentes nas narrativas e no diálogo entre o entrevistado e a entrevistadora. Diferentemente da maioria dos documentos históricos, “as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador” (PORTELLI, 2016, p.10). Servem de suporte para as análises que sustentarão a historiografia (pensada como a fixação do registro histórico pela escritura) e outras formas sistemáticas de apreensão do mundo” (GARNICA, 2010, p. 34).

Em momento posterior ao processo de transcrição, realizamos a **textualização** da entrevista transcrita, elaborando uma reescrita do texto, retirando as marcas mais fortes e os enganos gramaticais próprios da oralidade, as afirmações repetidas, ruídos e entonações, promovendo, desse modo, a organização de um texto coerente, para tornar a leitura do depoimento mais fluente. Nesse processo de reescrita da transcrição, consideramos as temáticas pré-definidas, articuladas às questões da pesquisa. O processo de textualizar não oferece regras rígidas, no entanto, um ponto que se almeja é manter nestes textos o “*tom vital* do depoente, isto é, a construção de frases nas quais se reconheçam (e o próprio depoente se reconheça em) seus modos de falar” (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 236).

Iniciamos as textualizações realizadas para esta investigação com um cabeçalho contendo o nome completo dos nossos colaboradores, acrescentando outras informações como a idade, a função exercida no Colégio de Aplicação, o período de vínculo com a instituição e a data da realização da entrevista. Posteriormente, criamos um pequeno texto de apresentação dos depoentes e em seguida apresentamos a textualização em forma de narrativa³¹ na primeira pessoa. Incorporamos às narrativas algumas notas de rodapé, para esclarecer pontos específicos que pudessem trazer dificuldades ao leitor³². Mantemos as textualizações neste trabalho, uma vez que representam as principais fontes para constituir uma história do ensino de Matemática no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Compartilhamos com Garnica (2007) que o processo de textualização é muito importante, é mais que um procedimento metodológico:

³¹ Optamos por não manter as perguntas feitas aos entrevistados, que são respondidas no decorrer do texto, possibilitando uma leitura mais fluente.

³² É possível que notas de rodapé possam se repetir em mais de uma textualização, pois elas foram elaboradas de forma a permitir uma leitura autônoma de cada uma.

Para além da mera técnica, os momentos de transcrição, textualização e transcrição³³ são estratégias de ação metodológica, instâncias de familiarização em relação ao que foi narrado pelo depoente. Muito do que ocorre no momento vivo da entrevista pode ter passado despercebido pelos atores que a vivenciaram e, assim, o trabalho posterior com o texto da oralidade, tornado mais facilmente manipulável (do ponto de vista técnico, mas também do ponto de vista ético) pela escrita, é um esforço de resgate para a atribuição de significados (GARNICA, 2007, p. 42).

Por fim, realizamos a **validação** das narrativas. Encaminhamos aos colaboradores as textualizações para que fizessem uma apreciação do texto. Nesse processo, os entrevistados tiveram total liberdade para alterar o texto, mantendo sua forma, acrescentando ou suprimindo informações, verificando a integridade de suas ideias e legitimando o trabalho realizado (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Alguns colaboradores fizeram alterações pontuais nas textualizações, ajustando a linguagem com o uso de expressões que julgavam mais apropriadas para caracterizar sua fala ou para esclarecer melhor determinados pontos. Outros fizeram inúmeras alterações, pois desejaram suprimir alguma informação que forneceram na ocasião da entrevista, mas que, naquele segundo momento, preferiram não mais publicar. Um de nossos entrevistados, ao receber a textualização, solicitou uma nova entrevista, pois percebeu que deixara de mencionar aspectos relevantes para contextualizar melhor sua fala, bem como para aprofundar alguns de seus argumentos. Atendendo a sua solicitação, realizamos outra entrevista e refizemos a textualização acrescentando e retirando o que foi solicitado por ele. Por fim, após concordarem com a versão revisada das narrativas, os colaboradores autorizaram formalmente, por meio de uma carta de cessão, a utilização dos registros orais e de suas textualizações para fins acadêmicos³⁴.

Acentuamos que as narrativas produzidas a partir dos depoimentos registrados não tiveram a intenção de simplesmente apresentar informações sobre o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação. Nesse sentido, avaliamos que tais narrativas, ao serem publicizadas, poderão contribuir para outros trabalhos, bem como para a escrita de outros textos sobre o tema.

³³ Nesta pesquisa, não lidamos com "transcrição", que de acordo com Garnica (2007, p. 40), pode ser entendida como a "criação de uma situação (que pode ser totalmente fictícia em seus personagens e momentos) a partir das informações disponíveis na transcrição".

³⁴ As narrativas e as cartas de cessão encontram-se nos apêndices e podem ser examinadas no segundo volume do trabalho.

2.4 - Colaboradores da Pesquisa

Para compreender as práticas de ensino e os modos de aprendizagem da Matemática no Colégio de Aplicação, pareceu-nos fundamental conhecer os sujeitos envolvidos nesses processos. Ter acesso a suas experiências por meio da narração de suas memórias sobre o passado, juntamente com outras fontes, possibilitou enriquecimento para a escrita de uma história do Colégio.

A relação de entrevista é uma relação entre duas pessoas diferentes, com experiências e opiniões diferentes, mas com interesses por determinado tema do passado em comum. A produção da História Oral exige uma confluência de condições do ponto de vista material e técnico, como por exemplo, o roteiro, o gravador, um espaço confortável para o depoente. É preciso, também, construir algumas questões do campo relacional, dentre elas, a cumplicidade, a sensibilidade, a humildade, a solidariedade, o respeito, a atenção à fala do outro.

Entrevistas são diálogos acerca de algo (o objeto da pesquisa) e são tanto mais ricas quanto mais ocorrerem num clima de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado. Essa cumplicidade, via-de-regra, exige que o pesquisador conheça - a partir da própria experiência ou estudos anteriores -, em linhas gerais, aspectos daquilo que o depoente narra (GARNICA, 2007, p.28).

A entrevista pode promover uma relação de cumplicidade entre o entrevistado e o entrevistador. Com nossos entrevistados, procuramos, desde o primeiro contato, cumplicidade “na proposta de recuperar, problematizar e interpretar o passado” (ALBERTI, 2005, p.102).

Os procedimentos em História Oral podem ser múltiplos e adaptarem-se conforme as especificidades dos depoimentos. Conforme Antoniette Errante (2000), para um processo inicial em uma pesquisa em história oral, é importante à realização da “ponte interpessoal” (p.152), que estabelece os vínculos entre o narrador e quem o escuta durante as entrevistas, sendo assim um componente decisivo para a qualidade da entrevista. Em relação ao contato com os depoentes, priorizei uma abordagem pessoal, de forma a construir essa ponte. Nos primeiros contatos com os colaboradores, feitos por telefone, procurava falar um pouco sobre mim, sobre como havia chegado até eles, e explicava claramente os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados na história oral, antes de marcarmos o dia e a hora da entrevista.

Quando possível, disponibilizei o roteiro da entrevista com antecedência, com o propósito que o colaborador se situasse e se tranquilizasse quanto aos assuntos que seriam abordados no encontro. Percebi que alguns se prepararam para o momento da entrevista. O roteiro parece ter despertado suas emoções do passado; fizeram resumos tentando responder todos os itens. Como assinalado por Alberti (2003), mostraram que naquele momento, na posição de entrevistados, sentiram ter “a tarefa de ‘dar conta’ de tudo e de responder as perguntas” (p.2). Notei que inicialmente, seguiam o roteiro, mas logo o abandonavam, de forma que a conversa se tornava mais natural.

As entrevistas foram realizadas em dias e locais escolhidos pelo colaborador. O desenvolvimento das conversas marcou o tempo de duração das entrevistas. Procurei garantir um espaço em que o narrador se sentisse livre, com o intuito de que as memórias fossem elaboradas, sem interferências que comprometessem a narrativa. Ressalto que era o narrador ou narradora quem delineava o curso da entrevista, o que seria destacado e o que seria omitido. Especialmente, procurei concentrar-me na escuta e evitei perguntas diretas. As entrevistas foram encerradas no momento em que entrevistado e entrevistadora julgaram que as informações coletadas eram suficientes para os registros que pretendiam elaborar (GARNICA, 2010b).

No início das entrevistas, enquanto o gravador ainda estava desligado, ao me apresentar, falava um pouco da minha trajetória acadêmica e profissional, discorrendo sobre o que pretendia investigar, o que seria feito com a gravação da nossa conversa, a transcrição das entrevistas, a textualização e a validação das entrevistas. Relatava como o Colégio de Aplicação se encontra nos dias atuais e comentava meu interesse pela sua história. Ouvia as histórias de vida de cada entrevistado ou entrevistada, que falava sobre os filhos, a família e vários outros assuntos.

Essa conversa inicial foi essencial, pois a maioria dos colaboradores da pesquisa teve, naquele momento, o primeiro contato presencial comigo. Percebi que a conversa nos aproximava e criava entre nós uma relação de confiança e afeto. No final das entrevistas, sempre me ofereciam um lanche e conversávamos mais por longo tempo. Nessas conversas, indicavam outros possíveis colaboradores.

Durante a realização das entrevistas, procurei manter um diálogo que proporcionasse ao narrador a oportunidade de rememorar e reconstituir o vivido, por meio de sua experiência e visão de mundo. A intenção foi fazer a conversa fluir sem interromper as lembranças, permitindo que cada um falasse o quanto quisesse, e

procurando envolvê-lo ao máximo no enredo desenvolvido. Procurei, ainda, sinalizar ao narrador o ponto a que desejava chegar com as perguntas. Mas, nem sempre, foi possível manter esse engajamento e algumas vezes houve falhas. Fiz perguntas que interromperam o fluxo narrativo, às vezes perguntas diretas foram propostas e completei o raciocínio do entrevistado impossibilitando a continuidade do raciocínio. De modo geral, ouvi atentamente e com interesse os narradores e acompanhando suas lembranças, pude comparar as falas e perceber semelhanças e diferenças entre elas. Observei o brilho no olhar, as lágrimas nos olhos que às vezes se revelavam quando aludiam aos tempos do Colégio de Aplicação.

Um dos colaboradores apresentou posições firmes, sobretudo opostas às minhas concepções. Não o interrompi e não tentei dissuadi-lo de suas convicções e opiniões. Ouvi e respeitei essa experiência. Isso não quer dizer que me mantive calada durante a realização das entrevistas. Procurei adequar-me ao ritmo do colaborador, na maioria das vezes buscando não interromper o seu pensamento, acompanhando sua fala ao formular perguntas. Procurei seguir as indicações de Garnica (2007, p. 29):

O pesquisador não é neutro e não deve mostrar-se neutro para seu colaborador: deve interagir com ele, cativá-lo para tê-lo como interlocutor; deve ouvi-lo, podendo contestá-lo ou não, mas nunca – e isso é fundamental – manter em relação ao seu depoente uma postura de afastamento silencioso que, querendo manifestar neutralidade e imparcialidade (com o que já contamina negativamente os parâmetros que situam sua abordagem como qualitativa) demonstra também desinteresse, implicando via-de-regra a perda a quebra da interlocução.

O desenvolvimento e a dinâmica das conversas foram influenciados pelas particularidades dos colaboradores. Alguns se destacaram por serem mais falantes e nesse caso, precisei fazer poucas perguntas para elucidar algum assunto que não estivesse claro (THOMPSON, 1998). Para outros, mais tímidos, foram necessárias mais perguntas e orientações para reaver lembranças, ampliar seus relatos e sua “disposição para falar” (ALBERTI, 2005, p.104).

Realizei onze entrevistas³⁵, com três professores, Aloys de Meira, Clemenceau Chiabi e Paulo Wanner; uma orientadora educacional³⁶, Maria Leonor, e seis ex-alunos.

³⁵ Gostaríamos de ter feito a entrevista com a professora Magda Becker Soares que foi vice-diretora do Colégio de Aplicação, porém não foi possível, porque ela estava com a saúde debilitada, não podendo nos ceder uma conversa.

³⁶ De acordo com as fontes as ações atribuídas a um Orientador Educacional eram: verificar a insuficiência dos alunos em relação aos conteúdos, manter o contato com os pais, o acompanhamento dos alunos do primeiro ano do Ginásio, manter constante contato com os professores, aplicar sociogramas, orientação vocacional, supervisão de estágios dos alunos do Curso de Orientação da Faculdade de

Três frequentaram o Ginásio: Gilvan Cosenza, Camélia Casseiro e Gilvania Cosenza. Rafael Rabelo foi estudante do Ginásio e do Científico, Paula Apgaua cursou na escola somente o Científico e Ana Maria Reis de Souza fez nela o Curso Normal. Também realizamos uma entrevista coletiva com dez ex-alunos que concluíram o Científico em 1965. Desses, dois cursaram o Ginásio e o Científico (Marco Antônio e Paulo Ângelo), três cursaram parcialmente o Ginásio e concluíram o Científico (Carlos Braga, Eduardo Belizário e José Lima) e cinco cursaram apenas o Científico (Carlos Tassara, Cláudio Berenstein, Luiz Ivo, Marcus Gontijo e Paula Apgaua). Desconsiderando as conversas que tivemos antes e depois das entrevistas, obtivemos um total de 14 horas e 45 minutos de conversas gravadas.

Tendo em vista o objetivo deste estudo, era importante que os professores escolhidos fossem docentes de Matemática no Colégio de Aplicação no período visado. No caso da orientadora educacional, foi escolhida por seu envolvimento com várias instâncias da escola, com os alunos, com os professores, e por ocupar um cargo específico.

Um levantamento nos livros de ponto do Colégio de Aplicação me informou os nomes dos professores de Matemática que atuaram no período focalizado pela investigação. Com esses nomes em mãos, estive no setor responsável pelos recursos humanos na secretaria do Centro Pedagógico, e localizei no livro de professores aposentados os nomes de três deles. Duas professoras haviam entrado na escola nos anos iniciais de seu funcionamento. Ao contactá-las, uma delas³⁷, Aloys de Meira, dispôs-se a contribuir com a pesquisa. Além disso, efetuei uma nova busca para saber mais sobre outros docentes, na qual obtive informações sobre o professor Décio Furtado de Mendonça, o primeiro professor de Matemática do Colégio de Aplicação, mas descobri que ele já havia falecido.

Posteriormente, voltei aos arquivos do Centro Pedagógico e fotografei todos os materiais que pudessem estimular as lembranças dos entrevistados. De acordo com Thompson (1998), a lembrança "pode ser estimulada pelo reencontro com um velho

Filosofia da UFMG, incentivo e acompanhamento dos alunos na participação em grêmios, jornais, excursões, serviços de arquivos do setor de orientação, compra e controle de material para uso do serviço de orientação. Por carência de professores eventuais, muitas vezes eram solicitados a manter contato com os alunos nos intervalos ou acompanhá-los em casa em situações emocionais. Fonte: Organização e funcionamento do S.O.E. no Colégio de Aplicação. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³⁷ A segunda não aceitou participar. Posteriormente tive acesso à informação de que ela não era professora de Matemática, e sim de História. Constava no livro de ponto, pois havia coberto uma licença de Aloys. Talvez seja esse o motivo pelo qual ela não aceitou participar da pesquisa.

conhecido, ou por uma nova visita ao cenário de algum acontecimento passado" (p.154). Do ponto de vista operacional, preocupei-me em não interromper as falas para mostrar essa documentação, deixando isso para um momento posterior. Mesmo com a preocupação de não interromper o entrevistado, quando necessário, tentava auxiliá-lo mediante informações quanto a nomes ou datas.

Realizamos três entrevistas com ex-professores que falaram de si, de sua formação e de como se tornaram professores, descrevendo suas experiências de ensino no Colégio de Aplicação e em outros colégios em que trabalharam. Narraram suas estratégias de trabalhos e discorreram sobre os livros utilizados, os conteúdos lecionados e fatos que marcaram suas práticas de ensino de Matemática.

Retomando o argumento da ponte interpessoal de Errante (2000), as relações estabelecidas orientam-se para estreitar os laços entre o entrevistador e o entrevistado. Nessa pesquisa, foi possível vivenciar esse processo de estreitamento. Em abril de 2019, o Colégio de Aplicação da UFMG, hoje Centro Pedagógico, celebrou 65 anos, e em virtude de nossa aproximação³⁸, tanto ex-professores quanto ex-alunos participaram das comemorações e compartilharam conosco outras experiências.

Um fato interessante ocorreu com uma professora do curso Normal. Tendo conseguido seu telefone, liguei para ela explicando sobre a pesquisa e perguntando se gostaria de participar do trabalho. Ela disse não se recordar de muitas coisas. Insisti, dizendo que dispunha de alguns materiais e fotos que talvez pudessem ajudar a recordar aqueles momentos. Quanto a isso, Thompson (1998) nos aconselha que:

Muitos dirão que não têm nada de útil para lhe contar e precisarão que se reafirme que a experiência que possuem é preciosa, que ela é desconhecida dos jovens cujas vidas são muito diferentes e fundamental para que se construa a verdadeira história social. Alguns ficarão verdadeiramente surpresos com seu interesse e você precisará ser ainda mais encorajador nas primeiras etapas da entrevista (p.267).

Marcamos a entrevista em sua residência. Levei todos os materiais, pensando que poderiam se constituir como estimuladores da memória. No entanto, após manusear

³⁸ A relação estabelecida com os colaboradores tem sido estreitada após as entrevistas. Continuo mantendo contato com a maioria por e-mail, por mensagens no celular e venho participando dos encontros dos ex-alunos. Um ex-aluno deu uma entrevista para a TV-Ufmg em função das comemorações do aniversário de 65 anos do Colégio de Aplicação e me convidou para estar presente naquele momento. Os entrevistados têm me enviado mensagens ou me telefonado para compartilhar as notícias que encontram ou as lembranças que trocam com colegas em encontros.

os materiais, ela persistiu na negativa em colaborar, dizendo que não se recordava nem de ter dado aula para o curso Normal.

O critério utilizado para selecionar os ex-alunos foi atingir a diversidade de cursos existente no colégio durante o período proposto. Eu dispunha do livro de matrícula da escola com os nomes dos ex-alunos, mas não tinha informações para contatá-los. Decidi fazer uma busca na internet por alguns desses nomes, primeiramente os nomes masculinos, por acreditar ser mais difícil encontrar os nomes das mulheres, que muitas vezes mudam de nome após o casamento.

Parti depois para outros recursos de busca. Faço parte de um grupo no *Facebook*, *Fotos Antigas de Belo Horizonte*³⁹ e lá, em abril de 2017, escrevi um pequeno texto, sobre a realização da minha pesquisa. Recebi quatro respostas, duas negativas e duas afirmativas a respeito de uma possível participação em entrevistas.

O primeiro que respondeu afirmativamente, ao ser contatado, manifestou interesse, dizendo que o colégio era uma parte muito importante em sua vida. No ano seguinte, após a aprovação do projeto, novamente entrei em contato com ele, que continuou a se mostrar interessado. Enviou-me seu e-mail, para o qual enviei o roteiro da pesquisa e mais algumas informações. Contudo, mesmo tendo insistido com o envio de várias mensagens, não tive respostas.

O segundo a responder pela página do Facebook foi um de nossos colaboradores, Carlos Tassara. Nesse primeiro contato, relatou que sua turma, que havia concluído o Científico em 1965, havia realizado um encontro de comemoração dos cinquenta anos de formados e enfatizou como tinha sido importante esse reencontro com os colegas e a lembrança dos anos vividos naquela escola. Carlos acreditava que os colegas tinham mais condições de contribuir com a pesquisa do que ele. Como estavam programando outro encontro da turma, ele me convidou a participar e me colocou em contato com o organizador do evento. Aceitei o convite, mesmo sem poder realizar, naquele momento, as entrevistas. Fui ao encontro com meu caderno de campo e algumas informações já colhidas nos arquivos, pretendendo, com esses materiais, incentivar as lembranças.

³⁹ A página é composta por mais de trinta mil membros e foi criada com o objetivo de ser um espaço para interação, troca de fotos antigas de Belo Horizonte, experiências e lembranças vivenciadas por pessoas em diferentes momentos. Encontra-se no endereço: <https://www.facebook.com/groups/211578045863114/>. Último acesso em: 06 set. 2019.

Os ex-alunos levaram ao encontro documentos variados: cadernetas, convites de formatura, fotos de excursões, e outras particulares. Tendo ouvido a todos com atenção, anotei seus telefones e e-mails. A mesma turma realizou mais dois encontros em 2017, dos quais participei de um. Eles se mostraram ansiosos pelas entrevistas da pesquisa, mesmo eu explicando todos os trâmites necessários que teria que percorrer antes de poder iniciá-las.

Essa disposição para falar e colaborar com a pesquisa foi contínua em quase todos os contatos, estendendo-se durante e após as entrevistas. Os entrevistados estavam muito dispostos a falar e compartilhar suas memórias, facilitando, assim, o nosso trabalho. Entre os colaboradores percebia, no primeiro contato, a satisfação em participar e a valorização do colégio em suas vidas.

Mesmo com vários ex-alunos dispostos a ceder uma entrevista, continuei minha busca, pois gostaria de entrevistar alunos do Ginásio e do Normal. Acabei encontrando um grupo no Facebook, *Colégio de Aplicação da UFMG*⁴⁰. Enviei uma solicitação de amizade para ter acesso aos comentários do grupo e fui aceita. Coloquei um texto na página fazendo um resumo da pesquisa, mas recebi somente uma resposta. Então, comecei a ler os relatos dos ex-alunos do colégio e selecionei algumas dessas pessoas a quem enviei uma mensagem. Obtive somente uma resposta negativa.

Após os trâmites necessários para iniciar as entrevistas, enviei um e-mail para todos os membros do grupo de ex-alunos concluintes do Científico de 1965. Somente Paula Apgaua respondeu manifestando interesse em realizar a entrevista. Enviei-lhe o roteiro da entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com antecedência e marcamos a entrevista em sua residência. Quando terminamos a entrevista, ela me disse que o irmão de uma amiga havia estudado na escola e sua turma também fazia encontros. E dispôs-se a me informar como contactá-lo, o que efetivou no dia seguinte.

Já tendo conhecimento da pesquisa, ele recebeu muito bem a ligação que fiz. Conversamos por um longo tempo e ele me disse que gostaria de participar, mas seria complicado, pois morava em São Paulo. Dispôs-se a contatar um amigo da mesma turma do colégio para conversarmos, Gilvan Westin Cosenza.

Na conversa que tive depois com Gilvan, ele me informou como contatar mais três colegas e sua irmã. Os demais ex-alunos foram selecionados via "critério de rede":

⁴⁰ A página é composta por ex-alunos do Colégio de Aplicação. Encontra-se no endereço: https://www.facebook.com/search/top/?q=col%C3%A9gio%20de%20aplica%C3%A7%C3%A3o%20da%20ufmg&epa=SEARCH_BOX. Último acesso em: 08 jun. 2019.

um colaborador sugere outros, considerados por ele como potencialmente interessantes para a pesquisa. Garnica (2007), em referência ao processo de rede, explica:

(...) dado que o tema faz parte de uma determinada comunidade, é usual que um depoente lembre-se de (e sugira) nomes de outros possíveis depoentes. Caberá ao pesquisador registrar essas indicações e fazer os contatos necessários, explicitando claramente a cada colaborador (e isso é parte essencial da ética de um trabalho de História Oral, ou de qualquer trabalho de pesquisa que use como recurso a narrativa de colaboradores) a natureza da pesquisa e os encaminhamentos exigidos pelo método (os procedimentos a serem implementados na investigação) (p.27).

Após oito entrevistas, houve um intervalo, no qual transcrevi e textualizei as gravações, além de fazer mais buscas nos arquivos. Nos arquivos da escola, encontrei alguns documentos da turma de cujos encontros havia participado. Fotografei e enviei esse material para o organizador dos encontros e retomamos nosso diálogo. A turma planejava se reunir novamente e me convidou para participar do encontro. Como naquele momento eu disse que já poderia realizar as entrevistas, o organizador propôs a realização de uma entrevista coletiva com a turma. Concordamos com Halbwachs (2006) que um número enorme de lembranças reaparece quando os outros nos fazem lembrar. Podemos falar de “memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos do ponto de vista desse grupo” (p.41). Para essa entrevista, foram feitas algumas adequações na documentação e uma adaptação no roteiro das entrevistas individuais.

No encontro, que ocorreu no restaurante do Minas Tênis Clube I⁴¹, estiveram presentes dez ex-alunos que concluíram o Científico em 1965. Desses, sete já haviam participado de reuniões anteriores nas quais eu também estive presente. Conversamos por cerca de duas horas antes de iniciar a entrevista. Todos levaram materiais a respeito do Colégio e alguns dos depoentes foram acompanhados de suas esposas. Conversamos muito sobre diversos assuntos do passado e do presente, inclusive alguns não relacionados ao tema da entrevista. Houve questões sobre a pesquisa, sobre mim e,

⁴¹ O Minas Tênis Clube é um dos clubes mais tradicionais de Belo Horizonte. Fundado em 1935, ocupa um quarteirão em área nobre de Belo Horizonte. Foi o primeiro clube da capital mineira a construir uma piscina olímpica. Atualmente é composto por quatro unidades: o Minas I, Minas II, Minas Náutico e Minas Country. Sua unidade mais antiga, [na qual se situa o restaurante do encontro](https://www.minastenisclube.com.br), está situada à Rua da Bahia, 2.244, Lourdes Belo Horizonte - MG . <https://www.minastenisclube.com.br> Último acesso em: 16 maio 2019.

assim, mantivemos um diálogo informal até o momento em que os antigos alunos do Colégio de Aplicação sentiram confiança em compartilhar suas memórias.

Imediatamente antes da conversa mais formal, o organizador do encontro, Carlos Braga, explicou aos presentes sobre a realização da entrevista coletiva, indicando que, para um melhor encaminhamento, cada um deles teria seu momento de fala. Assim, foi solicitado que eu ficasse à frente da mesa e, a partir daquele momento, a descontração da conversa informal deu lugar ao silêncio e à concentração. Diante do cenário que se instalou, rapidamente os colaboradores se colocaram em uma espécie de posição de alunos, como se eu tivesse me tornado sua professora. Pedi-lhes que procurassem ficar à vontade para aquele momento e logo distribuí os termos de consentimento para que todos os pudessem preencher.

Começamos a entrevista com alguns esclarecimentos sobre a pesquisa e combinamos que, primeiramente, cada um faria uma apresentação de si mesmo dizendo o ano de seu ingresso no Colégio de Aplicação e o porquê da escolha dessa escola. Paula não participou dessa parte inicial, pois considerou que já havia feito esse relato em sua entrevista individual. Em seguida, o diálogo estabelecido caracterizou-se como bastante formal, de modo que cada um pôde relatar um pouco de suas experiências. Todos pareciam interessados nas narrativas de seus colegas, visto que se colocaram a escutar uns aos outros de maneira atenta. Em um segundo momento, com o objetivo de direcionar os depoimentos para os assuntos mais relevantes para a pesquisa, guiei os ex-estudantes com algumas questões mais específicas da entrevista. As respostas surgiam de modo espontâneo e aleatório entre os entrevistados e, em vários momentos, a fala de alguém era completada por outro colega. Nesse processo, aquele que estava com o gravador realizava a ação de repetir o que o colega havia complementado a fim de que o registro ficasse audível e que fosse garantido o registro daquela memória. Pude perceber que o cuidado demonstrado por todos ali presentes de que as falas de cada um fossem corretamente registradas muito se relacionava à importância daquele momento para eles. Claramente não se tratava apenas da participação em uma pesquisa. Havia apreço em registrar com qualidade a memória de um tempo marcado em suas vidas, um tempo que parecia voltar a partir da companhia dos colegas, imprimindo-se àquele encontro uma alegria genuína que, por meio dos relatos, parecia fazê-los reviver aqueles momentos de outrora. O momento da entrevista se constituiu como algo de grande valor para os entrevistados, de modo que se preocuparam em ter cuidados com as falas, com a

organização dos depoimentos e do ambiente. Mostraram-se comprometidos com o registro das recordações dos longos anos que viveram no Colégio de Aplicação, expressando o desejo de que todos conhecessem um pouco dessa história. Tal comprometimento foi evidenciado na mudança de postura e até de semblante que tiveram a partir do início dos depoimentos, deixando para trás a descontração, as brincadeiras e as conversas de pouco antes. Para que se sentissem mais confortáveis e à vontade, foi necessário, inclusive, que eu mudasse de posição na mesa. Aquele momento se tornou sério. Dos presentes, dois que me conheceram naquele dia falaram muito pouco e os outros ficaram mais à vontade para fazerem seus relatos. Para mim, foi muito nítido o cuidado com as falas, a organização e o respeito ao trabalho.

Após a entrevista, quando finalizada, uma cópia da textualização foi enviada a todos, que prestaram diversas contribuições ao texto, complementando ou retirando frases de suas próprias falas e também das falas dos colegas. Em momento posterior, a partir da aprovação de todos, marcamos outro encontro para autorização da publicação. Estiveram presentes seis dos entrevistados e os demais me receberam em suas residências para a assinatura do termo de autorização⁴².

A partir do exposto, é possível considerar que a entrevista coletiva se caracterizou como um relevante movimento para esta pesquisa. Além de permitir-nos conhecer esse grupo de ex-alunos do Colégio de Aplicação e partilhar de suas memórias, resultou no acréscimo de uma significativa riqueza de detalhes a partir das lembranças ali colocadas. Por outro lado, particularidades relacionadas aos próprios procedimentos da entrevista foram reveladas. Houve momentos, por exemplo, em que alguns rememoravam determinado acontecimento em sala de aula do qual outros colegas não se lembravam, mesmo estando presentes naquele momento. Por vezes, durante os depoimentos, aqueles que não se recordavam de um ou outro detalhe expressavam confiança na memória dos colegas que se recordavam, confirmando o conteúdo do relato, ainda que ele não lhes viesse à lembrança.

Além disso, o comportamento dos entrevistados, como se estivessem em sala de aula, mostrou-se interessante. O respeito às falas, a ordem que criaram, a centralidade e o destaque que me deram na condução da entrevista parecia trazer àquele espaço a

⁴² A significância dos depoimentos foi tamanha para eles que realizamos outros encontros em momentos posteriores. Além disso, um dos colaboradores foi convidado a dar uma entrevista para TV-UFMG sobre os tempos vividos no Colégio de Aplicação. A convite desse ex-aluno, estive presente nessa entrevista, juntamente com outros dois de seus colegas.

representação daqueles sujeitos sobre o Colégio e sua vida nele como alunos. O ambiente que antes tinha se constituído informalmente passou a ser organizado a partir de uma lógica formal, um tanto quanto escolar, com os presentes mostrando uma postura mais rígida do que logo anteriormente para com eles mesmos e para com os colegas. A potência das narrativas e o empenho em relatar suas vivências foram capazes de produzir para mim um imaginário vívido sobre o Colégio daquele período. Deste modo, o trabalho realizado com a entrevista coletiva significou importantes contribuições a esta pesquisa, seja do ponto de vista do trato metodológico com depoimentos, seja da perspectiva do conteúdo das narrativas. Ademais, contribuiu para minha percepção como pesquisadora, especialmente no trabalho com a história oral, e ainda para a construção de uma sensibilidade a esse respeito.

Consideramos que todos os colaboradores conseguiram refletir sobre as práticas docentes, as metodologias utilizadas pelos professores, os recursos usados, as relações de ensino-aprendizagem, o espaço físico do Colégio. A maioria dos entrevistados soube contar sobre as aulas de Matemática, as práticas dos professores, as avaliações e a relação dos docentes com os alunos. Diferentemente, Gilvan, embora tenha dito que sempre gostou de Matemática, afirmou que nada se lembrava em relação a seu ensino. Ele explicou a falta de lembranças por nunca ter tido problema com a Matemática e gostar da disciplina.

2.4.1 - Os entrevistados:

Nesta seção, focalizamos mais detidamente os entrevistados, seus processos de formação, seu vínculo com o Colégio de Aplicação e um pouco de seu percurso.

Aloys de Meira Carvalho (86 anos) foi nossa primeira entrevistada. De memória extraordinária, a professora Aloys ingressou como docente no Colégio de Aplicação em janeiro de 1955, um ano após sua criação. Recém-formada no Curso de Didática da Universidade Federal de Minas Gerais, foi convidada para dar aulas no curso de Admissão.

Conversamos por longo tempo e ela relatou alguns episódios que viveu no Colégio de Aplicação, um pouco sobre sua família e sobre a construção da sua casa, próxima à escola. *Eu fiquei no Pompéia por dois anos. Nós compramos um lote, vendemos uma casa lá e compramos esse lote aqui. E para construir a casa? Aí foi que*

o meu pai entrou no meio. Antes, ele não gostava nada do meu marido, porque eu tinha curso superior e ele não. Ele mal tinha o primário, mas era uma pessoa muito boa, boníssima, até hoje ele é muito bom para mim. Então, papai emprestou o dinheiro para construir esta casa. Não ficou assim uma casa muito boa não, mas até hoje aguenta o tranco. Está como nós construímos. Não modifiquei nada. Os azulejos estão até a metade; não vai até o teto porque é muito antigo. Banheiro é um só. Tive seis filhos, eu e meu marido, seis filhos e um banheiro só. Quer dizer que é uma casa muito antiga, mas que aguentou.

Além disso, falou sobre o apoio recebido da professora Alaíde Lisboa para sua permanência no Colégio, o curso que fez com o professor Reginaldo Naves de Souza Lima e o seu material de ensino inovador em sua atuação posterior no Centro Pedagógico, assim como sobre sua aposentadoria em 1984.

Paula Apgaua Britto (72 anos), ex-aluna do Colégio de Aplicação, foi nossa segunda entrevistada. Filha mais velha de sete irmãos, seus pais lutaram com dificuldades para que os filhos tivessem uma boa formação. Paula ingressou como aluna no Colégio de Aplicação em 1963. Cursou os três anos do Científico e formou-se em 1965. Depois, fez o curso de Matemática, fazendo o primeiro ano na Faculdade de Filosofia e os outros três no ICEX, no Campus Pampulha.

Paula escolheu estudar no Colégio de Aplicação por causa de suas amigas. No terceiro ano do Ginásio, as minhas melhores amigas do Izabela foram para o Colégio de Aplicação. Elas eram irmãs, de família rica, e foram para um colégio público. Com isso, minha mãe queria que eu também fosse terminar o Ginásio no Colégio de Aplicação. Não éramos de família rica e meus pais estavam pagando escola particular para mim.

No Izabela, havia me destacado muito. Era admirada pelos professores e colegas. Não queria perder aquela admiração, não queria perder o pódio que tinha no Izabela. Então, fiz um combinado com minha mãe. Quando terminasse o Ginásio, iria para o Colégio de Aplicação.

Filho de comerciante, **Gilvan Westin Cosenza** (69 anos) veio de Paraguaçu, interior de Minas Gerais, em 1961, para dar continuidade a seus estudos. Ele foi nosso terceiro entrevistado. Gilvan é o sexto de uma família de onze filhos, o famoso “menino sanduíche”. Relatou-nos a mudança para Belo Horizonte. *Na cidade onde morava não tinha o Ginásio, meus irmãos mais velhos estavam morando fora e eu seria o próximo a*

sair de casa para fazer o Ginásio. Papai, então, resolveu vender tudo. Vendeu a loja, a casa e viemos morar em Belo Horizonte. Papai comprou uma casa na Rua Leopoldina que era a um quarteirão da Faculdade de Filosofia. Fiz o 4º ano de grupo no interior, mudamos em janeiro de 1961, e fiz o curso de admissão que tinha na época, no Colégio Padre Machado⁴³. Em 1962, comecei o Ginásio no Colégio de Aplicação.

Gilvan fez o Ginásio no Colégio de Aplicação e no quarto ano foi reprovado em Latim. Em uma escola particular que não exigia o Latim, cursou o primeiro ano do Científico. Retornou para o Colégio de Aplicação e lá cursou o segundo ano do Científico. Em 1968, com o desejo de estudar Agronomia, foi para o Colégio Universitário de Viçosa terminar os estudos e se preparar para o vestibular.

Era uma época meio ruim, 1968. Era uma época ruim no Brasil. Foi negado o certificado do curso em Viçosa, porque eu tinha um irmão que era presidente do diretório acadêmico, e estava preso. Simplesmente foi negado, minha matrícula e rematrícula, do nada. Foi um custo para conseguir um histórico escolar para poder ir para a frente. Pelo sobrenome, naquela época era assim.

Para dar sequência aos estudos, em 1969, Gilvan ingressou em uma escola particular em Belo Horizonte, para completar e ter um certificado do terceiro ano Científico. Posteriormente, estudou Agronomia em Jaboticabal, interior de São Paulo.

Rafael Rabelo Guimarães (68 anos), ex-aluno do Colégio de Aplicação foi o nosso quarto entrevistado. Ingressou no Colégio de Aplicação em 1962, para fazer o Ginásio. Saiu em 1968, para cursar o terceiro ano do Científico no Colégio Universitário⁴⁴, tendo comentado que muitos colegas fizeram o mesmo.

Com entusiasmo, Rafael nos relatou o que o levou a escolher o Colégio de Aplicação: *Fui para o Colégio de Aplicação por duas coisas: tinha renome, um prestígio e era pertinho de casa; eu morava ali na Leopoldina. A Leopoldina é aquela rua paralela à Carangola, que desce. Quer dizer, em linha reta eu estava a cem metros*

⁴³ O Instituto Padre Machado foi fundado em 1925 pelo professor Antônio Lara de Resende. Sua sede era em São João Del Rei. Em 1939, o Colégio passa a funcionar em Belo Horizonte. Em 1950, a direção da escola passa aos cuidados dos Religiosos Barnabitas. A partir de 1972, o colégio abre sua primeira turma feminina. Atualmente está situado à Av. do Contorno, 6475 - Savassi - Belo Horizonte - MG. <http://padremachado.edu.br/historia/> Último acesso em: 09 abr. 2019.

⁴⁴ O Colégio Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais (COLUNI) foi criado de acordo com o parágrafo 3º do artigo 79 da lei 4024 de 20 de dezembro de 1961, que dizia: “A universidade pode instituir colégios universitários destinados a ministrar o ensino da 3ª (terceira) série do ciclo colegial. Do mesmo modo pode instituir colégios técnicos universitários quando nela exista curso superior em que sejam desenvolvidos os mesmos estudos. Nos concursos de habilitação não se fará qualquer distinção entre candidatos que tenham cursado esses colégios e os que provenham de outros estabelecimentos de ensino médio (BRASIL, 1961).”

da escola. Só tinha que descer, fazer uma curva e chegava à escola. Então, estava pertinho.

A partir de nossa conversa, conheci um pouco da sua história, e sua relação com a Matemática, que o levou a fazer Engenharia Elétrica.

Camélia Elizabeth dos Santos Cassimiro, a próxima entrevistada, tinha 68 anos na ocasião da nossa conversa. Na sala de jantar de sua residência, Camélia havia colocado sobre a mesa alguns materiais que tinha separado para me mostrar. Conversamos um pouco, relatei sobre a pesquisa. Ela mostrou-me fotos do Colégio de Aplicação e descreveu cada um de seus espaços. Camélia havia guardado o convite de formatura da turma e um recorte de jornal com uma notícia sobre essa formatura e me mostrou esses papéis.

Pareceu-me que Camélia gostou de rememorar essa trajetória e contribuir com nossa pesquisa, o que a deixou emocionada: *A gente via que era tudo muito bom na escola. Até hoje todos lembram muito da escola. Não sei se é porque era uma escola pequena, éramos muito amigos, muito amigos. Os meninos saíam (eu morava no bairro Pedro II, subindo a Catalão) do Santo Antônio a pé e vinham fazer serenata para mim. Era festinha, muita hora dançante que tinha. Fizemos uma excursão uma vez para Sabará, fomos para Ouro Preto. Era uma amizade muito firme, era muito legal mesmo, isso marcou todo mundo. Foi uma época muito agradável, muito de paz, não tinha confusão. Então são boas recordações que a gente tem.*

Nascida em Paraguaçu, em 1954, **Gilvânia Westin Cosenza** (64 anos), nossa sexta depoente, estudou no Colégio de Aplicação de 1966 a 1970. Gilvânia é irmã de Gilvan, outro de nossos entrevistados.

Disse que não foi sua escolha ir para o Colégio de Aplicação: *Naquela época, com sete, onze anos, a gente não tinha opção... Hoje, menino de cinco anos tem vontade própria, a gente não! Nossos pais é que escolhiam onde iríamos estudar. “Você vai fazer o Aplicação!” O Colégio de Aplicação era melhor para a gente, porque era a um quarteirão da nossa casa.*

Gilvânia referiu-se ao tratamento que era dado às mulheres naquela época: *Interessante que para os homens era o Estadual. Tive um irmão que foi para o Estadual. O Gilvan também fez o Aplicação, eles não ligavam de andar mais, mas mulher tinha que ficar na rédea, na rédea mesmo. Então, sair de casa 15 minutos antes, era tudo muito fácil, não tinha que pegar o ônibus, não tinha que pegar nada, não tinha*

perigo; só atravessava uma rua, que era a rua Carangola, então eles escolheram. “É uma escola boa, pública e perto, tem um ensino bom, então você vai estudar em uma escola pública e você vai passar para entrar, simples assim!” A gente obedecia, não tinha outra coisa a fazer.

Ana Maria Reis de Souza (68 anos), nossa sétima entrevistada, foi aluna do Curso Normal do Colégio de Aplicação e trouxe uma contribuição diferente para nossa pesquisa. Ana Maria fez o Ginásio no Colégio Estadual e queria cursar o Clássico, para depois estudar Letras, no entanto sua mãe disse que ela teria que fazer Magistério. Ela entrou num acordo com a mãe: *Eu não queria fazer o Magistério de jeito nenhum, mas como naquela época nós não desobedecíamos aos pais e no fundo eu sabia que ela tinha uma lógica na cabeça, falei: “bom, eu só faço se for no melhor colégio que oferece esse curso em Belo Horizonte.” Porque eu queria fazer o Magistério no melhor colégio em Belo Horizonte, e esse, que me daria uma base para o vestibular, era o Colégio de Aplicação.*

Ana foi aprovada e começou a estudar no Colégio de Aplicação em 1966. Quando terminou o Normal, Ana Maria fez um ano de cursinho, pois algumas matérias do Curso Normal eram menos intensas, inclusive Matemática, e ela iria concorrer com os candidatos que tinham cursado o Científico. Ela se formou em Psicologia na UFMG.

Nascida em junho de 1936, em Guidoal, na Zona da Mata, de Minas Gerais, **Maria Leonor Vianna Ferrari** (83 anos), filha única de pais farmacêuticos, foi nossa oitava entrevistada. Fez o Ginásio e o Curso Normal em uma cidade próxima à sua, mas, para dar continuidade aos estudos, precisava ir para uma cidade maior. Como havia passado em um concurso para professora do primário em Belo Horizonte, nessa cidade deu continuidade a seus estudos, tendo se graduado Letras na então Universidade Católica de Minas Gerais.

Terminei o curso na faculdade; na época eram três anos de Bacharelado e um de Didática. Quando estava terminando o curso de Didática, surgiram os cursos de Psicologia e o curso de Orientação Educacional. Terminei o curso de Didática e fiz o curso de Orientação Educacional. Foi assim que entrei para a Pedagogia.

Trabalhou alguns anos no Banco da Lavoura com orientação profissional e encaminhamento, com o professor Pierre Weil⁴⁵, mas, por participar do sindicato e das

⁴⁵ Pierre Weil nasceu em Strasbourg, na França, em 1924. Conviveu com conflitos religiosos em sua família durante sua infância e também com conflitos de guerras entre a França e Alemanha, o que contribuiu para que se tornasse um amante da Paz. Pierre Weil era doutor em Psicologia pela

greves foi demitida. No mesmo dia, encontrou um amigo que a indicou para o Colégio Anchieta. Como morava próximo ao Colégio de Aplicação foi à secretaria, onde soube que havia duas vagas abertas para seleção de orientadores. Tendo participado da seleção, conseguiu uma das vagas, em 1965.

Nossa nona entrevista foi a coletiva, realizada com dez ex-alunos que concluíram o Científico em 1965. **Carlos Eduardo Rezende Braga** (73 anos) ingressou no Colégio de Aplicação em 1961, na antiga 3ª série ginásial. Contou-nos porque foi para o Colégio de Aplicação: *Saí do Colégio Loyola⁴⁶ porque era um colégio pago e o Colégio de Aplicação era um colégio gratuito. Minha família era grande, nós éramos seis filhos e a educação era um item que pesava. Eu já tinha dois irmãos matriculados no colégio, uma irmã que estava concluindo o Clássico e um irmão que estava iniciando o Científico, então eu fiz o concurso. Eram duas vagas para a 3ª série do Ginásio. Eu passei e ocupei uma das duas vagas; a outra vaga foi ocupada em 1º lugar pelo colega Eduardo Belisário.*

Carlos Tassara (74 anos) ingressou no Colégio de Aplicação em 1963, para fazer o Científico, e narrou: *Sempre morei perto do colégio e já sabia da boa qualidade de ensino que ele tinha, além disso, era gratuito.*

Cláudio Berenstein (73 anos) iniciou seus estudos no Colégio de Aplicação em 1963, no Científico. Relatou porque escolheu ir para o Colégio de Aplicação: *Meu pai era militar e na época eu tinha o direito a escolher dois colégios gratuitos, o Colégio Militar ou o Colégio de Aplicação. Eu escolhi o Colégio de Aplicação. Na época, meu pai estava fora do Brasil, na força do canal da Suíça, e por causa disso eu consegui a transferência para o Colégio de Aplicação. Eu escolhi o Colégio de Aplicação porque meu pai era militar e eu não gostaria de seguir a mesma carreira dele. Sou engenheiro eletricitista, já aposentado.*

Universidade de Paris. Veio para o Brasil em 1948, a convite do professor Léon Walther, para treinar equipes no Senac, no Rio de Janeiro. Em 1958, veio para Belo Horizonte. Foi chefe do Departamento de Orientação e Formação do Banco da Lavoura e professor da UFMG, trabalhando em Psicologia Social, Industrial e Transpessoal. Foi um dos responsáveis pela regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Em 1987, tornou-se presidente da Fundação Cidade da Paz e Reitor da Universidade Holística para a Paz de Brasília e permaneceu no cargo até sua morte em 2008. <http://pierreweil.pro.br/1/Brazil.htm> Último acesso em: 17 maio 2019.

⁴⁶ O colégio católico Loyola foi criado na cidade de Belo Horizonte, em 1943. No início eram apenas 33 alunos. Era uma escola para meninos. Em 1967, chegaram as primeiras meninas, vindas da Companhia de Maria. Atualmente, o Colégio conta com cerca de 2500 alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Disponível em: <http://www.loyola.g12.br/>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

Eduardo Belisário (75 anos) começou sua trajetória de estudante no Colégio de Aplicação em 1961, na antiga 3ª série ginásial. Falou sobre a importância do Colégio de Aplicação em sua vida. *Eu era oriundo do Colégio Santo Antônio⁴⁷ e fiquei meio marcado, porque tinha perdido um ano. Tinha que dar uma satisfação para minha família, principalmente para meus pais, de que eu era capaz de entrar, fazer o concurso em um colégio e que não precisasse pagar, não por necessidade, mas por superação própria. Pelo menos psicologicamente evitar ou recuperar aquele ano perdido. Fui feliz, me adaptei muito bem ao colégio, passei lá até o ano de 1965, em que terminamos o Científico. Em 1966, já estava na Escola de Engenharia. O Colégio de Aplicação foi uma mudança grande na minha vida. Acho que foi lá o lugar onde passei a estudar e superar meus problemas.*

José Lima Oliveira Junior (74 anos) ingressou no Colégio de Aplicação em 1961, na antiga 4ª série ginásial. *Como todos os colegas aqui, vivendo numa família numerosa e sem muitas condições para estudar, fiz o concurso para o Colégio Estadual e o Colégio de Aplicação. Não fui aprovado no Colégio Estadual, mas fui aprovado na seleção do Colégio de Aplicação, onde eu cursei da 4ª série do Ginásio até o 3º Científico. Tive uma reprovação na 4ª série porque ainda era uma fase de adaptação da escola do interior para uma escola de altíssimo nível que era o Colégio de Aplicação.*

Luiz Santana Ivo (72 anos) foi estudar no Colégio de Aplicação em 1963, para cursar o Científico. *Fiz o Ginásio no Colégio Tristão de Ataíde; lá só tinha até o Ginásio. Na época, lembro que fiz prova de seleção para o Colégio Estadual e para o Colégio de Aplicação. Passei nos dois colégios. Meu pai era professor da Faculdade de Filosofia, ao lado do Colégio de Aplicação. Ele conhecia o Colégio de Aplicação, conhecia os professores e acreditava que o Colégio de Aplicação era o melhor colégio em Belo Horizonte, então ele decidiu que eu deveria ir para lá e foi para onde fui.*

Marco Antônio Ferreira (73 anos) começou sua vida escolar no Colégio de Aplicação em 1958, no primeiro ano do Ginásio. *Eu fui estudar no Colégio de Aplicação porque era um colégio gratuito. Vim de uma família de muitos irmãos e alguns deles já estavam estudando no Colégio de Aplicação.*

⁴⁷ O Colégio Santo Antônio foi fundado em 1909, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais. É uma instituição educacional franciscana, que procura orientar sua ação pedagógica à maneira de São Francisco de Assis. Em 1949 transferiu alguns cursos para Belo Horizonte. Atualmente, está localizada no bairro Funcionários, onde oferece o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio. Disponível em: <http://www.colegiosantoantonio.com.br>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

Marcus Gontijo (72 anos) ingressou no Colégio de Aplicação em 1963, para cursar o Científico. *Na época, meu pai tinha quebrado, então tive que sair de um colégio pago para ir para um colégio onde não tinha pagamento mensal, senão eu não teria estudado. Fiquei surpreso ao perceber que o ensino de um colégio público não ficava a desejar em relação ao colégio Santo Antônio. Estudar no Aplicação me habilitou a passar no vestibular de Engenharia Elétrica com tranquilidade.*

Paulo Ângelo de Pinho (74 anos), iniciou os estudos no Colégio de Aplicação em 1958, no primeiro ano do Ginásio. *Fui estudar no Colégio de Aplicação porque era um colégio público. Os meus pais não podiam pagar um colégio privado. E também porque, naquela época, os colégios públicos é que tinham a fama de serem os melhores colégios. Tinham um nível de escola mais alto.*

Em maio de 2019, **Paulo Sérgio Wanner**, 73 anos, e eu marcamos nosso encontro em sua residência. Antes da gravação, falamos de assuntos gerais. O professor Paulo foi muito simpático e mostrou-se descontraído, tornando agradável aquele momento.

Paulo Sérgio passou a lecionar no Colégio de Aplicação, em 1968, ano da reforma universitária, na transição de Colégio de Aplicação para Centro Pedagógico. Trouxe contribuições importantes sobre essa transição, detalhes sobre alunos, a estrutura física da escola e o relacionamento do Colégio com a Universidade.

Paulo aperfeiçoou seus estudos e relatou sua experiência em outras escolas. *Por muito anos fui professor de Matemática no Centro Pedagógico da UFMG (antigo Colégio de Aplicação), tendo interrompido temporariamente minhas atividades docentes na década de 90 para cursar mestrado e doutorado na Inglaterra (Universidade de Southampton). Após meu retorno à UFMG continuei por alguns anos ainda minhas atividades de professor de Matemática no Centro Pedagógico tendo aposentado em 1997. Trabalhei também no Colégio Estadual/Instituto de Educação de Minas Gerais até 2008, quando me aposentei também. Enquanto docente em regime de 40 horas semanais na UFMG, foi possível conciliar minhas atividades de Professor de Matemática também no Colégio Santo Antônio, localizado à Rua Pernambuco, em Belo Horizonte. Após minha aposentadoria na UFMG, retornei ao Colégio Santo Antônio também na condição de professor e Coordenador Geral de Matemática, atividade que sempre me foi extremamente prazerosa, e me aposentei em 2013.*

De família libanesa, aos 84 anos, o professor **Clemenceau Chiabi Saliba** foi o nosso décimo primeiro e último entrevistado. Em virtude de seu desempenho escolar, foi convidado a dar aulas no Colégio Estadual antes mesmo de se formar em Matemática na Universidade Católica, como soubemos mediante seu relato.

Eu consegui fazer todos os trabalhos com nota dez na faculdade, no curso de Matemática, todos os trabalhos e provas. Isso abriu as portas para mim. Fui convidado a dar aula no Colégio Estadual, que era um colégio excepcional. Um dos meus professores, Wagner Brandão, falou: “vou te convidar para o Estadual, você ainda não formou, mas, pelo que estou vendo aqui, você fecha todas as notas, é um ótimo aluno. Já falei com o Mário de Oliveira⁴⁸, e você vai pegar umas turminhas para começar. E vai ter concurso”, eu falei: “vou me preparar”.

No curso de Didática na Faculdade de Filosofia da UFMG, Clemenceau deu uma aula na disciplina de Didática Geral da professora Alaíde Lisboa. Segundo ele disse, ela gostou tanto de sua aula que o convidou a lecionar no Colégio de Aplicação. Ele começou a dar aulas no cursinho da Faculdade de Filosofia em 1961 e no ano seguinte foi trabalhar no Colégio de Aplicação como professor contratado.

Com uma vasta experiência em educação e gestão, enriqueceu nosso trabalho com informações sobre o contexto educacional da época, as metodologias utilizadas nas aulas de Matemática, a relação com os alunos.

As tabelas a seguir trazem uma síntese das informações sobre os colaboradores e as entrevistas realizadas com os ex-alunos, a orientadora e os professores de Matemática do Colégio de Aplicação.

Tabela 1 - Relação de ex-alunos entrevistados

EX-ALUNOS					
Colaborador(a)	Ano de Nascimento	Ano de Ingresso - Ano de Saída	Data de Realização da Entrevista	Duração da Entrevista	Local
Marco Antônio Ferreira	1946	1958 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I

⁴⁸ O professor Mário de Oliveira foi admitido em 1944 para a cadeira de Complementos Matemáticos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Foi Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais. Na década de 1960, criou um dos primeiros cursos pré-vestibulares da cidade de Belo Horizonte. Também foi um dos idealizadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, Fafi-BH e fundador da Escola de Engenharia Kennedy. Autor de livros na área de Matemática (OLIVEIRA, 1998).

Paulo Ângelo de Pinho	1945	1958 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Carlos Eduardo Rezende Braga	1945	1961 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Eduardo Belisário	1944	1961 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
José Lima Oliveira Junior	1944	1961 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Camélia Elizabeth dos S. Cassimiro	1950	1962 - 1966	26/07/2018	50 min	Residência da Colaboradora
Gilvan Westin Cosenza	1949	1962 - 1965	18/07/2018	38 min	Residência do Colaborador
Rafael Rabelo Guimarães	1950	1962 - 1968	24/07/2018	1 h 40 min	Residência do Colaborador
Carlos Tassara	1944	1963 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Cláudio Berenstein	1946	1963 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Luiz Santana Ivo	1946	1963 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Marcus Gontijo	1947	1963 - 1965	13/04/2019	1h 4 min	Restaurante Minas I
Paula Apgaua Britto	1946	1963 - 1965	20/06/2018 e 13/04/2019	1 h 14 min e 1h 4 min	Residência da Colaboradora /Restaurante do Minas I
Ana Maria Reis de Souza	1950	1966 - 1969	13/08/2018	1h 03 min	Trabalho do Colaborador
Gilvânia Westin Cosenza	1954	1966 - 1970	13/08/2018	1 h 36 min	Residência da Colaboradora

Tabela 2 - Relação da orientadora e dos ex-professores entrevistados

ORIENTADORA E EX-PROFESSORES					
Colaborador(a)	Ano de Nascimento	Ano de Ingresso - Ano de Saída	Data de Realização da Entrevista	Duração da Entrevista	Local
Aloys de Meira Carvalho	1933	1955 - 1984	25/04/2018	1 h 50 min	Residência da Colaboradora
Clemenceau Chiabi Saliba	1934	1962 - 1972	04/06/2019	2h 16 min	Residência do Colaborador
Maria Leonor Vianna Ferrari	1936	1965 - 1999	21/08/2018	1 h 11 min	Residência da Colaboradora
Paulo Sérgio Wanner	1945	1968 - 1997	22/05/2019	1h 32 min	Residência do Colaborador

3 - ESTRUTURA INSTITUCIONAL, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, ESPAÇO ESCOLAR: modos de organização do Colégio de Aplicação

O Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, instalado em março de 1954, foi atravessado por diferentes ocorrências políticas e educacionais desde sua criação. Uma nova legislação, mudanças de gestão, crise financeira, troca de espaço físico, transformações de concepção pedagógica, golpe de Estado. Todas essas questões, em maior ou menor grau, provocaram, durante a temporalidade aqui estudada, alterações significativas para o Ginásio, quer seja em seu modo estrutural, quer seja em suas práticas pedagógicas.

Neste capítulo, descrevemos práticas, tempos e espaços escolares que caracterizaram o lugar particular ocupado pelo Colégio de Aplicação no sistema educacional brasileiro daquela época. Além disso, é fundamental conhecer os modos como o Colégio se estruturou para atingir o lugar que alcançou dentro do cenário educacional mineiro.

3.1 - A organização institucional do Colégio de Aplicação

Na manhã do dia 23 de março de 1954, quatro salas de um prédio localizado à rua Carangola, número 288, no bairro Santo Antônio, na cidade de Belo Horizonte — em que inicialmente fora instalada uma Escola de Agricultura e Veterinária e posteriormente funcionara o Ginásio Afonso Arinos — estavam preparadas para acolher dezoito alunos para a primeira série, doze alunos para a segunda série, cinco alunos para a terceira série e quatro alunos para a quarta série do ginásio. Começava assim efetivamente o funcionamento do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

A direção do Ginásio de Aplicação ficou a cargo da professora Filocelina da Costa Matos Almeida, responsável pela organização, dez anos antes, do curso de Didática da Faculdade de Filosofia. Embora a docente tenha se formado pela Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Minas Gerais, caracterizada por um ensino de cunho mais prático, em suas ações pedagógicas prevalecia um estilo mais conservador, que se relacionava a sua formação católica tradicional. A diretora do novo Ginásio de Aplicação se colocava a favor de uma educação cristã, na qual a reflexão precederia a

ação. Para ela, as atividades propostas em sala de aula não deveriam ser práticas e sim intelectuais; desse modo, a aula expositiva do professor ocupava um lugar de destaque. Além disso, como podemos observar em suas palavras citadas por Collares (1989), a docente era crítica do pragmatismo, já que para essa corrente de pensamento a ação estaria acima do pensamento:

Se nos tempos modernos temos, como partidários da educação cristã, verdadeiros baluartes da pedagogia como Dom Bosco, Benjamin Kidd, Stalding, Vessière, Mercier, Backeuser, Jonatas Serrano, Lúcio dos Santos, padre Leonel Franca, Amoroso Lima, Teobaldo de Miranda Santos e muitos outros, vamos encontrar, na Idade Média, além de outros, Santo Tomás de Aquino, o grande luminar da Pedagogia Católica, cujos métodos e processos de ensino correspondem aos contemporâneos, como se pode verificar pelos seguintes postulados de seu sistema pedagógico: o processo educacional não representa uma simples comunicação ou impulso, mas, antes, e sobretudo, uma solicitação, uma excitação, uma direção pela qual o espírito é estimulado a desenvolver suas potências naturais, de modo normal.

Na dinâmica do aprendizado, o principal agente é a atividade daquele que aprende; assim sendo, o professor não é a causa principal do conhecimento, e sim, a própria atividade do aluno.

O vigor da mente corresponde à perfeição do organismo.

O mestre coopera numa tarefa divina (ALMEIDA, 1955, p. 46 apud COLLARES, 1989, p. 102).

Pode-se pensar que a presença de Filocelina em lugar central na organização pedagógica do Ginásio imprimiu sobre as práticas de ensino da instituição uma educação de cunho mais conservador em comparação com as “novas pedagogias” que emergiam naquele momento. É interessante pensar como tal modo de ensino prevaleceu, a despeito de diversos fatores desfavoráveis do contexto. Por exemplo, os professores escolhidos por Filocelina para ministrarem aulas no Ginásio, em sua maioria, tinham formação no curso de Didática da Faculdade de Filosofia que, por sua vez, se colocava como uma instituição criada com o propósito de um saber “desinteressado”, desprendido da prática, da aplicação dos conhecimentos. Além disso, podemos destacar o contexto educacional mineiro. O estado havia passado por reformas educacionais e em Belo Horizonte eram vividas – e evidenciadas pela Escola de Aperfeiçoamento – diferentes pedagogias caracterizadas como modernas, que foram aplicadas no ensino primário, como menciona a professora Alaíde Lisboa, em entrevista concedida a Marinez Collares em novembro de 1985:

As ideias pedagógicas que a gente convivia em Belo Horizonte, em Minas Gerais, na época, eram ideias que vinham da Escola de Aperfeiçoamento. Tanto daqueles professores que fizeram curso nos EEUU, como daqueles professores europeus que vieram para a Escola de Aperfeiçoamento e ainda

daqueles que vinham só para conferências (...) Claparède esteve aqui um mês dando aulas; veio também o professor Henri Pieron. Piaget não chegou a vir aqui. A gente vivia dentro dessas ideias novas de Educação. Eram teorias mais aplicáveis ao 1º grau (...). O aluno do 1º grau vai fazer abstrações através da realização de trabalhos. O aluno do curso superior já é capaz de fazer abstração (1989, p. 101).

A professora Alaíde destacou ainda, em seu depoimento, que, mesmo com toda essa efervescência e circulação de novas propostas pedagógicas na capital mineira, o Ginásio de Aplicação não absorveu essas ideias e, inicialmente, as aulas seguiam mais comumente a “preleção”, ou seja, um ensino tradicional centralizado no professor. Muito lentamente, ainda de acordo com a professora entrevistada, os docentes passaram a pensar e a terem uma preocupação “mais prática” (COLLARES, 1989). Além disso, ela mencionou que o currículo construído por disciplinas com vários professores se alternando nas turmas não permitia uma educação renovada como a que vinha sendo feita no primário. Entretanto, mesmo com tais dificuldades, havia a preocupação dos docentes em realizar algumas adaptações e aplicá-las, cada um em sua área. Vale pontuar que esse período foi marcado por uma predominância do ensino humanístico sobre o científico (lei orgânica de 1942), o que explicaria, por exemplo, a grade semanal de disciplinas, em 1954, composta por três aulas de Português, três de Matemática, duas de História (uma de História Geral e outra de História do Brasil), duas de Geografia (uma Geral e a outra do Brasil), duas de Latim, duas de Desenho, uma de Canto Orfeônico, duas de Trabalhos Manuais e duas de Educação Física.

A respeito do corpo discente, havia um rigoroso exame de admissão ao ginásio, o que proporcionava uma seleção criteriosa daqueles que seriam os futuros alunos da instituição. Contudo, o alto nível de exigência do Ginásio não se restringia ao processo de ingresso de seus estudantes. A ex-aluna Gilvânia, em seu depoimento, expressou de forma direta como via a própria estrutura da escola: *havia professores muito rígidos, até fora da escola era muito rígido. O professor Dirceu pertencia à diretoria. Não sei como eram definidos esses cargos. Acho que devia ser indicação, porque naquela época eleição para qualquer coisa era proibido. Era capaz de não ter uma escolha para diretor, devia ser indicação mesmo. O Dirceu foi o diretor. O Dirceu era engraçado, porque todo mundo tinha muito medo dele. Ele era muito rígido.* Gilvânia acrescentou que a rigidez não estava presente apenas na escola, ao dizer que “*lá em casa sempre foi muito rígido*”. Refletindo sobre essas palavras de Gilvânia, podemos pensar se o alto padrão de exigência do Ginásio, tanto em seu processo de admissão quanto na

permanência de seus alunos, não seria um dos fatores que contribuíram para os baixos números de matrículas e rematrículas nos anos que se seguiram. Nesse sentido, as turmas eram cada vez menores. A turma do primeiro ano do ginásio que começou em 1954 com 18 alunos teve apenas um aluno como concluinte do quarto ano em 1957. Chama atenção também que no ano de 1955 apenas nove alunos dessa turma tenham efetuado a matrícula para a segunda série e que para o terceiro ano apenas três alunos da turma ingressante em 1954 tenham se matriculado. Em 1955, vinte e dois alunos ingressaram no segundo ano, porém em 1956 esse número foi reduzido para apenas 8 matriculados no terceiro ano. Isso significa uma diminuição de 63% de alunos em uma única série. O que observamos é que, enquanto a escola funcionava somente como ginásio, o decréscimo de estudantes era constante, mas quando a escola passou a oferecer o ensino médio completo a procura aumentou e a desistência diminuiu. Em 1958, foram abertas duas turmas da primeira série do ginásio, totalizando 57 novos alunos. Houve um aumento de registro de ingresso para as outras séries, assim como um aumento do número de matrículas e permanências de alunos na quarta série do ginásio.

No final de 1957, a primeira turma finalizou a 4ª série do ginásio e, no ano seguinte, o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais foi convertido em Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Inicialmente, havia duas turmas de 1ª série dos cursos colegial Clássico e Científico. Com a aposentadoria da professora Filocelina da Costa Matos Almeida, em 1957, a direção do colégio ficou a cargo da professora assistente da Cátedra de Didática, Alaíde Lisboa de Oliveira, que permaneceu no cargo até 1969.

A transformação de Ginásio de Aplicação em Colégio de Aplicação foi aprovada pela congregação da Faculdade em janeiro de 1958, o que marcou uma nova fase para a instituição de ensino. A nova diretoria solicitou à congregação a aprovação e execução de medidas que poderiam conter a expansão do colégio, como, por exemplo, um rígido exame de admissão e a diminuição da repetência. Tais ações contribuíram significativamente para o aumento de alunos por série, como comentado anteriormente. Esse diálogo já havia sido iniciado pela professora Filocelina e, a seu respeito, a congregação determinou para o ano de 1958 que

- a) Todo aluno do curso ginásial e do colegial que ia ter início, poderia repetir uma série em cada ciclo.
- b) A média mínima exigida para a aprovação nos exames de admissão passaria a ser quatro. Contudo, enquanto o Ginásio e o Colégio tivessem mais

vagas que candidatos, a seleção seria simplesmente classificatória, eliminando-se apenas os candidatos com zero⁴⁹.

A congregação não criou novas regras apenas para os alunos, mas também para os professores. Em reunião no dia 21 de janeiro de 1958, foi deliberado que os professores que assumiriam as aulas do Colégio deveriam fazer exames nos moldes dos exames que eram realizados para a admissão dos auxiliares de ensino na Faculdade de Filosofia. Essa decisão evidencia uma preocupação com o segundo ciclo secundário, que preparava diretamente o aluno para ingressar no curso superior.

A transformação do Ginásio em Colégio de Aplicação, nos novos moldes, acabou contribuindo para a ampliação dos objetivos da escola e passou a garantir “sua maior abertura para a comunidade externa (os resultados de seus alunos nos vestibulares contribuíram para a sua divulgação) e a aquisição de uma vida própria que lhe deram maior autonomia em relação à Fac. de Filosofia” (COLLARES, 1989, p. 119). Em relação a essa questão, em seu depoimento, o professor Clemenceau ressaltou: *Os alunos do terceiro ano entravam direto nos vestibulares nas melhores universidades. Não faziam cursinho, eles entravam direto. Eles saíam muito preparados. Um colégio bom dá condições para o aluno ter o privilégio de escolher onde quer estudar.* Assim como Clemenceau, o professor Paulo Wanner reforçou o argumento: *Era um colégio famoso em Belo Horizonte, porque quase todos os alunos que estudavam no Colégio de Aplicação não faziam “cursinho” para entrar na UFMG. Eles faziam o vestibular e eram bem sucedidos porque eles já tinham tido acesso a todos os conteúdos cobrados na Universidade.* Desse modo, o Colégio de Aplicação, que era originalmente apenas uma unidade de estágio para os alunos do Curso de Didática, tornou-se uma escola preparatória para os cursos superiores, o que conferiu a ele maior visibilidade na cidade de Belo Horizonte. Essa parece ter sido uma das principais justificativas para o aumento da procura pelo Colégio. Assim, é possível pensar que, na prática, o ensino no Colégio de Aplicação estava voltado para a preparação dos alunos para os cursos superiores. Tal movimento encontrava-se em consonância com a legislação educacional que, apesar de criar cursos profissionais em nível médio, enfatizava a função do curso secundário como meio para a constituição de lideranças, apresentando como objetivo a preparação para a continuidade dos estudos nos cursos superiores (ROMANELLI, 1978). Embora percebamos que o Colégio de Aplicação esteve voltado para a preparação de seus

⁴⁹ Trecho de ata da congregação de 21 de janeiro de 1958 citado por Collares (1989).

alunos para os cursos superiores, essa ação não se integrou à Faculdade de Filosofia de uma forma direta. Isso porque, anos depois, a função preparatória para os cursos superiores será reivindicada pela instituição criada, de modo mais específico, para essa tarefa: o Colégio Universitário. Tal questão será mais bem abordada adiante.

Ainda em 1958, em função da ampliação das matrículas, o Colégio de Aplicação passou a funcionar em dois turnos, com oferecimento dos cursos ginásial e colegial. Na ocasião, o corpo docente foi ampliado por meio de concurso público realizado com banca examinadora composta por professores da Faculdade de Filosofia e criou-se o cargo de vice-diretor, que ficou sob a responsabilidade do professor Dirceu Braz Fonseca. Para uma assessoria pedagógica aos cursos ginásial e colegial, a diretora Alaíde Lisboa contou com os serviços das professoras Marlene Fica e Magda Becker Soares. Foi a partir de 1958 que o Colégio de Aplicação, que era um Ginásio de pequenas proporções, se transformou em um Colégio que atendia aos dois ciclos secundários. Esses ciclos funcionavam em dois turnos, com ampliação da estrutura administrativa e um corpo docente mais heterogêneo do que o anterior, admitido por concurso público.

Em 1960, o Colégio de Aplicação completou o oferecimento do curso secundário. O curso ginásial e o colegial estavam estabelecidos e mantinham mais de uma turma por série. No mesmo período, o Colégio e a Faculdade de Filosofia passaram a ocupar instalações próximas, quando a Faculdade foi transferida para um prédio construído ao lado do Colégio. Nesse sentido, tornou-se possível uma maior interação dos alunos do Colégio de Aplicação com os da Faculdade de Filosofia, que passaram a conviver no mesmo ambiente, frequentando os mesmos espaços. O Grêmio Estudantil e o Diretório Acadêmico estreitaram ainda mais essa relação, o que favorecia a participação dos alunos do Colégio nos movimentos estudantis da universidade. O Grêmio realizava diversas atividades culturais para os estudantes. De acordo com a ex-orientadora Maria Leonor, *o Grêmio, às vezes, era literário, mas era um Grêmio que também discutia os assuntos relacionados ao que o país estava vivendo*. Essa aproximação das instalações e a convivência entre os alunos de ambas as instituições permitiram mais visibilidade ao Colégio, pois a Faculdade já se tornara referência na cidade.

É relevante pontuar que nesse período havia uma intensa procura pelo Colégio. Em depoimento a Collares (1989, p. 142), a professora Magda Soares relatou que a alta

demanda pela instituição tornava possível, por exemplo, que os exames fossem mais rigorosos, selecionando, assim, os melhores alunos. De acordo com a professora Magda Soares, Collares (1989, p. 143) analisa que “um processo seletivo dessa natureza levou o Colégio a constituir uma clientela de elite, filhos de profissionais liberais, professores de universidades e outras categorias de classe média e média alta”⁵⁰.

No que diz respeito ao lugar ocupado pelo Colégio de Aplicação no processo de formação de licenciandos dos mais diversos cursos da Faculdade de Filosofia, a instituição tinha uma “missão renovadora”, de acordo o documento Histórico do Colégio de Aplicação elaborado pela professora Alaíde Lisboa e citado no trabalho de Collares (1989, p.143).

O Colégio de Aplicação não seria apenas um dos melhores da capital. Ele tinha a missão renovadora. Campo de observação e treinamento de licenciandos, dos mais diferentes cursos da Faculdade de Filosofia, deveria experimentar e aplicar os métodos da moderna pedagogia acenados ou provados e comprovados em países avançados no setor, e preconizados pelos mestres nacionais, deveria estabelecer um equilíbrio entre os estudos teóricos da Didática, Administração Escolar, Psicologia dos cursos de Licenciatura e Prática Profissional.

Ainda em seu depoimento a Collares em 1985, a professora Magda Soares avaliou que o início dos anos de 1960 foi um período conflituoso para o Colégio de Aplicação, pois havia dois grupos de professores trabalhando na escola. Por um lado, existia um grupo de professores considerados mais conservadores, que lecionavam na instituição desde sua fundação, e que timidamente introduziram em sua prática algumas variações nas atividades de sala de aula. Por outro lado, havia professores recém-chegados à escola, entusiasmados com uma “ideia de renovação”, que faziam uso de novas práticas pedagógicas e mantinham um contato maior com os alunos fora da escola. De acordo com a professora Magda Soares:

(...) não era no nível do ensino-aprendizagem, do conteúdo específico, que o ambiente do Colégio era importante. Era muito no nível do extra, das atividades que a gente programava, das atividades que se desenvolviam, lá. Atividades de teatro, concursos literários, revistas ... essa parte é que fazia a cabeça dos alunos. Havia o cine-clube, muita atividade de música, artes ... A

⁵⁰ No próximo capítulo, traçaremos o perfil socioeconômico dos alunos do Colégio de Aplicação, de forma a empreender uma análise consistente do corpo discente da escola.

Sônia Viegas⁵¹ era aluna do Colégio, muito atuante. Fazia-se muitas coisas na área da literatura ... Essas atividades é que eram fundamentais na escola⁵².

Em um mesmo sentido, constatamos em nossas entrevistas que essas atividades ficaram registradas na memória de nossos colaboradores e foram significativas para seus processos de formação. Assim, a ex-aluna do Colégio Ana Maria relatou, por exemplo: *tinha alguns recursos na aula, hoje não lembro mais como é que era isso, mas a gente via filme na sala. Filme mesmo, não era slide, não lembro mais como era isso, mas tinha os recursos que a universidade podia oferecer.* Para Ana Maria, os recursos utilizados em sala de aula eram de alto padrão, *um avanço de primeira linha. Acho que a escola investia para você ter um padrão melhor de ensino do que em outros locais. Tinha colegas que estudavam em outros colégios e não tinham isso, mas sempre a exigência era de padrão alto. Tinha que ter boas notas, tinha que saber, não era só porque eu me exigia, porque a escola também exigia.*

Ana Maria descreveu ainda, com riqueza de detalhes, os trabalhos desenvolvidos nas aulas de artes: *lembro que fazia bichos com formol. Minha mãe ficava me xingando, pois a gente tinha que fazer em casa, com nosso dinheiro, com o nosso material. Então, a escola nesse ponto não ficava barata. Cada um fazia o seu, éramos avaliados pelo que fazíamos. Havia aula ensinando o método para fazer os objetos, mas depois cada um fazia o seu. Isso era individual, os trabalhos de análise, as pesquisas, descobrir, identificar o livro, saber que livro ia trabalhar, eram individuais. Quando tinha trabalho em grupo, decidíamos o que íamos fazer e “tocávamos o bonde”.*

As aulas de Inglês e Francês eram um palco em que os alunos preparavam peças teatrais para apresentações. Gilvânia, relatou o seu trabalho no quarto ano do ginásio: *a gente montava as peças, já foi no quarto ano mesmo. O meu grupo montou a peça do Pluft, que era o Fantasminha Camarada, em Francês. Com a correria, todo mundo junto, as turmas do Inglês e Francês. E outra turma montou "Liberdade! Liberdade", em Inglês: "Liberty! Liberty!".* Havia também apresentações de teatro abertas ao público, como Eliane Marta Teixeira Lopes (2015, p. 21) relata em seu livro “Santo

⁵¹ Sônia Viegas (1944-1989) formou-se em Filosofia e foi professora da Faculdade de Filosofia da UFMG durante vinte e dois anos, deixando um significativo legado para a instituição. Um de seus trabalhos de maior notoriedade é o livro “*A vereda trágica do ‘Grande sertão: veredas’*”, publicado em 1985. <https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/professora-da-ufmg-lanca-livro-sobre-sonia-viegas> Último acesso em 03 jun. 2020.

⁵² Parte da entrevista de Magda Soares a Marinez Collares (1989, p. 144).

Antônio”: “O bairro assistia a alunos apresentando peças de teatro no pátio interno do Colégio – lembro-me bem de *Pluft, o fantasma*, de Maria Clara Machado”.

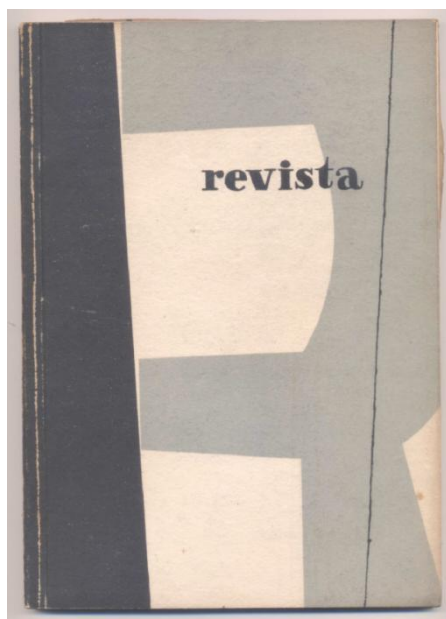
Outra prática comum dos professores do Colégio era o desenvolvimento de ações fora da escola com os alunos em excursões. A respeito de tais atividades, a ex-discente Gilvânia contou que, mesmo com toda a rigidez da escola, havia os alunos que gostavam daquelas experiências: *você tinha que ficar escrevendo, escrevendo sobre o relevo durante a viagem. Mas era melhor. A gente gostava mais do que ficar na sala de aula. Era um momento de aprendizagem e diversão*, completou, ao falar da excursão que realizaram para a gruta de Maquiné: *nos divertíamos nas excursões. Agora a plantinha não sei o quê... Isso aqui é o quê? Vegetação disso, daquilo*. Esses momentos fora da sala de aula proporcionavam uma maior interação com os colegas e com os professores. As excursões eram organizadas pelos docentes para que os alunos pudessem vivenciar uma forma distinta de aprendizagem em relação a algum conteúdo, mas também havia excursões ao final do secundário. A partir dos relatos dos ex-alunos, podemos perceber que tais viagens eram marcadas por um misto de ansiedade e satisfação, caracterizando-se como um momento importante na vida daqueles jovens adolescentes. Isso porque muitos deles não tinham costume ou oportunidade de viajar e, assim, faziam de tudo para não ficarem de fora desse momento. O depoimento de Ana Maria deixou evidente essa atitude: *fizemos uma viagem para finalizar o curso. A gente viajou em junho, porque o final do ano seria muito complicado. A escola tinha contatos com uma escola em Curitiba, fomos de ônibus para Curitiba e ficamos hospedados nessa escola, tinha um alojamento grande. Foi passeio mesmo de turismo, visitamos, ficamos lá uma semana*.

Estava numa gripe daquelas de morrer, a minha mãe: “ah não vai”. Falei: “vou”. Fui à farmácia e falei: “me dá uma injeção!” Naquela época você podia chegar à farmácia e pedir uma injeção. Desmaiei, passei mal, minha mãe: “não vai”! “Eu vou, nem que eu morra!” Saí daqui mal, cheguei a Curitiba; no frio melhorei, porque a vontade de melhorar era tanta, que melhorei e voltei. Tudo bem. Lógico que a viagem, para mim, que não tinha hábito de viajar tanto, foi uma aventura, foi legal.

Podemos destacar, ainda, a criação de uma revista no Colégio, organizada, produzida e produzida pelos alunos. Um dos objetivos era a manutenção de um diálogo constante entre os estudantes; ela nasceu de um ideal de comunicação, de uma necessidade de convivência. A “Revista” teve dois números. O primeiro foi produzido

em 1961, sob a direção da então aluna Sônia Maria Viegas, tendo como redator chefe Luciano Damásio de Gusmão, como secretário Flávio Lopes Werneck e como assistente Olívio Tavares de Araújo. A revista foi dedicada aos professores Ana Maria Morais e Ítalo Mudado, coordenadores da publicação, e continha seis artigos: O velho e o mar, de Sonia Maria Viegas; Classicismo e dialética, de José Geraldo M. Mayer; Música e Paidéia, de Olívio T. de Araujo; Etnia brasileira, de Flávio Lopes Werneck; Da teoria da relatividade, de Joel Weisz; Sonetos, de Consuelo Garcia. O número contou ainda com uma seção chamada Tagore e com uma nota de livros. Uma cópia da revista nos foi cedida por um de seus autores à época, Joel Weisz⁵³.

Figura 8: Capa da Revista, 1961



Fonte: arquivo pessoal de Joel Weisz.

Além das edições da *Revista*, a escola foi responsável pela publicação do periódico *ptxy*. De acordo com Lopes (2015), essa revista foi espalhada por toda a cidade. Seu primeiro caderno saiu em 1963, com apoio da Imprensa Oficial do Estado

⁵³ O acesso a uma cópia da revista foi realizado por meio da comunidade de ex-alunos do Colégio de Aplicação localizada no Facebook. Joel Weisz é membro dessa comunidade e realizou uma postagem no referido grupo informando sobre a disponibilização de uma cópia da revista em formato pdf para aqueles que tivessem interesse. Assim, pude solicitar a ele o material e ainda conversar sobre suas memórias a respeito do Colégio.

de Minas Gerais. Em 1964, foi publicado o seu segundo número e, ainda de acordo com Lopes (2015), ela foi o embrião para a criação do *Suplemento Literário*⁵⁴ em 1966.

Afora as edições de jornais e revistas, a produção de peças teatrais, as excursões, fazia parte das atividades extraclasse a organização de conferências com a participação de personalidades das Letras, das Artes, das Ciências Sociais, como comentou Ana Maria: *Na parte de literatura as pessoas iam lá. Alaíde Lisboa de Oliveira, Ana Maria Machado e outros escritores iam lá discutir com a gente. Tinha fórum, sei lá como é que chamava na época, que a escola promovia, realmente assim de: “opa, vem cá, vem saber”*.

Percebemos que alguns professores procuravam trazer atividades enriquecedoras, mas essas eram práticas isoladas, pois o que prevalecia era um ensino tradicional, como podemos notar no relato de Luiz Santana: *As aulas de Matemática eram baseadas em exercícios. Lembro que, quando fiz cursinho, tinha livros onde fazia 100, 200, 500 exercícios. Não era como hoje, era maçante, era exaustivo, exercício em cima de exercício, tudo que você pensar, tinha que fazer*. Gilvan falou das práticas pedagógicas vivenciadas, apresentando elementos significativos a respeito dessas atividades desenvolvidas na escola: *Naquela época não tinha muito recurso audiovisual, não tinha coisa nenhuma, era realmente o professor na frente e a gente copiando. A gente ia fazendo exercícios em sala e em casa. Não tínhamos trabalho, eram apenas exercícios. No Ginásio tivemos duas excursões. Uma para Ouro Preto e outra para Tiradentes*. Gilvânia complementou o relato do irmão: *Só tinha aula cuspe e giz mesmo, não tinha uma coisa de grande desenvolvimento. Até essa coisa de fazer atividade fora da escola, era muito rígido*.

Tendo em consideração as mudanças ocorridas no Colégio de Aplicação em relação às práticas pedagógicas ali desenvolvidas a professora Alaíde Lisboa, em sua entrevista a Marinez Collares (1989, p. 145), argumentou:

A primeira tentativa de mudança de métodos no Colégio foi a de não propriamente substituir a preleção, mas sim, de completá-la: trabalhos de grupos, debates, seminários. (...) Para a preleção a biblioteca tem função

⁵⁴ O *Suplemento Literário* era originalmente uma espécie de caderno à parte que acompanhava os jornais. Continha matérias especiais sobre assuntos diversos ligados ao campo das artes e da literatura - literatura, cinema, artes plásticas, teatro, música. O Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG) foi criado em 1966 pelo então governador Israel Pinheiro e era entregue junto ao *Diário Oficial do Estado*, o *Minas Gerais*, distribuído gratuitamente por todo o Estado. Disponível em: <http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/index.php/pt-br/suplemento-literario/o-que-e-suplemento-literario>. Último acesso em: 05 jun. 2020.

limitada. Já os trabalhos de grupo, debates, seminários, as perguntas e interpretações da própria discussão conduziam à consulta de fontes variadas.

Ainda de acordo com a professora Alaíde Lisboa, funcionaram no Colégio, nos anos de 1960 e 1961, duas classes especiais nos modelos das Classes Experimentais⁵⁵ do MEC. Nessas classes, seriam experimentadas práticas inovadoras no primeiro ciclo secundário. As classes foram organizadas pelos próprios professores e coordenadas pela professora Magda Soares, que deu ênfase às línguas e pela professora Berenice Menegale⁵⁶, que tinha como projeto para uma turma o ensino da música. Foi uma experiência de reorganização do currículo, em que a escola tinha autonomia para acrescentar atividades ao currículo existente, desde que garantisse o mínimo exigido legalmente. Os professores que assumiram essas turmas se reuniram com a coordenação para planejar e avaliar o trabalho desenvolvido. Essas classes funcionaram durante dois anos, pois em 1962 passaram a integrar o novo currículo da lei 4024 de 1961 (COLLARES,1989).

A Lei de Diretrizes e Bases de 1961 (4024/61) apresentou novas diretrizes para o ensino e requereu um processo de reorganização. Com isso, pode-se dizer que o Colégio passou por uma renovação na sua forma de se estruturar. É relevante destacar uma diretriz apresentada no artigo 46, no parágrafo 2º da nova legislação, que previa uma espécie de atualização das atribuições ao ciclo colegial:

A terceira série do ciclo colegial será organizada com o currículo diversificado, que vise ao preparo dos alunos para os cursos superiores e compreenderá, no mínimo, quatro e, no máximo, seis disciplinas, podendo ser ministrada em colégios universitários⁵⁷.

Nesse sentido, foi iniciada uma discussão no âmbito da Faculdade de Filosofia para integrar o seu Curso Vestibular ao Colégio de Aplicação. Sobre tal aspecto,

⁵⁵ As Classes Experimentais foram instituídas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) a partir de 1958. Tinham por objetivo ensaiar aplicações de novos métodos pedagógicos, processos escolares, bem como de tipos de currículo compatíveis com a legislação do ensino médio. As experiências educativas realizadas nessas classes utilizavam estratégias didáticas escolanovistas: trabalhos de pesquisa, estudos do meio, atividades em equipe, conselhos de classe, integração entre disciplinas e saber e constituição de turmas menores de alunos (COLLARES, 1989).

⁵⁶ Berenice Menegale é professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais. Pianista formada pela Academia de Música de Viena, participou da constituição do Festival de Inverno da UFMG, em 1967. Além disso, foi a criadora da Fundação de Educação Artística, em 1963, onde ocupa a posição de diretora executiva. Disponível em: <http://revistasagarana.com.br/berenice-menegale/>. Último acesso em: 06 jun. 2020.

⁵⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm

Collares ressalta que “a partir de 1962, as substituições de professores no Colégio de Aplicação passaram a ser feitas pelos professores do Curso Vestibular” (COLLARES, 1989, p. 152). Assim, em 1963, o Curso Vestibular começou a integrar as terceiras séries do segundo ciclo secundário. As turmas foram agrupadas de acordo com o interesse dos estudantes pelo curso superior a que aspiravam. O currículo científico se direcionava às áreas de ciências biológicas e ciências exatas e o currículo clássico às de letras e ciências sociais. Constatamos, aqui, uma reestruturação do curso colegial para atender as demandas de preparação dos alunos para os vestibulares, o que justifica a pressão da comunidade por um número maior de vagas no Colégio, pois era quase garantido o sucesso desses alunos no vestibular, conforme o relato do professor Paulo Wanner: *lembro-me, com muita satisfação, de uma turma do Colégio de Aplicação em que todos passaram no vestibular. Apenas uma aluna não passou, mas não poderia ter passado, porque se casou e não fez o vestibular.* Ele ainda complementou: *era um colégio famoso em Belo Horizonte, porque quase todos os alunos que estudavam no Colégio de Aplicação não faziam “cursinho” para entrar na UFMG. Eles faziam o vestibular e eram bem sucedidos porque eles já tinham tido acesso a todos os conteúdos cobrados na Universidade.* O segundo ciclo ginásial servia como preparatório para ingressar nos diversos cursos da universidade, o que conferiu relevância ao Colégio.

Assim, a crescente procura da comunidade pela instituição fez a Direção, em 1964, encaminhar um pedido à congregação da Faculdade de Filosofia para ampliar suas instalações. A solicitação previa tal ampliação por meio da utilização do espaço físico da escola e da abertura de mais turmas no noturno. Além disso, houve o requerimento de ampliação das turmas do diurno com a utilização de salas do Edifício Acaiaca. Entretanto, o pedido foi recusado pela congregação, que alegou uma crise financeira (COLLARES, 1989).

Outra questão merecedora de destaque é que o Conselho Federal de Educação, órgão criado por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 4024/61), recomendou, por meio do Parecer do CFE n.º 292/62, que a Prática de Ensino realizada por alunos matriculados no curso de Didática deveria se realizar, de preferência, em escolas da comunidade, dispensando a exigência legal da criação dos Colégios de Aplicação. De acordo com Kinpara (1997), as medidas tomadas por meio do Parecer CFE n.º 292/62 ocorreram devido às críticas aos Colégios de Aplicação, que eram vistos como escolas de elite inacessíveis à maior parte da população que frequentava o Ensino

Médio. Com essa medida, houve uma ampliação das Faculdades de Filosofia em todos o país, pois não haveria mais a obrigatoriedade da criação de um colégio anexo, o que ampliava os custos. Além disso, os Colégios de Aplicação foram desobrigados das características de um órgão de aplicação e redefinidos como órgãos de experimentação e demonstração. Aqui nos cabe questionar: o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais manteve os seus objetivos iniciais? Tais objetivos foram ampliados? E como foram norteados? Como ficou a relação do Colégio com a Faculdade de Filosofia?

As mudanças ocorridas no Colégio de Aplicação desde sua transformação de Ginásio em Colégio, em 1958, e com as novas diretrizes da Lei 4024/61 e o Parecer CEF nº 292/62, estão presentes no Regimento da Faculdade de Filosofia, aprovado pela congregação em julho de 1963 e pelo Conselho Federal de Educação em março de 1964. É possível constatar por meio das informações contidas nesse documento que os objetivos do Colégio sofreram um movimento de ampliação. O Regimento da Faculdade de Filosofia, no seu Título X, dedicado ao Colégio de Aplicação⁵⁸, traz, no seu primeiro capítulo, a constituição, as finalidades e funcionamento que o Colégio passou a assumir:

Art. 219 – A Faculdade de Filosofia manterá o Colégio de Aplicação, que poderá compor-se dos seguintes cursos:

- a) grau médio, instituídos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- b) de reforço e extensão de grau médio;
- c) de outros graus de ensino, quando necessários ao funcionamento dos cursos profissionais médios ou às experiências pedagógicas.

Parágrafo Único: A instalação e funcionamento de qualquer curso mencionado no artigo dependerá de aprovação da Congregação.

Art. 220 – O Colégio, além de ministrar o ensino médio, destina-se:

- a) ao estudo, observação, prática e estágio docente dos alunos que se destinam à licenciatura;
- b) aos trabalhos de pesquisa na área pedagógica e psicológica;
- c) ao estudo e experimentação de métodos e processos de ensino e currículos pedagógicos;
- d) à documentação sobre experiências de ensino médio;

Parágrafo Único: O estágio docente dos alunos será feito sob a supervisão e orientação do catedrático de Didática.

Deste modo, o novo regimento alargou as relações institucionais entre a Faculdade de Filosofia e o Colégio de Aplicação por meio da criação da congregação da escola, que seria presidida pelo diretor do Colégio e constituída por professores do

⁵⁸ Esse documento encontra-se nos arquivos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais.

ensino secundário, horistas⁵⁹ lotados no Colégio e supervisores dos cursos, que seriam designados pelo Diretor. Esses poderiam ser professores do Colégio ou auxiliares de Ensino de Didática da Faculdade, sendo essa escolha aprovada pela congregação do Colégio e pelo Conselho de Representantes Departamentais. Tal Conselho era constituído por um professor de cada departamento da Faculdade, indicado por seus pares. A partir de então, o Colégio passou a ter seu próprio regimento interno, que deveria ser aprovado pela congregação da Faculdade de Filosofia. Outro aspecto importante diz respeito à direção do Colégio, que passou a ser de responsabilidade de seu Diretor (o professor de Didática da Faculdade de Filosofia) e da Congregação da instituição. O diretor da Faculdade de Filosofia exerceria a fiscalização do Colégio. Pelo novo regimento da Faculdade de Filosofia, havia maior abertura para uma interação entre o Colégio de Aplicação e a Faculdade. Além disso, foram construídas maiores possibilidades de relação entre os professores do que anteriormente, permitindo a realização de pesquisas e experimentação. Contudo, de acordo com Collares (1989), o favorecimento desse diálogo não foi o suficiente para que ele se efetivasse na prática, permanecendo uma atuação paralela entre os docentes.

Ainda sobre a estrutura administrativa da instituição, de acordo com o primeiro Regimento Interno do Colégio de Aplicação, ficou estabelecida a seguinte organização: Direção, Auxiliar de Administração, Secretaria, Tesouraria, Auxiliares de disciplinas, Corpo Docente, Orientação Educacional e Corpo Discente. A direção ficou a cargo do professor catedrático da cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia, cujas funções seriam exercidas de acordo com a lei nº 9053 de 1946. Cabia ao diretor a administração geral do Colégio, presidindo todas as atividades escolares, o trabalho com os professores e os alunos, a orientação educacional e demais relações da comunidade escolar com a vida exterior ao Colégio. Ao Auxiliar de Administração, que era o cargo do Vice-Diretor, estava delegado coadjuvar o diretor na administração, nos trabalhos escolares e nos demais atos para os quais fosse convocado pelo diretor. O secretário, que seria escolhido pelo diretor, era responsável por toda a atividade de escrituração, arquivo, fichário e correspondências. À Tesouraria competia a tarefa da escrituração do movimento econômico e financeiro do Colégio. Já os auxiliares de disciplina eram responsáveis por cumprir as determinações do diretor, do vice-diretor, do secretário e do

⁵⁹ O professor horista era contratado exclusivamente para dar aula. O salário desse professor era calculado pelo número de aulas ministradas.

tesoureiro, zelando pela disciplina geral dos estudantes dentro do Colégio e em suas imediações. Os auxiliares de disciplina foram lembrados pelos ex-alunos, como Rafael: *Tinha o caça-gazeteiro, que era o Cristóvão. A aula começava, ele saía ali pelas ruas próximas procurando aluno que estivesse matando aula. Se achasse alguém, ele pegava e ligava para o pai e para a mãe. Ele tinha outras funções, mas uma delas era ficar correndo atrás dos meninos que estivessem matando aula pela rua. Ele ficava andando pelas ruas do bairro, de olho.*

O Colégio de Aplicação contou também com o Serviço de Orientação Educacional⁶⁰. A esse Serviço competia pesquisar as causas de insucessos dos discentes nos estudos, auxiliá-los a conhecer as oportunidades educacionais na cidade, além de levar os alunos a conhecer as profissões e a compreender os problemas do mundo do trabalho. Ao Serviço de Orientação cabia ainda contribuir no preparo dos estudantes para a vida em comunidade e na cooperação com os professores e com a direção, além de organizar atividades extracurriculares, entre outras. É importante destacar que o serviço de orientação educacional no ensino secundário brasileiro se tornou obrigatório, a partir de 9 de abril de 1942, por meio do Decreto-Lei nº 4.244. Em seu artigo 81, estabeleceu que “É função da orientação educacional, mediante as necessárias observações, cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha da profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos [...]”. Assim, pode-se dizer que os serviços de orientação profissional descritos no regimento do Colégio de Aplicação encontravam-se condizentes com o objetivo apresentado na legislação. O serviço de orientação foi ampliado, passando a ser oferecido o Serviço de Orientação Educacional e Vocacional. A esse respeito, a ex-aluna Gilvânia contou: *A gente fazia teste vocacional. A orientadora Maria Leonor relatou o trabalho desenvolvido nesse setor da escola.*

Eu entrei para ser orientadora, para aplicar os testes psicológicos e de personalidade. Para auxiliar os alunos na orientação vocacional. Realizava o perfil manifestado nos resultados e a avaliação de traços de personalidade que influenciaram em suas escolhas. Às vezes o menino queria fazer Arquitetura, por exemplo, e o teste de inteligência espacial não tinha dado um resultado que indicaria ciências exatas. Então

⁶⁰ Não sabemos ao certo a partir de quando esse serviço passou a ser oferecido pela instituição. Encontramos um documento de 1962 com referência ao serviço, porém ele foi citado por ex-alunos de 1959. Acreditamos que o serviço foi implantado a partir de 1958, quando a instituição se transformou em Colégio de Aplicação.

eu discutia e mostrava que tipo de aprendizado ele tinha que ter para alcançar o objetivo. Muitas vezes, queriam uma profissão que era a mesma do pai. Na minha casa, por exemplo, o meu tio falava com a minha mãe: “por que você não colocou essa menina pra fazer Medicina?” Verificava e discutia com eles se os resultados coincidiam ou não com seus interesses pessoais. Muitas vezes, os alunos nos procuravam para falar das dificuldades pessoais, às vezes até de namoro, estavam gostando de uma menina... Mas, pelo menos desabafavam.

Diante disso, inferimos que o setor de orientação desenvolvia uma orientação vocacional que se dava por meio de diferentes estratégias. As atividades desenvolvidas pelo setor de orientação reforçam a ideia de que o ensino secundário no Colégio de Aplicação tinha principalmente uma função propedêutica.

Por fim, chamamos a atenção para uma significativa ocorrência no campo político que também proporcionou novos movimentos para o Colégio. Trata-se da instauração da ditadura civil-militar de 1964, a partir da qual a instituição teve uma nova fase. A escola viveu grandes tensões geradas pela política autoritária e repressiva do novo regime de governo. Foram fechados o Grêmio Estudantil e o Cine-club e, para agravar mais a situação, em 1965 grande parte dos professores deixou de lecionar no Colégio de Aplicação para participar do recém-criado Colégio Universitário. O Colégio Universitário oferecia apenas a terceira série do colegial. Diferentemente dos cursos de preparação ao vestibular existentes na UFMG, era uma "experiência pedagógica que permitiria o amadurecimento do aluno, sua maior consciência da realidade nacional e regional, preparando-o para realizar o curso superior em melhores condições de desenvolvimento (intelectual, social, cultural)" (COLLARES, 1989, p. 172). O professor Clemenceau considerou-a uma experiência exitosa:

Esse colégio foi um sucesso, completamente diferente do padrão de Belo Horizonte. Apesar de ter o Estadual, que era excelente, o Aplicação que era excelente. Também tinha os ótimos colégios privados, como o Loyola, o Dom Silvério⁶¹, o Santo Antônio, eram colégios muito bons. Mas o Colégio Universitário chegou a tal ponto que as pessoas diziam assim: “quantas vagas tem na Federal? Se tem 3.500, tem que tirar as 800 vagas do Colégio Universitário e as vagas são as que sobrarem”. Pois todos os alunos passavam direto na UFMG.

⁶¹ Colégio Marista Dom Silvério, localizado no bairro São Pedro em Belo Horizonte. Faz parte da rede privada de ensino. Fundado em março de 1950, é mantido pelos Irmãos Maristas. Oferece da Educação Infantil ao Ensino Médio. <https://marista.edu.br/domsilverio/> Último acesso em: 12 jun. 2019.

A criação do Colégio Universitário foi inovadora para a Universidade, que já o desejava antes. Entretanto, provocou significativas mudanças no Colégio de Aplicação. De acordo com a orientadora Maria Leonor, os seus alunos se sentiram órfãos quando os professores da instituição começaram a se deslocar para o novo colégio da universidade: *Quando fui selecionada, em agosto de 1965, trabalhei com alunos dos cursos Clássico e Científico. Quando cheguei ao Colégio de Aplicação, encontrei uma situação bem complicada. Com a fundação do Colégio Universitário em 1965, muitos professores do Colégio de Aplicação foram convidados a trabalhar no Colégio Universitário. Os meninos se sentiam órfãos, porque eram bons professores. Foi complicado e é até difícil de falar, mas os professores que os substituíram eram mais jovens ou talvez recém formados.*

Assim, o Colégio de Aplicação passou por uma reestruturação no seu corpo docente com a saída desses professores para o Colégio Universitário e o trabalho do serviço de orientação foi fundamental para reerguer os ânimos dos estudantes diante de tantas perdas. A orientadora Leonor compartilhou conosco essa experiência: *Eu peguei um período de crise na escola. Os alunos estavam, num certo sentido, revoltados com as duas mudanças importantes: a mudança dos professores que foram para o Colégio Universitário e a mudança política do país. Para isso, realizávamos entrevistas espontâneas sobre as dificuldades pessoais ou de aprendizagem, inclusive ligadas a relacionamentos com professores, questões de metodologia, ou situação de desconforto em relação à situação política do país (pós-golpe militar de 1964) e sua influência na educação. Realizávamos reuniões de turmas em que manifestavam a apreensão em relação à criação do Colégio Universitário no Campus da Pampulha e à transferência de muitos professores considerados excelentes na facilitação da aprendizagem. Conversava muito com eles, então é lógico que nessas conversas eles foram expondo tudo que sentiam com essas mudanças. Pela minha história de vida, achei que tinha que fazer alguma coisa, tentar mudar a situação.*

Percebemos que, mesmo com toda a tensão gerada pelo período da ditadura militar e os impactos sentidos dentro da escola, o trabalho de escuta dos alunos, a consideração do ser humano em toda a sua essência naquele momento fez diferença. A escola não se fazia somente de conteúdos acadêmicos desprovidos de relação e interações sociais, a valorização humana garantiu sucesso ao Colégio. O trabalho

desenvolvido pelo Serviço de Orientação Educacional e Vocacional (Soev) foi fundamental para o desenvolvimento humano.

O ex-aluno Eduardo Belizário destacou o Soev como um serviço particularizado, de cuja existência não tinha conhecimento em outras escolas: *Havia colegas nossos que eram acompanhados quase todos os dias com entrevistas particulares, dentro de sala fechada, para preparar o aluno dentro do próprio lar, para saber lidar com o problema dos pais em casa. Isso eu nunca vi em outras escolas e marcou minha vida. A ex-aluna Ana Maria também acentuou a importância do trabalho desenvolvido pelo Serviço de Orientação Educacional e Vocacional em sua vida escolar: Tínhamos duas orientadoras. A primeira orientadora era muito rígida, a segunda orientadora era mais “orientadora”. Não podíamos chegar atrasados, e eu tinha mudado para o Dom Cabral⁶². Na época não tinha ônibus, perto da PUC; era um ônibus que aparecia o dia e a hora que ele queria. Imagina a distância que era, porque antes eu morava no Funcionários⁶³.*

Saía de casa em torno das dez e meia da manhã para chegar à uma hora da tarde na escola. Não sabia a que hora que o ônibus ia passar: dez e meia, onze, meio dia. No dia que ia ter uma prova, quando cheguei à escola dois minutos atrasada e não ia poder entrar, já não queria nem entrar. Só queria chorar, de tanta angústia: ter ido da minha casa até lá e perder uma prova, naquela época não tinha reposição de prova porque estava dois minutos atrasada. Chorei tanto!

Já tinha trocado a orientadora, ela resolveu me perguntar por que é que eu estava chorando tanto, aí falei com ela: “Saí de casa às dez e meia da manhã, estou sem almoçar, venho sem almoçar, não dou conta disso aqui.” Tinha outra menina que era a Etelevina, que também morava longe, no Santa Efigênia⁶⁴, não sei, ela chamou a

⁶² O Bairro Dom Cabral é uma homenagem ao primeiro bispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral. Seu terreno pertencia ao Seminário Coração Eucarístico e foi vendido ao município em 1964. Seus habitantes inicialmente foram principalmente funcionários públicos, pois tinham um auxílio de um programa habitacional. Situa-se na região Noroeste de Belo Horizonte. http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NoroesteCompleto.pdf Último acesso em: 01 maio de 2019.

⁶³ O bairro Funcionários é um dos bairros mais antigos da Capital mineira. Localizado na região Centro-Sul, é referência cultural e histórica de Belo Horizonte. Fundado em 1896, foi planejado para receber os funcionários públicos recém-chegados à capital. Situa-se na região Centro-sul de Belo Horizonte. https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de_governo/cultura/CentroSulCompleto.pdf Último acesso em: 01 maio de 2019.

⁶⁴ O Bairro Santa Efigênia, antigo Quartel, pertence à região leste de Belo Horizonte. O bairro abriga a área hospitalar. Sua história está ligada a construção do 1º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, na Praça Floriano Peixoto. Seu nome é uma homenagem a Santa Efigênia, padroeira dos militares. <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/cultura/LesteCompleto.pdf> Último acesso em: 01 maio de 2019.

gente para conversar e falou: “bom”. Como tinha gente que ia de motorista para a escola, e a gente tinha que ir de ônibus, ela falou: “então, nesse caso...” Ela fez as exceções que a escola não fazia antes porque não havia necessidade.

Eu não chegava atrasada, tinha a caderneta na entrada, então ela começou a ter um olhar para a diversidade que tinha na escola, que era mais nisso do que em outras coisas. Como a prova era muito exigente, a gente tinha o nível intelectual muito homogêneo, não tinha diferenças na sala. Foi aí que a escola começou a ter esse olhar considerando: “um pouco mais, espera lá, aqui tem gente diferente”.

Nunca abusamos de chegar atrasados por chegar, mas já tinha essas questões e tinham cuidado com o aluno, entendiam que a gente ainda era menor de idade, e que a Fafich viu polícia, aquela confusão lá na porta da Fafich, você imagina isso na época de 68. Valorizo hoje quando percebo que a escola tinha esse cuidado.

O que observamos aqui é que o Colégio era uma escola rígida, mas valorizava e se preocupava com a formação humana. Tinha um olhar diferenciado para os alunos. E em meio à ditadura, após o fechamento do Grêmio e do Cine-clubes, a orientadora Maria Leonor teve um papel importante de incentivo e reestruturação das atividades que havia no Colégio. *A minha atuação em relação a esse coletivo foi mais criar um clima de mais liberdade e incentivar o Cine-clubes, em que filmes como Deus e Diabo na Terra do Sol, Morte e Vida Severina, La Dolce Vita e As Noites de Cabíria, de Federico Fellini, Morangos Silvestres⁶⁵, de Ingmar Bergman, etc., fossem utilizados como literatura e ao mesmo tempo permitindo uma análise do contexto dos filmes. Isso valeu uma gratificação, a expressão de um aluno: “já mudou o clima com a chegada da senhora”. Quer dizer, é toda a minha história que me permitiu atuar dessa forma. Isso está guardado aqui no coração.*

Maria Leonor fez um relato do trabalho realizado com os pais e com os professores que originou o conselho de classe. *Outro trabalho que realizei nesse período do Colégio de Aplicação foi o atendimento aos pais. Eles traziam suas preocupações em relação aos filhos e queriam orientação sobre alguns procedimentos com os adolescentes. Realizamos, também, um trabalho, juntamente com os professores de avaliação coletiva, que posteriormente denominou-se conselho de classe. Era feita*

⁶⁵ Sobre os filmes citados: *Deus e o diabo na terra do sol* é uma produção brasileira de 1964, dirigida pelo prestigiado cineasta Glauber Rocha. Já *Morte e Vida Severina* foi escrito e dirigido por Zelito Viana em 1977. As produções italianas *La dolce vita* (1960) e *As Noites de Cabíria* (1957) foram dirigidas por Federico Fellini e *Morangos Silvestres*, filme sueco de 1957, contou com Ingmar Bergman como seu roteirista e diretor.

uma avaliação não só de rendimento intelectual, mas também psicoemocional, o que me permitiu uma participação mais efetiva.

É possível notar que o Colégio demonstrava comprometimento não apenas com os alunos, mas também com seus familiares. Sente-se a presença de uma preocupação em construir uma relação aberta com essa comunidade, que cada vez mais procurava e passava a disputar uma vaga nessa instituição. Somada a essa característica, é relevante destacar a posição de reconhecimento de que a instituição já desfrutava na cidade de Belo Horizonte. Assim, no ano de 1965, o Colégio empenhou-se em um movimento de expansão. Foram ampliadas as vagas para os cursos Clássico e Científico no noturno. Além disso, foi criado o curso Normal, com duas turmas no primeiro ano. Esse curso era regido pela legislação estadual, ao passo que os cursos Ginásial e Colegial adotavam regulamentação em nível federal.

3.2 – Um “verdadeiro vestibulinho para entrar”: o exame de Admissão no Colégio de Aplicação

O ingresso dos estudantes no Colégio de Aplicação ocorria por meio de exame de admissão. Segundo o professor Paulo Wanner, era *um concurso muito duro e concorrido, por isso, tínhamos alunos excepcionais*. Assim, tal exame acabou se tornando uma das estratégias centrais na construção da excelência acadêmica da instituição. O concurso de admissão foi estabelecido pelo decreto 19.890, de 18 de abril de 1931, referente à organização do ensino secundário, tornando-se, a partir dessa legislação, obrigatório para o acesso ao ginásio. Criado na Reforma Francisco Campos, determinava idade mínima de 11 anos para o ingresso no primeiro ano ginásial e a aprovação no concurso com classificação suficiente para que o estudante pudesse efetivar a matrícula. A prova para o ingresso de novos alunos no ginásio vigorou durante 40 anos e ao longo desse período sofreu alterações legais em sua forma e conteúdo. Dentre as modificações, podem ser destacadas duas reformas que reestruturaram o ensino secundário: a Lei Orgânica de Capanema nº 4244, em 1942, e a lei de Diretrizes e Bases nº 4024, de 1961. No entanto, segundo Minhoto (2008, p.451), “nenhuma das normas extinguiu o ritual de passagem entre os dois âmbitos de ensino”. O exame teve fim em 1971, com a promulgação da Lei nº 5692, quando foi implantado

o ensino obrigatório de 1º grau, com duração de oito anos, integrando o primário e o ginásio em um único ciclo de estudos.

No que se refere ao significado do exame de admissão naquele contexto, Clarice Nunes (1980) avalia que sua importância era similar à aprovação em exames vestibulares, caracterizando-se como uma espécie de bilhete de acesso a uma certa posição social. Aproximando-se da argumentação da autora, em seu depoimento, Gilvânia Westin, ex-aluna do Colégio de Aplicação, afirmou: *O Colégio de Aplicação, como o Estadual, tinha verdadeiros vestibulinhos para entrar. Fazíamos prova, era a prova de admissão, fazíamos o curso de Admissão. Como entrei⁶⁶ com sete anos, fiz aula particular.* Nessa fala, há vestígios da existência de uma preparação particular por parte dos alunos que pleiteavam o ingresso no Colégio para a realização do exame. Além disso, tal processo de preparação poderia transcorrer por um longo tempo, como foi o caso, por exemplo, da ex-discente Paula Apgaua.

Terminei o grupo, fiz um Curso de Admissão de dois meses e fui fazer a prova. Então, fiz o Exame de Admissão no Colégio Estadual. Não passei. Perdi por causa da Matemática. Nas outras matérias fui bem e na Matemática fui mal. Fiz um ano de Curso de Admissão. Tentei o Estadual de novo. Perdi novamente, nos problemas de aritmética. Para não perder mais tempo, fiz por mais dois meses o Curso para o Exame de Admissão, no Colégio Izabela Hendrix⁶⁷.

Com o objetivo de alcançarem o sucesso no exame e, assim, ingressar na instituição, os alunos utilizavam-se de formas diversas de qualificação para o concurso. Aulas particulares, como no caso de Gilvânia, ou cursinhos preparatórios, como para a ex-aluna Camélia Cassimiro, eram recursos amplamente utilizados. Sobre sua experiência com o processo de preparação, Camélia narrou: *Até a metade do ano de 1961, fiz o curso de admissão no Colégio São Paulo⁶⁸. No segundo semestre do mesmo*

⁶⁶ Gilvânia quis dizer que entrou na escola pela primeira vez com sete anos.

⁶⁷ O Colégio Metodista Izabela Hendrix foi fundado em 5 de outubro de 1904 por Miss Marta Watts, missionária metodista americana. A escola era só para mulheres até o ano de 1967, quando se tornou mista. Inicialmente, sua missão era dar às mulheres a capacitação para intervenção na vida social. Situada à Rua Espírito Santo, 2055, Lourdes. <http://colegiometodista.g12.br/izabelahendrix> Último acesso em: 27 mar. 2019. Após 116 anos de história, o Colégio encerrou suas atividades em dezembro de 2020. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/28/interna_gerais,1189630/colégio-izabela-hendrix-fecha-as-portas-apos-116-anos-de-historia.shtml Último acesso em: 20 fev. 2021.

⁶⁸ O Colégio São Paulo foi fundado em fevereiro de 1939. É dirigido pela congregação das irmãs Angélicas. Fica situado à Rua Eduardo Pôrto, 488, Cidade Jardim em Belo Horizonte. <https://colegio-sao-paulo-irmas-angelicas-bh.negocio.site/#posts> Último acesso em: 17 abr. 2019.

ano, continuei a estudar em um “cursinho” chamado Gabriela Mistral⁶⁹, para me preparar para fazer a seleção do Colégio de Aplicação.

No que diz respeito ao modo como esses concursos ocorriam no Colégio de Aplicação, até 1958 o livro de Ata do Exame de Admissão ao Ginásio do Colégio apresenta duas listagens de candidatos de dois editais distintos para o mesmo ano letivo. O primeiro exame era realizado em dezembro e o segundo em fevereiro. A partir de 1959, passou-se a realizar somente uma seleção de candidatos em dezembro, o que permaneceu até 1963. De 1964 a 1967, o exame foi realizado somente em fevereiro. Já de 1968 a 1972 o exame voltou a ocorrer em dezembro, com apenas uma etapa. O primeiro exame de admissão do Colégio de Aplicação, em fevereiro de 1954, totalizou 23 candidatos inscritos⁷⁰. Os candidatos eram submetidos a provas de Português, Aritmética, Geografia e História, em modalidade escrita e oral, e, de acordo com Collares (1989), necessitavam alcançar média igual ou superior a 7,0 para a aprovação. Constatamos, porém, que os alunos que obtiveram média superior a 5,0 nesse exame foram aprovados, pois seus nomes constam no livro de registro de matrículas. Já no exame de dezembro de 1955, para entrada em 1956, os candidatos com média superior a 4,0 foram aprovados. O primeiro exame foi aplicado nos dias 22, 24, 25 e 26 de fevereiro de 1954 e 10 candidatos foram aprovados; houve 2 desistências e 11 candidatos reprovados. A banca de examinadores era composta pelo inspetor federal, que era o diretor da Faculdade de Filosofia, e cinco professores do Colégio de Aplicação, sendo um de cada área. Constatamos que, até o ano de 1957, os professores da banca de avaliação eram os próprios docentes do Colégio. A partir do exame de 1958, a banca passou a ser formada, além dos professores da instituição, também por docentes da Faculdade de Filosofia. É relevante assinalar que o exame para ingresso no ano de 1962 comportou certa singularidade. Nesse concurso, a banca examinadora foi composta exclusivamente por professores da Faculdade de Filosofia, sendo três deles docentes do Curso de Didática. É interessante ressaltar essa participação dos professores da Faculdade tendo em vista que a legislação⁷¹ somente indicava que as bancas examinadoras deveriam ser formadas por professores do quadro docente da escola.

⁶⁹ Não encontramos referências sobre esse cursinho.

⁷⁰ Esse exame está identificado no livro de Ata do Exame de Admissão ao Ginásio de 1953 a 1968 como Ata Geral de Exames de Admissão, realizados na segunda época de 1953. Os exames realizados em dezembro recebiam o nome de exames de admissão de primeira época e os realizados em fevereiro de exame de admissão de segunda época.

⁷¹ BRASIL. Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências.

Ademais, a partir de 1959, foi estabelecido que esses professores deveriam ser “escolhidos de preferência entre os da 1ª série ginasial⁷²”. Diante disso, fica uma interrogação a respeito do real interesse nessa seleção a partir da participação dos professores do curso de Didática na composição da banca examinadora.

No primeiro ano de funcionamento do Ginásio de Aplicação, havia 18 alunos matriculados no primeiro ano⁷³, 12 alunos no segundo ano, 5 alunos no terceiro e 4 alunos no quarto, totalizando 39 alunos nas quatro turmas. Sublinhamos que o processo de seleção para ingresso no Colégio de Aplicação não ocorria somente para o primeiro ano. Conforme o depoimento do ex-aluno Carlos Braga, o concurso de admissão deveria ser realizado pelo candidato independentemente do ano de escolarização no qual ele pretendia ingressar: *Entrei para o Colégio de Aplicação em 1961, na antiga 3ª série ginasial. Fiz o concurso. Eram duas vagas para a 3ª série do Ginásio. Eu passei e ocupei uma das duas vagas; a outra vaga foi ocupada em 1º lugar pelo colega Eduardo Belisário.*

Na perspectiva de proporcionar aos seus candidatos uma melhor condição de realização do exame, a escola ofertou, em janeiro de 1955, um curso intensivo de admissão. A professora Aloys de Meira, recém-formada pela Faculdade de Filosofia, recebeu uma proposta para ministrar aulas de Matemática na primeira turma, segundo seu relato.

No fim de 1954, perto do Natal, encontrei com a Marina Veloso, que era secretária da Faculdade de Filosofia, e ela falou assim para mim: “Aloys, tenho uma proposta fantástica para te fazer. Não é para você ganhar nada, mas você vai ter que dar aula no Admissão no mês de janeiro, mês de férias! Ninguém quer, ninguém quer. Mas estou te fazendo essa proposta, porque vou te falar, é coisa de futuro! Pode aceitar!” Aceitei, vim aqui para a Rua Carangola, para o Colégio de Aplicação, no mês de janeiro. Comecei dando aula para uma turma, deveria ter uns 40 alunos mais ou menos. Os alunos foram muito bem, e parece que houve um pedido dos outros professores de Matemática e Português que dessem mais um reforço para os alunos aprovados no exame de admissão. Então, eu e mais um professor de Português

⁷² BRASIL. Circular nº 3, de 11 de novembro de 1959. Expede instruções para a execução da Portaria nº 325, de 13 de outubro de 1959.

⁷³ Encontramos, no livro de registro de matrículas do primeiro ano do ginásio de 1954, os nomes de 18 alunos. Não tivemos acesso a documentos que informem como os 8 alunos cujos nomes não constam como aprovados no exame de admissão ingressaram no ginásio. Também não há registro de admissão para as outras séries do ginásio.

entramos para dar aula lá, e quando foi no fim de janeiro... E isso, eu não ganhava nada. No fim de janeiro me convidaram para continuar a fazer aquele curso durante um ano, e então aceitei, estava gostando de lá, eu aceitei; formaram duas turmas, e logo encheu de gente.

Para o ingresso no ano seguinte (1955), inscreveram-se, na segunda época de admissão⁷⁴ (fevereiro de 1955), 52 candidatos para a realização das provas. Desses, 19 foram aprovados, embora o livro de matrículas daquele ano apresente o registro de mais 16 alunos. O exame de admissão do ano de 1956 contou, na primeira época (dezembro de 1955) com 43 candidatos, e na segunda época (fevereiro de 1956) com 50 candidatos, somando 93 concorrentes. Na ocasião, verificamos a presença de 26 proponentes acima da média 4,0 na primeira época e 22 na segunda época, totalizando 48 candidatos. Entretanto, em função da existência de apenas uma turma do ginásio naquele momento, apenas 36 puderam efetivar suas matrículas. Constatamos que a efetivação da matrícula se deu pelo critério da média e, também, a partir da desistência, pois houve um candidato com média 4,6 cujo nome não consta no livro de matrículas. Contudo, um candidato com média 4,4 teve seu nome registrado no livro de matrículas. Para o ano letivo de 1957, foram realizados dois exames de admissão, em dezembro de 1956 e em fevereiro de 1957, perfazendo um total de 107 candidatos e 51 aprovados⁷⁵.

Em 1958, com a conclusão da primeira turma do ginásio, o Colégio de Aplicação ampliou suas vagas e passou a oferecer os cursos Científico e Clássico. O número de candidatos para o exame de admissão ao ginásio também foi crescente a cada ano o que, conseqüentemente, aumentou a quantidade de aprovações. Foram extintas as duas etapas de realização do concurso e para o ano de 1960 a média mínima para aprovação passou para 5,0 pontos. Além disso, também foram retiradas do processo seletivo as provas orais de Geografia e de História, permanecendo, para essas duas matérias, somente a prova escrita. Com o crescimento da procura pelo colégio, ampliaram-se as vagas, gradativamente, objetivando a formação de duas turmas. Em 1962, houve uma nova mudança: as provas orais de Português e Aritmética do exame também foram abolidas. Pode-se cogitar que entre os motivos para tal alteração estava o aumento significativo de candidatos ao concurso. Nesse mesmo ano, foram registradas

⁷⁴ O livro de Ata do Exame de Admissão ao Ginásio 1953 a 1968 não traz registro de exames de primeira época para os anos de 1954 e 1955.

⁷⁵ Todas essas informações estão nos livros: Ata do Exame de Admissão ao Ginásio 1954 a 1968 e Registro de Matrícula Curso Ginásial 1954 a 1964. Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

150 inscrições, uma média de quase 50% a mais do que em anos anteriores. Aqui cabe fazer uma ponderação: não havia, até aquele momento, um regimento interno oficial do Colégio que apresentasse diretrizes mais específicas a respeito do exame de admissão. Foi somente em 1963 que o regimento da Faculdade de Filosofia permitiu oficialmente a criação desse regimento. O regimento interno do Colégio tem número de processo 64/65, o que indica que o documento passou a vigorar oficialmente apenas em 1964. Em seu capítulo XIV, art. 43, que trata do exame de admissão, consta que os alunos deveriam realizar provas escritas de Português, Matemática, Geografia e História e provas orais de Português e Matemática. Entretanto, na prática, e pelo que consta no livro de registro do exame de admissão do ano de 1962, as provas orais já haviam sido extintas. Parece-nos que o Colégio já funcionava segundo um regimento interno, que sofreu algumas modificações para aprovação, mas nem tudo foi retificado de acordo com a prática que estava em vigor no momento.

Assim, a regulamentação interna sobre o exame de admissão apresentava disposições gerais como o período de realização, a forma dos exames, a documentação exigida para a inscrição. Além disso, discorria também sobre o detalhamento dos conteúdos das provas e até mesmo sobre a correção, buscando, assim, conformidade com os exames de admissão no país. Isso só se modificou a partir de 1965, com a Circular nº 973⁷⁶, que em seu Artigo 1º não mais indicava a prova como única forma de acesso ao ensino secundário.

Art. 1º - O exame de admissão tem por objetivo verificar se o candidato possui satisfatória educação primária para ingressar na primeira série ginasial.

Parágrafo único – O exame de admissão poderá ser feito mediante a prestação de provas ou limitar-se-á à verificação da autenticidade e idoneidade do certificado de aprovação em curso primário reconhecido e fiscalizado pela autoridade competente, com a duração mínima de quatro séries, prevista nos art. 16 e 26 da LDBEN.

A partir de então, esse documento abriu espaço para outras formas de ingresso no ginásio, instituindo, ainda, maior liberdade aos estabelecimentos de ensino quanto à organização e realização das provas, conforme está disposto no “Art. 3º - O exame de admissão, quanto à época, disciplinas, programas, examinadores, critérios de aprovação,

⁷⁶ BRASIL. Circular nº 973 de 25 de maio de 1965. Consolidação da Legislação do Ensino Secundário, após a LDBEN.

novas chamadas, classificação de candidatos e demais questões, será definido no regimento do estabelecimento.”

Ao gozar de maior liberdade na estruturação do exame de admissão, o Colégio de Aplicação modificou significativamente a estrutura das provas a partir do ano de 1968, quando passou a ter um teste de Português e Matemática e uma redação. Modificou-se também o cálculo utilizado para a nova média de aprovação. O candidato passaria a necessitar alcançar uma média de 40 pontos em 100, que se constituiria por meio da soma das notas da redação e do teste de conhecimentos, conforme pode ser constatado mediante a observação presente na ata lavrada pelos examinadores.

A tabela 3 apresenta os percentuais de aprovação no exame de admissão entre os anos de 1954 e 1968. As informações possibilitam dimensionar o grau de seletividade presente no exame de admissão.

Tabela 3 - Relação de inscritos e aprovados no exame de admissão ao ginásio no C. A. de 1954 a 1968.

Ano	Número de Inscritos	Aprovados	Porcentagem dos Aprovados
1954	23	10	43,47%
1955	52	19	36,5%
1956	93	48	51,61%
1957	107	51	47,66%
1958	164	56	34,14%
1959	69	20	28,98%
1960	91	50	54,94%
1962	99	50	50,50%
1963	150	61	40,66%
1964	257	72	28,01%
1965	337	101	29,97%
1966	317	73	23,02
1967	368	68	18,4%
1968	255	184	72,15%

Fonte: livro de Ata do Exame de Admissão ao Ginásio 1953 a 1968.

O exame de admissão era um marco entre o ensino primário e o secundário. Como pode ser observado nos dados da tabela, ele reforçava a seletividade do curso secundário, distanciando e, muitas vezes, excluindo o acesso a essa modalidade de ensino. O livro de inscrição para o exame de admissão traz somente o nome de cada candidato e o resultado das provas, não oferecendo informações sobre o perfil desses alunos que aspiravam ingressar na instituição. Já o livro de Matrículas do Ginásio apresenta o nome do aluno, data, local e estado do nascimento, endereço, nome, nacionalidade e profissão dos pais, possibilitando-nos traçar um perfil dos estudantes que frequentaram a escola, o que faremos no próximo capítulo.

Diante do lugar ocupado pelo exame de admissão e de todo o processo no seu entorno, inferimos que os alunos matriculados no Colégio de Aplicação provinham de uma rigorosa seleção. Como evidência, pode-se demarcar o ocorrido no ano letivo de 1967, quando houve 368 inscrições e apenas 68 candidatos foram aprovados na seleção, o que corresponde a um índice de aprovação de apenas 18,4%. Assim, obter êxito no processo de seleção tornava-se uma grande conquista, motivo de orgulho para os aprovados.

3.3 - “Então era essa varanda em torno do colégio todo, com as salas laterais, e durante o intervalo era aquela comunhão de todo mundo”: espaços e tempos escolares no Colégio de Aplicação

Figura 9: Prédio do Colégio de Aplicação.



Fonte: <https://www.facebook.com/aplicacaoufmg> Último acesso em: 27 de Nov. 2019.

O Colégio de Aplicação foi instalado em 1954 no antigo prédio da escola Afonso Arinos, em Belo Horizonte. A figura 9 apresenta a fachada do prédio na qual ainda é possível ler o nome da antiga Escola Mineira de Agronomia e Veterinária, criada em 1914, por meio do decreto nº 3356, de 1911. O edifício foi construído em um estilo “casarão” e tinha uma escada na parte da frente que levava ao segundo andar do prédio. No piso superior, havia grandes janelas - que poderiam ser confundidas com a porta - e se localizavam em todas as paredes externas do prédio. Já na parte inferior da construção, havia janelas menores que, nos antigos casarões, costumavam ser construídas nos porões. Nota-se que não há a presença de muros cercando o prédio, o que indica a existência de certa liberdade no trânsito dos alunos.

O Colégio de Aplicação era uma escola pequena, inicialmente com quatro turmas do ginásio, que passou a ter cinco turmas a partir da criação do curso de admissão, no ano seguinte. Após 1958, com a transformação do Ginásio de Aplicação em Colégio de Aplicação, cresceu o número de turmas e de estudantes.

No que se refere às condições estruturais da escola, em seu relato, a professora Aloys descreveu um espaço precário: *Agora, realmente o Colégio de Aplicação era bem precário, bem precário! O prédio muito antigo, sem condições; os alunos tinham uma parte que eles usavam como banheiros, muito precários; nós, professores, não tínhamos onde fazer nossas necessidades e nem onde beber água.*

Ana Maria afirmou que o Colégio necessitou de reformas e construiu um anexo para receber novas turmas: *A escola era uma casinha velha, um ambiente muito simples. A parte do Magistério, onde a gente ficava, era no fundo, um anexo que haviam feito; era bem difícil, muito simples.* Camélia complementou:

O Colégio de Aplicação era um colégio pequeno. Tinha uma parte que era antiga e ao lado tinha uma construção. Deviam ser umas três ou quatro salas. A construção era diferente do colégio antigo. Foi um anexo.

Embora com algumas dificuldades, parecia haver certa preocupação da instituição em reformar o espaço da escola e sanar questões referentes a sua infraestrutura. Nesse sentido, o professor Clemenceau relatou: *Era um prédio antigo, mas arrumadinho, bem conservado.* Já na percepção de Gilvan, aluno da instituição naquele contexto, mesmo tratando-se de uma escola pequena, era *um espaço que permitia uma interação muito grande entre todas as turmas, todas as salas. Chegando*

à escola tinha aquela escadaria, subia, entrava pela porta da frente, deixava a caderneta, quando saía retirava. Após deixar a caderneta olhava e via um retângulo com uma espécie de uma varanda retangular, onde tinha salas de aula dos dois lados. A parte da frente, onde a gente subia a escada, era a diretoria. Tinha um pátio central, tipo aquelas fazendas antigas, aquelas casas antigas, onde havia uma casa, e no meio tinha esse pátio central.

A figura 10 retrata o pátio ao centro do prédio, com a porta de entrada do Colégio. Uma enorme palmeira pode ser vista à frente do edifício e em volta há uma varanda com pilares que sustentam o telhado sem nenhuma proteção em seu entorno. Na varanda ainda encontram-se um bebedouro e as portas que dão acesso às salas de aula. Uma pequena escadaria levava ao térreo, onde se localizava o pátio, que era um lugar de encontros, de conversas, de paquera, e também um ambiente de eventos na escola, conforme o relato de Gilvan.

O pátio era usado para cantar o hino nacional, para coisas desse tipo, que se faziam. Eles juntavam os alunos uma vez por semana. Então era essa varanda em torno do colégio todo, com as salas laterais, e durante o intervalo era aquela comunhão de todo mundo.

Rememorando a rotina da escola, o ex-aluno Rafael comentou: *às segundas-feiras, a gente cantava o hino nacional. Todo mundo e o nosso professor de Música. O professor George Marinuzzi⁷⁷, quem comandava o hino. Ele ensinou o hino para todos cantarem uma vez por semana.*

⁷⁷ George Marinuzzi foi admitido em 01 de março de 1954 como professor de Educação Artística do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Além disso, também foi o primeiro catedrático de violino do Conservatório Mineiro de Música, que posteriormente se tornou a Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou, ainda, em Belo Horizonte, como maestro e instrumentista de orquestra. Informações extraídas de: *Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich* e <http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/viewFile/5800/5236> (Último acesso em: 08 jun. 2020).

Figura 10: Pátio central do Colégio de Aplicação.



Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

No início da década de 1960, a Faculdade de Filosofia transferiu-se para o prédio ao lado do Colégio de Aplicação. A chegada da Faculdade às redondezas do Colégio ocupa lugar nas memórias de alguns ex-alunos, como no caso de Camélia:

Quando chegávamos, de frente ao prédio, de um lado dava para ver a Fafich, e do lado contrário ficava o Colégio de Aplicação. Havia uma porta que a gente saía da parte antiga do colégio e ia para as salas mais novas. Era tudo pertinho.

A ausência de muros permitia aos alunos transitarem pela Faculdade de Filosofia e até mesmo contribuía para que, vez ou outra, se ausentassem da aula. Entretanto, alguns ex-alunos, como Rafael, destacaram a rígida disciplina e a existência de profissionais responsáveis que cuidavam para que os alunos estivessem em sala durante o horário de aulas:

Dentro da escola era praticamente impossível matar aula, porque o colégio era pequeno. Não tinha como você sair de uma sala, você vai para onde? De cara você era visto pelo pessoal da diretoria, não tinha jeito, era impossível, então você ficava na sala mesmo. Não tinha muros, tinha muro na frente. Deixa-me lembrar aqui. Na frente tinha muro; quem estiver olhando de frente, à esquerda já tinha uma rua com casas. Então, era a rua ... Esqueci o nome da rua. Dessa rua não sei se tinha um muro, mas se tivesse, não era nenhum muro que impedisse ninguém de sair. Para o fundo e para o lado direito, quem quisesse sair, saía com facilidade.

Em sua estrutura física, o colégio ainda contava com a sala da direção, conforme a Figura 11, que foi ocupada pela professora Filocelina da Costa até o ano de

1957 e pela professora Alaíde Lisboa até 1970. Na parede do gabinete, nota-se a presença de um crucifixo, símbolo da fé católica, embora a escola não fosse confessional. Podem ser vistas duas escrivaninhas de madeira, destinadas à diretora e ao vice-diretor, cargo criado em 1958. Flores enfeitam a mesa da diretora Alaíde e uma pasta de couro encontra-se sobre aquela ocupada pelo então vice-diretor Dirceu Braz. A secretária, retratada na figura 12, era o local de trabalho de Marina Versiani Velloso, primeira secretária do Colégio de Aplicação, que aparece na imagem realizando o seu trabalho de escrituração. No canto da sala, vê-se um armário de arquivos e uma talha de barro para água e, ao lado da mesa, uma lixeira. A fotografia mostra um cenário que parece especialmente composto para registrar aquele momento. Em outra mesa, encontra-se a máquina de datilografia utilizada para os registros de ofícios e outros documentos. A biblioteca, conforme a Figura 13, era um espaço utilizado pelos alunos no turno oposto ao de suas aulas, como contou Rafael. Os alunos tinham carteiras com apoio para realizar suas pesquisas e seus estudos com um espaço reservado dentro daquele espaço. A biblioteca era formada por um considerável acervo de livros, que era utilizado para o empréstimo e para fazer pesquisas, como relatou a ex-aluna Camélia: *Eu ia à biblioteca quando às vezes tinha algum trabalho. Eu ia à biblioteca para pegar os livros, consultar, tanto que lembrei da Tarsila, que foi a bibliotecária do colégio.*

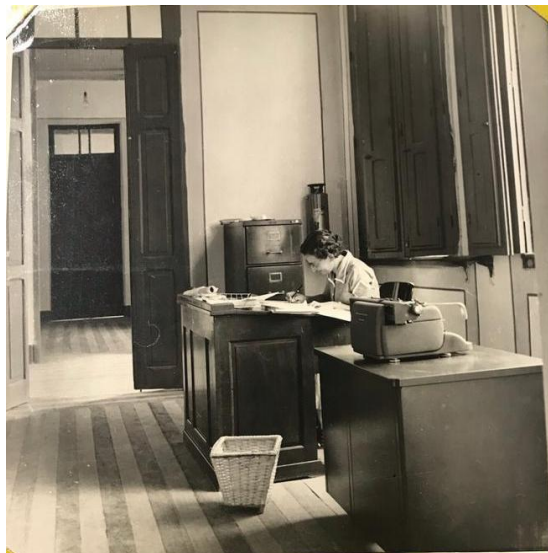
De acordo com Camélia, ao lado da biblioteca *havia uma porta mais larga que dava acesso ao prédio anexo. Nesse prédio, havia três ou quatro salas e um laboratório que, conforme Gilvan rememorou, era o laboratório de Química, considerado pelo ex-aluno Carlos Braga um laboratório bem montado. O professor Paulo Wanner ainda lembrou:*

Não tínhamos laboratório de Matemática, mas o Colégio dispunha de um laboratório de Física, sob a supervisão do professor Arthur Eleno⁷⁸, além de um laboratório de Biologia. Os laboratórios eram pequenos e muito utilizados. Quando necessário, eram utilizados os laboratórios da Faculdade de Filosofia, no prédio ao lado.

⁷⁸ Arthur Eleno de Moura foi admitido em agosto de 1961, para o cargo de professor de Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Figura 11 - Gabinete da diretora.

Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

Figura 12 - Secretária.

Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

Figura 13 - Biblioteca.

Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

Figura 14 - Laboratório.

Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

Conforme mostra a Figura 15, o Colégio de Aplicação ainda contava com *uma sala de professores com a mesa com as cadeirinhas, um sofazinho para a gente sentar. Como o colégio, era uma salinha muito agradável... Eu falava que era o muro das lamentações, mas não tinha muita lamentação*, lembrou o professor Clemenceau.

Na imagem, as professoras usam saias de comprimento até metade da panturrilha, modelo clássico de saias e vestidos da época, e blusas com gola alta que escondia todo o colo da mulher, que não ficava exposta. Os cabelos curtos e ondulados estavam em moda para as mulheres e aquelas que tinham cabelos um pouco mais longos os usavam presos. A então diretora, a professora Filocelina, enverga, na fotografia, um terno de alfaiataria composto por camisa, paletó e saia. Os professores usavam terno completo com gravata e sapatos estilo mocassim, e seus cabelos, com cortes curtos, eram mantidos no lugar com produtos próprios para isso.

Figura 15 - Sala dos professores.



Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

A sala de aula do Colégio, mostrada na figura 16, nas palavras de Gilvan, *era um retângulo imenso, com o pé direito altíssimo, pelo menos para mim na época. Eu achava, continuo achando até hoje. Porque era mesmo, com as cadeiras enfileiradas, o modo tradicional, carteiras individuais e muito grandes, muito grandes. Já na percepção de Rafael, as salas de aula tinham janelas grandes, carteiras modelo antigo de madeira, um tablado lá na frente, o quadro negro. O professor ficava na frente e dando aula. E a gente ficava nessas carteiras, aquelas de madeira, e ficava assistindo*

aula de lá. A organização da sala, com a mesa do professor à frente e os alunos separados, determinava a hierarquia da aula, colocando o docente em posição central. As carteiras eram individuais e fixadas às cadeiras, não havendo uma diferenciação conforme o tipo físico da criança. Esse modelo de sala de aula, com o professor à frente e os alunos em fila, proporciona certo controle para o professor. Assim, as carteiras podem ser pensadas também como uma espécie de instrumento disciplinador do corpo das crianças. Cada sala de aula era destinada a uma turma, *em média de 30 a 35 alunos*, segundo o professor Paulo Wanner.

Figura 16 - Sala de aula.



Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico.

Havia ainda uma separação dos alunos em relação à distribuição no espaço da aula. A esse respeito, Gilvânia relembrou: *Os professores tinham uma mesa, alguns ficavam ali sentados. A aula era toda da cadeira. Outros ficavam no “cuspe e giz” e os mais educados andavam no meio dos alunos. E você escolhia onde iria sentar. Acabava que o que escolhido era mais ou menos na mesma redondeza. Tinha a turma que sempre sentava na frente, grudada no quadro, no professor. Essas são as características, a gente falava que eram os “caxias”⁷⁹. E a turma mais do meio para*

⁷⁹ Caxias era o nome usado para designar a pessoa que cumpre com extremo rigor suas obrigações e responsabilidades, em alusão ao Duque de Caxias.

trás era a turma da bagunça sempre, mas era a turma da bagunça que normalmente se dava bem, no geral.

Cabe ressaltar que, até o ano de 1957, as atividades didáticas do ginásio ocorriam no turno da manhã. A partir do ano seguinte, tais ações foram transferidas para o turno da tarde e no período da manhã passaram a funcionar as atividades escolares dos cursos Clássico e Científico. Já a partir de 1965, o turno da tarde recebeu, o Curso Normal, e a escola passou também a ofertar o curso noturno, com turmas do Clássico e Científico. No turno da manhã, as aulas iniciavam-se às 7:10 e no turno da tarde às 13:00 horas.

Paula, ex-aluna do colégio, rememorou: *Ao chegar à escola, podíamos ir direto para a sala e ficar esperando o professor, ou ficar no pátio até o sinal tocar. Quando o sinal tocava, tínhamos que entrar imediatamente para a sala e aguardar o professor.* Gilvan recordou: *Terminava uma aula e já começava a outra aula em seguida.* Paula lembrou o recreio: *Na hora do recreio, tínhamos uma cantina, onde lanchávamos.* Camélia contou que *ela era pequena e ficava à direita de quem estava de frente para o prédio. A cantina da dona Aidê.* O espaço estava localizado na parte inferior do prédio, próximo a um porão que, conforme relatou o professor Paulo Wanner, era utilizado para ministrar algumas aulas.

De acordo ainda com o professor, em relação ao tempo escolar⁸⁰, *as aulas eram de 50 minutos. Os horários eram estabelecidos no início do ano e permaneciam imutáveis até o fim do ano.* Havia aulas aos sábados, e, por isso, *as férias eram mais compridas*, conforme expôs o ex-docente Clemenceau, que explicou ainda a extinção do uso letivo dos sábados:

(...) as aulas foram retiradas do sábado, porque os pais começaram a reclamar: pagamos doze mensalidades, mas não a doze meses de aulas. Nas escolas particulares, também havia aulas nos sábados. As férias eram muito longas e os pais tinham que pagar o ano inteiro. Eram doze mensalidades. O sindicato contornou a situação com o seguinte: tiraram as aulas dos sábados para que o ano letivo ficasse mais comprido, assim os pais reclamariam menos.

⁸⁰ O tempo escolar é aquele associado às horas em que o aluno permanece na escola, contabilizadas em sinetas, recreios, cadernos, da mesma maneira que nos ponteiros do relógio (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 14).

Ainda a respeito dos tempos escolares, as aulas se iniciavam em março e eram finalizadas em novembro. A ex-aluna Camélia rememorou que *o ano era dividido em bimestres, mas todo mês a gente tinha prova.*

É possível perceber que os espaços no Colégio de Aplicação foram criados e alterados conforme a quantidade de alunos que a escola recebeu ao longo do tempo. Faria Filho e Vidal (2000, p. 32) argumentam que:

A repartição das salas e dos corredores, a localização e o formato das janelas e portas, a distribuição de alunos e alunas na sala de aula e nos demais espaços da escola dos nossos atuais prédios apontam para a construção de lugares concebidos como cientificamente equacionados, em função do número de pessoas, tipo de iluminação e cubagem de ar.

Outro espaço-tempo da escola que marcou as lembranças de alguns dos ex-alunos do Colégio foi aquele destinado à Educação Física. Nesse tema, Gilvan apontou a ausência de quadras esportivas e descreveu como eram as aulas da disciplina:

Quando entrei para o colégio não tinha quadra. Primeiro foi feito o anexo onde eram os laboratórios de Química. Entrando à esquerda, tinha uma passagem por dentro, e não tinha quadra. A Educação Física era com o professor Dirvan⁸¹. Era um sargento, alguma coisa desse tipo do exército. Atrás da Fafich tinha o prédio grande, o Colégio de Aplicação; atrás era um barranco. Descendo era cheio de mamona, árvore e tal, e saía no bairro Santo Antônio lá embaixo. E a Educação Física, nossa, eles punham a gente para correr. Tinha um caminho que a gente tinha que fazer, então a gente ia correndo até lá, voltava, dava dois pulinhos e acabou.

Outros colegas, ex-alunos do colégio, corroboraram as lembranças de Gilvan: *no Aplicação a gente fazia Educação Física num campo de terra⁸². Era no primeiro horário e a gente não tinha como se lavar (Marco Antônio) e nem trocar de roupa, colocávamos nossas roupas em um barracão de madeira (Eduardo Belisário).* O campo de futebol era uma área de lazer dos meninos. Em conversa posterior, Rafael relatou que ele e seus colegas jogavam o dia todo quando não havia aula e apenas saíam do campo quando um dos jogadores não pudesse mais continuar. Contou ainda que havia a realização de campeonatos na escola e disputas com estudantes de outras instituições.

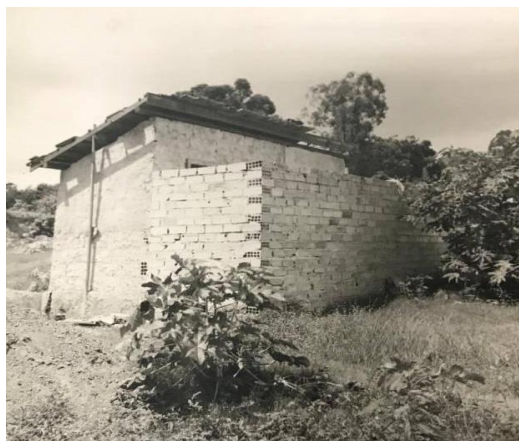
⁸¹ Dirvan Figueiredo Brandão foi admitido em abril de 1958 para o cargo de professor de Educação Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

⁸² Ver a figura 18.

Conforme mostra a figura 17, posteriormente o vestiário para uso durante as aulas de Educação Física foi construído com tijolos, deixando de ser aquele precário “barracão de madeira”. Enfatizamos que, no encontro dos ex-alunos no qual realizamos uma entrevista coletiva, houve diversos comentários sobre as aulas de Educação Física: *As aulas de Educação Física só eram ministradas no período do Ginásio. O professor de Educação Física era o subtenente Dirvan Figueiredo. Ele era da Polícia Militar (Carlos Braga). Ele mandava a gente dar volta naquele coqueiro (Paulo Ângelo), descer e subir o barranco (José Lima). Lá embaixo tinha gado, um brejo, uma ou duas vacas e um coqueiro (Paulo Ângelo).*

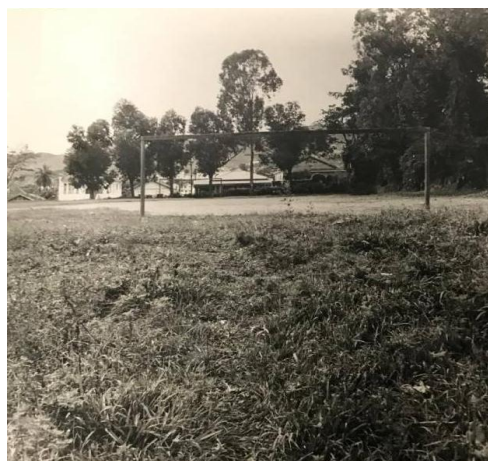
Rafael prosseguiu com as lembranças: *Uma das atividades da Educação Física era correr no bairro. Aquela turma de menino despencando ali, pelo barranco, saía lá embaixo. Dava uma volta pelas ruas, depois chegava, entrava pelo portão da frente, ia lá para esse local da Educação Física, que era o lado esquerdo de quem entra, que é o lugar onde depois fizeram quadras. O pessoal ia para lá encontrar com o professor. Por esses lados era fácil de sair. Mas, não me lembro de ninguém saindo. O que eles faziam era chegar à escola e nem entravam. Chegavam lá e ficavam dando volta lá por perto, fazendo não sei o quê. Era assim.*

Figura 17 - Vestiário.



Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico

Figura 18 - Campo de futebol.



Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico

Ainda sobre a Educação Física, Gilvan lembrou a construção da quadra do colégio:

Já em um período que não vou lembrar quando foi, 2º ano do ginásio ou 3º ano do ginásio, foi feito um rateio entre os pais para construir uma quadra de futebol. Ela foi feita onde era o laboratório de Química, quase chegando naquela rua de cima, eu não sei dizer o nome, uma ruazinha sem saída, logo acima dali. Então, a quadra era ali. Foi feita com o rateio de dinheiro dos alunos, não sei qual outra verba conseguiram, se isso foi só para completar... Então a Educação Física passou a ser muito melhor. Em cada sala havia por volta de 30 alunos, juntavam duas turmas, não sei, eram 60 alunos. Tinha as meninas também, vamos pôr 35, 40 meninas. Descíamos correndo de lá e os 10 primeiros que chegassem à quadra podiam jogar futebol. Essa era a Educação Física.

Gilvan ainda comentou sobre a atuação do professor de Educação Física:

O Dirvan ficava lá ao lado do morro olhando. Enquanto os alunos subiam e desciam aquele barrancão, pegava as ruas do bairro Santo Antônio, passava e subia no barrancão de novo, e ele ficava vigiando, porque tinha uns que enrolavam aqui, e na hora que a turma estava chegando entravam na frente de novo, e o Dirvan já mandava voltar. Então, o prêmio era jogar futebol depois que teve a quadra, mas no começo não tinha nada. Depois a Fafich fez uma quadra embaixo também, não sei se ainda tem.

A ex-aluna Gilvânia se recordou da separação de meninos e meninas para as aulas de Educação Física e da distinção dos professores para cada uma das turmas:

A Educação Física era separada, a gente era separada, meninos e meninas. Não lembro os nomes. Era mulher, não lembro o nome de nenhuma professora de Educação Física. Era mulher, a gente jogava queimada, handebol, fazia ginásticas, pulo a distância. Era gostoso, a gente gostava, era um momento bom de farrear também, de interagir.

Segundo Ana Maria, no Curso Normal não havia Educação Física. Ela avaliou que a grade horária do curso era extensa e não havia tempo para a prática: *tinha uma quadra de ginástica a que não íamos nunca. O Magistério não tinha tempo de fazer ginástica. Então a gente não ia lá. Nossa turma não tinha Educação Física, não dava. Como é que ia enfiar mais matéria naquele curso? Nem se a gente ficasse lá 24 horas por dia.*

Em relação aos processos de avaliação, tivemos acesso, nos arquivos, aos livros de atas de resultados de exames de primeira e de segunda época. Paula relatou como funcionava o exame de segunda época: *Quem não conseguia passar no fim do ano,*

passava as férias estudando em casa e tornava a fazer exames pouco antes que as aulas fossem reiniciadas. Eu nunca fiz segunda época. Mas, vários colegas fizeram.

Ficando abaixo da média em mais de duas matérias, por exemplo, em *três disciplinas, você tomava bomba, você tinha que repetir o ano. Até duas era recuperação, você tinha direito a fazer uma prova de recuperação*, de acordo com o relato de Gilvânia.

A essa altura, é importante destacar que o calendário de atividades da instituição é um elemento constitutivo da organização do currículo escolar. Por meio dele é possível reconhecer períodos das avaliações, os feriados, as férias, os dias letivos, as atividades extracurriculares, as festas (junina, formatura, entre outras). A organização do tempo escolar leva em consideração os conteúdos distribuídos em disciplinas e grades, séries e graus, bimestres ou semestres. Nesse sentido,

cada etapa é condição para próxima, sendo ultrapassada ou não pelas aprovações e reprovações. Os tempos dessa lógica são predefinidos; o sujeito tem um tempo determinado para aprender os conteúdos previamente selecionados e os professores são responsáveis pelo cumprimento dos programas pré-estabelecidos (PARENTE, 2010, p. 143).

Outra interessante prática rememorada por alguns dos ex-alunos do Colégio foram as excursões e atividades desenvolvidas fora da instituição. Os estudantes realizavam viagens para diferentes lugares, inclusive alguns deles relativamente distantes da capital mineira, como relatado por Camélia: *fizemos uma excursão para Vitória, e a minha mãe foi acompanhando como representante dos pais. Agora não lembro quem organizou, foi o professor Milton⁸³, de Ciências? Qual outro professor que foi? Fomos de trem e ficamos no alojamento da Polícia Militar, do corpo de bombeiros, em Vitória. Foi uma atividade que me marcou.* As excursões promovidas pelo Colégio eram um momento especial principalmente para quem não tinha condições ou costume de viajar. Além de excursões com finalidade acadêmica, Ana Maria relatou que ao final do curso fazia-se uma viagem como espécie de comemoração pela concretização do ano:

Fizemos uma viagem para finalizar o curso. A gente viajou em junho, porque o final do ano seria muito complicado. A escola tinha contatos com uma escola em

⁸³ Milton Mirahy Maciel foi admitido em agosto de 1964 para o cargo de professor de Ciências do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Curitiba, fomos de ônibus para Curitiba e ficamos hospedados nessa escola, tinha um alojamento grande. Foi passeio mesmo de turismo, visitamos, ficamos lá uma semana. Um frio tremendo, que Curitiba sabe prestigiar a gente com frio. Saímos à noite, não era uma boate, tanto que os professores foram com a gente. Era todo mundo menor de idade. Passeamos muito, conhecemos Curitiba. A escola nos apresentou costumes, alimentação, o jeito de ser de Curitiba, danças típicas, foi muito legal, fomos no campo de futebol.

Gilvânia acentuou que, mesmo com a realização das excursões e certo caráter de diversão que havia quanto a tais eventos, a escola não abria mão de sua disciplina rígida. Assim, a ex-discente comentou:

(...) até essa coisa de fazer atividade fora da escola, era muito rígido. Fizemos duas viagens, acho, à gruta de Maquiné. Você tinha que ficar escrevendo, escrevendo sobre o relevo durante a viagem. Mas era melhor. A gente gostava mais do que ficar na sala de aula. Nos divertíamos nas excursões. Agora a plantinha não sei o quê... Isso aqui é o quê? Vegetação disso, daquilo. Não sei muito para que servia isso, mas tudo bem, acho que era uma relação bem assim, bem tradicional.

A turma que se formou no Científico em 1965 compartilhou conosco as fotografias das excursões realizadas durante o curso, que podem ser vistas nas figuras 19 e 20. A Figura 20 mostra que, para esses eventos fora da escola, era dispensado o uso de uniforme. Mesmo assim, as roupas denotam certa formalidade; vê-se, inclusive, um homem de terno, que imaginamos ser o professor. É possível constatar a descontração dos estudantes, olhando para o lado e conversando com um colega, as meninas com largos sorrisos e uma aparente satisfação por realizar aquela atividade fora do ambiente escolar. Os rapazes estão posicionados em linha ao fundo e sentados à frente e as meninas estão juntas na fila do meio. Embora as turmas fossem mistas, havia certa separação de meninos e meninas. O estilo de moda dos rapazes sugere descontração, e nota-se que alguns usam óculos escuros esportivos. As meninas se trajam de maneira bem diferente das professoras que aparecem na Figura 15 e suas roupas são nitidamente informais, próprias para passeios.

Apesar de o cenário ser a praia, a Figura 19 indica o tipo de comportamento admitido para a época, em que as meninas se posicionam a alguma distância dos meninos.

Figura 19 - Foto da excursão para a praia do Canto, em Vitória.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Carlos Eduardo Rezende Braga.

Figura 20 - Foto da excursão para a Gruta de Maquiné.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Carlos Eduardo Rezende Braga.

Entendemos que o espaço físico e o espaço temporal do Colégio de Aplicação e fora dele faziam parte fundamental do currículo. O espaço educa por meio da experiência vivida em seu interior, como podemos perceber nos relatos dos ex-alunos e ex-professores do Colégio. Os espaços conferem materialidade ao discurso pedagógico, estão dotados de significados, transmitindo estímulos, conteúdos e valores, e ao mesmo tempo impondo organizações disciplinares (ESCOLANO, 1998).

4 – OS ESTUDANTES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Era um colégio que realmente atingia nossas necessidades e tenho certeza absoluta que grande parte da minha personalidade, do meu curso de vida, eu aprendi no Colégio de Aplicação. Foi uma mudança muito grande entre a vida no interior e a vida na capital. Ter pertencido ao Colégio de Aplicação talvez tenha sido um dos grandes acontecimentos da minha vida (Ex-aluno José Lima, ingresso no C.A em 1961).

Eu estudei desde o Ginásio no Colégio de Aplicação. Fiz os quatro anos do Ginásio e mais o Científico. Me formei em 1965 e no mesmo ano fiz vestibular na Engenharia da UFMG. Passei, e lá me formei. Sou muito grato ao Colégio de Aplicação; foi uma escola fenomenal. Um colégio extremamente diferenciado. Depois de aposentado, resolvi fazer Direito. Hoje também sou advogado. Não tenho nenhuma dúvida que o Colégio de Aplicação me deu uma base insuperável. Sou muito grato ao Colégio de Aplicação (Ex-aluno Paulo Ângelo, ingresso no C.A em 1958).

O Colégio de Aplicação foi uma mudança grande na minha vida. Acho que foi lá o lugar onde passei a estudar e superar meus problemas (Ex-aluno Eduardo Belisário, ingresso no C.A em 1961).

Tendo em vista as diversas características atribuídas ao Colégio de Aplicação, até aqui apresentadas como demarcadoras de um lugar particular ocupado pela instituição no contexto educacional de Belo Horizonte, a especificidade de seus alunos não seria uma exceção. Nesse sentido, pode-se dizer que o corpo discente do colégio também se constituía como um aspecto que distinguia a escola, como veremos neste capítulo. É importante conhecer esses alunos para compreender seus processos de aprendizagem em relação ao ensino de Matemática. A identificação do perfil desses estudantes contribui para captar seus modos de relação com o Colégio e com a própria experiência escolar, que, segundo pensamos, refletiu-se nas relações entre os processos de ensino-aprendizagem da Matemática e seu lugar naquele estabelecimento de ensino.

Os estudantes do Colégio de Aplicação eram os jovens que tinham passado da condição de candidatos no exame de admissão à de alunos matriculados na instituição. Conquistar uma vaga após um disputado processo de seleção era motivo de orgulho para esses jovens, como comentou Ana Maria: *ficou um orgulho bom! Por que é que estou chamando de orgulho bom? Orgulho de ter passado na prova para entrar no Aplicação, porque era uma prova difícilíssima, e eu tinha posto como condição que tinha que ser a melhor escola de BH. Então, passar na prova me fez muito bem.*

A forma de recrutamento dos alunos já coloca em foco alguns aspectos do perfil desses estudantes. Neste capítulo, buscamos ampliar o perfil dos alunos do Colégio de Aplicação tecendo considerações a partir das memórias de nossos entrevistados. Também estudamos o perfil socioeconômico dos discentes mediante a análise da profissão de seus pais informada em documentos do próprio Colégio. Focalizamos, ainda, as práticas de socialização dos estudantes, suas motivações para terem optado pela instituição e alguns aspectos de seu cotidiano escolar.

4. 1 - Quem eram os estudantes do Colégio de Aplicação?

Então acho que foi isso, do pessoal que nós tínhamos na sala éramos eu e mais duas pessoas de classe média mais baixa, o resto era meio “elite”, de poder aquisitivo alto, que realmente não sei o que é que fazia no Magistério, porque elas não iriam dar aula, e não estavam lá (como era antigamente) fazendo o Magistério para “esperar casar”. Também não era isso; depois foram duas delas, foram minhas colegas na Psicologia, a gente se reencontrou na Psicologia. (Ex-aluna Ana Maria, ingresso no C.A. em 1966).

Colégio gratuito, então, comecei a dar aula lá. Gostava demais, uma turma selecionada, só gente de muito... uma classe média bem selecionada. (Ex-professora Aloys, ingresso no C.A. em 1955).

Quem eram as moças e os rapazes que obtiveram êxito nos disputados exames de admissão do Colégio de Aplicação? Em quais contextos sociais, econômicos e culturais transitavam? Tais questões nos pareceram fundamentais para a construção proposta neste trabalho. Para respondê-las, julgamos oportuno traçar um perfil dos estudantes buscando, pelo conhecimento da condição socioeconômica de suas famílias, compreender como se configuraram como fator significativo para a experiência desses alunos no Colégio de Aplicação. Para tal, a fonte primordial de investigação e análise foi o Livro de Registro de Matrículas. Utilizamos os registros dos alunos matriculados no primeiro ano do ginásio desde sua primeira turma, em 1954, até a turma com ingresso em 1968.

Procurando conhecer a origem social desses estudantes, realizamos um levantamento acerca das profissões de seus pais⁸⁴ informadas em um campo específico

⁸⁴ A opção foi registrarmos somente a profissão do pai, visto que, para alguns anos, não consta a profissão da mãe no livro de registro. Ademais, constatamos que os registros da profissão da mãe, quando existem, informam, frequentemente, “doméstica”, sem especificação sobre a natureza desse trabalho. Não é

localizado nos Livros de Registro de Matrícula de 1954 a 1968. A consulta desse documento nos conduziu a um procedimento detalhado de análise devido à multiplicidade e heterogeneidade das profissões, que não se caracterizam como exclusivas do Colégio de Aplicação, tampouco do contexto educacional daquele período. Faria Filho (2000), em seu estudo sobre Grupos Escolares nas primeiras décadas do século XX, também deu atenção a essa heterogeneidade ocupacional dos pais e à situação econômica das famílias que matriculavam seus filhos nos grupos escolares. De acordo com as investigações do autor, os profissionais mais frequentes entre os pais dessas crianças eram operários, funcionários públicos e negociantes. Faria Filho (2000) relaciona tal condição ao lugar ocupado por esses setores na economia belo-horizontina do início do século passado, ao reforçar que se tratava de uma “clara demonstração da importância que o setor do comércio e o funcionalismo tinham na capital mineira” (p. 57). Embora localizado em uma temporalidade distinta da investigada nesta tese, acreditamos que o estudo desenvolvido por Faria Filho (2000) possa contribuir para o argumento da pertinência da análise das condições socioeconômicas dos estudantes na capital mineira, mais especificamente em uma instituição pública como o Colégio de Aplicação. Além disso, parece-nos oportuno apreender, do ponto de vista historiográfico, como as questões atinentes à condição econômica e social incidiam diretamente sobre a experiência de crianças e jovens nos seus processos de escolarização.

No trabalho de estabelecer e agrupar as profissões em categorias afins⁸⁵, utilizamos um estudo realizado por Hutchinson (1960) sobre mobilidade e trabalho, realizado na cidade de São Paulo. Tal estudo é referido por Mello e Novais (1998) em um dos capítulos do quarto volume da obra *História da Vida Privada no Brasil*. A pesquisa dirigida por Hutchinson torna-se especialmente relevante para nossa investigação quando levamos em consideração o contexto em que foi executada. O autor propôs sua classificação das profissões no final dos anos de 1950, período de relevância para nosso trabalho. Hutchinson apresentou uma lista com trinta profissões

possível saber se a referência é feita quanto a mães que não trabalhavam fora de casa ou a mães que efetivamente exerciam a atividade de “empregada doméstica”.

⁸⁵ Para realizar uma análise mais precisa da documentação encontrada, buscamos agrupar profissões similares. Como exemplo, temos o caso do funcionalismo público. Consta do livro a informação “funcionário público”, que poderia ser da esfera municipal, estadual ou federal, mas quanto a isso falta clareza no livro de registro. Para alguns anos, o registro é “funcionário público”; para outros anos, está especificada a esfera do funcionário (municipal, estadual ou federal). Optamos, então, por não explicitar o âmbito de trabalho dos funcionários públicos pais de estudantes do Colégio de Aplicação. Uma situação análoga ocorreu em outras profissões.

aos moradores de São Paulo, que realizaram uma classificação hierárquica delas quanto a sua importância para a sociedade, com o seguinte resultado:

1. médico; 2. advogado; 3. diretor superintendente; 4. padre; 5. fazendeiro; 6. jornalista; 7. gerente comercial; 8. gerente de fábrica; 9. professor primário; 10. contador; 11. dono de pequeno estabelecimento comercial; 12. funcionário público de padrão médio; 13. despachante; 14. empreiteiro; 15. viajante comercial; 16. sitiante; 17. escriturário; 18. guarda-civil; 19. mecânico; 20. balconista; 21. motorista; 22. cozinheiro (restaurante de primeira classe); 23. tratorista; 24. carpinteiro; 25. condutor de trens; 26. garçom; 27. pedreiro; 28. trabalhador agrícola; 29. estivador; 30. lixeiro (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 587).

Para entendermos por que o médico e o advogado estariam acima do diretor superintendente ou mesmo entender a posição do padre em relação à de um gerente, e de um professor primário em relação a um comerciante, Mello e Novais (1998) explicam que, naquele contexto social, o médico exprimia a importância crucial da família, por não cuidar somente do corpo, mas também da mente. Caracterizava-se como uma espécie de confidente dos casais, orientador da educação dos filhos, psicanalista, psicopedagogo etc. O advogado representava a função de direção política da sociedade e de direção administrativa do Estado, ocupando a segunda posição na lista. Os homens públicos situavam-se na cúpula da burocracia governamental, sendo responsáveis pela administração da justiça e segurança. O padre, na quarta posição, parecia refletir, ainda, a forte presença da Igreja e seus valores no processo de constituição dos sujeitos e nos seus modos de compreender o mundo (MELLO; NOVAIS, 1998). Além disso, essa posição não tão proeminente dos padres, classificados abaixo dos médicos, advogados e diretores superintendentes, indica um “avanço do processo de secularização e de mercantilização da sociedade” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.588). Outra profissão que nos chama a atenção é a do professor primário, em classificação melhor do que o dono de pequeno estabelecimento comercial. Para Mello e Novais (1998), a educação tinha um grande valor, já que era encarada como modo de qualificação e também como um prolongamento da vida familiar e da igreja no processo de pertencimento social dos sujeitos. Ainda em conformidade com os autores, essa classificação possibilita a identificação de quatro grupos, de acordo com a escala de remunerações e com a hierarquia capitalista do trabalho, que denominaremos grupos A, B, C, D:

Grupo A: *topo da sociedade* (diretor superintendente, fazendeiro, gerente, advogado, médico, padre, jornalista);

Grupo B: *classe média* (o dono do pequeno estabelecimento comercial, o professor primário, o funcionário público de nível médio, o escriturário, o viajante comercial, o empreiteiro, o sitiante, o despachante, o guarda-civil);

Grupo C: *trabalho qualificado* (condutor de trens, carpinteiro, tratorista, cozinheiro de restaurante de 1ª classe, balconista, motorista, mecânico);

Grupo D: *base da sociedade* (lixeiro, estivador, trabalhador agrícola, pedreiro, garçom).

Mello e Novais (1998) indicam também que o julgamento dos moradores de São Paulo foi pautado a partir do critério do valor mercantil de cada profissão, obedecendo a hierarquia dos rendimentos junto com o critério de valor social, considerando a importância das profissões para a vida coletiva. Assim, consideraram que “o critério de valor social predomina sobre o critério de valor mercantil, na medida em que a família, a política e o Estado, a vida religiosa ou escolar, são consideradas formas superiores de existência em relação à atividade dos negócios” (p. 589). Entretanto, Mello e Novais argumentam que a interpretação do estudo de Hutchinson não é tão simples, porque não apenas “os valores mercantis já haviam penetrado no seio da família”, como “a visão utilitária da prática religiosa ou política, que nos acompanhavam desde os tempos coloniais, continuava presente” (p. 589). Pontuam que a família era considerada o centro da vida, tornando-se um empreendimento cooperativo para a ascensão social. A família perseguia uma subida de renda e uma elevação na hierarquia capitalista do trabalho. O cenário de expectativas dependeria da posição inicial do pai, que era considerado o “chefe da casa”.

Com base nos resultados de pesquisa de Hutchinson comentados por Mello e Novais (1998), agrupamos as profissões dos pais dos 895 estudantes do primeiro ano do ginásio do Colégio de Aplicação matriculados entre os anos de 1954 e 1968. Considerando especificidades da documentação consultada, algumas adaptações foram realizadas, quando necessárias, para esse agrupamento.

Analisando os resultados mostrados no quadro 3, podemos mensurar o perfil socioeconômico dos estudantes do Colégio de Aplicação.

Tabela 4 - Agrupamento das profissões dos pais dos alunos do C. A. de 1954 a 1968

Grupo A - topo da sociedade	307
Grupo B: classe média	432
Grupo C: trabalho qualificado	58
Grupo D: base da sociedade	10
Aposentados	1
Falecidos	35
Não Informado	45
Total:	895

Fonte: Baseado nos dados contidos no Livro de Registro de Matrícula Curso Ginásial dos anos de 1954 a 1964 e no Livro de Registro de Matrícula Curso Ginásial dos anos de 1964 a 1968. Acervo Centro Pedagógico.

Inferimos que 34,3% dos estudantes pertenciam às classes mais abastadas da sociedade belo-horizontina. Eram filhos de médicos, advogados, fazendeiros, gerentes e jornalistas. Já a maior parcela dos estudantes do Colégio, 48,27%, fazia parte da classe média, ou seja, eram filhos de donos de pequeno estabelecimento comercial, professores primários, funcionários públicos de nível médio, bancários, viajantes comerciais, empreiteiros, sitiantes, despachantes, guardas-civis. Do total de estudantes, 6,48% eram filhos de alfaiates, ambulantes, barbeiros, cabeleireiros, carpinteiros, carteiros, marceneiros, mecânicos, motoristas, negociantes, operários, sapateiros e vidraceiros. Por fim, uma pequena parcela, 1,12% dos alunos, pertencia ao grupo D (filhos de lixeiros, estivadores, trabalhadores agrícolas, pedreiros, garçons⁸⁶). Do total de

⁸⁶ Consideramos todas as profissões que exigem curso superior e não estão listadas na classificação realizada por Hutchinson como do grupo A (agrônomo, arquiteto, dentista, economista, engenheiro, farmacêutico, inspetor de ensino, juiz, químico, professor, veterinário). Em seu trabalho, o autor classifica o professor primário como sendo do grupo B. Entretanto, como no livro de Matrículas do Colégio de Aplicação não constava a especificação quanto ao grau de atuação docente dos pais professores, consideramos, por maior probabilidade (já que se tratavam de professores homens), que esses pais eram docentes do ensino secundário e, deste modo, foram inseridos no grupo A. Na classificação para o grupo B, também foram realizadas algumas adaptações, incluindo as profissões com algumas similaridades descritas por Hutchinson e também aquelas que exigiam algum conhecimento técnico: aeroviário, agente EFBC, agente, agricultor, arquivista, auxiliar de contabilidade, auxiliar de justiça, bancário, coletor, contador, corretor, desenhista, ferroviário, fiscal, guarda-livros, lavrador, militar, oficial administrativo, oficial, ourives, pecuarista, publicitário, relojoeiro, representante, tabelião, telegrafista, tipógrafo e topógrafo. Para o grupo C, acrescentamos: alfaiate, ambulante, barbeiro, cabeleireiro, carteiro, eletricitista, marceneiro, mestre de obras, negociante, operário, sapateiro, vendedor e vidraceiro. Já no grupo D, consideramos: pintor, servente de pedreiro, servente, servidor doméstico, varredor e zelador. Não

estudantes, para 5,03% não se informa a profissão do pai, 3,91% tinham o pai falecido e para 0,89% não foi possível identificarmos as profissões em nenhum dos grupos.

O número considerável de estudantes situados no grupo B corrobora Mello e Novais (1998) quando afirmam que as famílias de classe média procuravam utilizar-se de todas as oportunidades para ascensão social. Tais oportunidades eram proporcionadas pela expansão de grandes empresas privadas ou mesmo estatais, ou pela ampliação da administração pública. O esforço por essa ascensão estava atrelado cada vez mais às exigências de qualificação fundadas, principalmente, na educação superior. Tais exigências começavam pelos concursos públicos promovidos pelos governos. Para os autores, essa busca pelo curso superior era mais comum no grupo A, pois “quando o chefe da família é empresário próspero, advogado, médico, engenheiro, juiz, promotor, delegado, professor universitário, as possibilidades de ingresso do filho na universidade são facilitadas” (MELLO; NOVAIS, 1998, p.595).

Já para a classe média, Mello e Novais (1988) fazem uma distinção, tendo em vista que os filhos de pequenos proprietários de negócios como farmácias, lojinhas, armazéns, quitandas, entre outros, encontravam certos obstáculos para o acesso à universidade. As dificuldades eram ainda maiores para as famílias de classe média baixa, chefiadas por bancários, vendedores, professores do ensino de primeiro e segundo graus, profissionais liberais, funcionários públicos de nível médio, trabalhadores de escritório. Embora a remuneração dessas famílias permitisse certa qualidade de vida, ainda se tratava de uma condição econômica limitada. Educar os filhos, muitas vezes, significava um grande “sacrifício” – especialmente do ponto de vista financeiro – para a família. Assim, muitas delas optavam por colégios públicos, especialmente aqueles reconhecidos pela excelência no ensino. Nessa direção, é possível dizer que muitos estudantes buscaram a admissão no Colégio de Aplicação por ser gratuito e de qualidade, como veremos adiante. Vinham de famílias grandes e a educação escolar era um item que pesava no orçamento dessas famílias.

Outro ponto discutido pelos autores diz respeito às mulheres que ingressavam nas universidades, em boa parte das vezes vencendo a oposição dos pais e até mesmo de seus noivos ou namorados. Esse processo de entrada das mulheres no ensino superior não foi realizado sem rompimentos e trabalho, visto que havia, ainda, resistência da

classificamos as denominações, gráfico, profissional, proprietário e tacógrafo, por não se referirem de modo claro a que tipo de ocupação se referem.

sociedade, de modo geral, a respeito da questão. Essa resistência se fazia ainda mais presente no caso de cursos superiores considerados mais afeitos ao universo masculino. Nesse sentido, pode-se dizer que o preconceito contra a presença feminina em cursos como Direito, Medicina e Engenharia era muito grande. O relato de Gilvânia é ilustrativo.

Naquela época a sociedade era super machista, super machista! Lembro que, quando falei, comecei a falar em fazer Medicina foi lá pelo quarto ano, escutei várias vezes: “Por que você não faz Enfermagem? Faz Enfermagem!” Meu pai falou, o meu digníssimo pai, depois esfreguei na cara dele. Medicina não era para mulher, a mulher não ia dar conta.

Na própria faculdade, não vamos nos enganar, você entra, era como se, sendo médica, automaticamente fosse pediatra. A médica é pediatra, a mulher. A alta nobreza são os cirurgiões mais especializados. Tem cirurgião de cada pedacinho do corpo, cada nervo tem um específico. Quando fiz não era tanto assim, tão compartimentado. Já é destinado para os homens, isso na própria faculdade.

Então, brinco da pirâmide, porque imagina, já estava, teoricamente, em Pediatria. Fui me encaminhando, meio que espontaneamente mesmo, tinha muito jeito para lidar com as crianças e com os bebês, e aquilo me agradava demais, então foi sendo natural.

Como uma das características do Colégio de Aplicação era oferecer preparação de seus alunos para o ingresso no ensino superior, interessamo-nos em levantar dados sobre a presença feminina no Colégio. Para isso, utilizamos novamente os dados do livro de Registro de Matrículas Curso Ginásial de 1954 a 1968. Constatamos que, inicialmente, o número de meninas era bem menor que o de meninos, mas a presença das meninas cresceu com o transcorrer dos anos. Em 1960, o número de matrículas das meninas (35) foi superior ao número de matrículas dos meninos (32). No mesmo ano, o número de candidatas (49) ao exame de admissão também foi superior ao de meninos (42).

De acordo com os dados apresentados no quadro 4, entre 1954 e 1968, dos 895 alunos ingressantes, 58,54% eram do sexo masculino e 41,46% do sexo feminino. Embora não correspondesse à maioria dos estudantes, a presença de meninas era significativa no Colégio. Ademais, constatamos que o número de candidatas que

disputavam uma vaga para ingressar na instituição também era menor quando comparado ao de candidatos do sexo masculino, como mostra o quadro 5.

Tabela 5 - Matrículas no primeiro ano do Ginásio entre os anos 1954 e 1964

Sexo	
Masculino	524
Feminino	371
Total	895

Fonte: Baseado nos dados contidos no Livro de Registro de Matrícula Curso Ginásial dos anos de 1954 a 1964 e no Livro de Registro de Matrícula Curso Ginásial dos anos de 1964 a 1968. Acervo Centro Pedagógico.

Tabela 6 - Candidatos ao exame de admissão ao primeiro ano do Ginásio de 1954 a 1964

Sexo	
Masculino	1291
Feminino	1091
Total	2382

Fonte: Baseado nos dados contidos no Livro de Registro de Matrícula Curso Ginásial dos anos de 1954 a 1964 e no Livro de Registro de Matrícula Curso Ginásial dos anos de 1964 a 1968. Acervo Centro Pedagógico.

No Colégio de Aplicação, as turmas eram mistas e organizadas por ordem alfabética, ou seja, meninos e meninas frequentavam os mesmos espaços em sala de aula. No período abrangido por esta pesquisa, somente em 1960 o número de meninas ingressantes foi superior ao de meninos, nas turmas do Ginásio. O número de estudantes mulheres destacava-se quando comparado ao de outros colégios públicos de Belo Horizonte, como o Colégio Estadual, por exemplo. Nessa instituição, a porcentagem de alunas no corpo discente no período 1956-1964 era de menos de 30% (TEIXEIRA, 2011).

O número de meninos aumenta no Científico, direcionado aos cursos superiores nas áreas de ciências exatas e biológicas, em que havia poucas mulheres. Todavia, o percentual de mulheres presentes no curso Científico não era tão pequeno, representando 35% do total. Esse percentual é oposto ao verificado no curso Clássico, que proporcionava acesso às ciências humanas, dentre elas, Pedagogia e Letras, cursos considerados, na época, prioritariamente femininos. No curso Clássico diurno, 71% dos estudantes eram mulheres, e o corpo discente do Curso Normal era composto inteiramente por mulheres. A cada ano, percebemos o aumento do número de mulheres que buscavam uma vaga no ensino secundário. Muitas delas visavam preparar-se para o ensino superior, como comentou Ana Maria: *escolhi estudar no Colégio de Aplicação pela qualidade diferenciada do ensino, pela possibilidade de dali eu fazer um bom Magistério e poder fazer vestibular depois, que foi o que fiz*. Nesse contexto social, ser aluna do Colégio de Aplicação representava um avanço para as estudantes, que frequentavam uma escola mista, desejavam fazer um curso superior e ter uma carreira profissional. Na pesquisa realizada por Carla Bassanezi Pinsky (1997), a autora esclarece sobre o movimento crescente de ocupação, pela mulher, nas universidades e no mercado de trabalho, especialmente nos setores de consumo, em escritórios, no comércio e no serviço público. Ressalta a exigência sobre as mulheres em relação à qualificação, com a demanda de uma maior escolaridade, e completa seu argumento:

A educação com vistas a um futuro profissional e, conseqüentemente, o investimento em uma carreira eram bem menos valorizados para as mulheres que para os homens, devido à distinção social feita entre feminino e masculino no que diz respeito a papéis e capacidade. Ao menos o acesso das mulheres à educação formal e às áreas de conhecimento antes reservadas aos homens diminui distâncias entre homens e mulheres. Para manter as hierarquias entre masculino e feminino, as possíveis ameaças da “mulher culta” às relações tradicionais teriam de ser neutralizadas por ideias como: um certo nível cultural é necessário à jovem para que “saiba conversar” e agradar os rapazes assim como é útil para o governo de uma casa e a educação dos filhos, entretanto os rapazes evitam garotas muito inteligentes e a “mulher culta” tem menos chances de se casar e de ser feliz no casamento (p.625).

Todas as nossas entrevistadas formaram-se em cursos superiores e tiveram carreiras profissionais. Relataram que suas companheiras de escola tiveram o mesmo destino, poucas tendo desistido do curso para se casar. As entrevistadas de nossa pesquisa casaram-se, tiveram filhos e mantiveram suas carreiras profissionais. Demonstraram orgulho por terem pertencido ao Colégio e rememoraram como a

instituição foi um fator de diferenciação de suas trajetórias. Ana Maria exemplificou essa postura:

Eu tive uma formação que fez diferença e, sem ser pretensiosa, faz diferença até hoje, em relação ao que eu vi depois acontecer com a minha filha, que teve uma boa formação, e com o meu neto, que teve uma boa formação... Mas esse tecido da educação está ficando desgastado. Tenho boas lembranças de coisas que aprendi lá. Da oportunidade de ter lido tanta coisa legal, de ter convivido com pessoas inteligentes, que estavam ali mesmo com vontade de dar aquela aula, de ensinar. Então, isso fica. Isso é valor para mim e eu gosto de lembrar, e outras pessoas que conheço e que estudaram lá, elas têm esse mesmo olhar em relação à escola. Acho que é para isso que a escola serve. Para deixar essa “marca”. Com se a escola dissesse: vai, você pode ir, o que eu lhe dei aqui vai te acompanhar.

Traçamos ainda um perfil dos alunos do curso noturno no Clássico e no Científico, objetivando comparações sobre o ingresso de meninas em relação aos cursos diurnos. Observamos que o número de estudantes do sexo feminino no período noturno era consideravelmente reduzido. No Científico noturno, 98% dos estudantes eram homens e esse percentual, no curso Clássico, era de 70%. Verificamos, portanto, uma variação significativa em relação ao sexo dos estudantes no turno da noite: um número de meninas bem inferior ao dos cursos diurnos. Contudo, não se identifica uma diferença significativa nas porcentagens referentes ao perfil socioeconômico na comparação com os alunos do período diurno. Neste sentido, do ponto de vista socioeconômico, constatamos que no curso noturno havia 25% dos estudantes no grupo A, 53,7% no B, 12,04% no C, apenas 0,93% no grupo D, 6,48% dos pais eram falecidos e 1,85% deles eram aposentados, conforme as considerações anteriores baseadas no estudo de Mello e Novais (1998).

Consideramos que, quanto à origem socioeconômica, os alunos do Colégio de Aplicação provinham, principalmente, dos grupos B (a classe média: o dono do pequeno estabelecimento comercial, o professor primário, o funcionário público de nível médio, o escriturário, o viajante comercial, o empreiteiro, o sitiante, o despachante, o guarda civil) e do grupo A (do topo da sociedade: diretor superintendente, fazendeiro, gerente, advogado, médico, padre, jornalista). Esses dois grupos representavam 82,46% dos estudantes, o que indica que os alunos do Colégio de Aplicação, no período de 1954 a 1968, eram, predominantemente, das classes média e

alta. O Colégio revela certo equilíbrio no número de ingressos de alunos de ambos os sexos.

Os relatos e as fontes escritas mostram que, passando por um rigoroso sistema de seleção, os estudantes evidenciavam alto desempenho acadêmico. No entanto, essa característica era favorecida por suas condições socioeconômicas, por pertencerem, prioritariamente, às classes média e alta sociedade de Belo Horizonte. Assim, esses alunos integravam uma espécie de “elite escolar” que tinha o privilégio, naquele contexto, de frequentar o ensino secundário.

Notamos, então, que o perfil dos alunos do Colégio de Aplicação esteve alinhado ao perfil do grupo de estudantes das décadas de 1950 e 1960, em que o ensino se destinava, sobretudo, à minoria integrante das elites econômicas e sociais do país. O Brasil passava por um período de crescimento econômico e industrial e essa geração estava se preparando para viver sua vida adulta em um país que buscava ascensão com base no desenvolvimento socioeconômico. Os relatos dos colaboradores, inclusive, apontam para a percepção dessa ascensão em suas trajetórias individuais profissionais. Alguns dos entrevistados declararam que “todos os colegas se deram bem na vida”, o que, naquele contexto, não representava a realidade da maioria da população. Todos os ex-alunos entrevistados formaram-se no curso superior e relataram que seus colegas de classe também o fizeram e foram bem sucedidos. Um exemplo está no depoimento de Gilvan a seguir.

O ambiente da escola em termos pedagógicos era fantástico, porque apesar de tudo dei certo na vida. E todos, quase todos os colegas que a gente tem informação, todos eles se encaminharam na vida. Não sei se era o momento que o Brasil viveu, o que foi, as oportunidades que existiram, mas todos evoluíram, pela própria situação mundial. Todos evoluíram, todos assentaram.

O Bruno é dentista, o Rafael foi engenheiro, trabalhou na Cemig muito tempo. Tem o José Fernandes, que hoje é consultor internacional, até hoje está na ativa, vive mexendo, escrevendo coisas, quem mais? Cristiano é médico na UFMG... Cristiano Machado não sei se aposentou. Ele não formou em Medicina, não sei se formou em Farmácia. O Cristiano trabalhava na UFMG, até pouco tempo. Encontrei com ele tem uns três anos, nós tomamos cerveja aqui em baixo, acho que ele trabalha na UFMG mesmo.

Figura 21 - Foto de uma assembleia.



Fonte: arquivo do Centro Pedagógico.

Outra característica que marca os alunos do Colégio de Aplicação é a condição étnico-racial. Embora não existam, nos documentos analisados, informações a respeito da condição étnico-racial dos alunos da instituição, algumas imagens localizadas nos dão indícios sobre tal questão. É o caso da figura 21, na qual observamos uma espécie de assembleia com os estudantes do Colégio e é possível perceber um número muito pequeno de não brancos⁸⁷. Ressaltamos que todos os nossos entrevistados, estudantes e professores, são brancos. Por que os negros e outras minorias étnicas não estavam no Colégio de Aplicação? Era uma exclusividade do C.A? Como era a frequência de pessoas não brancas no ensino escolar daquele período?

De acordo com a historiadora Cynthia Veiga (2008), nos primeiros 60 anos do século XX as escolas públicas eram estabelecimentos de ensino considerados de excelência, frequentados por pessoas das classes média e alta. Era restrito o número de pessoas das classes pobres por diversos motivos, dentre eles a inserção precoce no mercado de trabalho. A presença de não brancos era bastante limitada, por fazerem

⁸⁷ Utilizamos esse termo em conformidade com a designação apresentada por Hasenbalg (1979). Pela questão contextual e pelos documentos de época, neste trabalho o termo refere-se prioritariamente às pessoas negras, mulatas e pardas.

parte da camada mais pobre da população e também em virtude das diferenças de oportunidades escolares.

A autora nos convida a refletir que a escola pública elementar do século XIX foi essencialmente destinada às crianças pobres, negras e mestiças. E que a presença da população não branca nas escolas brasileiras não é decorrente da abolição da escravidão e instalação da República, mas é “parte da história do Brasil desde fins do século XVIII e especialmente aqui desde a Independência, da instalação da monarquia constitucional e da institucionalização da escola pública para todo cidadão brasileiro” (VEIGA, 2008, p.504). Tendo em vista o passado brasileiro, a autora chama a atenção para a longevidade histórica da discriminação étnica e racial nas salas de aula que vem se acumulando há quase duzentos anos.

Em seu livro *Discriminação e desigualdade racial no Brasil*, Hasenbalg (1979) faz uma análise das desigualdades educacionais entre brancos e não brancos nos anos de 1940 e 1950. De acordo com o autor, “os não brancos acompanharam a expansão do sistema educacional, elevando sua taxa de alfabetização. No entanto, tanto no Brasil como um todo, como no resto do país, os progressos educacionais dos não brancos foram mais lentos que do grupo branco” (p.192).

Analisando as desigualdades inter-raciais na educação, Hasenbalg evidencia o caráter elitista do sistema educacional brasileiro, mostrando que quando os níveis educacionais superiores são considerados, o grau de exclusão da população não branca cresce exponencialmente.

No país como um todo, em 1940 os brancos tinham uma possibilidade 3,8 vezes maior de completar a escola primária que os não brancos; uma possibilidade 9,6 vezes maior de completar a escola secundária; e uma possibilidade 13,7 vezes maior de receber um grau universitário. Em 1950, a mesma possibilidade era 3,5 vezes maior na escola primária; 11,7 vezes maior na escola secundária; e 22,7 vezes maior no nível universitário. Inequivocadamente, entre 1940 e 1950 a população não branca só manteve sua posição relativa no nível da escola primária, onde o número total de formados aumentou 245% naquela década. No entanto, nos níveis secundário e universitário, onde o número de diplomados aumentou 175% e 48% respectivamente, a posição relativa dos não brancos se deteriorou. Em 1950, os brancos – representando 63,5% da população total – detinham 97% dos diplomas universitários, 94% dos secundários e 84% dos diplomas da escola primária (HASENBALG, 1979, p. 193).

Podemos observar que a participação dos não brancos nos níveis secundário e universitário foi muito pequena. Hasenbalg sugere que a discriminação educacional e racial colaborou para produzir a exclusão dos não brancos das escolas secundárias e das

universidades. De acordo com dados apresentados pelo autor, a população não branca da região sudeste teve um maior acesso no nível elementar: 14% obtiveram o grau primário enquanto no resto do país essa proporção foi de apenas 4%. No entanto, mesmo a região Sudeste apresentando um maior desenvolvimento socioeconômico, isso não foi suficiente para produzir “melhores oportunidades educacionais para negros e mulatos” (HASENBALG, 1979, p. 195).

Ainda para o autor, a distribuição geográfica desigual é um dos obstáculos para a conclusão dos três níveis escolares dentro do país. Nessa direção, de acordo com Lilian Schwarcz (1998), 49,8% da população classificada como parda na década de 1950 encontrava-se na região nordeste e apenas 15,1% correspondia à população branca. Esses dados se invertem nas regiões sul e sudeste do país, onde o número de brancos corresponderia a 64% da população e 22,4% seria parda. Essa divisão dificultou a mobilidade ascendente dos não brancos, pois um número desproporcional de não brancos vivia na parte subdesenvolvida do Brasil, onde as oportunidades, econômicas e educacionais eram muito menores que na região Sudeste (HASENBALG, 1979). Mas, para Hasenbalg, além dessa divisão da população no país, também existia desigualdade dentro de cada região, tanto em uma perspectiva educacional quanto ocupacional.

Hasenbalg (1979) prossegue em seu argumento sublinhando que, após a abolição da escravidão no Brasil, a maioria dos não brancos permaneceram dependentes do setor agrícola de regiões economicamente atrasadas e, mesmo na região Sudeste, tal população, inicialmente, foi excluída devido à competição desvantajosa com os imigrantes europeus. Somente décadas após a abolição é que os não brancos, na região Sudeste, foram incorporados à classe trabalhadora.

Para Veiga (2008), a vulgarização da ideia de uma significativa importância conferida à escola para o processo de organização da sociedade é uma invenção imperial, associada à difusão da Constituição. A presença de pobres, negros e mestiços na escola pública brasileira no período imperial permite problematizar melhor o fracasso da escola como vetor de civilização e homogeneização cultural da população brasileira durante a Monarquia e sua recriação como escola de alunos brancos de “boa procedência” nos anos iniciais da República. Veiga (2008) conclui que a precariedade da escola pública elementar do século XIX ocorreu principalmente por sua clientela escolar, suas cores e pobreza, e a chamada “má procedência” se apresentou como impedimento social. Assim, a escola imperial fracassou em “educar as procedências”.

Portanto, no início da República, já se tinha um acúmulo considerável de experiências relativas aos processos de discriminação e preconceito no ambiente escolar. Para resolver o problema do fracasso escolar, a escola pública deveria deixar de ser indigente, ou seja, a sua clientela deveria ser outra – crianças de famílias de “boa procedência” –, “pelo menos é o que podemos verificar, em geral, nos alunos das escolas públicas brasileiras, principalmente das principais capitais, até por volta da década de 60 do século XX” (p. 514). O contexto de permanência de um lastro educacional segregador a partir da questão racial é claramente refletido na composição discente do Colégio de Aplicação, como evidencia a imagem apresentada anteriormente.

4.2 Cultura e sociabilidade entre os estudantes do Colégio de Aplicação

Ao falar dos colegas, dos professores, dos funcionários e do espaço em que se localizava a instituição, percebemos que os alunos do Colégio de Aplicação estabeleceram laços afetivos que permanecem até hoje, como mostra a afirmativa de Rafael: *a gente continua com uma amizade 50 anos depois, a gente continua com uma amizade boa*. As relações e as interações sociais influenciavam as escolhas e as ações desses jovens. De acordo com Dayrell (2007), a "turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, 'trocam ideias', buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um 'eu' e um 'nós' distintos" (p. 1111).

O período 1954-1968, no qual situamos nossa pesquisa, se constituiu como um momento de grande efervescência e criatividade cultural no Brasil. Renato Ortiz (1999) ressalta a expansão do teatro, do cinema, da música e da televisão. De acordo com o autor, as produções culturais encontraram, na época, um público urbano formado pelas camadas mais escolarizadas da sociedade.

O gosto pela literatura, pelas artes, pela música e pelos estudos foi objeto de destaque nas falas dos alunos do Colégio de Aplicação. Eles e elas afirmaram terem sido incentivados pela escola a ter contato frequente com as diferentes dinâmicas e produtos culturais, já que uma prática recorrente da própria instituição era a oferta de atividades variadas nessa direção. Ana Maria enfatizou a existência de recursos “modernos” para isso.

Tinha alguns recursos na aula, hoje não lembro mais como é que era isso, mas a gente via filme na sala, não lembro como, porque não tinha DVD, não tinha VHS. Não lembro como a gente via filme, mas lembro, existia filme na sala. Filme mesmo, não era slide, não lembro mais como era isso, mas tinha os recursos que a universidade podia oferecer. Essa era uma vantagem. Engraçado, você está me fazendo pensar nisso, nunca tinha pensado a escola por esse ângulo. Nós assistimos a um filme sobre o Grande Sertão Veredas⁸⁸. Não era o que passava na televisão, alguma coisa tinha que ter, e quando o recurso é bom você não reclama.

Eram recursos que, para a época, eram um avanço de primeira linha. Ouvíamos música na sala. Acho que a escola investia para você ter um padrão melhor de ensino do que em outros locais. Tinha colegas que estudavam em outros colégios e não tinham isso, mas sempre a exigência era de padrão alto.

O cinema representava um dos principais modos de entretenimento dos moradores da capital mineira e havia, espalhadas pela cidade, várias salas de exibição. Dentre elas destacam-se aquelas pertencentes ao Cine Acaiaca e ao Cine Metrôpole que, de acordo com Albano (2008), tinham a vantagem de oferecer três sessões de matinês todos os dias da semana. Para a autora, ir ao cinema, localizado no centro de Belo Horizonte, não se limitava somente ao prazer de assistir ao filme, mas “significava a possibilidade de olhar, de sentir, de fruir a cidade nos seus múltiplos usos. Além da divertida viagem no bonde que descia a Rua da Bahia. Um acontecimento ímpar, uma aula de sociabilidade” (p.28). O cinema, além de meio de acesso à cultura e da partilha de vivências, no âmbito do Colégio de Aplicação, era frequentemente utilizado como ferramenta para promover, entre os alunos, discussões e análises, e seus conteúdos eram utilizados em trabalhos desenvolvidos na instituição. Como relatou Ana Maria, afora o cinema, as revistas também faziam parte do cotidiano dos alunos:

Lembro-me de ir ao cinema; naquela época tinha, antes de começar o filme, o canal (Canal 100) que era um jornal, e nesse jornal sempre passava alguma coisa, e a gente usava essas informações para trazer para os trabalhos que estávamos fazendo.

Então era estimulado assim: o que você leu? O que trouxe? O que viu? As primeiras revistas que começaram a circular, a Veja vem um pouco depois, se não me

⁸⁸ Grande Sertão: Veredas, filme brasileiro, de 1965, é baseado no romance de Guimarães Rosa e foi dirigido por Geraldo Santos Pereira e Renato Santos Pereira. <http://www.adorocinema.com> Último acesso em: 01 maio de 2019.

engano. Tinha uma revista chamada Realidade⁸⁹, que era tipo a Veja, Isto É, então de ler, de acompanhar o que estava acontecendo, de trazer, porque estudávamos Estudos Sociais, além da famosa OSPB.

De acordo com Rabêlo (2013, p.110), “o futebol disputava com o cinema a preferência da população, principalmente do público masculino”. Os ex-alunos que entrevistamos disseram que para os meninos a maior diversão era o futebol. Embora a maioria tivesse o futebol apenas como atividade de lazer, havia dentre os alunos alguns atletas profissionais, como Carlos Braga, que foi jogador do Minas Tênis Clube e do América Futebol Clube. No âmbito do Colégio de Aplicação, a realização de campeonatos entre as séries e os estudantes era uma prática regular. Também eram promovidas disputas com outras escolas e clubes. Além disso, era permitida aos estudantes a utilização do espaço da escola nos fins de semana para a realização dos jogos. Deste modo, podemos considerar que o espaço dedicado à prática esportiva, sobretudo ao futebol, se caracterizou como significativo meio de socialização e partilha entre os alunos da escola. Como lembrou Rafael, boa parte do tempo, especialmente dos meninos, era dedicada ao futebol: *quando não tinha aula a gente ia para o campinho. Eles fizeram a quadra de futebol, a gente ficava jogando o dia inteiro. Enquanto um não passasse mal, o jogo não acabava. Acabava na hora que um passava mal, então ia embora, acabou.*

Apesar de a presença do futebol ser marcante nas práticas daqueles jovens, essa não era a única atividade esportiva desenvolvida no Colégio. Tampouco eram apenas os meninos que desfrutavam do esporte como espaço de lazer e socialização. Foi relatado por Paula que havia a realização, também, de disputas de jogos de voleibol entre turmas e entre colégios, com a participação de equipes femininas. Elas eram treinadas pelos colegas mais experientes e costumavam jogar nos clubes que suas famílias frequentavam.

Particpei do time de vôlei. Era uma atividade extracurricular. Um colega nosso, que era da minha turma, o Paulo Menezes, era o nosso treinador. Não tinha

⁸⁹ A revista *Realidade* foi criada em 1966, pela Editora Abril, e foi editada durante dez anos consecutivos. É considerada um marco na história do jornalismo brasileiro. Os três primeiros anos de sua existência constituem um de seus períodos mais importantes. *Realidade* foi modelo de vinculação entre a produção do texto jornalístico e o conjunto das manifestações culturais e políticas vividas no Brasil naquele período. <http://virourealidade.blogspot.com/2010/05/historia-da-revista-realidade.html>. Último acesso em 26 jun. 2019.

somente uma turma. Eram alunas de várias turmas. Eu gostava quando jogávamos vôlei.

A figura 22 mostra a equipe feminina do Colégio de Aplicação para os jogos estudantis, sob a direção do aluno Paulo Menezes, vestindo uniforme composto por uma blusa regata branca com o escudo da escola e uma saia de comprimento acima do joelho.

Figura 22 - Foto da equipe feminina de vôlei do Colégio de Aplicação.



Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Paula Apgaua.

Os clubes da cidade também representavam um espaço de socialização dos estudantes do Colégio, que praticavam esportes, nadavam, conversavam, frequentavam as “horas dançantes⁹⁰”, entre outras atividades, como rememorou Gilvânia.

Tinha a rua Sagarana, que desembocava no Mackenzie⁹¹. Éramos sócios do Mackenzie, era uma segunda casa para a gente, para ir para a piscina, jogar vôlei. E a gente brincava muito na Rua Sagarana, jogava queimada, amarelinha. Nossa! Então a gente adorava chegar da escola e ir para a rua. Antes de ir para a escola podíamos brincar só depois que tivesse feito os deveres tudo certinho, e aí era pouco tempo.

As horas dançantes, comentadas por todos os nossos colaboradores, realizavam-se nos clubes, no salão da igreja e nas residências. Camélia comentou que alguns desses eventos, comuns para a juventude da época, ocorreram em sua residência.

⁹⁰ As horas dançantes eram festas organizadas com muita música. Lopes (2015, p.76) descreve as horas dançantes: “arrastavam-se os móveis para um canto, levavam-se outros para os porões, escolhiam-se os discos; preparava-se a Coca-Cola, o gelo; escondia-se a vodka e o rum atrás de algum sofá (“Como esse menino ficou embriagado? Não havia uma gota de álcool aqui em casa”); salgadinhos fáceis, isto é, azeitonas, amendoim, capeta, castanha de caju ..., *and let’s twist again*”.

⁹¹ O Mackenzie Esporte Clube foi fundado em setembro de 1943 com o objetivo de ser um espaço de lazer e da prática de esportes. Atualmente situa-se na Rua Benvida de Carvalho, s/n. Santo Antônio. Belo Horizonte. <http://mackenziebh.com.br/> Último acesso em 13 maio 2019.

A música era outra atividade muito apreciada por aqueles jovens, que se reuniam nas casas de seus colegas para tocarem e apreciarem as canções.

Estávamos no meio da ditadura, mas, pela nossa idade, pelo que a gente percebia, não teve a mínima influência. Nem sabia que tinha ditadura. A única coisa que a gente pensava era em jogar futebol e tocar violão, era só isso que a gente fazia.

A minha casa era o centro de uma turminha que ia para estudar e ficávamos tocando o violão; chegamos até a formar um quarteto dos bons, do tipo MPB⁹². Teve até uma festa no Aplicação, uma festa à noite, eu nem sei o que era, de repente veio um colega nosso: o pessoal do Aplicação está chamando vocês para cantar lá.

Chegamos lá, estavam os diretores, os professores e os alunos; não sei o que era, mas colocaram o violão na mão de um colega nosso e tivemos que cantar umas músicas. Então, o negócio nosso era esse, a gente não misturava com pensamento, nada de ditadura. (Rafael).

Os relatos de nossos colaboradores são claros no que diz respeito à importância conferida às festas, aos namoros, às conversas e às amizades no processo de constituição de suas experiências juvenis.

A gente via que era tudo muito bom na escola. Até hoje todos lembram muito da escola. Não sei se é porque era uma escola pequena, éramos muito amigos, muito amigos. Os meninos saíam (eu morava no bairro Pedro II, subindo a Catalão) do Santo Antônio a pé e vinham fazer serenata para mim. Era festinha, muita hora dançante que tinha. Fizemos uma excursão uma vez para Sabará, fomos para Ouro Preto. Era uma amizade muito firme, era muito legal mesmo, isso marcou todo mundo. (Camélia).

Para além das iniciativas particulares de socialização criadas pelos alunos, havia também aquelas promovidas no interior do próprio Colégio, a exemplo das “famosas”

⁹² MPB4 é um grupo vocal e instrumental brasileiro formado em 1965. Os principais gêneros do grupo são o samba cantado e a MPB. Sua formação original contava com Miltoninho, Magro, Aquiles e Ruy Faria. Em 2012, com o falecimento de Magro, o cantor e compositor Paulo Malaguti passou a integrar o grupo. Atualmente, o MPB4 é formado por Paulo Malaguti, Aquiles, Miltoninho e Dalmo Medeiros, que entrou no grupo após a saída de Ruy Faria, em 2004. O MPB4 recebeu várias premiações ao longo da carreira; dentre elas, destacam-se o prêmio na categoria Conjunto, da Associação de Paulista de Críticos de Arte, e o de Melhor Grupo de MPB, no Prêmio da Música Brasileira nas edições de 1988, 1990, 1996 e 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/mpb4-o-sabor-de-recomeco-7337001> último acesso em: 06 jul. 2020. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/01/21/interna_diversao_arte.654414/50-anos-do-mpb4.shtml último acesso em: 10 jul. 2020.

festas juninas da escola. Tratava-se de um momento oportuno para diferentes experiências sociais, de partilha e experimentação.

No Ginásio, tinha a festa de São João, a quadrilha. O colégio ficava animado com os ensaios de quadrilha, porque você ia estar com o par feminino, era aquilo: “Com quem vou dançar quadrilha?” Era aquela expectativa. Isso ajudava você a conhecer todo mundo no colégio. Era o Geraldo Marmelada, o Fernando Saliba, então você conhecia todo mundo. (José Lima).

Conquanto no Colégio estudantes de ambos os sexos habitassem os mesmos espaços, de acordo com Paula, havia, na época, restrições quanto ao que se falava entre meninos e meninas e um episódio em suas primeiras semanas de aula no Científico representou para ela um momento de constrangimento.

A coisa mais engraçada que aconteceu comigo no primeiro ano, quando entrei no Colégio de Aplicação, foi a seguinte. Estávamos no recreio e eu tinha vindo do Izabela, que era escola só de meninas. No Izabela, não nos policiávamos para conversar. No nosso grupo de conversa, no Aplicação, estavam alguns meninos. Na vista deles, sem a menor maldade, chamei a minha amiga, que tinha sido do Izabela e que tinha ido para o Aplicação, antes de mim, para irmos ao banheiro. Não passou na minha cabeça, que era inconveniente falar assim perto dos meninos. Não notei nenhuma reação deles, mas ela ficou morrendo de vergonha e saiu dizendo: “Paula, na frente dos meninos não se pode falar neste assunto”. Fiquei muito envergonhada. Por aí se vê, que, naquela época, havia muitas restrições para a convivência entre meninos e meninas.

Para Gilvânia, tratava-se de mais uma forma de expressão do machismo impregnado nas relações sociais. Meninas e meninos recebiam um tratamento diferente e elas eram muito vigiadas e cobradas pela família, pela escola e até mesmo pelos colegas. Mesmo aqueles alunos e professores que aparentavam ideias e comportamentos ditos mais “modernos” reproduziam e legitimavam ações sexistas.

Naquela época a sociedade era super machista, super machista! Se você subia a saia, até isso, todo mundo puxava a saia para cima, tinha aquelas que puxavam um pouco mais, e eram chamadas de “galinhas”. Os próprios colegas falavam: “aquela é galinha”. “Ah, fulano falou da mãe da fulaninha que ligou para minha mãe para saber dela, porque não chegou em casa, eu acho que ela é galinha, devia estar na rua, galinha!” Isso aí era direto.

Os professores reforçavam isso muito: a postura da menina, a maneira da menina se comportar: “Menina não faz isso, menina não faz aquilo”. Isso tudo era muito, muito reforçado. Você vai se juntando com a turma cabecinha mais aberta, mas no geral também era, todo mundo. Bem machista!

A gente começou a transgredir no Científico, transgredir assim: fumar na época era uma beleza, era um sinal de independência, era chique fumar. Vê que burrice. Você fuma, depois custa para deixar o vício, porque é um inferno. A gente fazia as nossas transgressões. No Científico já tinha umas cabeças mais abertas um pouco.

Fazíamos umas festas bacanas. Bebia, ficava tonto, chegava em casa tonto, o pai ficava bravo. Coisa de adolescente, 17 anos, 18 anos. Mas era muito machista, muito machista mesmo. Você é da turminha, você está andando com muito homem, ou se tem amigas mulheres, tudo muito vigiado. O seu comportamento, muito vigiados por todos, inclusive pelos próprios colegas. (Gilvânia).

As mulheres foram conquistando o seu espaço nessa sociedade de estruturação patriarcal e de práticas e ideias sexistas. Cada vez mais passaram a assumir outros papéis além dos de mãe e “dona de casa”. Conquistaram – e ainda o fazem de maneira diária e árdua – significativos espaços na organização social, assumindo cargos importantes e construindo estruturas hierárquicas menos submissas. Entretanto, persiste uma grande desigualdade nas relações de gênero e os abusos sofridos pelas mulheres – nas mais diferentes formas – ainda são muitos. Sobre a questão, Gilvânia, que compartilhou conosco sua experiência como estudante, profissional e mãe, sublinhou que a discriminação contra a mulher ainda é presente e significativa.

Essa coisa da discriminação feminina existia; melhorou, a custo de muita briga. As brigas das mulheres foram alargando, conquistando muitos espaços, e ela está em pauta, atualíssima, infelizmente, porque é uma ciclicidade que é impressionante. Coisas que não imaginava que fosse ouvir, ou que ainda fosse presenciar, ver, está aí.

Tem muita coisa que acho e, a gente chama assim, epidemia diagnóstico, não aprecia o que hoje está sendo mais dito, a violência contra a mulher. Antes não se falava, e ainda tem muita coisa, muita, muita, muita, mas já se fala mais, os feminicídios, essas coisas. Agora é isso, então é uma batalha incessante.

Um período que marcou a juventude desses estudantes foi o pós-1964, em que o Brasil viveu a ditadura civil-militar, conforme comentou Gilvan, qualificando esse momento como “um período de muita contestação”.

Esse período que a gente viveu de 1964 para a frente, que ali o próprio espírito da Fafich, era um espírito mais aberto, de mais contestação, ele passava para dentro do colégio, é claro. Mas não tinha, não tinha realmente muita coisa não, era tranquilo.

Dentro da escola falávamos do momento que o país vivia. Era uma época de conversar, de contestar, ainda mais que a gente tinha gente na família. Tive três irmãos que foram presos durante a ditadura. Foram torturados, espancados e sofreram muito. Todo mundo tinha, tinha na faculdade, onde o ambiente realmente era de abolição. Então, isso passava. Sempre saía conversa, mas nunca houve assim nada organizado.

O Colégio de Aplicação, de acordo com nossos entrevistados, não foi alvo direto das intervenções dos militares, uma vez que os alunos eram muito jovens e tinham pouco envolvimento com questões políticas e movimentos estudantis, segundo a professora Aloys.

O Colégio de Aplicação praticamente não sentiu o efeito do regime militar de 64, nós continuamos a dar aula. Lembro-me só uma vez que o Colégio de Aplicação foi invadido, nos prenderam lá dentro, e como estava grávida, deixaram que eu saísse. Mas fora disso, os alunos não, eles nem sabiam que estava existindo isso. Só se os outros professores comentavam com eles. Na aula de Matemática, não.

Corroborando o relato da professora Aloys, Rafael memorou: *estávamos no meio da ditadura, mas, pela nossa idade, pelo que a gente percebia, não teve a mínima influência. Nem sabia que tinha ditadura. A única coisa que a gente pensava era em jogar futebol e tocar violão, era só isso que a gente fazia.*

Gilvânia relatou a situação vivida no colégio no período da ditadura brasileira entre as décadas de 1960 e 1980.

O Colégio de Aplicação refletia a Fafich, que era o centro de grande movimentação política estudantil. Vivemos dentro do colégio assistindo bomba de gás lacrimogêneo, correria dos universitários. Até muitas vezes para o próprio colégio, e ao mesmo tempo a direção da escola era muito rígida com isso, aquelas coisas de subir bandeira. Tínhamos que cantar o hino e a gente burlava, burlando aprendemos. Acho que todo adolescente aprende. Naquela época, era uma questão de sobreviver de algum jeito do ponto de vista que éramos ainda muito novos, vendo como tudo funcionava, não estava bom.

Muitos alunos não estavam preocupados com o que acontecia na política; nem mesmo tinham conhecimento da ação repressiva e violenta do regime militar. Não

conversavam sobre esse assunto, mesmo sofrendo impactos diretos da ditadura, a exemplo de Paula, que se lembrou de ter sofrido a ditadura dentro de sua própria casa.

O meu pai ficou preso por muito tempo. Ele ficou preso, nunca foi torturado nem nada, mas ficou. Ele era líder de funcionários públicos. Daquele pessoal que ia fazer greve na praça da Liberdade. Ele ajudava muito nas greves das professoras. Aí vinham os policiais e jogavam água no pessoal que comparecia às manifestações. Eu tenho um irmão, mais novo do que eu, que tinha mais ou menos 13 anos quando começou a participar de movimentos estudantis. Era muito menino, mesmo. Acabou saindo do Brasil e se exilando na Suécia. Eu não era ligada à política. Só queria saber de estudar, de namorar, de casar. Naquela época, passamos por muitos problemas dentro de casa. Foram tempos difíceis.

Ainda que aparentemente pouco visível para alguns, a ditadura impactou os estudantes pela proximidade física da escola com as instalações da Faculdade de Filosofia de uma universidade politizada, com muitos estudantes, professores e funcionários contrários ao regime de governo daquele período, conforme o depoimento de Camélia.

Tivemos um impacto da ditadura na escola, por quê? Por causa da Fafich. Ela era foco, então a gente acabava vendo muitas coisas, porque o colégio era ao lado. Então, pela parte do estacionamento, entrava a cavalaria, gás lacrimogêneo, aquelas coisas todas que a gente conviveu. Disseram: "O Jânio Quadros caiu!!!" A gente ouvia falar. A gente assistiu isso. Depois falavam que tinha gente dedo-duro, do Dops⁹³, mas dentro do colégio nunca vi nada assim...

Gilvan comentou a respeito das experiências vividas em função daquele particular momento histórico da política brasileira: *todo mundo tinha muito medo. Normal, não é? Um bando de rapazes, de gente pequena, sabendo das coisas que estavam acontecendo no Brasil, porque se sabia. Quem queria sabia e quem não queria fingia que não sabia. Mas organizadamente não tinha nada dentro da escola. De vez em quando, corriam os panfletos, isso devia ter vindo da Fafich. Alguém da Fafich é*

⁹³ O Departamento de Ordem Política e Social – DOPS – foi criado em 1924. Era um órgão do governo que tinha como função assegurar e disciplinar a ordem militar no país. Era responsável por emitir atestados de bons antecedentes, verificar a entrada, fabricação e saída de materiais explosivos, mantinha registros de estrangeiros e de pessoas acusadas de ferir a ordem pública e ou social. Em 1940, foi associado ao serviço secreto, tendo como uma de suas práticas o combate aos movimentos de esquerda no país. Torturas, prisões ilegais e execuções eram rotinas do DOPS, conforme registros encontrados nos seus arquivos que ficaram disponíveis para consulta pública a partir de 1994. <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/textual/deops> Último acesso em: 10 abr. 2019.

que espalhava. A gente chegava à sala, havia os manifestos, havia algumas coisas contra a ditadura, contra o golpe. Depois de 64 começou a ter isso, mas organizadamente não. Lá dentro, não.

Consideramos que os tempos que esses jovens permaneceram juntos na escola, nos esportes, no cinema, nas noites dançantes, nas festas e mesmo nos períodos difíceis vividos a partir das experiências desencadeadas pelo governo da ditadura definiram significativamente a dinâmica de suas relações. Ao discutir "o tempo escolar", Gallego (2015), afirma:

A entrada na escola instaura, assim, novos tempos, novos ritmos e rituais tanto para as crianças quanto para as suas famílias. Embora não seja alvo constante das reflexões cotidianas, o tempo, ou mais especificamente, os modos pelos quais esse está organizado, influencia a atitude mental e o modo de vida das pessoas (p. 252).

A socialização, as relações pessoais, a amizade construída na juventude sem dúvida contribuíram para o processo de formação daqueles jovens e marcaram suas vidas. Nos encontros que ainda promovem, compartilham o que consideram ter sido mais importante. Nas palavras de Carlos Braga:

Eu trago do colégio as melhores recordações de uma juventude muito bem vivida e que efetivamente se refletiu através dos tempos e hoje o reflexo disso está exatamente nesse nosso encontro que retrata tudo aquilo que plantamos lá atrás e estamos colhendo agora

Para José Lima, a experiência de ir para um colégio misto foi extremamente relevante, pela possibilidade de contato com outra cultura e pela oportunidade de formação.

É realmente difícil discutir ou deixar registrado aqui o que mais me marcou no Colégio de Aplicação. Acho que pode ter sido o início da vida, da minha vida de adolescente, começando a enxergar as coisas. Tive a felicidade de estar em um lugar que só tinha coisa boa, coisa séria, qualidade de ensino, professores qualificados, sem muita ideologia política. Na época, o Brasil passava por uma fase de extrema indefinição. Hoje não tenho dúvida de afirmar que um pouco da minha personalidade ou quase toda foi moldada, um molde bem feito, com artistas, artesãos perfeitos e que me deram a oportunidade de enxergar o mundo com muita clareza, muita ética, sem distorções. Realmente acho que foram cinco anos cruciais na minha formação.

Gilvan considerou que ter sido aluno do Colégio de Aplicação foi essencial para sua formação e para sua vida.

O colégio em relação ao ensino foi a melhor coisa aconteceu para mim. Destaca-se pela socialização. Não sei se era uma nata de Belo Horizonte. Não sei o que era, mas criei grandes amigos. O ambiente era muito bom, de companheirismo, de alegria. Não ia para a escola contrariado, nunca! Em período nenhum dessa época. Tenho amigos até hoje, desde o 1º ano de Ginásio. Temos 55 anos de amizade. O Luiz Roberto entrou no segundo ano no Ginásio. Eu entrei no primeiro. O Rafael, com quem você vai falar, entrou no primeiro, ele era praticamente meu vizinho. Bruno, José Geraldo, essa turma, desde o primeiro ano do Ginásio.

Paulo Ângelo expressou a sua satisfação por ter pertencido ao Colégio e o significado do sentimento que levou para a vida desse pertencimento. *O mais importante que ficou para mim do Colégio de Aplicação é tudo que sinto em termos de vida, eu devo tudo ao Colégio Aplicação.* Para Eduardo Belisário, o Colégio foi a base de sua formação cultural. *É o que ficou para o resto da vida, que é a base de todos nós para a formação cultural, educacional ...*

As práticas sociais vividas no Colégio foram marcantes e as amizades ali construídas se estenderam ao longo da vida daqueles alunos⁹⁴. José Lima explicitou sua impressão de ter sido privilegiado por ter frequentado o Colégio: *não sei se por alguma coincidência temporal, que às vezes o universo escolhe uma época, mas aquela escola foi a nata. Não tenho dúvidas em falar que nessa época aconteceu como se uma nuvem de cultura tivesse parado ali em cima do Colégio de Aplicação e falasse assim: “Esses meninos vão ser privilegiados”.*

4. 3 - Por que ir para o Colégio de Aplicação?

A gratuidade e a qualidade do ensino ofertado pelo Colégio de Aplicação motivavam a escolha da instituição e faziam valer a pena enfrentar as dificuldades do rigoroso exame de admissão, conforme comentou o ex-aluno Paulo Ângelo: *fui estudar no Colégio de Aplicação porque era um colégio público. Os meus pais não podiam pagar um colégio privado.* Outros alunos mencionaram a gratuidade e o fato de os

⁹⁴ Todos os nossos entrevistados falaram dos encontros de turma deles que realizam com frequência, por vezes com a participação de alguns professores.

irmãos já estudarem no colégio: *Eu fui estudar no Colégio de Aplicação porque era um colégio gratuito. Vim de uma família de muitos irmãos e alguns deles já estavam estudando no Colégio de Aplicação* (Marco Antônio).

A condição de escola pública gratuita era relevante para as famílias dos candidatos, muitas vezes numerosas; a gratuidade impactava positivamente as despesas familiares: *Minha família era grande, nós éramos seis filhos e a educação era um item que pesava* (Carlos Braga). No caso de Marcus, não havia sequer opção por um colégio particular. Ele deveria estudar em um colégio gratuito para continuar seus estudos: *na época, meu pai tinha quebrado, então tive que sair de um colégio pago para ir para um colégio gratuito, pois se não fosse assim, não poderia continuar estudando*.

Em situação um pouco diferente de Marcus, a ex-discente Paula concluiu o ginásio em um colégio particular, mas fez o Científico no Colégio de Aplicação por ser ele gratuito: *não éramos de família rica e meus pais estavam pagando escola particular para mim. Então, fiz um combinado com minha mãe. Quando terminasse o Ginásio, iria para o Colégio de Aplicação*.

A gratuidade também representou contribuição significativa para aqueles alunos que tinham migrado juntamente com suas famílias para Belo Horizonte. Com o crescimento da capital mineira e as oportunidades que a cidade oferecia na época, muitas famílias deixaram suas casas no interior e vieram para a “cidade grande”.

Fui criado em Barão de Cocais, interior de Minas Gerais. Minha família veio para Belo Horizonte em 1959. Como todos os colegas aqui, vivendo numa família numerosa e sem muitas condições para estudar, fiz o concurso para o Colégio Estadual e o Colégio de Aplicação. Não fui aprovado no Colégio Estadual, mas fui aprovado na seleção do Colégio de Aplicação, onde eu cursei da 4ª série do Ginásio até o 3º Científico (José Lima).

Ser livre de qualquer taxa era uma boa oportunidade para muitas pessoas terem acesso à escola. Entretanto, ainda havia um reconhecimento dos próprios estudantes quanto às qualidades do Colégio, a ponto de colocá-lo como primeira escolha mesmo quando poderiam optar por outra instituição, como no caso do ex-aluno Cláudio Berenstein:

Meu pai era militar e na época eu tinha o direito a escolher dois colégios gratuitos, o Colégio Militar ou o Colégio de Aplicação. Eu escolhi o Colégio de Aplicação.

Ademais, motivações relacionadas a um processo de superação pelos próprios estudantes também justificaram a opção por um colégio gratuito e de qualidade. Nesse sentido, Eduardo Belisário queria “dar uma satisfação” à família em relação a sua capacidade.

Eu era oriundo do Colégio Santo Antônio e fiquei marcado, pois havia perdido o ano. Tinha que dar uma satisfação para minha família, principalmente para meus pais, de que eu era capaz de entrar para um bom colégio de ensino gratuito, através de um concurso público, não por necessidade, mas por superação própria.

Cabe acentuar que não somente o lugar de excelência no ensino ocupado pelo Colégio constituía-se como justificativa para a escolha da instituição. Muitos optaram por estudar no Colégio pela proximidade de casa. Foi o caso de Rafael, que agregou o fator da proximidade ao ensino de qualidade: *fui para o Colégio de Aplicação por duas coisas: tinha renome, um prestígio e era pertinho de casa.*

A localização do Colégio, privilegiada em relação a sua residência, teve grande peso para Gilvan e Gilvânia.

Fui para o Colégio de Aplicação pela proximidade de casa, morava a um quarteirão do Colégio de Aplicação. Por ser perto a mamãe me dirigiu para o Aplicação. Não sei quais informações ela teve. Tinha 11 anos, nessa época. Acho que pai e mãe até hoje contam muita história para os meninos, porque isso, porque aquilo. Não sei dizer o porquê de terem escolhido, mas acho que é muito em cima disso, muito por causa da proximidade de vir e ter um bom conceito como escola. (Gilvan).

Nossos pais é que escolhiam onde iríamos estudar. “Você vai fazer o Aplicação!” O Colégio de Aplicação era melhor para a gente, porque era a um quarteirão da nossa casa. A gente obedecia, não tinha outra coisa a fazer. Essa hipótese nem passava pela cabeça de ninguém. Era assim que funcionava. Os pais mandavam e nós obedecíamos. Era uma relação muito autoritária. É claro que não vou generalizar, não sei como era em cada família. As famílias dos meus colegas com quem convivi no geral eram assim. (Gilvânia).

Gilvânia enfatizou que, em relação à escolha da escola feita pelos pais, havia diferenças de gênero: *interessante que para os homens era o Estadual. Tive um irmão que foi para o Estadual. O Gilvan também fez o Aplicação, eles não ligavam de andar mais, mas mulher tinha que ficar na rédea, na rédea mesmo.*

Familiares e amigos também influenciavam na decisão quanto à escola para os estudantes. Isso ficou claro, por exemplo, no relato de Camélia: *Eu escolhi fazer a seleção para o Colégio de Aplicação por sugestão da minha tia. Ela tinha referência do colégio, pois havia filhos de amigos que estudavam na escola.* Luiz Santana fez exames de seleção para o Colégio Estadual e para o Colégio de Aplicação. Aprovado nos dois, seguiu os conselhos do pai para decidir: *meu pai era professor da Faculdade de Filosofia, ao lado do Colégio de Aplicação. Ele conhecia o Colégio de Aplicação, conhecia os professores e acreditava que o Colégio de Aplicação era o melhor colégio em Belo Horizonte, então ele decidiu que eu deveria ir para lá e foi para onde fui.*

Dentre as várias razões para a escolha do Colégio de Aplicação, destacamos as duas mais frequentes nas narrativas dos ex-alunos: a gratuidade e a qualidade.

4.4 - Uniformes e cadernetas: cenas do cotidiano dos estudantes do Colégio de Aplicação

Entre alguns elementos materiais que constituem a escola e sua cultura está o uniforme. Marcon (2017) afirma que “no Brasil os uniformes escolares passaram a ser utilizados entre 1800 e 1900 com o advento da Escola Normal, sendo que a primeira Escola Normal no Brasil surgiu em Niterói, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX” (p. 17). Entretanto, foi com o advento da República e a expansão do ensino que o uso dos uniformes padronizados para os alunos das escolas públicas brasileiras ganhou força. Durante o período Republicano, os uniformes escolares foram inspirados nos modelos de militares do Exército Nacional, como uma maneira de manter vivos os ideais republicanos de ordem e progresso. Ideais esses que, por meio dos uniformes, eram uma forma de supervalorizar a imagem e elevar o espírito de patriotismo e nacionalismo do país (LONZA, 2005).

Somente após a Segunda Guerra os uniformes escolares ganharam modificações consideráveis no que diz respeito à forma e às cores. De acordo com Lonza (2005), o mundo estava em transformação e a moda jovem mudou com o advento do *Rock'n roll* como manifestação cultural.

O *Rock* muda tudo. O mundo estava em constante mudança, era uma metamorfose ambulante. Enquanto nos Estados Unidos, os *beatniks*

misturavam poesia, *be pop* e cruzavam o território para tentar responder as velhas angústias existenciais, na segunda metade da década de 50, surgiu o som que iria revolucionar a música e os costumes do mundo: o *rock'n roll*. Os jovens ostentando blusões de couro negro e calças bem justinhas imitavam os tiques enfastiados de Marlon Brando e James Dean. O *rock* foi a música que instigou a juventude a procurar a própria moda. Nessa época, os uniformes tiveram um papel especial. O estilo de roupa que se usava para ir ao colégio – a chamada moda colegial – inspirou a moda jovem. Eram as saias rodadas combinadas com blusas mais simples, sapatos baixos e camisetas, usadas para baixo da camisa ou nas aulas de Educação Física, tornando-se peças indispensáveis no vestuário jovem masculino. O *jeans* chegou para ficar definitivamente, no uso diário e nos uniformes, embora tenha gerado muita controvérsia – era ideal para os meninos e problema para o pessoal da escola, já que em diferentes, estágios de descoramento, os alunos nunca ficavam uniformes (LONZA, 2005, p. 160).

Exemplo dessa renovação de estilo nos uniformes escolares esteve presente no Colégio Estadual de Belo Horizonte. O uniforme desse Colégio foi alterado em 1957 em busca de um estilo mais despojado – para os padrões de até então – adaptando-se à moda juvenil da época. Para os meninos, era uma calça cinza com blusa branca de manga comprida, já para as meninas a “saia era evasê com macho na frente e outro atrás, o que contrastava com a saia de pregas dos colégios de freiras” (TEIXEIRA, 2011, p. 158). O surgimento da minissaia também alterou os padrões da moda, especialmente das roupas femininas, e, assim, as meninas passaram a vestir saias mais curtas, inclusive nas instituições de ensino. De acordo com Maria, ex-aluna do Colégio, “o uniforme era colorido, diferenciado” (TEIXEIRA, 2011, p.158).

No que concerne à representação simbólica alcançada pelas roupas, Umberto Eco (1989) salienta que o vestuário tem uma noção de comunicação e amplitude do que é a vida em sociedade. Para esse autor, a roupa não serve simplesmente para proteger o corpo do frio ou do calor e para cobrir a nudez - vista pela opinião pública das sociedades como vergonhosa. Eco argumenta que, antes de tudo, o vestuário deve ser analisado como um artifício inventado para comunicar. Deste modo, a vestimenta comunica intrinsecamente aspectos culturais da sociedade em que se insere, isto é, a noção de comunicabilidade do vestuário se insere no quadro de uma vida da sociedade em que tudo é comunicação. Para Eco (1989), “a indumentária assenta sobre códigos e convenções, muitos dos quais são fortes, intocáveis, defendidos por sistemas de sanções ou incentivos” (ECO, 1989, p. 15).

Portanto, é possível considerar que o uniforme representa mais do que uma simples vestimenta, sendo capaz de conferir sentidos e significados aos sujeitos e suas práticas. É capaz de traduzir o pertencimento a um determinado grupo social, cultural e

intelectual, criando uma identidade. Tais significados culturais podem, de acordo com Queluz (2008), “ser mais potentes para as pessoas que as funções sociais e econômicas e que os objetos/tecnologia/sistemas tecnológicos que foram projetados para realizar” (p. 14). A autora acrescenta que “se percebermos o universo da cultura material, dos artefatos e da tecnologia como experiências vividas, talvez, sejamos capazes de vislumbrar as sutis formas de criação, inserção, apropriação e transformação dos artefatos feitos pelos diversos atores sociais” (p. 15). Desta maneira, o uniforme serviu como forma de identificação, controle e padronização dos alunos.

O uso do uniforme era obrigatório para a identificação dos jovens como alunos do Colégio de Aplicação. Uniformes de meninos e meninas eram diferentes. Meninos usavam uma camisa branca, na qual era costurado o escudo da escola em tecido, adquirido na própria instituição. O uniforme era completado por uma calça azul marinho e sapatos pretos. Nas aulas de Educação Física, os meninos trajavam blusa branca e short azul marinho e calçavam tênis com meia branca, esta última indispensável de acordo com o relato de Marco Aurélio.

A vestimenta diária obrigatória e a de Educação Física das meninas foram descritas por Gilvânia: *o uniforme das meninas era saia azul; como chamavam? De prega macho. Era saia, sapato preto, meia e a blusa branca com o escudo do Colégio de Aplicação. O uniforme de Educação Física era short, a gente usava short. Os meninos usavam calça. O calção era para Educação Física. A ex-aluna contou, também, como as meninas tentavam subverter um pouco o sistema do uniforme: a saia da escola era abaixo do joelho; a gente saía de casa, já dobrava em cima e quando chegava à escola todo mundo estava de minissaia. A blusa não poderia ser bufante, então, a gente passava elástico por dentro para fazer ela ficar mais, sabe... Então, a gente saía de casa certinha, só que no caminho...*

A fotografia da figura 23 mostra uma cena de sala de aula na qual se pode ver parcialmente o uniforme obrigatório para os meninos e as meninas como descrito por nossos colaboradores. Nota-se que o escudo da escola, no uniforme das meninas, era inserido em uma gravata e o dos meninos era costurado no bolso da camisa. Observa-se, na cena, que as meninas estão sentadas mais à frente e os meninos ocupam o fundo da sala. As cadeiras são presas nas carteiras, ambas são de madeira e estão enfileiradas com pouco espaço de movimentação para os alunos e o professor.

Figura 23 - Sala de aula do C.A.

Fonte: Arquivo do Centro Pedagógico

Em suas entrevistas, Gilvânia, Camélia e Ana Maria relataram sobre outro item obrigatório na escola: a caderneta. Suas finalidades eram múltiplas: registrar e controlar a frequência, os atrasos e as notas dos alunos. A caderneta também funcionava como um instrumento de diálogo com as famílias. Eram registrados casos como desrespeito ao professor, a não realização da lição ou a ausência do material escolar. Além disso, registravam-se as punições, como a suspensão das aulas ou a temida expulsão da escola. Tão significativa era a utilização desse dispositivo, que recomendações a seu respeito estavam presentes inclusive na legislação educacional da época. A Lei Orgânica do Ensino Secundário (Lei 4.244/ 1942) trazia um capítulo exclusivo para a caderneta escolar a ser utilizada pelo aluno. Em seu capítulo IX, artigo 38, lê-se: “Cada aluno de estabelecimento de ensino secundário possuirá uma caderneta, em que se lançará o histórico de sua vida escolar, desde o ingresso, com os exames de admissão, até a conclusão, com a expedição do devido certificado” (BRASIL, 1942).

A caderneta escolar do Colégio de Aplicação era um documento no qual eram anotadas à mão, sem rasuras, informações da vida escolar do estudante, como exemplificado nos depoimentos de Gilvânia, Camélia e Ana Maria.

Quando chegávamos à escola, entregávamos a caderneta. Eles pegavam a caderneta, e ficavam com ela para carimbar: presente, ausente, ou atrasado. Também para garantir que só fosse embora quem estivesse com a caderneta. Não tinha jeito de fugir da escola. No fim da aula, eles iam à sala distribuir as cadernetas, chamavam um

por um e distribuía. Até para entregar a caderneta tinha um jeito certinho de fazer as coisas. (Gilvânia).

As notas eram entregues na caderneta (Camélia) e eu não chegava atrasada, tinha a caderneta na entrada (Ana Maria).

As figuras 23, 24, 25, 26, 27 e 28 mostram as cadernetas, que eram encadernadas em capa dura e traziam impressa a identificação da escola. Eram documentos individuais, com o nome e a fotografia do aluno. Havia um espaço para comunicação entre escola e família, além dos espaços para registro da frequência diária e das notas. Na caderneta do Científico, não aparecem o “Compromisso de Honra” e o resumo do regulamento da escola, presentes na caderneta do ginásio (Figuras 25 e 26).

Figura 24 - Três cadernetas do Científico e quatro do Ginásio.



Fonte: arquivo pessoal de Paulo Ângelo de Pinho.

Figura 25 - Caderneta com identificação do aluno, ano 1959.



Fonte: arquivo pessoal de Paulo Ângelo de Pinho.

Figura 26 - Caderneta com foto, quadro de pagamento e compromisso de honra.

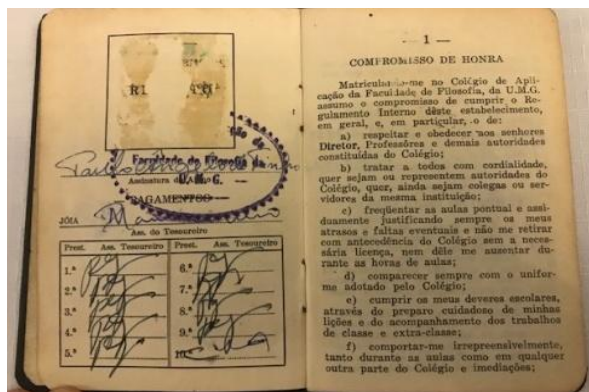


Figura 27 - Caderneta com resumo do regulamento.

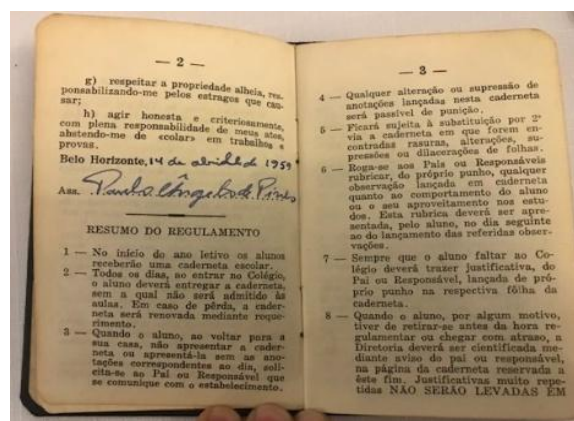


Figura 28 - Caderneta com registro de notas.

Meses e Provas	NOTAS										Assinatura do pai ou responsável		
	Português	Matemática	Francês	Geografia	História	Desenho	Trabalho Prático	Trabalho em Grupo	Trabalho Individual	Trabalho em Paralelo			
Março													
Abril	35	55	18	28	35	52	42	35	35	35	8	Paul de Pinho	
Mai	55	50	30	45	75	5	65	8	8	55	9	Paul de Pinho	
1.ª P. P.	45	3	20	50	15	3	9	40	75	45	45	10	Paul de Pinho
Agosto	30	50	10	40	55	40	65	90	75	35	100	Paul de Pinho	
Setemb.	40	60	20	30	75	42	20	100	99	75		Paul de Pinho	
Outub.	50	50	40	40	30	68	90	95	40	10		Paul de Pinho	
2.ª P. P.													
Out.													
M. Final	47	42	34	33	33	46	77	84	63	82		Paul de Pinho	

Fonte: arquivo pessoal de Paulo Ângelo de Pinho.

Figura 29 - Caderneta com frequência diária e informe aos pais.

MAIO		FREQÜENCIA DIÁRIA	
DIAS	DIAS		
1 FERIADO	16 SÁBADO		
2 FERIADO	17 DOMINGO		
3 DOMINGO	18 PRESENTE		
4 PRESENTE	19 PRESENTE		
5 PRESENTE	20 PRESENTE		
6 PRESENTE	21 PRESENTE		
7 FERIADO	22 PRESENTE		
8 PRESENTE	23 SÁBADO		
9 SÁBADO	24 DOMINGO		
10 DOMINGO	25 PRESENTE		
11 PRESENTE	26 PRESENTE		
12 PRESENTE	27 PRESENTE		
13 PRESENTE	28 SÁBADO		
14 PRESENTE	29 PRESENTE		
15 PRESENTE	30 SÁBADO		
	31 DOMINGO		

— 11 —
Para uso da diretoria e dos pais, a fim de fazerem observações, justificações ou pedidos.

Suprimo pois a alusão Paulo Ângelo de Pinho, não pode entrar por que chegou atrasado
9-6-57
Paul de Pinho
Luiza Sette Soares de Pinho

Fonte: arquivo pessoal de Paulo Ângelo de Pinho.

O Colégio de Aplicação foi retratado pelos entrevistados como rígido, com muita disciplina:

(...) *tinha que dedicar. Acho que aprendemos muito na escola. A ter disciplina. Não uma disciplina burra, autoritária, mas a disciplina de se organizar para dar conta de cumprir as coisas. Essa disciplina é um ganho, foi um ganho muito grande para nós. (...) Era um colégio que exigia muito, exigia muito em termos de tudo. Era uma época de efervescência política, do ponto de vista da ditadura, a ditadura muito tacanha e muito perseguidora, e esse período, em 1968, foi mais intenso ainda.* (Gilvânia)

5 - OS PROFESSORES

O corpo docente do colégio sempre foi de primeiríssima qualidade. Citar nomes agora seria injustiça, mas os níveis dos professores de Matemática, Inglês, Francês, de todas as matérias eram muito altos. Eram professores realmente de alto gabarito. Isso ajudava não só os alunos do colégio como também os alunos da Faculdade na parte didática da matéria (Ex-aluno Carlos Braga, ingresso no C.A em 1961).

Alícia era de Psicologia. Ela não era afetuosa como a outra, mas, se for falar de uma maneira geral, os professores eram respeitosos com os alunos. Por causa da Alícia, por exemplo, como me interessei por suas aulas, ia, no intervalo, para a biblioteca da Fafich para ler. Eu queria ler, saber mais sobre psicologia. Sabia que não tinha dinheiro para comprar os livros. Então li as coisas de Psicologia, do Espanhol, que gostava muito. Li Dom Quixote durante aquele ano. Então, tirava dúvidas. Havia esse ambiente junto aos professores: estou lendo um livro, não entendi o que é isso, eles tiravam dúvidas. Era uma coisa muito legal que no Estadual não tinha, a gente não via isso. Não era professor amigo, fora essa professora de Sociologia, que era mais loucona, mas o resto era: sou professor, te recebo. Alguns te tratavam quase como alguém que ia ser professor também, outros, mais como filhos. Alícia, que foi minha professora de Psicologia, virou paixão. Fui fazer Psicologia por causa dela (Ex-aluna Ana Maria, ingresso no C.A em 1966).

Os professores que nós tivemos no Colégio de Aplicação eram uma categoria que, antes de ter o conhecimento, tinham aquilo como dogma, como uma profissão que trazia prazer. Não era só pelo salário e nem pela condição de ensinar. Lembro de um professor de História, não me lembro o nome, que dava as aulas de História mostrando que ele tinha muito conhecimento, fazia muitas viagens. Você não tinha um relato textual do livro de História, você tinha um conto de História (Ex-aluno José Lima, ingresso no C.A em 1961).

Neste capítulo, trataremos do corpo docente que atuava no Colégio de Aplicação desde seus primeiros anos até o final da década de 1960. Interessou-nos investigar a forma de ingresso dos docentes, os processos de formação dos professores de Matemática entrevistados, os cursos realizados e suas experiências de ensino. Ao compreender melhor como os professores reinterpretaram suas experiências escolares e demais vivências, é possível conferir uma atenção renovada aos seus percursos de vida, porque "tornar-se 'o' professor' é feito de infância, família, relações, configurações, habitus, mas também de rupturas e circunstâncias" (ROLKOUSKI, 2006, p. 265).

Falaremos de Aloys de Meira, Clemenceau Chiabi Saliba e Paulo Sérgio Wanner, nossos colaboradores, professores de Matemática do Colégio de Aplicação atuantes no período de referência de nosso trabalho. Aloys foi professora na instituição

de 1955 a 1984, Clemenceau de 1961 a 1972 e Paulo de 1968 a 1997. Ressaltamos que em 1968, a partir da lei da Reforma Universitária (Lei 5540), a UFMG vivenciou um processo de reestruturação administrativa e acadêmica. De acordo com os novos planos resultantes dessa política instituída pelo governo federal, o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia tornou-se um Centro Pedagógico, passando a integrar a Faculdade de Educação da UFMG.

A partir desse decreto, o Centro Pedagógico recebeu novas diretrizes de acordo com o Estatuto da UFMG de 06 de novembro de 1968, que em seu artigo 47, parágrafo primeiro, dispõe: “O Centro Pedagógico, vinculado administrativamente à Reitoria, se integra na Faculdade de Educação para fins de pesquisa e treinamento de professores em todos os níveis”. Assim, com a Reforma Universitária, o Colégio de Aplicação foi extinguido como instituição de ensino médio destinado à prática docente dos alunos de Didática da Faculdade de Filosofia.

De acordo com Collares (1989), na prática, o Colégio continuou funcionando conforme os antigos moldes até 1969, ainda sob a direção da professora Alaíde Lisboa. Em 1970, as últimas turmas do Científico e do Clássico foram transferidas para o recém-criado Colégio Técnico da UFMG, e lá concluíram, em regime especial, o curso Colegial. O Ginásio do C.A funcionou até o primeiro semestre de 1972 na rua Carangola e depois foi transferido para o campus na Pampulha. Com a transferência, foi integrado à escola de 1º grau do Centro Pedagógico que, no mesmo ano, havia iniciado sua primeira turma da 1ª série do 1º grau, seguindo as diretrizes da Reforma do Ensino de 1º e 2º grau, instituída pela Lei 5692 de 1971. O Curso Normal, por sua vez, teve as atividades de sua última turma concluídas em 1972, no prédio do Centro Pedagógico no *campus* da Pampulha.

5.1 - Formas de ingresso dos professores

A característica de ser um Colégio de Aplicação impunha particularidades à constituição do corpo docente da instituição. De acordo com a professora Alaíde Lisboa em entrevista concedida à pesquisadora Marinez Collares (1989)⁹⁵, as aulas do Ginásio de Aplicação eram atribuídas a ex-alunos da Faculdade de Filosofia, indicados por seus professores do bacharelado a partir de alguns critérios: desempenho durante o curso,

⁹⁵ Entrevista cedida à professora Marinez Collares em março de 1987.

capacidade de liderança e compromisso e interesse pela disciplina. Entretanto, o relato da ex-diretora do Colégio parece se distanciar das indicações apresentadas pelas normativas referentes à docência nos colégios de aplicação. Nesse sentido, diferentemente do que Alaíde expôs, de acordo o artigo 6º do Decreto 9053 de 1946, deveriam ser entregues aos alunos do curso de Didática os encargos das diversas cadeiras do curso ginásial. Segundo o artigo 7º do mesmo decreto, só seriam contratados professores licenciados caso não houvesse as cadeiras correspondentes às seções didáticas ou não existissem alunos matriculados. No caso específico do Colégio de Aplicação da UFMG, segundo Alaíde, a dificuldade de alinhamento às normas da legislação deveu-se ao baixíssimo número de alunos matriculados no curso de Didática, o que dificultava a disponibilidade para assumir as aulas durante todo o ano letivo. Além disso, a essa questão somava-se o fato de que a remuneração oferecida era considerada simbólica, já que era muito inferior à remuneração habitual de um professor. A professora ainda revelou que ter um corpo docente formado por alunos poderia ocasionar instabilidade institucional e significativos prejuízos no processo de continuidade do trabalho escolar, o que poderia impedir a estruturação do Colégio.

Conforme o relato da professora Alaíde, os docentes contratados no primeiro ano de funcionamento do Colégio de Aplicação eram licenciados pela Faculdade de Filosofia e admitidos como professores horistas⁹⁶. Para alcançarem um cargo na instituição, deveriam ser convidados pelos seus ex-professores da Faculdade de Filosofia, ou obterem a indicação de alguém ligado àquela instituição de ensino superior. Tal questão é evidenciada no relato da professora Aloys, ao contar a respeito de sua entrada para o C.A.

No fim de 1954, perto do Natal, encontrei com a Marina Veloso, que era secretária da Faculdade de Filosofia, e ela falou assim para mim: “Aloys, tenho uma proposta fantástica para te fazer. Não é para você ganhar nada, mas você vai ter que dar aula no Admissão no mês de janeiro, mês de férias! Ninguém quer, ninguém quer. Mas estou te fazendo essa proposta, porque vou te falar, é coisa de futuro! Pode

⁹⁶ Encontramos no livro de ponto de 1954 a 1956 a relação dos professores que atuaram no Ginásio de aplicação em 1954: Décio Furtado de Mendonça (Matemática); Benoue Guimarães (Português); Tereza Myrian Melucci (Ciências); Noêmia Enéas Diniz (Geografia do Brasil); Beatriz Ricardina de Magalhães (História do Brasil); Padre Antônio Cecílio (Latim); Eunice Moraes (Francês); Olga Duarte de Oliveira (Trabalhos); Fernando Pieruccetti (Desenho); Ana Luiza de Araújo Queiroz (Educação Física); Maria Terezinha Picchioni (Inglês); George Marinuzzi (Canto)

aceitar!” Aceitei, vim aqui para a Rua Carangola, para o Colégio de Aplicação, no mês de janeiro.

A passagem da condição de Ginásio para a de Colégio, ocorrida em 1958, provocou alterações no processo de seleção de professores. Em janeiro de 1958, a congregação da Faculdade de Filosofia deliberou que a seleção para professores do Colégio de Aplicação deveria ser realizada nos moldes dos exames de admissão para o cargo de auxiliar de ensino daquela faculdade, descrito em dois artigos do regimento da instituição:

Art. 167 – São considerados auxiliares de ensino os que cooperam com o professor catedrático na realização dos cursos ordinários ou na prática de pesquisas, no domínio de quaisquer das disciplinas.

Art. 168 - São auxiliares de ensino:

- 1) Assistentes de ensino;
- 2) Assistentes de laboratório;
- 3) Monitores⁹⁷.

No livro de Ata das Provas Previstas de 1958 a 1959, consta a primeira seleção para novos professores contratados para a cadeira de Português⁹⁸. Realizado conforme o previsto no artigo 170 do Regimento interno da Faculdade de Filosofia⁹⁹, o processo seguiu a deliberação da congregação em janeiro de 1958. Assim, as provas escrita e didática foram aplicadas na Faculdade de Filosofia nos dias 08 e 10 de março de 1958. A banca avaliadora foi constituída pelos professores: Aires da Mata Machado Filho, professor catedrático de Filosofia Romântica, José Eduardo de Moraes, assistente de Português, e Ângela Toneli Vaz Leão, professora contratada de Português. Foram selecionados 15 pontos para a prova escrita e o ponto 12, “Romantismo no Brasil”, foi o sorteado. No dia 9, com antecedência de 24 horas do horário de realização da prova didática, foi definido, também por meio de sorteio, o tema sobre o qual os candidatos deveriam discorrer. O ponto de prova número 5, “O estilo, qualidades e defeitos”, foi o selecionado na ocasião. A banca avaliou ainda os títulos apresentados pelos requerentes.

⁹⁷ Regimento interno da Faculdade de Filosofia, 1956. Fonte: Arquivo Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁹⁸ Livro de Ata das Provas Previstas de 1958 a 1959. Fonte: Arquivo Centro Pedagógico.

⁹⁹ Art. 170 – A indicação do nome de Assistente será instruída por exposição comprovada de seus méritos e pela cópia da ata de aprovação em prova para o fim realizado.

§ 1º - A prova de que trata este artigo constará de exame geral sobre a matéria da cadeira ou de suas disciplinas, de acordo com instruções baixadas pelo Diretor, ouvida a comissão de Ensino competente.

§ 2º - A prova será dispensada, tratando-se de candidato titular de diploma de doutor, no curso correspondente.

Após a apuração das notas de todas as etapas do processo seletivo, foram considerados aprovados quatro dos cinco candidatos, que foram assim classificados em ordem decrescente dos seus resultados:

Resultado final:

1º lugar – Ivana Versiani Galery – média 9.33

2º lugar – Ydernéa Milka de Souza Birchal – média 8.77

3º lugar – Maria José Queiroz – média 8.75

4º lugar – Henio Morgan Birchal – 7.66

Observação: o candidato fez a prova, digo, o candidato Luiz Halhim fez a prova escrita e não compareceu à prova oral e a leitura da prova escrita. A comissão examinadora considerou-o desistente.

Podemos pensar que um processo de seleção para professores do ensino secundário nos moldes do usado para os professores da Faculdade de Filosofia contribuía para definir "o perfil" dos candidatos a docentes no Colégio. Ainda que não haja um registro de quem eram esses candidatos, de onde eles vinham, quais tipos de competências e saberes dominavam, é plausível ponderarmos que, tendo em vista as características das seleções realizadas pelo Colégio, havia um alto nível de exigência sobre os concorrentes ao cargo de professor. Além disso, se os candidatos deveriam atender aos pré-requisitos que a banca examinadora, composta por professores catedráticos da Faculdade de Filosofia, exigia, pode-se supor que os ex-alunos da Faculdade de Filosofia conseguiam alguma vantagem, quer seja por já estarem habituados ao tipo de ensino proposto na Faculdade de Filosofia, quer seja por serem conhecidos daqueles professores e estarem inseridos no processo de conhecimento da cátedra. Com essa seleção, a tendência era de que o Colégio deixasse de acolher professores com experiências diferentes, pois muitas vezes esses candidatos não atendiam às exigências impostas pelo edital do concurso.

Nessa direção, por diversas vezes a seleção de professores era realizada de acordo com os interesses da banca examinadora e nem sempre de acordo com os interesses da instituição, conforme indica Reginaldo Lima (2017) em seu livro *Proposta AME: Atividades Matemáticas que Educam*. O professor relata um fato ocorrido com uma docente do Colégio de Aplicação ao participar da seleção de professores da rede estadual de Minas Gerais para um cargo na Fazenda do Rosário¹⁰⁰, na época dirigida

¹⁰⁰ A Fazenda do Rosário foi criada em 1940 com a finalidade de assistir, educar e tratar crianças especiais. É um estabelecimento mantido pela Associação Pestalozzi de Minas Gerais. <https://www.facebook.com/fazendadorosario/> Último acesso em: 05 abr. 2019.

pela professora Helena Antipoff¹⁰¹. Na ocasião, cuja data não conseguimos identificar, candidataram-se dois professores: a professora Aloys de Meira Carvalho, nossa entrevistada, ex-professora do Colégio de Aplicação, e um professor italiano recém-chegado ao Brasil. Nas palavras de Lima (2017):

Os dois candidatos se saíram bem na prova escrita. Na prova didática (uma aula expositiva), o candidato italiano recebeu nota mínima para ser aprovado, porque apresentava muitas dificuldades com a língua portuguesa. A candidata ocupante do cargo foi reprovada com um solene zero e com a repulsa geral da banca examinadora que declarou enfaticamente que o que ela fizera não era matemática.

Que ato abominável era esse que a candidata cometera? Como fora capaz de receber condenação unânime de uma banca formada por colegas?

Simplesmente o seguinte: em sua aula, ela não demonstrar teoremas; em vez disso, usara papéis recortados, barbantes e outros materiais concretos...

Esses materiais eram arranjos da dona Helena que idealizava o ensino da matemática de outro modo, tanto que os canteiros cuidados pelos alunos tinham formas geométricas, assim como outros materiais que utilizavam, tudo na mais pura trilha iniciada por Montessori. Dona Helena, que ajudara a professora a preparar a aula, diante do resultado do concurso, extravasou sua mágoa na frase: “esse pessoal pode entender de matemática, mas de criança não entende nada”. (p. 18)

A professora Aloys mencionou esse episódio em sua entrevista, e o que nos chamou a atenção é que ela não tinha essa prática com materiais pedagógicos no Colégio de Aplicação. A docente foi orientada pela professora Helena para realizar o concurso e sua preparação foi realizada de acordo com o que a professora Helena acreditava ser o ideal para atender as crianças. Entretanto, a banca examinadora avaliou os candidatos seguindo suas próprias concepções de um professor ideal de Matemática, que não pareciam caminhar ao encontro daquilo que a escola trabalhava e idealizava.

No Colégio de Aplicação, o corpo docente era formado por professores com perfil muito próximo ao dos professores da Faculdade de Filosofia. Nos primeiros anos do Colégio, mesmo os docentes que não fizeram o concurso foram selecionados pela diretora, que era professora da Faculdade. Ademais, todos os docentes foram indicados

¹⁰¹ Helena Wladimirna Antipoff nasceu em 1892 em Grodno, na Rússia. Fez o curso normal em São Peterburgo, obtendo o diploma em 1909. Em 1911, obteve o bacharelado em Ciências, na Universidade de Sorbonne, em Paris. Em Genebra, graduou-se em Psicologia e se especializou em Psicologia Educacional. Veio para o Brasil em 1929 a convite do governador de Minas Gerais para trabalhar como professora de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Professores que foi criada no contexto da operacionalização da reforma de ensino conhecida como Reforma Francisco Campos-Mário Casassanta. Foi pioneira na educação especial no Brasil e fundadora da Sociedade Pestalozzi. Foi fundadora da cadeira de Psicologia Educacional na Universidade de Minas Gerais – UMG. Recebeu inúmeros prêmios e condecorações. Faleceu em 1974. <https://web.archive.org/web/20160610230611/http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/antipoff.html>.
Último acesso em: 30 jul. 2019.

por seus ex-professores e haviam passado pela cadeira de Didática, ou seja, já haviam sido alunos da professora Filocelina (COLLARES, 1989).

Vale pontuar que, nesses moldes de seleção, a procura do concurso era muito pequena. Na seleção para História Geral, Geografia, Latim e Inglês, compareceu apenas um candidato para cada cadeira. Então, a banca examinadora considerou desnecessária a realização das provas e designou os professores Oneyr Ferreira Baianda para a cadeira de História Geral, o professor José Ernesto Ballstaedt para a de Geografia¹⁰², o professor Luciano Muller Ferreira da Silva para a de Latim¹⁰³ e o professor Antônio Gomes Ferreira para a de Inglês¹⁰⁴.

A seleção para professor de Matemática foi realizada nos dias 20 e 22 de março de 1958. Os professores Edmundo Menezes Dantas¹⁰⁵, Nivaldo Reis¹⁰⁶ e Saulo Henrique¹⁰⁷ constituíram a banca examinadora. Os candidatos Paulo Roberto Baeta da Costa e Henio Fadda foram submetidos à prova escrita, cujo ponto foi sorteado no ato de sua realização, e tiveram de versar sobre o tema “Relações métricas no círculo, geometria analítica, equação da circunferência e progressões aritméticas”. O tema para a prova didática foi sorteado no dia seguinte, sendo selecionado o ponto intitulado

¹⁰² A seleção para professores de História Geral e Geografia foi realizada no dia 10 de março de 1958. No caso de História Geral, compuseram a comissão examinadora os professores: Antônio Camilo de Faria Alvim, Manuel Casasanta e Hamilton Leite. No caso de Geografia, a banca foi formada pelos professores: Sebastião Virgílio Ferreira, Alisson Pereira Guimarães e Guiomar Goulart de Azevedo. Fonte: Livro de Atas das Provas Previstas – 1958 a 1959. Arquivo Centro Pedagógico.

¹⁰³ A seleção para professor de Latim foi realizada no dia 11 de março de 1958. A banca examinadora foi composta pelos docentes: Emanuel Brandão Fontes, Conego Francisco Maria Bueno de Siqueira e Rubens Costa Romanelli. Fonte: Livro de Atas das Provas Previstas – 1958 a 1959. Arquivo Centro Pedagógico.

¹⁰⁴ A seleção para professor de Inglês foi realizada no dia 14 de março de 1958, apresentando como comissão examinadora os professores: Abgar Renault, Ian Linklater e Padre Nicolau Goetzé. Fonte: Livro de Atas das Provas Previstas – 1958 a 1959. Arquivo Centro Pedagógico.

¹⁰⁵ Edmundo Menezes Dantas nasceu em 1904 e era natural de Sergipe. Formou-se em 1928 em Engenharia de Minas e Civil pela Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil. Em 1929, ingressou no magistério superior como professor substituto da seção de Matemática na Escola de Minas de Ouro Preto. Em 1944, tornou-se catedrático efetivo, por concurso, da Cadeira de Cálculo Infinitesimal e Vetorial da Escola de Engenharia da U.M.G. Foi membro da Sociedade Mineira de Engenheiros e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Foi autor de vários artigos acadêmicos e livros na área de Matemática Elementar, Cálculo Infinitesimal e Cálculo Vetorial. Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia da UFMG – 1939 a 1953.

¹⁰⁶ Nivaldo Reis era natural de Rio Pomba – MG, nascido em 1906. Doutor em Matemática pela Faculdade de Filosofia da UMG. Membro fundador da Faculdade de Filosofia da UMG. Foi Professor Catedrático de Complementos de Matemática da Faculdade de Filosofia da UMG. Foi professor de Geometria da Faculdade de Filosofia Santa Maria da Universidade Católica de Minas Gerais. Foi professor de Matemática do Colégio Estadual, do Colégio Marconi, do Instituto de Educação e do Colégio Arnaldo. Autor de vários trabalhos acadêmicos sobre o Ensino de Matemática Elementar no Curso Secundário. Fonte: Anuário da Faculdade de Filosofia da UFMG – 1939 a 1953.

¹⁰⁷ Não encontramos informações a respeito do Professor Saulo Henrique.

“polígonos regulares”. Na mesma data, a banca examinadora procedeu à avaliação dos títulos apresentados por ambos os proponentes. Segundo a documentação, o professor Henio não compareceu à prova didática, mas ainda assim esse exame foi realizado pelo professor Paulo Baeta, que foi aprovado e contratado para a cadeira de Matemática do Colégio de Aplicação. Em dezembro de 1958, ocorreram os concursos de Espanhol, História Natural e História do Brasil, nos mesmos moldes das seleções anteriores.

Em março de 1959, foi realizada a seleção para professores de Filosofia. A banca, composta pelos professores Arthur Versiani Velloso, Pedro Parafita de Bessa e Morse de Belém Teixeira¹⁰⁸, após apuração dos resultados, ressaltou a importância, e mesmo a urgência, de aproveitar os candidatos aprovados na seleção, mesmo com a indicação de que nem todos seriam contratados devido ao número de vagas no Colégio. Os professores examinadores argumentaram que tais candidatos poderiam ser aproveitados nas cadeiras dos cursos vestibulares que exigiam conhecimentos de Filosofia nos exames de admissão. Aqui fica clara a preocupação com a preparação dos candidatos ao curso superior, indicando professores selecionados nos concursos para ocuparem cargos de docência nos cursos vestibulares existentes na Universidade. A banca ainda alegou a importância de a Faculdade de Filosofia tomar providências para aprimorar a qualidade dos seus exames. Sugeriu, por fim, a necessidade imediata de tornar o Regulamento dos Exames de seleção mais explícito, mais claro, a fim de que não surgissem dúvidas no seu emprego.

Aos 22 dias do mês de agosto de 1961, o Conselho Técnico Administrativo (CTA), por meio da resolução nº 189/61, que trata da regulamentação do artigo 170 do Regimento Exames de Habilitação para Auxiliares de Ensino, aprovou algumas regulamentações referentes aos professores contratados de acordo com o regimento da Faculdade de Filosofia. Esse documento foi enviado ao diretor Arthur Versiani Velloso com o “intuito de tornar mais fácil e razoável sua integral aplicação e dar à administração de V. S. tranquilidade para, serenamente, levar avante a espinhosa tarefa de dirigir a Faculdade”.

No referido documento, o CTA destacava que os artigos 162 a 166¹⁰⁹ mereciam atenção especial, pois se referiam a contratos de professores e de auxiliares de ensino

¹⁰⁸ Os docentes em questão ocupavam, respectivamente, as cátedras de História da Filosofia, Psicologia e Sociologia.

¹⁰⁹ Capítulo IV

Dos Professores Contratados

que teriam sido admitidos de forma precária em várias circunstâncias. Observamos, de um modo geral, a preocupação com a seleção dos professores e o rigor em cada etapa desse processo. Tal atenção se traduz na riqueza de detalhes do documento para cada uma das fases que compunham o procedimento de admissão dos novos docentes. Um desses detalhes está na mudança de nomenclatura do regimento. A partir do documento, eram considerados professores auxiliares de ensino: Instrutores de Ensino Superior, Assistentes de Ensino Superior e Professores de Ensino Superior. A carreira de professor iniciava-se pelo Instrutor de Ensino, pelo prazo de dois anos, que ficava sob responsabilidade do professor Catedrático. O provimento do cargo de Instrutor de Ensino se dava por meio do exame de habilitação, que consistia em prova escrita versando sobre a matéria geral das disciplinas da cadeira, distribuída em uma lista de vinte pontos organizada pela comissão examinadora com vinte e quatro horas de antecedência. A prova poderia ter duração máxima de seis horas e era permitida aos candidatos consulta de bibliografia durante a hora imediatamente precedente à realização da prova. Eram considerados aprovados os candidatos que alcançavam a média mínima de 7 pontos. A prova escrita poderia ser substituída por uma prova oral ou prática-oral, a critério da comissão, seguindo os mesmos critérios da prova escrita.

O acesso ao cargo de Assistente de Ensino Superior se dava por meio de prova escrita e didática e por indicação do catedrático que analisava a assiduidade e eficiência do candidato no exercício da função de Instrutor. A prova escrita seguia os mesmos critérios da prova realizada para a função de Instrutor. Já a prova didática constava de

Art. 162 – Por necessidade do ensino, poderão ser contratados professores nacionais ou estrangeiros, por prazo renovável e não excedentes de três (3) anos, para:

- a) regência de qualquer cadeira ou disciplina;
- b) regência de cadeira em uma das secções quando a matéria exigir a prestação diferente em outra secção;
- c) cooperação com o professor catedrático, no ensino normal da cadeira;
- d) realização de cursos de aperfeiçoamento, de especialização e de extensão universitária;
- e) execução e direção de pesquisas científicas.

Art. 163 – O contrato será proposto ao Conselho Universitário pela congregação, que justificará a conveniência e as vantagens de tal providência.

Art. 164 – Poderão ser contratados como regentes de cadeira, nos seguintes casos:

- a) para cadeira nova;
- b) para disciplina que seja parte distinta de uma cadeira;
- c) para cadeira vacante, se julgado essencial ao ensino, e visto o disposto no inciso 2 do artigo 151;
- d) para cadeira vaga e posta em concurso, mas que tenha ficado sem candidato.

Art. 165 – As atribuições e vantagens conferidas ao professor contratado serão discriminadas no contrato.

Art. 166 – Do contrato para regência de cadeira vaga deve constar que não impedirá abertura de concurso e que ficará rescindido, de pleno direito, com o provimento resultante.

Parágrafo único – Constitui motivo de rescisão, o qual constará do contrato, a inabilitação do professor contratado em concurso para provimento da cadeira vaga, a seu cargo.

uma exposição sobre o assunto sorteado a partir de uma lista de vinte pontos organizada pela comissão examinadora. O sorteio também ocorria com vinte e quatro horas de antecedência do horário da avaliação. Essa prova era realizada no prazo máximo de cinquenta minutos e poderia ser substituída por uma prova prática. Além disso, eram considerados os trabalhos publicados pelos candidatos, sendo necessárias ao menos três publicações.

Para o cargo de Professor de Ensino Superior, o docente deveria ter no mínimo três anos como Assistente de Ensino Superior, apresentar trabalhos publicados, que eram julgados pela Comissão de Ensino, sobre temáticas relacionadas à cadeira e ser doutor ou livre-docente da cadeira. Os professores de ensino superior que estavam no exercício de suas atividades permaneciam sujeitos à prova de capacidade para o desempenho da função. A aplicação da prova foi colocada a cargo da Comissão de Ensino e deveria ser realizada no período de seis meses a partir do estabelecimento da resolução.

Lembramos aqui que os professores do Colégio de Aplicação eram contratados conforme o regulamento da Faculdade de Filosofia. Foi somente a partir do regimento da Faculdade de Filosofia de 1963 que foram traçadas algumas considerações gerais a respeito da constituição do corpo docente do Colégio:

Art. 230 – O corpo docente do Colégio de Aplicação será constituído:

- a) de professores do quadro, nomeados na forma da Lei;
- b) de professores horistas;

Parágrafo único: na instalação de novos ramos de ensino, deverá ser previsto o número de professores que constituirão o respectivo quadro.

Art. 231 – O preenchimento das vagas de professores do quadro só se efetuará mediante concurso de provas e títulos, ao qual poderão concorrer somente licenciados por Faculdade de Filosofia, exceto para as disciplinas que não constem do currículo de licenciatura, para as quais será exigida habilitação legal.

Art. 232 – Os professores horistas só poderão ser admitidos mediante exame de habilitação, ao qual poderão concorrer candidatos nas mesmas condições do artigo anterior.

Art. 233 – O regimento interno do Colégio fixará as normas do concurso e do exame de habilitação, atendidas as exigências legais.

Art. 234 – Os professores do quadro são obrigados a 18 (dezoito) horas semanais de trabalho.

Parágrafo único: o regimento interno do Colégio fixará as normas de pagamento das aulas extranumerárias, tanto para os professores do quadro como para os horistas.

Nesse regimento, formalizou-se a decisão de admitir somente professores concursados, tomada na congregação da Faculdade de Filosofia, desde a transformação do Ginásio em Colégio, em 1958. Embora legalmente a contratação de professores

tenha passado a ser admitida apenas por meio de concurso, em alguns dos depoimentos constatamos a presença de outros processos a esse respeito na prática cotidiana da instituição. Tal questão evidenciou-se com o relato dos professores Clemenceau (1962) e Paulo Wanner (1968), que ingressaram no Colégio em momento posterior à elaboração do regimento citado acima.

Eu entrei para o Colégio de Aplicação em uma situação muito interessante. Fiz o Curso de Didática na Universidade Federal e a catedrática era a dona Alaíde Lisboa. A assistente era a Magda Soares¹¹⁰. A Magda era muito inteligente, muito esperta. A dona Alaíde era uma gracinha, era uma pessoa muito humana, muito boazinha, eu adorava a dona Alaíde.

Eu fiz o Curso de Didática em 1961. Durante o curso, havia um dia na semana em que um aluno de cada curso dava uma aula. Em uma semana um dava aula de História, na outra semana, um dava aula de Biologia e assim por diante. O Morandi¹¹¹ falou comigo: “você vai dar aula semana que vem na aula de Didática Geral”. Havia 200 alunos na sala. Porque nós tínhamos didática de cada matéria. Na Didática de Matemática, éramos eu e meus colegas com o Morandi. A Didática Geral era com a dona Alaíde. Então, eu fui dar aula com a dona Alaíde, que era a diretora do Colégio de Aplicação e a Magda Soares, que era assistente dela, no mês de agosto ou setembro, em 1961.

Dei a aula, 50 minutos, com muito desembaraço. Quando terminou a aula, a dona Alaíde chegou para mim, e falou assim: “Magda, você tem que pegar esse menino para o colégio amanhã”. Então, falou comigo: “Você vai ao Colégio amanhã que eu quero conversar com você”. No dia seguinte, eu fui ao Colégio e ela falou: “Você vai

¹¹⁰ A professora Magda Becker Soares inicialmente fazia parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia. Foi vice-diretora na gestão de diretora da professora Alaíde Lisboa no Colégio de Aplicação. Com a Reforma Universitária, foi para a Faculdade de Educação da UFMG. Também compôs a comissão de planejamento do Colégio Universitário. Tem ampla experiência com o ensino e defende a modernização dos métodos de ensino, priorizando a participação ativa dos alunos. Magda Soares é uma das fundadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG e autora de diversas publicações, inclusive livros didáticos de língua portuguesa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, da International Literacy Association e atuou nos comitês assessores do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC). É professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-873N48>; http://www.mcti.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/jIPU0I5RgRmq/content/magda-soares-e-primeira-educadora-a-receber-o-premio-almirante-alvaro-alberto . Último acesso em: 17 maio 2019.

¹¹¹ Henrique Morandi foi catedrático de Matemática do Colégio Municipal de Belo Horizonte e professor de Didática Especial de Matemática da UFMG. Também foi professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG, tendo lecionado a disciplina Prática de Ensino de Matemática. Autor de livros didáticos, faleceu em abril de 2010.

dar aula aqui de todo jeito”. Eu fiquei muito honrado. Eles haviam aberto um cursinho da faculdade e me chamaram para dar aula nesse cursinho. Eu dei aula no cursinho até no fim do ano de 1961 e no ano seguinte comecei a dar aula no Colégio de Aplicação, que era um Senhor Colégio.

Entre para o Colégio de Aplicação em 1962 como professor contratado. Comecei com o primeiro ano do Clássico e o primeiro ano do Científico. Eu trabalhava mais com o Científico. Se não me engano, em 1964, veio um decreto que efetivou o pessoal que estivesse trabalhando sem o concurso; então, fui efetivado no Colégio de Aplicação. (Clemenceau).

No início de 1968 comecei a trabalhar no Colégio Estadual de Minas Gerais. No mesmo ano, fui convidado pelo professor Milton Mirahy Maciel¹¹², para ser professor do Colégio de Aplicação, que à época funcionava na Rua Carangola, no prédio da Faculdade de Filosofia da UFMG, sob a Direção da professora Alaíde Lisboa de Oliveira. (Paulo Wanner)

O regimento interno do Colégio de Aplicação foi criado em 1965 e não apresentava especificações muito determinadas sobre a questão da contratação dos professores¹¹³. O documento apenas indicava que: “a seleção dos professores far-se-á por provas e por estágios”. Nesse sentido, parece que, ainda que houvesse indicações legais mais extensas e especificadas sobre a contratação de docentes, muitas vezes a prática no interior do colégio não se alinhava às prescrições apresentadas na legislação. Convém lembrar que, como em qualquer lugar, as ações, regimentos e práticas institucionais do Colégio de Aplicação não eram desencarnadas, ou seja, descoladas de uma realidade ou dos sujeitos pertencentes àquele espaço. Elas foram concebidas e realizadas a partir de um conjunto de múltiplas escolhas, diferentes ideias e ações nem sempre coesas, todas elas intencionais, interessadas e não neutras. E, assim, conforme o relato da professora Aloys muitos professores “caíam de paraquedas” na instituição:

Agora, existia muita política na minha época, existia muita política, muita. Muitos professores caíam de paraquedas. Não tinha feito concurso, não tinha feito nada, chegava lá. Era a esposa do diretor do Colégio Izabela, por exemplo, aparecia com um cargo muito bom, e não servia nem para dar aula.

¹¹² Milton Mirahy Maciel foi admitido em agosto de 1964 para o cargo de professor de Ciências do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

¹¹³ Não encontramos outro livro de registro de provas de seleção de professores.

5.2 - A formação e o desenvolvimento dos professores de Matemática do Colégio de Aplicação

Nesta seção, destacamos a formação acadêmica de nossos professores entrevistados. Interessa-nos aqui mapear os cursos por eles realizados – graduação, pós-graduação, aperfeiçoamento, qualificação docente, entre outros – e compreender os lugares que tais atividades ocuparam em seus processos de formação docente. De acordo com Ponte (1994, p.11), “o professor está longe de ser um profissional acabado e amadurecido no momento em que recebe a sua habilitação profissional”. Além disso, o autor argumenta que o docente não deve ser visto como um receptáculo de informação, e sim como um ser humano com potencialidades e necessidades diversas que contribuem para fundamentar a ação do professor. Nesse sentido, abordaremos a formação que promove o desenvolvimento profissional docente, que de acordo com Ponte (1994, p. 11)

(...) diz respeito aos diversos domínios onde se exerce a sua acção. Assim, há a considerar a prática lectiva e as restantes actividades profissionais, dentro e fora da escola, incluindo a colaboração com os colegas, projectos de escola, actividades e projectos de âmbito disciplinar e interdisciplinar e participação em movimentos profissionais. Mas há igualmente que ter presente o carácter fundamental do auto-conhecimento do professor e do desenvolvimento dos seus recursos e capacidades próprias - ou seja, a dimensão do desenvolvimento do professor como pessoa.

Consideramos que, na busca por compreender quem eram os professores entrevistados, torna-se relevante abordarmos as experiências dos nossos colaboradores como alunos. Esse lugar está bastante presente na reconstrução dos seus itinerários pessoais e profissionais feita durante as entrevistas. Assim, quando indagados a respeito de sua formação, os professores trouxeram, em seus depoimentos, memórias marcantes que constituíram referências ao longo da sua formação e do exercício de sua profissão. A professora Aloys fez seus estudos no Colégio Santa Maria¹¹⁴, instituição de freiras

¹¹⁴ O Colégio Santa Maria foi inaugurado em 20 de julho de 1903 pelas Irmãs Dominicanas da congregação religiosa da França, com apoio do Conselheiro Afonso Pena e do Barão do Rio Branco, ministro das relações interiores do Brasil da época. Sua primeira sede foi no palacete Antônio Olinto, onde hoje se localiza a Igreja Nossa Senhora de Lourdes. A segunda sede foi no palacete do Conde de Santa Marinha, perto da Estação Rodoviária. O Colégio Santa Maria instalou-se em sua sede definitiva em 22 de maio de 1909, na região das ruas Pouso Alegre e Jacuí, no bairro Floresta, onde desenvolveu e ampliou suas atividades. <http://www.santamaria.pucminas.br> Último acesso em: 20 nov. 2018.

católicas com oferecimento de ensino exclusivamente para o sexo feminino. Ao finalizar o colegial, lhe foi sugerido que ingressasse no curso de Pedagogia na Universidade Católica. Mesmo considerando essa sugestão das freiras do Colégio, Aloys relatou que, de modo casual, seus caminhos tomaram novos rumos:

Eu fiz um curso muito bom no primário, no Ginásio e Científico no colégio Santa Maria O colégio era só para mulheres. Era uma escola dirigida por freiras. Estudei lá por 11 anos, foi o que meu pai deixou para mim de mais importante.

Quando eu me formei no Colégio Santa Maria, as freiras queriam que eu fizesse Pedagogia na Universidade Católica¹¹⁵ de Minas Gerais (PUC-MG), que funcionava na Praça da Liberdade¹¹⁶. Então, fui me inscrever para o curso de Pedagogia da PUC-MG, e quando estava descendo a Avenida João Pinheiro, me encontrei com um rapaz que virou para mim e falou assim: “eu te conheço!” Naquela época, os rapazes iam para a porta das escolas das meninas, e a minha escola era uma escola só de mulheres, então os rapazes iam muito lá. Então, eu conhecia esse rapaz da porta da minha escola. Ele me perguntou o que eu ia fazer. Disse que estava indo fazer minha inscrição para o curso de Pedagogia, então ele me disse: “não faz Pedagogia lá não, faz na Universidade Federal”. Eu nem sabia que existia uma Universidade Federal. “Existe um Instituto de Educação, vai lá e procura a Denakê¹¹⁷, conversa com ela”.

Resolvi então, ir à Universidade Federal. Quando cheguei lá, procurei a Denakê, que me falou: “minha filha, faz o curso de Matemática, que não tem ninguém. Você gosta de Matemática?” Me lembrei de que tive uma professora de Matemática, chamada Beatriz Alvarenga¹¹⁸, hoje ela é muito famosa. Ela era ótima professora, e eu

¹¹⁵ A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, chamada anteriormente Universidade Católica de Minas Gerais, foi idealizada por Dom Antônio dos Santos Cabral. Fundada em dezembro de 1958, oferecia cursos de formação para professores. Seu primeiro reitor foi o padre José Lourenço da Costa Aguiar. <https://www.pucminas.br>. Último acesso em: 08 maio 2019.

¹¹⁶ A Praça da Liberdade foi construída em 1903. Projetada por Araújo Reis para compor a nova capital. Durante muitos anos abrigou a sede do poder mineiro, como o Palácio do Governo e as primeiras secretarias. Atualmente foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – Iepha-MG. <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/servico-turistico/espaco-para-evento/aberto/praca-da-liberdade>. Último acesso em: 20 nov. 2018.

¹¹⁷ Denakê Pinto Gualberto foi admitida, em março de 1942, no cargo de secretária na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

¹¹⁸ Beatriz Alvarenga Álvares, nascida em 1923, formou-se na Escola de Engenharia da UFMG, onde despertou seu interesse pela Física. É professora e autora, juntamente com o professor Antônio Máximo, do livro "Curso de Física", foi um dos títulos mais adotados no Ensino Médio no Brasil e na América Latina. Em 1968, fez parte do grupo de professores que criou o Departamento de Física do Instituto de Ciências Exatas da UFMG. É professora Emérita do departamento de Física da UFMG. <https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-beatriz.html>. Último acesso em 08 jul. 2019.

ótima aluna de Matemática! Então pensei: vou fazer Matemática! Falei com a Denakê: “muito bem, vou me inscrever em Matemática!” Eu fiz Matemática por causa da Dona Beatriz.

A professora Aloys relatou que alguns professores marcaram a sua vida e destacou o papel importante que vários dos seus professores exerceram sobre sua formação como professora.

Vou falar mais um pouco da professora Beatriz Alvarenga. Foi minha professora no Colégio Santa Maria, no Científico. Na UFMG fui colega dela. Ela era professora e eu também, e quando encontrei com ela, foi aquela maravilha, porque eu gostava demais dela, e ela foi uma professora de um carisma! A aula de Matemática dela era tudo de bom, todo mundo tinha raiva de Matemática, e no curso de Matemática que nós fizemos no Científico, ninguém sentiu a Matemática tão pesada, porque ela era excelente professora. Depois, foi para a Física. Dizem que ela tem na casa dela um arsenal de brinquedos... As aulas com a professora Beatriz me influenciaram muito, muito!

A professora Beatriz Alvarenga foi uma excelente professora, a matemática que ela ensinou está até hoje em minha memória. Não tenho muita memória do Ginásio, mas do Científico me lembro com detalhes, interessante, não é?

A Matemática do Ginásio aprendi depois para dar aula particular. Na faculdade tive um professor, o professor Henrique Morandi, que me indicava para dar aula particular. As aulas eram para gente importante, gente importante mesmo, e ele me passou esses alunos. Eu agradeço muito a ele.

O professor Morandi foi meu professor na faculdade. Ele me deu aula de Mecânica Celeste, no último ano. Ele não sabia nada dessa matéria, nada, e eu muito menos. Eu era a única aluna, então, ele lia um pouco, dava uma aula sobre algum assunto, e mandava anotar tudo, e eu anotava tudo. No fim do ano ele dizia: “este caderno é meu, viu!” “Me dá este caderno aqui!”

Para ingressar na Faculdade de Filosofia, havia um processo de seleção, o vestibular. Esse exame de admissão constava de uma prova escrita de Português e de Matemática e prova oral de Matemática. Eram ofertadas em torno de 30 vagas e não se tratava de um vestibular concorrido. O número de vagas sempre era superior ao número

de candidatos (FERREIRA, 2010). Aloys narrou como ingressou no curso de Matemática¹¹⁹, em 1951.

Eu entrei na Faculdade de Filosofia naquela época por meio de um vestibular, e o curso de Matemática ainda era muito precário, porque era tudo provisório. Fizemos as provas no Instituto de Educação, passei. Então, comecei a estudar no Instituto de Educação, depois passamos para o Edifício Acaiaca¹²⁰. Arrumaram, também, uma sala na rua Tamoios. As Físicas, fizemos na Escola de Engenharia, e tudo era muito precário. Os professores ficavam perdidos, não sabiam onde dar a aula, se era ali, se era aqui. Foi uma época que estava iniciando a universidade.

As salas de aula não eram grandes, no entanto, o número de alunos era muito pequeno o que tornava mais confortáveis. O auditório era utilizado para as aulas do curso de Didática que faziam alunos de diversos cursos.

No Edifício Acaiaca havia salas muito pequenas, só tinha o auditório quando nós fizemos o curso de Didática, então nós fomos fazendo nesse auditório. Mas era uma sala muito pequena, já falei, nós éramos sete. Fui para o 2º ano, só eu, porque os outros entraram em processos de fazer parte de grêmios, de DCE, diretórios; eram rapazes, eu era a única moça, e os outros eram rapazes. Então segui em frente, eles ficaram. Inclusive eram também alunos do curso de Física, eu também fiz Física, mas a Física nós fazíamos na Escola de Engenharia. Um curso muito precário, muito precário (Aloys).

A professora Aloys considerou não ter realizado um bom curso de Matemática, visto que, no seu entendimento, o número reduzido de alunos parecia ocasionar certo desânimo nos professores do curso: *Eu não fiz um bom curso. Passei em tudo, fui bem, mas pouco aprendi ali. Nós éramos poucos. No 1º ano éramos sete alunos, e no 2º ano só eu, e no 3º ano veio um aluno do Rio de Janeiro que foi o meu colega, mas também quase não frequentava as aulas; então, os professores ficaram desanimados de dar aula só para mim. Quando iam dar aula, achavam muito bonito falar e escrever no quadro*

¹¹⁹ O currículo do curso de Matemática feito pela professora Aloys, conforme informado no Anuário da Faculdade de Filosofia da UMG, pertencia à seção de Ciências e era composto pelas seguintes disciplinas: 1ª série: Análise Matemática – Geometria Analítica e Projetiva, Física Geral e Experimental.

2ª Série: Análise Matemática – Geometria Descritiva e Complementos de Geometria – Mecânica Racional – Física Geral e Experimental.

3ª Série: Análise Superior – Geometria Superior – Física Matemática – Mecânica Celeste.

¹²⁰ O Edifício Acaiaca foi inaugurado em 1947, e está situado à Avenida Afonso Pena, 867, no Centro de Belo Horizonte. Foi o primeiro arranha-céu da cidade com 130 metros de altura. <http://www.belo-horizonte.mg.gov.br/bh-primeira-vista/arquitetura/edificio-acaiaca-o-arranha-ceu-de-belo-horizonte> Último acesso em: 29 nov. 2018.

alguma coisa, e eles mesmos davam notas para eles; prova, a gente pouco fazia. Considero que foi muito precário todo o ensino no Edifício Acaiaca.

A respeito das metodologias utilizadas em aula, ela contou que geralmente eram dadas aulas expositivas e não se utilizavam outros recursos além do quadro-negro e giz. Aloys fez comentários acerca das aulas de alguns dos professores.

O professor Morandi foi um excelente professor. O curso que fiz com ele foi bom. Ele foi um dos poucos professores que deram aula. Apesar de ele não dar aula, ele estudava junto comigo. Ele pegava o livro e estudava junto comigo, tanto que ele foi um companheiro. Quando formei, tínhamos que homenagear um professor e eu o homenageei. Ele foi muito grato por isso, me deu uma coleção de livros que nem sei onde guardei. O curso superior tem umas matérias que não têm sentido, ainda hoje, não têm sentido, têm?

Física, por exemplo. O meu curso de Física foi na Escola de Engenharia. No fim do ano, o professor passava muitas coisas na época, e a faculdade estava sendo formada, estava sendo formada ainda.

Outro ponto significativo abordado por Aloys foi a discriminação que sofria por ser uma mulher que fazia um curso da área de ciências exatas. Declarou que não reclamava, pois dependia do professor para ser aprovada e finalizar o seu curso.

O professor Dantas, Edmundo Dantas, chegava perto de mim e falava assim: “você mulher, é burra!” “Mas o que é isso professor, eu já estou no curso superior!” “As mulheres são burras! Olha, vou dar uma aula para você, mas você não precisa aprender não!” Belíssima aula, aí, ele ia para o quadro e fazia algumas coisas que eu não entendia nada. Escrevia, fazia cálculos bonitos no quadro-negro, e no fim: “muito bem, Professor, muito bem!” E me dava nota boa. Ele dava nota, não fazia prova, não fazia nada, ele dava nota. Como posso reclamar? Como podia reclamar?

Ele era um professor presente. Ele ia à sala de aula, e eu sozinha no 2º ano. No 3º ano, teve o Alfredo, mas ele vinha em muito poucas aulas. Ia só ao que o interessava. Por exemplo, essa de Mecânica Celeste que Morandi deu, ele não ia. Ele ficava assim: “vergonha, vergonha, eu não vou não!” Já tinha outras áreas que ele ia porque gostava! A tal Análise. Curso de Análise ele ia. Era um curso muito pesado, mas eles não exigiam da gente. Éramos pouquíssimos!

Aloys comentou ainda sobre a falta de assiduidade dos professores do curso superior e sobre os reflexos desse aspecto em seu processo de formação.

Tive um professor, não gosto nem de contar isso. Eu era a única, ele não ia dar aula, simplesmente não ia. Chamava-se Geometria Descritiva, ele não ia! Sei lá o que é Geometria Descritiva? Queria me dar bomba por falta, mas ele não ia. O professor me ameaçou dar bomba. “Mas a senhora não compareceu!” Como é que eu não compareci? Pois ele não ia! Eu estava lá. A hora que via que o professor não ia, eu saía, eu saía. “Mas a senhora não compareceu, então, vai perder o ano por falta”. Eu recorri ao professor Paulo Henrique: “professor, o senhor vai lá, e, por favor, me proteja!” Mas ele não podia falar que não ia, ele não podia falar, porque ele recebia para dar aula. Não sei o que ele arrumou: “não, é uma aluna excelente, pode abonar as faltas dela”. Então abonaram minhas faltas.

A infrequência dos professores não esteve presente somente no relato da professora Aloys. Em outubro de 1961, o jornal Sinal, órgão independente da Faculdade de Filosofia, publicou uma reportagem de capa a respeito da ausência recorrente de alguns professores da instituição. A manchete explicitava: Professor faltou mais do que aluno. Na mesma página, foi publicada uma matéria que afirmava que o professor recebia sem lecionar as aulas. Além disso, o jornal denunciava a baixa no corpo docente, escrevendo que “havia mais professores do que alunos” e que tal situação provocava o desânimo do professorado, o que vai ao encontro do relato da professora Aloys.

Figura 30 - Jornal Sinal.



Fonte: Arquivo Faculdade de Filosofia

Um das justificativas apresentadas para a falta de assiduidade dos professores do Colégio de Aplicação se relacionava a sua sobrecarga de trabalho. Muito comum era o professor trabalhar em mais de um local e ainda exercer outras atividades. Essa circunstância, muitas vezes, não permitia que o docente cumprisse com todos os seus compromissos profissionais, como lembrou a ex-aluna Paula, referindo-se a professores do Científico, entre os anos de 1963 e 1965.

No terceiro ano, o professor de Matemática foi o Mário de Oliveira. O Mário de Oliveira era muito ocupado e nem sempre podia comparecer às aulas. Ele era coordenador de Matemática do Colégio Estadual, escrevia livros, tinha Curso de Madureza... Aliás, ele me convidou para dar aulas no curso de Madureza. Eu dei aulas

lá. Como ele estava muito sobrecarregado, acabou colocando uma substituta para nós. Colocou a professora Telma. Eu gostava muito dela.

O número reduzido de alunos não era comum apenas na Faculdade de Filosofia. Clemenceau, que fez seu curso de Matemática na Universidade Católica de Minas Gerais, de 1958 a 1960, falou da escassez de alunos também naquela instituição. Além disso, discorreu sobre suas ações para contornar a situação e contribuir para que os professores não se desmotivassem.

Fiz três anos de Matemática na Católica e me formei em 1960. Depois, fiz um ano de Didática na Federal. O curso de Matemática que fiz na Católica tinha excelentes professores. No ano em que entrei, entraram comigo três engenheiros. Então nós éramos apenas quatro alunos. No decorrer do curso, ele foi ficando apertado e os engenheiros foram desistindo. A partir do segundo ano, eu fiquei sozinho no curso. Era o único aluno. Como eu era o único aluno e os professores eram muito bons, eu pensei: "Se eu for mal nas provas, eles vão perder o interesse em dar aula para mim. Como eu estou construindo o meu futuro, vou ter que ser muito bom aluno".

O Curso de Matemática, bem como os de Filosofia, Letras, Geografia e História, Ciências Sociais, História Natural, Física, Química e Pedagogia eram organizados com a duração de três anos e formavam os bacharéis. Esses concluintes tinham o direito à matrícula no Curso de Didática, que lhes conferiria o título de Licenciados (FERREIRA 2010). Aloys, que vivenciou sua formação nesses moldes, narrou seu percurso. *Me formei em 1953, depois em 1954 fiz o curso, antigamente chamava curso de Didática, passei a ser bacharel¹²¹. Me formei em 1954 no curso de Didática, e já dava algumas aulas particulares, em colégios iniciantes, também já dava aula, mas era doida para arrumar um lugar para dar aula, uma coisa assim, melhor.*

Diferentemente de Aloys, o professor Clemenceau teve sua formação escolar inicial em instituições públicas de ensino. No curso primário, frequentou o Grupo Escolar Caetano Azeredo¹²²; no Ginásio e no Científico, foi aluno do Colégio Estadual. No segundo ano do Científico, ainda em dúvida sobre o curso para o qual prestaria vestibular, cogitou cursar Medicina, pois muitos de seus tios eram médicos e seu pai era farmacêutico. Entretanto, acabou desistindo da possibilidade em função do adoecimento

¹²¹ A entrevistada fez confusão: após o curso de Didática, o aluno se tornava licenciado.

¹²² A Escola Estadual Professor Caetano Azeredo, inicialmente denominada Grupo Escolar Professor Caetano Azeredo, foi inaugurada em setembro de 1930. A escola está localizada na Rua Guajajaras, 1827, Barro Preto. Oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. <http://www.radaroficial.com.br/d/5102981733154816>. Último acesso em: 20 ago. 2019.

de sua avó, o qual presenciou de perto. Ainda em dúvida, decidiu se aconselhar com o Reitor do Colégio Estadual, que lhe sugeriu o curso de Matemática, como narrou em seu depoimento.

E eu, que estava na dúvida do que fazer, fui conversar com o Reitor do Colégio Estadual: “Estou em dúvida sobre o que fazer. Iria fazer Medicina, mas estou em dúvida se é isso mesmo que eu quero”. “Dúvida de quê? Você vai ser professor de Matemática aqui no Colégio”. “Professor por quê?”. “Você foi o único aluno que tirou dez com o professor Franz Roedel¹²³. Você tirou dez na segunda parcial e isso nunca aconteceu aqui”. “É mesmo, professor?”. “Pois é, você tirou dez com ele, agora está famoso no Colégio. Você vai fazer Matemática e dar aula aqui”. É mesmo. E eu adorava o Colégio.

Clemenceau recordou ainda a reação de felicidade de seu pai ao contar-lhe que havia se decidido pelo curso de Matemática e que seria professor. Isso porque, naquele contexto, a profissão docente era socialmente valorizada, carregava um certo *status* e os professores eram figuras muito respeitadas. *Quando fiz o vestibular para Matemática, o meu pai ficou muito orgulhoso. Eu falei: “Eu quero ser professor do Colégio Estadual”. E ele disse: “Que coisa maravilhosa, meu filho, estou muito orgulhoso”. Ele ficou todo empolgado.*

O professor Paulo Wanner atuou nos anos finais do Colégio de Aplicação e estudou em um tradicional colégio de Belo Horizonte que ofertava vagas apenas para meninos: *A minha vida estudantil começou no Colégio Marista em Belo Horizonte. Estudei no Marista do primário ao terceiro ano Científico. Depois me graduei na Universidade Federal de Minas Gerais. Fui da segunda turma do Curso de Matemática do ICEx¹²⁴, que pertencia à Faculdade de Filosofia da UFMG, de 1965 a 1968.*

Sua pós-graduação veio mais tarde, quando já era professor do Centro Pedagógico, na década de 1990. *Por muitos anos fui professor de Matemática no Centro Pedagógico da UFMG (antigo Colégio de Aplicação), tendo interrompido*

¹²³ Apesar de nossos esforços, não conseguimos informações sobre ele. De acordo com Clemenceau, Franz Roedel foi seu professor de Matemática no Colégio Estadual.

¹²⁴ O ICEx – Instituto de Ciências Exatas foi instituído com a Reforma de Ensino de 1968. Era dividido em três departamentos: Física, Matemática e Química. Responsável por todo o ciclo básico das Ciências Exatas e várias disciplinas da Biologia. Na década de 1970 foram criados os departamentos de Ciências da Computação e Estatística. Atualmente, é formado por cinco departamentos, com nove cursos de graduação e cinco de pós-graduação. <http://www.ICEx.ufmg.br/index.php/home/historia-da-unidade> Último acesso em: 05 abr. 2019.

temporariamente minhas atividades docentes na década de 90 para cursar mestrado e doutorado na Inglaterra (Universidade de Southampton).

A atualização didática dos professores do Colégio de Aplicação, de acordo com o depoimento da ex-diretora Alaíde Lisboa a Collares (1989), era realizada por:

- a) contatos pessoais;
- b) pela atualização de livros no setor de educação da biblioteca;
- c) por palestras;
- d) pela preparação dos estágios dos professores-alunos da faculdade;
- e) por debates nos setores que congregavam disciplinas afins;
- f) por encontros de apreciação crítica dos estagiários. (p.142)

Dos nossos entrevistados, apenas o professor Paulo Wanner realizou mestrado e doutorado. No decurso da pesquisa não foi possível o acesso a informações sobre a formação e especializações de outros professores. Encontramos apenas um documento¹²⁵ nos arquivos da Faculdade de Filosofia que trata do pedido de afastamento de dois anos do Padre Antônio Cecílio para aperfeiçoamento no exterior. Porém, o documento não nos permitiu maiores detalhes sobre o processo, inclusive não há qualquer tipo de confirmação se o pedido do docente foi sequer deferido.

No período de que trata nossa pesquisa, não havia cursos de pós-graduação em Matemática ou em Educação em Minas Gerais. A Educação Matemática surgiu como campo profissional e área de conhecimento no Brasil somente a partir da década de 1970 (FIORENTINI; LORENZATO, 2007). Nesse período, houve uma expansão das licenciaturas em Matemática, bem como a constituição dos programas de pós-graduação da área e daqueles em Educação e em Psicologia. No caso da UFMG, o curso de mestrado em Matemática foi criado em 1971 e no mesmo ano deu-se início às atividades do curso de mestrado em Educação.

5.3 - Experiências Docentes

Ao começar a lecionar no Colégio de Aplicação, com pouca experiência docente, a recém-formada Aloys considerava que o curso que fizera não havia lhe oferecido uma formação que a preparasse devidamente para o ensino no curso secundário.

(...) eu sou professora, estudei muita Física, se me falarem, não sei nada. Mesmo a Matemática que a gente aprende no curso de Matemática é uma Matemática

¹²⁵ Pedido nº 46/62 de 19 de janeiro de 1962.

muito profunda que você não aplica nunca isso em escola, em um Ginásio, em um Científico nunca. Você deve ter feito o curso, mas você não aplica nunca. Quando você sai dali, porque você vai dar aula, você tem que estudar, você tem que rever o que você aprendeu no curso que você frequentou no Ginásio e no Científico.

As experiências docentes de nossos colaboradores se iniciaram durante a graduação. O professor Clemenceau, por sua vez, revelou:

Estudei demais durante o meu curso e os professores gostavam muito de mim. E consegui terminar o curso, no terceiro ano, com dez em todos os trabalhos de estágio, todas as provas. Me formei com a média dez no terceiro ano da faculdade. Eu tinha aula das sete ao meio-dia; a faculdade era na Praça da Liberdade. Saía da faculdade e ia para casa no Santo Agostinho. Tinha uma hora, porque à tarde eu trabalhava no DER, Departamento de Estradas e Rodagem. Trabalhava no expediente de meio-dia às seis, mas, como eu estava na Universidade, tinha uma hora de tolerância; então, trabalhava das 13 às 18 horas. Era um sacrifício. A partir do segundo ano de faculdade, eu comecei a dar aula.

Eu tinha aula de manhã, trabalhava à tarde e dava aula à noite. Tinha que estudar até a madrugada. Já virei noites estudando. Quando clareava, levantava, tomava café e ia para a aula. Eu consegui fazer todos os trabalhos com nota dez na faculdade, no curso de Matemática, todos os trabalhos e provas. Isso abriu as portas para mim. Fui convidado a dar aula no Colégio Estadual, que era um colégio excepcional. Um dos meus professores, Wagner Brandão, falou: “vou te convidar para o Estadual, você ainda não formou, mas, pelo que estou vendo aqui, você fecha todas as notas, é um ótimo aluno. Já falei com o Mário de Oliveira, e você vai pegar umas turminhas para começar. E vai ter concurso”, eu falei: “vou me preparar”.

O professor Nivaldo Reis, que também foi meu professor, falou: “eu estou aqui há muitos anos, quero parar, mas não tinha para quem entregar a minha cadeira, você tem toda condição de ficar com a cadeira de Analítica”. Eu fiquei muito orgulhoso. Outro professor, da Engenharia, também, conversou comigo. Moral da história, as portas se abriram pelo que fiz. Comecei a dar aula no Estadual; a primeira vez que eu dei aula foi em 1959. Fiquei lá de 1959 a 1963. Como eu ajudava muito no Estadual, estava muito disponível, o reitor me chamou para dirigir o primeiro anexo do Estadual, na Sagrada Família. Dirigi o anexo em 1963 e 1964.

O docente Paulo Wanner começou a lecionar no último ano da licenciatura, em 1968, no Colégio Estadual de Minas Gerais e no Colégio de Aplicação. Paulo Wanner relatou que manteve vínculos com outras escolas até sua aposentadoria no Centro Pedagógico¹²⁶.

Por muitos anos fui professor de Matemática no Centro Pedagógico da UFMG (antigo Colégio de Aplicação), tendo interrompido temporariamente minhas atividades docentes na década de 90 para cursar mestrado e doutorado na Inglaterra (Universidade de Southampton). Após meu retorno à UFMG, continuei por alguns anos ainda minhas atividades de professor de Matemática no Centro Pedagógico tendo aposentado em 1997. Trabalhei também no Colégio Estadual/Instituto de Educação de Minas Gerais até 2008, quando me aposentei também. Enquanto docente em regime de 40 horas semanais na UFMG, foi possível conciliar minhas atividades de Professor de Matemática também no Colégio Santo Antônio, localizado à Rua Pernambuco, em Belo Horizonte. Após minha aposentadoria na UFMG, retornei ao Colégio Santo Antônio também na condição de professor e Coordenador Geral de Matemática, atividade que sempre me foi extremamente prazerosa, e me aposentei em 2013.

O professor Paulo revelou algumas características de seu contrato no Colégio, que tinham implicações diretas sobre sua prática docente:

(...) quando eu entrei para o Colégio de Aplicação, ministrava 15 aulas e ganhava por 12. Porque o contrato era T12 e T24. Depois de um ano, a universidade mudou o seu regime de contrato, passando a oferecer T20 e T40. Eu, que tinha 15 aulas, fui para 40, em regime de T40. Mas a dedicação exclusiva era para pouquíssimos professores. Tinha incentivo 1, incentivo 2, incentivo 3, incentivo 4. Incentivo 4 era para quem tinha dedicação exclusiva e não podia “trabalhar em outro lugar.”

Cabe notar que a dedicação a outros postos de trabalho era comum no período coberto por esta pesquisa. Também o professor Clemenceau lecionou em outras instituições, mantendo vínculos com outras escolas mesmo depois de ingressar no Colégio.

Eu fiz um concurso para o Estadual. Eram treze candidatos muito preparados. Era tão apertado ser professor! Só passaram três. Eu passei em primeiro lugar, com

¹²⁶ Naquela época, o professor não era contratado em regime de dedicação exclusiva - 40 horas semanais - em que o docente está impedido de exercer outra função remunerada, devendo dedicar-se integralmente ao ensino e à pesquisa.

nota bem melhor do que os outros dois que passaram. A partir daí, as portas se abriram para mim. Eu podia escolher onde dar aula aqui em Belo Horizonte. Dei aula nos colégios particulares: Santa Maria, que era feminino, Loyola, Dom Silvério, Santo Antônio.

Então, fui professor no Colégio Estadual. Dirigi dois colégios anexos. E em 1972, implantei o Colégio Pitágoras em Belo Horizonte. No Pitágoras, além de professor eu virei diretor. Depois, eu virei superintendente das operações do grupo Pitágoras. Nós chegamos a ter 25.000 alunos em Belo Horizonte e colégios do estado no Norte. Tínhamos colégio no Amazonas, no Pará, em Goiás, e em diversos países, como o Congo, Maurítânia e Equador.

Clemenceau permaneceu como docente do Colégio de Aplicação até 1972, quando apresentou seu pedido de demissão para dedicar-se a carreira no magistério em uma instituição particular: *fiquei até 1972, e tive que me afastar da Universidade. Tive que pedir demissão, porque já estava no Pitágoras¹²⁷ e fui dirigir um colégio no Amazonas. Não tinha condições de ficar lá e aqui. Dei preferência a minha carreira na área particular, que era no Pitágoras. Eu já era diretor, superintendente. Mas eu adorava dar aula no Colégio de Aplicação e também no Estadual.*

Os saberes acumulados nos diversos vínculos de trabalho, associados às experiências de vida pessoal, aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, às influências culturais e sociais, formaram cada um desses professores. Ponte (1998) argumenta que realizar a formação na área específica em que o professor ensina é fundamental. O autor também versa sobre o "conhecimento profissional", um domínio diretamente associado às habilidades acumuladas com a experiência da profissão. De acordo com ele, esse conhecimento "é constantemente elaborado e reelaborado pelo professor, em função dos seus contextos de trabalho e das necessidades decorrentes das situações que vai enfrentando" (p. 5).

É relevante destacar o relato do professor Clemenceau sobre uma de suas experiências. Ele comentou que os alunos do Colégio de Aplicação eram muito dedicados e os professores muito competentes. Essa combinação de fatores culminava em uma maior exigência e cobrança direcionada aos discentes.

¹²⁷ O Pitágoras iniciou suas atividades na década de 1960 com o curso Pré-Vestibular Pitágoras. Em 1970, foi inaugurado o primeiro colégio em Minas Gerais com uma unidade de Ensino Básico, o Colégio Pitágoras Cidade Jardim. Em 1979, foram inaugurados Colégios Pitágoras em diversos países do mundo: Iraque, Maurítânia, Congo, Equador e Angola. <http://www.colegiospitagoras.com.br/Institucional>. Último acesso em: 20 ago. 2019.

(...) me lembro que no primeiro dia de aula falei para a turma: "Esse ano eu serei o professor então vamos combinar algumas regras, se vocês estiverem de acordo, é lei, se não estiverem, nem discuto".

Falei: "Primeira coisa, faço questão de assiduidade, se vocês estiverem de acordo, vou explicar como. A aula começa às 7 horas da manhã e eu estarei aqui pontualmente para começar a aula às 7. Tem um intervalo na hora do recreio, então, quando der o sinal para terminar o recreio, estarei na sala esperando vocês. Não quero ninguém demorando 10 minutos para entrar em sala, vocês estão de acordo? Porque se demorar mais de 5 minutos vai ter briga, e eu vou punir. Porque se não for assim, dará o sinal do recreio e eu vou ficar 15 minutos tomando cafezinho, batendo mais um papo e vocês vão ter meia aula. Está tudo combinado?".

Agora outra regra: "Vou mandar fazer exercícios para casa todos os dias, no dia seguinte a primeira coisa que farei é ver os exercícios. Todas as dúvidas serão esclarecidas. Você pode fazer o exercício todo errado, não tem problema, nós vamos escolher e tirar essa dúvida. Agora, se você não fizer o exercício, vou te dar um prêmio. Vou te dar zero na caderneta e você vai ter que tirar dez no fim do mês para ficar com a média cinco, não estou brincando, está valendo".

"Professor, é assim?" Eu falei: "Vai ser assim". Dei a aula e mandei exercícios para casa. Dois dias depois, cheguei e disse: "Coloquem o caderno com os exercícios em cima da mesa". Três alunos não fizeram, eu falei: "zero, zero, zero". "Ah, professor...". "zero, zero e zero. Da próxima vez será a mesma coisa. Todos os dias irei conferir. Não fez, é zero, e não tem explicação, a regra foi combinada e vocês toparam, então, está valendo". Nunca mais ninguém deixou de fazer os exercícios.

O alto padrão de desempenho dos alunos parecia, em alguns momentos, demandar dos professores maiores investimentos sobre o material didático utilizado em sala de aula. Nesse sentido, o professor Clemenceau esclareceu que, mesmo utilizando os livros didáticos recomendados, foi necessário que ele mesmo produzisse um material de nível mais elaborado.

Eu escrevi um livro com exercícios com alto grau de dificuldade, mas os meninos eram feras, a gente podia apertar que eles respondiam. O Mário de Oliveira escreveu diversos livros que a gente usava. Eu escrevi uma parte do livro do primeiro ano do Científico e também exercícios de limites. Escrevi também um livro sobre

números complexos. No Científico, usávamos um livro de quatro autores de São Paulo, não lembro o nome dele. No Ginásio era o livro do Osvaldo Sangiorgi.

Podemos considerar que as mais diversas experiências contribuem para o desenvolvimento profissional, experiências estas que são vividas pelo professor no seu dia a dia, nas relações com os discentes e, também, aquelas que são realizadas pelo coletivo da escola. O professor é responsável por investir na sua formação, na sua carreira e refletir sobre sua prática, mas essas condutas são aprimoradas por "*contextos colaborativos (institucionais, associativos, formais ou informais)* onde o professor tem oportunidade de interagir com outros e sentir-se apoiado, onde pode conferir as suas experiências e recolher informações importantes" (PONTE, 1998, p. 10, grifos do autor).

Na cultura escolar do Colégio de Aplicação, não conseguimos perceber a existência de práticas coletivas formalmente estabelecidas. Nesse sentido, não há registro sobre a formação de conselhos de classe, ou qualquer outra atividade que pudesse promover, entre os professores, a partilha de suas práticas pedagógicas ou das experiências de seus alunos. Cada docente apresentava à secretaria as notas e demais observações sobre os estudantes e, entre seus pares, a troca de informações ocorria informalmente, sem oportunidades de sistematização coletiva. Como revelou Clemenceau, não se discutia com os demais professores a respeito do desempenho dos alunos.

No Colégio de Aplicação, nós tínhamos o diário de classe. A presença era condição minha, tinha que ter 75%. Não havia conselho de classe naquela época. O conselho de classe surgiu depois dos anos 70. O que tínhamos era uma reunião muito informal na sala dos professores. Nós conversávamos de um aluno ou outro, mas não havia nada formal. Cada um terminava o ano e dava o resultado. O resultado era entregue à secretaria e a secretária passava as notas no livro. Acho que a média era 5.

Quando cursava o último período de Matemática na Faculdade de Filosofia, em 1962, Reginaldo Naves de Souza Lima foi docente no Colégio de Aplicação, para substituir a professora Aloys, que estava de licença. Ele ministrou aulas para quatro turmas do primeiro e terceiro ano do Ginásio. Sem qualquer experiência em sala de aula, como a maioria dos professores que iniciavam suas carreiras, em sua dissertação de mestrado (LIMA, 1981), escreveu que não recebeu nenhuma orientação a respeito de como deveria conduzir sua prática docente:

Não fomos ensinados a nos relacionar com os alunos; na época, os professores ficavam distantes, enchendo o quadro ou falando. Alguns, mais extrovertidos, contavam casos e piadas para amenizar a situação.

Sobre temas a serem ensinados, nada nos diziam; nem como fazê-lo, nem como selecionar os tópicos verdadeiramente importantes.

Procedimentos a serem usados? Por que falar nisso, se todos, 100% dos professores, usavam a exposição, o quadro e o giz? Haveria coisa diferente a ser feita? (LIMA, 1981, p. 5).

Como podemos constatar nos relatos apresentados, era comum entre os docentes do Colégio de Aplicação um trabalho autônomo e individual sobre suas disciplinas. Trocavam experiências nos intervalos, discutiam sobre alguns alunos e seguiam o livro didático. Em alguns casos complementavam suas práticas docentes com outras atividades, mas quase sempre de forma independente. Sem orientação, a maioria dos professores recém-formados reproduzia as aulas que havia assistido na universidade, até mesmo porque, se fosse diferente, poderiam ser reprovados em concursos, como foi comentado no caso da professora Aloys. Entretanto, o professor Reginaldo iniciou sua carreira de modo diferente. Construiu uma proposta didática diferenciada. Não utilizava somente aulas expositivas e giz em suas aulas, conforme seu próprio comentário quando trabalhou com as turmas do Colégio de Aplicação.

1º) Relacionávamos cada tema com um assunto que julgávamos estar ao alcance do aluno; por exemplo, o tema cardinal, pode ser matematicamente classes de equivalência, foi relacionado à ideia de família.

2º) Desenvolvido qualquer tema, colocávamos os alunos a praticar exercícios ou problemas; aí, imaginávamos um procedimento diferente: cada fila de alunos era um time, cada exercício (ou problema) era uma partida. Assim que os alunos resolviam a tarefa, cada fila entregava seus cadernos a outra fila previamente determinada (e, evidentemente, recebia os cadernos dessa outra fila). No quadro, resolvíamos a tarefa com o máximo de detalhes e explicações possíveis; quando não havia dúvidas, os alunos corrigiam a tarefa recebida dentro da fila. Os cadernos eram devolvidos e a correção julgada. Éramos, então o árbitro. Cada acerto recebia um ponto para sua fila e esses pontos eram somados aos da aula anterior. No fim da semana, as filas recebiam notas conforme sua classificação (LIMA, 1981, p. 5).

Ao apostar em um método de ensino diferente, Reginaldo ganhou o reconhecimento dos alunos e, também, de seus pares, como demonstrado no episódio da professora de Português da 1ª série do ginásio do Colégio de Aplicação narrado por ele.

Cerca de dois meses após a nossa entrada para aquela instituição, a professora das 1as. séries chegou à sala dos professores, procurando pelo professor de Matemática.

Apresentamo-nos.

- Queria conhecê-lo, porque na última aula das turmas da 1ª série, pedi uma redação sob o título “Perfil de um adulto” e todos os alunos, com exceção de apenas um, fizeram o seu perfil, aliás lisonjeiro.

Oitenta e nove alunos se mostraram entusiasmados com o nosso trabalho de Matemática (LIMA, 1981, p. 4).

Satisfeito com o resultado de seu trabalho, o professor Reginaldo resolveu compartilhar sua experiência nas aulas de Didática que frequentava na Faculdade de Educação naquele mesmo ano. Contudo, segundo ele próprio, experienciou três grandes desapontamentos que o afastaram por algum tempo de suas práticas pedagógicas diferenciadas no ensino de Matemática:

Perguntados como agíamos em sala de aula, respondemos com a descrição desses jogos. A reação do professor foi pronta:

- Por favor, não faça mais isto. Sua sorte é ter lecionado assim para turmas de 1ª série. Se fizesse isso com turmas do colegial, por certo seria até expulso da sala: para eles isso seria infantilidade.

Reação mais violenta teve um catedrático do Colégio Militar que admirávamos e quem solicitamos opinião sobre o que fazíamos:

- Não gosto disso. A Matemática é algo muito sério para ser feito com brincadeira.

Essa resposta, em tom duro, com as mãos e o rosto crispados, foi uma água fria no nosso entusiasmo (LIMA, 1981, p. 6).

O terceiro infortúnio teria ocorrido, ainda de acordo com o professor, com a professora Aloys, a quem Reginaldo substituíra naquele momento. Conforme o professor, no concurso do qual participou na Fazenda do Rosário, a professora utilizou pedaços de papel e barbante ao invés de Teoremas em sua aula didática, o que mencionamos anteriormente. Diante desses episódios, Lima (1981, p. 7) refletiu: “por muitos anos perdemos todo o entusiasmo por aulas que não fossem tradicionalmente expositivas”.

A partir do relato do professor Reginaldo há indícios de que a experiência dos professores de Matemática no Colégio de Aplicação se caracterizava por um estilo de ensino tido como tradicional. No capítulo seguinte, discorreremos de modo mais detalhado sobre as práticas pedagógicas dos professores de Matemática e as percepções dos alunos sobre o ensino da disciplina.

6 - O ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Só tinha aula cuspe e giz mesmo, não tinha uma coisa de grande desenvolvimento. Até essa coisa de fazer atividade fora da escola, era muito rígido (Ex-aluna Gilvânia, ingresso no C.A em 1966).

Praticamente todas as matérias tinham livro. Sabíamos o capítulo do livro que o professor estava ensinando. O professor ensinava escrevendo no quadro. Ensinando, dando exemplos; às vezes ele fazia algum exercício, mas era o conteúdo daquele capítulo que estava no livro (Ex-aluno Rafael, ingresso no C.A em 1962).

As provas eram mimeografadas. Tinha um tempo para fazer a prova durante o período da aula. Na prova, havia as questões difíceis, umas questões médias e outras fáceis. Depois do resultado, alguns professores corrigiam as questões no quadro (Ex-aluna Camélia, ingresso no C.A em 1962).

Neste capítulo, elencamos alguns eixos de análise que nos parecem pertinentes à compreensão sobre o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Tais eixos foram eleitos com base na regularidade dos comentários dos colaboradores sobre as temáticas abordadas nas entrevistas. A reflexão e a análise aqui apresentadas demandaram um estudo aprofundado de diversos assuntos e um trabalho minucioso de cruzamento de fontes.

Na perspectiva de compor este texto, tornou-se necessário abordar não apenas as questões em torno do ensino de Matemática no Colégio de Aplicação, mas também aquelas relacionadas à trajetória geral do ensino da disciplina em território nacional, nas décadas de 1930 a 1960. Nesse sentido, pareceu-nos oportuno tratar do surgimento da Matemática no contexto do ginásio, bem como da legislação oficial para o ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Capanema, assim como da portaria de 1951 do Ministério da Educação, referente aos programas das disciplinas do curso secundário, e da LDB de 1961. Ademais, é importante considerar as transformações legislativas que produziram efeitos sobre o ensino de Matemática ao longo das décadas de 1950 e 1960, recorte temporal desta investigação.

No que se refere mais especificamente ao Colégio de Aplicação, abordaremos o ensino de Matemática realizado no interior das práticas educacionais desenvolvidas no âmbito do ginásio e do científico. Isso porque se trata dos cursos em que a disciplina

esteve constantemente presente no currículo ao longo do período abordado¹²⁸. Além disso, há de se considerar que foram esses mesmos dois cursos aqueles presentes nas narrativas de todos os nossos depoentes, como estudantes ou professores.

6.1 - Programas de Matemática para o Ensino Secundário

Os programas de ensino de Matemática do Colégio de Aplicação eram seguidos de acordo com recomendações dos conteúdos dos livros didáticos adotados pelos professores, como relatou a professora Aloys: *com relação ao ensino de Matemática, nós trabalhávamos os conteúdos que vinham no livro que era adotado.*

A gente não fazia um currículo. Houve uma época aqui em que a Magda¹²⁹ até deu um curso para nós que você tinha que especificar tudo. O conteúdo trabalhado. Mas nós não fazíamos nada disso. Não fazíamos o currículo, seguíamos através de livros, de livros, entendeu? E éramos praticamente obrigados a seguir o currículo daquele livro que tinha sido adotado. Isso há 60 anos, é muito tempo atrás.

Essa prática parece ter perdurado por todos os anos de funcionamento do Colégio, pois de acordo com o professor Paulo Wanner, que ingressou no C.A. em 1968, último ano de nosso recorte temporal, não havia um plano de ensino de Matemática na instituição. Segundo seu relato, era responsabilidade de cada docente a elaboração de um plano individual e o que deveria ser seguido encontrava-se no livro didático adotado para a escola.

O nosso plano de aula era baseado no conteúdo do livro. Assim, por exemplo, no livro do 1º ano, usávamos todos aqueles tópicos. Fazíamos assim também para o 2º e 3º anos. E ao final desses três anos, deveríamos ter cumprido todo o programa do vestibular da Federal.

A dificuldade de delimitar de maneira mais precisa os programas e os conteúdos abordados na disciplina Matemática a partir da investigação realizada nos arquivos visitados e nas entrevistas realizadas determinou novos rumos em nosso trabalho. Nesse sentido, conhecer e apresentar o contexto e as condições de possibilidade em que se

¹²⁸ Vale pontuar que, no caso do curso Clássico, a disciplina Matemática não foi trabalhada em todas as séries durante determinados períodos. E no que se refere ao Curso Normal, por se tratar de um curso de formação de professores, pode-se dizer que o ensino de Matemática era muito específico das demandas daquele tipo de formação.

¹²⁹ Ela se refere à professora Magda Soares.

inscreveram o processo de ensino e aprendizagem da Matemática no Colégio de Aplicação requereu um olhar sobre os programas de ensino vigentes no país nas décadas de 1950 e 1960, bem como a respeito de outros aspectos relevantes em relação à educação matemática escolar brasileira nesse período.

O ensino secundário, conforme já apresentado, foi regulamentado e normatizado por duas reformas: a primeira em 1931, que ficou conhecida como Reforma Francisco Campos, e a segunda em 1942, a Reforma Capanema, ambas realizadas no governo de Getúlio Vargas. Os programas de ensino dos dois ciclos do secundário – ginásial e colegial – eram padronizados nacionalmente e estabelecidos por meio de Portarias Ministeriais.

6.1.1 - A Disciplina Matemática do Ensino Secundário e seus primeiros programas

O primeiro movimento internacional de modernização do ensino de Matemática ocorreu em 1908, em Roma, no IV Congresso Internacional de Matemática. Participaram desse evento os mais renomados e influentes matemáticos da época e um dos resultados do congresso foi a iniciativa de realizar um levantamento sobre a educação escolar praticada em vários países. Foi criada uma comissão internacional, que elaborou uma primeira proposta de internacionalização do ensino de Matemática. À frente dessa comissão, estava o matemático alemão Félix Klein (1849-1925). Inicialmente, essa comissão tinha como objetivo “obter informações a respeito da situação em que se encontrava o ensino de Matemática nas escolas secundárias dos vários países” (MIORIM, 1998, p. 73), mas ela acabou por se tornar um “agente organizador e instigador de um movimento internacional da reforma” (SCHUBRING, 1999, p. 31). A comissão apresentou princípios que orientavam as reformas curriculares e metodológicas do ensino de Matemática. Propunham-se a fusão dos diferentes ramos da Matemática (Aritmética, Álgebra e Geometria) e a reorientação dos métodos de ensino no sentido da intuição e das aplicações (SCHUBRING, 1999). De acordo com Miorim (1998), os princípios da comissão poderiam ser sintetizados da seguinte forma:

- eliminação da organização excessivamente sistemática e lógica dos conteúdos da escola;
- consideração da intuição como um elemento inicial importante para a futura sistematização;

- introdução de conteúdos mais modernos, como as funções e o cálculo diferencial e integral, especialmente devido à importância deles no desenvolvimento da Matemática e na unificação de suas várias áreas;
- valorização das aplicações da Matemática para a formação de qualquer estudante de escolas de nível médio, não apenas para os futuros técnicos;
- percepção da importância da “fusão”, ou descompartmentalização, dos conteúdos ensinados (MIORIM, 1998, p. 78).

A autora mostra ainda que, de acordo com Félix Klein, tais princípios estavam vinculados a três tendências que orientavam as teses de modernização: “(1) Predominância essencial do ponto de vista psicológico. (2) Escolha da matéria a ensinar em dependência com as aplicações da matemática ao conjunto das outras disciplinas. (3) Subordinação da finalidade do ensino às diretrizes culturais da nossa época” (p.79). Miorim (1998) concluiu que, mesmo que os princípios orientadores do movimento modernizador não tenham sido aplicados da mesma forma e ao mesmo tempo em diferentes países, eles alteraram significativamente o ensino de Matemática e ofereceram elementos fundamentais para discussões futuras.

No Brasil, as ideias defendidas pelo movimento modernizador da Matemática se fizeram presentes apenas no final da década de 1920, quando foi aprovado o Decreto nº 18564, de 15 de janeiro de 1929, que alterou o ensino de Matemática no Colégio Pedro II. De acordo com Miorim (1998), Euclides Roxo, professor catedrático de Matemática desse Colégio, foi “o maior responsável pela elaboração da proposta modernizadora brasileira” (p.92). Ao ser inspirado pelas orientações internacionais de modernização do ensino de Matemática, Roxo propôs a modificação dos programas e a consequente unificação do curso em uma disciplina única chamada Matemática. Não existia, anteriormente, essa disciplina e os conhecimentos abordados no ensino secundário se distribuía em três outras: Aritmética, Álgebra e Geometria. Miorim ainda ressalta que, apesar de o Colégio Pedro II ser modelo para o ensino secundário do país, as modificações trazidas pelo decreto diziam respeito ao Colégio Pedro II, não garantindo que as demais escolas as adotassem.

Segundo Werneck (2003), o professor Euclides Roxo foi o responsável direto pela reforma que originou o primeiro programa de Matemática brasileiro para o ensino secundário no interior da Reforma Francisco Campos, no ano de 1931¹³⁰. Segundo

¹³⁰ Rocha (2001) faz uma comparação dos programas e instruções da Reforma Francisco Campos com os programas que vinham sendo implantados desde 1929 no Colégio Pedro II e aponta indícios de um certo

Miorim (1998, p. 93), essa foi “a primeira tentativa de estruturar todo o curso secundário nacional e de introduzir nele os princípios modernizadores da educação”. Em relação ao ensino de Matemática, Francisco Campos “acatou, em sua reforma para o ensino secundário, todas as ideias modernizadoras presentes na proposta da Congregação do Colégio Pedro II, na parte relativa ao ensino de Matemática” (MIORIM, 1998, p.93). A partir da Reforma Francisco Campos, a disciplina Matemática passou a ser ministrada em todas as séries para todos os alunos do ensino secundário com três aulas semanais.

Valente (2004) argumenta que essa modernização nos programas para o ensino de Matemática no curso secundário sofreu muitas objeções, tanto de professores do Colégio Pedro II, quanto por parte de alguns setores vinculados ao ensino de Matemática. Embora houvesse reações contrárias ao programa de Euclides Roxo, ele foi convidado por Gustavo Capanema a compor a Comissão para elaboração dos programas de Matemática da Reforma do Ensino Secundário, em 1942. Entretanto, nem todas as ideias de Euclides Roxo foram mantidas nessa reforma.

Na concepção de Dassie (2001, p 159), Euclides Roxo “conseguiu preservar vários pontos defendidos desde 1928, entretanto, com uma configuração distinta das reformas anteriores, 1929 e 1931”. O autor ainda informa que, diferentemente da Reforma Francisco Campos, a Reforma Capanema não apresentou instruções metodológicas e que elas seriam expedidas por ato do ministro, mas isso não ocorreu.

6.1.2 - Os programas de Matemática nas décadas de 1950 e 1960, os congressos brasileiros de ensino de Matemática e o movimento da Matemática Moderna

Após as Reformas Francisco Campos (1931) e Gustavo Capanema (1942), todos os programas do Ensino Secundário sofreram alterações por meio da Portaria nº 456, do dia 27 de fevereiro de 1951. O então Ministro da Educação, Simões Filho, instituiu uma comissão para revisar conteúdos e orientações pedagógicas das disciplinas do ensino secundário com o intuito de diminuir as dificuldades em cumprir aquilo que estabelecia a legislação vigente (MARQUES, 2005).

recuo por parte de Euclides Roxo em relação à fusão dos ramos da Matemática. De acordo com o autor, nos programas do Colégio Pedro II não havia separação por ramos da Matemática, pois a divisão dos assuntos era feita apenas com relação às séries do curso. Já nos programas da reforma Francisco Campos, a interação entre esses ramos era implementada gradualmente até a 5ª série, quando os conteúdos eram apresentados em conjunto.

A Congregação do Colégio Pedro II, pela Portaria nº 614, de 10 de maio de 1951, ficou encarregada de elaborar os programas das diversas disciplinas do ensino secundário e sua implementação ocorreu pela Portaria Ministerial nº. 966, de 2 de outubro de 1951. O texto da portaria trazia um programa simplificado, o que a diferenciava dos programas anteriores fixados pelas Reformas Campos (1931) e Capanema (1942). Apresentava um programa mínimo e as respectivas instruções metodológicas para o Ensino Secundário dos anos de 1950.

A elaboração de um programa simplificado, denominado pela legislação como “Programa Mínimo”, e os “Programas Desenvolvidos” ficaram a cargo da Congregação de professores do Colégio Pedro II. Essas normas seriam adotadas em todos os estabelecimentos secundários brasileiros. Os dois primeiros artigos da Portaria de 1951 definiam a aprovação progressiva, a partir do ano de 1952, dos programas de 16 disciplinas, começando pelas primeiras séries ginásial e colegial. Por outro lado, deveriam ser levadas em conta as especificidades de cada região do país, conforme o artigo 4º:

Art. 4.º Os programas das diversas disciplinas do curso secundário serão cumpridos no Colégio Pedro II e nos demais estabelecimentos de ensino secundário do país com desenvolvimento adequado às diversas regiões, tendo-se sempre em vista as conveniências didáticas (BRASIL, 1951b, p.250).

Diferentemente da reforma Capanema, os programas estavam acompanhados de instruções metodológicas elaboradas pela Congregação do Colégio Pedro II. Eles permaneceram no cenário educacional brasileiro até o início da década de 1960 (SOUZA, 2008). Em seu artigo 7º, a Portaria facultava a cada estado “a elaboração de planos de desenvolvimento próprios”, sujeitos à aprovação pelo Ministério. Mas a legislação enfatizava que nos estados em que não houvesse um plano de desenvolvimento, todos os estabelecimentos de ensino secundário ficariam sujeitos ao plano aplicado no Colégio Pedro II (BRASIL, 1951b). A carga horária definida para a realização dos programas de Matemática seria de 3 horas semanais e era permitido aos estabelecimentos de ensino secundário elevar esse número. Entretanto, seria necessário atentar para que o número total de horas da grade curricular não fosse superior ao máximo previsto no art. 39 da Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei n. 4.244, de 9-4-42) (BRASIL, 1951b).

Assim, o Programa Mínimo de Matemática para o Ensino Secundário foi estruturado da seguinte forma, para ser ministrado em três aulas semanais:

Quadro 2 - Programa de Matemática da Portaria de 1951 para o curso Ginásial

1ª Série	<ul style="list-style-type: none"> – Números inteiros; operações fundamentais; números relativos. – Divisibilidade aritmética; números primos. – Números fracionários. – Sistema legal de unidades de medir; unidades e medidas usuais.
2ª Série	<ul style="list-style-type: none"> – Potências e raízes; expressões irracionais. – Cálculo literal; polinômios. – Binômio linear; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.
3ª Série	<ul style="list-style-type: none"> – Razões e proporções; aplicações aritméticas. – Figuras geométricas planas; reta e círculo. – Linhas proporcionais: semelhança de polígonos. – Relações trigonométricas no triângulo retângulo. Tábuas naturais.
4ª Série	<ul style="list-style-type: none"> – Trinômio do 2º grau com uma incógnita; equações e inequações do 2º grau com uma incógnita. – Relações métricas nos polígonos e no círculo; cálculo de Áreas das figuras planas.

Quadro elaborado a partir dos conteúdos extraídos dos programas para o ensino secundário brasileiro. Fonte: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. INEP, 1951, Vol. XVI, nº 44.

Quadro 3 - Programa de Matemática da Portaria de 1951 para o curso Colegial

1ª Série	<ul style="list-style-type: none"> – Noções sobre o cálculo aritmético aproximado; erros. – Progressões. – Logaritmos. – Retas e planos; superfícies e poliedros em geral; corpos redondos usuais; definições e propriedades; áreas e volumes. – Seções cônicas: definições e propriedades fundamentais.
2ª Série	<ul style="list-style-type: none"> – Análise combinatória simples. – Binômio de Newton. – Determinantes; sistemas lineares.

	<ul style="list-style-type: none"> – Noções sobre vetores; projeções; arcos e ângulos; linhas e relações trigonométricas. – Transformações trigonométricas em geral; equações trigonométricas simples. – Resolução trigonométrica de triângulos
3º série	<ul style="list-style-type: none"> – Conceito de função; representação cartesiana; reta e círculo; noção intuitiva de limite e de continuidade. – Noções sobre derivadas e primitivas; interpretações; aplicações. – Introdução à teoria das equações; polinômios; propriedades; divisibilidade por $x \pm a$; problemas de composição, transformação e pesquisa de raízes; equações de tipos especiais.

Quadro elaborado a partir dos conteúdos extraídos dos programas para o ensino secundário brasileiro. Fonte: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. INEP, 1951, Vol. XVI, nº 44.

Por meio da Portaria Ministerial nº 1045, de 14 de dezembro de 1951, foram aprovados os planos de desenvolvimento dos programas mínimos juntamente com as instruções metodológicas para o ensino secundário. Esses planos representavam uma exposição mais detalhada dos conteúdos dos programas mínimos, que eram mais resumidos e simplificados. Nas instruções metodológicas, a Matemática é apresentada como uma disciplina fundamental para o Ensino Secundário, desempenhando um “papel preponderante, como objeto de cultura, instrumento de trabalho e fator de aperfeiçoamento mental” (BRASIL, 1951c, p. 239).

No Ginásio, as instruções metodológicas reforçavam a importância de despertar no estudante o interesse para justificar, provar e demonstrar uma teoria matemática por meio do manuseio cuidadoso do método dedutivo. No que diz respeito ao rigor matemático, havia uma busca de moderação, já que era indicado ao professor evitar técnicas de simples memorização e o uso abusivo de definições. Os assuntos deveriam ser ilustrados com aplicações e exemplos. Nessa perspectiva, intencionava-se que a Matemática do ginásio fosse essencialmente prática e intuitiva.

Ao realizar um trabalho de comparação dos programas de Matemática da Portaria de 1951 com os programas de Matemática da Reforma Capanema, Marques (2005) averiguou que não houve alterações significativas na portaria de 1951 em relação aos conteúdos. A diferença significativa entre os dois programas de ensino é que, na

Reforma de 1951, constata-se uma “preocupação dos conteúdos propostos, valorizando a qualidade em detrimento da quantidade” (MARQUES, 2005, p. 62). De acordo com Chervel (1990), as finalidades de objetivo representam os fins para os quais convergem as legislações do ensino e, no caso da Portaria de 1951, havia uma intenção clara de se reduzir os conteúdos ministrados.

O 1º Congresso Nacional de Ensino da Matemática no Curso Secundário, realizado em Salvador no ano de 1955, por iniciativa da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, tinha como temas os horários e programas, métodos gerais de ensino e tendências modernas no ensino. Muitas propostas foram discutidas e, segundo Marques (2005), não havia nos professores uma insatisfação em relação aos conteúdos estabelecidos pela Portaria de 1951; apenas alguns ajustes foram sugeridos nos assuntos matemáticos, acrescentando um ou outro ponto. Na análise do autor, o reordenamento dos tópicos é considerado um “retoque” e não propriamente uma alteração dos programas.

Ainda durante o evento, decidiu-se pela aprovação de um novo programa de Matemática para os cursos ginásial e colegial, embora ainda baseado em reformas anteriores, e pela aprovação do aumento da carga horária de Matemática no curso secundário. De acordo com o professor Osvaldo Sangiorgi, as condições dessa aprovação estavam relacionadas à questão de se elaborar programas exequíveis, que pudessem realmente ser cumpridos de acordo com a carga horária.

Nas décadas de 1950 e 1960, ocorreram importantes discussões sobre a Matemática Moderna em âmbito nacional e internacional. No Brasil, as discussões foram iniciadas no II Congresso Nacional de Ensino de Matemática, realizado no ano de 1957, na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. As discussões ali suscitadas continuaram sendo debatidas e aprofundadas no III Congresso Nacional de Ensino de Matemática, no ano de 1959, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1961, foi aprovada no governo de Jânio Quadros a lei que regulamentava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/61), após tramitar por mais de dez anos no congresso. De acordo com Ghiraldelli Jr (1990), quando a LDB entrou em vigor, alguns já a consideravam ultrapassada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação manteve a estrutura tradicional de ensino estipulada pela Reforma Capanema de 1942, organizada em ensino pré-primário, ensino primário, de 4 anos, ensino médio subdividido em dois ciclos: o ginásial de 4 anos e o colegial de 3 anos, compreendendo

o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial, e de formação de professores) e o ensino superior. Pode-se dizer que a LDB desconstituía a lógica da padronização nacional dos programas, estabelecendo, no segundo parágrafo de seu artigo 35, que: “O Conselho Federal e os conselhos estaduais, ao relacionarem as disciplinas obrigatórias, na forma do parágrafo anterior, definirão a amplitude e o desenvolvimento dos seus programas em cada ciclo”.

De acordo com Elisabete Zardo Búrigo (2010), o Grupo de Estudos em Ensino de Matemática (GEEM), fundado em outubro de 1961, em São Paulo, tem sido reconhecido como um marco da constituição do movimento da Matemática Moderna no Brasil. Ainda segundo a autora, o GEEM interveio no espaço aberto pela LDB, e apresentou, em 1962, uma proposta de “Assuntos Mínimos para um Moderno Programa de Matemática para o Ginásio e para o Colégio” (p. 285). Essa proposta já mostrava repercussões do movimento da Matemática Moderna.

Búrigo (2010) confronta o programa estabelecido pelas Portarias de 1951 com a proposta do GEEM para o ginásio e identifica alguns tópicos novos. De acordo com a autora, os “números racionais” foram distinguidos do tópico “números fracionários”, pois passaram a incluir os “fracionários relativos”. Outra mudança se deu quanto aos “números reais”, que na Portaria de 1951 apareciam como “grandezas comensuráveis e incommensuráveis” ou como “números racionais e números irracionais”; e também as funções lineares. Para o Colégio, a autora sugere que o caráter inovador da proposta do GEEM residia nas recomendações “apresentadas para a abordagem dos tópicos tradicionais, que enfatizavam, entre outros aspectos, o uso das noções de conjunto e estrutura” (BÚRIGO, 2010, p. 285). Uma novidade apresentava-se com a discussão da função de segundo grau, que aparecia no início da primeira série, antecipando as funções que, anteriormente, eram o tema de encerramento da Matemática do Científico.

De acordo com Miorim (1998), o IV Congresso Nacional de Ensino da Matemática, realizado em Belém do Pará, em julho de 1962, foi um fórum privilegiado para o GEEM, que mostrou alguns exemplos de trabalhos bem sucedidos enfocando o tratamento moderno de certos tópicos da Matemática, além de ter apresentado uma proposta de programa para a escola secundária orientada pelas ideias modernizadoras. Segundo Soares (2001), as sugestões de Assuntos Mínimos para um Moderno Programa para o ginásio e para o colégio feitas pelo GEEM nesse congresso constavam de 24 itens para os quatro anos do ginásio e 18 para os três anos do colegial, não existindo

mudanças significativas “nos temas abordados, mas sim, na sugestão para sua execução, onde as estruturas, o conceito de conjunto e a linguagem conjuntista têm papel de destaque” (p. 74).

Para Miorim (1998), em nenhum outro momento da história o ensino da Matemática foi tão discutido, divulgado e comentado como na época do Movimento da Matemática Moderna. Foi um momento de expansão dos livros didáticos, formação continuada de professores, divulgação da nova Matemática noticiada pelos jornais, enfim de uma efervescência mundial em torno da Matemática.

Apresentada essa síntese geral das propostas para o ensino de Matemática na escola secundária que reverberaram no Brasil desde os anos 1930, voltemos nossa atenção para o contexto específico deste trabalho, o Colégio de Aplicação.

6.2 - Professores, práticas pedagógicas e recursos didáticos no ensino de Matemática do Colégio de Aplicação

No âmbito do Colégio de Aplicação, para ministrar as aulas de Matemática no curso Ginásial e Colegial foram designados 24 docentes entre os anos de 1954 e 1968. Os registros dos livros de ponto dos professores da instituição listavam os docentes de Matemática para o curso Ginásial e para o Colegial distribuídos por anos e turmas, conforme o quadro a seguir.

Quadro 4 - Professores de Matemática que atuaram no curso Ginásial e Colegial do Colégio de Aplicação da UMG entre os anos de 1954 e 1968

Ano	Professores de Matemática	Turmas
1954	Décio Furtado de Mendonça	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a série do Ginásio
1955	Décio Furtado de Mendonça	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a série do Ginásio
	Aloys de Meira Carvalho	Admissão
1956	Décio Furtado de Mendonça	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a série do Ginásio
	Lená Cervinho de Assis	Admissão
1957	Décio Furtado de Mendonça	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a série do Ginásio
	Aloys de Meira Carvalho	Admissão
1958	Décio Furtado de Mendonça	3 ^a , 4 ^a série do Ginásio
	Aloys de Meira Carvalho	Admissão, 1 ^a A, 1 ^a B, 2 ^a série do Ginásio
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1 ^o Científico; 1 ^o Clássico
	Alfredo Alves de Farias	1 ^o Científico; 1 ^o Clássico (mês de agosto)
1959	Décio Furtado de Mendonça	1 ^a Classico; 4 ^a série do Ginásio

	Aloys de Meira Carvalho	1ª, 2ª, 3ª série do Ginásio
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º e 2º Científico; 2º Clássico
1960	Décio Furtado de Mendonça	1º e 2º Clássico
	Aloys de Meira Carvalho	1ªB, 2ª, 3ª, 4ª série do Ginásio (até junho)
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º, 2º, 3º Científico; 3º Clássico
	Maria Rosa Grandioso	1ª A série do Ginásio (até junho)
	Remo Loschi Brunelli	1ªB, 2ª, 3ª, 4ª série do Ginásio (agosto a dezembro)
1961	Décio Furtado de Mendonça	1ªB, 2ª B, 3ª, 4ª série do Ginásio (até junho) 3ª A, 3ª B, 4ª série do Ginásio (à partir de agosto) 1º, 2º Clássico
	Aloys de Meira Carvalho	1ª A, 2ª A série do Ginásio (até junho)
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º, 2º, 3º Científico; 1º, 3º Clássico
	Antônio Máximo	2ª A, 2ª B série do Ginásio (agosto a dezembro)
	Arthur Heleno de Moura	1ª A, 1ª B série do Ginásio (agosto a dezembro)
	Milton Barcellos	2º Clássico (até junho)
1962	Décio Furtado de Mendonça	4ª A, 4ª B série do Ginásio; 1º, 2º Clássico; 1º A Científico
	Aloys de Meira Carvalho	1ªA, 2ª A, 2ª B, 3ª A série do Ginásio
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º B, 2º, 3º Científico
	Clemenceau Chiabi Saliba	1ª B, 3ª B série do Ginásio
1963	Décio Furtado de Mendonça	2º Científico
	Aloys de Meira Carvalho	1ªA, 1ª B, 2ª A, 2ª B, 2ª C série do Ginásio
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º A e 3º Científico
	Clemenceau Chiabi Saliba	1º B Científico; 1º, 2º, 3º Clássico
	Carlos Felício Miller	3ª A, 3ª B, 4ª B série do Ginásio
	Reginaldo Naves de Souza	4ª A série do Ginásio
1964	Décio Furtado de Mendonça	4ª A, 4ª B série do Ginásio
	Aloys de Meira Carvalho	2ªA, 2ª B, 3ª A, 3ª B série do Ginásio
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º A e 3º Científico
	Clemenceau Chiabi Saliba	2º Científico; 1º, 2º Clássico
	Carlos Felício Miller	1ª A, 1ª B, 2ª C série do Ginásio
	Reginaldo Naves de Souza	3º Clássico (Ciências Sociais)
	Filomena Aparecida Teixeira	1ª C série do Ginásio
1965	Décio Furtado de Mendonça	4ª série do Ginásio
	Aloys de Meira Carvalho	3ª A, 3ª B, 3ª C série do Ginásio
	Luiza Amália de Moraes	1º B Científico; 3º Clássico (Ciências Sociais)
	Flora Beatriz Villella	1º A Científico
	Thelma de Oliveira Souza	3º Engenharia, 3º Medicina (Científico)
	Olga Oliveira	4ª série do Ginásio
1966	Décio Furtado de Mendonça	2ª C série do Ginásio; 1º A, 1º B, 2º B Científico
	Aloys de Meira Carvalho	2ª B, 4ª A, 4ª B, 4ª C série do Ginásio
	Helena Silveira	1ª A, 1ª B, 1ª C série do Ginásio
	Flora Beatriz Villella	2ª A série do Ginásio; 2º A Científico
	Thelma de Oliveira Souza	3º Engenharia, 3º Medicina (Científico); 3º Clássico (Ciências Sociais)
	Alzira Maria Gontijo Tostes Gazzinelli	3ª A, 3ª B, 3ª C série do Ginásio

	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º A, 1º B, 2º Científico (noturno)
1967	Tereza da Pieve	1ªA, 1ª B, 3ª B, 3ª C série do Ginásio (até maio)
	Aloys de Meira Carvalho	1ªA, 1ª B, 3ª B, 3ª C série do Ginásio (à partir de junho)
	Helena Silveira	2ªA, 2ª B, 2ª C, 3ª A série do Ginásio (até maio)
	Raimundo	2ªA, 2ª B, 2ª C, 3ª A série do Ginásio (de 17 de maio até agosto)
	Maria da Penha	4ª A, 4ª B, 4ª C série do Ginásio (meses 03, 04, 09, 10, 11, 12)
	Lúcia Helena	4ª A, 4ª B, 4ª C série do Ginásio (meses 05, 06, 07, 08)
	Thelma de Oliveira Souza	2º A, 2º B Científico; 3º Engenharia, 3º Medicina (Científico)
	Clemenceau Chiabi Saliba	1º A, 1º B Científico; 3º Clássico (Ciências Sociais)
	Paulo Roberto Baeta da Costa	1º, 2º, 3º Científico (noturno)
1968	Clemenceau Chiab Saliba	1º Científico; 2º Engenharia (Científico)
	Helena Silveira	2º Medicina (Científico)

Fonte: Quadro elaborado a partir dos conteúdos extraídos dos livros de ponto dos professores de 1954 a 1968. Arquivo Centro Pedagógico.

Apesar de algumas ausências em relação aos docentes, turmas, séries e anos, o quadro anterior exhibe um panorama geral dos professores de Matemática do curso Ginásial e Colegial. Listamos, por um período de 15 anos, 96 turmas, distribuídas nas quatro séries do Ginásio. Para o Colegial, por um período de 11 anos, encontramos 86 turmas, distribuídas nas três séries do Colegial, sendo 51 turmas do Científico e 35 do Clássico. Durante as análises dos dados, verificamos que Décio Furtado de Mendonça estava presente na instituição desde sua fundação, em 1954, ministrando a disciplina Matemática, e Aloys de Meira Carvalho lecionou a disciplina desde o ano de 1955.

De acordo com Miorim (1998), o I Congresso de Ensino de Matemática recomendou o uso do estudo dirigido, um dos elementos considerados “modernos”, que estavam sendo usados em colégios de aplicação, com excelentes resultados. No que se refere ao Colégio de Aplicação da UFMG, não encontramos na documentação pesquisada indícios de que a prática do estudo dirigido estivesse presente na instituição. Do mesmo modo, nenhuma referência a respeito da adoção das recomendações apresentadas no congresso foi localizada nas fontes. Durante as entrevistas, não houve qualquer relato sobre o estudo dirigido. Conforme Carlos Braga, aluno do Colégio no período de 1961 a 1965, as práticas comuns de ensino *naquela época, nas aulas de Matemática eram na base do cuspe e giz. Era o professor escrevendo no quadro e nós escrevendo no caderno. As perguntas eram feitas e respondidas dentro do próprio processo da aula.*

Com base na análise dos horários das aulas de Matemática de 1954 e 1958 e de algumas características do ensino de Matemática, inferimos que o aumento da carga

horária de Matemática no curso ginásial do Colégio de Aplicação, recomendado naquele congresso, só ocorreu a partir de 1958.

No ano de 1954, os professores do Colégio de Aplicação ministravam aulas de Matemática no curso ginásial nos turnos da manhã, por 3 horas semanais, inclusive aos sábados, como podemos observar no quadro 6.

Tabela 7 - Horários das aulas de Matemática para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação no ano de 1954

Turno	Turmas	2ª F	3ª F	4ª F	5ª F	6ª F	Sábado
Manhã	1ª série		10:05	11:00			13:00
	2ª série		11:00	10:05	11:00		
	3ª série			09:10		11:00	14:40
	4ª série	11:00		08:05			13:50

Fonte: Livro de Ponto março de 1954 a maio de 1956. Arquivo Centro Pedagógico.

Para o ano de 1954, o turno da manhã funcionava das 7:10 às 11:50 horas de segunda a sexta feira e aos sábados das 13:00 às 16:20 horas. Havia quatro turmas do Ginásio, uma de cada série, e os alunos tinham três aulas de Matemática por semana, com duração de 50 minutos cada, inclusive aos sábados. Das quatro turmas, apenas a 2ª série não precisava comparecer aos sábados. Já no ano de 1958, a instituição contava com cinco turmas do Ginásio, uma turma do Clássico e uma do Científico. Os horários das aulas de Matemática do curso ginásial do Colégio são apresentados no quadro a seguir:

Tabela 8 - Horários das aulas de Matemática para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação no ano de 1958

Turno	Turmas	2ª F	3ª F	4ª F	5ª F	6ª F	Sábado
Tarde	1ª A série	15:20	15:20	12:30			
				15:20			
	1ª B série	16:10	13:20	14:30		14:30	
	2ª série	14:30	14:30			15:20	
Manhã	3ª série	08:00		08:00		08:00	
	4ª série	07:10		09:10		09:10	
		09:10					

--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Livro de Ponto de 1958. Arquivo Centro Pedagógico

A partir de 1958, as turmas do ginásio foram distribuídas em dois turnos, ficando a primeira e a segunda séries no turno da tarde e a terceira e a quarta no turno da manhã, juntamente com as duas turmas de primeiro ano colegial do Clássico e do Científico. Também a partir de 1958, o número de aulas da primeira e da quarta série do ginásio aumentou de três para quatro. Embora Minas Gerais não tenha tido professores participantes do I Congresso Nacional de Ensino de Matemática no Curso Secundário, notamos que algumas ideias discutidas no evento foram incorporadas na grade do Colégio. De acordo com a legislação vigente (a Portaria de 1951), era permitido aumentar a quantidade de aulas de uma determinada disciplina desde que o número de horas de toda a grade curricular não ultrapassasse o máximo previsto pela Reforma Capanema, ou seja, para aumentar as aulas de uma determinada disciplina, necessariamente deveria diminuir a carga horária de outra disciplina (MARQUES, 2005). No Colégio de Aplicação, não apenas ocorreu o aumento da carga horária de Matemática, em 1958, como também outras disciplinas foram acrescentadas na grade curricular, como podemos observar nos quadros 8 e 9 a seguir:

Tabela 9 – Grade curricular para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação nos anos de 1954 a 1957

Ginásio	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Português	3	3	3	3
Matemática	3	3	3	3
Geografia	2	2	2	2
História Geral	2	2	2	2
Historia do Brasil				2
Ciências		1	2	2
Inglês		3	2	2
Francês	3	2	2	2
Educação Física	2	2	1	1
Canto	1	1	1	1

Trabalho	2	2		
Desenho	2	2	2	1
Latim	2	2	2	2

Fonte: Quadro elaborado a partir dos conteúdos extraídos dos livros de ponto dos professores de 1954 a 1957. Arquivo Centro Pedagógico.

Tabela 10 – Grade curricular para o curso Ginásial do Colégio de Aplicação no ano de 1958

Ginásio	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Português	3	3	4	3
Matemática	4	3	3	4
Geografia	2	2	2	2
História Geral	2	2	2	2
Historia do Brasil				2
Ciências			3	3
Inglês		3	2	2
Francês	3	2	2	2
Educação Física	2		2	2
Religião	1	1	1	1
Canto	1	1	1	1
Trabalho	2	2		
Desenho	1	1	1	1
Latim	2	2	2	2
Economia Domestica			1	1
Exercícios extra	1	1		

Fonte: Quadro elaborado a partir dos conteúdos extraídos do livro de ponto dos professores de 1958. Arquivo Centro Pedagógico.

O aumento do número de aulas no Ginásio, recomendado para o curso secundário pelo 1º Congresso Nacional de Ensino da Matemática, foi realizado pelo Colégio de Aplicação somente desde 1961, pois em 1959 e 1960 o número de aulas foi reduzido para três aulas semanais. A partir de 1958, o Colégio de Aplicação expandiu

seu ensino para o curso colegial, abrindo uma turma do Científico e uma turma do Clássico¹³¹. Até 1961, tanto no Científico como no Clássico, havia quatro aulas semanais de Matemática. No entanto, durante os 11 anos do ensino colegial, o número de aulas de Matemática foi modificado diversas vezes¹³².

Durante as décadas de 1950 e de 1960, a Educação Matemática no Brasil passou por um período de significativas transformações em decorrência dos Congressos Brasileiros de Ensino de Matemática e, também, pelo envolvimento dos professores no movimento de reformulação e modernização do currículo escolar, que ficou conhecido como Movimento da Matemática Moderna (M.M.M).

Segundo Fiorentini (1994), o movimento representou uma corrente pedagógica de repercussão significativa no Brasil, constituindo aquilo que denominou tendência formalista-moderna. Para o autor, o M.M.M “promoveria um retorno ao formalismo matemático só que sobre um novo fundamento: as estruturas algébricas e a linguagem formal da matemática contemporânea” (p. 43). Fiorentini avalia que, em relação ao processo de ensino e aprendizagem e à relação entre professor e aluno, dentro dessa tendência formalista-moderna não houve mudanças substanciais. O ensino permaneceu como anteriormente, isto é, autoritário e centrado no professor, cuja prática pedagógica dava continuidade à exposição e demonstração rigorosa no quadro negro, enquanto o aluno mantinha uma postura passiva, reproduzindo a “linguagem e os raciocínios lógico-estruturais ditados pelo professor” (p. 44).

As práticas pedagógicas dos professores de Matemática do Colégio de Aplicação descritas por nossos colaboradores parecem ter acompanhado o processo de ensino e aprendizagem descrito por Fiorentini (1994): ensino centrado no professor e postura

¹³¹ As recomendações do 1º Congresso Nacional de Ensino da Matemática em relação ao número de aulas de Matemática para o colegial eram de cinco aulas semanais.

¹³² Em 1962, o curso Clássico tinha três aulas de Matemática semanais somente para o 1º e o 2º ano. Em 1963, o curso Clássico foi dividido em turmas de Letras e Ciências Sociais no terceiro ano, havendo uma redução para duas aulas semanais nos três anos. Já em 1964, o Científico passou a ter cinco aulas semanais nos três anos e o Clássico permaneceu com duas aulas semanais no primeiro ano, três no segundo e nenhuma no terceiro ano, mas o terceiro ano de Ciências Sociais passou a ter 5 aulas semanais. A partir de 1965, o terceiro ano do Científico foi separado em turmas de Engenharia e de Medicina com 5 aulas semanais e o primeiro e segundo ano tiveram uma redução, passando a oferecer quatro aulas semanais. As aulas de Matemática do primeiro e do segundo ano do Clássico e do terceiro ano de Letras foram extintas, ficando somente o terceiro ano de Ciências Sociais com quatro aulas de Matemática semanais, permanecendo assim até 1967. Já o Científico, em 1966, fez uma redução para quatro aulas semanais e em 1967 promoveu um aumento para cinco aulas semanais, nos dois casos para todas as turmas. Em 1968, último ano de funcionamento da escola como Colégio de Aplicação, houve redução nas aulas do Científico para quatro aulas semanais e as turmas do terceiro ano foram extintas, continuando somente as turmas de primeiro e segundo anos. Nossa hipótese é que os alunos que cursavam o terceiro ano foram transferidos para o Colégio Universitário, já instalado no campus da Pampulha.

passiva do aluno. Os elementos da prática pedagógica mais frequentes na escola eram o método expositivo, com auxílio do livro didático, e o cumprimento dos programas oficiais vigentes. No regimento do Colégio, consta como dever do professor a escolha do livro didático a ser adotado, embora fosse necessário dar conhecimento sobre essa escolha ao diretor da instituição. Também o professor deveria fazer a chamada diariamente, registrando no diário de classe a presença e o conteúdo lecionado. A professora Aloys, embora incerta sobre o assunto, disse: *fazíamos chamada, presença e nota nos diários. O conteúdo que foi dado... Não, acho que não!*

O ex-aluno Rafael, ao comentar sobre o ensino de Matemática durante sua passagem pelo Colégio de Aplicação no início da década de 1960, destacou o uso da aula expositiva: *Os professores geralmente, praticamente todos, davam aula no quadro negro. Sempre davam alguma coisa, explicavam e ficavam escrevendo, quer dizer, inclusive na época se perdia muito tempo escrevendo. Escreviam tudo no quadro negro, explicavam. Alguns tinham mais facilidade do que outros para explicar, mas o método era basicamente escrever no quadro negro.* Ana Maria complementou o comentário de Rafael sobre o método expositivo utilizado nas aulas do Colégio de Aplicação:

Lembro que os professores usavam o quadro. Grande parte das aulas era expositiva, claro que tínhamos liberdade de perguntar. Você participava, fazia exercícios na sala, não eram somente atividades. Levava muitas coisas para fazer em casa. Muitas das aulas ainda eram expositivas, falando, e você copiando e anotando.

Luiz Santana contou como eram as aulas de Matemática durante o Científico, que cursou a partir de 1963. *As aulas de Matemática eram baseadas em exercícios. Lembro que, quando fiz cursinho, tinha livros onde fazia 100, 200, 500 exercícios. Não era como hoje, era maçante, era exaustivo, exercício em cima de exercício, tudo que você pensar, tinha que fazer.* Camélia, que no mesmo ano cursava o ginásio, acrescentou: *tinha o Para Casa, também. O Para Casa era corrigido no quadro. Às vezes tinha exercício, tanto em sala como os que levávamos para casa. Fazíamos muitos exercícios do livro. O professor marcava a página, o número dos exercícios. Tudo era feito no caderno. Não tinha folha separada.*

A exposição didática, também chamada de preleção ou palestra de explanação, foi definida por Bezerra¹³³ (1959) como a técnica por meio da qual o professor,

¹³³ Manoel Jairo Bezerra foi professor de Matemática e autor de livros didáticos. As contribuições de Bezerra não se restringiram apenas à sala de aula e à publicação de material didático. O docente se tornou uma importante referência na Educação Matemática, ao realizar um trabalho de divulgação do ensino da

utilizando os recursos de uma boa linguagem didática, procurava “transmitir aos alunos novos conhecimentos, motivá-los, sintetizar um assunto ou desenvolver um tema com maior rapidez, a fim de atender as exigências do binômio do tempo disponível – programa a ser cumprido” (p. 101). Ainda de acordo com o autor, era condenável o emprego exagerado da exposição. Havia ainda uma crítica a essa técnica, acusando-a de se tratar de um método antiquado e condenado. Apesar disso, Bezerra defendia que em muitas ocasiões podia-se usá-la com proveito. Destacou que o referido método de ensino propiciava “um meio de dar a matéria com uma segurança relativa de que os alunos receberão os ensinamentos de modo conciso e logicamente organizado” (BEZERRA, 1959, p. 102). Para o autor, a desvantagem do uso da preleção estava no professor ser o único que tomava parte ativa no processo, enquanto o aluno era colocado simplesmente no lugar de receptor da informação.

A preleção era uma técnica constantemente utilizada no ensino de Matemática no Colégio de Aplicação como assinalou Paula, que ingressou na instituição em 1963 para cursar o Científico. Ela reforçou, em seu depoimento, aspectos quanto aos recursos disponíveis para as aulas de Matemática. Paula caracterizou o ensino da disciplina como realizado de modo tradicional, baseado em aulas expositivas e sem a utilização de materiais concretos.

Era uma aula tradicional. Era expositiva. O professor falava o conteúdo, anotávamos, e às vezes, ele dava um tempo para fazermos alguns exercícios. Pedia para estudarmos em casa e dava alguns exercícios. Não tínhamos calculadora. Naquele tempo, não se usava calculadora.

O material que usávamos era: livro didático, caderno, lápis, caneta, borracha, etc. Material comum. Não tinha nada de especial, como retroprojeter, por exemplo. Computador, menos ainda. Usava-se o quadro negro, “cuspe e giz”, como se diz. (...) Tínhamos régua, compasso e outros, porque tínhamos Desenho Geométrico, incluindo Perspectiva. O Desenho Geométrico era para os que estavam fazendo ciências exatas.

Gilvânia, que iniciou seus estudos no ginásio em 1966, lembrou a importância de fazer as atividades prescritas pela escola para se sair bem. Ressaltou a rigidez de sua

matemática por meio do rádio e da televisão. Autor de diversos livros e artigos sobre a Educação Matemática, em especial o trabalho aqui citado, que faz parte do livro “Apostilas de Didática de Matemática”, publicado em 1959 pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades). Esse material era destinado aos professores do curso ginásial, sendo organizado em onze unidades, voltadas para trabalhar a didática da Matemática. Na obra, há a recomendação de diversos materiais didáticos, do livro didático e do estudo dirigido como um “ótimo remédio para corrigir a deficiência da aprendizagem, em nossa escola secundária” (BEZERRA, 1959, p. 141).

família em relação ao cumprimento das tarefas, a vantagem de fazer o Para Casa no mesmo dia e a disciplina necessária para não ser reprovada.

Havia exercícios para fazer em sala, e os deveres de casa. Se fizesse isso você se saía bem na prova. Porque não era uma coisa assim... Aquilo era o beabá, era o que estava no livro mesmo, não tinha nada diferente, e essa relação mesmo: fez, não acertou, cortou com caneta vermelha, pronto, e a nota em cima. Só tinha prova. Não me lembro de ter feito trabalho de Matemática.

Naquela escola tinha que se dedicar, senão não passava. Tinha que estudar, fazer o seu Para Casa direitinho. Fazendo os deveres de casa e depois, na época da prova, dando uma revisada, era tranquilo. Agora, Para Casa, tinha de todas as disciplinas. Então tinha que ter disciplina para fazer. Por exemplo, teve uma aula de Matemática hoje, você vai ter outra depois de amanhã. Se não faz aquele exercício e deixa para depois de amanhã, pode ser que não esteja tão fresco na sua cabeça, e pode ser que, também, esqueça mesmo.

Lá em casa sempre foi muito rígido com isso; era no mesmo dia, o dever de casa deveria ser feito no mesmo dia, então, sempre estava com o dever em dia. Só perderam o controle mesmo quando a gente ficava incontrolável. Foi no caso do segundo ano, eu era o “cão chupando manga”, não teve jeito.

Rafael, que cursou o ginásio a partir de 1962, fez uma distinção em relação aos exercícios propostos nas aulas de Matemática.

Em relação aos exercícios de Matemática, tinha os contextualizados e a resolução de problemas. Mas só que antigamente o método, também essa fase do período, a gente vê que o ensino hoje é totalmente diferente do ensino daquela época. O ensino daquela época era direto. Por exemplo, se o professor te ensinasse um polinômio qualquer ele fazia uma pergunta e o negócio era aquilo ali.

As equações eram resolvidas direto. Era dada uma equação e você tinha que resolver a equação. Mas, acho que teria resolução de problemas. Davam um problema e você tinha que pegar aquilo e compor nas equações e resolver. Hoje está muito mais nessa direção de resolução de problemas do que fazer apenas exercícios.

Davam um problema e você tinha que equacionar aquilo, transformar e resolver, e antigamente tinha muito enfoque em resolver a questão direta. Mas, tinha também problemas assim. Bem, acho que não tinha tanto problema quanto tem hoje. Hoje tudo tem que interpretar, compor a equação e fazer.

Para o ensino de Matemática não havia muito material disponível, como destacou o professor Clemenceau. O docente aludiu ao uso de barbante para o ensino de geometria. Outra referência feita pelo professor diz respeito ao uso do livro didático adotado pelo Colégio, conforme o seu relato: *naquela época, não tínhamos muitos recursos, mas não éramos muito exigentes. Na realidade, usávamos o que tínhamos. Tecnologia era quadro negro e giz. Quando começou o cursinho, tínhamos a apostila, mas no colégio era o livro didático, giz e quadro negro, não tinha muita coisa. Fazia a geometria usando barbante para amarrar o giz e fazer o círculo. Era a tecnologia mais simples possível. Usava o esquadro, o compasso. Eu fazia um quadro caprichado com a letra bonitinha, tudo certinho. Dividia o quadro em 4 pedaços. Era arrumadinho. Meu quadro realmente era muito bem feito.*

O método de ensino e os recursos didáticos presentes nos relatos dos nossos colaboradores, ao descreverem como ocorria o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação, com referências à aula expositiva, ao uso do livro didático, ao “cuspe e giz”, estão entre as técnicas sobre as aulas de Matemática comentadas no livro “Apostilas de Didática de Matemática”, publicado pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades). A Cades foi uma ação governamental desenvolvida pelo Ministério da Educação e Cultura e, segundo Oliveira e Pietropaolo (2008), suas publicações estavam de acordo com os objetivos de melhoria da qualidade do ensino secundário, que, naquela época, era marcado pelo caráter altamente livresco, abstrato e elitista.

Para Gilvânia, o que ficou do ensino de Matemática foram os teoremas. Embora tenha considerado, na entrevista, que a Matemática não era das disciplinas que mais chamavam sua atenção, o ensino dos teoremas lhe conferia um valor especial. Sua interpretação manteve-se ao narrar suas memórias sobre o ensino de matemática realizado durante o Ginásio, que passou a cursar em 1966.

E a Matemática nessa época começou a me interessar também, mas foi por pouco tempo, porque Matemática, eu falava, não queria saber de número. Mas quando a gente começou a estudar teoremas, achei aquilo muito interessante, você ter uma hipótese, você formular uma hipótese por uma coisa, e provar que ia...

A única coisa que realmente me chamou a atenção são essas coisas dos teoremas. Isso foi a primeira vez que realmente achei interessante alguma coisa em Matemática.

Camélia, que ingressou no ginásio em 1962, teve uma percepção diferente da de Gilvânia quanto à marca deixada pelos teoremas. Para ela, os teoremas, que vieram a sua memória ao recordar as aulas de Matemática, não eram algo simples ou fácil de se aprender.

Quando me recordo das aulas de Matemática, me lembro dos teoremas. Ah, os teoremas! Esses teoremas esquentavam minha cabeça. A demonstração dos teoremas, não é mole não... A quarta série ginásial foi muito focada em teorema.

Em relação a esse tema, Bezerra (1959) afirmava que “se o ensino da demonstração dos teoremas desenvolvesse bem o raciocínio dos alunos de uma turma, o professor, mesmo que o aluno esquecesse todos esses teoremas, já teria cumprido o principal objetivo do ensino dos teoremas no Curso Ginásial” (p.107). Para o autor, o ensino da demonstração de teoremas poderia ser efetivado por meio de um interrogatório bem dirigido. Tal interrogatório ocorreria no próprio quadro negro ou mesmo em uma folha mimeografada com um roteiro para guiar o raciocínio do aluno. Em sua perspectiva, quando bem empregado, apresentava grandes vantagens para o ensino. Os relatos dos ex- alunos sobre os teoremas não evidenciam a existência de uma participação ativa dos estudantes no desenvolvimento dos passos da demonstração.

O relato de Gilvan, que iniciou o ginásio em 1962, chamou-nos a atenção por ele ter dito que não se recordava de qualquer episódio relacionado ao ensino de Matemática em toda a sua trajetória no Colégio de Aplicação. Ele limitou-se a considerar que não se lembrava porque nunca teve problemas com a disciplina.

Em Matemática era diferente. Sempre gostei de Matemática, sempre gostei muito. Foi uma matéria em que nunca tive problemas, tanto que não lembro nada dela. Lembro-me de ter problema com o Francês, com o Latim, com o Mister Hécio¹³⁴, que era o professor de Inglês. Geografia e História também nunca tive problema. Mas, Matemática, não me lembro de problemas, nenhum! Absolutamente nenhum! Tanto que depois, quando fiz o vestibular em Jaboticabal, tirei 100% em Matemática. De onde vem isso? Fiquei assim, de onde vem isso? Não foi do curso, no ano que fiz fora, não foi isso. Isso é base. Só pode ser. Além de gostar e ter facilidade, foi o que me foi fornecido lá.

¹³⁴ Hécio Vieira Costa foi admitido em março de 1956, para o cargo de professor de Inglês do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

A narrativa de Gilvan sugere que os laços afetivos que mantém com o período que estudou no Colégio de Aplicação interferiram em sua memória, repercutindo em sua resistência em lembrar-se das aulas de Matemática, ao contrário do que houve com outras matérias, a respeito das quais ele ficou mais à vontade para falar.

Para Bezerra (1959), não havia um método específico ou uma única técnica de ensino da Matemática que pudesse ser aplicada em todas as situações: “o melhor sistema é uma combinação de alguns processos, em um plano de fácil compreensão e aplicação” (p. 100) que envolveria, por exemplo, a preleção, a demonstração e o interrogatório. Clemenceau, que foi professor do Colégio de Aplicação a partir de 1962, relatou a metodologia utilizada em suas aulas de Matemática e as relações que mantinha com os estudantes.

A metodologia era a seguinte: no primeiro momento da aula, verificar o Para Casa que tinha sido dado e esclarecer as dúvidas. Para essa primeira parte, gasta-se em torno de 10 a 15 minutos. Tem que fazer isso, porque, senão, a dúvida acumulada é dúvida aumentada. No planejamento da aula, tem que pensar: “Quais são os pré-requisitos necessários para poder apresentar esse assunto?” Vamos supor que a aula fosse de relações métricas do triângulo retângulo. Se o menino não está lembrado ou não sabe o que é cateto, hipotenusa, e eu ficar falando triângulo retângulo, ficarei falando grego para o menino. Então, tem que saber os pré-requisitos necessários para a aula.

Para que o aluno tenha condições de acompanhar a aula, apresentamos o que é necessário para aquela aula em torno de 5 minutos. Esclarecido aquilo, introduzimos o conteúdo em pequenas doses. Não vai querer dar todo o curso de álgebra em uma aula de 50 minutos. Então, entramos com aquilo que queremos que o aluno aprenda naquele momento. Terminada essa parte, o que fazer? Vamos dando pequenos exemplos em grau de dificuldade crescente sobre o tema apresentado.

Esse é o professor que faz um aluno acompanhar. Ele pergunta e interage o que pode fazer. Terminada essa apresentação, damos atividade autônoma para o aluno. Damos uma série de exercícios em grau de dificuldade crescente para os alunos resolverem. Pega o primeiro exercício e verifica se há alguma dificuldade. O primeiro exercício, que é muito fácil, você dá de propósito para todo mundo acertar.

O estímulo é uma resposta. Quando falavam que é um absurdo o que eu fazia, eu falava: “Eu uso condicionamento operante”. Você estimula, o “cara” acerta e quer

acertar de novo. É igual ao joguinho de criança: "Menino, para de jogar". Ninguém nunca falou: "Menino, você tem que jogar". Ninguém nunca falou. Sempre falam: "Para de jogar". Por quê? Porque ele vai fazer o menino acertar e tomar gosto e queremos acertar de novo, é estímulo-resposta.

Na Matemática é a mesma coisa. Dou um exercício, o aluno acerta e fica feliz. Dou outro exercício um pouquinho mais difícil, ele acerta. Dou outro um pouquinho mais difícil, mais complicado, e eles ficam entusiasmados. Agora, se você der logo de cara um difícil e ele erra ou não sabe, pensa: "Eu sou burro mesmo". Então o que você faz? Você estimula. A melhorar o quê? A autoestima dele.

Terminada essa etapa em que você vê que ele está indo bem, chegará um ponto que ele vai ter dificuldades. Você está dando exercícios até um grau que os alunos conseguem acertar, acertar, acertar. A partir de agora, entrava com atividade autônoma. Dava exercícios para fazer em casa. Os exercícios do 17 até o 50 e depois de amanhã eu vou ver os cadernos. Mas não tinha conversa, eles não faziam apenas dois exercícios.

A relação professor-aluno foi enfatizada por nossos entrevistados como importante para o processo de ensino e aprendizagem. Mesmo com toda a rigidez comentada por alguns, essa relação ficou marcada e foi lembrada por muitos com afeto. Clemenceau acentuou que os alunos o consideravam muito exigente, mas bom professor.

A relação com os alunos do Aplicação era de muito respeito e amizade. Eu falava com a turma o seguinte: "A convivência tem que seguir o RAC. Sem RAC não tem nada gostoso". RAC significa respeito, apoio e confiança, mutuamente compartilhados. Se o aluno respeita, eu respeito o aluno; se eu apoio o aluno, ele me apoia, e se existe confiança recíproca, seria um ambiente maravilhoso. Me dava muito bem com os meninos. Eu era muito bravo, exigia muito. Eles tinham que estudar mesmo. Se não estudar, não vou deixar você passar. "Aqui, estuda ou não passa. A opção é sua".

Os alunos achavam que eu era um bom professor, só que exigia muito. Mas, era uma cultura, eu vinha do Estadual, onde era uma cultura de muita reprovação. Era um defeito, acho que hoje vejo como um defeito que eu tinha. Eu poderia ter sido menos exigente.

Camélia foi aluna de Clemenceau no primeiro ano, quando cursou o Científico, e, ao destacar a competência do professor, declarou que sua rigidez não a incomodava.

No primeiro ano Científico, quem deu aula de Matemática para nós foi o Clemenceau. A letra dele era perfeita. Era pequena, mas perfeita; escrevia tudo no quadro, era tradicional. Lembro-me dele explicando a trigonometria. Ele era ótimo professor. Não sei dizer em detalhes, mas ele era ótimo professor. Tínhamos um livro e fazíamos os exercícios. A relação dele com a turma era muito boa. Ele era rígido, mas não era uma rigidez que incomodava, não me sentia incomodada.

O professor Clemenceau nos pareceu ter marcado, em algum momento, a vida de Rafael, pois ele não se lembrou de outro professor de Matemática, apesar de gostar da disciplina. Essa lembrança talvez se justifique por ele ter feito posteriormente um curso pré-vestibular com o mesmo professor.

Apesar de gostar muito da Matemática, não me lembro dos professores. Não me lembro de professor nenhum. O único professor de Matemática que lembro é do Clemenceau. Ele deve ser vivo, porque na época era jovem. Ele também era muito conceituado como um cara bom de Matemática. Esse me lembro muito bem. Inclusive, depois fui aluno no cursinho dele. Comecei a frequentar o cursinho e não estava rendendo. Larguei o cursinho. Mas o nome, o único nome que me vem à cabeça é do Clemenceau, não lembro dos professores.

Chamamos a atenção aqui para um exemplo em que pesa, sobre as memórias do entrevistado, o significado que atribui àquilo de que se lembra ou não. Rafael declarou sua afinidade com a disciplina, mas manifestou inquietação quanto à falibilidade de sua memória. Na entrevista, mencionamos os nomes de dois dos seus professores do ginásio, tentando auxiliá-lo, em vão. Não conferindo valor aos lapsos naturais da memória, interpretamos a ausência das lembranças de outros professores como sinal de que eles não foram marcantes em relação ao ensino da Matemática. O vínculo afetivo mantido com sua passagem pelo Colégio de Aplicação parece ter interferido quando Rafael generalizou a boa qualidade dos professores.

Aloys, pois é a Aloys eu lembro, Aloys... O Décio me lembro também. Eles foram meus professores... É que estou fazendo confusão com outro professor. Do Décio me lembro. Estou fazendo confusão dele com o Professor Pereira, pois fisicamente os achava meio parecidos. O Pereira era professor de Português. O Décio foi meu

professor sim. Ele era um bom professor. Aliás, todos os professores, de uma forma geral eram bons professores.

Gilvan também se recordou apenas de um professor de Matemática. Relatou que, embora nunca tenha tido dificuldades de aprendizagem, não tem lembranças da disciplina como tem de outras. A Matemática parece não ter impactado significativamente sua vida de estudante. Para ele, a relação com o professor era de proximidade ou afeto, o que, em alguma medida, pode justificar o modo como Gilvan rememorou suas experiências com a disciplina.

Lembro do professor Décio, de Matemática, não me lembro de outro professor. O professor Décio era muito seco, não era de sorrir muito, mas era muito objetivo. Pelo menos para mim era muito claro. Ele virava de costas escrevendo no quadro, virava de frente, mas eu não conseguia entender tudo que ele estava querendo dizer. Sempre tive um conceito muito bom dele como professor. Tínhamos uma relação tranquila com o professor Décio. Ele não tinha grandes contestações, e era um período de grandes contestações.

A eficiência e a didática foram as principais qualidades atribuídas ao professor Paulo Roberto e ao professor Mário de Oliveira ao serem lembrados pelos entrevistados. O professor Paulo Roberto foi distinguido pelo tratamento diferenciado com os alunos, que se sentiam acolhidos por ele. Para os estudantes¹³⁵, esse docente era diferenciado por acompanhar o trabalho de cada aluno e manifestar interesse pelo processo de aprendizado dos alunos.

No primeiro ano do Científico, fui aluna do professor de Matemática Paulo Roberto Baeta da Costa. Ele me considerava uma excelente aluna. Era aluna dele na trigonometria, e a trigonometria era do primeiro ano do Científico. Não sei se ainda é.. No segundo ano, fui aluna do Clemenceau Chiabi Saliba. O irmão dele era nosso colega, Fernando Saliba. No terceiro ano, o professor de Matemática foi o Mário de Oliveira. O Mário de Oliveira era muito ocupado e nem sempre podia comparecer às aulas. Ele era coordenador de Matemática do Colégio Estadual, escrevia livros, tinha Curso de Madureza... Aliás, ele me convidou para dar aulas no curso de Madureza. Eu dei aulas lá. Como ele estava muito sobrecarregado, acabou colocando uma substituta para nós. Colocou a professora Telma. Eu gostava muito dela. Ela não era uma pessoa

¹³⁵ Os depoimentos aqui transcritos fazem parte da entrevista coletiva realizada com os ex-alunos da turma de formandos do ano de 1965. Há ainda trechos da entrevista individual realizada com a antiga estudante Paula, que pertencia à mesma turma.

que tinha fama, como o Mário de Oliveira. Mas estava sempre disponível para tirar alguma dúvida. Às vezes eu a deixava apertada, com as minhas dúvidas. Disparava com os meus exercícios: 1, 2, 3, 100, 200... Marcava os que não conseguia fazer e levava para ela. Ela passou muito apertado comigo, porque, às vezes, não conseguia responder de imediato. Ela levava os exercícios para casa e depois trazia as soluções. (Paula, ex-aluna)

Em Matemática tivemos excelentes professores. Um professor de excelência que existia era o Mário de Oliveira. Ele dava aula no colégio e dava aula no cursinho, era um excelente professor (Luiz Santana, ex-aluno).

Do período que nós viemos do Ginásio até o término do Científico, passamos por três professores de Matemática. Um que me marcou muito no Científico foi o professor Paulo Roberto. Ele era excepcional (Eduardo Belisário). O professor Paulo Roberto era muito dedicado (Paula, ex-aluna). O aluno que ia mal, ele sabia que ia mal, mas ele tinha um acompanhamento individual de cada um. Não era fácil, você tinha que estudar (Eduardo Belisário, ex-aluno).

Ele era um professor muito fechado (Paula, ex-aluna), mas apesar de ser muito para dentro, sabia acompanhar um por um. Não era desses tipos que tínhamos lá que gostavam de dar um zero. Ele detestava dar uma nota ruim. Me lembro que tive um problema na fase da Matemática, porque estava naquela parte de trigonometria e ele percebeu aquilo. Lembro de uma prova que fiz e ele me chamou e me disse: “Olha, isso aqui você deveria ter feito assim.” Isso não existia. E a maneira como ele ensinava era muito boa, uma didática espetacular (Eduardo Belisário, ex-aluno).

Paula, que cursou o científico a partir de 1963, percorreu a respeito de alguns conteúdos matemáticos de maior interesse para ela. A entrevistada deixou clara sua familiaridade com os assuntos da disciplina. Paula formou-se na licenciatura em Matemática da UFMG, o que ao mesmo tempo explica essa familiaridade e pode ser justificado pelo seu gosto pela disciplina no CA.

Gostei muito de trigonometria, no primeiro ano. Geometria espacial achava mais difícil. Era no segundo ano. Análise combinatória também era no segundo ano. Tínhamos matrizes no segundo ano, junto com análise combinatória. No terceiro ano, tínhamos derivadas. Eram os mesmos conteúdos de quando dei aulas. Era a mesma sequência. Tivemos progressão geométrica e progressão aritmética no primeiro ano. No segundo ano: matrizes, análise combinatória, geometria espacial. A geometria

analítica era no terceiro ano. E ainda: números complexos, polinômios com funções lineares.

Camélia, que ingressou no ginásio em 1962 e cursou até o primeiro ano do Científico, mencionou conteúdos estudados desse último ano.

Em Matemática, no Científico me lembro de ter estudado: regra de três, progressão geométrica, progressão aritmética, trigonometria, tangente, seno, cosseno. Gostava muito de Matemática, mas tinha dificuldade. Comecei a ter dificuldades a partir do quarto ano ginásial.

O professor Paulo Wanner, que começou a atuar no Colégio de Aplicação no ano de 1968, recordou-se do ensino de “Derivadas”. Segundo o docente, tratava-se de um conteúdo do terceiro ano, constituindo um tema já abordado como espécie de introdução ao cálculo infinitesimal.

No terceiro ano do Científico, me lembro, que ensinávamos “Derivada” e noções-de “Integral”. Hoje o aluno entra na universidade sem estes conhecimentos e, por isso, tem que fazer “Cálculo zero”. No Colégio de Aplicação era dada uma boa noção de “Limite e Derivada”. Foi um colégio no qual havia gosto de se trabalhar.

Rafael, que cursou o ginásio e até o segundo ano do científico no Colégio de Aplicação a partir de 1962, rememorou alguns conteúdos estudados, embora tenha demonstrado certa inquietação quanto à falibilidade de sua memória.

Com relação aos conteúdos de Matemática, lembro-me de alguns conteúdos como equações. Equação de primeiro grau, matriz, equação de segundo grau, e o que mais que era dessa época? Ah, tinha geometria, projeções que você tinha que saber não sei o quê, e tinha geometria analítica. Em Matemática, acho que era mais ou menos isso.

Eu não me lembro de Matemática Financeira, acho que não tivemos Matemática Financeira. É, Matemática Financeira fui aprender depois. Até aprendi Engenharia Econômica, fazer aqueles cálculos todos. Tenho a calculadora HPC, daquelas financeiras. Então, isso aí eu entendi mas... Bem mais tarde, bem depois essa Matemática Financeira. Agora equações, havia equações de todo tipo ali. Tinha álgebra. Polinômios, produtos notáveis. Funções. Ah, trigonometria. Gozado, fico me esquecendo das coisas daquela época, mas depois tive que partir pra uma Matemática mais complicada, foi assim que me lembrei das coisas que estudei.

O professor Clemenceau realizou uma síntese dos conteúdos abordados nas aulas do curso ginásial e do curso científico. Dentre as temáticas mencionadas pelo docente, não foi possível identificar vestígios das tendências e conteúdos característicos da Matemática Moderna.

Em Matemática, no primeiro ano do Ginásio, começava com a noção de conjuntos, entrava com a parte de álgebra, muito leve, e depois, no segundo ano entrava com a parte de operações algébricas, polinômios e fatoração, equação do primeiro grau. No terceiro ano, já entrava a geometria plana; no quarto ano, terminava a geometria plana e fazia equações do segundo grau.

No primeiro ano do Científico, dava logaritmos, progressão aritmética, progressão geométrica, somatória e trigonometria. No segundo ano, era a parte de geometria sólida, álgebra, que tinha equações lineares, matrizes e determinantes. E no terceiro ano, se dava funções, limites e derivadas, números complexos, máximos e mínimos e uma noção de geometria analítica.

Observamos que alguns conteúdos mencionados pelos colaboradores diferem, na ordem de abordagem, dos conteúdos da Portaria de 1951. Muitos se aproximam das sugestões curriculares apresentadas pelo GEEM e aprovadas no IV Congresso Brasileiro de Educação Matemática, em 1962, posteriormente publicadas em 19 de janeiro de 1965 no Diário Oficial do Estado de São Paulo¹³⁶.

Em conversas posteriores à entrevista, o professor Clemenceau relatou ter realizado um curso no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) com Georges Papy¹³⁷, que, segundo o professor, “trabalhava com Matemática vetorial dentro da

¹³⁶ Para o primeiro ano colegial, destacamos a trigonometria, pois de acordo com Portaria de 1951, era proposto o ensino da Aritmética, da Álgebra e da Geometria, enquanto as Sugestões de 1965 contemplavam o ensino da Álgebra, da Geometria e da Trigonometria. A Portaria de 1951 apresentava como primeiros conteúdos os cálculos aritméticos e um estudo sobre os erros, já as Sugestões de 1965 trouxeram o estudo das Funções para o primeiro ano, ressaltando a representação gráfica e unindo a Álgebra à Geometria. Dentre as semelhanças, ressaltamos o ensino das progressões, no segundo ano, que era comum às duas propostas. Nas Sugestões de 1965, as sequências são apresentadas antes das progressões. Na Portaria de 1951, o conteúdo de Geometria Espacial deveria ser focalizado no primeiro ano do Ensino Colegial, com suas definições, propriedades e cálculos de áreas laterais e de volumes dos poliedros. Nas Sugestões de 1965, no primeiro ano apenas seria apresentada uma introdução à Geometria Espacial e, somente no segundo ano, haveria a continuidade ao estudo dos poliedros, das superfícies e sólidos redondos, áreas laterais e volumes dos principais sólidos. Outra mudança apresentada pelas Sugestões de 1965 foi a introdução dos números complexos e transformações geométricas no terceiro ano.

¹³⁷ Georges Léopold Anatole Papy era um matemático belga. Foi professor na Universidade Livre de Bruxelas. Dedicou-se à reforma do ensino da Matemática no nível secundário, e dirigiu o Centro Belga de Pedagogia da Matemática. Teve grande importância na Matemática Moderna, mas se destacou especialmente na utilização de recursos pedagógicos inovadores. <http://pt.infobiografias.com/biografia/28417/Georges-Papy.html> Último acesso em: 05 dez. 2020.

Matemática elementar”. Clemenceau forneceu-nos cópias de um livro de Matemática Moderna e disse que operava com noções de estrutura com os alunos do Colégio. O professor declarou que utilizava as noções da Matemática Moderna de forma natural e o seu conteúdo era desenvolvido de acordo com os objetivos a serem alcançados. Disse-nos que a Matemática clássica foi desenvolvida em suas aulas a partir dos conceitos da Matemática moderna. Entendemos que o docente tinha o hábito de investir significativamente em livros e de se atualizar, frequentemente, sobre os diferentes assuntos referentes à Matemática. Outra característica importante de Clemenceau são suas habilidades de leitura em quatro idiomas, o ampliaria consideravelmente suas possibilidades de acesso a um conjunto significativo de textos e, conseqüentemente, de conhecimentos. Proprietário de uma biblioteca pessoal voltada para sua profissão, buscava constante atualização e aperfeiçoamento. Além disso, o professor valorizou o intercâmbio entre os docentes. Mencionou, em seu relato, os professores Edson Durão Judice, Aristides Camargos Barreto e Mário de Oliveira, afirmando que todos acompanhavam e conversavam sobre os avanços do Ensino da Matemática.

É possível dizermos ainda que o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação ocorria de modo não articulado ou compartilhado entre os docentes. Cada professor concebia seu plano de aula e o seguia de acordo com seus conhecimentos individuais, suas crenças e suas convicções sobre o melhor modo de ensino e suas próprias práticas pedagógicas. Como era um Colégio pequeno, normalmente cada professor era responsável por uma série. Percebemos que no ensino ginásial havia uma maior rotatividade de professores, já que em um único ano encontramos registros da presença de três professores diferentes de Matemática¹³⁸. Arriscamo-nos a avaliar que tal rotatividade levava prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem, especialmente pela falta de continuidade do trabalho pedagógico. Os professores organizavam suas atividades de forma autônoma, sem qualquer inspeção ou fiscalização da direção, conforme o relato da ex-diretora, professora Alaíde, concedido a Collares (1989, p. 141): “Foi uma norma da Diretoria o respeito à autonomia do professor. Cada um fazia o seu programa, organizava o seu plano, e o executava, sem nenhuma preocupação de fiscalização da diretoria, mas sim de estímulos”.

¹³⁸ Essa rotatividade ocorreu no ano de 1967 com as turmas 1º A, 1ºB, 3ºB e 3º C, que tiveram aulas no mês de março com o professor Badih. Em maio entrou a professora Tereza da Pieve e em junho a professora Aloys assumiu as turmas.

O público recebido pelo Colégio de Aplicação, como comentado anteriormente, era composto por jovens das camadas mais abastadas, filhos de profissionais liberais, professores universitários, dentre outros, que buscavam qualidade acadêmica e intelectual, além de um ensino mais moderno em relação aos demais colégios. De acordo com Collares (1989), os alunos recebiam uma boa preparação intelectual, pois todos os professores eram formados pela Faculdade de Filosofia e tinham um bom domínio sobre os conteúdos ministrados. Sem dúvida, esse era um fator significativo para que os alunos adquirissem uma boa bagagem cultural. Entretanto, quando o assunto era um ensino mais moderno, de acordo com a autora, o Colégio vivia em clima de ambiguidade, apresentando, por vezes, diversos conflitos internos. Isso, porque havia alguns professores de metodologia e ação mais conservadoras, especialmente aqueles mais antigos da escola, e outros que mostravam um entusiasmo maior em direção a propostas consideradas mais progressistas, com a ideia de renovação do ensino no Colégio de Aplicação. Percebemos que em Matemática havia professores mais conservadores, e outros que, de acordo com os estudantes, se destacavam por suas atividades, consideradas mais “modernas”. É o caso, por exemplo, dos professores Clemenceau e Mário de Oliveira, que criavam seu próprio material e estavam constantemente fazendo cursos e se aperfeiçoando. Além dos dois docentes, o professor Paulo Roberto também chamava atenção por trabalhar a partir de uma perspectiva didática diferenciada.

6.2.1 - O livro didático

Ao notar, nas falas de antigos alunos e professores, a relevância do livro didático para o ensino de Matemática do Colégio de Aplicação, pareceu-nos pertinente tentar compreender de modo mais detido o lugar desse impresso na escola. Além de terem seus programas tomados como base para as aulas de Matemática, os livros podem revelar indícios das relações estabelecidas entre os professores e seus alunos e nos indicar as tendências presentes no ensino da disciplina, permitindo-nos construir conexões entre tais tendências e os programas oficiais vigentes naquele período.

Bezerra (1959, p. 107) qualifica, de modo contundente, o livro didático como um ótimo auxiliar da aprendizagem, que, quando “convenientemente usado, é muito importante para o ensino da Matemática”. Para o autor, o uso desse material se

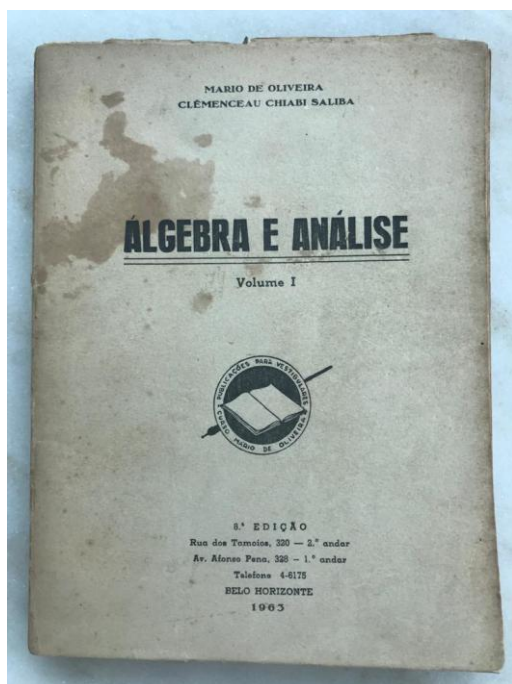
caracterizaria como “um trabalho orientado, ou a preparação para um estudo dirigido de grande valor”. No entanto, tece críticas à utilização do livro pelo aluno apenas para uma simples leitura do texto seguida de uma “recitação” do aprendizado para o professor.

Os professores do Colégio de Aplicação, em geral, eram adeptos do uso de livros didáticos, que funcionavam como guias para o currículo e o plano de aulas. Alguns deles somavam aos livros os próprios materiais que produziam, como contou o professor Clemenceau: *eu escrevi um livro com exercícios com alto grau de dificuldade, mas os meninos eram feras, a gente podia apertar que eles respondiam. O Mário de Oliveira escreveu diversos livros que a gente usava. Eu escrevi uma parte do livro do primeiro ano do Científico e também exercícios de limites. Escrevi também um livro sobre números complexos. No Científico, usávamos um livro de quatro autores de São Paulo, não lembro o nome dele. No Ginásio era o livro do Osvaldo Sangiorgi.*

Durante a entrevista coletiva, os ex-alunos rememoraram o uso dos materiais feitos pelos professores Mário de Oliveira e Clemenceau. *De Matemática era apostila. Cada professor tinha sua apostila, tinha a do Mário de Oliveira, do Clemenceau (Luiz Santana). O Clemenceau rodava no mimeógrafo da escola e distribuía os capítulos para você estudar. Tinha a parte teórica, descrita, e tinha também problemas para resolver (Carlos Braga).*

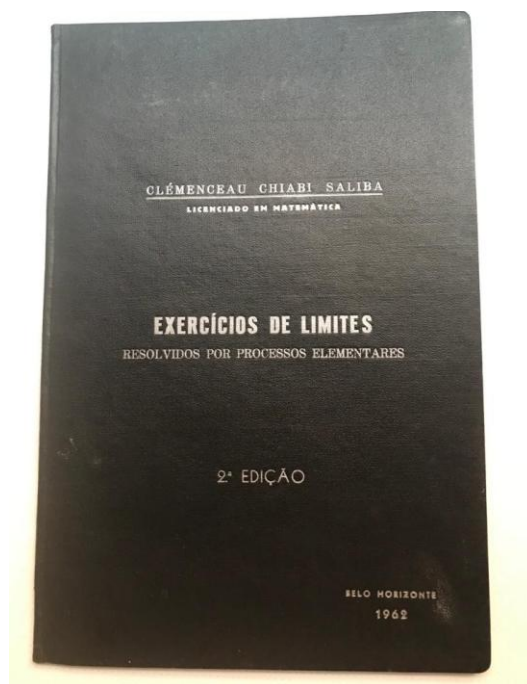
O professor Clemenceau compartilhou conosco alguns materiais de sua autoria, alguns em coautoria com o professor Mário de Oliveira. Trata-se do volume I de Álgebra e Análise, 8ª edição, de 1963, de Mário de Oliveira e Clemenceau Chiabi Saliba, conforme a figura 31. Além desse livro, mostrou-nos uma apostila de capa dura preta, Exercícios de Limites, constituída por uma coleção de exercícios resolvidos por processos elementares, de 1962 (figura 32) e uma apostila mimeografada de exercícios de Álgebra, Equações do 2º grau, de 1963 (figura 33).

Figura 31 - Livro de Álgebra e Análise. Mário de Oliveira e Clemenceau Chiabi Saliba. 1963.



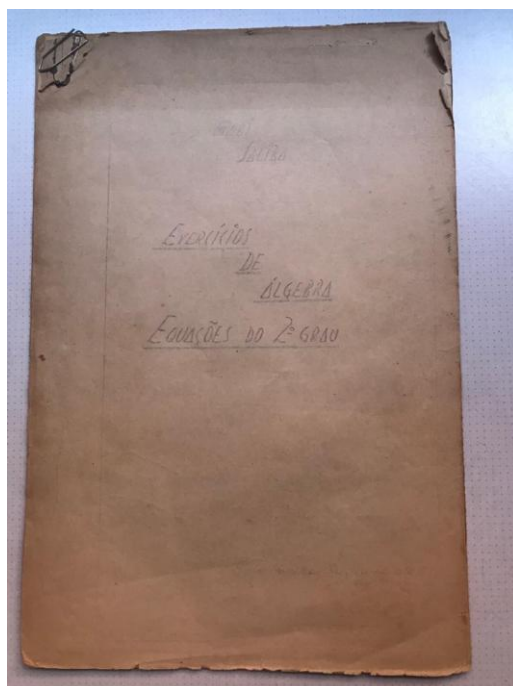
Fonte: Arquivo pessoal do professor Clemenceau Chiabi Saliba

Figura 32 - Apostila de Exercícios de Limites. Clemenceau Chiabi Saliba.



Fonte: Arquivo pessoal do professor Clemenceau Chiabi Saliba

Figura 33 - Apostila de Exercícios de Álgebra. Equações do 2º Grau. Clemenceau Chiabi Saliba. 1963.

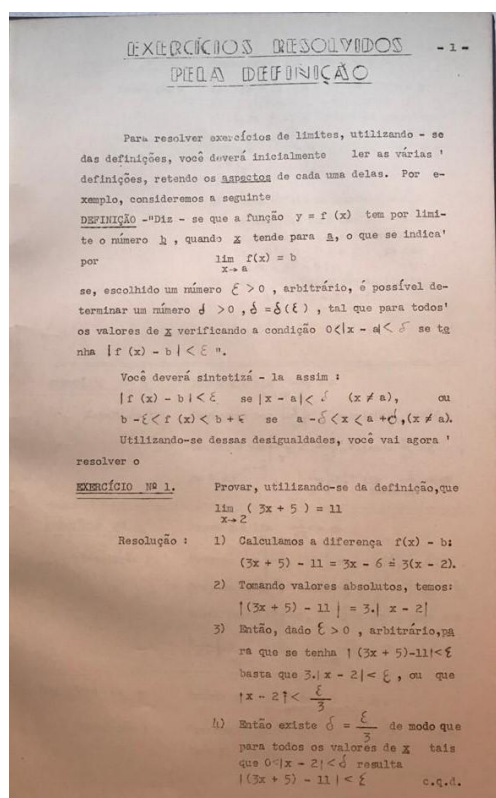


Fonte: Arquivo pessoal do professor Clemenceau Chiabi Saliba

O primeiro volume do livro *Álgebra e Análise* apresenta em seu sumário os conteúdos: progressões, logaritmos, equações exponenciais, equações logarítmicas e símbolo somatório. Esse livro de autoria dos professores Mário de Oliveira e Clemenceau apresenta a ordem das sugestões curriculares sugeridas pelo GEEM e aprovadas no IV Congresso Brasileiro de Educação Matemática, em 1962, posteriormente publicadas em 19 de janeiro de 1965 no Diário Oficial do Estado de São Paulo. A partir da adoção de tais proposições, nota-se que o conceito de sequência é apresentado antes das progressões aritméticas e geométricas, pois as progressões constituem um caso particular das sequências.

A apostila de Exercícios de Limite, do professor Clemenceau, contendo 18 páginas com exercícios resolvidos por processos elementares, exhibe a definição de limites e posteriormente uma lista com 54 exercícios resolvidos. Nessa lista, encontramos exercícios de demonstração que utilizam a definição de limite (figura 34). Além disso, há aqueles sobre limites laterais, limites trigonométricos, limites de funções irracionais, limites de funções fracionárias, entre outros.

Figura 34: Apostila de Exercícios de Limite, 1962, p.1. Clemenceau Chiabi Saliba.



Fonte: Arquivo pessoal do professor. Clemenceau. Chiabi Saliba

Já a apostila de Equações do 2º Grau traz um formulário das equações completas, incompletas e as fórmulas simplificadas para sua resolução. Em sequência, apresenta 18 exercícios resolvidos passo a passo, uma discussão das relações entre os coeficientes e as raízes da equação e mais uma lista com 21 exercícios sobre o assunto. Observamos que os exercícios são bem diversificados. Os exercícios resolvidos buscam mostrar todos os casos possíveis de resolução para uma equação, de modo que a apostila é uma espécie de manual a ser consultado pelo estudante para solucionar todos os exercícios similares.

Analisando o impresso e a metodologia descrita nas conversas com Clemenceau, constatamos a coerência do material com sua exposição. Inicialmente, o professor explica a matéria e resolve algumas atividades; progressivamente, aumenta o grau de dificuldade dos exercícios. Para garantir que o aluno não se esqueça do conteúdo, o professor elabora uma apostila com um repertório amplo de exercícios possíveis sobre aquele assunto. Assim, o material didático acaba se configurando como um “complemento” da aula. Nesse caso, é possível pensarmos o aluno como um repetidor, já que lhe era proporcionado o acesso ao modelo de resolução de determinado exercício, o qual poderia ser replicado em todas as outras atividades semelhantes.

Durante a entrevista, apesar de ter nos doado alguns exemplares de livros didáticos de Matemática, a professora Aloys não se recordou de tê-los utilizado em suas aulas. Foi apenas em momento posterior que a docente foi capaz de compartilhar conosco algumas memórias a respeito dos livros didáticos com os quais trabalhou na instituição. Ela havia guardado alguns exemplares dessas obras, que, segundo disse, foram direcionadas ao curso de admissão e posteriormente ao ginásio. O primeiro foi o livro Programa de Admissão¹³⁹, da Companhia Editoria Nacional, publicado em 1956. O outro impresso é o Curso de Admissão ao Ginásio¹⁴⁰, de 1958, de Antônio de Souza Teixeira Jr., publicado pela Editora do Brasil.

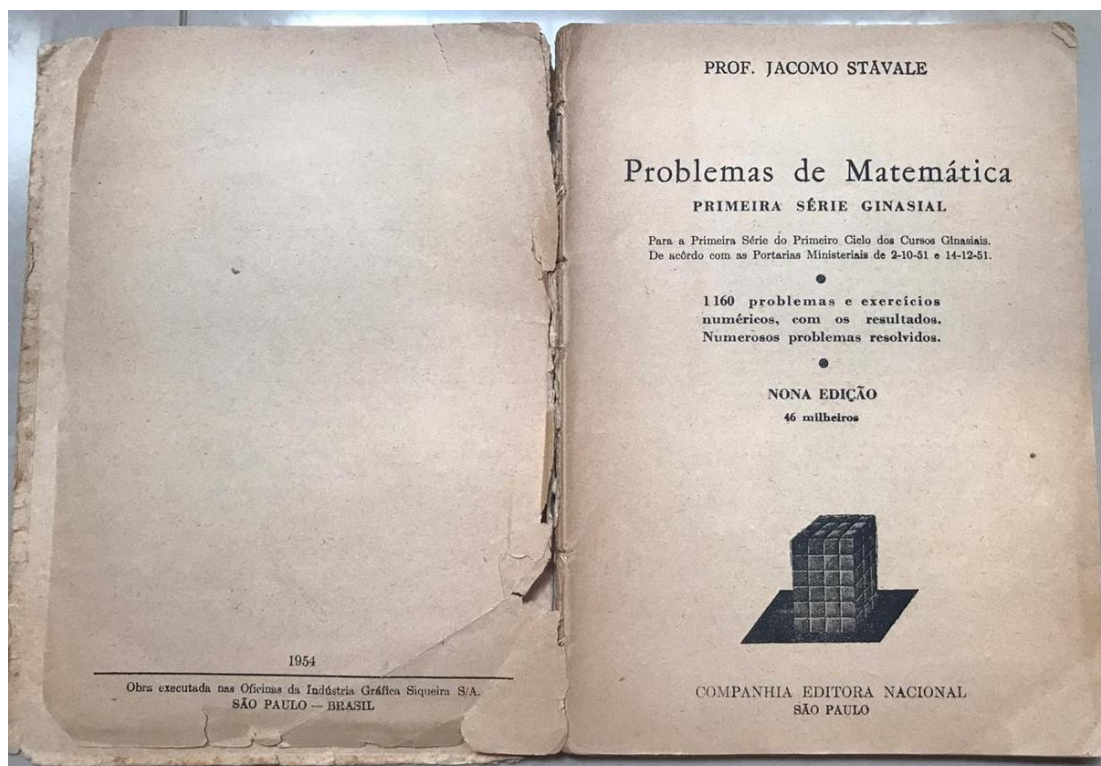
A professora Aloys também nos presenteou com o livro Problemas de Matemática, de Jacomo Stávale, da primeira série ginásial, de 1954, da Companhia Editora Nacional. Essa obra apresenta 1160 exercícios com respostas e foi elaborada

¹³⁹ Esse livro foi organizado pelos professores Aroldo de Azevedo (Geografia), Joaquim Silva e José de Arruda Penteadó (História), José Cretella Júnior (Português) e Osvaldo Sangiorgi (Matemática) e contém 349 páginas, sendo 122 delas dedicadas à Matemática.

¹⁴⁰ O livro é composto por 254 páginas de exercícios de treinamento para o exame de admissão ao ginásio.

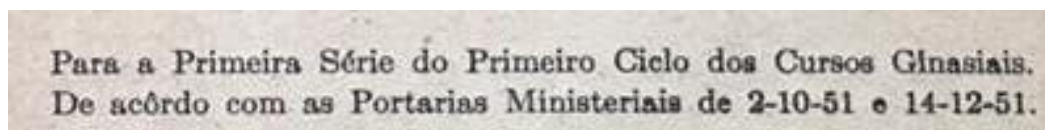
com o objetivo de atender aos novos programas da Portaria de 1951, conforme a inscrição que consta na folha de rosto e pode ser vista nas figuras 35 e 36. O exemplar apresentado é de sua nona edição.

Figura 35 - Folha de rosto do livro de Jacomo Stávale



Fonte: Arquivo pessoal Aloys de Meira

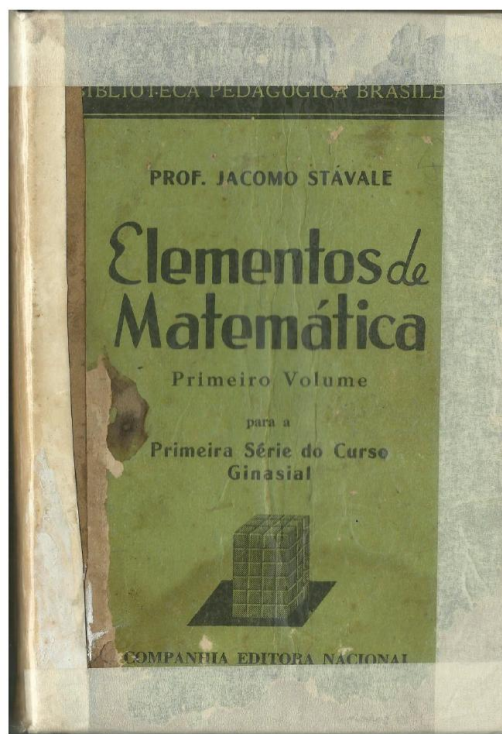
Figura 36 - Detalhe da Figura: inscrição de conformidade com a portaria de 1951 no livro de Jacomo Stávale.



Fonte: Arquivo pessoal Aloys de Meira

Embora a professora Aloys não tivesse um exemplar, relatou ter utilizado o livro de Stávale intitulado Elementos de Matemática, juntamente com aquele que trazia os exercícios. A figura 37 mostra esse livro, em edição de 1953. Trata-se da 37ª edição de um compêndio com capa colorida e 237 páginas numeradas, destinado a alunos que já houvessem terminado o curso primário.

Figura 37: Capa do livro Elementos de Matemática para a primeira série do curso ginásial de Jacomo Stávale. 1953.



Fonte: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/134704>,
último acesso em: 18 nov. 2020.

No prefácio da obra *Elementos de Matemática*, no primeiro volume, o autor enfatiza que o livro está de acordo com a Portaria de 1951 e faz uma citação das instruções metodológicas desse documento: “despertar, aos poucos, no aluno, o sentimento da necessidade da justificativa, da prova e da demonstração, introduzindo-se o método dedutivo, com o cuidado que exige, ainda no curso ginásial”. Stávale argumenta que trabalhava justamente nessa perspectiva há vinte anos.

No primeiro capítulo do livro, percebemos a opção didática do autor. De início, Stávale expõe uma série de definições e explicações; em seguida, propõe exercícios orais sobre numeração, com alguns “modelos” de atividades para serem seguidos. Logo após, propõe uma lista de exercícios sem as respectivas soluções. Apresenta ainda problemas, em sua maioria contextualizados e resolvidos, seguidos de uma lista de questões intercaladas com exercícios resolvidos como “modelo”.

De modo geral, o livro é composto pela definição, alguns exemplos que, em sua maioria, são aplicações diretas, mas que, por vezes, são apresentados como problemas. Além disso, há numerosos exercícios orais a serem feitos em classe e problemas, perfazendo um total de 1000 atividades.

Luiz Santana, aluno do Colégio de Aplicação em 1963, rememorou a grande quantidade pedida na escola. *As aulas de Matemática eram baseadas em exercícios. Lembro que, quando fiz cursinho, tinha livros onde fazia 100, 200, 500 exercícios. Não era como hoje, era maçante, era exaustivo, exercício em cima de exercício, tudo que você pensar, tinha que fazer.* A respeito dos exercícios, Paula complementou: *não sei se estou defasada, mas treinamento na Matemática é exercício.*

Corroborando a perspectiva de Luiz, Camélia comentou sobre a quantidade de exercícios feitos em sala e em casa. *Às vezes tinha exercício, tanto em sala como os que levávamos para casa. Fazíamos muitos exercícios do livro. O professor marcava a página, o número dos exercícios. Tudo era feito no caderno. Não tinha folha separada.*

Para além dos autores já citados, os entrevistados também se recordaram que o colégio utilizou livros de Osvaldo Sangiorgi e Ary Quintella. Os livros eram indicados pelos professores e os alunos os adquiriam por conta própria, pois não havia exemplares disponíveis para consulta na biblioteca, de acordo com o professor Paulo Wanner.

Nas aulas de Matemática usamos o livro do Osvaldo Sangiorgi na primeira, segunda, terceira e quarta série do Ginásio (Camélia, ex-aluna).

Os livros do Osvaldo Sangiorgi e Ary Quintella eram os livros de Matemática mais utilizados no Ginásio. No Científico, eram várias apostilas utilizadas e cada professor propunha os problemas, os exercícios a serem feitos (Carlos Braga).

Eu não saberia dizer com certeza quais os livros utilizei, mas foram muitos, como o do Alberto Serrão, Ary Quintella e Osvaldo Sangiorgi dentre outros. Como complemento, eu usava muito o Serrão, que era um único volume. Havia uma outra coleção de 10 volumes que não me lembro o nome, e a usava também para complementar as aulas e exercícios. Os livros adotados pela escola, parece-me, que eram o do Ari Quintella e do Osvaldo Sangiorgi. Os alunos compravam os livros pois não havia disponibilidade dos mesmos na biblioteca. (Paulo Wanner).

Os livros de Osvaldo Sangiorgi eram publicados pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, mesma editora das obras de Jacomo Stávale. A Companhia Editora Nacional tornou-se a maior editora paulista, dedicando-se principalmente à

produção de impressos de caráter didático-pedagógico. Na década de 1950, atingiu a sua maior produção graças à ampliação da rede de ginásios (DUTRA, 2004).

Valente (2008) comenta a atuação de Sangiorgi e sua forte participação e da editora pela qual seus livros eram publicados no mercado editorial brasileiro.

O acesso aos jornais, a participação em encontros nacionais para a discussão de programas de ensino de matemática e sistemática presença com artigos em revistas pedagógicas de alcance nacional são elementos importantes para a consolidação de Osvaldo Sangiorgi como referência para o ensino de Matemática. O sucesso de seus livros atestava isso. A coleção de Sangiorgi, nos três anos seguintes ao lançamento do primeiro volume para a primeira série do curso ginásial, teve grande aceitação. A tiragem não parou de subir atingindo, em 1957, para o primeiro volume, a marca dos 100 mil exemplares. A partir daí, permaneceu, anualmente, com esta tiragem, até 1963, ano em que, de acordo com os arquivos da Cia Editora Nacional, foi publicada a 134ª edição do livro. [...] Um sucesso editorial maior ainda ocorreu, a partir de 1963, com o lançamento de uma nova coleção para o ginásio: foram os tempos da Matemática Moderna (Valente, 2008, p. 9).

Valente (2008) ainda ressalta que na década de 1960, o autor era visto como uma autoridade matemática e didática. Acrescenta que Sangiorgi realizava ações conjuntas com a Cia. Editora Nacional e a Secretaria da Educação de São Paulo, nas quais promovia encontros e cursos para professores.

O outro autor mencionado, Ary Norton de Murat Quintella, apesar de ser paulista, passou a parte mais importante de sua vida profissional no Rio de Janeiro¹⁴¹. Valente (2008a) destaca que a carreira profissional de Ary Quintella lhe permitiu publicar seu trabalho por meio da Companhia Editora Nacional e que os livros didáticos de Matemática de sua autoria foram transformados em best-sellers educacionais, tendo alcançado grande números de edições no início dos anos 1950. Assinala ainda que Quintella garantiu à editora grande parte do mercado do Rio de Janeiro, rivalizando com as editoras cariocas, que tinham dominado a produção de obras didáticas de Matemática desde o final do século XIX.

Thiengo (2001) analisou seis obras de Ary Quintella e Osvaldo Sangiorgi, buscando compreender como ocorreu a passagem da “Matemática Tradicional” para a

¹⁴¹ Quintella formou-se na Escola Militar e foi professor, desde 1937, do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Participou da organização dos programas de Matemática para os cursos comercial básico e técnico e atuou em numerosas comissões e bancas de concursos de professores de Matemática (THIENGO, 2001). De acordo com Moura (2012), Ary Quintella participou da comissão mista de professores de Matemática e Desenho constituída para estudar a uniformização e simplificação da nomenclatura e símbolos comuns às duas disciplinas, a convite do Ministério da Educação.

“Matemática Moderna” a partir dos livros didáticos de ambos os autores. Ele analisou os exercícios, as ilustrações, a metodologia, a contextualização e a forma de abordar o conteúdo utilizando os recursos disponíveis nos textos. O pesquisador explica como os dois matemáticos se apropriaram de forma diferenciada da Matemática Moderna. De acordo com sua análise, Sangiorgi sofreu influência do modelo americano e foi o maior divulgador do movimento de modernização no Brasil, incorporando elementos das propostas dos Estados Unidos para modificar suas obras de momentos anteriores.

Já no que se refere a Ary Quintella, Thiengo argumenta que o autor demonstra, em sua obra, resistência às mudanças propostas para a Matemática. Comenta que Quintella teria enfrentado pressões da comunidade científica, das secretarias de Estado da Educação, das editoras e de grupos de professores, e que optou por fazer uma apropriação parcial e cautelosa da Matemática Moderna em sua obra, sem descaracterizar suas concepções em torno da Matemática. Thiengo (2001) conclui que Sangiorgi e Quintella posicionaram-se em relação à Matemática Moderna de acordo com suas trajetórias individuais, pelas relações que mantinham com a Matemática e pela comunidade acadêmica da época.

Ao falar da Matemática Moderna, o professor Clemenceau, em conversa posterior a sua entrevista, relatou que, ao lecionar uma aula no curso de didática no Colégio de Aplicação a convite das professoras Alaíde e Magda, optou pelo conteúdo dos “conjuntos”, no qual pôde trabalhar com noções da Matemática Moderna, mesmo que sem menção explícita ao movimento modernista. O assunto era familiar ao docente devido ao seu movimento constante de estudo e aperfeiçoamento. Conforme seu comentário citado anteriormente, também a Matemática clássica foi muito bem trabalhada em suas aulas com os conceitos modernos da Matemática.

Em nossas entrevistas, não foram feitas perguntas específicas sobre a Matemática Moderna. Pelos relatos dos nossos colaboradores, a Matemática foi uma disciplina bem trabalhada, mas de uma forma considerada por eles como tradicional. Nossa percepção é de que a Matemática Moderna ter participado do ensino na escola e forma muito tímida, tendo sido pouco significativa para os entrevistados, que não falaram de recordações expressivas sobre a temática.

Avaliamos que o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação configurava-se como centrado no professor, com pouco espaço para um diálogo entre os professores da disciplina, que trabalhavam de modo isolado. Quando havia algum

diálogo, era entre os professores da mesma série, como relatou o professor Paulo Wanner: *não tínhamos um coordenador de Matemática como hoje têm em muitas escolas. Não era exigido um plano de curso e as provas não eram avaliadas. Não havia essa fiscalização mais sistemática, como hoje. Cada um fazia o seu plano de aula. Mesmo porque o colégio não era grande. Então, por exemplo, no turno da manhã, quem trabalhava no primeiro, no segundo e no terceiro ano Científico era apenas eu, não havia outro professor. Eu conversava com o professor Raimundo, que era o professor de Matemática do turno da Noite e tentávamos fazer algo juntos. À tarde funcionava o curso Ginásial, e os professores Paulo Roberto, a dona Aloys e o Rogério eram os responsáveis pelo ensino de Matemática, à época.*

Esse modelo em que os professores trabalhavam individualmente parece responsável por descaracterizar o ensino de Matemática da escola, pois havia muitos docentes atuando de formas diferentes e com didáticas diversas. Todos seguiam os livros didáticos como roteiro para suas aulas e para os planos de ensino, mas não eram compartilhados com os pares os conteúdos ensinados ou os modos de trabalhá-los. Além disso, conforme o relato de Paula, os professores não conseguiam cumprir os programas propostos para cada série e, sem um diálogo entre eles, instaurava-se uma dificuldade: os conteúdos não abordados em uma série não eram contemplados na série seguinte, o que ocasionava uma lacuna no ensino. *Os professores seguiam a sequência do livro e dificilmente, chegavam ao final da matéria. Os professores de Matemática, às vezes, não davam conta de cumprir todo o currículo. Ou como no próprio relato de Paula, os alunos deveriam estudar os conteúdos não trabalhados de forma autônoma. Tive que estudar muita coisa sozinha. (...) Muita matéria que deveria ter sido dada, não foi.*

Consideramos que as práticas de ensino de Matemática no Colégio de Aplicação não acompanharam práticas mais modernas desenvolvidas em outras escolas, entre elas Colégios de Aplicação. No Colégio de Aplicação da Bahia, por exemplo, temas relacionados à Matemática Moderna foram trabalhados como conteúdos diferentes daqueles que eram ensinados em outras escolas. O estudo dirigido foi inserido como uma nova técnica didática e duas docentes do Colégio, Martha Maria de Souza Dantas e Maria Augusta de Araújo Moreno, se destacaram com o ensino da Matemática Moderna e foram coautoras de uma coleção de livros didáticos abordando suas temáticas (RIOS, 2012). Também em outro tipo de escola, nos Ginásios Vocacionais de São Paulo, que

funcionaram no período 1962-1968, registraram-se, além de inovações nas técnicas pedagógicas e experiências com novos conteúdos, movimentações para implementação das ideias do movimento modernista, com destaque especial para outra professora autora de livros didáticos, Lucília Bechara Sánchez (NAKAMURA, 2017).

6.2.2 – Avaliação

Outro aspecto importante do processo de ensino e de aprendizagem da Matemática no Colégio de Aplicação são os modos de avaliação.

De acordo com os entrevistados, em Matemática a forma avaliativa prioritária era a realização de provas, sem a presença de outros instrumentos, como trabalhos, por exemplo. Nas entrevistas, os antigos estudantes e professores narraram lembranças a respeito do formato, da aplicação e da correção das provas.

Com relação às avaliações, em Matemática era prova, prova mesmo. Entregava a prova para você fazer, resolver as questões, as equações. Devolvia a prova toda rabiscada com uma nota boa ou mais ou menos (Gilvânia).

Durante o processo de avaliação, em Matemática, os alunos obtinham seus pontos fazendo somente provas. Todas as notas eram de provas. Notas não eram atribuídas a trabalhos, pois muitas vezes um aluno faz o trabalho e os outros copiam. Então, eram somente avaliações por meio de provas. A nota final era o somatório das notas das provas. (Paulo Wanner, ex-professor)

As provas eram mimeografadas ou passadas no quadro para que você copiasse em folha de papel almaço e apresentasse a resolução de cada problema (Carlos Braga, ex-aluno). Os professores exigiam que nós juntássemos na prova o rascunho (Luiz Santana, ex-aluno). Era feita à caneta, não era a lápis (Carlos Braga, ex-aluno). Às vezes, você dava uma resposta errada, mas o professor pegava o seu raciocínio e falava: “você errou porque fez essa conta errada aqui” (...). Não tínhamos prova de múltipla escolha. Você tinha que resolver. Fazer todo o desenvolvimento e raciocínio até chegar ao resultado. Não tinha como chutar (Luiz Santana, ex-aluno).

De acordo com o livro de atas de provas parciais, havia duas dessas provas, uma em junho e outra em novembro. Os registros do livro trazem as notas de cada disciplina, bem como a assinatura da secretária, do inspetor federal e da diretora. No caso do ginásio, também havia a prova oral aplicada em dezembro, acompanhada pelo inspetor, com e uma comissão avaliadora constituída por professores. Os registros incluem as

notas dos candidatos com suas respectivas médias, com as assinaturas do presidente da comissão, que lavrava a ata, pelos outros dois membros e também pelo Inspetor Federal.

Verificamos que os registros de avaliação eram apresentados de acordo com a legislação vigente, ou seja, o Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, da Reforma Capanema. O decreto em questão tratava, em seu Título IV, sobre a vida escolar, Capítulo IV, da avaliação dos resultados escolares, e estabelecia em seu artigo 30 que: “Deverá ser recomendada pelo Ministério da Educação adoção de critérios e processos que assegurem o aumento da objetividade na verificação do rendimento escolar e no julgamento dos exames.” Assim, era um processo que controlava os instrumentos de avaliação do professor. A legislação ainda apresentava uma seção extensa que regulamentava a avaliação escolar em seus Capítulos XIV, dos Exames de Suficiência e XV, dos Exames de Licença¹⁴².

Segundo o artigo 49, as duas provas parciais de Matemática seriam escritas, uma em junho e a outra em outubro. No Colégio de Aplicação, tais provas ocorriam em novembro, e a prova final, que seria oral, perante a banca examinadora, seria realizada em dezembro.

Indagamos a professora Aloys sobre como as provas orais eram realizadas no Colégio de Aplicação. Ainda que tenhamos apresentado à docente o livro de atas de provas orais, que continha sua própria assinatura, ela não se recordou da execução daquele tipo de atividade avaliativa. Ela reconheceu sua assinatura e disse que, se assinara o documento, isso era indicativo de que as provas haviam ocorrido. Contudo, ela não se lembrava em função do muito tempo decorrido.

No regimento interno do Colégio de Aplicação, a avaliação estava contemplada no Art. 20º, que se encontrava de acordo com a legislação federal. No referido artigo, o professor deveria apresentar à secretaria, com antecedência mínima de 24 horas e em duas vias rubricadas, a lista de pontos para os exames. Além disso, era necessário devolver à secretaria as provas parciais devidamente corrigidas e julgadas, em consonância com as instruções oficiais vigentes, no prazo máximo de 8 dias a contar da realização da prova.

¹⁴² De acordo com o texto, os exames de suficiência apresentavam como finalidade a “promoção à série imediata” e “habilitar o aluno da última série para prestação dos exames de licença.” Já os exames de licença avaliavam os alunos que estavam concluindo os estudos secundários, de primeiro e de segundo ciclo. De acordo com o artigo 48, os exames de suficiência compreendiam, no caso de promoção, uma primeira e uma segunda prova parcial e uma prova final, e somente uma primeira e uma segunda prova parcial no caso de habilitação para prestar o exame de licença. O texto estipulava ainda que as provas parciais contemplariam a matéria ensinada até a semana que antecedia sua realização.

O Decreto-Lei nº 4.244 estabelecia, no Capítulo XII, artigo 45, entre outras medidas, que a média das notas de cada mês seria a nota anual de exercícios. Ou seja, essa era a única nota em que era permitido ao professor escolher como avaliar seus alunos, pois as demais pontuações já eram definidas pelas avaliações parciais e a avaliação final. No Colégio de Aplicação, alguns professores utilizavam arguições para dar notas para os estudantes, conforme o relato do professor Clemenceau.

A média era cinco. Mas para tirar cinco tinha que ser bom. Não tinha nota de participação. A nota era de prova, fez ou não fez, zero e acabou. Eu dava muita arguição valendo nota. Colocava o menino no quadro e pedia para resolver um problema para mim, nesse caso avaliava como ele resolvia o problema. “Faz esse limite, faz essa equação aqui para mim”.

Gilvânia, que lembrou não se sentir confortável com esse tipo de atividade, expressou seu ponto de vista de que a arguição afetava emocionalmente os alunos.

Tínhamos que estar prontos para responder às demandas da escola, do colégio. Então, você chegava, tinha as arguições que a gente morria de medo. Você tinha que falar. Falar na frente da turma toda. Colocavam uma equação no quadro para você resolver. Era a eterna morte, de tanto pavor que tinha e era a lição de surpresa, de arguição.

Era aleatória. Passava o dedo na lista de chamada. Era sempre aleatória, dizem que era. Fulano! Quem é que não sabe onde está o A, B, C ou D em ordem alfabética, enfim, a gente morria de medo de ser sorteado ali. E o dia em que o professor estivesse de mau humor, acho que ele escolhia aqueles que sabia que ia ferrar.

Então, você tinha que estar com as matérias em dia, porque senão “pagava muito mico”. Era muito ruim, era humilhante, você ficar, tudo bem se tirar uma nota ruim um dia você recupera no outro dia, tudo certo. Agora tirar várias notas ruins, ir para uma arguição e não saber nada, ficar gaguejando... Eu estudava terrivelmente, mas morria de medo de chegar lá na frente e não saber responder nada. Olha, tinha alguns professores que gostavam mais de fazer arguição. Tinha a prova oral, mas essa era surpresa.

As provas orais e escritas causavam significativa apreensão nos alunos e o professor Clemenceau, durante as arguições orais, tentava diminuir a pressão sobre o aluno para que conseguisse resolver o problema de uma forma mais “leve”.

Quando eu falava em prova, todo mundo ficava nervoso. Mas não os apavorava. Nas arguições orais, eu chamava o aluno e falava: "Hoje você vai resolver isso aqui no quadro para mim, e está valendo nota. Vem cá, pois dará um show. Como é que faz isso?". Se o aluno estivesse nervoso, eu dava um apoio. Fazia de tudo para ele sair feliz dali. Mas em todas as avaliações eles ficavam nervosos. Avaliação é uma covardia.

Outros professores utilizavam as provas mensais como instrumento de avaliação, como rememorou Camélia ao falar a respeito da temática. *O ano era dividido em bimestres, mas todo mês a gente tinha prova. A prova bimestral valia mais. Em algumas matérias, além das provas, tinha trabalho. Lembro que ilustrava, era mais em Geografia, História e Ciências. Meus cadernos eram todos ilustrados, até há pouco tempo guardei meus cadernos. As provas eram individuais. Nunca fizemos prova em dupla.*

Rafael rememorou características das questões da prova. De acordo com ele, as avaliações estavam em conformidade com as atividades desenvolvidas em sala de aula. As questões eram parecidas com as trabalhadas no livro didático.

As provas também refletiam a ideia dos livros. Muitas provas eram questões diretas e devia ter algumas questões desse tipo que você teria que interpretar, transformar e resolver. Mas, geralmente, era questão mais direta. Vamos supor: dava uma matriz para você resolver. Então, já estava dada, você não tinha que chegar, pensar, compor, era mais coisa direta. Mas questão acho que tinha sim. Questão que você tinha que elaborar e compor, equacionar aquilo em alguma coisa.

Outro processo avaliativo enfrentado pelos estudantes do Colégio de Aplicação era o exame de segunda época, destinado aos alunos que não atingiam a média na disciplina. Ocorria em fevereiro e envolvia toda a matéria do ano letivo, conforme o relato de Camélia.

A prova da segunda época era em fevereiro. Fiz aula particular, pois não tinha aula suplementar, não tinha isso. O aluno estudava por conta própria e ia fazer a prova no dia que marcavam. O conteúdo da prova era o conteúdo do ano todo.

Para Rafael, o processo de avaliação era muito exigente. Havia a necessidade de uma grande dedicação para o estudante ser aprovado. *Era difícil demais, nossa, para eu passar numa prova. Conheço vários amigos que realmente foram reprovados, então, a reprovação não era rara. A minha prima mesmo era boa em Matemática e acabou*

levando bomba em Matemática, não sei por quê. Acho que o professor não foi muito com a cara dela.

Tinha que estudar, porque ou você levava uma segunda época ou levava bomba e tem muita gente que me lembro que levou bomba, muita gente. Teve gente que levou bomba que estava na turma da frente e virou colega meu; dali para a frente ele seguiu, mas tinha, sim, você ficava preocupado e tinha que estudar.

Camélia abordou sua reprovação na disciplina de matemática na quarta série do ginásio. A ex-aluna apontou como um dos motivos que contribuíram para essa reprovação a sua dificuldade de adaptação à metodologia da professora. Lembrou também que outros colegas foram reprovados e o quanto as avaliações afetavam emocionalmente os estudantes.

Na quarta série ginasial, eu tomei bomba em Matemática, e no primeiro ano Científico tomei bomba em Química, por isso fui para o Estadual. Na quarta série, fui para segunda época em Matemática. Fazia aula particular com uma professora, Dona Lurdes. Ela morava na avenida Assis Chateaubriand, antiga Avenida Tocantins, hoje é Assis Chateaubriand, quase esquina com Francisco Sales. Ela era professora também, se não me engano, no Instituto de Educação. Ela não entendeu porque tomei bomba. Tudo que ela passava eu resolvia. Na quarta série do Ginásio, tive alguns problemas na família. Estava namorando sério, fazia Cultura Francesa e Cultura Inglesa. Foi meu aniversário de 15 anos. Foi uma época muito conturbada. Outro fato que contribuiu foi eu não gostar muito da professora de Matemática da quarta série. Comecei a ter dificuldades e a minha mãe não era uma pessoa de sentar com a gente e estudar; não tinha isso.

A filha da dona da cantina, que era minha colega, levou bomba também. Acho que teve muita gente que levou bomba, ou então levava segunda época. Era aquela chateação de ficar estudando. Era difícil, você ficava preocupado, ficava preocupado e estudava e fazia, mas te dava preocupação. Você não ia tranquilo.

A reprovação não ocorria apenas na disciplina de Matemática. O poder de decisão sobre a reprovação ou não do aluno centrava-se unicamente nas mãos do professor. Nesse processo, cada docente atribuía sua nota e entregava para a secretaria os resultados. Um caso em particular marcou o professor Clemenceau:

Vou contar um exemplo que acho que me marcou. O vestibular para Medicina era difícilíssimo, aliás, até hoje é muito difícil. Um aluno do Colégio de Aplicação ficou

para a recuperação em Química no terceiro ano e fez vestibular para Medicina na Federal e passou. Foi fazer a segunda época de Química e o professor deu bomba no menino.

Ele falou assim: "O menino não estudou direito e eu dei bomba nele". Eu falei: "Você possivelmente tentou Medicina, não conseguiu e virou professor de Química". Ele falou: "Como é que você sabe?". "Pela atitude que você teve". "Mas o que você achou?". "Eu achei o seguinte: se eu fosse o aluno, te esperava na porta e te dava um murro na cara bem dado porque o que você fez é uma sacanagem. Professor, fazer isso com o menino, ele passou no vestibular, ele provou que sabe, agora você vem mostrar que é gostosão e o reprova. Você devia apanhar desse cara". Foi muita sacanagem. O menino passou em Medicina na Federal. "Você deve ser frustrado, você tentou Medicina e não passou e virou professor agora vai ferrar um "cara" desse?".

A chegada, em 1965, da supervisora Maria Leonor modificou significativamente o lugar de centralidade do professor no processo de aprovação ou reprovação dos alunos. Isso porque, como argumentou em seu relato, Maria Leonor iniciou um trabalho junto aos docentes para que pudessem avaliar os estudantes de forma mais ampla.

Realizamos, também, um trabalho, juntamente com os professores de avaliação coletiva, que posteriormente denominou-se conselho de classe. Era feita uma avaliação não só de rendimento intelectual, mas também psicoemocional, o que me permitiu uma participação mais efetiva.

Valente (2008b) explicita que o período da história da educação no Brasil coberto por esta pesquisa caracterizou-se como uma “transição no processo de avaliação, da autoridade extraescola (examinadores estranhos) para a autoridade interna, a dos professores, na tarefa de avaliar seus próprios alunos.” O autor assinala que a autoridade do professor sempre foi controlada pelas autoridades educacionais, por meio da legislação e da fiscalização dos estabelecimentos de ensino realizada pelos inspetores. No Colégio de Aplicação, a fiscalização ocorria por meio do inspetor federal. Valente complementa dizendo que:

A fiscalização dos estabelecimentos de ensino, exercida por um corpo de inspetores, não deixará caminho livre aos professores em seu processo de avaliação dos alunos. Mesmo dando a conhecer as notas das provas parciais, elas estarão sujeitas à análise da inspetoria. Relatórios com mapas das notas parciais e toda uma série de instrumentos serão criados para vigiar os processos de avaliação realizados pelos próprios professores (VALENTE, 2008b, p. 30)

O autor argumenta ainda que os professores tinham uma liberdade controlada, em que o Ministério da Educação parecia “não medir esforços para orientar os inspetores sobre como devem controlar o trabalho dos mestres na avaliação dos alunos” (p.31).

Destacamos que as práticas pedagógicas de Matemática do Colégio de Aplicação sofreram mudanças, principalmente após a ampliação do ginásio, com a implementação do nível colegial. Esse significativo movimento de transição proporcionou a ampliação do quadro docente, com a entrada de novos professores, a ampliação da carga horária, alteração do currículo de acordo com a nova legislação. Além disso, convém ressaltar que é esse período o momento no qual o ensino de Matemática começa a ser discutido em nível nacional. Ainda que por vezes, de modo tímido, os professores buscaram acompanhar tais mudanças. Os livros didáticos, que eram suas principais referências, caracterizaram-se como importantes dispositivos nesse processo. Os docentes cumpriam os programas oficiais e utilizavam como principal abordagem metodológica o método expositivo, centrado no professor, e alguns fizeram uso de materiais didáticos escritos por eles mesmos.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho buscou construir uma história do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais: suas memórias, práticas educativas e o ensino da Matemática no período de 1954 a 1968. Para essa elaboração, a História Oral foi utilizada como principal referencial teórico-metodológico e atuou na produção efetiva de fontes sobre a temática. Realizamos 10 entrevistas individuais e uma coletiva, com a participação de 19 colaboradores – professores, alunos e uma orientadora educacional –, que narraram seus percursos de vida, sua formação, suas vivências no Colégio de Aplicação e, principalmente, suas experiências em relação ao ensino de Matemática.

Tomamos como marco temporal inicial o ano de 1954, em que foi criado o Ginásio de Aplicação, anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. O Ginásio foi organizado de acordo com as determinações da Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, que visava desenvolver no aluno uma sólida cultura geral, com características humanistas, e declarava ter como intenção a preparação das elites condutoras do país. A escola criada em Belo Horizonte objetivava, especialmente, servir como campo de estágio para os licenciandos da Faculdade de Filosofia, futuros professores do Ensino Secundário, ramo do então chamado Ensino Médio, que dava acesso ao Ensino Superior.

O Ginásio de Aplicação surgiu em um período em que o Brasil vivenciava transformações econômicas, sociais e políticas e o Ensino Médio era visto como uma oportunidade de melhorar a posição social do sujeito. A nosso ver, a criação do Ginásio de Aplicação na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais foi realizada prioritariamente por determinação da legislação, pois não fazia parte dos planos da universidade manter um Colégio nos moldes propostos. Em contrapartida, parecia haver, sim, o desejo de se criar um Colégio Universitário, o que acabou por se dar anos mais tarde, com funcionamento paralelo ao Colégio de Aplicação. Cabe realçar que um importante fator no processo de consolidação do Ginásio foi sua transformação em Colégio, ocorrida no ano de 1958. A Universidade se valeu da legislação e definiu a transformação em Colégio de Aplicação quando a primeira turma concluiu a 4^a série do primeiro ciclo secundário. Essa definição ia ao encontro aos interesses da instituição universitária tanto de elevar o nível do ensino secundário quanto de preparar candidatos ao concurso de

habilitação nas diversas unidades da Universidade de Minas Gerais, de acordo com o processo nº 70/53:

Às Faculdades de Filosofia deveria ser entregue a incumbência do preparo dos jovens destinados ao ingresso na Universidade. Seria este o meio para estabelecer maior aproximação da organização do ensino entre o Secundário e o Superior, garantindo a eficiência daquele e oferecendo ao meio universitário elementos preparados para receberem ensinamentos de nível elevado.

As aulas do Ginásio de Aplicação foram atribuídas a ex-alunos da Faculdade de Filosofia, o que representou uma dissonância em relação ao Decreto de sua criação. A política para ingressar no Colégio como professor se constituía, prioritariamente, pela indicação por parte da diretora ou por parte de seus ex-professores. Os professores foram contratados como horistas, compondo-se, assim, um corpo docente instável. A partir de 1958, alterações ocorreram no processo de seleção de docentes, que passou a ser realizado nos moldes dos exames de admissão para o cargo de auxiliar de ensino da Faculdade de Filosofia. O quadro de professores do Colégio era dotado de um perfil muito próximo ao dos docentes da Faculdade de Filosofia. Além disso, os candidatos ao cargo também deveriam ter frequentado a cadeira de Didática, tendo sido alunos da professora Filocelina ou da professora Alaíde. Tal foi o caso do professor Clemenceau:

Eu entrei para o Colégio de Aplicação em uma situação muito interessante. Fiz o Curso de Didática na Universidade Federal e a catedrática era a dona Alaíde Lisboa. A assistente era a Magda Soares. A Magda era muito inteligente, muito esperta. A dona Alaíde era uma gracinha, era uma pessoa muito humana, muito boazinha, eu adorava a dona Alaíde.

Eu fiz o Curso de Didática em 1961. Durante o curso, havia um dia na semana em que um aluno de cada curso dava uma aula. Em uma semana um dava aula de História, na outra semana, um dava aula de Biologia e assim por diante. O Morandi falou comigo: “você vai dar aula semana que vem na aula de Didática Geral”. Havia 200 alunos na sala. Porque nós tínhamos didática de cada matéria. Na Didática de Matemática, éramos eu e meus colegas com o Morandi. A Didática Geral era com a dona Alaíde. Então, eu fui dar aula com a dona Alaíde, que era a diretora do Colégio de Aplicação e a Magda Soares, que era assistente dela, no mês de agosto ou setembro, em 1961.

Dei a aula, 50 minutos, com muito desembaraço. Quando terminou a aula, a dona Alaíde chegou para mim, e falou assim: "Magda, você tem que pegar esse menino para o colégio amanhã". Então, falou comigo: "Você vai ao Colégio amanhã que eu quero conversar com você". No dia seguinte, eu fui ao Colégio e ela falou: "Você vai dar aula aqui de todo jeito". Eu fiquei muito honrado. Eles haviam aberto um cursinho da faculdade e me chamaram para dar aula nesse cursinho. Eu dei aula no cursinho até no fim do ano de 1961 e no ano seguinte comecei a dar aula no Colégio de Aplicação, que era um Senhor Colégio.

O Colégio de Aplicação cumpriu um papel importante no contexto educacional mineiro. Constituiu-se numa instituição de ensino secundário diferenciada de outras, em função, principalmente, de seu lugar como campo de estágio para os futuros professores que se formariam pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Por isso, foi valorizada sua ação pedagógica, conforme as palavras do ex-estudante Luiz Santana:

(...) era um colégio de excelência pela qualidade do ensino. Uma outra coisa que acho importante também: a Faculdade de Filosofia formava os alunos para serem professores e quando eles iam fazer o Curso de Didática, o colégio onde eles apresentavam e treinavam suas práticas era o Colégio de Aplicação. Era um colégio que tinha essa função. Por isso era um colégio que mantinha um nível alto, para formar bons profissionais da própria Faculdade de Filosofia. Acho que isso era uma coisa que elevava bastante o nível do colégio.

Outros aspectos relevantes da cultura escolar do Colégio contribuíram para a imagem positiva que se construiu sobre a instituição. O número reduzido de alunos, que sofreu, ao longo de sua existência, poucas alterações, caracteriza-se como um desses fatores. Da sua criação até o ano de 1957, foi ofertada somente uma turma de cada série, com no máximo 30 estudantes. A partir de 1958, quando o Ginásio de Aplicação foi convertido em Colégio, ampliou-se esse número, com o oferecimento dos cursos Clássico e Científico. Nesse momento, o ginásio e o colégio também foram ampliados, sendo ofertadas duas turmas de cada série, o que ocorreu gradualmente. Observamos que, enquanto a escola funcionava somente como ginásio, o decréscimo de estudantes era constante, mas, a partir do oferecimento do ensino médio completo, a procura aumentou e a desistência diminuiu.

O número reduzido de alunos permitiu um atendimento individualizado por parte do Serviço de Orientação Educacional, criado após 1958, que tinha oportunidade de conhecer e atender às dificuldades de cada aluno, como lembrou o ex-aluno Eduardo Belizário: *o colégio tinha uma liberdade muito grande com os alunos, mas não deixava de ter uma vigília. Eram duas as pessoas que acompanhavam problemas particulares de alunos, principalmente em casa. Me lembro de um nosso colega, que o pai bebia muito, alcoólatra, problemas em casa que eram de conhecimento da direção do Colégio, e elas, as psicólogas, acompanhavam o aluno, seus traumas, monitorando-o muito bem para enfrentá-los. Uma, Dona Alcinda, extraordinária pessoa, e a outra, mais jovem, inteligente, a Cleidmar.*

Havia colegas nossos que eram acompanhados quase todos os dias com entrevistas particulares, dentro de sala fechada, para preparar o aluno dentro do próprio lar, para saber lidar com o problema dos pais em casa. Isso eu nunca vi em outras escolas e marcou minha vida.

Outro aspecto importante da cultura escolar do Colégio de Aplicação foi a forma de ingresso por meio do exame de admissão para os candidatos ao primeiro ano do curso ginásial, obrigatório pela legislação vigente. Para as outras séries, os candidatos eram admitidos mediante guia de transferência e submetidos a uma prova de seleção. O exame de admissão, por suas exigências, acabou se tornando uma das estratégias centrais na construção da excelência acadêmica da instituição. Destacamos aqui que o exame de admissão não era exclusivo do Colégio de Aplicação; ele foi estabelecido pelo decreto 19.890, de 18 de abril de 1931, referente à organização do ensino secundário, tornando-se, a partir dessa legislação, obrigatório para o acesso ao ginásio. Ele foi divisor entre a escola primária e a escola secundária, pois obter a aprovação nesse exame era o primeiro passo para a ascensão social.

A composição social dos estudantes do Colégio de Aplicação era predominantemente de alunos de classes mais favorecidas de Belo Horizonte. Essa situação estava diretamente ligada à forma de ingresso no ginásio. Na perspectiva de proporcionar aos seus candidatos uma melhor condição de realização do exame, a escola passou a ofertar, a partir de janeiro de 1955, um curso de preparação para o exame de admissão. Consideramos que essa oferta proporcionou condições mais igualitárias para as classes menos favorecidas devido à diminuição das tensões

provocadas pelo exame, além de oportunizar aos futuros candidatos uma maior aproximação com o ambiente escolar.

Com a flexibilização da legislação a partir de 1965, o Colégio passou a ter maior liberdade na estruturação do exame de admissão. Assim, modificou significativamente a estrutura das provas a partir do ano de 1968, quando passou a ter um teste de Português e Matemática e uma redação. Alterou-se também o cálculo utilizado para a nova média de aprovação. O candidato passaria a ter de alcançar uma média de 40 pontos em 100, que seria constituída por meio da soma das notas da redação e do teste de conhecimentos.

Os relatos e as fontes escritas mostram que, ao passar por um rigoroso sistema de seleção, os estudantes evidenciavam alto desempenho acadêmico. No entanto, essa característica era favorecida por suas condições socioeconômicas, por pertencerem, prioritariamente, às classes média e alta da sociedade de Belo Horizonte. Assim, esses alunos integravam uma espécie de “elite escolar” que tinha o privilégio, naquele contexto, de frequentar o ensino secundário, em geral de excelente nível intelectual. O perfil dos alunos do Colégio de Aplicação esteve alinhado ao perfil do grupo de estudantes das décadas de 1950 e 1960, em que o ensino se destinava, sobretudo, à minoria integrante das elites econômicas e sociais do país. Nunes (2000) faz uma comparação do número de matrículas no ensino secundário da região sudeste com as demais regiões do país e, de acordo com a autora, essa região era a mais beneficiada, pois detinha, em 1960, 60% da matrícula total do ensino secundário, 56,4% do total de estabelecimentos do país, 43,76% da população total, 13,36% de matrícula média em relação à população adolescente. Nesse cenário, o Brasil passava por um período de crescimento econômico e industrial e essa geração se preparava para viver sua vida adulta em um país que buscava ascensão com base no desenvolvimento socioeconômico.

Dessa elite escolar parecia ser possível exigir sempre e cada vez mais, o que garantia o sucesso da aprovação no vestibular, conforme o relato do professor Paulo Wanner.

O desempenho dos alunos nas avaliações era muito satisfatório, o que deve ser atribuído a excelência dos alunos. Eles estudavam muito e o curso era considerado muito apertado. Eu exigia o máximo que podia e a resposta por parte dos alunos sempre foi muito boa. Lembro-me, com muita satisfação, de uma turma do Colégio de

Aplicação em que todos passaram no vestibular. Apenas uma aluna não passou, mas não poderia ter passado, porque se casou e não fez o vestibular. O Colégio Aplicação era uma instituição de ensino excepcional. Para ter acesso ao Colégio, era necessário um concurso de admissão muito duro e concorrido, por isso, tínhamos alunos excepcionais.

Consideramos que esse ciclo possibilitou a representação da escola como um lugar de excelência acadêmica contínua, tanto pelos discentes, que passavam por um rigoroso exame de seleção e após o ingresso continuavam a ser rigorosamente exigidos nas avaliações durante o ano, quanto pelos docentes, que eram submetidos a exames rigorosos de seleção antes de se tornarem professores do Colégio de Aplicação.

Outra característica que marca os alunos do Colégio de Aplicação é a condição étnico-racial. Embora não existam, nos documentos analisados, informações a respeito do assunto, as fotografias mostram predominantemente alunas e alunos brancos, assim como são todos os ex-estudantes e professores entrevistados. Gilvânia enfatizou essa situação ao referir-se à professora de Geografia: *A Stella era loira, de olhos claros, e ela ensinava as coisas de um jeito fantástico.*

Quanto às práticas pedagógicas dos docentes, as fontes evidenciaram que os professores apresentavam suas propostas de ensino à direção e definiam os métodos de ensino e os materiais a serem trabalhados. Assim, os futuros professores que estagiavam na escola não necessariamente se deparavam com o melhor e o mais moderno e variado método de ensino, embora, a nosso ver, assistissem aulas de professores bem qualificados, que desenvolviam um bom padrão de ensino de acordo com as propostas da Faculdade de Filosofia. O Colégio parecia acompanhar as diretrizes da Faculdade e preocupava-se em oferecer boas aulas nos moldes tradicionais. Em algumas disciplinas, as aulas expositivas eram complementadas por seminários, trabalhos em grupo, pesquisas, como relataram Rafael e Ana Maria.

Em algumas disciplinas havia trabalho. Lembro que teve um trabalho de Química. Um dia o professor mandou fazer um trabalho. Mandou fazer um trabalho sobre, me lembro muito bem, era sobre vitamina C e era assim: dois grupos cada vez. Cada grupo tinha uns quatro integrantes, os dois grupos apresentavam, iam lá para a frente e apresentavam. (Rafael)

Havia alguns trabalhos em grupo, mas a maioria era individual. Os trabalhos de Português eram individuais. Líamos o livro, apresentávamos, fazíamos as resenhas,

as comparações, os estudos. Tinha alguns trabalhos em grupo, com atividades que aconteciam de tanto em tanto tempo, não era todo dia. Tinha uma grade para isso, e os outros eram individuais (Ana Maria).

Entre os elementos da cultura escolar destacados anteriormente, o número reduzido de alunos, o processo seletivo para o ingresso, que favorecia a entrada de estudantes bem preparados e de excelente nível intelectual, a constituição do Colégio como um campo de estágio para os licenciandos da Faculdade de Filosofia propiciaram a introdução de inovações e algumas experimentações no Colégio de Aplicação. Dentre elas, assinalamos os laboratórios bem equipados e as apresentações teatrais abertas à comunidade, conforme comentado por Gilvânia: *Tinha o evento que ... Isso foi lá mais pelo quarto ano; o terceiro ano também teve; a gente preparava peças de teatro e idiomas.* As excursões que marcaram os estudantes também representavam práticas de inovação, porque proporcionaram aos alunos vivenciar uma forma distinta de aprendizagem em relação a alguns conteúdos. Ademais, havia conferências com a participação de personalidades das Letras, das Artes, das Ciências Sociais, como rememorou Ana Maria: *Na parte de literatura as pessoas iam lá. Alaíde Lisboa de Oliveira, Ana Maria Machado e outros escritores iam lá discutir com a gente. Tinha fórum, sei lá como é que chamava na época, que a escola promovia, realmente assim de: “opa, vem cá, vem saber”.* É relevante mencionar ainda o cine-clube, no qual, de acordo com a antiga orientadora Leonor, os alunos assistiram *filmes como Deus e Diabo na Terra do Sol, Morte e Vida Severina, La Dolce Vita e As Noite de Cabíria, de Federico Fellini, Morangos Silvestres, de Ingmar Bergman, etc.* Essas atividades ficaram registradas na memória de nossos colaboradores e foram significativas para seus processos de formação.

Dentro desse conjunto de práticas, ressalta-se a criação de uma revista no Colégio, inteiramente produzida pelos alunos, além do periódico ptxy que, segundo (2015), foi uma publicação distribuída por toda a cidade e é considerada o embrião do Suplemento Literário, publicado pelo governo estadual mineiro e surgido em 1966, que se tornou uma referência nacional e ainda se mantém em circulação. Outro elemento de realce nas práticas desenvolvidas na escola foi o grêmio estudantil.

Do ponto de vista da constituição física do Colégio, a estrutura do prédio da escola não era considerada moderna pelos estudantes entrevistados, que comentaram a situação das quadras e dos vestiários usados nas aulas de Educação Física: *no Aplicação*

a gente fazia Educação Física num campo de terra. Era no primeiro horário e a gente não tinha como se lavar (Marco Antônio) e nem trocar de roupa, colocávamos nossas roupas em um barracão de madeira (Eduardo Belisário). A referência de modernidade estrutural da época era o Colégio Estadual, geograficamente próximo ao Colégio de Aplicação e que foi planejado e construído a partir de projetos do arquiteto Oscar Niemeyer. Teixeira (2011) acentua o Colégio Estadual como uma escola sem muros, que permitia liberdade aos alunos (TEIXEIRA, 2011).

Embora o Colégio de Aplicação também não fosse dotado de muros, os estudantes não tinham liberdade de ir e vir, ou seja, de gerir o tempo passado na escola. Havia os chamados “caça-gazeteiros”, que circulavam em torno do colégio e recolhiam os estudantes que se dispersavam ao entrar na escola. Um ensino muito vigiado e muito rigoroso marcava a instituição e a colocava na retaguarda em relação à modernidade, de acordo com o comentário de Rafael: *quando entrava na sala, ficava me sentindo como se estivesse na época do meu avô. Ficava assim: “gente, qualquer hora eles vão sair daqui com uma palmatória e vão sair dando palmatória na gente.” Tinha essas sensações, porque a disciplina era muito rígida.*

O ensino de Matemática no Colégio de Aplicação foi desenvolvido por professores habilitados pela Faculdade de Filosofia, que até o ano de 1958 eram escolhidos pela direção da escola, cargo ocupado pela professora do Curso de Didática. Após 1958, para ingressar no Colégio, os professores deveriam ser aprovados em um exame de seleção. Mesmo com a indicação do exame de seleção, constatamos que, na prática, alguns docentes também ingressaram sem concurso, conforme relatos dos professores Clemenceau e Paulo. Verificamos que o ensino era centrado no professor, com pouco espaço para um diálogo entre os docentes, que trabalhavam isoladamente, sem a constituição de equipes. As práticas de ensino de Matemática caracterizavam-se pelo cumprimento dos programas oficiais, pela exposição como principal técnica didática, pelo papel fundamental do livro didático, que funcionava como guia para o currículo e o plano de aulas. Outro aspecto relevante foi a utilização de materiais didáticos escritos por professores da própria escola. Não se pode deixar de comentar que o principal instrumento de avaliação em Matemática eram as provas. É nítido que as práticas de ensino de Matemática não adotaram técnicas mais modernas, como o estudo dirigido, usado em outras escolas na mesma época.

Criado para servir como campo de realização de estágios dos licenciandos da Faculdade de Filosofia, a escola tinha uma “missão renovadora”, de acordo com o documento Histórico do Colégio de Aplicação, elaborado pela professora Alaíde Lisboa. Sua função era clara: ser campo de observação e treinamento de licenciandos, para experimentar e aplicar os métodos da moderna pedagogia, de eficiência já comprovada em países avançados. O estágio dos alunos da graduação deveria estabelecer um equilíbrio entre os estudos teóricos da Didática, Administração Escolar e Psicologia dos cursos de Licenciatura e a prática profissional (COLLARES, 1989). Avaliamos que o Colégio mais divulgou as inovações que surgiram no cenário educacional do que funcionou como campo de experimentação pedagógica capaz de proporcionar aos futuros professores uma formação moderna, que acompanhasse o desenvolvimento das práticas educativas então propostas para o ensino secundário, como ocorreu em outros Colégios de Aplicação e em escolas vocacionais.

Situado dentro de uma Faculdade de Filosofia cuja proposta era ser uma escola clássica – com algumas poucas áreas realizando pesquisas científicas –, com o propósito de tratar um saber “desinteressado”, desprendido da prática, da aplicação dos conhecimentos, o Colégio de Aplicação não parece ter cumprido seu propósito constituinte de ser um espaço educativo de experimentação tal como era proposto desde o final do século XIX com as escolas normais. Consideramos que o Colégio de Aplicação foi uma escola não muito diferente das outras, regida pela legislação vigente, que desenvolveu um bom padrão de ensino para proporcionar um campo de observação da prática docente dos futuros professores formados pela Faculdade de Filosofia. Destacou-se pela qualidade do ensino ministrado e pelo alto índice de aprovação nos vestibulares da Universidade de Minas Gerais, tendo se caracterizado mais como uma escola de elite do que como uma escola moderna que representasse um modelo para as escolas públicas e para os licenciandos da Faculdade de Filosofia.

Reconhecendo a importância do Colégio de Aplicação e considerando a relevância de se investigar a trajetória histórica de instituições escolares, aquilatamos que os depoimentos coletados para esta pesquisa foram fundamentais para delinear historicamente as práticas de ensino de Matemática dessa escola. Tais depoimentos possibilitaram apreender as impressões sobre o projeto de criação do Colégio, o posicionamento dos professores de Matemática diante das mudanças nas tendências de ensino da época, as relações dos docentes com os conteúdos dessa disciplina e com os

materiais didáticos adotados, bem como acerca da forma de escolha ou produção do material didático utilizado. Além disso, foi possível captar as relações entre os modos de atuação dos professores de Matemática e o perfil dos alunos, a direção da escola e seu vínculo com a formação de professores na Faculdade de Filosofia da Universidade. Contudo, ao concluir este trabalho, reconhecemos suas limitações, particularmente pelo pertencimento de todos os ex-alunos entrevistados a poucos grupos e pelas raras oportunidades de entrevistar ex-professores de Matemática em virtude dos muitos anos decorridos entre o período estudado e a realização de nossa investigação.

Devido ao destaque da instituição pesquisada na cidade de Belo Horizonte e à sua importância na UFMG, acreditamos que este trabalho pode contribuir para a preservação da memória da Universidade para gerações futuras e para o campo da História da Educação Matemática. Do mesmo modo, consideramos que o material proveniente das entrevistas que realizamos representa uma contribuição significativa para o avanço das reflexões sobre o ensino de Matemática e a formação de professores não somente no estado de Minas Gerais, mas também em escala nacional.

8 – REFERÊNCIAS

ALBANO, C. **Cine Pathé**. Belo Horizonte: Conceito, 2008.

ALBERTI, V. Narrativas na história oral. In: Simpósio Nacional de História (22: João Pessoa, PB). **Anais eletrônicos**. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

_____. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

AUAREK, W. A.; NUNES, C. M.; PAULA, M. J. de. Pesquisa e formação com professores - Contribuições dos estudos da narrativa. In: SOUZA, J. V.; DINIZ, M.; OLIVEIRA, M. G. de (Org). **Formação de professores(as) e condição docente**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p.120-132.

AZEVEDO, F. de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. rev. e ampliada. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas**. 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

BARALDI, I. M. Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção. 2003. 288f. **Tese** (Doutorado em Educação Matemática) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BARBOSA, J. E. F. Reflexos do desenvolvimento atual da matemática no ensino secundário. In: **Anais do II Congresso Nacional de Ensino da Matemática no Curso Secundário** (1957). Porto Alegre, 1959, p. 272-285.

BARROS, Z. G. P. Redefinição Conceitual dos Colégios de Aplicação. 1975. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

BEZERRA, M. J. Técnicas de apresentação da matéria e da aprendizagem em matemática. In: MORAES, C. M. de; MELLO e SOUSA, J. C.; BEZERRA, J. M. **Apostilas de didática especial de matemática**. Rio de Janeiro: CADES, 1959.

BONARDI, M. C. S. Faculdade Nacional de Filosofia: Um estudo da formação do professor secundário. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

BRASIL. Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931- Exposição de motivos Reforma Francisco Campos. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1931. In: **A matemática do Ginásio**: livros didáticos e as reformas Campos e Capanema. São Paulo: GHEMAT, CD-ROM, 2005.

_____. Decreto-Lei 4.244, de 9 de abril de 1942 - Exposição de motivos Reforma Capanema. Rio de Janeiro, 1 de abril de 1942. In: **A matemática do Ginásio**: livros didáticos e as reformas Campos e Capanema. São Paulo: GHEMAT, CD-ROM, 2005.

_____. Decreto nº 19.850, Rio de Janeiro, de 11 de abril de 1931: Institui o Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br> . Acessado em: 29 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 19.851, Rio de Janeiro, de 11 de abril de 1931: Dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil considerando o sistema universitário. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 29 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 19.852, Rio de Janeiro, de 11 de abril de 1931: Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 29 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 19890, Rio de Janeiro, de 18 de abril de 1931: Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 29 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 20.158, Rio de Janeiro, de 30 de junho de 1931: Organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 29 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 21.241, Rio de Janeiro, de 14 de abril de 1932: Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 29 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 1.190, Rio de Janeiro, de 4 de abril de 1939: Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 30 de setembro. 2019.

_____. Decreto nº 4.244, Rio de Janeiro, de 9 de abril de 1942: Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 30 de setembro. 2019.

_____, Portaria nº. 456, de 27 de fevereiro de 1951. Cria Comissão de Revisão dos programas do ensino secundário. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. INEP, 1951a (Publicação, Vol. XV, nº 42).

_____, Portaria nº. 966, de 2 de outubro de 1951. Programas do Ensino Secundário. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. INEP, 1951b (Publicação, Vol. XVI, nº 44).

_____, Portaria nº. 1.045, de 14 de dezembro de 1951. Expede os Planos de desenvolvimento dos programas mínimos de ensino secundário e respectivas instruções metodológicas. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. INEP, 1951c (Publicação, Vol. XVI, nº 47).

BRASIL. **Repensando as escolas de aplicação**. Brasília: MEC, 1993.

BUFFA, E.; NOSELLA, P. **A Educação negada** – introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. São Paulo: Cortez, 1991.

BUFFA, E. A questão das fontes de investigação em História da Educação. **Série-Estudos**. Campo Grande: UCDB, n.12, jul.dez. 2001.

BÚRIGO, E. Z. **Tradições Modernas**: reconfigurações da matemática escolar nos anos 1960. Boletim de Educação Matemática, vol. 23, nº 35, 2010, pp. 277-300. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro.

CALDERON, W. R. **O arquivo e a informação arquivística**: da literatura científica à prática pedagógica no Brasil. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

CANO, W. Crise e industrialização no Brasil entre 1929 e 1954: a reconstrução do Estado Nacional e a política nacional de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**, São Paulo, vol. 35, nº 3, pp. 444-460, setembro. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572015000300444. Último acesso em: 29 set. 2019.

CASTANHA, A. P. Retornas às fontes: desafios aos estudos histórico-educativos. In: SILVA, J. C. da; ORSO, J. P.; CASTANHA, A. P. e MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **História da educação**: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Alínea, 2013. p. 79-94.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria e Educação**, n. 2, 1990, p. 177-229.

COLLARES, M. M. Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: a trajetória de uma escola de ensino médio no contexto universitário. **Dissertação** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte. 1989.

CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA, II, 1957, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 1957.

DALLABRIDA, N. **A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário**. Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: uma visão do estado da arte**. Proposições. Campinas: UNICAMP, v. 4, n. 1, p. 7 – 17, 1993.

DASSIE, B. A. A matemática do curso secundário na Reforma Capanema. 2001. 170 f. **Dissertação** (Mestrado em Matemática) - Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

DAYRELL, J. T. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**: Revista de Ciências da Educação, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DIAS, F. C. **Universidade Federal de Minas Gerais**: Projeto intelectual e político. Editora UFMG. Belo Horizonte. 1997.

DUTRA, E. de F. Companhia Editora nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil dos anos 30. In: **I Seminário sobre o Livro e a História Editorial**, 2004, Rio de Janeiro.

ECO, U. **Psicologia do vestir**. 3.ed. Lisboa: Assirio e Alvim, 1989.

ERRANTE, A. Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p.141 – 174.

ESCOLANO, A. B. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: VIÑAO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIA FILHO, L. M. **Dos Pardieiros aos Palácios: cultura escolar urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, L. M; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14.

FARIA FILHO, L. M.. Fazer História da Educação com E. P. Thompson: trajetórias de um aprendizado. In: FARIA FILHO, L. M. de (org). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FÁVERO, M. L. A. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 17-36, Editora UFPR, 2006.

FERNANDES, D. N. Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível. **Tese (Doutorado em Educação Matemática)** – Universidade Estadual Paulista – Unesp, Rio Claro, 2011.

FERREIRA, A. C. A Formação de Professores de Matemática em Minas Gerais: o caso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais. **33ª Reunião anual da ANPEd**. Educação no Brasil: o balanço de uma década. Outubro 2010, Caxambu, Minas Gerais.

FIORENTINI, D. Alguns modos de ver e conceber o ensino de Matemática no Brasil. **Revista Zetetikê**, Ano 3, nº 4, Unicamp, Campinas / São Paulo: p. 1-35, 1995.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 2. ed. v. 01. Campinas/SP: Editora Autores Associados- (Coleção Formação de Professores). 2007.

FRANGELLA, R. C. Experiência e formação de professores: um estudo histórico no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GALLEGO, R. C. O quê e como ensinar? A arquitetura de tempos, ritmos e rituais de ensinar e aprender nas escolas primárias paulistas (1846 - 1890). In: CATANI, D. B.;

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALVÃO, A. M. O.; LOPES, E. M. T. Introdução. In: GALVÃO, A. M.; LOPES, E. M. T. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo. Ática, p. 11-19. 2010.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In **Zetetiké** (UNICAMP), Campinas, v.11, n. 19, p. 09-55. Jan./Jun. 2003.

_____. História oral e educação matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L.; FIORENTINI, D.; GARNICA, A. V. M.; BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção Tendências em Educação Matemática, 9).

_____. Manual de História Oral em Educação Matemática outros usos outros abusos. Guarapuava: **SBHMat**, 16, 2007.

_____. **A experiência do labirinto**: metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 213 p.

_____. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 20-35, 2010.

_____. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA M. de C.; ARAÚJO, J. de L. **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b, p. 79-100.

_____. História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método. Trabalho apresentado no **I Congresso Ibero Americano de História da Educação Matemática**, Covilhã, Portugal, 2011.

_____. História Oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral (Rio de Janeiro)**, v. 18, p. 35-53, 2015.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história Oral. **Bolema**. Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, SP, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GOMES, M. L. M. História da Educação Matemática: a propósito da edição temática do **BOLEMA**. **Bolema**. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 23, p. vii-xxvii, 2010.

HADDAD, M. L. A. Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Raízes da ideia de Universidade na UFMG. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

HADDAD, M. L. A. **Faculdade de Filosofia de Minas Gerais**. Sementes do espírito universitário. Belo Horizonte. Phorum Consultoria, 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUTCHINSON, B., et al. Mobilidade e trabalho: um estudo na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: **Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos**, MEC, CBPE, 1960.

IANNI, O. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1971.

JÚNIOR GATTI, D. **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Uberlândia: EDUFU, 2015. p. 251-290.

KARNAL, L.; TATSCH, F. G. Documento e história. A memória evanescente. In PINSKY, C. B.(org). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-28.

KINPARA, M. M. Colégio de Aplicação e a prática de ensino: questões atuais. 1997. 141 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAUAND, L. J. **Educação, teatro e matemática medievais**. São Paulo: Perspectiva/Editora Universidade de São Paulo, p. 19-25, 1986.

LEON, A. D.; AMARAL, G. L. Associação Sul Rio-Grandense de Professores e Associação Católica de Professores: aprofundamento sobre a organização do professorado nas décadas de 1930 e 1940. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 23, maio/ago. 2010, p. 91-104.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5 ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, I. **A fotografia é a sua imagem mesmo**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

LIMA, R. E. Imagens da memória da Faculdade de Letras. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, vol.18, jul-dez, 2008, p. 91-104.

LIMA, R. N. de S. Trabalho de construção de material instrucional de matemática elementar com vistas a um programa de treinamento à distância para professores de 1º grau. 1981. 250 p. **Dissertação** (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática), Universidade de Campinas, Campinas, 1981.

LIMA, R. N. S. **Proposta AME: Atividades Matemáticas que Educam: a primeira EaD na UFMG**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.

LONZA, F. **História do Uniforme escolar no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2005.

LOPES, E. M.T. **Santo Antônio**. Belo Horizonte. Conceito, 2015.

- LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MARCON, M. D. Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul). **Dissertação** (Mestrado em Educação). Caxias do Sul, 2010.
- MARQUES, A. S. Tempos pré-modernos: a Matemática escolar nos anos 1950. **Dissertação** (Mestrado em Matemática). PUC/SP. São Paulo, 2005.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: Um exame da década de 1960. Rio Claro, 2012. 374f. **Tese** (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.
- MAUAD, A. M. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, Suzana L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MELLO, J. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (org). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- MIGUEL, A; BRITO, A. de J. A história da matemática na formação de professores. **Cadernos CEDES** n° 40, Campinas (SP): Papyrus, p. 47-61, 1996.
- MIGUEL, A.; MIORIM, M. A. A constituição de três campos afins de investigação: História da Matemática, Educação Matemática e História & Educação Matemática. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 4, n. 8, p. 35-62, 2001.
- MINHOTO, M. A. P. Da progressão do ensino elementar ao ensino secundário (1931-1945): crítica do exame de admissão ao ginásio. São Paulo. 322 p. **Tese** (Doutorado em Educação) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2007.
- MIORIM, M. A. **Introdução à História da Educação Matemática**. São Paulo: Atual, 1998.
- MORAES, C. M.; MELLO e SOUSA, J. C.; BEZERRA, J. M. Apostilas de didática de matemática. Rio de Janeiro: CADES, 1959.
- MORAES, M. C. M. **Reformas de ensino, modernização administrada: a experiência de Francisco Campos – anos vinte e trinta**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 2000.
- MOREIRA, A. F. B. **Currículos e Programas no Brasil**. Campinas: Papyrus, 1990.

MOURA, E. C. M. O Ensino de Matemática na Escola Industrial de Cuiabá/MT no Período de 1942 a 1968. 2012. 127f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

MOURÃO, P. K. C. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1887-1930)**. Belo Horizonte, Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962.

NAKAMURA, M. E. F. P. Ginásios Vocacionais: estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960. 2017. 627 p. **Tese** (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

NOSELLA, P.; BUFFA, E. **Instituições Escolares: Por que e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

NUNES, C. **Escola e Dependência: o ensino secundário e a manutenção da ordem**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

NUNES, C. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. In: SAVIANI, D.; CUNHA, L. A. CARVALHO, M. M. C. (Orgs.). **Revista Brasileira de Educação – 500 anos de Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados/ANPED, n.14, maio/jun./jul./ago., 2000, p. 35-60.

OLIVEIRA, M. C. A.; PIETROPAOLO, R. C. Traços de “Modernidade” nos artigos de matemática da Revista Escola Secundária. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 715-726, set./dez. 2008.

ORSO, P. J. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. In: SILVA, J. C. da; ORSO, J. P.; CASTANHA, A. P.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **História da educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica**. Campinas: Alínea, 2013. p. 34-48.

ORTIZ, R. **A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PINSKY, C. B. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. P. 607 -639.

PONTE, J. P. O desenvolvimento profissional do professor de Matemática. **Educação e Matemática**. n. 31. 1994, p. 9-12; 20.

PONTE, J. P. Da formação ao desenvolvimento profissional. In: **ACTAS do Profmat 98**. Lisboa: Associação dos Professores de Matemática, 1998.

PORTELI, A. História Oral e Poder. **Mnemosine**. Vol. 6, nº 2, p. 2-13, 2010.

PORTELLI, A. **A Morte de Luigi Trastulli e Outros Ensaio: ética, memória e acontecimento na história oral**. Portugal: Edições Unipop. 2013.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUELUZ, M. L. P. **Design & Identidade**. Curitiba: Peregrina, 2008.

RABÊLO, J. M. **Belo Horizonte: do arraial à metrópole - 300 anos de história**. Belo Horizonte: Graphar, 2013.

RAGAZZINI, D. “Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?”. In: **Educar em revista**. n. 18/2001. Curitiba: Editora UFPR, 2001 p. 13-28.

RIBEIRO, M. V. T. Os arquivos das escolas. In: NUNES, C. (Coord.). **Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira**. Brasília: INEP, 1992.

RIOS, D. F. Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de uma instituição modernizadora. **Tese** (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Salvador, 2012.

ROCHA, J. L. A matemática no curso secundário na Reforma Francisco Campos. 2001. 203 f. **Dissertação** (Mestrado em Matemática) – Departamento de Matemática. Rio de Janeiro: PUC. 2001.

RODRIGUES, Almerinda M. R. V. O movimento da Escola Nova no sul de Mato Grosso: uma análise de suas contribuições para a educação do Estado na primeira metade do século XX. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2006.

ROLKOUSKI, E. Vida de Professores de Matemática: (im)possibilidades de leitura. **Tese** (Doutorado em Educação Matemática). 2006. 298p. Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 23. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1978.

SANGIORGI, O. Introdução da Matemática Moderna no ensino secundário. In: **GEEM**. Matemática moderna para o ensino secundário. São Paulo, IBCEC, 1962. p.1-14.

SANTOS, M. C. V. dos. A interferência dos sinais de pontuação em textos em prosa na proficiência de leitura oral. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: 2008.

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Org). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 3-12.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 1 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2007, 472p.

SCHUBRING, Gert. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha: um estudo de caso na transmissão de conceitos. **ZETETIKÉ** – CEMPEM – FE/UNICAMP. v. 7, n. 11, p. 29-50, jan./jun. de 1999.

SCHMITT, J. C. A história dos marginais. In: LE GOFF, J. **A História Nova**. Tradução: Eduardo Brandão. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, L. M. (org). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

SILVA, G. B. **A educação secundária: perspectiva histórica e teoria**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SOARES, F. Movimento da Matemática Moderna no Brasil: Avanço ou Retrocesso. **Dissertação** (Mestrado em Matemática). PUC/RJ. Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, J. V. A. de. Licenciaturas da UFMG no período de 1968-1996. In: FILHO, L. M. de F; SOUZA, J. V. A. de; FONSECA, N. M. L. (org). **Formação Docente na UFMG: história e memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

SOUZA, L. A. Narrativas na investigação em história da educação matemática. In: **Revista de Educação. PUC-Campinas, v. 18, n° 3, 2013.**

SOUZA, R. F. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, A. H. L. Uma escola sem muros: Colégio Estadual de Minas Gerais (1956 – 1964). **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2011.

THIENGO, E. R. A Matemática de Ary Quintella e Osvaldo Sangiorgi: um estudo comparativo. 2001. 153f. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2001.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VALENTE, W. R. **Uma História da Matemática Escolar no Brasil (1730-1930)**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 1999.

_____. **O nascimento da Matemática do Ginásio**. Annablume Editora. São Paulo. 2004.

_____. No tempo em que normalistas precisavam saber Estatística. **RBHM**, Especial no 1, p. 357-368, 2007.

_____. **Osvaldo Sangiorgi: um professor moderno**. São Paulo: Annablume; CNPq, 2008.

_____. Livro didático e educação matemática: uma história inseparável. **Zetetiké**–Cempem–FE –Unicamp. v. 16, n. 30, 2008a.

_____. Apontamentos para uma história da avaliação escolar em matemática. In: VALENTE, Wagner Rodrigues (org.). **Avaliação em matemática: História e perspectivas atuais**. Campinas, SP: Papirus, 2008b. p. 11-38.

VASCONCELOS, M. C. C. **A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos**, Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.

VIDAL, D. G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, R. F. e VALDEMARIN, V. T. (orgs.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr, p.3-30.

VEIGA, C. G. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2008, vol.13, n.39, p.502-516.

WERNECK, A. P. T. Euclides Roxo e a Reforma Francisco Campos: A gênese do primeiro programa de ensino de Matemática Brasileiro. **Dissertação** (Mestrado Em Educação Matemática). São Paulo: PUC, 2003.

9 – FONTES ORAIS

BELISÁRIO, Eduardo. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

BERENSTEIN, Cláudio. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

BRAGA, Carlos Eduardo Rezende. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

BRITTO, Paula Apgaua. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 25 jun. 2018.

CARVALHO, Aloys de Meira. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 25 abr. 2018.

CASSIMIRO, Camélia Elizabeth dos Santos. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 26 jul. 2018.

COSENZA, Gilvan Westin. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 18 jul. 2018.

COSENZA, Gilvânia Westin. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 ago. 2018.

FERRARI, Maria Leonor Vianna. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 21 ago. 2018.

FERREIRA, Marco Antônio. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

GONTIJO, Marcus. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

GUIMARÃES, Rafael Rabelo. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 24 jul. 2018.

IVO, Luiz Santana. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

OLIVER JUNIOR, José Lima. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

PINHO, Paulo Ângelo De. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

SALIBA, Clemenceau Chiabi. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 04 jun. 2019.

SOUZA, Ana Maria Reis de. [2018]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 ago. 2018.

TASSARA, Carlos. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 13 abr. 2019.

WANNER, Paulo Sérgio. [2019]. Entrevistadora: Renata Alves Costa. Belo Horizonte, 22 mai. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social

Renata Alves Costa

**O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UMG/UFMG: memórias, práticas
educativas e ensino de Matemática (1954-1968)**

VOLUME II

Belo Horizonte – MG
2021

RESUMO

Neste volume, estão disponibilizados os apêndices e anexos da tese “O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UMG/UFMG: memórias, práticas educativas e ensino de Matemática (1954-1968)”. Inicialmente, trazemos o texto de apresentação da pesquisa e os termos de consentimento livre e esclarecido. Na sequência, apresentamos o roteiro das entrevistas utilizado nos encontros com nossos colaboradores e as onze textualizações elaboradas a partir dos depoimentos gravados e transcritos de três professores de Matemática, quinze ex-alunos do C.A e uma orientadora e uma cópia das cartas de cessão de direitos assinadas pelos entrevistados. Compartilhamos, também, alguns documentos que poderão contribuir para novas pesquisas.

Palavras-chave: Colégio de Aplicação da UFMG. Ensino e aprendizagem da Matemática. História da Educação Matemática. História Oral. História das instituições.

LISTA DE FIGURAS

Volume II

Figura 38 - Capa do livro Problemas de Matemática, Primeira Série Ginásial, de 1954. Jacomo Stavále.....	291
Figura 39 - Livro Programa de Admissão, de 1958.....	292
Figura 40 - Livro Curso de Admissão ao ginásio, de 1958.....	292
Figura 41 - Quatro cadernetas do Ginásio e três do Científico.....	415
Figura 42 - Sete páginas da caderneta do segundo ano de Ginásio de 1959.....	415
Figura 43 - Foto de ex-alunos do Colégio de Aplicação.....	416
Figura 44 - Foto da equipe feminina de vôlei do Colégio de Aplicação.....	416
Figura 45 - Foto da excursão para a Gruta de Maquiné.....	416
Figura 46 - Foto da excursão para a praia do Canto, em Vitória.....	417
Figura 47 - Foto do convite especial dos formandos do Ginásio de 1962.....	417
Figura 48 - Foto do convite de formatura dos formandos do Ginásio, do Clássico e do Científico de 1965.....	417
Figura 49 - Fotos do encontro dos ex-alunos do Colégio de Aplicação no Minas Tênis I. Dia 13 de abril de 2019.....	418

SUMÁRIO – VOLUME I

Apresentação.....	19
1 - MODERNIZAR, ENSINAR E PRATICAR: a constituição dos Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro	26
1.1. Processo de criação dos Colégios de Aplicação: os caminhos percorridos	26
1.2. Da constituição da Faculdade de Filosofia à criação dos Ginásios de Aplicação: produzindo instituições-modelo.....	35
1.3. A Faculdade de Filosofia de Minas Gerais: um projeto de aspiração intelectual para Belo Horizonte	40
1.4. “Um dos meios mais práticos para ensinar os professores a ensinar”: a criação do Ginásio de Aplicação da UMG	46
2 - FONTES.....	52
2.1. Arquivos.....	53
2.2. Fotografia.....	62
2.3. História Oral.....	67
2.4. Colaboradores da Pesquisa.....	77
2.4.1. Os entrevistados.....	87
3 - ESTRUTURA INSTITUCIONAL, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, ESPAÇO ESCOLAR: modos de organização do Colégio de Aplicação.....	97
3.1. A organização institucional do Colégio de Aplicação.....	97
3.2. Um “verdadeiro vestibulinho para entrar”: o exame de Admissão no Colégio de Aplicação	117
3.3. “Então era essa varanda em torno do colégio todo, com as salas laterais, e durante o intervalo era aquela comunhão de todo mundo”: espaços e tempos escolares no Colégio de Aplicação.....	124
4 - OS ESTUDANTES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.....	139
4.1 Quem eram os estudantes do Colégio de Aplicação?	140
4.2 Cultura e sociabilidade entre os estudantes do Colégio de Aplicação	154
4.3 Por que ir para o Colégio de Aplicação?	165
4.4 Uniformes e cadernetas: cenas do cotidiano dos estudantes do Colégio de Aplicação	168
5 - OS PROFESSORES.....	174

5.1 Formas de ingresso dos professores	175
5.2 A formação e o desenvolvimento dos professores de Matemática do Colégio de Aplicação	186
5.3 Experiências Docentes	195
6 - O ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.....	203
6.1 Programas de Matemática para o Ensino Secundário	204
6.1.1 A Disciplina Matemática do Ensino Secundário e seus primeiros programas	205
6.1.2 Os programas de Matemática nas décadas de 1950 e 1960, os congressos brasileiros de ensino de Matemática e o movimento da Matemática Moderna	207
6.2 Professores, práticas pedagógicas e recursos didáticos no ensino de Matemática do Colégio de Aplicação	213
6.2.1 O livro didático	233
6.2.2 Avaliação	244
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
8 - Referências.....	261
9 – Fontes Oraís.....	272

SUMÁRIO – VOLUME II

RESUMO	275
LISTA DE FIGURAS.....	276
APÊNDICES.....	280
APÊNDICE A - Apresentação inicial da pesquisa.....	280
APÊNDICE B - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido.....	282
APÊNDICE C - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (Entrevista Coletiva).....	285
APÊNDICE D - Roteiro para elaboração das perguntas das entrevistas.....	288
APÊNDICE E - Roteiro para elaboração das perguntas da entrevista coletiva.....	289
APÊNDICE F - Memórias do ensino e aprendizagens da Matemática no Colégio de Aplicação da UMG.....	290
Aloys de Meira Carvalho.....	291
Paula Apgaua Britto.....	319
Gilvan Westin Cosenza.....	330
Rafael Rabelo Guimarães.....	339
Camélia Elizabeth dos Santos Cassimiro.....	354
Gilvânia Westin Cosenza.....	363
Ana Maria Reis de Souza.....	383
Maria Leonor Vianna Ferrari.....	400
Carlos Eduardo Rezende Braga, Carlos Tassara, Cláudio Berenstein, Eduardo Belisário, José Lima Oliver Junior, Luiz Santana Ivo, Marco Antônio Ferreira, Marcus Gontijo, Paula Apgaua Britto, Paulo Ângelo de Pinho.....	414
Paulo Sérgio Wanner.....	431
Clemenceau Chiabi Saliba.....	449
APÊNDICE G - Cartas de cessão de direitos.....	472
ANEXOS.....	477
ANEXO I – Ata de instalação do Ginásio de Aplicação.....	477
ANEXO II - ata da seção solene de inauguração do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.....	480
ANEXO III – Ata da instalação do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.....	483
Anexo IV - Programas de Matemática do curso ginásial e colegial da Portaria Ministerial nº 1045 de 14 de dezembro de 1951.....	485
Anexo V - Sugestões para um roteiro de Programa para a cadeira de Matemática.....	494

APÊNDICES

APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO INICIAL DA PESQUISA

A entrevista que realizaremos tem por finalidade a coleta de dados para a tese de doutorado que será desenvolvida por *Renata Alves Costa* junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Laura Magalhães Gomes.

O objetivo desta pesquisa é construir uma história do ensino de Matemática do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, a partir de narrativas de alunos, funcionários e professores presentes na escola no período de 1954 a 1968.

Assumindo como base metodológica a *História Oral*, ressaltamos aos entrevistados que, com os depoimentos, pretendemos: analisar as práticas adotadas pelos professores entrevistados, sua metodologia de trabalho, os recursos empregados e os materiais didáticos utilizados; destacar a formação acadêmica e profissional dos professores do CA e compreender possíveis reflexos dessa formação em sua atuação pedagógica; especificar e caracterizar os principais conteúdos e conceitos de Matemática que eram trabalhados no Ensino Secundário pelos professores e alunos entrevistados e, se possível, analisar materiais utilizados por eles e livros didáticos adotados; investigar elementos relacionados às práticas docentes desses educadores, tais como sua formação acadêmica, motivações pessoais, questões políticas, curriculares, etc; analisar, nos documentos oficiais, as propostas educacionais voltadas para o Ensino Secundário e suas indicações para o ensino de Matemática no período considerado, buscando conhecer o contexto educacional da época.

O procedimento metodológico a ser adotado terá diversas etapas, cujos registros serão disponibilizados na íntegra a cada entrevistado: a gravação em áudio da entrevista, a transcrição literal do que foi dito, a textualização (edição do texto). A apresentação dessas três fases se dará para que o entrevistado dê sua aprovação ou proponha adequações, alterações, inclusões e/ou exclusões, mediante sua assinatura de uma carta de cessão de direitos dos documentos produzidos.

O entrevistado terá plena liberdade para, se desejar, restringir a utilização e/ou divulgação do áudio/visual resultante da entrevista. O material produzido na entrevista e a partir da entrevista será arquivado no Núcleo de Matemática do Centro Pedagógico da

UFMG, situado na Avenida Antônio Carlos 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270901. e ficará sob a sua responsabilidade, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistadora e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito dessa fonte historiográfica.

Neste ensejo, agradecemos desde já a participação de cada colaborador.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Profa. Dra. Maria Laura Magalhães Gomes
Professora-orientadora

Renata Alves Costa
Pesquisadora

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa “*História do Ensino de Matemática no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (1954-1968)*” que tem como objetivo construir uma história do ensino de Matemática do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, a partir de narrativas de alunos, funcionários e professores presentes na escola no período de 1954 a 1968.

Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos gravar, em áudio, as falas e depoimentos de professores, alunos e funcionários, que atuaram ou foram alunos no período mencionado. E é por isso que você está sendo convidado(a). A coleta de suas falas e depoimentos poderá acontecer em sua residência ou local de trabalho, na residência ou local de trabalho da pesquisadora, ou em qualquer outro local acordado entre você e a pesquisadora. O tempo estimado para realização da entrevista é entre 30 minutos a duas horas, mas pode variar, para mais ou menos tempo, de acordo com a quantidade de informações prestadas por você.

Esclarecemos que sua participação é voluntária e assumimos o compromisso de propiciar assistência e eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes de sua participação na pesquisa. Os riscos a que você estará sujeito na pesquisa são mínimos e dizem respeito a algum possível tipo de ansiedade ou desconforto no tocante às perguntas que lhe serão feitas e também ao tempo dedicado a respondê-las. Para minimizar esses riscos, você terá acesso às perguntas antes de o seu depoimento ser gravado, poderá se recusar a responder qualquer questão específica e, caso você considere necessário, a entrevista poderá ser dividida em mais de uma sessão de modo a diminuir o desconforto pelo tempo despendido com ela. Além disso, você é livre para se recusar a participar da pesquisa e poderá retirar o seu consentimento em qualquer fase dela, sem qualquer penalidade.

Em hipótese alguma seu nome ou o material coletado nas gravações em áudio será divulgado sem sua autorização. Todo o material coletado será de responsabilidade da pesquisadora, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistado (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica, desde que esses futuros projetos sejam aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), bem como outras instâncias da Universidade Federal de Minas Gerais.

Caso seja autorizada a divulgação do material coletado, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. O destino final das gravações será seu arquivamento, no Núcleo de Matemática do Centro Pedagógico da UFMG, situado na Avenida Antônio Carlos 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270901.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo telefone (31) 3409 4592 ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP 31.270/901.

Este documento será assinado em duas vias, em que uma fica com as pesquisadoras responsável e corresponsável e outra com o participante da pesquisa.

Agradecemos desde já sua colaboração.

Atenciosamente,

Assinatura da Orientadora da Pesquisa
 Profa. Dra. Maria Laura Magalhães Gomes
 E-mail: mlauramgomes@gmail.com
 Telefone: (31) 3409 5780
 Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Belo Horizonte - MG

Assinatura da Pesquisadora Corresponsável
 Renata Alves Costa
 E-mail: renata.mat@gmail.com
 Telefone: (31) 34768338 ou (31) 985078338
 Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Belo Horizonte - MG

CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO COMO COLABORADOR NA PESQUISA: HISTÓRIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (1954-1968)

Declaro que, li e entendi as informações e os detalhes descritos neste documento.

Participarei desta pesquisa de acordo com os procedimentos descritos no corpo deste documento.

Autorizo a gravação em áudio de minhas falas durante a realização da pesquisa.

Todo o material coletado para o estudo pode ser guardado em banco de dados e utilizado na tese de doutorado que resultará desta pesquisa e em outras pesquisas de natureza educacional.

Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Nome legível do colaborador

Assinatura do colaborador

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(ENTREVISTA COLETIVA)**

Prezados(as) colaboradores(as),

Vocês estão sendo convidados(as) a participar voluntariamente da pesquisa “*História do Ensino de Matemática no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (1954-1968)*” que tem como objetivo construir uma história do ensino de Matemática do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, a partir de narrativas de alunos, funcionários e professores presentes na escola no período de 1954 a 1968.

Para que a pesquisa possa ser desenvolvida, pretendemos gravar, em áudio, as falas e depoimentos de professores, alunos e funcionários, que atuaram ou foram alunos no período mencionado. E é por isso que vocês estão sendo convidados(as) a participar de uma sessão de memória coletiva. A coleta das falas coletivas e depoimentos acontecerá no restaurante do Minas I. O tempo estimado para realização da entrevista é entre 30 minutos a duas horas, mas pode variar, para mais ou menos tempo, de acordo com a quantidade de informações prestadas por vocês.

Esclarecemos que a participação de vocês é voluntária e assumimos o compromisso de propiciar assistência e eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes de sua participação na pesquisa. Os riscos a que vocês estarão sujeitos na pesquisa são mínimos e dizem respeito a algum possível tipo de ansiedade ou desconforto no tocante às perguntas que lhes serão feitas e também ao tempo dedicado a respondê-las. Para minimizar esses riscos, vocês terão acesso às perguntas antes de o depoimento de vocês ser gravado, poderão se recusar a responder qualquer questão específica e, caso vocês considerem necessário, a entrevista poderá ser dividida em mais de uma sessão de modo a diminuir o desconforto pelo tempo despendido com ela. Além disso, vocês são livres para se recusar a participar da pesquisa e poderão retirar o consentimento em qualquer fase dela, sem qualquer penalidade.

Em hipótese alguma o nome de vocês ou o material coletado nas gravações em áudio será divulgado sem as devidas autorizações. Todo o material coletado será de responsabilidade da pesquisadora, com garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre entrevistador e entrevistados (via carta de cessão de direitos), o que também se aplica a qualquer uso futuro que venha a ser feito desta fonte historiográfica, desde que esses futuros projetos sejam aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), bem como outras instâncias da Universidade Federal de Minas Gerais.

Caso seja autorizada a divulgação do material coletado, os conhecimentos resultantes deste estudo serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. O destino final das gravações será seu arquivamento, no Núcleo de Matemática do Centro Pedagógico da UFMG, situado na Avenida Antônio Carlos 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270901.

Em caso de dúvida, vocês podem entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais, especialmente relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo telefone (31) 3409 4592 ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP 31.270/ 901.

Este documento será assinado em duas vias, em que uma fica com as pesquisadoras (responsável e corresponsável) e outra com os participantes da pesquisa.

Agradecemos desde já sua colaboração.

Atenciosamente,

Assinatura da Orientadora da Pesquisa
 Profa. Dra. Maria Laura Magalhães Gomes
 E-mail: mlauramgomes@gmail.com
 Telefone: (31) 3409 5780
 Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Belo Horizonte - MG

Assinatura da Pesquisadora Corresponsável
 Renata Alves Costa
 E-mail: renata.mat@gmail.com
 Telefone: (31) 34768338 ou (31) 985078338
 Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Educação
 Belo Horizonte - MG

CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO COMO COLABORADOR NA PESQUISA: HISTÓRIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (1954-1968)

Declaramos que, lemos e entendemos as informações e os detalhes descritos neste documento.

Participaremos desta pesquisa de acordo com os procedimentos descritos no corpo deste documento.

Autorizamos a gravação em áudio de nossas falas durante a realização da pesquisa.

Todo o material coletado para o estudo pode ser guardado em banco de dados e utilizado na tese de doutorado que resultará desta pesquisa e em outras pesquisas de natureza educacional.

Nós, voluntariamente, aceitamos participar desta pesquisa. Portanto, concordamos com tudo que está escrito acima e damos nosso consentimento.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Nome legível do colaborador

Assinatura do colaborador

APÊNDICE D: ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DAS PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS

A seguir, apresentamos alguns aspectos e objetivos que serão considerados na elaboração das perguntas e no desenvolvimento das entrevistas e diálogos com os colaboradores. Observamos, porém, que, dentre esses, os aspectos a serem focalizados em cada roteiro individual serão escolhidos em função da relação do entrevistado com a escola pesquisada, ou seja, dependendo de ter sido professor, aluno ou funcionário.

- Formação acadêmica;
- Experiência profissional;
- Foi professor efetivo ou contratado;
- Motivos que o levaram a ingressar no Colégio de Aplicação;
- Enumerar e descrever os principais conteúdos e conceitos de matemática que eram trabalhados;
- Metodologias utilizadas nas aulas - Características/Materiais/Livro didático/ Métodos/Recursos utilizados para ensinar Matemática.
- Indicar possíveis mudanças nas concepções de ensino de Matemática no Brasil (além do material utilizado) que influenciaram as práticas de ensino dessa disciplina no Colégio de Aplicação;
- Caracterizar a valorização do ensino de Matemática no colégio no período de atuação;
- Como era trabalhada a formação de professores de Matemática;
- Como era o ingresso no Colégio de Aplicação;
- Descrever os alunos no período de atuação;
- Caracterizar a estrutura física do colégio, disponível para o ensino de Matemática (ela atendia às necessidades dos docentes e dos discentes?);
- Como era a relação do Colégio de Aplicação com a Universidade;
- Como avalia a importância do Colégio de Aplicação para a cidade e a Universidade.

APÊNDICE E: ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DAS PERGUNTAS DA ENTREVISTA COLETIVA

- Motivos que o levou a ingressar no Colégio de Aplicação;
- Formação acadêmica após o Colégio de Aplicação;
- Enumerar e descrever os principais conteúdos e conceitos de matemática que eram trabalhados;
- Metodologias utilizadas nas aulas - Características/Materiais/Livro didático/ Métodos/Recursos utilizados para ensinar Matemática.
- Indicar possíveis mudanças nas concepções de ensino de Matemática no Brasil (além do material utilizado) que influenciaram as práticas de ensino dessa disciplina no Colégio de Aplicação;
- Caracterizar a valorização do ensino de Matemática no colégio no período de atuação;
- Como era trabalhada a formação de professores de Matemática;
- Como era o ingresso no Colégio de Aplicação;
- Descrever os alunos no período de atuação;
- Caracterizar a estrutura física do colégio, estrutura física das salas de aula, da escola, duração das aulas, intervalos, horário das aulas, se tinha monitores, estagiários, laboratórios, quantidade de alunos nas salas, disciplinas estudadas, etc.
- Como era a relação do Colégio de Aplicação com a Universidade;
- Como avalia a importância do Colégio de Aplicação para a cidade e a Universidade.

APÊNDICE F: MEMÓRIAS DO ENSINO E APRENDIZAGENS DA MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UMG.

A seguir apresentamos as textualizações construídas a partir das conversas com nossos colaboradores, que narraram sobre o ensino e a aprendizagem de Matemática no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da UFMG.

ALOYS DE MEIRA CARVALHO – 85 ANOS

Ex – professora de Matemática do CA: 1955 – 1984

Data da Entrevista: 25/04/2018

Meu primeiro contato com a professora Aloys foi por meio do livro de ponto de 1955 encontrado nos arquivos do Centro Pedagógico da UFMG. Esse primeiro contato foi em 2016, enquanto eu elaborava o projeto para ingressar no doutorado. Fiz uma lista com professores cujos nomes estavam no livro de ponto e procurei informações para futuro contato com eles.

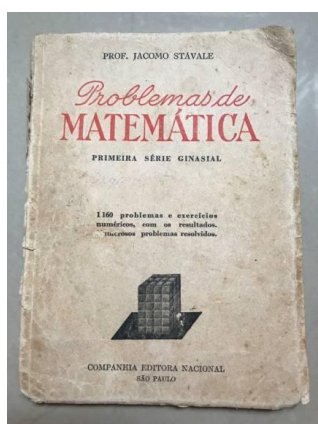
Após aprovação do COEP, em abril de 2018, liguei para a professora Aloys. Expliquei a ela sobre a pesquisa e ela me respondeu de maneira muito simpática. Aceitou participar e combinamos de eu levar, em nosso encontro, a Apresentação da Pesquisa e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Fui à casa dela no dia 18 de abril e fui muito bem recebida. Dona Aloys, então com 85 anos, mostrou ter uma memória incrível. Conversamos por longo tempo e ela me contou alguns episódios que viveu no Colégio de Aplicação, um pouco sobre sua família, a construção da sua casa próxima ao Colégio de Aplicação, o apoio recebido da professora Alaíde Lisboa para sua permanência no Colégio, o curso que fez com o professor Reginaldo Naves de Souza Lima e o seu material de ensino inovador em sua atuação posterior no Centro Pedagógico.

Quando fomos procurar um melhor dia e horário para agendar a entrevista, ela me disse que à noite não era possível, pois gosta de assistir televisão e fazer seus bordados. Na sexta-feira ela também não poderia, pois era o dia dos netos almoçar em casa com ela. Agendamos o encontro para o dia 25 de abril, uma quarta-feira.

Dona Aloys, sempre muito simpática, mostrou-se descontraída, com olhar distante, e houve momentos em que parecia ter voltado no tempo. Tivemos uma tarde muito agradável, o que tornou suave aquele momento importante da pesquisa.

No final de nossa entrevista, ela me presenteou com livros utilizados por ela como professora no curso de admissão e no ginásio.



“Este é o primeiro livro que trabalhei no Ginásio”

Figura 38: Capa do livro Problemas de Matemática, Primeira Série Ginásial, de 1954. Jacomo Stavale.

Figura 39 - Livro Programa de Admissão, de 1958.



Fonte: Arquivo pessoal Aloys Meira Carvalho

Figura 40 - Livro Curso de Admissão ao ginásio, de 1958.



Fonte: Arquivo pessoal Aloys Meira Carvalho

“Estes dois livros eu utilizei para dar aulas no curso de admissão.”

Eu fiz um curso muito bom no primário, no Ginásio e Científico no colégio Santa Maria¹⁴³. O colégio era só para mulheres. Era uma escola dirigida por freiras. Estudei lá por 11 anos, foi o que meu pai deixou para mim de mais importante.

Meu pai veio de uma classe humilde, não tinha conhecimento quase nenhum então, ele batalhava para manter a família com o comércio, dirigindo um lugar, ou fazendo casas e vendendo, batalhando para ser alguém e para conseguir manter a família.

A minha mãe era de origem italiana, de uma família de 14 pessoas. Ela foi muito importante para mim. Apesar de não ter muito conhecimento, de sua simplicidade, de nunca ter estudado, ela tinha uma habilidade em tudo, e em pequenas coisinhas nos ensinava a ser gente. Ela dizia: “Se você vai costurar só pega a linha que precisar, não deixe desperdiçar a linha, porque o diabo está lá no inferno rolando nas linhas que você deixa”. “Se você tem dinheiro, gaste só o que você pode, não pode ir além daquilo que

¹⁴³ O Colégio Santa Maria, inaugurado em 20 de julho de 1903 pelas Irmãs Dominicanas da congregação religiosa da França, com apoio do Conselheiro Afonso Pena e do Barão do Rio Branco, ministro das relações interiores do Brasil da época. A primeira sede do Colégio Santa Maria foi no palacete Antônio Olinto, onde hoje se localiza a Igreja Nossa Senhora de Lourdes. A segunda sede foi no palacete do Conde de Santa Marinha, perto da Estação Rodoviária. O Colégio Santa Maria instalou-se em sua sede definitiva em 22 de maio de 1909, na região das ruas Pouso Alegre e Jacuí, no bairro Floresta, onde desenvolveu e ampliou suas atividades. <http://www.santamaria.pucminas.br> Último acesso em: 20 nov. 2018.

você não tem”. Então, foi uma educação muito boa que recebi dela, para me formar uma cidadã cumpridora dos meus deveres, uma cidadã que respeita a autoridade, que hoje em dia não tem!

A gente respeitava o Presidente da República, me lembro de quando Getúlio Vargas veio aqui em Minas Gerais, nós colocávamos a mão no peito cantando o hino da bandeira nacional. Então, foi assim, uma educação muito boa para mim. Acho que, além do conhecimento que devemos ter em várias áreas, também temos que ter esses princípios.

Quando eu me formei no Colégio Santa Maria, as freiras queriam que eu fizesse Pedagogia na Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), que funcionava na Praça da Liberdade¹⁴⁴. Então, fui me inscrever para o curso de Pedagogia da PUC-MG, e quando estava descendo a Avenida João Pinheiro, me encontrei com um rapaz que virou para mim e falou assim: “eu te conheço!” Naquela época, os rapazes iam para a porta das escolas das meninas, e a minha escola era uma escola só de mulheres, então os rapazes iam muito lá. Então, eu conhecia esse rapaz da porta da minha escola. Ele me perguntou o que eu ia fazer. Disse que estava indo fazer minha inscrição para o curso de Pedagogia, então ele me disse: “não faz Pedagogia lá não, faz na Universidade Federal. Eu nem sabia que existia uma Universidade Federal. Existe um Instituto de Educação, vai lá e procura a Denakê¹⁴⁵, conversa com ela”.

Resolvi então, ir à Universidade Federal. Quando cheguei lá, procurei a Denakê, que me falou: “minha filha, faz o curso de Matemática, que não tem ninguém. Você gosta de Matemática?” Me lembrei de que tive uma professora de Matemática, chamada Beatriz Alvarenga, hoje ela é muito famosa. Ela era ótima professora, e eu ótima aluna de Matemática! Então pensei: vou fazer Matemática! Falei com a Denakê: “muito bem, vou me inscrever em Matemática!” Eu fiz Matemática por causa da Dona Beatriz.

Hoje em dia, ela já deve estar bem idosa, ela é minha amiga, foi minha amiga no Centro Pedagógico. Ela foi responsável por eu avançar na minha carreira enquanto professora da UFMG. Ela sempre foi uma pessoa incrível na minha vida, a Beatriz

¹⁴⁴ A Praça da Liberdade foi construída em 1903. Projetada por Araújo Reis para compor a nova capital. Durante muitos anos abrigou a sede do poder mineiro, como o Palácio do Governo e as primeiras secretarias. Atualmente foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – Iepha-MG. <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/servico-turistico/espaco-para-evento/aberto/praca-da-liberdade> Último acesso em: 20 nov. 2018.

¹⁴⁵ Denakê Pinto Gualberto foi admitida em março de 1942, para o cargo de secretária na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Alvarenga. E o primo dela, o Jenner Alvarenga, que sempre reunia a turma formada em 1953; até há pouco tempo, todo ano nós nos reuníamos no Minas Tênis Clube, todo ano. Hoje ele já é falecido, então acabaram nossos encontros. Às vezes, a Beatriz aparecia em nossos encontros.

Tenho uma recordação muito boa da professora Beatriz. Nós fizemos uma excursão com ela para São Paulo, e depois Curitiba, e ela foi a nossa salvação. Nós fomos com duas freiras do Colégio Santa Maria que eram beatas demais, e a professora Beatriz era nossa alegria. Ah, mas foi uma festa essa viagem que nós fizemos com a Beatriz. Ela era nova ainda, ela devia ter uns vinte e poucos anos e nós devíamos ter uns 14, 15 anos. Ela se igualava com a gente. Mas foi uma excursão que não me esqueço nunca da farra que nós fizemos com ela.

A professora Beatriz Alvarenga foi uma excelente professora, a matemática que ela ensinou está até hoje em minha memória. Não tenho muita memória do Ginásio, mas do Científico me lembro com detalhes, interessante, não é?

A Matemática do Ginásio aprendi depois para dar aula particular. Na faculdade tive um professor, o professor Henrique Morandi¹⁴⁶, que me indicava para dar aula particular. As aulas eram para gente importante, gente importante mesmo, e ele me passou esses alunos. Eu agradeço muito a ele. Hoje ele já é falecido. Os alunos eram filhos de deputados, filhos de políticos, gente fina, filhos de professores, muitos iam a minha casa me buscar para dar aula para os filhos deles. E tem vários que já não me recordo mais, viraram políticos, viraram professores... Agradeço ao professor Morandi que passou os alunos dele para mim.

O professor Morandi foi meu professor na faculdade. Ele me deu aula de Mecânica Celeste, no último ano. Ele não sabia nada dessa matéria, nada, e eu muito menos. Eu era a única aluna, então, ele lia um pouco, dava uma aula sobre algum assunto, e mandava anotar tudo, e eu anotava tudo. No fim do ano ele dizia: “este caderno é meu, viu!” “Me dá este caderno aqui!”

O professor Morandi foi um excelente professor. E depois de muitos anos eu fui encontrar com esse professor em uma casa aqui do lado. A filha da minha vizinha era

¹⁴⁶ Henrique Morandi Catedrático de Matemática do Colégio Municipal de Belo Horizonte. Professor de Didática Especial de Matemática da UFMG. Também foi professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG, tendo lecionado a disciplina Prática de Ensino de Matemática. Autor de livros didáticos. Faleceu em abril de 2010.

casada com o filho dele. Ela deu uma festa aqui comemorando 50 anos de casada, e olha quem eu encontro aí! O professor Morandi.

Ele foi um excelente professor, porque éramos eu e ele. Para que ensinar muita coisa, para quê? Mas ele precisava aprender, porque foi contratado como catedrático. E ele era um professor bonito, com os olhos azuis e todo mundo dizia: “Ah, aquele professor é tudo de bom!” “Ah, meu Deus!” Naquela época eu tinha um namorado. “Ah, mas que maravilha, o professor Morandi, não sei o quê...!” Um dia, precisei ir à casa dele, não sei para fazer o quê. Ele era casado e tinha 11 filhos. Apareceu lá no meio daquela mocidade toda, aquele professor com olhar, ele tinha os olhos azuis que era uma coisa de chamar atenção. E todo mundo amava, a cidade toda: “Ah, aquele professor é tudo de bom!” Eu na época não via isso, porque eu tinha namorado.

O curso que fiz com ele foi bom. Ele foi um dos poucos professores que deram aula. Apesar de ele não dar aula, ele estudava junto comigo. Ele pegava o livro e estudava junto comigo, tanto que ele foi um companheiro. Quando formei, tínhamos que homenagear um professor e eu o homenageei. Ele foi muito grato por isso, me deu uma coleção de livros que nem sei onde guardei. O curso superior tem umas matérias que não têm sentido, ainda hoje, não têm sentido, têm?

Física, por exemplo. O meu curso de Física foi na Escola de Engenharia. No fim do ano, o professor passava muitas coisas na época, e a faculdade estava sendo formada, estava sendo formada ainda.

O professor Dantas, Edmundo Dantas, chegava perto de mim e falava assim: “você mulher, é burra!” “Mas o que é isso professor, eu já estou no curso superior!” “As mulheres são burras! Olha, vou dar uma aula para você, mas você não precisa aprender não!” Belíssima aula, aí, ele ia para o quadro e fazia algumas coisas que eu não entendia nada. Escrevia, fazia cálculos bonitos no quadro-negro, e no fim: “muito bem, Professor, muito bem!” E me dava nota boa. Ele dava nota, não fazia prova, não fazia nada, ele dava nota. Como posso reclamar? Como podia reclamar?

Ele era um professor presente. Ele ia à sala de aula, e eu sozinha no 2º ano. No 3º ano, teve o Alfredo, mas ele vinha em muito poucas aulas. Ia só ao que o interessava. Por exemplo, essa de Mecânica Celeste que Morandi deu, ele não ia. Ele ficava assim: “vergonha, vergonha, eu não vou não!” Já tinha outras áreas que ele ia porque gostava! A tal Análise. Curso de Análise ele ia. Era um curso muito pesado, mas eles não exigiam da gente. Éramos pouquíssimos!

Eu entrei na Faculdade de Filosofia naquela época por meio de um vestibular, e o curso de Matemática ainda era muito precário, porque era tudo provisório. Fizemos as provas no Instituto de Educação, passei. Então, comecei a estudar no Instituto de Educação, depois passamos para o Edifício Acaiaca¹⁴⁷. Arrumaram também, uma sala na rua Tamoios. As Físicas, fizemos na Escola de Engenharia, e tudo era muito precário. Os professores ficavam perdidos, não sabiam onde dar a aula, se era ali, se era aqui. Foi uma época que estava iniciando a universidade.

Eu não fiz um bom curso. Passei em tudo, fui bem, mas pouco aprendi ali. Nós éramos poucos. No 1º ano éramos sete alunos, e no 2º ano só eu, e no 3º ano veio um aluno do Rio de Janeiro que foi o meu colega, mas também quase não frequentava as aulas; então, os professores ficaram desanimados de dar aula só para mim. Quando iam dar aula, achavam muito bonito falar e escrever no quadro alguma coisa, e eles mesmos davam notas para eles; prova, a gente pouco fazia. Considero que foi muito precário todo o ensino no Edifício Acaiaca.

Me formei em 1953, depois em 1954 fiz o curso, antigamente chamava curso de Didática, passei a ser bacharel¹⁴⁸. Me formei em 1954 no curso de Didática, e já dava algumas aulas particulares, em colégios iniciantes, também já dava aula, mas era doida para arrumar um lugar para dar aula, uma coisa assim, melhor.

No fim de 1954, perto do Natal, encontrei com a Marina Veloso, que era secretária da Faculdade de Filosofia, e ela falou assim para mim: “Aloys, tenho uma proposta fantástica para te fazer. Não é para você ganhar nada, mas você vai ter que dar aula no Admissão¹⁴⁹ no mês de janeiro, mês de férias! Ninguém quer, ninguém quer. Mas estou te fazendo essa proposta, porque vou te falar, é coisa de futuro! Pode aceitar!” Aceitei, vim aqui para a Rua Carangola, para o Colégio de Aplicação, no mês de janeiro.

Comecei dando aula para uma turma, deveria ter uns 40 alunos mais ou menos. Os alunos foram muito bem, e parece que houve um pedido dos outros professores de Matemática e Português que dessem mais um reforço para os alunos aprovados no

¹⁴⁷O Edifício Acaiaca foi inaugurado em 1947, situado à Avenida Afonso Pena, 867, no Centro de Belo Horizonte. Foi o primeiro arranha-céu da cidade com 130 metros de altura. <http://www.belo-horizonte.mg.gov.br/bh-primeira-vida/arquitetura/edificio-acaiaca-o-arranha-ceu-de-belo-horizonte> Último acesso em: 29 nov. 2018.

¹⁴⁸ A entrevistada fez confusão: após o curso de Didática o aluno se tornava licenciado.

¹⁴⁹Os Cursos de Admissão foram preparatórios para o ingresso no Curso Ginásial. Os alunos, após concluírem o ensino primário, faziam o exame para admissão ao ginásio. Esse exame foi instituído pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, que reformou o Ensino Secundário. Oficialmente os exames de admissão ao ginásio permaneceram até 1971 (Minhoto, 2007).

exame de admissão. Então, eu e mais um professor de Português entramos para dar aula lá, e quando foi no fim de janeiro... E isso, eu não ganhava nada. No fim de janeiro me convidaram para continuar a fazer aquele curso durante um ano, e então aceitei, estava gostando de lá, eu aceitei; formaram duas turmas, e logo encheu de gente;

Colégio gratuito, então, comecei a dar aula lá. Gostava demais, uma turma selecionada, só gente de muito... uma classe média bem selecionada. Fiquei lá uns tempos, quando houve para mim um convite para trabalhar na Escola Normal Sandoval de Azevedo em Ibitité, se chamava assim: Fazenda do Rosário¹⁵⁰. Era a dona Helena Antipoff¹⁵¹ que estava à frente. Ela foi à minha casa pedir, por favor, se eu poderia dar aula lá.

Conversei com a Marina, pois a Marina para mim era tudo, naquela época; Ela falou assim: “Aloys, faz o seguinte, você pede uma licença aqui, arruma uma pessoa para dar aula no seu lugar, vai experimentar lá e vê se você gosta!”

Dona Helena, na época, era a melhor educadora que existia. Ela tinha um nome fabuloso. Então, pedi licença, e quem veio para o meu lugar foi uma colega minha que nem fez Matemática, ela fez Ciências Sociais. Fui para a Fazenda do Rosário dar aula. Dei aula lá, mas precisava fazer um concurso para poder ser efetivada como professora.

Na Fazenda do Rosário, fui muito bem recebida. Eram só moças, era uma escola que formava professores para dar aula em zonas rurais. Eu dei aula lá um ano, dois anos, já não me recordo quanto tempo, quando apareceu um concurso para ser efetivada. Nesse concurso, apareceu também um rapaz vindo da Itália que estava desempregado, precisava demais do emprego e fez o concurso junto comigo. Os professores que me examinaram fizeram o favor de me dar bomba. Eu, preparada por Dona Helena, com o título de professora da Faculdade de Filosofia, me deram bomba. Esse rapaz não tinha

¹⁵⁰ A Fazenda do Rosário foi criada em 1940 com a finalidade de assistir, educar e tratar crianças especiais. É um estabelecimento mantido pela Associação Pestalozzi de Minas Gerais. <https://www.facebook.com/fazendadorosario/> Último acesso em: 05 abr. 2019.

¹⁵¹ Helena Wladimirna Antipoff nasceu em Grodno, na Rússia. Fez o curso normal em São Peterburgo, obtendo o diploma, em 1909. Em 1911, obteve o bacharelado em Ciências, na Universidade de Sorbone, em Paris. Em Genebra, graduou-se em Psicologia e se especializou em Psicologia Educacional. Veio para o Brasil em 1929 a convite do governador de Minas Gerais para trabalhar como professora de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Professores que foi criada no contexto da operacionalização da reforma de ensino conhecida como [Reforma Francisco Campos-Mário Casassanta](#) para. Foi pioneira na educação especial no Brasil e fundadora da Sociedade Pestalozzi. Foi fundadora da cadeira de Psicologia Educacional na Universidade de Minas Gerais – UMG. Recebeu inúmeros prêmios e condecorações. Faleceu em 1974. <https://web.archive.org/web/20160610230611/http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/antipoff.html> . Último acesso em: 30 jul. 2019.

título, ele era um técnico. Precisava de um lugar para morar com a família. Ele ficou lá, e me bombaram.

Antes disso, houve um aspecto que não te contei: a professora que veio aqui me substituir, a professora Lená, passou também em um concurso no Rio de Janeiro, e teve que ir para o Rio. Tive que assumir novamente as minhas aulas no Colégio de Aplicação. E novamente a Marina: “não larga isso aqui não, isso aqui é de futuro, você pode ficar aqui, vou arrumar o horário especial para você! ”

Eu dava aula no Colégio de Aplicação, de manhã cedinho até 08h50min, descia correndo para a rodoviária, pegava o ônibus que ia para a Fazenda do Rosário para dar aula lá.

Houve o concurso, me bombaram. Eu não pude continuar lá, voltei novamente para o Colégio de Aplicação, muito satisfeita. Assim, um pouco baqueada, a dona Helena ficou muito chateada porque ela me preparou para dar aula, e eles deram notas maiores para o moço porque precisava de um lugar para morar e de um emprego. As políticas desse Brasil. E aí eu voltei para o Colégio de Aplicação.

Os professores do Colégio de Aplicação eram professores de ensino secundário. Eu não era ninguém, era contratada. Nisso veio a nova diretora, dona Alaíde¹⁵², uma pessoa também boníssima, que me disse: “Não, você não pode continuar dando aula desse jeito aqui” e o professor Décio¹⁵³, um professor efetivo de Matemática, falou: “eu estou sobrecarregado, preciso da outra professora para me ajudar aqui!” A dona Alaíde falou: “Não, vou arrumar um lugar para você na Faculdade de Educação. Você não é nada aqui, vou te arrumar um lugar na Faculdade de Educação!” E me arrumou, não fiz concurso, não fiz nada, ela me arrumou um lugar na Faculdade de Educação como instrutora de ensino.

Como instrutora de ensino, não poderia dar aula, nem eu, nem meu colega de Português. Não podíamos dar aula. Fomos os dois trabalhar na secretaria. Eu fiquei um

¹⁵² Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007, em Belo Horizonte, com 103 anos. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml> . Último acesso em: 19 maio 2019.

¹⁵³ Décio Furtado de Mendonça foi admitido em 01 de março de 1954 como professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

dia lá e os outros: “Não, você faz falta aqui, volta para dar as aulas, você não pode deixar as aulas não!” Aquela burocracia toda foi para trás, e continuei dando aula.

O professor de Português nunca mais deu aula. Ele ficou na Faculdade de Educação. Arrumaram um lugar de coordenador para ele, e eu fiquei dando aula. Isso, foi por volta de 1960, por aí, 58, 60, por aí. Continuei dando aula, já com um cargo muito bom na Faculdade de Educação; então, não era muito bem vista pelos outros colegas, porque eles eram professores de Ensino Secundário. Mas depois, a pedido, acho que da sociedade, pediram que a escola oferecesse também o curso Científico; então, adquiriram outros professores já com o cargo de professores da Universidade. Não eram professores mais do Colégio de Aplicação. Trabalhavam no Colégio de Aplicação, e foi uma época que suavizou um pouco a minha presença.

Agora, realmente o Colégio de Aplicação¹⁵⁴ era bem precário, bem precário! O prédio muito antigo, sem condições; os alunos tinham uma parte que eles usavam como banheiros, muito precária; nós, professores, não tínhamos onde fazer nossas necessidades e nem onde beber água. Tinha um cafezinho que dona Izaltina fazia, era uma pessoa espetacular. Era ela quem tocava a campainha. Ela era de uma eficiência... e não atrasava um minuto. Tinha o horário, a campainha, a meninada ia para a sala de aula...

Na época da dona Filocelina¹⁵⁵, que foi a minha primeira diretora, ela exigia que todos os professores, antes de dar aula, rezassem uma Ave Maria. Acalmava a meninada, para dar aula. Era muito tranquilo, apesar de o ambiente não ser nada favorável. E com isso, nós ficamos uns 15 anos. Uma coisa a gente não pode reclamar: as turmas que passaram ali eram turmas de alunos excelentes, meninos de um nível muito bom, que inclusive ajudavam a gente a ser melhor. Qualquer coisa que você fizesse, se você não cortasse um t na matemática: “professora, a senhora esqueceu de cortar o t ali!”. Então, eram meninos muito vivos, excelentes alunos. Conheço gente que foi alto em arrumar bons empregos, alunos excelentes.

Ficamos ali durante 15 anos, quando eles começaram a passar tudo lá para a Pampulha, e fizeram o prédio do Centro Pedagógico. Nós fomos para lá em 1970, mais ou menos, em um ambiente muito melhor, era muito melhor. Cada professor tinha uma mesa, tinha um lugar para trabalhar, tinha uma sala, não era uma sala individual, era

¹⁵⁴ O Colégio de Aplicação ficava situado na rua Carangola, número 288. Bairro Santo Antônio.

¹⁵⁵ Filocelina da Costa Matos Almeida, catedrática de Didática Geral e Especial, diretora do Colégio de Aplicação de 1954 a 1957.

uma sala para o curso de Matemática, outra para o curso de Ciências, outra para o curso de Letras, etc. O ambiente era muito bom, as salas eram muito confortáveis, as cadeiras muito confortáveis, totalmente diferente da Carangola. Era outra estrutura, em que inclusive apareceram cursos de artes para os meninos.

No Centro Pedagógico, desde a quinta série o aluno era preparado para seguir um curso superior, científico, Colégio Técnico. O curso era muito bom, porque eles já aprendiam datilografia, eles aprendiam contabilidade, eles aprendiam artes, então, eles gostavam demais.

Tinha o curso de OSPB¹⁵⁶ que não valia de nada, então a professora resolveu fazer aula de esportes para os meninos naquele horário. Então, tinha futebol, tinha peteca, tinha vôlei, e naquele horário tinha certas regras que se usavam para ensinar. Acho que, no Centro Pedagógico, eles saíram muito preparados, apesar de que aqui no Colégio de Aplicação, também eles saíram muito, mas muito bem preparados. Eram professores que se dedicavam realmente aos alunos e sem uma infraestrutura boa.

No Centro Pedagógico tinha mecanografia. Já imprimia nossas provas, no Colégio de Aplicação você fazia tudo isso sozinho. Você podia fazer provas, tinha o mimeógrafo, tinha uma sala, havia pessoas a quem você entregava e eles batiam para você as provas e entregavam para os alunos. Aqui não, aqui era tudo no quadro. No giz, tudo no quadro, aqui no Colégio de Aplicação.

No curso de Admissão, especificamente a gente fazia uma recordação do curso que chamava de primário¹⁵⁷. Depois de fazer uma revisão dele, a gente via se os alunos tinham aptidão para fazer contas de somar, subtrair, multiplicar, dividir. E problemas... arrumei uns livros que tinha na época.

O meu pai trabalhava com hotel, e tinha como hóspede um professor que trabalhava no Colégio Militar que me arrumou uns livros do Colégio Militar, de questões que eram dadas no Rio de Janeiro, no colégio, para entrar no Colégio Militar.

¹⁵⁶ Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Disciplina criada por meio do decreto 869, de 12 de setembro de 1969 durante o regime militar. O decreto foi revogado pela [lei nº 8.663, de 14 de junho de 1993](#).

¹⁵⁷ De acordo com decreto lei Nº 8529, de 2 de janeiro de 1946, o curso primário era destinado a crianças de 7 a 12 anos. O curso primário era composto por 4 anos e compreendia as seguintes matérias: I. Leitura e linguagem oral e escrita. II. Iniciação matemática. III. Geografia e história do Brasil. IV. Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho. V. Desenho e trabalhos manuais. VI. Canto orfeônico. VII. Educação física. (<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>) Último acesso em: 02 dez. 2018.

Isso me ajudou muito, porque eu apertava mesmo os meninos. E a turma gostava! Gostava.

Quando dei o curso de Admissão durante um ano, a minha preparação foi muito melhor, porque em um mês, acho que foi em janeiro de 1955, a preparação foi muito curta. Mas, mesmo assim, os meninos se saíram tão bem que houve um pedido para que se estendesse e fizesse o curso durante o ano.

É o que hoje em dia eles fazem, porque o curso fundamental são 9 anos. Naquela época eram 8 anos, 4 anos de ginásio e 4 anos do primário. Então, foi uma época que acho que valeu muito a pena, apesar de eu ter muito pouca recordação, mas me lembro de que esse diretor do Colégio Municipal do Rio, Militar do Rio, me ajudou bastante. Ele ficou hospedado no hotel que meu pai tinha e me ajudou bastante.

Quando dei aula na fazenda do Rosário, a dona Helena Antipoff era uma criatura espetacular. Não era para ensinar a Matemática, era para formar um cidadão. Exigiam que nós, professores, também tivéssemos que orientar o aluno para ser um ótimo cidadão. Então era uma regra de cumprimento de dever, de assiduidade, de honestidade, vários princípios que hoje em dia estão para trás. Dar aula dava gosto, porque os alunos ficavam quietos. A gente cumpria com o dever, a gente entrava na sala de aula, a gente dava aula, era uma maravilha. Totalmente diferente depois no Centro Pedagógico, que foi o que... mais confuso. Aqui tinha fila, no Colégio de Aplicação tinha um pátio, porque o Colégio... Você conheceu o colégio?

Tinha um pátio embaixo. No princípio, havia filas; eram poucos alunos também, eram quatro séries, com o admissão eram 5, para os meninos entrarem em sala. No Aplicação, dava um sinal e a meninada ia para a fila e entravam na sala de aula; então mudou muito o conceito dos alunos entrarem em sala de aula, porque no Centro Pedagógico dava o sinal, a meninada ia que ia para a sala de aula correndo.

Foi assim no tempo da professora Filocelina. Com a professora Alaíde, acho que já mudou um pouco. Mas, mesmo assim, eles já eram bem organizados para entrar em uma sala.

A sala era organizada com carteiras e cadeiras, tinha o quadro, tinha os bagunceiros, tinha a janela. Havia aqueles que pegavam “cola”: Um mandava papelzinho para o outro lá embaixo, e o outro mandava “cola” para ele. Sempre teve isso, mas era um ambiente bem selecionado, muito bom.

Tive excelentes alunos no Colégio de Aplicação. Até hoje! Interessante que, depois de formados, eles formavam uma turma, tão unida, que depois de formados continuavam amigos. De vez em quando ainda se reúnem. E também havia os professores que eles convidavam para ir aos encontros. Vários lugares eu fui a convite deles para poder conversar, contar casos, saber o que um estava fazendo, o que outro não estava fazendo. Então, foi muito gratificante por causa dessa união que houve entre professores e alunos, muito gratificante mesmo. Já no Centro Pedagógico não me lembro de ninguém fazer reunião depois de formado! Não me lembro! Aqui, várias no Colégio de Aplicação.

Com relação ao ensino de Matemática, nós trabalhávamos os conteúdos que vinham no livro que era adotado. Tem vários autores! Tem do Scipione, tem do... Eu não me recordo o nome desses livros, posso até olhar. Simplesmente, aqui no Colégio de Aplicação eram livros, só livros, os exercícios a gente passava, os meninos tinham o livro, aí a gente falava: “agora vocês fazem no livro, os exercícios da página tal a página tal!” Era assim.

O Colégio de Aplicação praticamente não sentiu o efeito do regime militar de 64, nós continuamos a dar aula. Lembro-me só uma vez que o Colégio de Aplicação foi invadido, nos prenderam lá dentro, e como estava grávida, deixaram que eu saísse. Mas fora disso, os alunos não, eles nem sabiam que estava existindo isso. Só se os outros professores comentavam com eles. Na aula de Matemática, não.

Então foi indo, fui pegando muitas aulas de Matemática. E como o professor Décio já era bem idoso, eu pegava mais aula de Matemática. Dona Alaíde já me arrumou este cargo na Faculdade de Educação, então eu dava muita aula, porque antigamente eram muitas aulas.

Depois, veio um tempo da Magda Soares¹⁵⁸, com essa foi mais duro. Ela chegou a ser diretora aqui no Colégio de Aplicação. Eu não sei, ela inclusive foi minha colega

¹⁵⁸ A professora Magda Becker Soares inicialmente fazia parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia. Foi vice-diretora da professora Alaíde Lisboa no Colégio de Aplicação. Com a reforma Universitária foi para a Faculdade de Educação da UFMG. Também compôs a comissão de planejamento do Colégio Universitário. Tem ampla experiência com o ensino e defende a modernização dos métodos de ensino, priorizando a participação ativa dos alunos. Magda Soares é uma das fundadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG e autora de diversas publicações, inclusive livros didáticos de língua portuguesa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, da International Literacy Association e atuou nos comitês assessores do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC). É professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-873N48;>

de faculdade, não no curso de Matemática, mas, na época eram vários cursos em salas pequenas. E poucos alunos na sala.

No Edifício Acaiaca havia salas muito pequenas, só tinha o auditório quando nós fizemos o curso de Didática, então nós fomos fazendo nesse auditório. Mas era uma sala muito pequena, já falei, nós éramos sete. Fui para o 2º ano, só eu, porque os outros entraram em processos de fazer parte de grêmios, de DCE, diretórios; eram rapazes, eu era a única moça, e os outros eram rapazes. Então segui em frente, eles ficaram. Inclusive eram também alunos do curso de Física, eu também fiz Física, mas a Física nós fazíamos na Escola de Engenharia. Um curso muito precário, muito precário.

Eu sou professora, estudei muita Física, se me falarem, não sei nada. Mesmo a Matemática que a gente aprende no curso de Matemática é uma Matemática muito profunda que você não aplica nunca isso em escola, em um Ginásio, em um Científico nunca. Você deve ter feito o curso, mas você não aplica nunca. Quando você sai dali, porque você vai dar aula, você tem que estudar, você tem que rever o que você aprendeu no curso que você frequentou no Ginásio e no Científico.

A escola, ela foi criada para receber os alunos do curso de Didática, mas nunca vi aluno de curso de Didática frequentando o Colégio de Aplicação; na minha área não, só se foi em outras áreas, mas na minha, nunca vi, curso de Didática, os alunos de Didática, nunca... Se houve alguma relação, foi muito pequena, nunca percebi.

Recordo-me de um fato interessante. Houve uma época em que havia um aluno que frequentava o colégio, e ele mexia com drogas. Então, arrumaram o professor Elias Murad¹⁵⁹ que veio dar um curso para nós. E como eliminar esse aluno da escola sem prejudicar o menino, sem prejudicar os outros, sem tornar público aquele fato? Eu sei que, com muito cuidado, esse aluno, eles conseguiram tirar o aluno da escola.

Foi um desses fatos. Mas marcante, acho que foi esse, foi uma época difícil. Comigo, aconteceu uma vez o seguinte também, que me marcou muito. Eu tinha uma

http://www.mcti.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/jIPU0I5RgRmq/content/magda-soares-e-primeira-educadora-a-receber-o-premio-almirante-alvaro-alberto . Último acesso em: 17 maio 2019.

¹⁵⁹ José Elias Murad nasceu em Ribeirão Vermelho, MG, em 1924. Foi professor e diretor da Faculdade de Farmácia da UFMG. Atuou também como professor e diretor da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e foi diretor do Colégio Estadual Central. Foi presidente da Associação Brasileira Comunitária para a Prevenção do Abuso de Drogas (Abraço). Foi vereador de Belo Horizonte e Deputado Federal, na década de 1990. Faleceu em abril de 2013. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/murad-jose-elias> . Último acesso em: 01 ago. 2019.

turma de poucos alunos, que eram alunos que caíram de paraquedas¹⁶⁰. Então, se formou uma turma pequena de uns alunos que não tinham passado por provas para entrar no colégio, eram alunos meio problemáticos. Mas eu dava aula com prazer para eles, fazia uma aula mais suave para eles entenderem, porque a gente via que eram alunos que não tinham o gabarito que os outros tinham. E uma vez tinha uns dois bem “malandros”, que tomaram o exame de segunda época¹⁶¹ e eles eram bem, bem atrasados mesmo.

Quando foi a segunda época, eu já estava com os filhos em casa, e não achei ninguém que ficasse com meus filhos. Então, levei dois comigo, mais ou menos de 7 anos, e o outro de 5, porque tive um filho atrás do outro. Mas os meninos ficavam jogando bola fora do colégio. Esses alunos fizeram uma prova péssima, e tive que reprová-los. E eles recorreram, disseram que eu tinha levado meus filhos, e que tinham prejudicado a aula deles. Eles nem viram meus filhos, eles souberam por meio de conversas, eles souberam que eles ficaram jogando bola. Então, veio o recurso, tive que dar nova prova para eles. E eu tinha dado uma prova fácil, e aí, o que fiz? Dei uma prova bem difícil para eles, e provei que todas aquelas questões que tinha dado na prova tinha dado em sala de aula. Eu provei. Todas as questões! Como não faziam nada, não tinham nada, então eles foram reprovados. Se você encontrar com esses meninos hoje, acho que eles falam mal de mim até, por quê? Poxa vida, não é?

Há alguns fatos marcantes na minha vida da escola. Por exemplo, houve também uma vez, que reprovei, passei para a segunda época dois alunos, e esses dois alunos foram também muito mal na segunda época. A secretária passou errada a nota deles no papel, mas passou um com uma nota boa e o outro com uma nota muito ruim. Um passou para o ano seguinte, e o outro ficou para trás. Mas o que é isso? Eu reprovei todos os dois, como é que um passou e o outro ficou? Fui olhar na secretaria. Mostrei as provas, mostrei as notas, parece que eu tinha posto 3 e ela colocou 8. Minha letra era até muito boa. O que fiz? Tive que passar também o outro; já que um passou, tive que passar o outro. Não poderia voltar atrás, tive que passar. São fatos assim que acho que acontecem, e eu vou te falar, o ensino ali era muito precário, a secretária muito precária.

¹⁶⁰ A expressão “*cair de paraquedas*” significa aparecer de forma inesperada; iniciar determinada atividade sem a mínima habilitação ou preparação prévia.

¹⁶¹ O exame de segunda época era realizado por alunos que não atingiam a média final do curso no ano letivo. Era realizado após as férias para que o aluno tivesse mais tempo de se preparar para realizá-lo.

Nós tínhamos um diário para fazer chamada. Tinha uma sala lá em que nós tínhamos um escaninho só para guardar as coisas, uma mesa para todos os professores. Não tinha o lugar específico para você fazer uma prova, para você corrigir, tudo era trazido para casa. Corrigíamos as prova em casa. No Centro Pedagógico era tudo feito lá. Aqui não, aqui, você nunca conseguia fazer nada, era muito precário o Colégio.

Fazíamos chamada, presença e nota nos diários. O conteúdo que foi dado... Não, acho que não! Mesmo por lá no Centro Pedagógico acho que não tinham, a gente não fazia um currículo. Houve uma época aqui em que a Magda até deu um curso para nós que você tinha que especificar tudo. O conteúdo trabalhado. Mas nós não fazíamos nada disso.

Não fazíamos o currículo, seguíamos através de livros, de livros, entendeu? E éramos praticamente obrigados a seguir o currículo daquele livro que tinha sido adotado. Isso há 60 anos, é muito tempo atrás.

A coisa mudou muito, acho que a Matemática mudou um pouco, mas deveria ter mudado para mais, para mais. Porque há certas coisas que você ensina para os alunos, antigamente ensinavam teoremas, pediam para decorar teoremas. Hoje em dia, isso quase não se ensina. Muitas coisas os meninos hoje em dia pegam a máquina de calcular, regra de três simples, regra de três composta... O que é isso, gente? Raiz quadrada simples, raiz cúbica, para que ensinar isso para o aluno? Muitos conteúdos. Para a gente já é difícil, para os meninos, então? Raiz quadrada, ainda raiz quadrada era muito fácil, porque tive alunos que você ensinava raiz quadrada, eles sabiam de cabeça. Números grandes, números grandes, eles sabiam de cabeça.

O professor Reginaldo¹⁶² entrou lá no Centro Pedagógico. O curso que nós fizemos lá foi muito bom, ele aboliu muita coisa do ensino, tanto que, na oitava série, você assustava: “Escuta aqui, esses meninos não aprenderam, muita coisa tem que ensinar agora!” Mas um pouco, por alto. No Centro Pedagógico nós tivemos turmas, e quando eles falaram que filhos de funcionários podiam entrar, nós tínhamos turmas em que os alunos não sabiam o básico da Matemática, não sabiam somar e subtrair.

¹⁶² Reginaldo Naves de Souza Lima é professor aposentado da UFMG. É bacharel em Matemática pela UFMG, mestre em Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Educação pela UFMG. Dedicou-se ao estudo e à criação de novas propostas de aprendizagem de Matemática. Ganhou medalha de Honra do Mérito Educacional, por sua participação na elaboração da nova proposta curricular de Matemática do Estado de Minas Gerais. https://issuu.com/sergioluz/docs/p_ame. Último acesso em: 01 ago. 2019.

Para entrar no Centro Pedagógico os alunos tinham um testezinho. Não tinha mais o curso de admissão. Eu não lembro em que época terminou o curso de admissão, não lembro. Na época de Dona Alaíde ainda tinha o curso de admissão.

Dona Alaíde entrou, dona Filocelina era uma velhinha simpática! Ela foi professora também do curso de Didática. Na época em que fui aluna dela eram muitos homens, aquele pessoal lá era tudo desestruturado. Nós entrávamos na sala, muitos entravam, muitos saíam, fumavam, era uma bagunça toda. E você via aquela velhinha lá na frente: “agora nós vamos rezar!” e rezava! Acalmava, acalmava. Até gente que não tinha religião, não tinha nada, acalmava...

A gente tem coisas muito interessantes do curso de Matemática, porque realmente foi um curso muito (como posso dizer?) um curso muito relaxado: “Eu achei que aquela aula era aqui! Era lá? Agora eu não vou para lá não!” Não vou para lá, e nós lá esperando, não vou para lá, porque tinha aula no Edifício Acaiaca, e tinha aula na Tamoios, e tinha aula na Faculdade de Engenharia...

Tive um professor, não gosto nem de contar isso. Eu era a única, ele não ia dar aula, simplesmente não ia. Chamava-se Geometria Descritiva, ele não ia! Sei lá o que é Geometria Descritiva? Queria me dar bomba por falta, mas ele não ia. O professor me ameaçou dar bomba. “Mas a senhora não compareceu!” Como é que eu não compareci? Pois ele não ia! Eu estava lá. A hora que via que o professor não ia, eu saía, eu saía. “Mas a senhora não compareceu, então, vai perder o ano por falta”. Eu recorri ao professor Paulo Henrique: “professor, o senhor vai lá, e, por favor, me protege!” Mas ele não podia falar que não ia, ele não podia falar, porque ele recebia para dar aula. Não sei o que ele arrumou: “não, é uma aluna excelente, pode abonar as faltas dela”. Então abonaram minhas faltas.

No Colégio de Aplicação, cada professor entregava o resultado para a secretaria. Tínhamos poucas reuniões, muito pouco ou quase nada. Mas realmente eram alunos bons, nós pegamos muito poucos alunos que não iam para a frente, muito poucos.

Eu dava aula no Ginásio e uma vez fui dar aula no Científico. Quem entrou para dar aula no Científico foi o Paulinho¹⁶³, e a turma adorava o Paulinho. Então, tiraram o Paulinho, e me puseram para dar aula lá. Os alunos não gostaram, eu tive que sair, e voltou o Paulinho.

¹⁶³ Paulo Sérgio Wanner, professor aposentado da UFMG. É um dos colaboradores desta pesquisa.

A gente o chamava de Paulinho, mas é Paulo Wanner. Ele era uma peça, vou te falar. A meninada adorava o Paulinho, porque ele fazia a maior farra na sala de aula e a meninada gostava, não era severo e nem nada.

No Centro Pedagógico, houve uma época em que eles quiseram adotar o método do Reginaldo. Era adotado em uma turma e eles queriam que adotassem também nas outras quintas séries. Essa 5ª série era uma 5ª série Especial. Quiseram adotar também nas outras 5ª séries e o Paulinho era quem dava aula. O Paulinho não quis aplicar esse processo. Porque era um processo muito lento de ensinar.

Você ensinava o máximo divisor comum. Primeiro, ele iria explicar o que era divisor, depois explicava o que era máximo, o que era maior, o que era comum, e não dava o método para ele achar qual era o máximo divisor comum com o método qualquer. Primeiro ele ia ensinar tudo em detalhe, em detalhe, e a meninada fazia e gostava, e adorava, mas era muito lento, era muito devagar. Até eles concluírem, todo mundo acertava. Mas era muito lento. Então, eles quiseram que eu desse aula também para as outras 5ª séries, pois era o Paulinho que dava, e o Paulinho não quis dar o método. Mas olha, a hora que entrei na sala de aula, vi a cara fechada dos alunos não gostando que o Paulinho tivesse saído. Eu tinha até um bom nome lá, as turmas gostavam muito de mim.

Nesse ano, tinha feito um curso só para dar aula para essa turma de quinta série; então, os alunos já me conheciam. Por fim, quando comecei a aplicar o método com eles, eles adoraram. Eles eram meninos super inteligentes. Eu dava tudo mimeografado, tudo. Entregava na sala de aula, às vezes com duas folhas: “já acabei, professora, o que eu faço mais, já acabei, professora!” era assim.

Na outra quinta série, que eram alunos mais deficientes em relação ao conteúdo, eles custavam, eram lentos... “meu Deus do céu, eu preciso falar com o Reginaldo que é preciso fazer mais alguma coisa por esses meninos!”

Houve uma época em que ele ensinou o que era a curva aberta, o que era curva fechada; não via muito sentido nisso não, mas ele gostava. “O que eu faço, Reginaldo, eles estão fazendo lá, pensando em um instante!” “Faz um concurso!” Então, “vamos fazer um concurso, quem fez a curva aberta mais bonita, ou a curva fechada mais bonita vai ganhar alguma coisa!” Aí a turma incentivou, ficava lá desenhando as curvas, faziam até desenhos lindos para poder explicar o que era a curva aberta e a fechada. Eu não vi muito sentido nisso, mas o Reginaldo via. Tinha uma coisa que ele gostava

muito: construir uma parábola através de gráficos, e a meninada gostava. Fazia cada desenho bonito! O curso dele era muito bom, mas muito lento, muito lento.

No fim do curso, ele achou que eu poderia ter colaborado mais com ele, mas acontece que eu não ia mandar os alunos para um curso técnico¹⁶⁴ sem saber o conteúdo que eu achava importante. Então, quando era na oitava série, eu não usei muito o curso dele, porque ele não seguia o currículo. Se na quinta série você tem que chegar até fração, aquele conteúdo todo, você tem que chegar para lá (não é?) para o aluno ir para a sexta série daquele jeito. E era muito lento, mas era muito bom, muito bom, as apostilas dele eram ótimas. Ele é uma pessoa muito inteligente. Ele, junto com a Maria do Carmo¹⁶⁵, que era companheira dele de curso, tinham ideias muito boas, muito boas.

De professores de Matemática me lembro do Paulo Roberto¹⁶⁶, que já faleceu. Era o Paulinho, o Paulo Sérgio Wanner. Tinha um Picorelli, é um que dava aula lá, ele ia até nas festas que os meninos... É Picorelli? Ele dava aula até na PUC. Eu me esqueci o nome dele. Me lembro que o encontrei uma vez no encontro de ex-alunos. Os alunos me pegavam aqui em casa para me levar. “Não, é muito distante, eu não vou não!” “Não, nós pegamos a senhora!” Quando era na volta, eles queriam me trazer, e a turma bebia, bebia mesmo, a mocidade, não é só isso de hoje não, e ele então me trouxe em casa.

Quando fomos para o Centro Pedagógico, muitos professores que foram contratados para o ensino secundário não continuaram dando aula no Centro Pedagógico. Separaram! A ideia era que eles fossem dar aulas em curso de Teatro Universitário, mas muito professor não sabe para onde foram. A Eurildes¹⁶⁷ de Português, a Terezinha de Francês, a Beatriz... Sei que eles ficaram numa revolta. Cada um foi para um canto, e se aposentaram com muito pouca coisa, eles ganhavam bem menos, bem menos.

¹⁶⁴ Os alunos do Centro Pedagógico iam direto para o Coltec.

¹⁶⁵ Maria do Carmo Vila lecionou Matemática no Coltec no período de 1979 a 1995. Participou ainda de atividades no Centro Pedagógico, instituição de Ensino Fundamental também vinculada à UFMG.

¹⁶⁶ Paulo Roberto Baeta da Costa foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

¹⁶⁷ Eurildes Queiroga da Rocha foi admitida em março de 1965, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior. Era professora de Português no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

No Centro Pedagógico, foi introduzido o primário, o 1º ano, e você tinha um teste também para entrar no primário. Já os professores, todos entraram como professores da Universidade, todos.

Eu acho que muitos entraram sem concurso. Eles entraram lá, e a turma que era do Aplicação ficou revoltada. Eles foram deixados de lado; poderiam ter transferido esse pessoal. Não sei por que tanta burocracia neste Brasil. Como funciona, poderia ter transferido esse pessoal para a universidade, para poder continuar com os professores antigos. Agora, quem entrou para dar aula no Científico aqui, no Científico e no Clássico, já entrou como professor da universidade.

Os professores mais antigos, que foram contratados como ensino secundário e ganhando bem pouco, se aposentaram ganhando bem pouco. Na época houve uma revolta, o que fazer? Agora, existia muita política na minha época, existia muita política, muita. Muitos professores caíam de paraquedas. Não tinha feito concurso, não tinha feito nada, chegava lá. Era a esposa do diretor do Colégio Izabela, por exemplo, aparecia com um cargo muito bom, e não servia nem para dar aula.

Era muita desigualdade. Por exemplo, Matemática é uma matéria importante como o Português, tanto que nós temos sempre uma carga horária maior, no meu tempo era assim. A minha carga sempre era maior do que de qualquer outro professor, e o professor de Artes, que dava aula uma vez por semana, lá para a meninada, e pronto, ganhava o mesmo tanto. Então, acho que tinha que valorizar aquele professor que realmente está dentro da sala de aula, que realmente cumpre com o dever, que chega no horário. 7 horas da manhã tem que chegar, se assinou lá às 7 horas da manhã, tem que chegar, assim eu aprendi.

Eu dava aula às vezes até meio-dia, uma hora tinha que dar aula de novo. Eu não vinha em casa almoçar. Não vinha em casa, tanto que hoje bajulo mesmo meus filhos, porque eles foram muito sacrificados. Apesar de conseguir uma ou outra pessoa para trabalhar em minha casa, eram muito ineficientes, nunca consegui uma pessoa... E também, eram seis filhos, ninguém aguentava.

Enquanto trabalhei no Colégio de Aplicação, não deixaram nenhum dos meus filhos estudarem lá. Não era permitido, tanto que eles estudaram aqui no colégio Dom Silvério. Não era admitido filho de professor nenhum. Quando foi para a Pampulha, no Centro Pedagógico, mesmo assim não admitiam.

Quando resolveram admitir filhos de funcionários, veio uma leva de meninos que não fizeram prova, não fizeram nada. Então, vieram os meninos e formou uma quinta série totalmente diferente para poder ensiná-los. Foi nessa época que eles conseguiram que filhos de professor também poderiam.

Uma diretora que estava lá falou: “por que seus filhos não estão aqui?” Uma entrou no 1º ano primário, e um entrou na quinta série. Depois um entrou no 4º ano primário. “Por que seus filhos não estão aqui?” Não deixavam, filho de professor não podia. E realmente não é bom. Não é muito bom não, filho de professor estudar na mesma escola que damos aula; meus filhos foram muito perseguidos.

Tive a minha filha, Adriana, que era muito danadinha. Ela conquistava os professores, e era esperta, ela entrou no 1º ano primário. E olha que ela fez prova no Dom Silvério e não passou, ela fez um teste no Centro Pedagógico e passou. Você vê que o teste lá era mais... E foi excelente aluna no Centro Pedagógico, foi até a oitava série, excelente aluna; depois ela foi para o Pitágoras, e a universidade, ela foi para a PUC.

Ela queria fazer Engenharia Mecatrônica e na federal não tinha. Ela fez Engenharia para ajudar o irmão que mexia com computador, e estava iniciando uma firma. Ele precisava de uma engenheira, e ela foi para lá. E ela fez um curso brilhante, e hoje em dia, pergunto: o que ela faz? Bombons para vender para fora. Cadê o curso de Engenharia que paguei cinco anos?

Ela está feliz, felicíssima! Ela fez o curso para agradar o irmão. O irmão depois achou que não precisava mais dela, e ela já tinha casado e falou: “Mãe, é muito difícil a gente casada, morar na Pampulha, vir trabalhar aqui no centro, é muito difícil, mãe! Eu não sei se eu vou continuar trabalhando!” Acho que o irmão também percebeu isso. Ele também estava reorganizando a firma dele, porque antigamente ele só consertava computadores, só consertava. Hoje em dia, ele mexe com tudo, até com construção ele mexe, então, está muito difícil. “Eu vou mexer com qualquer coisa, mas eu quero mexer em casa, cuidar dos meus meninos, educar os meus filhos, eu não quero trabalhar não, eu me lembro do sacrifício que a senhora fez para sair para trabalhar para deixar a gente em casa!”

Eu tive a mais velha, e ela estava com oito anos quando nasceu a minha última filha, e ela ajudou muito essa irmã mais nova. E ela falou: “me lembro do sacrifício da senhora para sair, não quero trabalhar no centro da cidade não, quero ficar aqui na

Pampulha mesmo!” Então ela começou. A minha mãe fazia muito bombom para fora, eles adoravam o chocolate da minha mãe, o bombom da minha mãe. Ela começou a fazer bombom, foi em frente, depois apareceu uma oportunidade de comprar um apartamento e estava fazendo a casa dela: “vou montar lá o meu atelier!” “Que atelier, Adriana?” “Atelier de chocolate, é coisa bacana, mãe!” E hoje ela já tem uma loja, chama Segredo do Chocolate.

São tantas histórias. Eu formei com 3 anos e mais um ano de Didática. Tenho uma sobrinha que está fazendo Matemática na UFMG à noite, e os pais até arrumaram um apartamento lá perto para ela morar, e que eu achei que não deveriam ter arrumado. Era pegar o ônibus que levasse até lá. Ela descia do ônibus. Porque vai sair do apartamento que é mais lá para o bairro Ouro Preto e depois vir para a faculdade, andar naquela escuridão ali à noite, para uma mocinha é perigoso. Ela ir de ônibus, talvez o ônibus deixasse ela na porta, porque o fundamental é no ICEX¹⁶⁸. Matemática, no ICEX.

Eles fizeram um prédio bonito da FaE, antigamente era aquele... O que virou aquela parte da faculdade? Porque ali do lado tem uma Faculdade de Educação antiga. A última vez que fui à Faculdade de Educação foi para uma homenagem que eles prestaram para a dona Alaíde. Eu fiz questão de ir, porque foi uma mulher que me deu valor. E a gente foi prestar uma homenagem para ela, fiquei conhecendo o auditório da Faculdade. Antigamente a Faculdade de Educação era muito precária também, muito. Devem ter reformado.

A professora Alaíde era muito humana, muito humana, muito boa, muito boa pessoa. A gente tem várias coisas para contar. Logo que me casei, fui morar no Pompéia. Pompéia é um bairro muito distante, depois do bairro Santa Efigênia. Eu vinha de ônibus para trabalhar na Carangola.

O ônibus que passava perto da escola era elétrico, aqui na Rua da Bahia, e eu sempre chegava antes da hora das aulas. Teve um dia que houve uma falha, porque o ônibus era elétrico. Houve uma falha, e o ônibus atrasou. E o ônibus não chegava, e quando o ônibus chegou já tinha passado do horário de começar as aulas. Estávamos eu e mais uns 15 alunos. Pegamos o ônibus e viemos, eu tinha cinco aulas nesse dia, cinco.

¹⁶⁸ O ICEX – Instituto de Ciências Exatas foi instituído com a Reforma de Ensino de 1968. Era dividido em três departamentos: Física, Matemática e Química. Responsável por todo o ciclo básico das Ciências Exatas e várias disciplinas da Biologia. Na década de 1970 foram criados os departamentos de Ciências da Computação e Estatística. Atualmente, é formado por cinco departamentos, com nove cursos de graduação e cinco de pós-graduação. <http://www.ICEx.ufmg.br/index.php/home/historia-da-unicidade> Último acesso em: 05 abr. 2019.

Quando nós chegamos aqui, o coordenador deixou que eu entrasse, mas no primeiro horário, na primeira aula ele escreveu: “Não compareceu!” E os meninos, eles não deixaram entrar. Quando eu vi que os meninos não compareceram, e eles não entraram, telefonei para a dona Alaíde: “Dona Alaíde, aconteceu isso, isso, isso, e isso! O Professor Dirceu não quer deixar os meninos entrarem, ele não acreditou na minha palavra e no primeiro horário ele escreveu: não compareceu!” Dona Alaíde, na mesma hora, arrumou uma condução, sei que 10 minutos depois ela estava aqui no colégio: “O que é isso, Professor Dirceu, o senhor não acreditar na palavra da professora Aloys! Não, esses alunos que estão aqui fora vieram para a aula, e todos vão entrar!” E escreveu lá: “compareceu”. Cortou o “não compareceu”, e escreveu o nome do lado, o nome dela justificando que eu tinha comparecido. Mas esse professor tomou uma raiva de mim que ele não pode me ver.

A dona Alaíde é muito humana, por ela ter acreditado na minha palavra. Porque realmente houve um atraso, o ônibus era elétrico, houve uma falha e o ônibus não estava circulando. Quando começou a circular, já tinham passado uns 20 minutos. O ônibus era até muito bom, passava constantemente. Este lado aqui da cidade é muito bom, tem o Colégio Estadual que naquela época funcionava, tinha uma secretaria também aqui embaixo, é muita gente. Tem a COPASA¹⁶⁹, que já existia há muitos anos, é muita gente que vinha para o lado de cá. Ônibus então circulava mesmo, era como se fosse uma circular, que ela vinha, e constantemente tinha ônibus, acho que de cinco em cinco minutos passava um ônibus. E esse dia aconteceu isso e ele não acreditou na minha palavra, e ela veio: “não acreditar na palavra de uma professora!” Muito humana, muito humana! Ela viu que eu estava sendo prejudicada e que dava muita aula, o pessoal me acumulava de serviço.

Eu fiquei no Pompéia por dois anos. Nós compramos um lote, vendemos uma casa lá e compramos esse lote aqui. E para construir a casa? Aí foi que o meu pai entrou no meio. Antes, ele não gostava nada do meu marido, porque eu tinha curso superior e ele não. Ele mal tinha o primário, mas era uma pessoa muito boa, boníssima, até hoje ele é muito bom para mim. Então, papai emprestou o dinheiro para construir esta casa. Não ficou assim uma casa muito boa não, mas até hoje aguenta o tranco. Está como nós

¹⁶⁹ Companhia Mineira de Água e Esgoto – COMAG foi criada no ano de 1963 visando fornecer os serviços de água e esgoto aos municípios mineiros. Mudou seu nome social para Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA em 1974. <http://www.copasa.com.br/wps/portal/internet/a-copasa/a-empresa> Último acesso em: 07 abr. de 2019.

construímos. Não modifiquei nada. Os azulejos estão até a metade; não vai até o teto porque é muito antigo. Banheiro é um só. Tive seis filhos, eu e meu marido, seis filhos e um banheiro só. Quer dizer que é uma casa muito antiga, mas que aguentou.

Eu eduquei muito bem os meus filhos aqui, todos eles já estão encaminhados; só um não tem curso superior. Esse que não tem curso superior era muito amigo do Carlos André, que era filho do Hélio Pontes, que foi um dos chefões da universidade. E ele foi muito amigo desse filho dele, do Carlos André, esse meu filho. O Carlos André e ele gostavam muito da natureza. Viviam plantando, fazendo enxerto em plantas, fazendo... Como chama aquele processo de colocar a planta pequenininha em vasos? Eu me esqueci. Viviam fazendo aquilo, eu sei que os dois ficaram muito amigos.

Quando formaram na 8ª série, o professor Hélio Pontes: “Eu vou mandar esses meninos para a escola de agronomia!” E arrumou lá em Rio Pomba para ele. Arrumou um curso lá em Rio Pomba, em uma fazenda, e os dois foram para lá, uma escola rural. O professor tinha a sua influência política e arrumou para os dois. Não tiveram que fazer prova, não tiveram que fazer nada, foram todos dois para lá. Esse meu filho aguentou o tranco lá três anos em uma escola que era uma fazenda. Muito bom o ensino, mas muito bom, sabe por quê? Porque eles ensinavam o básico para os alunos, eles não aprofundaram. Era só o essencial, não iam aprofundar. A prova era aquele básico, a meninada passava. O meu filho, que era péssimo em Português, tinha uma nota péssima em Português aqui, passou aos trancos e barrancos. Chegou lá foi o melhor aluno em Português. Ele tinha um excelente valor lá.

A formação dele foi muito boa, era mais para o lado da Agronomia. Era cuidar das galinhas, cuidar da plantação, cuidar do pomar. Plantava muita abóbora, os meninos escondiam abóbora, porque era abóbora no almoço, abóbora no jantar. Quando davam frutas, eles pegavam, escondiam frutas para comer à noite, e eles mesmos, os alunos mesmos cozinhavam, os alunos mesmo lavavam a roupa, e tinha a equipe de cozinhar. Tinha, claro o orientador, essa equipe: hoje vai pegar os lençóis e todos iriam lavar. Eles ficavam com 30 no quarto, mas era uma excelente escola.

Quando ele foi para lá, era baixinho, miudinho, tinha 15 anos. Quando teve a parada de 7 de setembro, fui lá ver, estavam aqueles homens fortes marchando lá na parada e o meu filho lá atrás, miudinho, junto com os outros também, miudinho, e aqueles fortões lá. Quando ele formou, antes de formar, teve a parada novamente, e eu fui lá ver, estava ele lá na frente, forte. Por quê? Pegou na enxada, comeu o que tinha.

Quer dizer, não é do bom e do melhor, praticamente era orgânico, arroz e feijão que eles plantavam, eles colhiam, galinha que eles cuidavam, vaca que eles mesmos cuidavam. Gente, mas que diferença, ele saiu daqui de casa e ficou mais forte, e na enxada.

Quando formou, cada aluno plantou uma árvore lá, muito antiga: “Flávio, vai lá ver essa árvore!” “Mãe, tenho tanta saudade de lá que não tenho vontade de voltar!” Aprendeu muito, aprendeu muito. Ficou interno lá, três anos. Quando ele vinha para casa, (porque de vez em quando ele vinha, havia esses feriados), ele só escrevia para mim assim, ele nunca foi muito bom de Português: “Mãe, estou chegando, abastece a geladeira!” Chegava aqui, às vezes pegava o ônibus lá à noite, se tinha pão velho comia tudo. Mas também, aprendeu o quê? A beber. À noite, eles iam para a cidade fazendo batucada nos tambores, e faziam uma farra, e lá ele conheceu uma moça, e casou com ela, e é a melhor nora que eu tenho. É do interior, foi criada sem mãe, criada pelo pai com nove irmãos, é dessas que sabe fazer tudo, porque o pai ensinou. Não foi a mãe não, foi o pai que ensinou. Faz de tudo, é uma excelente nora. Muito carinhosa, ele é muito bem casado.

Vou falar mais um pouco da professora Beatriz Alvarenga. Foi minha professora no Colégio Santa Maria, no Científico. Na UFMG fui colega dela. Ela era professora e eu também, e quando encontrei com ela, foi aquela maravilha, porque eu gostava demais dela, e ela foi uma professora de um carisma! A aula de Matemática dela era tudo de bom, todo mundo tinha raiva de Matemática, e no curso de Matemática que nós fizemos no Científico, ninguém sentiu a Matemática tão pesada, porque ela era excelente professora. Depois, foi para a Física. Dizem que ela tem na casa dela um arsenal de brinquedos...

As aulas com a professora Beatriz me influenciaram muito, muito! Dificilmente você vai encontrar com um aluno meu que não gostasse das minhas aulas, dificilmente! Tem os “malandros”, tem, mas até os “malandros”. Juliano.

Juliano trabalha na Savassi, de vez em quando encontro com ele. Já é avô, de vez em quando encontro com ele, e ele fala assim: “a senhora lembra que quando coleii na prova a senhora puxou a minha orelha?” “Mas nunca puxei a orelha de ninguém, você está inventando! Sua mãe é que puxou a sua orelha, porque contei para a sua mãe que você colou na prova!” “Não é que é verdade!” “Como é que um professor pode puxar orelha de aluno, Juliano?”

Nós tivemos excelentes professores. Você já ouviu falar no Professor Lair Reno? Ele era da Biologia! Professor antigo, já faleceu. Ele teve vários filhos. Os filhos todos passaram aqui no Colégio de Aplicação, e esse daí, o Juliano, que é filho dele, é pai desse rapaz que trabalha na Globo junto com a Fátima Bernardes fazendo aquele programa Encontro. Ele se chama Lair, o mesmo nome do avô. Juliano, que hoje em dia já é avô, porque esse daí é filho dele, e já tem filho. Eu tenho muito caso para contar.

No curso de Matemática, como eu era a única mulher, quando tinha as excursões e faltava alguém: “Vamos, Aloys!” Olha, fui para o Rio para assistir a Comédia Francesa. Eu fiz uma excursão com esse Professor Lair para Curitiba, para conhecer sambaquis, lá em Paranaguá. Foi uma viagem excelente com o professor Lair. Se tinha vaga, vamos embora! Eu ia, mas não tinha nada com Biologia, não tinha nada com Geografia, e lá ia eu.

Eu tenho casos ótimos para contar. Era muito sozinha na faculdade, as pessoas que faziam outros cursos, como Ciências Sociais, Pedagogia, eles também tinham Matemática, mas é uma Matemática mais fraca. Quando precisavam, quando tinham prova de Matemática, a prova chegava às minhas mãos, eu fazia a prova e mandava a prova pronta para eles. Era muito fácil eu fazer isso, muito fácil.

Tinha um professor de Sociologia no curso de Didática. Foi na época em que o Brasil estava na Copa, o Brasil estava jogando, e ele deixava a gente lá e ia ver o futebol, de vez em quando: “gol do Brasil, gente!” “Podem fazer a prova sossegados, eu estou olhando ali!” Passavam de ano que era uma beleza! Muito bom o curso. Falo que foi a época que mais aproveitei a vida, foi essa época que meu pai deixava.

Os pais antigos eram rigorosos, meu pai deixava porque eu estava na faculdade. E fazia excursões espetaculares. Fui até a Argentina. Íamos por terra, e aí nós íamos percorrendo todo o Brasil por terra. Fomos primeiro para São Paulo, depois para o Paraná, Curitiba, Florianópolis, Rio Grande do Sul, e depois Montevideú. Buenos Aires. Depois, na volta, pegamos o avião, tudo de graça. Inclusive, davam um dinheiro para a gente todos os dias para alimentação. Tinha o chefe da excursão, e fomos com professores. Tinha o chefe da excursão, que dava dinheiro para nós, para a nossa alimentação. A gente que era mais esperta comia um sanduíche ali, uma coisinha aqui. Os mais eufóricos iam a bons restaurantes, sentavam lá para serem servidos por garçons, e o dinheiro ia todinho, mas o dinheiro deles, o nosso não, o nosso sobrava.

Eu, Lená...Lená...Lená, então foi uma companheirona. Nós íamos lá em Buenos Aires, percorremos a Rua Flórida e fizemos compras, ótimas compras de roupas e fomos entulhando a nossa mala, fomos entulhando a nossa mala. Chegamos depois no Rio, vindo de avião. A turma toda estava limpa, tinha que pegar de novo o avião para vir para Belo Horizonte, e tudo isso era de graça. Nós preferimos adiar a nossa viagem, a nossa passagem; naquela época era mais fácil, adiamos a nossa viagem, que era de graça e tudo. Nós adiamos, ficamos no hotel no Rio e passeamos no Rio, depois, viemos nós duas embora.

É uma recordação muito boa, porque foi um passeio excelente, professores bacanas que foram conosco, os colegas que foram conosco... O Luizinho era muito humano, muito boa pessoa. Éramos rapazes e moças, numa alegria, um companheirismo sem pensar em namoro, sexo, sem pensar em nada. Dançávamos. Várias excursões que fiz com a Universidade fazendo curso lá... Araxá, foram várias vezes; Diamantina, passei até mal, era serenata toda noite, não dormia... Fomos de trem. Na volta o trem descarrilou no meio do mato, e não tinha nada, o vagão descarrilou. E ficamos lá um tempão sem comida, sem nada. Por fim, o chefe da excursão conseguiu uma casinha muito longe e pediu a uma senhora se ela podia fazer um arroz para nós. E o pessoal procurando coquinho para comer, todo mundo com fome, e o vagão descarrilado. E aí, nós procuramos e encontramos. Essa mulher falou: “Eu posso fazer um arroz para vocês, mas não tenho talher. Eu não tenho nada, vocês comem com a mão, tenho os dois garfos aqui, porque os meus filhos comem com as mãos!” “Pode fazer o arroz, pode fazer!” Fez aquela panelada de arroz. Nós comemos um pouco de arroz, mas aí chegou depois o socorro de trem até Corinto. Nós chegamos a Corinto, teve a baldeação, mas essa viagem que nós fizemos para Diamantina posso te contar. Noites e noites acordados fazendo serenata. E ia padre no meio, Padre Cecílio¹⁷⁰.

Padre Cecílio, foi um companheiro também para ajudar a gente. Ele era um homem sensacional. Morava na Avenida Augusto de Lima, na Igreja São Sebastião. Toda viagem que fazia ele trazia um presentinho para cada um. Ou era um imãzinho, ou uma canetinha, toda viagem ele trazia algo para nós. Uma pessoa muito humana

¹⁷⁰ Padre Antônio Cecílio foi admitido em março de 1954, para o cargo de professor de Latim de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

também o Padre Cecílio. Teve um fim de vida também muito triste. Nós tivemos várias, várias etapas que a gente recorda com muita facilidade.

Ele foi para o Centro Pedagógico. Quando faleceu, conseguiram ônibus para nós irmos ao enterro no cemitério do Bonfim. Foi uma consideração muito grande que tiveram com ele. Ele era muito querido da gente. Então, quando souberam que tinha falecido, arrumaram para a gente despedir dele, os professores que o conheciam.

Outra história interessante é da minha aluna Teresa. Ela colava feito uma doida. Eu via nitidamente as colas que ela recebia dos colegas, e falava assim: “quem está te passando cola nunca vai ser gente na vida, e você também não, Teresa, nunca vai ser gente na vida, porque você quer vencer através de trama, através de coisas erradas; procure estudar um pouco, Teresa!” Ela ficava me olhando assim, e olhava assim para os colegas: “besta de quem estuda!” Do lado assim: “besta de quem estuda!” Essa moça, coitadinha, não virou ninguém na vida, porque a gente tinha que ensinar alguma coisa para esses meninos. “Pode colar, Teresa, pode colar, aliás, quem quiser abrir o livro aí, caderno, pode abrir o livro, pega o caderno, pode fazer a prova, não é só a Teresa que pode colar não, vocês também podem! Pode abrir!” Os “malandros” não sabem nem o lugar que tem o exercício do livro, que tem no caderno. Eles não tinham, o caderno deles já era uma bagunça, livro nem havia. “Pode abrir, pode abrir! Quer colar, cola sim!”

Muitos abriram; os melhores alunos, não. Eu tive excelentes alunos, excelentes alunos que queriam mesmo aprender, ir para a frente estudando, excelentes alunos. E aqui então, no Colégio de Aplicação, melhor do que no Centro Pedagógico!

Eu tive uma aluna chamada Vânia Lúcia. Ela fez Química, foi uma excelente aluna e depois foi trabalhar com Química, em pesquisa. Eu sei que ultimamente já não tenho mais notícia dela, até uns tempos atrás eu tinha notícias dela. Uma brilhante pesquisadora, brilhante!

Tive o Norberto, que também foi um excelente aluno. Ele fez Medicina, excelente aluno. O Roberto fez Engenharia. Hoje em dia ele trabalha em uma multinacional, e viaja lá para a Noruega. Excelentes alunos que brilharam. Há pouco tempo eu tive que fazer uma cirurgia e estava lá na sala de recuperação quando apareceu um rapazinho do meu lado: “Dona Aloys, a senhora está me conhecendo? Eu sou o Renato. A senhora foi minha professora lá no Colégio de Aplicação, a senhora não lembra de mim, não? Eu estou aqui graças à senhora”. Eu enchi de orgulho. Estava na

sala de recuperação, nem vi o que passei lá, porque fiquei tão feliz! Eu estava em uma sala de recuperação, porque tinha sido operada, e ele ainda me fala: “ a senhora foi uma excelente professora, eu estou aqui graças à senhora!” Não tem nada melhor nesse mundo, não é? É muito gratificante.

PAULA APGAUA BRITTO - 72 anos**Ex – aluna do Colégio de Aplicação: 1963 – 1965****Data da Entrevista: 20/06/2018**

Conheci a Paula no dia 25 de maio de 2017, em um encontro dos ex-alunos da sua turma do Colégio de Aplicação.

Estava iniciando o doutorado e comecei a procurar ex-alunos do Colégio. Como faço parte de um grupo, no facebook, de fotos antigas de BH, resolvi escrever que estava fazendo uma pesquisa sobre o Colégio de Aplicação e perguntar se conheciam alguém que havia estudado lá no período de 1954 a 1968. Conversei com duas pessoas. Uma foi Carlos Tassara, que foi muito gentil e disse que não teria nada de interessante para contar, mas que sua turma iria se encontrar. Ele me passou o telefone de outro Carlos (Carlinhos), que estava organizando o encontro.

Fiz contato com o Carlinhos, que me convidou para participar do encontro, no qual me diverti muito ouvindo as histórias dos ex-alunos. Conte um pouco da pesquisa e que só poderia começar as entrevistas após a aprovação do projeto no COEP. O Carlinhos já havia falado de mim para os ex-alunos e eles levaram fotos, o convite da formatura e disponibilizaram todo o material para mim. Participei de mais um encontro em julho do mesmo ano e, após a aprovação do COEP, em março de 2018, entrei em contato com a turma por e-mail. Paula se disponibilizou a participar da pesquisa.

Recebeu-me em sua casa e foi muito simpática em sua entrevista. Senti que estava à vontade.

Após a entrevista ela me deu o número do telefone do irmão de uma amiga, Luiz Roberto, que mora em São Paulo e também participa de encontros com sua turma do Colégio de Aplicação.

Na minha casa éramos sete filhos. Papai e mamãe lutavam com dificuldades para nos criar. Quando terminei o primário, mamãe tentou, por duas vezes, me colocar para fazer o Ginásio no Colégio Estadual¹⁷¹. Não consegui passar no exame de admissão, por causa dos problemas de aritmética, que depois, são resolvidos com tanta facilidade, dentro da álgebra.

Terminei o grupo, fiz um Curso de Admissão de dois meses e fui fazer a prova. Então, fiz o Exame de Admissão no Colégio Estadual. Não passei. Perdi por causa da Matemática. Nas outras matérias fui bem e na Matemática fui mal.

¹⁷¹O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro e renomeado em 1943 como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada, com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

Fiz um ano de Curso de Admissão. Tentei o Estadual de novo. Perdi novamente, nos problemas de aritmética. Para não perder mais tempo, fiz por mais dois meses o Curso para o Exame de Admissão, no Colégio Izabela Hendrix¹⁷².

Um dia, o professor de Matemática que prepararia a prova do exame, visitou nossa sala. Falou assim: “Eu vou tirar a prova desse livro!” O livro de Matemática era um livro grosso e verde. Infelizmente, não lembro o nome do autor. Comprei o livro e comecei a estudar sozinha. Quando tinha alguma dúvida, perguntava para o professor do Admissão. Eu adquiri uma base enorme em Matemática. Fui muito bem sucedida nas provas. Era a melhor aluna de Matemática, do Izabela.

No terceiro ano do Ginásio, as minhas melhores amigas do Izabela foram para o Colégio de Aplicação. Elas eram irmãs, de família rica e foram para um colégio público. Com isso, minha mãe queria que eu também fosse terminar o Ginásio no Colégio de Aplicação. Não éramos de família rica e meus pais estavam pagando escola particular para mim.

No Izabela, havia me destacado muito. Era admirada pelos professores e colegas. Não queria perder aquela admiração, não queria perder o pódio que tinha no Izabela. Então, fiz um combinado com minha mãe. Quando terminasse o Ginásio, iria para o Colégio de Aplicação.

Quando fui tentar entrar no Colégio de Aplicação, tinha um exame. Eu estava terminando o quarto ano do Ginásio no Izabela. É muito comum não se chegar ao final do livro e da matéria. No final do ano fica sempre faltando alguma coisa. Não dá tempo de ver toda a matéria. Estudei para fazer o exame no Colégio de Aplicação. Trabalhei em cima das partes que os professores do Izabela não tinham conseguido dar. Fazia todos os exercícios sozinha, e às vezes, quando tinha dúvida, recorria à ajuda de algum professor. Então, entrei para o Colégio de Aplicação. Cursei os três anos do Científico, de 1963 a 1965. Depois fiz o curso de Matemática. O primeiro ano foi na Fafich e os outros três foram no ICEX.

Quando entrávamos no colégio, tinha um pátio, que não era muito grande. Ao redor, ficavam as salas de aulas. A minha sala tinha uns degraus. As carteiras ficavam

¹⁷² O Colégio Metodista Izabela Hendrix foi fundado em 5 de outubro de 1904 por Miss Marta Watts, missionária metodista americana. A escola era só para mulheres até o ano de 1967, quando se tornou mista. Inicialmente, sua missão era dar às mulheres a capacitação para intervenção na vida social. Hoje situada à Rua Espírito Santo, 2055, Lourdes. <http://colegiometodista.g12.br/izabelahendrix> Último acesso em: 27 mar. 2019.

distribuídas nos vários níveis. Atrás do prédio, tinha um anexo mais novo. Também, tinha um terreno atrás, meio abandonado, onde jogávamos vôlei.

Particpei do time de vôlei. Era uma atividade extracurricular. Um colega nosso, que era da minha turma, o Paulo Menezes, era o nosso treinador. Não tinha somente uma turma. Eram alunas de várias turmas. Eu gostava quando jogávamos vôlei.

Ao chegar à escola, podíamos ir direto para a sala e ficar esperando o professor, ou ficar no pátio até o sinal tocar. Quando o sinal tocava, tínhamos que entrar imediatamente para a sala e aguardar o professor. Na hora do recreio, tínhamos uma cantina, onde lanchávamos. Ela era pequena e ficava à direita de quem estava de frente para o prédio.

O Científico era de manhã e o Ginásio era à tarde. As aulas começavam em torno de 7:00h / 7:30h e iam até as 11:30h. As aulas eram de segunda a sexta. O espaço físico da sala de aula era como o de qualquer sala de aula que já frequentei na vida, com aproximadamente quarenta alunos. Era, também assim, no Colégio Izabela e no Grupo Barão do Rio Branco¹⁷³, onde fiz o primário.

As matérias que tivemos no Científico foram: Física, Química, Matemática, Português... Não estou me lembrando de História e Geografia¹⁷⁴. É interessante que me lembre dessas últimas matérias no Ginásio, mas não me lembre no Científico. Lembrome, também, de Desenho Geométrico e Inglês.

Não sei quando, mas fizemos um teste psicológico, para vermos quais eram nossas aptidões. O meu deu Ciências Exatas. Então, nunca estudei Biologia. Eles separavam Ciências Biológicas e Ciências Exatas. O pessoal das Ciências Biológicas tinha Biologia, nós das Ciências Exatas, tínhamos Desenho Geométrico. Tive Ciências no Ginásio, mas, Biologia, nunca estudei.

O material que usávamos era: livro didático, caderno, lápis, caneta, borracha, etc. Material comum. Não tinha nada de especial, como retroprojeter, por exemplo. Computador, menos ainda. Usava-se o quadro negro, “cuspe e giz”, como se diz.

Quando dei aulas, também, foi com esses recursos. Os outros recursos vieram depois.

¹⁷³ Grupo Barão do Rio Branco, atualmente, Escola Estadual Barão do Rio Branco foi criada em 1906, como um dos primeiros grupos escolares de Minas Gerais, para receber aqueles que iriam construir a cidade de Belo Horizonte. A escola está situada à Avenida Getúlio Vargas, 1059, no bairro Funcionários oferecendo o Ensino Fundamental no diurno. <https://bhaz.com.br/2018/03/29/restauracao-barao-rio-branco/> Último acesso em: 29 mar. 2019.

¹⁷⁴ Eu tinha uma imagem da folha do livro de ata de notas da turma da entrevistada e a mostrei. Constavam as disciplinas de História e Geografia. Mesmo assim, Paula não se lembrou de ter estudado Geografia e História no Científico.

No primeiro ano do Científico, fui aluna do professor, de Matemática, Paulo Roberto Baeta da Costa¹⁷⁵. Ele me considerava uma excelente aluna. Era aluna dele na trigonometria, e a trigonometria era do primeiro ano do Científico. Não sei se ainda é..

No segundo ano, fui aluna do Clemenceau Chiabi Saliba¹⁷⁶. O irmão dele era nosso colega, Fernando Saliba. No terceiro ano, o professor de Matemática foi o Mário de Oliveira¹⁷⁷. O Mário de Oliveira era muito ocupado e nem sempre podia comparecer às aulas. Ele era coordenador de Matemática do Colégio Estadual, escrevia livros, tinha Curso de Madureza... Aliás, ele me convidou para dar aulas no curso de Madureza. Eu dei aulas lá. Como ele estava muito sobrecarregado, acabou colocando uma substituta para nós. Colocou a professora Telma. Eu gostava muito dela.

O Mário de Oliveira indicava os livros dele. Na realidade, eram apostilas. Era uma para cada assunto. Posteriormente, começou a fazer livros completos, isto é, cada livro continha toda a matéria de uma determinada série. As apostilas eram impressas onde funcionava o Curso de Madureza, dele. Os livros foram editados por editoras do circuito comercial. Lembro-me dos livros que ele fez para o Ginásio. Não me lembro, se fez para o Científico. Não me lembro dos livros didáticos de Matemática, do primeiro ano e nem do segundo ano. Quando terminei o terceiro ano, tinha que fazer o vestibular. Tive que estudar muita coisa sozinha. Não fiz cursinho. Muita matéria que deveria ter sido dada, não foi.

O curso de Madureza era assim, como o CESU¹⁷⁸ hoje. A pessoa faz só provas. Ela estuda por fora e faz provas para tirar o diploma e pode queimar por matérias. Pode se inscrever só em Matemática, por exemplo. Gente que estava atrasada na escola, gente

¹⁷⁵ Paulo Roberto Baeta da Costa foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

¹⁷⁶ Clemenceau Chiabi Saliba foi admitido em março de 1962, para o cargo de professor de Matemática de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. É um dos entrevistados desta pesquisa. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

¹⁷⁷ O professor Mário de Oliveira foi admitido em 1944 para a cadeira de Complementos Matemáticos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Foi Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais. Na década de 1960 criou um dos primeiros cursos pré-vestibulares da cidade de Belo Horizonte. Também foi um dos idealizadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, Fafi-BH e fundador da Escola de Engenharia Kennedy. Autor de mais de 600 livros, muitos deles na área de Matemática (OLIVEIRA, 1998).

¹⁷⁸ CESU – Centro de Exame Supletivo. Os candidatos podem estudar em casa seguindo uma bibliografia recomendada. Fazem uma inscrição prévia para as disciplinas que querem eliminar. O candidato deve ter no mínimo 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio. <https://cidadeonet.com.br/materia/1154> último acesso em: 25 mar. 2019.

que estava mais velha, ao invés de cursar o curso regular, fazia o Madureza. Então, naquela época chamava Madureza.

Discorrerei um pouco sobre os conteúdos de Matemática do nosso curso. Gostei muito de trigonometria, no primeiro ano. Geometria espacial achava mais difícil. Era no segundo ano. Análise combinatória também era no segundo ano. Tínhamos matrizes no segundo ano, junto com análise combinatória. No terceiro ano, tínhamos derivadas. Eram os mesmos conteúdos de quando dei aulas. Era a mesma sequência.

Até pouco tempo atrás, eu tinha muitos livros. Tinha muito material que poderia nos ajudar, mas, agora, o único livro que tenho e que guardei é esse¹⁷⁹, porque é um resumo, é mais um apanhado. Quando dei aulas, foi, mais ou menos, na mesma sequência. Tivemos progressão geométrica e progressão aritmética no primeiro ano. No segundo ano: matrizes, análise combinatória, geometria espacial. A geometria analítica era no terceiro ano. E ainda: números complexos, polinômios com funções lineares.

Eu sempre sentei na primeira carteira, em frente à mesa do professor. Os meninos sentavam lá atrás. Os professores falavam, escreviam no quadro, passavam alguns exercícios e íamos anotando. Se tinha alguns exercícios do livro, que o professor não fazia ou não pedia, eu chegava em casa e fazia todos. A iniciativa era minha. Os professores passavam exercícios, mas não era a lista toda. Mas, eu fazia a lista toda.

Era uma aula tradicional. Era expositiva. O professor falava o conteúdo, anotávamos, e às vezes, ele dava um tempo para fazermos alguns exercícios. Pedia para estudarmos em casa e dava alguns exercícios. Não tínhamos calculadora. Naquele tempo, não se usava calculadora.

Tínhamos régua, compasso e outros, porque tínhamos Desenho Geométrico, incluindo Perspectiva. O Desenho Geométrico era para os que estavam fazendo ciências exatas.

As avaliações eram somente provas escritas. Lembro-me de prova oral, só no Ginásio. No Científico, não existia mais. Tinha prova passada no quadro e prova na folha.

Os professores de Matemática, às vezes, não davam conta de cumprir todo o currículo. Eu mesma, como professora, também não conseguia. Chegava por volta de quinze de novembro eu já começava a ficar preocupada. Temos muitos feriados: dia dos

¹⁷⁹ SILVA, Cláudio Xavier da; BARRETO FILHO, Benigno. **Toda Matemática**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

professores, primeiro e dois de novembro, 15 de novembro. Naquela época, primeiro de novembro além de dia santo, era feriado. Agora não. Quero dizer, é dia santo, mas não é feriado. E aí já entrava a prova. Então, isso era muito comum. Os professores seguiam a sequência do livro e dificilmente, chegavam ao final da matéria.

Falarei a respeito da relação dos professores com os alunos. De Matemática, me lembro dos três, ou melhor, quatro, se eu contar a Telma também. Eu gostava muito dela. Ela não era uma pessoa que tinha fama, como o Mário de Oliveira. Mas estava sempre disponível para tirar alguma dúvida. Às vezes eu a deixava apertada, com as minhas dúvidas. Disparava com os meus exercícios: 1, 2, 3, 100, 200... Marcava os que não conseguia fazer e levava para ela. Ela passou muito aperto comigo, porque, às vezes, não conseguia responder de imediato. Ela levava os exercícios para casa e depois trazia as soluções.

Como professora, às vezes, acho que, em determinadas situações não devemos tentar responder ao aluno imediatamente. Não é uma boa. Muitas vezes o professor “entra pelo cano”. Ele pode até saber, mas, com calma, pensando, resolve melhor. Muitas vezes ela não conseguia mesmo. Falava: “Paula, depois.” Ela tinha muito boa vontade. Dava muita atenção às minhas dúvidas.

Havia outros professores. O de Química, Eládio¹⁸⁰, era uma fera. E os meninos descontavam, na aula prática. Em Química, tínhamos um professor de teoria, e um professor de prática.

O professor de prática era muito bobinho, “boi manso”. Então, eles aprontavam na aula de prática, já que não podiam aprontar com o chefão, que era o Eládio. O resultado disso, foi que, um dia, eles fizeram tanta bagunça na aula prática, que o Eládio, que já tinha avisado para a turma se comportar na aula prática, acabou suspendendo a turma.

Eu era “santinha” igual ao nosso colega James Simpson. O James falava que tinha vindo de colégio de padre e não estava acostumado com indisciplina. Estranhou bastante. Os meninos eram antigos no colégio. Estavam lá desde o Ginásio e se sentiam à vontade. Enfim, na aula prática de Química, os meninos “pintavam e bordavam”. Era bolinha de papel para cá, bolinha de papel para lá.

¹⁸⁰ Eládio de Almeida Pimentel foi admitido em março de 1959, para o cargo de professor de Química do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

O Eládio fez o quê? - Suspendeu a turma. As coisas que podiam ser feitas antigamente, e que, agora não podem mais. Caso contrário, o professor paga caro. Dá, até, processo ou agressão física contra o professor. Ele suspendeu a turma, mas marcou uma arguição para um dia que estava dentro do período de suspensão. Só que, no tal dia, a turma estava suspensa. Não podia entrar em sala de aula. Nós ficamos no pátio. Ele entrou na sala e começou a sortear alunos para serem arguidos. Não sei se ele colocou o nome de todos. Eu, por exemplo, não fui sorteada. O Paulo foi sorteado. Reclama até hoje. Talvez, ele tenha colocado só os nomes dos bagunceiros. Não sabemos. Ficava sorteando os números dos alunos. Como o aluno não podia entrar na sala ganhava zero. Ficamos assistindo do pátio. O Eládio era linha dura.

No terceiro ano, havia uma professora chamada Márcia que devia ser estudante de Química. Os meninos “aprontavam” nas aulas dela. Ela ficava “doidinha”. Eles fumavam dentro de sala de aula. Acho que não era proibido. Não sei, porque nunca fumei.

O Cãnfora¹⁸¹ era professor de Desenho. Ele era muito amigo dos meninos. Fizeram churrasco. Não me lembro deste churrasco. Eles é que falam nisto. Eu não fui. Eles tinham um “passado” com o Cãnfora. Viajaram com ele. A turma foi para uma praia, não sei onde. Talvez tenha sido no tempo do Ginásio. Eles eram muito entrosados com o Cãnfora.

Eu me dava muito bem com o Paulo Roberto. Não sei bem como era, mas acho que ele ficava injuriado com esses meninos bagunceiros. Tenho a impressão. É mais ou menos isso que está na minha cabeça. Ele não era de ter reações como o Eládio, por exemplo. Ele não se desmanchava por eles, mas também não tomava atitudes drásticas.

O Paulo Roberto gostava muito de mim, como aluna. Às vezes, não sei por que motivo, muita gente matava aula, e eu ficava tirando dúvidas com ele. Só eu. Por que é que os outros não estavam lá? Eu não sei. Não sei se ele se dispunha a tirar alguma dúvida e ninguém aparecia. Acho que era isto mesmo. Dava-me muito bem com ele. Eu considero que está entre os bons professores que tive ao longo da vida. Ele dava muito apoio aos alunos.

¹⁸¹ João Cãnfora foi admitido em 14 de março de 1955, para o cargo de professor de Química do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

O envolvimento da turma em relação às aulas dependia muito do professor e não só da matéria. Haja visto, o caso das aulas práticas e teóricas de Química. O Cânfora era muito amigo dos meninos e eles não o desrespeitavam. Já com a iniciante de química, eles “aprontavam”.

No Científico não havia matérias como Artes e Religião. Nessas matérias as turmas costumam demonstrar desinteresse. Eu jogava vôlei, mas estou em dúvida se no Científico tinha Educação Física. Acredito que deveria ter, porque acho que era obrigatório. Para ter certeza, é só olhar no currículo daquela época, porque os currículos eram determinados pelo MEC.

Então, com isso, meus colegas faziam muitos exames de segunda época. Quem não conseguia passar no fim do ano, passava as férias estudando em casa e tornava a fazer exames pouco antes que as aulas fossem reiniciadas. Eu nunca fiz segunda época. Mas, vários colegas fizeram.

A turma foi caminhando. Vários alunos estavam juntos desde o Ginásio. Vários deles. Quando fomos para o terceiro ano, muitos saíram para fazer o terceiro ano no Colégio Universitário¹⁸². Foi criado o Colégio Universitário, na Pampulha. Muitos deles não se formaram conosco, porque foram para o Colégio Universitário.

Como eu era muito “Caxias”¹⁸³, de certa forma não me envolvia muito com os meninos. Dava-me bem com eles. A turma de Biologia tinha mais mulheres. Na turma de Ciências Exatas, éramos cinco mulheres. De certa forma, naquela época, nós meninas, não ficávamos muito entrosadas com os meninos. Não havia nenhuma restrição direta, mas de certa forma, eles faziam as farras deles, e nós não participávamos.

Fiquei amiga de uma menina da nossa turma e sou amiga dela até hoje. Fez os dois primeiros anos conosco, mas não terminou o curso. Era uma aluna excelente. Começou a namorar um formando de Engenharia, e se casou. Está casada até hoje. Nos tempos atuais, dificilmente isso acontece.

Aquela outra amiga, de quem falei, a do Izabela, fez o Clássico. No colégio, nós nos encontrávamos no recreio. Eu frequentava a casa dela como se fosse da família dela,

¹⁸² O Colégio Universitário na UFMG foi inaugurado em 02 de abril de 1965. Ele ofertava a terceira série do colegial. Considerado uma experiência pedagógica inovadora, permaneceu até 1970. Sua criação se deu na gestão do reitor Aluísio Pimenta, e foi resultado de uma reforma universitária. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1344/quarta.shtml>>. Último acesso em: 01 abr. 2019.

¹⁸³ Caxias é a pessoa que cumpre com extremo rigor suas obrigações e responsabilidades.

mas na escola, ela era do Clássico e eu do Científico. Então, quem ficou minha amiga no Científico, foi a que saiu para se casar.

Eu também já namorava. Comecei a namorar no primeiro ano. O meu marido tinha 19 anos. Casei com 21. Estou casada até hoje. Então, como eu estudava muito e tinha namorado, não tinha tempo para ficar badalando.

Ao fazermos 50 anos de formados, os ex-colegas resolveram se reunir. Foi em 2015. Não tem sido fácil achar o pessoal. Proporcionalmente, poucos têm aparecido. Dentre as ex-alunas, só eu pude ser contatada. O Belisário¹⁸⁴ foi colega do meu marido na faculdade. Então, com o Belisário continuei tendo contato. A turma deles, da engenharia, tem se encontrado todos estes anos. Na nossa turma do Científico, creio que só o Carlinhos, o Belisário e o Tão continuaram a se ver depois de formados. Eles são muito amigos. Foi, por meio do Belisário, que fui achada para as reuniões de encontro dos ex-alunos. As outras mulheres da nossa turma desapareceram. Não conseguimos encontrá-las. Por isso, sou a única ex-aluna desses encontros. Depois de 50 anos, é difícil achar as pessoas, principalmente as mulheres, que costumam ou costumavam mudar de nome ao se casarem.

Então, esses meninos conviveram mais tempo, ficaram mais tempo juntos, trocaram mais ideias. Eles costumam se lembrar de mais coisas daquele tempo, do que eu. Principalmente, no que diz respeito à convivência da turma.

A coisa mais engraçada que aconteceu comigo no primeiro ano, quando entrei no Colégio de Aplicação, foi a seguinte. Estávamos no recreio e eu tinha vindo do Izabela, que era escola só de meninas. No Izabela, não nos policiávamos para conversar. No nosso grupo de conversa, no Aplicação, estavam alguns meninos. Na vista deles, sem a menor maldade, chamei a minha amiga, que tinha sido do Izabela e que tinha ido para o Aplicação, antes de mim, para irmos ao banheiro. Não passou na minha cabeça, que era inconveniente falar assim perto dos meninos. Não notei nenhuma reação deles, mas ela ficou morrendo de vergonha e saiu dizendo: “Paula, na frente dos meninos não se pode falar neste assunto”. Fiquei muito envergonhada. Por aí se vê, que, naquela época, havia muitas restrições para a convivência entre meninos e meninas.

O Colégio de Aplicação estava ligado à Faculdade de Filosofia. Sua função era receber os alunos do Curso de Didática da Faculdade de Filosofia. Por exemplo, quando estava terminando o curso de Matemática, dei uma aula no Colégio de Aplicação. Essa

¹⁸⁴ Eduardo Belizário é colaborador da entrevista coletiva da turma de formados do Científico de 1965.

aula era referente à parte de Didática. Tinha o estágio para se formar em licenciatura, na faculdade.

O estágio era realizado no Colégio de Aplicação, pelos alunos que estavam se formando na Faculdade de Filosofia. Os alunos que já trabalhavam não precisavam fazer o estágio no Colégio de Aplicação, mas tinham que dar uma aula. Foi o meu caso. Eu já dava aula no Colégio Estadual da Gameleira, em 1968, e também no Curso de Madureza do Mário de Oliveira. Então, tive que dar uma aula no Colégio. Escolhi uma aula de trigonometria, pois gostava muito de trigonometria. Quando eu estava no 4º ano, na disciplina de Didática da Matemática, dei esta aula. Porque, na Matemática, para obter a licenciatura, tínhamos que fazer um ano de Didática. Depois de já formada, fui professora de Cálculo no ICEX¹⁸⁵.

Na Didática da Matemática, o professor era o Morandi. Em todos os cursos, os alunos faziam estágio. Como já tinha experiência, tive que dar somente uma aula.

Nos nossos encontros, após cinquenta anos de formados, conversamos sobre muitas coisas de nossa época na escola. Os meninos contam que, em 1964, os guardas chegaram, tiraram-nos da sala e que as aulas ficaram suspensas por ordens superiores. Mas, é o que já falei, eles têm muito mais lembranças do que eu. E olha, que sofri a ditadura dentro da minha casa...

O meu pai ficou preso por muito tempo. Ele ficou preso, nunca foi torturado nem nada, mas ficou. Ele era líder de funcionários públicos. Daquele pessoal que ia fazer greve na praça da Liberdade. Ele ajudava muito nas greves das professoras. Aí vinham os policiais e jogavam água no pessoal que comparecia às manifestações. Eu tenho um irmão, mais novo do que eu, que tinha mais ou menos 13 anos quando começou a participar de movimentos estudantis. Era muito menino, mesmo. Acabou saindo do Brasil e se exilando na Suécia. Eu não era ligada à política. Só queria saber de estudar, de namorar, de estudar, de casar. Naquela época, passamos por muitos problemas dentro de casa. Foram tempos difíceis.

¹⁸⁵ O ICEX – Instituto de Ciências Exatas foi instituído com a Reforma de Ensino de 1968. Era dividido em três departamentos: Física, Matemática e Química. Responsável por todo o ciclo básico das Ciências Exatas e várias disciplinas da Biologia. Na década de 1970 foram criados os departamentos de Ciências da Computação e Estatística. Atualmente, é formado por cinco departamentos, com nove cursos de graduação e cinco de pós-graduação. <http://www.icex.ufmg.br/index.php/home/historia-da-unidade> Último acesso em: 05 abr. 2019.

A lembrança viva que tenho do Colégio de Aplicação é de que era um colégio rigoroso e que não facilitava. O aluno tinha que estudar. Estava entre os melhores colégios de Belo Horizonte.

GILVAN WESTIN COSENZA – 69 anos**Ex – aluno do Colégio de Aplicação: 1962 – 1965****Data da Entrevista: 18/07/2018**

Era dia 12 de julho de 2018 quando conversei com Gilvan e relatei o que estava pesquisando. Ele me disse que já havia conversado com Luiz Roberto, que o inteirou do assunto. Mostrou-se satisfeito em poder participar da pesquisa e marcamos a entrevista. Em nossa conversa, ele me informou os telefones de seu amigo Rafael e de sua irmã Gilvânia, também entrevistados.

Nós nos encontramos em sua residência. Ele me mostrou fotos do último encontro da turma e fotos da época de escola. Foi muito bom conhecer um pouco sobre sua história.

Minha família mudou para Belo Horizonte, em janeiro de 1961. Nós morávamos em Paraguaçu, no interior de Minas Gerais. Meu pai tinha uma loja que vendia de tudo. Morávamos em uma bela casa, éramos dez irmãos. Meu irmão mais velho foi para o seminário. O segundo veio morar com uma tia que morava em Belo Horizonte. Minhas irmãs também vieram e outro irmão veio pouco antes da gente mudar. Ele estava morando com meu tio, e estudava no Estadual Central¹⁸⁶. Minha mãe teve mais uma filha em Belo Horizonte, ficamos 11 irmãos. Sou o do meio, o famoso menino sanduíche.

Na cidade onde morava não tinha o Ginásio, meus irmãos mais velhos estavam morando fora e eu seria o próximo a sair de casa para fazer o Ginásio. Papai, então, resolveu vender tudo. Vendeu a loja, a casa e viemos morar em Belo Horizonte. Papai comprou uma casa na Rua Leopoldina que era a um quarteirão da Faculdade de Filosofia. Fiz o 4º ano de grupo no interior, mudamos em janeiro de 1961, e fiz o curso

¹⁸⁶ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro e renomeado em 1943 como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada, com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

de admissão que tinha na época, no Colégio Padre Machado¹⁸⁷. Em 1962, comecei o Ginásio no Colégio de Aplicação.

Não lembro se fiz alguma prova para entrar no colégio, mas acredito que tenha feito. Vieram vagas lembranças, minha mãe falando para eu me preparar. Tenho algo assim na minha cabeça que fiz, mas não posso afirmar com 100% de certeza. Tenho essa lembrança de ter feito.

Fui para o Colégio de Aplicação pela proximidade de casa, morava a um quarteirão do Colégio de Aplicação. Por ser perto a mamãe me dirigiu para o Aplicação. Não sei quais informações ela teve. Tinha 11 anos, nessa época. Acho que pai e mãe até hoje contam muita história para os meninos, porque isso, porque aquilo. Não sei dizer o porquê de terem escolhido, mas acho que é muito em cima disso, muito por causa da proximidade de vir e ter um bom conceito como escola.

Eu tinha uma tia que morava aqui há mais tempo. A irmã da minha mãe. Ela morava na Rua Carangola, quase em frente à Faculdade de Filosofia, depois mudou para a Congonhas, então ela também deve ter tido alguma informação a respeito.

Até a quarta série eu fiz no Aplicação, quarta série no Ginásio. Lembro que tomei bomba em Latim na quarta série, e meus pais, com todo o conservadorismo deles, todo o rigor deles, acharam meio absurdo perder o ano por causa do Latim. Me matricularam em outro colégio, um colégio particular, onde não se exigia Latim.

Fiz o primeiro ano do Científico nesse Colégio e no segundo ano voltei para o Aplicação. Foi uma confusão da mamãe com a dona Alaíde¹⁸⁸. Não sei o que ela arrumou. Inclusive comecei à noite, fiz uns dois meses à noite; depois voltei para o período diurno, encontrando a minha turma antiga.

No terceiro ano, em 1968, queria fazer Agronomia. Até saí de Belo Horizonte para fazer um curso que se chamava Colégio Universitário Viçosa¹⁸⁹, que era um

¹⁸⁷ O Instituto Padre Machado foi fundado em 1925 pelo professor Antônio Lara de Resende. Sua sede era em São João Del Rei. Em 1939, o Colégio passa a funcionar em Belo Horizonte. Em 1950, a direção da escola passa aos cuidados dos Religiosos Barnabitas. A partir de 1972, o colégio abre sua primeira turma feminina. Atualmente está situado à Av. do Contorno, 6475 - Savassi - Belo Horizonte – MG. <http://padremachado.edu.br/historia/> Último acesso em: 09 abr. 2019.

¹⁸⁸ Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007 em Belo Horizonte com 103 anos. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml> . Último acesso em: 19 maio 2019.

¹⁸⁹ O Colégio Universitário de Viçosa – COLUNI - foi criado em 23 de março de 1965. Funcionava apenas a terceira série do Colegial com função preparatória para o vestibular, respeitando os termos da

preparatório para o vestibular de Viçosa, de Agronomia. O meu amigo, Luiz Roberto, foi junto comigo, também fez Agronomia. Fomos juntos para a mesma república, mesma pensão. No Científico realmente fiz somente o segundo ano. Um período que fiquei um tempinho, dois meses à noite, depois de dia.

Era uma época meio ruim, 1968. Era uma época ruim no Brasil. Foi negado o certificado do curso em Viçosa, porque eu tinha um irmão que era presidente do diretório acadêmico, e estava preso. Simplesmente foi negado, minha matrícula e rematrícula, do nada. Foi um custo para conseguir um histórico escolar para poder ir para a frente. Pelo sobrenome, naquela época era assim.

Então, saí de Viçosa, voltei para Belo Horizonte. Não consegui, não me deram nem um certificado nem nada, acabou. Em 1969 estudei aqui, em uma escola particular, para completar e ter um certificado do terceiro ano Científico.

Já que Viçosa não me aceitava, fiz o vestibular em Jaboticabal, no interior de São Paulo, perto de Ribeirão Preto. Tinha indicação, tinha um irmão que era agrônomo, que era professor lá. Fui lá e consegui fazer o vestibular. Fiz o curso de Agronomia.

É difícil hoje, com a cabeça da época, é meio difícil ... Eu era rapazinho, hoje a gente enxerga muitas coisas que inclusive viveu depois, com os filhos da gente, os mesmos períodos.

Em termos de ensino, era realmente uma coisa muito diferente que existia dentro do Aplicação; em termos de vanguardas, em termos do que era o ensino na época. Eu tinha as narrativas do meu irmão que estudava no Estadual, que também era um colégio de ponta na época. Mas aquele entrosamento da FAFICH com o Aplicação, a ideia que hoje faço é que realmente utilizavam metodologias que eram de vanguarda.

Não sei dentro do contexto, porque era um moleque, chegando do interior. Paraguaçu devia ter cinco mil habitantes na época, Belo Horizonte devia ter uns quinhentos mil na época. Então, realmente, era tudo muito diferente. Difícil contextualizar em termos da relevância. Tinha muita consciência de que lá era uma coisa diferente, muito diferente. A proximidade dos professores, a proximidade da Dona Alaíde. Ela vivia lá, era uma pessoa de fácil acesso. A gente já tinha contato, não era uma coisa fora da mão da gente, aqueles pirralhos todos, tinha um contato muito

próximo, tinha um acompanhamento. Esse é o sentimento que tenho em relação à escola.

Tenho uma lembrança muito clara do Colégio. Era um espaço que permitia uma interação muito grande entre todas as turmas, todas as salas. Chegando à escola tinha aquela escadaria, subia, entrava pela porta da frente, deixava a caderneta, quando saía retirava. Após deixar a caderneta olhava e via um retângulo com uma espécie de uma varanda retangular, onde tinha salas de aula dos dois lados. A parte da frente, onde a gente subia a escada, era a diretoria. Tinha um pátio central, tipo aquelas fazendas antigas, aquelas casas antigas, onde havia uma casa, e no meio tinha esse pátio central.

O pátio era usado para cantar o hino nacional, para coisas desse tipo, que se faziam. Eles juntavam os alunos uma vez por semana. Então era essa varanda em torno do colégio todo, com as salas laterais, e durante o intervalo era aquela comunhão de todo mundo. A cantina central era à direita. Você descia uma escada e a cantina ficava embaixo.

Não fazíamos fila para entrar para a sala. Tocava o sinal e a gente entrava. Deixava as cadernetas lá na sala e ia direto para a sala de aula. Não tinha fila, não tinha nada. Terminava uma aula e já começava a outra aula em seguida. Tinha uns 10 minutos de intervalo, não lembro. A dona Alaíde, a sala dela ficava lá, mas ela andava nos corredores, parava, conversava com um, conversava com outro.

A sala de aula era um retângulo imenso, com o pé direito altíssimo, pelo menos para mim na época. Eu achava, continuo achando até hoje. Porque era mesmo, com as cadeiras enfileiradas, o modo tradicional, carteiras individuais e muito grandes, muito grandes. Ao todo devia ter uns quarenta alunos. Acredito que sim, calculo que sim, entre trinta e quarenta. O professor ficava na frente, com a mesa, cadeira e o quadro negro. Tudo era ali no quadro mesmo.

Quando entrei para o colégio não tinha quadra. Primeiro foi feito o anexo onde eram os laboratórios de Química. Entrando à esquerda, tinha uma passagem por dentro, e não tinha quadra. A Educação Física era com o professor Dirvan¹⁹⁰. Era um sargento, alguma coisa desse tipo do exército. Atrás da Fafich tinha o prédio grande, o Colégio de

¹⁹⁰ Dirvan Figueiredo Brandão foi admitido em abril de 1958, para o cargo de professor de Educação Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Aplicação; atrás era um barranco. Descendo era cheio de mamona, árvore e tal, e saía no bairro Santo Antônio lá embaixo.

A Educação Física, nossa, eles punham a gente para correr. Tinha um caminho que a gente tinha que fazer, então a gente ia correndo até lá, voltava, dava dois pulinhos e acabou. Já em um período que não vou lembrar quando foi, 2º ano do ginásio ou 3º ano do ginásio, foi feito um rateio entre os pais para construir uma quadra de futebol. Ela foi feita onde era o laboratório de Química, quase chegando naquela rua de cima, eu não sei dizer o nome, uma ruazinha sem saída, logo acima dali.

Então, a quadra era ali. Foi feita com o rateio de dinheiro dos alunos, não sei qual outra verba conseguiram, se isso foi só para completar... Então a Educação Física passou a ser muito melhor. Em cada sala havia por volta de 30 alunos, juntavam duas turmas, não sei, eram 60 alunos. Tinha as meninas também, vamos pôr 35, 40 meninas. Descíamos correndo de lá e os 10 primeiros que chegassem à quadra podiam jogar futebol. Essa era a Educação Física.

Então, tinha de tudo. O Dirvan ficava lá ao lado do morro olhando. Enquanto os alunos subiam e desciam aquele barrancão, pegava as ruas do bairro Santo Antônio, passava e subia no barrancão de novo, e ele ficava vigiando, porque tinha uns que enrolavam aqui, e na hora que a turma estava chegando entravam na frente de novo, e o Dirvan já mandava voltar. Então, o prêmio era jogar futebol depois que teve a quadra, mas no começo não tinha nada. Depois a FAFICH fez uma quadra embaixo também, não sei se ainda tem.

Em Matemática era diferente. Sempre gostei de Matemática, sempre gostei muito. Foi uma matéria em que nunca tive problemas, tanto que não lembro nada dela. Lembro-me de ter problema com o Francês, com o Latim, com o Mister Hélcio¹⁹¹, que era o professor de Inglês. Geografia e História também nunca tive problema. Mas, Matemática, não me lembro de problemas, nenhum! Absolutamente nenhum! Tanto que depois, quando fiz o vestibular em Jaboticabal, tirei 100% em Matemática. De onde vem isso? Fiquei assim, de onde vem isso? Não foi do curso, no ano que fiz fora, não foi isso. Isso é base. Só pode ser. Além de gostar e ter facilidade, foi o que me foi fornecido lá.

¹⁹¹ Helcio Vieira Costa foi admitido em março de 1956, para o cargo de professor de Inglês do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Lembro do professor Décio¹⁹², de Matemática, não me lembro de outro professor. Conversando com o Rafael¹⁹³, ele me falou nome da professora Aloys¹⁹⁴, mas não consigo me lembrar; me lembro do Décio dando aula, não me lembro da Aloys.

O professor Décio era muito seco, não era de sorrir muito, mas era muito objetivo. Pelo menos para mim era muito claro. Ele virava de costas escrevendo no quadro, virava de frente, mas eu não conseguia entender tudo que ele estava querendo dizer. Sempre tive um conceito muito bom dele como professor.

Tínhamos uma relação tranquila com o professor Décio. Ele não tinha grandes contestações, e era um período de grandes contestações. Era um período de muita contestação. Esse período que a gente viveu de 1964 para a frente, que ali o próprio espírito da Fafich, era um espírito mais aberto, de mais contestação, ele passava para dentro do colégio, é claro. Mas não tinha, não tinha realmente muita coisa não, era tranquilo.

Eram duas turmas em cada ano, eram A e B. Depois, em uma época, não sei se já no terceiro ano do Ginásio, abriram a C, que era em um anexo. Olhando o Colégio, de frente, à esquerda tinha um anexo, uma parte nova. Abriu outra turma, C, isso também ficou na minha cabeça. Até fizeram uma separaçõzinha. Lembro-me disto: entre os melhores alunos e os piores alunos, na minha opinião, na época, separaram alguns. Não gostei daquilo, de terem separado. Comentei com a mamãe: “Olha separaram, me botaram no meio dos alunos ruins.” Minha mãe foi lá e conversou. Depois, voltou e falou: “Falaram que não teve nada disso, que foi uma coisa necessária.” Também nunca contaram quais foram os critérios.

É muito interessante, só pode ser porque não tive problema em Matemática que não me lembro de muita coisa. Quando a gente tem problema a gente lembra. Lembro muito quando tomei segunda época em Francês, não sei em que ano. Me gravou muito a dona Terezinha, que era a professora de Francês. Estudei demais, fiz uma prova muito boa. Minha mãe até arrumou uma aula particular para mim. Lembro-me do Padre Cecílio, que dava Latim, mas, de Matemática, não lembro.

¹⁹² Décio Furtado de Mendonça foi admitido em 01 de março de 1954 como professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

¹⁹³ Rafael Rabelo Guimarães é colaborador da pesquisa.

¹⁹⁴ Aloys De Meira Carvalho foi admitida em janeiro de 1955 como professora de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. É colaboradora da pesquisa.

Tenho lembranças da sala de aula. Tinha o quadro negro, o professor à frente e a gente atrás copiando. Tentei lembrar o livro, ter uma referência, não me lembro do livro. O professor passava os “para casas”. Naquela época não tinha muito recurso audiovisual, não tinha coisa nenhuma, era realmente o professor na frente e a gente copiando. A gente ia fazendo exercícios em sala e em casa. Não tínhamos trabalho, eram apenas exercícios. No Ginásio tivemos duas excursões. Uma para Ouro Preto e outra para Tiradentes

As provas eram feitas em folha mimeografada. As folhas tinham um cheirinho de álcool. O professor entregava uma folha para a gente e fazíamos em uma folha grande e entregávamos para ele depois. Em Inglês tinha prova oral. Eu era muito ruim em Inglês. Nunca tomei bomba. Língua não era e nunca foi minha especialidade.

Tinha reprovação. Alguns colegas que começaram com a turma foram ficando para trás ao longo do Ginásio. Não era um índice muito alto, mas tinha reprovação. Em Francês, por exemplo, só eu fiquei para fazer o exame de segunda época. A professora deve ter ficado muito brava comigo, porque teve que me dar uma prova na segunda época. Era só para mim, ela podia estar de férias. Em Matemática tinha muita segunda época, isso eu lembro, tinha desde o primeiro ano do Ginásio.

Dentro da escola falávamos do momento que o país vivia. Era uma época de conversar, de contestar, ainda mais que a gente tinha gente na família. Tive três irmãos que foram presos durante a ditadura. Foram torturados, espancados e sofreram muito. Todo mundo tinha, tinha na faculdade, onde o ambiente realmente era de abolição. Então, isso passava. Sempre saía conversa, mas nunca houve assim nada organizado.

No Colégio de Aplicação não tinha diretório acadêmico, não tinha nada disso, organizado dentro da escola. Mas, essas conversas todas, todo mundo tinha muito medo. Normal, não é? Um bando de rapazes, de gente pequena, sabendo das coisas que estavam acontecendo no Brasil, porque se sabia. Quem queria sabia e quem não queria fingia que não sabia. Mas organizadamente não tinha nada dentro da escola. De vez em quando, corriam os panfletos, isso devia ter vindo da Fafich. Alguém da Fafich é que espalhava. A gente chegava à sala, havia os manifestos, havia algumas coisas contra a ditadura, contra o golpe. Depois de 64 começou a ter isso, mas organizadamente não. Lá dentro, não.

E tem uma coisa que me marcou muito em relação à dona Alaíde. Houve uma época na ditadura em que o Assis Chateaubriand¹⁹⁵, dos Diários Associados, dono do Brasil na época, era a Globo do Brasil, fez uma campanha que se chamava “Ouro para o Bem do Brasil”. Arrecadou ouro no Brasil inteiro. Porque os militares falavam que o Brasil estava quebrado, precisava de dinheiro. Então, arrecadaram no Brasil inteiro alianças, brincos, colares, o que tivesse. Faziam-se doações voluntárias para o tesouro brasileiro, para salvar o país.

E nós fomos, fez-se uma campanha dentro do Aplicação, também, e recolheu-se isso. E foram escolhidos alguns alunos para ir onde era o posto da doação. Foram os primeiros que a gente pode chamar de quase Shopping em Belo Horizonte, na Rua da Bahia, para cima da Goitacazes, que chamava... É um prédio, ali já foi uma porção de coisas, é uma galeria grandona, um prédio que dava saída na Espírito Santo.

E lá tinha uma área muito grande, eles estavam recolhendo o ouro, e a dona Alaíde escolheu alguns alunos para ir. Não sei por quê fui eu um dos meninos que foi. Chegou lá, não me lembro se era algum pacote, como é que era. Ela fez a entrega, e uma das pessoas que estava recebendo falou: “Ah, essa meninada que não sei o quê.” Fez algum comentário jocoso, alguma coisa assim, que não me lembro exatamente, mas foi alguma coisa que ela não gostou. Ela largou todo mundo para trás e falou assim: “isso que você está dizendo não, respeito! São alunos do Colégio de Aplicação!” Ela não era grande, mas ficou enorme, e falou isso para a pessoa. A pessoa ficou, lembro-me muito, a pessoa ficou sem graça. Ela falou: “são alunos do Colégio de Aplicação!” E pronto, juntou a turma e foi embora. Então, essa é a imagem que tenho dela, uma pessoa orgulhosa daquilo que estava fazendo, daqueles meninos que estavam ali com ela, independente de para quê.

Tinha o Dirceu, era um careca alto, me chamava muita atenção, magro... Depois parece que ele substituiu a dona Alaíde em uma época. Ele virou diretor, eu tenho essa lembrança. O Dirceu era um cargo acima, ele era abaixo da dona Alaíde, mas acima do Léo e do resto do pessoal que era mais disciplinador, sei lá como é que chamavam na época. Eu não sei o cargo que ele tinha, mas era logo abaixo da dona Alaíde.

¹⁹⁵ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892-1968) foi jornalista, empresário e um dos políticos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1960. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Foi dono dos Diários Associados, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica. Criador e fundador do Museu e Artes de São Paulo (MASP). Foi ainda responsável pela chegada da televisão ao Brasil, inaugurando em 1950 a primeira emissora do país, a TV Tupi. https://www.ebiografia.com/francisco_chateaubriand/ Último acesso em: 10 abr. 2019.

O colégio em relação ao ensino foi a melhor coisa aconteceu para mim. Destaca-se pela socialização. Não sei se era uma nata de Belo Horizonte. Não sei o que era, mas criei grandes amigos. O ambiente era muito bom, de companheirismo, de alegria. Não ia para a escola contrariado, nunca! Em período nenhum dessa época. Tenho amigos até hoje, desde o 1º ano de Ginásio. Temos 55 anos de amizade. O Luiz Roberto entrou no segundo ano no Ginásio. Eu entrei no primeiro. O Rafael, com quem você vai falar, entrou no primeiro, ele era praticamente meu vizinho. Bruno, José Geraldo, essa turma, desde o primeiro ano do Ginásio.

É uma turma muito grande que até hoje corresponde. Tem algumas pessoas que encontro toda semana para tomar cerveja. Outros de vez em quando a gente se comunica, manda e-mail... O ambiente da escola em termos pedagógicos era fantástico, porque apesar de tudo dei certo na vida. E todos, quase todos os colegas que a gente tem informação, todos eles se encaminharam na vida. Não sei se era o momento que o Brasil viveu, o que foi, as oportunidades que existiram, mas todos evoluíram, pela própria situação mundial. Todos evoluíram, todos assentaram.

O Bruno é dentista, o Rafael foi engenheiro, trabalhou na Cemig muito tempo. Tem o José Fernandes, que hoje é consultor internacional, até hoje está na ativa, vive mexendo, escrevendo coisas, quem mais? Cristiano é médico na UFMG... Cristiano Machado não sei se aposentou. Ele não formou em Medicina, não sei se formou em Farmácia. O Cristiano trabalhava na UFMG, até pouco tempo. Encontrei com ele tem uns três anos, nós tomamos cerveja aqui em baixo, acho que ele trabalha na UFMG mesmo.

RAFAEL RABELO GUIMARÃES – 68 anos**Ex – aluno do Colégio de Aplicação: 1962 – 1968****Data da Entrevista: 24/07/2018**

Rafael foi indicado por seu colega Gilvan para a entrevista. Quando entrei em contato com ele, já sabia do que se tratava, pois o colega já havia conversado sobre a pesquisa. Aceitou participar e marcamos a entrevista em sua residência.

Cheguei a sua casa e começamos a conversa. Ele quis saber em detalhes a proposta da pesquisa.

Durante a entrevista, ficou muito tranquilo e dava risadas ao se lembrar de situações vividas por ele no Colégio de Aplicação. Fizemos uma pausa, tomamos um café e conversamos um pouco, retornamos à entrevista e a cada lembrança ele me mostrava alguns materiais que havia separado. Mostrou-me fotos e o convite da formatura. Falou do encontro que os alunos fizeram após 50 anos de formados.

Comentou que não se lembrava de absolutamente nada e que entrevistá-lo foi uma péssima escolha, porque ele tem muita dificuldade de recordar. As dificuldades foram ficando para trás, pois trouxe valiosas contribuições para a pesquisa.

Entre para o Aplicação em 1962 e saí em 1968. Não perdi nenhum ano. Fiz os quatro anos do Ginásio e depois dois anos do Científico. No 3º Científico, uma turma grande dos colégios, inclusive do Colégio de Aplicação, foi para o Colégio Universitário¹⁹⁶, já no Campus. O Colégio Universitário, que eles abriram na época. Então, eu e vários outros colegas fomos para o Colégio Universitário. Esse 3º ano não fiz mais no Colégio de Aplicação, nós fomos para lá. A turma de alunos no Colégio Universitário era grande.

O Colégio de Aplicação e o Colégio Estadual¹⁹⁷ eram renomados. As pessoas falavam muito do Aplicação e do Colégio Estadual que eram bons colégios, tinham uma boa educação. Era um dos mais reconhecidos pelo que me recordo.

¹⁹⁶ Colégio Universitário na UFMG foi inaugurado em 02 de abril de 1965. Ele ofertava a terceira série do colegial. Considerado uma experiência pedagógica inovadora, permaneceu até 1970. Sua criação se deu na gestão do reitor Aluísio Pimenta, e foi resultado de uma reforma universitária. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bo11344/quarta.shtml>>. Último acesso em: 01 abr. 2019.

¹⁹⁷ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro. Foi renomeado, em 1943, como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956, teve sua nova sede inaugurada com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes

Fui para o Colégio de Aplicação por duas coisas: tinha renome, um prestígio e era pertinho de casa; eu morava ali na Leopoldina. A Leopoldina é aquela rua paralela à Carangola, que desce. Quer dizer, em linha reta eu estava a cem metros da escola. Só tinha que descer, fazer uma curva e chegava à escola. Então, estava pertinho.

Na época era concurso, então, fiz concurso e passei. Eu nunca confirmei essa informação, não tinha assim interesse, mas a dona da cantina era nossa vizinha e amiga. Ela faleceu, era sogra do meu irmão. Ela disse que eu teria passado em segundo lugar na seleção. O primeiro lugar foi de uma colega minha. Passei bem classificado.

Naquela época, desde o primário até o 3º científico era bom aluno, nunca perdi média, nunca perdi um ano, nunca perdi nada. Depois, quando chegou a Escola¹⁹⁸ é que já estava meio cansado. Andei malandrando um bocado, mas deu tudo certo. Então, foram essas duas coisas, o nome que o colégio tinha e a proximidade de casa.

Tenho perfeitamente a lembrança do espaço físico da escola. Tinha uma parte que você caminhava e tinha as salas de aula. Embaixo ficava um pátio, que era o pátio em que nas segundas-feiras, a gente cantava o hino nacional. Todo mundo e o nosso professor de Música. O professor George Marinuzzi, que comandava o hino. Ele ensinou o hino para todos cantarem uma vez por semana.

Na entrada tinha uma escadaria. Tinha as salas, sala pequena, sala da diretoria e sala dos professores, e para o outro lado e um pouco para cima... Mais tarde eles construíram umas quadras de esporte, futebol, vôlei e futebol de salão. Então, nesse espaço do colégio era isso e o resto ia até um barranco. O barranco já era outra história, já entrava na parte de terrenos que pertenciam à Faculdade, mas o Aplicação era isso aí.

As salas de aula tinham janelas grandes, carteiras modelo antigo de madeira, um tablado lá na frente, o quadro negro. O professor ficava na frente e dando aula. E a gente ficava nessas carteiras, aquelas de madeira, e ficava assistindo aula de lá. Não tinha nada de especial. Naquela época, não tinha recursos.

Quando entrava na sala, ficava me sentindo como se estivesse na época do meu avô. Ficava assim: “gente, qualquer hora eles vão sair daqui com uma palmatória e vão sair dando palmatória na gente.” Tinha essas sensações, porque a disciplina era muito rígida.

Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

¹⁹⁸ Ele se refere ao curso superior que fez, de Engenharia.

Embaixo, à esquerda, tinha umas salinhas. Havia a cantina e uns porões. Ficava imaginando: “gente, esse troço aqui nós estamos na sala que é da época talvez do meu pai, do meu avô, nós estamos num estudo da época da palmatória”.

Tinha essa impressão, porque era um colégio esquema antigo, na construção e na disciplina. Eles ficavam ali, tinha até uns caça-gazeteiros, igual tinha o caça-gazeteiros na história do Bolinha e da Luluzinha.

Tinha o caça-gazeteiro, que era o Cristóvão. A aula começava, ele saía ali pelas ruas próximas procurando aluno que tivesse matando aula. Se achasse alguém, ele pegava e ligava para o pai e para a mãe. Ele tinha outras funções, mas uma delas era ficar correndo atrás dos meninos que estivesse matando aula pela rua.

Ele ficava andando pelas ruas do bairro, de olho. Dentro da escola era praticamente impossível matar aula, porque o colégio era pequeno. Não tinha como você sair de uma sala, você vai para onde? De cara você era visto pelo pessoal da diretoria, não tinha jeito, era impossível, então você ficava na sala mesmo.

Não tinha muros, tinha muro na frente. Deixa-me lembrar aqui. Na frente tinha muro; quem estiver olhando de frente, à esquerda já tinha uma rua com casas. Então, era a rua ... Esqueci o nome da rua. Dessa rua não sei se tinha um muro, mas se tivesse, não era nenhum muro que impedisse ninguém de sair.

Para o fundo e para o lado direito, quem quisesse sair saía com facilidade. Inclusive, uma das atividades da Educação Física era correr no bairro. Aquela turma de menino despencando ali, pelo barranco, saía lá embaixo. Dava uma volta pelas ruas, depois chegava, entrava pelo portão da frente, ia lá para esse local da Educação Física, que era o lado esquerdo de quem entra, que é o lugar onde depois fizeram quadras. O pessoal ia para lá encontrar com o professor. Por esses lados era fácil de sair. Mas, não me lembro de ninguém saindo. O que eles faziam era chegar à escola e nem entravam. Chegavam lá e ficavam dando volta lá por perto, fazendo não sei o quê. Era assim.

As matérias que eu mais gostava eram Matemática e Física. Não gostava e não me interessava por Biologia. Química também não era fã. Gostava mesmo era de Matemática e de Física. Depois, tinha aquelas outras matérias: Inglês, até Latim a gente tinha. Aula de Latim, aula de Música, Desenho Geométrico tinha no Científico com certeza. A gente tinha essa parte do Desenho Geométrico, essas coisas eu gostava. Matemática. Eu gostava.

Era difícil aparecer alguém que gostasse de Matemática. Mas, eu gostava. Acho que me saía bem. Nunca tirei uma nota vermelha, sempre tirava boas notas e acabava me tornando professor dos colegas. À noite, eles iam para a minha casa estudar. Quando a gente estudava, porque era raro a gente realmente estudar; quando eles iam para minha casa a gente fazia outras coisas, menos estudar. Fazíamos o dever, qualquer coisa. Ensinava o pessoal. Eu gostava e sempre gostei de Matemática. Fui seguindo. Sempre na minha vida entrava Matemática, em tudo depois que segui sempre entrou Matemática.

Apesar de gostar muito da Matemática, não me lembro dos professores. Não me lembro de professor nenhum. O único professor de Matemática que lembro é do Clemenceau¹⁹⁹. Ele deve ser vivo, porque na época era jovem. Ele também era muito conceituado como um cara bom de Matemática. Esse me lembro muito bem. Inclusive, depois fui aluno no cursinho dele. Comecei a frequentar o cursinho e não estava rendendo. Larguei o cursinho. Mas o nome, o único nome que me vem à cabeça é do Clemenceau, não lembro dos professores²⁰⁰.

Aloys²⁰¹, pois é a Aloys eu lembro, Aloys... O Décio²⁰² me lembro também. Eles foram meus professores... É que estou fazendo confusão com outro professor. Do Décio me lembro. Estou fazendo confusão dele com o Professor Pereira, pois fisicamente os achava meio parecidos. O Pereira era professor de Português. O Décio foi meu professor sim. Ele era um bom professor. Aliás, todos os professores, de uma forma geral eram bons professores.

A gente tinha uma professora, Beatriz Alvarenga²⁰³. Tinha o padre Cecílio²⁰⁴, era professor de Latim. Na primeira aula de Latim que nós tivemos, ele chegou, cruzou

¹⁹⁹ Clemenceau Chiabi Saliba foi admitido em março de 1962, para o cargo de professor de Matemática de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁰⁰ Para ajudá-lo mencionei o nome de dois professores de Matemática do Ginásio: Aloys e Décio.

²⁰¹ Aloys De Meira Carvalho foi admitida em janeiro de 1955 como professora de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. É uma das entrevistadas desta pesquisa. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁰² Décio Furtado de Mendonça foi admitido em 01 de março de 1954 como professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁰³ Beatriz Alvarenga Álvares, 96 anos, formou-se na Escola de Engenharia da UFMG, onde despertou seu interesse pela Física. É professora e autora, juntamente com o professor Antônio Máximo, do livro "Curso de Física", foi um dos títulos mais adotados no Ensino Médio no Brasil e na América Latina. Em 1968, fez parte do grupo de professores que criou o Departamento de Física do Instituto de Ciências

os braços e disse: “ditado.” Nós respondemos: “o que é isso, ditado? Como assim, ditado? A gente nunca teve aula nenhuma.” Ele, com a cara fechada, começou a falar as coisas e eu tentando entender o que ele falava... Escrevi do jeito que entendi.

Ele era um padre que chegava com aquela roupa, aquela batina, e não sei o quê com a cara fechada. Mas, acabou que foi um dos professores mais lembrados por todos. No final das contas todos gostavam dele. Mesmo sendo mal-humorado, gostávamos dele e lembramos-nos dele até hoje.

Tínhamos um bom relacionamento com os professores. Tinha alguns professores que a gente gostava mais por ter aquele jeitão deles. Um deles era o professor de Desenho. Ele já faleceu. Não era Desenho Geométrico, era Desenho. Era o João Cãnfora²⁰⁵, ele era professor de Desenho, nós gostávamos muito dele.

A turma implicava muito com o professor de Português, o Pereira. Ficavam chamando-o de Pereirinha. Mas de modo geral era um bom relacionamento. Todos respeitavam os professores, gostavam dos professores. Percebíamos que eles conheciam a matéria, transmitiam a matéria direito. Então, em minha opinião, era um relacionamento bom, muito bom.

Houve alguns casos, raros, de alguns professores que não simpatizamos muito, mas, era raro. Havia uns que eram mais populares, tinham mais facilidade de ficar lidando com a turma, e outros eram mais focados na tarefa mesmo. Davam a aula tranquilamente, mas não chamavam atenção. Outros, como o João Cãnfora, era aquele tipo de pessoa simpática. Todos gostavam dele independentemente da matéria. E da matéria gostava também, então o relacionamento era bom, nunca tive queixa. Acho que ninguém nunca teve queixa ou teve problema com os professores de forma geral. Pode ter tido uma coisa ou outra, mas era muito raro.

Já o relacionamento entre os colegas não era um relacionamento assim ... Tinha a turma da frente, que era mais calada, mais focada na aula, prestava mais atenção no

Exatas da UFMG. É professora Emérita do departamento de Física da UFMG. <https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-beatriz.html>. Último acesso em 08 jul. 2019.

²⁰⁴ Padre Antônio Cecílio foi admitido em março de 1954, para o cargo de professor de Latim de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁰⁵ João Cãnfora foi admitido em 14 de março de 1955, para o cargo de professor de Química do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

professor, e tinha a turma lá de trás, a que ficava naquele zum zum zum, ficava ali naquela conversa.

Às vezes o professor tinha que intervir, dar uma esculhambação na turma para sossegar. Tinha um professor, acho que o professor nem esquece isso, o professor de Inglês. Um dia ele falou: “você parece mais colmeias zumbindo, ficavam naqueles zum zum zum.” Tinha conversa, mas acho que não chegava a dar um distúrbio que prejudicasse o aprendizado.

Quando fiz um cursinho preparatório para o vestibular, tinha aula que eu ficava observando. Tinha alguns alunos que trabalhavam o dia inteiro, e à noite iam para o cursinho. Eles ficavam o tempo todo falando, conversando e fazendo graça. Eu pensei: “Estou perdendo meu tempo aqui porque não consigo prestar atenção na aula. O pessoal fica aí, parece que eles têm dinheiro para jogar fora.” Larguei o cursinho. Mas, no Colégio de Aplicação não tinha nada que prejudicasse o aprendizado, eram coisas pequenas. Então, dava para prestar atenção na aula. Eu ficava na turma mais quieta, mais prestando atenção, e tinha a turma que era mais conversadeira, mas era bom.

Com relação aos conteúdos de Matemática, lembro-me de alguns conteúdos como equações. Equação de primeiro grau, matriz, equação de segundo grau, e o que mais que era dessa época? Ah, tinha geometria, projeções que você tinha que saber não sei o quê, e tinha geometria analítica. Em Matemática, acho que era mais ou menos isso.

Eu não me lembro de Matemática Financeira, acho que não tivemos Matemática Financeira. É, Matemática Financeira fui aprender depois. Até aprendi Engenharia Econômica, fazer aqueles cálculos todos. Tenho a calculadora HPC, daquelas financeiras. Então, isso aí eu entendi mas... Bem mais tarde, bem depois essa Matemática Financeira.

Agora equações, havia equações de todo tipo ali. Tinha álgebra. Polinômios, produtos notáveis. Funções. Ah, trigonometria. Gozado, fico me esquecendo das coisas daquela época, mas depois tive que partir pra uma Matemática mais complicada, foi assim que me lembrei das coisas que estudei.

Os professores geralmente, praticamente todos, davam aula no quadro negro. Sempre davam alguma coisa, explicavam e ficavam escrevendo, quer dizer, inclusive na época se perdia muito tempo escrevendo. Escreviam tudo no quadro negro, explicavam. Alguns tinham mais facilidade do que outros para explicar, mas o método era basicamente escrever no quadro negro.

Somente quando comecei a trabalhar é que fiz um curso e já usava outra ferramenta. No início usavam retroprojetores e já estava tudo pronto e só punha o retro lá e saíam explicando. Já estava tudo escrito. Depois que terminavam aquele, iam para o outro, explicavam e partiam. Então, na época era no giz mesmo. Todos usavam o giz.

Praticamente todas as matérias tinham livro. Sabíamos o capítulo do livro que o professor estava ensinando. O professor ensinava escrevendo no quadro. Ensinando, dando exemplos; às vezes ele fazia algum exercício, mas era o conteúdo daquele capítulo que estava no livro.

Tinha exercício dos livros. Era a razão de reunirmos na minha casa. Os colegas iam lá para casa; às vezes tinham que fazer os deveres, os exercícios do livro, e faziam lá. Mas, geralmente o que saía... Estávamos em uma época em que queríamos fazer cantoria. Tinha um violão e ficávamos era no violão cantando. Quando sobrava tempo a gente pegava o dever e fazia. Tinha dever, exercícios do livro marcados, a gente ia e fazia.

Em algumas disciplinas havia trabalho. Lembro que teve um trabalho de Química. Um dia o professor mandou fazer um trabalho. Mandou fazer um trabalho sobre, me lembro muito bem, era sobre vitamina C e era assim: dois grupos cada vez. Cada grupo tinha uns quatro integrantes, os dois grupos apresentavam, iam lá para a frente e apresentavam.

Depois que apresentava, um grupo fazia as perguntas para o outro grupo. A gente combinava as perguntas todas, todo mundo acertou tudo, deu tudo certo, excelente nosso desempenho, nunca ninguém soube tanto.

Fazíamos trabalho em Desenho. Agora não me lembro de trabalho de Matemática, eram só exercícios, mas fazer trabalho não era tão frequente, pelo que me lembro.

Em relação aos exercícios de Matemática, tinha os contextualizados e a resolução de problemas. Mas só que antigamente o método, também essa fase do período, a gente vê que o ensino hoje é totalmente diferente do ensino daquela época. O ensino daquela época era direto. Por exemplo, se o professor te ensinasse um polinômio qualquer ele fazia uma pergunta e o negócio era aquilo ali.

Numa aula de Geografia ou de História o professor dava a lição e as perguntas que fazia eram perguntas diretas daquilo ali. Se te desse um texto, as perguntas eram diretas do texto. Agora observo o seguinte: as perguntas são de um determinado assunto

que os alunos estudaram. As perguntas que eles fazem, dão um texto. Se você pegar um texto e ler, não conclui diretamente. Tem que descobrir, interpretar para você conseguir dar uma resposta. Então, antes as coisas eram mais diretas.

Se o professor desse uma matéria, fazia as perguntas. Mas eram perguntas diretas, a equação do primeiro grau ou você sabe ou não sabe. Se você soubesse, ele dava uma questão, você ia saber e ia responder e dar tudo certo; não tinha que ficar fazendo muita adivinhação igual a esses meninos de agora.

As equações eram resolvidas direto. Era dada uma equação e você tinha que resolver a equação. Mas, acho que teria resolução de problemas. Davam um problema e você tinha que pegar aquilo e compor nas equações e resolver. Hoje está muito mais nessa direção de resolução de problemas do que fazer apenas exercícios.

Davam um problema e você tinha que equacionar aquilo, transformar e resolver, e antigamente tinha muito enfoque em resolver a questão direta. Mas, tinha também problemas assim. Bem, acho que não tinha tanto problema quanto tem hoje. Hoje tudo tem que interpretar, compor a equação e fazer.

As provas também refletiam a ideia dos livros. Muitas provas eram questões diretas e devia ter algumas questões desse tipo que você teria que interpretar, transformar e resolver. Mas, geralmente era questão mais direta. Vamos supor: dava uma matriz para você resolver. Então, já estava dada, você não tinha que chegar, pensar, compor, era mais coisa direta. Mas questão acho que tinha sim. Questão que você tinha que elaborar e compor, equacionar aquilo em alguma coisa.

Normalmente as provas tinham uma folha com as questões para você responder e entregar. Depois, recebia a folha corrigida com a nota. Porque, para eles escreverem a prova no quadro, ia demandar realmente muito tempo, ainda mais Matemática, que tem que ficar escrevendo aquelas... Já vinha a coisa pronta.

Era difícil demais, nossa, para eu passar numa prova. Conheço vários amigos que realmente foram reprovados, então, a reprovação não era rara. A minha prima mesmo era boa em Matemática e acabou levando bomba em Matemática, não sei por quê. Acho que o professor não foi muito com a cara dela.

A filha da dona da cantina, que era minha colega, levou bomba também. Acho que teve muita gente que levou bomba, ou então levava segunda época. Era aquela chateação de ficar estudando. Era difícil, você ficava preocupado, ficava preocupado e estudava e fazia, mas te dava preocupação. Você não ia tranquilo.

Tinha que estudar, porque ou você levava uma segunda época ou levava bomba e tem muita gente que me recordo que levou bomba, muita gente. Teve gente que levou bomba que estava na turma da frente e virou colega meu; dali para a frente ele seguiu, mas tinha, sim, você ficava preocupado e tinha que estudar.

Por isso é que a gente achava que o colégio era bom. Era exigente. Ele ensinava, cobrava. Víamos que tinha que ter seriedade. A seriedade dos professores, os administradores. Percebia que eles eram sérios; trabalhavam com seriedade. Então tínhamos que ser sérios no final das contas, porque senão levávamos bomba mesmo ou segunda época, que era também uma chatice ficar estudando. Sabíamos que tinha que estudar.

A dona Alaíde Lisboa de Oliveira²⁰⁶ era diretora em um nível mais alto, não ficava ali constantemente conversando com você. O professor Léo²⁰⁷ e o professor Dirceu²⁰⁸ ficavam mais em contato com os alunos. Ela ficava em um patamar mais elevado, de dar as diretrizes gerais. Agora o dia a dia era tocado pelos diretores, principalmente esses dois, o professor Léo e o professor Dirceu.

Estávamos no meio da ditadura, mas, pela nossa idade, pelo que a gente percebia, não teve a mínima influência. Nem sabia que tinha ditadura. A única coisa que a gente pensava era em jogar futebol e tocar violão, era só isso que a gente fazia.

Quando não tinha aula a gente ia para o campinho. Eles fizeram a quadra de futebol, a gente ficava jogando o dia inteiro. Enquanto um não passasse mal, o jogo não acabava. Acabava na hora que um passava mal, então ia embora, acabou.

A minha casa era o centro de uma turminha que ia para estudar e ficávamos tocando o violão; chegamos até a formar um quarteto dos bons, do tipo MPB4²⁰⁹. Teve

²⁰⁶ Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007 em Belo Horizonte com 103 anos. <https://www.editorapeiropolis.com.br/biografia/?autor=131> último acesso em: 08 abr. 2019.

²⁰⁷ Léo Rodrigues dos Santos foi admitido em maio de 1961, para o cargo de Supervisor de Curso no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁰⁸ Dirceu Braz Fonseca foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior no curso de Didática Geral na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁰⁹ MPB4 é um grupo vocal e instrumental brasileiro formado em 1965. Os principais gêneros do grupo são o samba cantado e a MPB. Sua formação original contava com Miltoninho, Magro, Aquiles e Ruy Faria. Em 2012, com o falecimento de Magro, o cantor e compositor Paulo Malaguti passou a integrar o grupo. Atualmente, o MPB4 é formado por Paulo Malaguti, Aquiles, Miltoninho e Dalmo Medeiros, que entrou no grupo após a saída de Ruy Faria, em 2004. O MPB4 recebeu várias premiações ao longo da carreira;

até uma festa no Aplicação, uma festa à noite, eu nem sei o que era, de repente veio um colega nosso: o pessoal do Aplicação está chamando vocês para cantar lá.

Chegamos lá, estavam os diretores, os professores e os alunos; não sei o que era, mas colocaram o violão na mão de um colega nosso e tivemos que cantar umas músicas. Então, o negócio nosso era esse, a gente não misturava com pensamento, nada de ditadura.

Na escola tinha, inclusive, a família do Gilvan²¹⁰, que foi muito envolvida. O irmão dele, o Gildásio, aparece no livro "Brasil Nunca Mais"²¹¹, de Dom Paulo Evaristo Arns. Eram mais ele, o Gildásio, e a outra irmã, que era a Gilce Maria. Acho que ela morreu também, morreu. Então, eles eram assim tipo da pesada, foram perseguidos. Vira e mexe a polícia entrava na casa deles.

O Gilvan mesmo ficava igual à gente. Era como se fosse menino, não pensava nada disso. E devia ter outras pessoas na escola que tinham alguém que estava participando para fazer um auê. Vira e mexe tinha reunião na Faculdade de Filosofia.

O que ficou de mais importante do Colégio de Aplicação foi tanto o aprendizado que tive quanto a forma de relação com todos os envolvidos. Com os alunos, inclusive os alunos da minha sala ou de outras salas que às vezes a gente conhecia também, e com os professores, sempre a gente observando eles e vendo que era gente que estava trabalhando com seriedade.

Quantos aos diretores também; às vezes os alunos ficavam com alguma picuinha com eles, mas é porque os alunos estavam sempre querendo fazer alguma bagunça e às vezes tinham que ser repreendidos. Então, eu levei e acho que todo mundo levou uma formação profissional e pessoal.

A gente levou um pensamento, uma formação de pessoas realmente do bem, pessoas com sucesso. Acho que não teve praticamente ninguém da escola que seja uma pessoa ruim ou que deu errado. Conheço uma pessoa que não foi muito bem porque ele

dentre elas, destacam-se o prêmio na categoria Conjunto, da Associação de Paulista de Críticos de Arte, e o de Melhor Grupo de MPB, no Prêmio da Música Brasileira nas edições de 1988, 1990, 1996 e 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/mpb4-o-sabor-de-recomeco-7337001> último acesso em: 06 jul. 2020. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/01/21/interna_diversao_arte.654414/50-anos-do-mpb4.shtml último acesso em: 10 jul. 2020.

²¹⁰ Gilvan Westin Cosenza é também um dos colaboradores da pesquisa.

²¹¹ Brasil Nunca Mais é fruto do trabalho de Dom Paulo Evaristo Arns e do Reverendo Jaime Wright. Foi publicado em 1985 pela Editora Vozes. O livro traz o resumo de uma pesquisa realizada clandestinamente entre os anos de 1979 e 1985 que reuniu mais de 700 processos políticos que tramitaram pela justiça militar entre os anos de 1964 a 1979. <https://veja.abril.com.br/brasil/brasil-nunca-mais-expos-os-metodos-da-ditadura-brasileira/> último acesso em: 08 maio de 2019.

acabou se envolvendo com drogas e aquilo marcou o resto da vida dele. Mas, acho que ele já era envolvido antes do Aplicação, pois no Aplicação não tinha nada disso, não tinha esse tipo de problema.

A formação profissional, a formação acadêmica que a gente tinha e a formação pessoal nos marcaram para sempre. Levamos amigos para a vida toda. O Gilvan, o Zé Geraldo, Zé Fernandes, o Luiz Celso Abreu, o Caio Pereira, a gente ficou a vida inteira ligado.

Depois de muitos anos encontrei uma colega, a Camélia²¹². Conversando com essa colega, ela propôs fazermos uma reunião da turma toda. Então pegamos mais o Zé Geraldo. Nós três organizamos o primeiro encontro, foi um encontro mais simples. Depois nós fizemos mais dois encontros e nesses encontros éramos mais de 40 pessoas. Só colegas. Não tinha marido, mulher, não tinha nada; eram só colegas. Tinha gente de Brasília, Niterói, Sul de Minas, Estados Unidos.

Juntamos mais de 40 pessoas e todas as pessoas são pessoas que deram certo na vida. Todo mundo do seu jeito, deu certo na vida tanto pessoalmente quanto profissionalmente. A influência que exerceu o colégio foi com certeza uma ótima influência. Todo mundo teve sucesso, cada um na sua especialidade.

As lembranças que a gente tem são todas lembranças boas, agradáveis. Estamos sempre achando fotos, uma nova foto antiga, e postando nas redes sociais. Nós criamos depois um grupo, mas esse grupo está muito restrito no WhatsApp; acho que são quatro homens e quatro mulheres.

Nós interagimos com os outros via às vezes telefone, às vezes no Facebook . Tem pessoas com quem me relaciono e que tenho no meu WhatsApp, mas não fazem parte desse grupo que a gente formou. Tenho outros contatos que estão fora desse grupo. Então, esse universo de pessoas aumentou bastante. Para reunir 40 pessoas ... Quer dizer, a gente continua com uma amizade 50 anos depois, a gente continua com uma amizade boa.

Quando saí do Aplicação, fiz Engenharia Elétrica. Fiz na Católica²¹³, fomos colegas, eu e meu primo. O Evaristo também foi para a Engenharia Elétrica. Nessa

²¹² Camélia Elizabeth Dos Santos Casemiro é também uma das colaboradoras da pesquisa.

²¹³ A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas foi idealizada por Dom Antônio dos Santos Cabral. Fundada em dezembro de 1958, tinha como objetivo oferecer à juventude uma universidade comprometida com as pessoas humanitariamente, com os pobres e os direitos fundamentais dos cidadãos. Seu primeiro reitor foi o padre José Lourenço da Costa Aguiar. A PUC Minas está sob a

época, eu já estava meio cansado, meio de saco cheio de ficar estudando. Era quase sempre assim, mas no início, quando era primário, era o primeiro aluno.

Nós formamos. Fui trabalhar. Na parte do trabalho aconteceu o seguinte. Fui um aluno muito relapso, assim meia boca. Eu e o Eudóro, que era meu primo estávamos sempre na secretaria tentando alguma coisa para melhorar a situação da gente. Concluimos o curso, mas fui um aluno medíocre.

Nessa época o Brasil estava crescendo muito, a cada cinco anos o país dobrava. Era uma época em que as empresas corriam nas escolas para contratar os alunos. Na Católica foram várias empresas. Eles começaram a dar aqueles testes psicológicos que avaliam sua capacidade de raciocínio. Aplicavam prova e em pouco tempo eu acabava de fazer a prova, entregava, e o pessoal ficava lá fazendo a prova.

No dia em que saíram os resultados, passei em todas as empresas em que havia feito o teste. Teve um colega meu que ficou uma arara, porque ele era mais estudioso e era um malandro e quem passou nas avaliações das empresas fui eu.

Escolhi ir para a Acesita²¹⁴. A Acesita estava um rebuliço, porque estava tendo muita modificação. Ela, na época, pertencia ao Banco do Brasil, e estava muito mal, então, eles contrataram uma empresa, e esta fez um estudo e concluiu que tinha que demitir algumas pessoas.

Comecei a trabalhar na Acesita com Engenharia Industrial. A Engenharia Industrial faz projetos para as áreas. Uma área estava com dificuldade de alguma técnica em alguma coisa; a gente ia lá e estudava o problema, fazia um projeto e dava uma sugestão para ele. Na verdade, a gente estava sempre vendendo projeto e quem estava comprando projeto estava sempre de má vontade.

As pessoas tendem a não querer que outra de fora fique dando palpite no seu serviço. Não estava gostando daquilo. Fui para a área de projetos elétricos da usina para ser gerente da área de projeto elétrico. Devo ter ficado um ano. Não gostei do trabalho.

Na época namorava a Sônia, vinha para Belo Horizonte todo fim de semana e a viagem era horrorosa. A estrada era péssima, pior que a de hoje. Tinha um ônibus comercial que de vez em quando quebrava na estrada, então eu falei: “não aguento, vou

gestão do professor Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães. <https://www.pucminas.br> último acesso em: 08 maio 2019.

²¹⁴ A Acesita foi fundada em outubro de 1944 por: Athos de Lemos Rache, Amynthas Jacques de Moraes e Percival Farquhar. Tendo como objetivo suprir as necessidades emergentes de aços especiais do Brasil. Localizada na cidade de Timóteo em Minas Gerais, hoje conta com mais de três mil funcionários diretamente. Está associada ao grupo siderúrgico Arcelor. https://brasil.aperam.com/wp-content/uploads/2015/11/relatorio_anual_2004.pdf Último acesso em 08 maio 2019.

procurar outra coisa.” Larguei e fui procurar emprego numa empresa de Engenharia de Consultoria.

Uma empresa estava com um projeto no Espírito Santo, para a Vale do Rio Doce²¹⁵, no Porto de Tubarão. O entrevistador olhou meu currículo e disse: “você vai ser chefe no escritório de Vitória da empresa”. Fui eu para lá. Cheguei lá, trabalhei uns tempos, mas também não gostei muito. Falei assim: “não está bom. Vou voltar para Belo Horizonte e procurar emprego na CEMIG²¹⁶”.

A Cemig tinha fama e era assim mesmo, de pagar menos do que essas empresas. Falei: “vou deixar de lado esse troço e vou olhar na CEMIG”. Fui procurar emprego na CEMIG. Fui admitido e fui trabalhar na área de operação do sistema, porque na CEMIG tem a área de geração, distribuição. Eu trabalhava, então, nessa área de geração, a operação do sistema, usinas e sistema de transmissão da empresa. Logo fui ser gerente.

Na época tinha divisão. Depois eles acabaram com a divisão e fui ser gerente do departamento. Era o departamento de programação energética, porque essa parte energética a gente se preocupava em estudar a quantidade de energia que o sistema tem para atender a carga e o universo que a gente olhava era até cinco anos à frente.

Havia outra área que era a área elétrica. Eles olhavam a parte de transmissão. E tinha outra área que era a área do centro de operação, que controlava a operação em tempo real. A gente fazia, por exemplo, a programação da geração para o dia seguinte. O pessoal elétrico estudava a respeito da parte elétrica. Tinha os intercâmbios com as outras empresas, e passava por esse centro de operação.

Ficavam controlando a operação diária em tempo real, mas, se tivesse alguma diferença, tinha que tomar alguma ação para corrigir, para combinar o mercado, a carga do sistema com a geração do sistema. Então, fiquei trabalhando nesse setor, nessa diretoria; o tempo que fiquei na CEMIG, fiquei sempre nessa área.

²¹⁵ A companhia Vale do Rio Doce foi criada em junho de 1942 por meio de um decreto-lei no Governo de Getúlio Vargas. Controlada pelo governo federal, foi criada para explorar as riquezas minerais do subsolo brasileiro, principalmente o ferro. Hoje é uma empresa privada com sede no Rio de Janeiro. <http://www.vale.com> Último acesso em 08 maio 2019.

²¹⁶ Companhia Energética de Minas Gerais S.A. - CEMIG é uma das principais concessionárias de [energia elétrica](#) do [Brasil](#). Com sede em [Belo Horizonte](#), foi fundada em 1952 pelo governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Atualmente atua em 22 estados brasileiros e no Distrito Federal, onde opera uma linha de transmissão, em consórcio com Holding. Em Minas Gerais, é responsável por 96% do abastecimento de energia elétrica. <http://www.cemig.com.br> Último acesso em 08 maio 2019.

Usei muita Matemática. Fiz a pós-graduação na COPPE²¹⁷ no Rio de Janeiro. A parte matemática era a programação linear e não linear. A gente estudava muita programação matemática, programação linear, não linear, estatística, métodos estatísticos, a variação da confiabilidade do sistema. Então, tinha uma Matemática, inclusive, por exemplo, numa previsão de vazão entrava também uma ferramenta matemática. Outro sistema brasileiro usava muito. Para definir a geração térmica usavam um programa que foi desenvolvido pelo CEPEL, é o Centro de Pesquisa de Energia Elétrica. Ele é subordinado à Eletrobrás²¹⁸, então era uma programação dinâmica estocástica. Essa programação dinâmica nessa área era o mais usado.

Uma vez cheguei até a fazer um programa não linear. Fiz uns testes na CEMIG e até funcionou, mas não investi no negócio. Ficou ali entre nós. Então, a Matemática para nós era fundamental, e era Matemática que não era tão fácil, era Matemática boa. Então, aquela Matemática que aprendi naquela turma, foi porque levei à frente e usei na CEMIG no tempo de trabalho que tive. Fiz esse curso de especialização no CEPEL, no centro de pós-graduação da Universidade Federal da Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro e fiquei na Cemig até aposentar.

Aposentei na Cemig. Não, primeiro eu tinha aposentado pelo INSS e depois eles resolveram mandar todo mundo embora porque fizeram um plano de demissão voluntária. Só que depois, no plano de demissão voluntária, fizeram modificação e só quem era beneficiado eram os empregados que eles queriam tirar mesmo. Quem havia aposentado pelo INSS não levou nada. Saímos de mão vazia de lá, só recebemos. Nos pagaram a multa de 50% e foi isso. Depois que saí da Cemig não exerci mais nenhuma atividade. Fico mexendo no computador.

Atualmente, se me perguntar alguma coisa, não lembro mais nada essa Matemática, porque larguei tudo. Agora sou bom de mexer no computador, mas é na parte de sistemas operacionais. Também na parte física se for para consertar para montar computador. Já montei. Gosto é disso, gosto muito de ficar com o smartphone.

²¹⁷ O Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE) é a unidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que coordena os programas de pós-graduação em Engenharia. Foi fundada em 1963 pelo engenheiro Alberto Luiz Coimbra. É considerado o maior centro de ensino e pesquisa em engenharia da América Latina. <http://www.coppe.ufrj.br/> Último acesso em 08 maio 2019.

²¹⁸ A Eletrobrás - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. foi criada em 1962 para coordenar as empresas do setor elétrico brasileiro. Atua como uma *holding* de sistemas de empresas. É uma sociedade de economia mista e de capital aberto sob controle acionário do Governo Federal brasileiro. Está dividida em geração, transmissão e distribuição. <https://eletrobras.com> Último acesso em 08 maio 2019.

Fico no tablet, que é maior, e dando uma ajuda para os meninos. E para a família toda. Fico orientando meu neto nas atividades, também. Atividades remuneradas nunca mais.

Então, minha vida profissional foi sustentada na Matemática. Toda a vida, e chegou a ser Matemática complicada. Programação Matemática não é fácil. No meu departamento fazia parte da programação da geração, parte de hidrometeorologia. Tinha uma parte hidráulica, quem ia eram os engenheiros civis. Eram responsáveis pela parte hidráulica, e tinha a parte meteorológica, o meteorologista era subordinado a mim. Ele fazia essas previsões de chuva e todas as coisas. O meteorologista era o Ruibran dos Reis.

Era um departamento interessante porque tinha uma boa diversidade, uma diversidade grande, então foi bom. Gostei muito de trabalhar nessa área da CEMIG; calcado em muita Matemática, me saí bem e fiquei satisfeito com meu trabalho. O pessoal acho que também reconhece, os que trabalharam comigo.

CAMÉLIA ELIZABETH DOS SANTOS CASSIMIRO – 68 anos**Ex – aluna do Colégio de Aplicação: 1962 – 1966****Data da Entrevista: 26/07/2018**

Entrei em contato com Camélia por indicação de Gilvan²¹⁹ e ela aceitou, demonstrando muito carinho, participar da pesquisa. Marcamos a entrevista em sua casa.

No dia marcado na sala de jantar, Camélia havia colocado sobre a mesa alguns materiais que tinha separado para me mostrar. Conversamos um pouco, relatei sobre a pesquisa. Ela mostrou-me fotos do Colégio de Aplicação e descreveu cada um de seus espaços. Também me apresentou fotografias suas junto com vários colegas de classe, tiradas em seu aniversário de quinze anos. Camélia havia guardado o convite de formatura da turma e um recorte de jornal com uma notícia sobre essa a formatura e me mostrou esses papéis.

Ao relatar as histórias, Camélia se emocionava e, quando falou da relação que tinha com sua turma, o carinho, o amor que tinha pela escola, caíram lágrimas de seus olhos.

Finalizamos a entrevista e ela me contou um pouco sobre sua vida, seus filhos e a luta que foi para ela, mulher, trabalhar fora de casa, cuidar da casa e da educação dos filhos. Sensibilizou-se com minha situação de, com dois filhos pequenos, trabalhar e estudar, realizando uma tripla jornada de vida.

Ingressei no Colégio de Aplicação em 1962. Até a metade do ano de 1961, fiz o curso de admissão no Colégio São Paulo²²⁰. No segundo semestre do mesmo ano, continuei a estudar em um “cursinho” chamado Gabriela Mistral²²¹, para me preparar para fazer a seleção do Colégio de Aplicação.

A prova de seleção do Colégio de Aplicação tinha os seguintes conteúdos: Português, Matemática, Geografia, História e Ciências.

²¹⁹ Gilvan Westin Cosenza é também um dos colaboradores da pesquisa.

²²⁰ O Colégio São Paulo foi fundado em fevereiro de 1939. É dirigido pela congregação das irmãs Angélicas. Fica situado à Rua Eduardo Pôrto, 488, Cidade Jardim em Belo Horizonte. <https://colegio-sao-paulo-irmas-angelicas-bh.negocio.site/#posts> Último acesso em: 17 abr. 2019.

²²¹ Não encontramos referências sobre esse cursinho.

Eu escolhi fazer a seleção para o Colégio de Aplicação por sugestão da minha tia. Ela tinha referência do colégio, pois havia filhos de amigos que estudavam na escola.

Passei no exame de admissão e comecei o Ginásio em 1962. Eu saí do colégio quando tomei bomba, em 1966, no primeiro ano do Científico. Fiz o segundo e o terceiro ano no Colégio Estadual, em que me formei. Depois, fiz Psicologia na Faculdade de Filosofia da UFMG.

A reprovação no colégio não me traumatizou. Não me afetou em nada. Na época fiquei chateada, mas não levei isso para minha vida. Ao contrário, fiz a seleção para o Colégio Estadual, e passei. Depois, fiz a seleção para o vestibular de Psicologia na Faculdade de Filosofia da UFMG e passei. Tive algumas dificuldades, mas consegui superar. Tenho boas recordações da época do Aplicação.

O Colégio de Aplicação era um colégio pequeno. Tinha uma parte que era antiga e ao lado tinha uma construção. Deviam ser umas três ou quatro salas. A construção era diferente do colégio antigo. Foi um anexo. Quando chegávamos, de frente ao prédio, de um lado dava para ver a Fafich, e do lado contrário ficava o Colégio de Aplicação. Havia uma porta que a gente saía da parte antiga do colégio e ia para as salas mais novas. Era tudo pertinho.

No centro do prédio antigo, havia um pátio. Ao lado da biblioteca, havia uma porta mais larga que dava acesso ao prédio anexo. Nesse prédio, havia três ou quatro salas e um laboratório.

As salas de aula eram aquelas antigas. As carteiras eram de madeira comum, o quadro negro e a tecnologia era cuspe e giz. Era normal para a época. Uma sala pequena. Os alunos sentavam em filas. Na frente, a mesa do professor, o quadro, tradicional mesmo. Tínhamos cinco aulas por dia. Português e Matemática todos os dias. Acho que as aulas eram de cinquenta minutos. Tínhamos aula de segunda a sexta.

As matérias que eu tive no Ginásio foram: Português, Matemática, Geografia, História, Ciências. Na terceira ou na quarta série do Ginásio é que entrou Latim. Na primeira e segunda série ginásial não tive Latim, mas acho que tive o Francês e o Inglês.

O professor de Inglês era o Mister Hércio²²². Eu gostava muito, depois fiz até ICBEU²²³. O Mister Hércio seguia muito a Cultura Inglesa, acho que o livro era o

²²² Helcio Vieira Costa foi admitido em março de 1956, para o cargo de professor de Inglês do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados

mesmo. A professora de Francês era a Terezinha. O Francês era o mesmo da Cultura Francesa, porque depois fui para a Cultura Francesa e fiz até o terceiro período.

A dona Eurildes²²⁴ era a professora de Português. O Padre Cecílio²²⁵ era de Latim. O Clemenceau²²⁶, de Matemática, Clemenceau Chiabi Saliba. De História a professora Lená²²⁷. Não me lembro o nome da professora de Ciências. Como é que ela chamava? Lembro-me da bibliotecária, a Tharsila²²⁸, do Léo²²⁹, e da Dona Alaíde²³⁰. O Léo era como fosse um subdiretor, algo assim.

Tivemos um impacto da ditadura na escola, por quê? Por causa da Fafich. Ela era foco, então a gente acabava vendo muitas coisas, porque o colégio era ao lado. Então, pela parte do estacionamento, entrava a cavalaria, gás lacrimogêneo, aquelas coisas todas que a gente conviveu. Disseram: "O Jânio Quadros caiu!!!" A gente ouvia falar. A gente assistiu isso. Depois falavam que tinha gente dedo-duro, do Dops, mas dentro do colégio nunca vi nada assim...

estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²²³ O Instituto Cultural Brasil Estados Unidos - ICBEU foi a primeira escola de Inglês Americano de Belo Horizonte. Foi fundado há mais de seis décadas e reconhecido pela Embaixada Americana em 1959. <http://icbeu.com.br/novosite/> último acesso em: 17 abr. 2019.

²²⁴ Eurildes Queiroga da Rocha foi admitida em março de 1965, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior. Era professora de Português no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²²⁵ Padre Antônio Cecílio foi admitido em março de 1954, para o cargo de professor de Latim de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²²⁶ Clemenceau Chiabi Saliba foi admitido em março de 1962, para o cargo de professor de Matemática de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²²⁷ Lená Servinho Bicalho foi admitida em abril de 1958, para o cargo de professora de História do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²²⁸ Tharcila Vivácqua Martins foi admitida em fevereiro de 1964 para o cargo de Auxiliar Bibliotecário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²²⁹ Léo Rodrigues dos Santos foi admitido em maio de 1961, para o cargo de Supervisor de Curso no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²³⁰ Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007 em Belo Horizonte com 103 anos. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>. Último acesso em: 19 maio 2019.

Embora o colégio fosse pequeno, percebia a dona Alaíde um pouco distante. Como tinha o Léo, então tudo que se tratava era com o Léo. Se tivesse alguma coisa mais grave então, passava para o Dirceu²³¹.

No Científico, as matérias eram: Física, Química, Biologia, Português, Matemática. Não tinha Latim. Tinha Francês e Inglês.

Em Matemática, no Científico me lembro de ter estudado: regra de três, progressão geométrica, progressão aritmética, trigonometria, tangente, seno, cosseno. Gostava muito de Matemática, mas tinha dificuldade. Comecei a ter dificuldades a partir do quarto ano ginásial.

As aulas de Matemática eram todas no quadro. Não sei se foi no primeiro ano do Científico ou na quarta série do Ginásio que usamos o material do professor Mário de Oliveira²³². Eram três livros fininhos. Ele também foi professor no Colégio Estadual.

No primeiro ano Científico, quem deu aula de Matemática para nós foi o Clemenceau. A letra dele era perfeita. Era pequena, mas perfeita; escrevia tudo no quadro, era tradicional. Lembro-me dele explicando a trigonometria. Ele era ótimo professor. Não sei dizer em detalhes, mas ele era ótimo professor. Tínhamos um livro e fazíamos os exercícios. Tinha o Para Casa, também.

O Para Casa era corrigido no quadro. Só ele corrigia. A relação dele com a turma era muito boa. Ele era rígido, mas não era uma rigidez que incomodava, não me sentia incomodada. Às vezes tinha exercício, tanto em sala como os que levávamos para casa. Fazíamos muitos exercícios do livro. O professor marcava a página, o número dos exercícios. Tudo era feito no caderno. Não tinha folha separada.

As provas eram mimeografadas. Tinha um tempo para fazer a prova durante o período da aula. Na prova, havia as questões difíceis, umas questões médias e outras fáceis. Depois do resultado, alguns professores corrigiam as questões no quadro.

O ano era dividido em bimestres, mas todo mês a gente tinha prova. A prova bimestral valia mais. Em algumas matérias, além das provas, tinha trabalho. Lembro

²³¹ Dirceu Braz Fonseca foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior no curso de Didática Geral na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²³² O professor Mário de Oliveira foi admitido em 1944 para a cadeira de Complementos Matemáticos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Foi Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais. Na década de 1960 criou um dos primeiros cursos pré-vestibulares da cidade de Belo Horizonte. Também foi um dos idealizadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, Fafi-BH e fundador da Escola de Engenharia Kennedy. Autor de mais de 600 livros, muitos deles na área de Matemática (OLIVEIRA, 1998).

que ilustrava, era mais em Geografia, História e Ciências. Meus cadernos eram todos ilustrados, até há pouco tempo guardei meus cadernos. As provas eram individuais. Nunca fizemos prova em dupla.

A média era cinquenta por cento. Depois é que passou para sessenta por cento, muito tempo depois. As notas eram entregues na caderneta. Tinha caderneta, que não guardei. Quando você entrava na escola, carimbavam presente, ausente. Tinha a cadernetinha. Vinham as notas. Tinha a parte das notas. Quando você perdia média, a nota vinha em vermelho.

Na quarta série ginásial, eu tomei bomba em Matemática, e no primeiro ano Científico tomei bomba em Química, por isso fui para o Estadual.

Na quarta série, fui para segunda época em Matemática. Fazia aula particular com uma professora, Dona Lurdes. Ela morava na avenida Assis Chateaubriand, antiga Avenida Tocantins, hoje é Assis Chateaubriand, quase esquina com Francisco Sales. Ela era professora também, se não me engano, no Instituto de Educação. Ela não entendeu porque tomei bomba. Tudo que ela passava eu resolvia.

Na quarta série do Ginásio, tive alguns problemas na família. Estava namorando sério, fazia Cultura Francesa e Cultura Inglesa. Foi meu aniversário de 15 anos. Foi uma época muito conturbada.

Outro fato que contribuiu foi eu não gostar muito da professora de Matemática da quarta série. Comecei a ter dificuldades e a minha mãe não era uma pessoa de sentar com a gente e estudar; não tinha isso.

Com minha experiência, fiz diferente com os meus filhos. Eles estudaram no Balão Vermelho²³³, depois foram para o Santa Dorotéia²³⁴. Eu tinha uns caderninhos de exercício para eles treinarem.

A madrinha do meu filho mais novo foi diretora de escola municipal. Então ela me passava uns livros. Eu tirava os textos para fazer a interpretação; na nossa época, não tinha interpretação de texto. Tirava o texto com as perguntas, a gramática. Eu trabalhava o dia inteiro. Chegava à noite e ia corrigir, Matemática, Inglês, interpretação de texto, Gramática.

²³³ O Balão Vermelho foi criado em 1972, com uma linha pedagógica alternativa, baseada em reflexões permanentes sobre as questões teóricas e práticas, tendo como principal referência Paulo Freire. Hoje está situado à Rua Professor Djalma Guimarães, 140, bairro Mangabeiras, em Belo Horizonte. <http://www.balaovermelho.com.br> Último acesso em: 18 abr. 2019.

²³⁴ O Colégio Santa Dorotéia tem sua origem em Belo Horizonte, em 1962. Faz parte da congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, iniciada por Paula Fassinetti em 1834, na Itália. Situado à Rua Chicago, 240, Sion em Belo Horizonte. <http://www.santadoroteia.com.br> Último acesso em: 18 abr. 2019.

Lembro-me da mamãe estudando comigo. Ela tomava alguns pontos de Geografia e História. Eu estudava e depois ela fazia as perguntas. Agora a grande dificuldade minha, que era Matemática, às vezes Português também, não tinha como ela acompanhar.

Eu era considerada pela família como estudiosa. Passei em décimo lugar na época na seleção do Colégio Aplicação. Eu passei em décimo lugar. O primeiro lugar foi a Vânia. Foi a primeira esposa do Tostão²³⁵. Não tinha essa dificuldade, quando chegou a quarta série é a que me deparei com essa dificuldade.

Fiz aula particular para a segunda época. As aulas terminavam em dezembro. As férias eram maiores. A prova da segunda época era em fevereiro. Fiz aula particular, pois não tinha aula suplementar, não tinha isso. O aluno estudava por conta própria e ia fazer a prova no dia que marcavam. O conteúdo da prova era o conteúdo do ano todo.

O meu espírito não estava bem com o da professora de Matemática do quarto ano, acrescentando outras coisas também em torno do ambiente. Então, fiz o exame de segunda época e tomei bomba.

Quando me recordo das aulas de Matemática, me lembro dos teoremas. Ah, os teoremas! Esses teoremas esquentavam minha cabeça. A demonstração dos teoremas, não é mole não... A quarta série ginásial foi muito focada em teorema. Nas aulas de Matemática usamos o livro do Osvaldo Sangiorgi na primeira, segunda, terceira e quarta série do Ginásio. Há pouco tempo tinha esse livro, mas me desfiz dele.

Os livros dos meus filhos eu passava para os colegas que tinham filhos na idade escolar. Os livros eram usados para retirar exercícios para estudar para a prova. Então, tive essa dificuldade, porque acabava estudando no livro e fazendo os mesmos exercícios que já tinha feito.

Na época, não tive essa iniciativa de procurar outros exercícios ou livros na biblioteca. Eu ia à biblioteca quando às vezes tinha algum trabalho. Eu ia à biblioteca para pegar os livros, consultar, tanto que lembrei da Tarsila, que foi a bibliotecária do colégio.

²³⁵ Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como Tostão, foi um grande jogador de futebol na década de 1960. Atuou no Cruzeiro Esporte Clube e com apenas 27 anos teve sua carreira interrompida por um acidente no campo que comprometeu sua retina, sob o risco de ficar cego. Mas esse incidente não o fez desanimar. Formou-se em Medicina e passou a exercer a profissão. Anos mais tarde, atuou como comentarista esportivo e cronista. Atualmente é requisitado pelos mais variados meios de comunicação. <https://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/tostao-2319> Último acesso em: 18 abr. 2019.

Eu tomei bomba na quarta e quando fiz a quarta série novamente, fizemos uma excursão para Vitória, e a minha mãe foi acompanhando como representante dos pais. Agora não lembro quem organizou, foi o professor Milton²³⁶, de Ciências? Qual outro professor que foi? Fomos de trem e ficamos no alojamento da Polícia Militar, do corpo de bombeiros, em Vitória. Foi uma atividade que me marcou.

E o respeito. Eram poucos colégios mistos na época. Era uma amizade! Claro, a gente tinha as paqueras, os flertes que falava antigamente. Ia às festas, ficava para dançar com a pessoa que estava interessada, mas era tudo legal.

Lembro uma coisa interessante, um colega que hoje mora nos Estados Unidos, baixinho, ainda toca violino, então, os meninos pegavam no pé dele. Hoje fala-se bullying, não tinha nada disso nessa época. Se tinha gozação ou alguma coisa assim, as pessoas não guardavam rancores. Ninguém brigava, não tinha violência na escola, a gente não via isso. Não tinha isso, nunca assisti nada de violência na escola. Sinceramente, não existia, era um clima diferente, não sei se era em função do colégio ou porque também havia muita disciplina.

Uma vez ficamos suspensos. Foi com o Pereirinha, ele era professor de Português. Quando ele entrou na sala, todo mundo ficou virando as carteiras para ficar de costas para o professor. Ficamos suspensos por causa disso. Foi uma coisa impressionante. Ele entrou na sala, viramos as carteiras e ficamos todos de costas.

Em geral a sala não tinha bagunça. A gente era bem comportada. Era mais comportado, não tinha isso não, não tinha essas confusões. Não lembro se tinha alguém, não me lembro de ninguém que foi expulso de sala, não lembro.

Era um companheirismo, ou vai todo mundo ou não vai ninguém. É uma coisa que marcou. Íamos juntos para a cantina, a cantina da dona Aidê. A Carminha, filha dela, era da minha sala. Fazíamos trabalho juntos. Então, era esse clima mais tranquilo. Não me lembro de violência, nada disso, e nem de algum menino que tenha sido expulso da sala, alguma coisa assim. Pode até ter ocorrido, mas isso não me marcou, não me lembro.

²³⁶ Milton Mirahy Maciel foi admitido em agosto de 1964 para o cargo de professor de Ciências do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Na hora do intervalo a gente ficava conversando. A gente corria para comprar os lanches. Às vezes ficávamos conversando, alguma coisa assim. O horário do intervalo não me lembro bem se era meia hora.

A propósito, tinha cola. Por exemplo, aquelas catilinárias²³⁷... Misericórdia divina, difícil. É do famoso escritor Cícero. Na época, era tudo em Latim para você traduzir. Eu batia o olho na prova do Caio. O Caio formou conosco. Após, ele fez o Clássico, porque estudou Direito. Eu batia o olho nas provas dele.

O que me lembro é o Latim, porque o Latim também é barra. Rosa Rosae, que era tudo declinação. Então, para traduzir “aquele trem”, os textos de Cícero, as catilinárias... Quando era para traduzir o texto, eu batia o olho nas provas do Caio, porque eu não ia seguir essa área. Eu ia fazer o Científico, era o Científico que eu ia fazer, então falei: “ah meu Deus, eu vou ficar agora amarrada?”. O Gilvan tomou bomba foi em Latim. Ele não colou do Caio, não é? E acho que ele saiu do colégio em função disso, porque ia fazer área exata mesmo, para que perder um ano em Latim? Outros colégios não exigiam isso, não era todo colégio que exigia o Latim. Não existia isso.

Acho que todo mundo dava uma olhada, todo mundo. Tinha papel, o nosso WhatsApp antigo, passando o papelzinho para trás. Na nossa época, era passando papelzinho, ou às vezes você deixava a prova virada para a pessoa ver com mais facilidade. Você se afastava, para a pessoa que estava atrás ver a prova. Eram umas coisas assim.

O que ficou de mais importante para mim do colégio foi o relacionamento que a gente teve. A base que tivemos. A base do colégio foi fundamental. O Estadual era muito bom, mas não se compara ao que tivemos no Colégio de Aplicação. Em termos de estrutura física, o Estadual era maior. O relacionamento era bom, não tinha confusão, mas as relações entre os colegas ... Foi um pouco menos do que o que ficou marcado no Colégio de Aplicação.

Então, como o Colégio Estadual era um colégio maior, eram muitas salas, então pode ter sido isso. O Colégio Estadual também, os alunos, há uns anos atrás, fizemos dois encontros do colégio inteiro, e o dinheiro foi arrecadado para a tesouraria. Uma

²³⁷ Catilinárias são um conjunto de quatro discursos de **Marco Túlio Cícero** contra o senador e conspirador da República Romana, **Lúcio Sérgio Catilina**, pronunciados em 63 a.C. Os discursos são um ato de denúncia contra a conspiração pretendida pelo senador, que planejava derrubar o governo republicano para obter riquezas e poder. <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-sao-as-catilinarias-cicero.htm> Último acesso em: 18 abr. 2019.

época de dificuldade do Colégio Estadual, isso deve ter uns 15 anos. Mas eu senti que no Colégio de Aplicação a gente era mais unida. Uma coisa que me marcou muito, no Estadual tinha também, a gente tinha os amigos e festas, mas não era igual ao Colégio de Aplicação. A amizade ficou.

A base que a gente teve de conhecimento, a maioria passou, porque isso vai acumulando, se você tem uma boa base. Muitos foram para o Colégio Universitário, alguns foram para o Colégio Estadual. Então, acho que formou uma boa base de princípios, valores, tudo junto. Conteúdo mesmo, que tudo isso facilitou, e as pessoas, o vestibular, passava de cara.

Eu só fiz UFMG. Fiz o vestibular na Psicologia. Estamos fazendo um livro. Somos amigas até hoje, a gente se encontra mais. Mas a gente fazia, de cinco em cinco anos tinha um encontro das três turmas de Psicologia. Temos um grupo no WhatsApp, não é das três turmas, mas quando fazemos o encontro é com as três turmas.

Quando fui para a Fafich, não desvinculei muito do colégio, porque era ao lado. A Ana²³⁸ também se lembra disso, a Fafich era ao lado do Colégio. A gente saía para lanchar na cantina da dona Aidê. Então, isso continuou um pouco, pelo menos grande parte. Ana Maria, Joyce e Cecília, estudaram no Curso Normal no Colégio de Aplicação e foram minhas colegas no curso de Psicologia.

Acho que foi isso mesmo... A gente andava de ônibus, às vezes o meu pai me deixava na escola, na porta da escola.

A gente via que era tudo muito bom na escola. Até hoje todos lembram muito da escola. Não sei se é porque era uma escola pequena, éramos muito amigos, muito amigos. Os meninos saíam (eu morava no bairro Pedro II, subindo a Catalão) do Santo Antônio a pé e vinham fazer serenata para mim. Era festinha, muita hora dançante que tinha. Fizemos uma excursão uma vez para Sabará, fomos para Ouro Preto. Era uma amizade muito firme, era muito legal mesmo, isso marcou todo mundo.

Foi uma época muito agradável, muito de paz, não tinha confusão. Então são boas recordações que a gente tem. A gente cantava o hino nacional, tinha o dia do hasteamento da bandeira, tinha essas coisas. Isso também, me lembro de que sempre fazia isso.

²³⁸ Ana Maria Reis De Souza é também uma das colaboradoras da pesquisa.

GILVÂNIA WESTIN COSENZA – 64 anos

Ex – aluna do Colégio de Aplicação: 1966 – 1970

Data da Entrevista: 13/08/2018

Gilvânia é irmã de Gilvan, outro de nossos entrevistados. Meu primeiro contato com ela foi por telefone, quando lhe falei sobre a pesquisa. Enviei-lhe o roteiro da entrevista e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e marcamos a entrevista em sua residência.

Antes de começar a entrevista, discorri sobre a pesquisa e a escola nos tempos atuais. Também expliquei-lhe os trâmites e procedimentos que seguirão a entrevista.

Os meus pais mudaram para Belo Horizonte em janeiro de 1961, eu estava com seis anos de idade. No ano seguinte, entrei no Bueno Brandão²³⁹ para fazer a pré-escola. Do Bueno Brandão fui para o Barão do Rio Branco²⁴⁰, que até hoje existe no mesmo lugar.

Morávamos no bairro Santo Antônio e éramos muitos irmãos. Os mais velhos já estavam estudando fora na faculdade ou em cursos universitários, em Viçosa²⁴¹. E os colégios públicos eram colégios de excelência. Os particulares, por exemplo, o Sagrado Coração de Jesus²⁴², Sagrado Coração de Maria²⁴³, Santa Dorotéia²⁴⁴, eram colégios de elite.

²³⁹ Grupo Escolar Bueno Brandão, fundado em 24 de maio de 1909, regulamentado pelo decreto nº 1543 de 25 de setembro de 1909. Atualmente é a Escola Estadual Bueno Brandão. Fica localizado à rua Paraíba, 1145. Savassi. Belo Horizonte. <https://www.facebook.com/eebuenobrand/> Último acesso em: 10 maio 2019.

²⁴⁰ A Escola Estadual Barão do Rio Branco, primeira escola da capital mineira, foi criada em 1906. Considerada uma escola de excelência, teve vários alunos ilustres. Situada à Avenida Getúlio Vargas, 1059, no bairro Funcionários oferece o Ensino Fundamental no diurno. <https://bhaz.com.br/2018/03/29/restauracao-barao-rio-branco/> Último acesso em: 29 mar. 2019.

²⁴¹ A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav) foi inaugurada em 1926 por meio do Decreto 6.053, de 30 de março de 1922, do então Presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes. Somente em julho de 1969 foi nomeada Universidade Federal de Viçosa(UFV). Atualmente a universidade conta com três campi: Viçosa; Florestal – fundado em 1939, pelo governador de Minas Gerais, Benedito Valadares; Rio Paranaíba - criado pela Resolução nº 08/2006, de 25 de julho de 2006. <https://www.ufv.br> Último acesso em: 10 maio 2019.

²⁴² O Colégio Sagrado Coração de Jesus foi fundado em Belo Horizonte em 1911, inicialmente como um curso misto elementar, com duração de sete anos. Em 1929, foram criados os cursos Ginasial e Científico. Desde 1980 oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, no bairro Funcionários. <http://www.sagradocoracaodejesus.com.br> . Último acesso em: 09 jul. 2019.

²⁴³ Situado no Bairro Serra, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, encontra-se o Colégio Sagrado Coração de Maria. Tem cerca de mil alunos, que estudam desde o maternal até o ensino médio. Além disso, no turno da noite, funciona o projeto de Educação para Jovens e Adultos (EJA). <http://migre.me/w3ujq> . Último acesso em: 09 jul. 2019.

Naquela época, com sete, onze anos, a gente não tinha opção... Hoje, menino de cinco anos tem vontade própria, a gente não! Nossos pais é que escolhiam onde iríamos estudar. “Você vai fazer o Aplicação!” O Colégio de Aplicação era melhor para a gente, porque era a um quarteirão da nossa casa.

Interessante que para os homens era o Estadual. Tive um irmão que foi para o Estadual. O Gilvan também fez o Aplicação, eles não ligavam de andar mais, mas mulher tinha que ficar na rédea, na rédea mesmo. Então, sair de casa 15 minutos antes, era tudo muito fácil, não tinha que pegar o ônibus, não tinha que pegar nada, não tinha perigo; só atravessava uma rua, que era a rua Carangola, então eles escolheram. “É uma escola boa, pública e perto, tem um ensino bom, então você vai estudar em uma escola pública e você vai passar para entrar, simples assim!”

A gente obedecia, não tinha outra coisa a fazer. Essa hipótese nem passava pela cabeça de ninguém. Era assim que funcionava. Os pais mandavam e nós obedecíamos. Era uma relação muito autoritária. É claro que não vou generalizar, não sei como era em cada família. As famílias dos meus colegas com quem convivi no geral eram assim.

O Colégio de Aplicação e o Estadual²⁴⁵ eram as grandes referências e para o Curso Normal era o Instituto de Educação²⁴⁶. No Colégio de Aplicação também tinha o Curso Normal, mas a grande referência era o Instituto de Educação. A gente fazia exames para entrar no Colégio de Aplicação.

O Colégio de Aplicação, como o Estadual, tinha verdadeiros vestibulinhos para entrar. Fazíamos prova, era a prova de admissão, fazíamos o curso de Admissão. Como

²⁴⁴ O Colégio Santa Dorotéia foi fundado, em 1962, em Belo Horizonte. É dirigido pela Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, iniciada por Paula Frassinetti em 1834, na Itália. Localizado no bairro Sion, oferece Ensino Infantil, Fundamental e Médio. <http://www.santadoroteia.com.br>. Último acesso em: 09 jul. 2019.

²⁴⁵ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro e renomeado em 1943 como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

²⁴⁶ O Instituto de Educação de Minas Gerais foi fundado em 1906. Chegou a oferecer o curso superior de Pedagogia que foi transferido posteriormente para a Universidade do Estado de Minas Gerais. Em 2001, a Escola Estadual Luiz Peçanha e a Escola Estadual Presidente Kennedy foram integradas ao Instituto de Educação, passando a ser uma única unidade. Atualmente possui alunos nos anos iniciais e finais do [Ensino Fundamental](#), [Ensino Médio](#), [Educação de Jovens e Adultos](#) (EJA). Está situado à Rua Pernambuco, 47, Funcionários. Belo Horizonte. <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/outro-servico/instituto-de-educacao-de-minas-gerais> . Último acesso em: 10 maio 2019.

entrei com sete anos, fiz aula particular. Fiz aula particular com uma senhora que morava na Rua Leopoldina, onde a gente morava.

Então, estudava com o pai e a mãe em cima; era pequena, tinha saído do primário, do quarto ano. Mas, enfim, fiz a prova de admissão, passei, e entrei. Fiquei cinco anos no Ginásio, porque tomei uma bomba no segundo ano.

O colégio tinha duas partes: a parte principal e o anexo. Na parte principal tinha as salas ao redor, uma grade e um pátio em baixo. À esquerda da entrada, era o gabinete da direção. Tinha uma sala dos professores. Na entrada principal, subindo as escadas, tinha as salas ao redor, uma construção bem antiga, usava muito, e um pátio em volta. Tipo aquelas fazendas.

Havia um anexo, passava de um para o outro, não era separado. Havia umas duas salas de um lado, uma ou duas, tinha um corredor com outras salas, e outro pátio, esse me lembro que era quadrado. Era uma construção quadrada, está lá até hoje. As aulas eram de 50 minutos, alguma coisa assim. Tinha um sinal. Batia o sinal e saía todo mundo correndo. Acho que eram cinco aulas por dia.

Quando chegávamos à escola, entregávamos a caderneta. Eles pegavam a caderneta, e ficavam com ela para carimbar: presente, ausente, ou atrasado. Também para garantir que só fosse embora quem estivesse com a caderneta. Não tinha jeito de fugir da escola. No fim da aula, eles iam à sala distribuir as cadernetas, chamavam um por um e distribuíam. Até para entregar a caderneta tinha um jeito certinho de fazer as coisas.

O uniforme das meninas era saia azul; como chamavam? De prega macho. Era saia, sapato preto, meia e a blusa branca com o escudo do Colégio de Aplicação. O uniforme de Educação Física era short, a gente usava short. Os meninos usavam calça. O calção era para Educação Física.

A saia da escola era abaixo do joelho; a gente saía de casa, já dobrava em cima e quando chegava à escola todo mundo estava de minissaia. A blusa não poderia ser bufante, então, a gente passava elástico por dentro para fazer ela ficar mais, sabe... Então, a gente saía de casa certinha, só que no caminho...

Em sala a gente escolhia o lugar, um atrás do outro, as carteiras eram tradicionais, individuais, essas com a cadeira grudada à mesa. Embaixo da mesa, tinha um lugar para guardar os materiais; depois, já no Científico, é que tinha as cadeiras com o braço.

Os professores tinham uma mesa, alguns ficavam ali sentados. A aula era toda da cadeira. Outros ficavam no “cuspe e giz” e os mais educados andavam no meio dos alunos. E você escolhia onde iria sentar. Acabava que o que escolhido era mais ou menos na mesma redondeza. Tinha a turma que sempre sentava na frente, grudada no quadro, no professor. Essas são as características, a gente falava que eram os “caxias²⁴⁷”. E a turma mais do meio para trás era a turma da bagunça sempre, mas era a turma da bagunça que normalmente se dava bem, no geral.

Eu estudei de manhã e de tarde, nos dois turnos. Não sei muito bem, mas acho que foi predominantemente à tarde. Ah, não, tinha as turmas que eram fixas, tinha um pessoal que estudava de manhã e tinha um pessoal que estudava de tarde, e tinha aula noturna também. Eu era da turma da tarde, já me confundi com o Científico.

Entre em 1966. Era um colégio que exigia muito, exigia muito em termos de tudo. Era uma época de efervescência política, do ponto de vista da ditadura, a ditadura muito tacanha e muito perseguidora, e esse período, em 1968, foi mais intenso ainda.

O Colégio de Aplicação refletia a Fafich, que era o centro de grande movimentação política estudantil. Vivemos dentro do colégio assistindo bomba de gás lacrimogêneo, correria dos universitários. Até muitas vezes para o próprio colégio, e ao mesmo tempo a direção da escola era muito rígida com isso, aquelas coisas de subir bandeira.

Tínhamos que cantar o hino e a gente burlava, burlando aprendemos. Acho que todo adolescente aprende. Naquela época, era uma questão de sobreviver de algum jeito do ponto de vista que éramos ainda muito novos, vendo como tudo funcionava, não estava bom.

Havia professores muito rígidos, mas tinha outros que não, pelo contrário, incentivavam muito a criatividade, a discussão. Tinha o evento que ... Isso foi lá mais pelo quarto ano; o terceiro ano também teve; a gente preparava peças de teatro e idiomas.

Aprendíamos o Francês ou o Inglês, as turmas eram divididas quando entravam. Fui para o Francês, era da turma de Francês. A turma de Francês aprendia música também. Eles falavam que os homens que entravam todos eram bichas, porque aprendiam o Francês.

²⁴⁷ Caxias é a pessoa que cumpre com extremo rigor suas obrigações e responsabilidades.

O Inglês era mais para a frente, mas tinha a turma do Inglês. Então, a gente montava as peças, já foi no quarto ano mesmo. O meu grupo montou a peça do Pluft, que era o Fantasma Camarada, em Francês. Com a correria, todo mundo junto, as turmas do Inglês e Francês. E outra turma montou "Liberdade! Liberdade", em Inglês: "Liberty! Liberty!" E foi uma confusão.

A dona Eurildes²⁴⁸, que era de Português, era muito esquisita, mas era ótima, uma professora fantástica. A gente achava esquisito, naquela época, não discutíamos o jeito dela, todo masculinizado; acho que ela era homossexual mesmo, mas a gente achava esquisitíssimo aquele jeito dela, aqueles cabelos horríveis, ela não se arrumava, era muito esquisito.

A dona Eurildes era brava, era terrível. Ela ficava assim: "Pluft, Pluft, Pluft! Toda a turma faz: Pluft Pluft!" Não me esqueço dela criticando a gente: "pobreza de espírito montar uma peça Pluft". E Liberdade! Liberdade! A peça foi desclassificada. Eles fizeram uma apresentação e foram desclassificados pela direção da escola por causa do tema.

Então, do ponto de vista de apresentar alguma coisa mais progressista e contestatória, sem dúvida alguma era o grupo que estava apresentando "Liberty! Liberty!". Mas, enfim, tinha uma série de iniciativas que propiciavam muito, incentivavam muito as discussões e o espírito crítico, mesmo que permitissem que fôssemos até certo ponto. Não era a direção da escola que fazia isso, mas os professores.

Ao mesmo tempo você tinha uma Dona Deleda, que era professora de História, do primeiro, segundo ano. Ela parecia mais uma freira, professora de Religião, porque rezava no início da aula. Tinha que rezar, e foi o ano que tomei bomba, porque fiz tudo errado.

Entrei toda certinha, toda bonitinha; no segundo ano resolvi "chutar o pau da barraca", brigava com todos os professores. Dona Deleda: "Reza!" "Não rezo!" "Reza!" "Não rezo!" Tinha que rezar no começo e no fim da aula. O meu pai era religiosíssimo e rigidíssimo, era ministro da eucaristia; minha família, todo mundo era católico, minha mãe frequentava a missa, e depois a gente descambou tudo, porque era tão assim...

²⁴⁸ Eurildes Queiroga da Rocha foi admitida em março de 1965, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior. Professora de Português no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

A dona Deleda era amiga da minha mãe. No segundo ano, eu peguei ela para Cristo. Ela gostava de rezar e eu falei: “eu não vou rezar, essa mulher não vai me fazer rezar de jeito nenhum!” E teve um dia que, no final da aula, ela colocou a gente para rezar. Então falei: “eu não vou rezar.” Ela falou: “então você saia da sala e vai para o gabinete, apresente-se para o professor Dirceu²⁴⁹.” Quando eu ia saindo da sala, tocou o sinal. Voltei e falei: “Acabou o seu tempo aqui tocou o sinal, não deu tempo de chegar lá, não vou nada, agora você não manda mais em mim!”

Era desse jeito, Dona Deleda quase chorava comigo. Dona Deleda, depois, reclamava para a mamãe, mamãe quase tinha um ataque. “A Deleda é minha amiga.” “Então vai lá, vai lá ter aula com ela.” Então, isto foi uma característica muito grande, você tinha professores mais liberais que incentivavam mesmo o seu desenvolvimento e te incentivavam a ler e desenvolver o espírito crítico, e tinha aqueles que realmente eram...

A professora de Geografia era um horror do mundo; ela se chamava Dona Noêmia²⁵⁰, já morreu. Usava sempre uns vestidos vermelhos, um batom muito vermelho e óculos escuros, e dava um pânico terrível na gente. Ela tinha um caderno de vocábulos que você tinha que ler o livro de Geografia, não me lembro o nome dele, e procurar o significado. Então, tinha o caderno de vocábulos, tinha que escrever, e quando chegava a falar, ela cobrava isso, escolhia por arguição.

Tinha um menino da nossa turma, no primeiro ano, se chamava Beto, era o mais baixinho, e o Beto não fazia nada, era terrível. Ela chamou o Beto e perguntou para ele o que era ovino. “É um bicho que bota ovo, sem dúvida nenhuma, é um bicho que bota ovo”. E ela ficava possessa quando via que... E tinha que encapar os cadernos dela, os livros de plástico branco leitoso, tudo arrumadinho, ela via até isso. Aquela mulher, sinceramente, acho que era meio doida.

No segundo ano, ela continuou na mesma linha. Eu tomei bomba em Geografia, foi uma das disciplinas. Muita gente tomou bomba em Geografia. Mais da metade da turma tomou bomba. Isso no segundo ano. Por conta disso, teve uma reclamação dos

²⁴⁹ Dirceu Braz Fonseca foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior no curso de Didática Geral da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁵⁰ Noêmia Enéas Diniz foi admitida em março de 1954 para o cargo de professora para o curso de Geografia do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

pais, e não foi considerada essa bomba dela, porque bomba era quando você era reprovado em três disciplinas, você tomava bomba, você tinha que repetir o ano.

Até duas era recuperação, você tinha direito a fazer uma prova de recuperação. Então, para muita gente que tinha feito, tinha sido reprovado em três disciplinas, como isso foi revisto pela direção da escola, foi ignorada esta bomba dela, e muita gente passou. Fizeram a prova de recuperação das outras duas disciplinas. No meu caso era irremediável, porque tinha tomado bomba em quatro disciplinas.

Geografia com certeza, Matemática certamente também. Eu não sei as outras, sinceramente não sei. A gente não tinha Física e Química, tinha Ciências, era misturado. Mas não tinha jeito. E aquela bomba, na verdade, foi uma coisa que me amadureceu. O professor Dirceu era o diretor na época. Era muito bravo, alto, careca, então ele chegava, vigiava, porque volta e meia chamava a mamãe, tinha anotado na caderneta.

Eu chegava atrasada, morava a um quarteirão da escola e chegava atrasada, porque ficava conversando pela rua com os colegas. E o Professor Dirceu chamava a mamãe. A mamãe ia lá, conversava muito. Eram o Professor Dirceu, a dona Alaíde²⁵¹, que era a mais antiga de todas. E mamãe ia lá para o colégio, acho que ia interceder pelos filhos “capetas”. Mas era aquela coisa assim: eles mandavam, tinha advertência, ou mandavam embora para casa quando você fazia alguma coisa, com a observação na caderneta, e os pais tinham que assinar.

Quando repeti o segundo ano, meio que tomei tento. Tanto que vi a turma passando, uma turma que gostava muito, e depois até os mais amigos foram tomando bomba também. Duas tomaram no terceiro ano e mais uma tomou no quarto ano, então a gente juntou de novo. Tínhamos uma turminha que andava junto para todo lado, de meninas; eram a Vanessa, Aída, a Sônia e eu. Dessas aí, a única que às vezes participa dos encontros da turma é a Aída. A Vanessa sumiu, nunca mais a vi, mas depois que a gente saiu da escola, ainda mantivemos uma relação. Ela foi ao meu casamento, eu fui ao casamento dela, depois, a Sônia também, não tenho mais relação com elas.

Depois da bomba, eu realmente comecei a estudar, e desenvolvi gosto por algumas matérias. Não era a dona Noêmia mais em Geografia, mudaram; entrou uma

²⁵¹ Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007, em Belo Horizonte, com 103 anos. <https://www.editorapeiropolis.com.br/biografia/?autor=131> último acesso em: 08 abr. 2019.

professora chamada Stella, a Stella era loira... Aí a conversa era completamente diferente. A Stella era loira, de olhos claros, e ela ensinava as coisas de um jeito fantástico! A dona Stella me marcou muito, porque comecei a ter vontade de estudar, e Geografia é muito chato. Estudar relevo, estudar essas bobagens, coloca a gente para viajar, rende muito mais.

Era uma forma meio maluca, acho que hoje não se ensina desse jeito mais, porque era um inferno aquele negócio. Saber o nome de rios, ficar decorando 500 mil afluentes da margem direita, margem esquerda do Rio Solimões. Sabe, você olha assim, você pergunta o que interessa isso? Enfim, ela tinha um jeito bem interessante.

História também comecei a gostar bastante. E a Matemática nessa época começou a me interessar também, mas foi por pouco tempo, porque Matemática, eu falava, não queria saber de número. Mas quando a gente começou a estudar teoremas, achei aquilo muito interessante, você ter uma hipótese, você formular uma hipótese por uma coisa, e provar que ia... O engraçado é que não vou conseguir lembrar o nome do professor, se eu não me engano ele era homem. Décio²⁵². Décio Furtado. Então, gostei daquele negócio.

Foi assim, segundo e terceiro ano tivemos essas coisas. Acho muito bacana. Depois entrou a dona Aloys²⁵³. Achava ela histérica demais da conta, vivia grávida, não sei se era por conta disso, mas a gente aprontava muito com ela.

Do quarto ano em diante a gente estudava mesmo, ninguém mais estava tomando bomba, a gente tinha notas legais, mas a gente era da turminha do fundo. Nunca fui de turminha, até na faculdade, de ficar lá na frente. Como sempre, havia os “caxias”, mas eu era da turma do fundo.

Fazia uma sacanagem: a dona Aloys mesmo, encapei o caderno de Matemática com a capa de uma revista em quadrinhos, e o livro também, a gente era obrigado a encapar, mas não tinha mais aquela coisa do plástico leitoso da Dona Noêmia.

Um dia, de sacanagem pura, estava com o caderno de Matemática, com o livro de Matemática, e o que eu fiz? Eu coloquei o livro para baixo como se eu estivesse

²⁵² Décio Furtado de Mendonça foi admitido em 01 de março de 1954 como professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁵³ Aloys De Meira Carvalho foi admitida em janeiro de 1955 como professora de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. É uma das entrevistadas desta pesquisa. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

fazendo uma coisa errada, e aí quando ela chegou, chamou: "O que você está fazendo? O livro, qual é?" "É o de Matemática!" Não era, porque a atitude era muito suspeita, e o povo em volta já todo sabendo que era sacanagem mesmo, era para irritar a mulher. Aí ela disse: "você vai me dar isso aqui agora!" "Dou, não tem problema nenhum!" Peguei e levei para ela. "Está vendo? É uma revista na sala de aula!" "A senhora quer fazer o favor de abrir?" Era o livro de Matemática.

A mulher teve um acesso de ódio, se pudesse ela me matava, e a sala inteira caiu na risada mesmo, porque isso é fazer a pessoa de palhaça. Mas é porque ela era histérica, gritava muito, e acho que tinha uma voz irritante, não sei. Ela irritava a gente, ela gritava, tudo dela era no grito, então a gente irritava ela também. Coitada, acho que tinha uma vida difícil com essa menina. Ela chegava lá, pegava aqueles capetas todos, não tinha muito jeito de fazer diferente na concepção dela.

Depois, fui gostar muito de Matemática de novo no Científico. A gente teve um professor baixinho que não me lembro, mas já era outra coisa, era o Colégio Universitário²⁵⁴. Estudamos em um livro em Espanhol, aí era outro jeito de ensinar Matemática. A única coisa que realmente me chamou a atenção são essas coisas dos teoremas. Isso foi a primeira vez que realmente achei interessante alguma coisa em Matemática.

Com relação às avaliações, em Matemática era prova, prova mesmo. Entregava a prova para você fazer, resolver as questões, as equações. Devolvia a prova toda rabiscada com uma nota boa ou mais ou menos.

O livro tinha um texto base. Havia exercícios para fazer em sala, e os deveres de casa. Se fizesse isso você se saía bem na prova. Porque não era uma coisa assim... Aquilo era o beabá, era o que estava no livro mesmo, não tinha nada diferente, e essa relação mesmo: fez, não acertou, cortou com caneta vermelha, pronto, e a nota em cima. Só tinha prova. Não me lembro de ter feito trabalho de Matemática.

Tínhamos que estar prontos para responder às demandas da escola, do colégio. Então, você chegava, tinha as arguições que a gente morria de medo. Você tinha que falar. Falar na frente da turma toda. Colocavam uma equação no quadro para você

²⁵⁴ O Colégio Universitário na UFMG foi inaugurado em 02 de abril de 1965. Ele ofertava a terceira série do colegial. Considerado uma experiência pedagógica inovadora, permaneceu até 1970. Sua criação se deu na gestão do reitor Aluísio Pimenta, e foi resultado de uma reforma universitária. <https://www.ufmg.br/boletim/bol1344/quarta.shtml> Último acesso em: 01 abr. 2019.

resolver. Era a eterna morte, de tanto pavor que tinha e era a lição de surpresa, de arguição.

Era aleatória. Passava o dedo na lista de chamada. Era sempre aleatória, dizem que era. Fulano! Quem é que não sabe onde está o A, B, C ou D em ordem alfabética, enfim, a gente morria de medo de ser sorteado ali. E o dia em que o professor estivesse de mau humor, acho que ele escolhia aqueles que sabia que ia ferrar.

Então, você tinha que estar com as matérias em dia, porque senão “pagava muito mico”. Era muito ruim, era humilhante, você ficar, tudo bem se tirar uma nota ruim um dia você recupera no outro dia, tudo certo. Agora tirar várias notas ruins, ir para uma arguição e não saber nada, ficar gaguejando... Eu estudava terrivelmente, mas morria de medo de chegar lá na frente e não saber responder nada.

Olha, tinha alguns professores que gostavam mais de fazer arguição. Tinha a prova oral, mas essa era surpresa. Lembro-me da Matemática, História. Ciências eu gostava muito porque a gente fazia experimentos. Achava aquilo fantástico, a gente pegando nas perninhas, dissecando o sapo, um bicho feio daquele.

Não tinha laboratório separado no colégio. Não tinha não, acho que era uma coisa artesanal. Lembro da gente usando isopor com Eucatex embaixo. Não tinha laboratório, o espaço não era muito grande.

Eu gostava mesmo de Biologia, Ciências e Química. A gente chamava Química, mas era Ciências. O Milton²⁵⁵ dava aula de Ciências para a gente. Gostávamos muito dele, era uma pessoa interessante. Depois ele seguiu no Científico, mas ele separou, dava Química Inorgânica, e o Milton Barba dava Química Orgânica.

Biologia não me lembro quem era o professor. Fiz Medicina e é uma prática, até hoje, às vezes escuto isso dos médicos: “odeio números, tenho vontade de matar”. Eu falo: “Gente, que bobagem, você tem que saber números, não tem jeito”.

E eu fui exatamente para a área de Epidemiologia e controle de doenças onde você trabalha muito Estatística, Bioestatística, então fui aprender na faculdade todas essas coisas. E trabalhando Epidemiologia, essa coisa das hipóteses e análise de coisas, é um prato cheio, porque você desenvolve hipótese de qualquer processo investigativo.

²⁵⁵ Milton Mirahy Maciel foi admitido em agosto de 1964 para o cargo de professor de Ciências do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Fui para a Pediatria, mas é em qualquer coisa, e o que você faz? É uma hipótese diagnóstica, é uma hipótese de tudo. Você tem o surto de alguma coisa, você levanta as hipóteses para depois ir investigando e comprovar: "gente, está lá, a raizinha dos teoremas e tudo!" Depois comecei a achar muito bacana, essa parte da Estatística, a Matemática está ali, e é muita coisa bacana mesmo.

Não me lembro dos livros de Matemática. Lembro-me do livro da Beatriz Alvarenga²⁵⁶, que era o livro de Física, já no Científico. Agora, é interessante, me lembro de um professor que me marcou muito no quarto ano, o Abdala. Era professor de Português, ensinava algumas coisas; como metonímia. Ele mandava fazer frases com essa figura de linguagem. Achava aquilo fantástico. E ele, entusiasmado, pedia para você ler a frase. Ele era uma pessoa que dava reforço positivo.

Do tempo de Ginásio o que eu amava era o Francês. Amava, gostava demais dos professores, dona Conceição e depois dona Margarida, tanto que foi uma dificuldade para a gente aprender Inglês. No vestibular a gente poderia escolher o Francês; fechei a prova. Dei aula particular de Francês, quando era adolescente.

Fiz o curso na Aliança Francesa. Mas, na vida profissional, precisamos do Inglês. Eu entrava e saía do curso de Inglês quase a minha vida inteira, até que fui para os Estados Unidos, fiz imersão, depois fiz outra imersão. Fluente jamais. O Francês é capaz de ficar fluente de novo mais rápido do que qualquer coisa.

Voltei para a aula de Francês no ano passado, porque iria para a França nesse ano, ficaria uns dois meses lá. Mas a minha netinha resolveu nascer bem em setembro, que é o mês em que eu iria, então tive que adiar esse projeto, mas tudo bem... Então, lembro muito disso, dessas matérias, só no primeiro e no segundo ano que a gente teve Música, depois não tinha mais.

Tinha uma professora de Português, a Maria Luiza²⁵⁷. Ela era da ala progressista, e falou para a gente ler um livro do Jorge Amado. A gente tinha que ler e depois fazer

²⁵⁶ Beatriz Alvarenga Álvares, 96 anos, formou-se na Escola de Engenharia da UFMG, onde despertou seu interesse pela Física. É professora e autora, juntamente com o professor Antônio Máximo, do livro "Curso de Física", foi um dos títulos mais adotados no Ensino Médio no Brasil e na América Latina. Em 1968, fez parte do grupo de professores que criou o Departamento de Física do Instituto de Ciências Exatas da UFMG. É professora Emérita do departamento de Física da UFMG. <https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-beatriz.html>. Último acesso em 08 jul. 2019.

²⁵⁷ Maria Luiza Martins Miranda Bastos foi admitida em março de 1965 para o cargo de professora de Português do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

um trabalho sobre o livro. Os pais de duas colegas reclamaram, então a Maria Luiza colocou isso dentro da sala. Nos contou que tinha sido chamada à diretoria por reclamação dos pais, por ter escolhido um livro de Jorge Amado, que era do Partido Comunista e que usava aquele linguajar, que, segundo eles, era pornográfico.

A turma ficou dividida. A maioria apoiou a dona Maria Luiza. Fomos ao Dirceu. Esse episódio foi no segundo ano, se não me engano, ou no terceiro ano, não tenho certeza. Não estava fazendo nada além do que nos dar conhecimento de um grande escritor.

Hoje estou vendo muitas coisas voltando. Lutamos tanto, e jamais, em tempo algum, imaginava que ia voltar. Jorge Amado censurado, pintura, obras de arte sendo depredadas. A família, propriedades tipo TFP²⁵⁸ da época de 1960, 1970, tudo numa atividade impressionante, é de horrorizar, de horrorizar! Então teve esse episódio da Maria Luiza, por exemplo. Os professores de Português eram interessantes. A Maria Luiza, o Abdala, que me marcou muito também. De Matemática não marcaram tanto assim.

A relação dos professores com os alunos no geral era bem distante. Eu diria que era bem autoritária mesmo, salvo raras exceções. Individualmente não era distante; te acolhiam, tipo Abdala, a Dona Estela. Ah, tinha uma professora de História que eu gostava, a dona Lená, gostava dela também. E de Matemática tinha o Décio, realmente esse era o Décio. Não é que gostava dele. Era isto: passava o dever de casa, fazia o dever de casa, apresentava dever de casa.

Só tinha aula cuspe e giz mesmo, não tinha uma coisa de grande desenvolvimento. Até essa coisa de fazer atividade fora da escola, era muito rígido. Fizemos duas viagens, acho, à gruta de Maquiné. Você tinha que ficar escrevendo, escrevendo sobre o relevo durante a viagem. Mas era melhor. A gente gostava mais do que ficar na sala de aula.

Nos divertíamos nas excursões. Agora a plantinha não sei o quê... Isso aqui é o quê? Vegetação disso, daquilo. Não sei muito para que servia isso, mas tudo bem, acho que era uma relação bem assim, bem tradicional.

²⁵⁸ Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) é uma organização civil de inspiração católica. Foi fundada em 1960, pelo escritor e jornalista Plínio Correia de Oliveira. Os fundamentos da sociedade baseiam-se na obra “Revolução e Contra-Revolução”, publicada em 1959, por Plínio Correia, baseados no amor à ordem cristã e aversão a desordem. <http://www.tfp.org.br/> Último acesso em 10 jul. 2019.

Tinha o Dirvan²⁵⁹, o Léo²⁶⁰. Nossa, esse Léo era o “cão chupando manga”, porque ele era bravo demais da conta. Não sei se era disciplinador, mas o Léo, a gente tinha um medo terrível dele. Ele era irmão do professor de Educação Física dos meninos, que era o Dirvan.

A Educação Física era separada, a gente era separada, meninos e meninas. Não lembro os nomes. Era mulher, não lembro o nome de nenhuma professora de Educação Física. Era mulher, a gente jogava queimada, handebol, fazia ginásticas, pulo a distância. Era gostoso, a gente gostava, era um momento bom de farrear também, de interagir.

O professor Dirceu pertencia à diretoria. Não sei como eram definidos esses cargos. Acho que devia ser indicação, porque naquela época eleição para qualquer coisa era proibido. Era capaz de não ter uma escolha para diretor, devia ser indicação mesmo. O Dirceu foi o diretor.

O Dirceu era engraçado, porque todo mundo tinha muito medo dele. Ele era muito rígido, mas ao mesmo tempo ele... Era uma pessoa que eu gostava, e o Dirceu foi muito bacana. Isso também me marcou muito. Quando estava no meio do segundo semestre do meu segundo ano, um dia ele foi à sala entregar a caderneta na última aula.

Então o Dirceu foi entregar as cadernetas; quando me chamou, ele me elogiou... Falou do fato de eu ter tomado bomba, queria me elogiar porque uma aluna com tanta indisciplina que eu tinha sido no ano anterior agora nesse segundo ano só tinha notas boas, e era elogiada pelos professores. Isso me marcou muito.

Naquela escola tinha que se dedicar, senão não passava. Tinha que estudar, fazer o seu Para Casa direitinho. Fazendo os deveres de casa e depois, na época da prova, dando uma revisada, era tranquilo. Agora, Para Casa, tinha de todas as disciplinas. Então tinha que ter disciplina para fazer. Por exemplo, teve uma aula de Matemática hoje, você vai ter outra depois de amanhã. Se não faz aquele exercício e deixa para depois de amanhã, pode ser que não esteja tão fresco na sua cabeça, e pode ser que, também, esqueça mesmo.

²⁵⁹ Dirvan Figueiredo Brandão foi admitido em abril de 1958, para o cargo de professor de Educação Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁶⁰ Léo Rodrigues dos Santos foi admitido em maio de 1961, para o cargo de Supervisor de Curso no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Lá em casa sempre foi muito rígido com isso; era no mesmo dia, o dever de casa deveria ser feito no mesmo dia, então, sempre estava com o dever em dia. Só perderam o controle mesmo quando a gente ficava incontrolável. Foi no caso do segundo ano, eu era o “cão chupando manga”, não teve jeito.

Mas, tinha que dedicar. Acho que aprendemos muito na escola. A ter disciplina. Não uma disciplina burra, autoritária, mas a disciplina de se organizar para dar conta de cumprir as coisas. Essa disciplina é um ganho, foi um ganho muito grande para nós.

Quando fui reprovada, recebi um castigo feio. Não podia sair, brincar. Gostava muito de brincar, a gente brincava na rua, na Leopoldina não tinha ônibus que descia. Tinha a rua Sagarana, que desembocava no Mackenzie²⁶¹. Éramos sócios do Mackenzie, era uma segunda casa para a gente, para ir para a piscina, jogar vôlei. E a gente brincava muito na Rua Sagarana, jogava queimada, amarelinha. Nossa! Então a gente adorava chegar da escola e ir para a rua. Antes de ir para a escola podíamos brincar só depois que tivesse feito os deveres tudo certinho, e aí era pouco tempo.

As aulas não terminavam tarde. Elas começavam cedo, não sei se era a uma hora da tarde, e não terminavam tarde. Dava tempo de brincar na rua. Fiquei de castigo durante um tempo, não sei quanto tempo durou esse castigo, mas acho que foi até eu começar a apresentar notas melhores, se não me falha a memória. Eu não saía de casa, era o grande castigo.

O meu pai tinha um beliscão autoritário, que era uma coisa que pegava aqui nas costas, era um belisquinho, ele pegava e torcia, doía para caramba. A mamãe dava beliscão, ela pegava nos braços e ficava roxo. Então pensei que não valeria a pena ser reprovada novamente. Fiquei de castigo e vi os meus colegas seguirem em frente e eu ficando para trás. Resolvi mudar meu comportamento. E foi quando comecei a pensar o que seria quando crescesse. E eu queria, nessa época, fazer alguma coisa na área social.

A gente fazia teste vocacional. Mas acho que dirigimos tudo para o mesmo lugar. Então pode falar assim: “o salário é esse, é a área que eu quero!” A Medicina escolhi quando estava mais para a frente. Pensei em fazer Enfermagem, então eu falei: “não, fazer Enfermagem não, prefiro Medicina”.

Naquela época a sociedade era super machista, super machista! Se você subia a saia, até isso, todo mundo puxava a saia para cima, tinha aquelas que puxavam um

²⁶¹ O Mackenzie Esporte Clube foi fundado em setembro de 1943 com o objetivo de ser um espaço de lazer e da prática de esportes. Atualmente situa-se na Rua Benvida de Carvalho, s/n. Santo Antônio. Belo Horizonte. <http://mackenziebh.com.br/> Último acesso em 13 maio 2019.

pouco mais, e eram chamadas de “galinhas”. Os próprios colegas falavam: “aquela é galinha”. “Ah, fulano falou da mãe da fulaninha que ligou para minha mãe para saber dela, porque não chegou em casa, eu acho que ela é galinha, devia estar na rua, galinha!” Isso aí era direto.

Os professores reforçavam isso muito: a postura da menina, a maneira da menina se comportar: “Menina não faz isso, menina não faz aquilo”. Isso tudo era muito, muito reforçado. Você vai se juntando com a turma cabecinha mais aberta, mas no geral também era, todo mundo. Bem machista!

A gente começou a transgredir no Científico, transgredir assim: fumar na época era uma beleza, era um sinal de independência, era chique fumar. Vê que burrice. Você fuma, depois custa para deixar o vício, porque é um inferno. A gente fazia as nossas transgressões. No Científico já tinha umas cabeças mais abertas um pouco.

Fazíamos umas festas bacanas. Bebia, ficava tonto, chegava em casa tonto, o pai ficava bravo. Coisa de adolescente, 17 anos, 18 anos. Mas era muito machista, muito machista mesmo. Você é da turminha, você está andando com muito homem, ou se tem amigas mulheres, tudo muito vigiado. O seu comportamento, muito vigiados por todos, inclusive pelos próprios colegas.

Lembro que, quando falei, comecei a falar em fazer Medicina foi lá pelo quarto ano, escutei várias vezes: “Por que você não faz Enfermagem? Faz Enfermagem!” Meu pai falou, o meu digníssimo pai, depois esfreguei na cara dele. Medicina não era para mulher, a mulher não ia dar conta.

O curso de Medicina era o mais concorrido e era aquele vestibular. A gente fazia no Mineirão. Ciências Médicas²⁶² o meu pai não ia ter dinheiro para pagar, porque era muito caro, mas mesmo assim ainda fiz. Tomei bomba no primeiro vestibular. Passei mal, nervosa, passei mal, deu branco! Meu pai, obviamente, falou: “eu sabia que você não ia passar, eu te falei para fazer Enfermagem, não vai passar, não vai passar!” Aí eu falei com ele, falei assim: “olha, então é o seguinte, eu vou arrumar um emprego, pagar um cursinho e vou fazer Medicina”!

²⁶² A Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG) foi criada por um grupo de médicos, também professores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal para suprir a deficiência de médicos no Brasil, principalmente em Minas Gerais. Foi inaugurada em novembro de 1950, amparada pelo Decreto nº 421, de 11 de maio de 1938. Atualmente a mantenedora da Faculdade Ciências Médicas é a Fundação Educacional Lucas Machado (FELUMA). Fundada na década de 1970, é uma Instituição filantrópica. Localizada na Rua Alameda Ezequiel Dias, 275, Belo Horizonte. www.cmmg.edu.br Último acesso em: 13 maio.

Eu trabalhava de manhã, mamãe arrumou o emprego para mim. Primeiro foi num consultório, fiquei pouco tempo. Depois era em um escritório de advocacia, fiquei como arquivista. Trabalhei praticamente o ano todo, porque como recepcionista do médico foi só um mês.

Chegando perto do vestibular, o meu chefe disse que me deixaria estudar um pouco. “Traz as suas apostilas.” Enfiei a cara e passei. Papai falou assim..., foi assim que eu esfreguei na cara dele. Papai era machista e meio e mais alguma coisa, uma pessoa criada no interior. Imagina, filho, neto de italiano, daqueles do interiorzão... Era muito apegado à Lei e à Ordem. Então era muita briga dentro de casa, muita briga por causa dos desafios. Os filhos começaram a desafiar ele e mamãe, coitada, a mamãe colocava panos quentes o tempo todo aqui e ali, entre um e outro. Mas depois é isso, a vida amacia.

À medida que ele foi vendo as coisas, quer dizer, os meus irmãos, os mais velhos, de 1966 a 1968 era uma confusão, porque todos eram de movimento estudantil. Eram do movimento estudantil ligado à Igreja, juventude cristã, JUC²⁶³. Eles eram ligados a isso, e a polícia em cima. Então a polícia ia lá em casa, aquela coisa.

Meu pai quase morria, porque ele era absolutamente a favor da Lei da Ordem, e achava que tudo bem os militares ali. E aí começam os filhos a questionar, a brigar, a ir para a rua, e passeatas, e isso foi até no final. Até a última, que era mais quietinha, mas até o penúltimo, nós somos 11, nessa época eu já tinha até saído de casa, mas era tudo muito machista.

Na própria faculdade, não vamos nos enganar, você entra, era como se, sendo médica, automaticamente fosse pediatra. A médica é pediatra, a mulher. A alta nobreza são os cirurgiões mais especializados. Tem cirurgião de cada pedacinho do corpo, cada nervo tem um específico. Quando fiz não era tanto assim, tão compartimentado. Já é destinado para os homens, isso na própria faculdade.

Então, brinco da pirâmide, porque imagina, já estava, teoricamente, em Pediatria. Fui me encaminhando, meio que espontaneamente mesmo, tinha muito jeito

²⁶³ Juventude Universitária Católica (JUC) surgiu no Brasil com o objetivo de fortalecer a fé e a espiritualidade de acordo com os valores da Igreja Católica. Influenciados por várias correntes de pensamentos, entre elas o socialismo e o comunismo, e as próprias discussões e obras da Igreja Católica, acreditaram que não deveriam acatar passivamente a sociedade existente, mas agir em nome de Deus para transformar a sociedade. Engajados em movimentos sociais e culturais, passaram a ser perseguidos após o Golpe de 1964. Em 1967, a JUC deixou de ser considerada pela Igreja Católica. Em 1968, a JUC desapareceu. <https://arquivosdemovimentoestudantil.wordpress.com/2016/12/12/a-formacao-da-juventude-universitaria-catolica-juc/> Último acesso em: 13 maio de 2019.

para lidar com as crianças e com os bebês, e aquilo me agradava demais, então foi sendo natural.

Essa coisa da discriminação feminina existia; melhorou, a custo de muita briga. As brigas das mulheres foram alargando, conquistando muitos espaços, e ela está em pauta, atualíssima, infelizmente, porque é uma ciclicidade que é impressionante. Coisas que não imaginava que fosse ouvir, ou que ainda fosse presenciar, ver, está aí.

Tem muita coisa que acho e, a gente chama assim, epidemia diagnóstico, não aprecia o que hoje está sendo mais dito, a violência contra a mulher. Antes não se falava, e ainda tem muita coisa, muita, muita, muita, mas já se fala mais, os feminicídios, essas coisas. Agora é isso, então é uma batalha incessante.

Optei pela Epidemiologia quando terminei a Residência de Medicina preventiva e social. Mas continuei a atender pediatria em ambulatório. Ambulatório que não era o SUS²⁶⁴ ainda, depois virou SUS. Atuei em hospital particular. No primeiro ano depois que formei, dava plantão em Venda Nova, no hospital, porque não passei na residência de Pediatria.

Casei quando ainda estava na faculdade. Casei em 1979 e formei no final de 1981. Eu engravidei, e a Júlia nasceu no dia 7 de setembro de 1982, no ano seguinte. Nesse primeiro ano depois de formada fiquei clinicando, mas sem nenhum vínculo. Decidi fazer a prova de Residência em Medicina Preventiva e Social.

Na faculdade começamos a dar plantão a partir do sétimo período, pelo menos supervisionado, já é um treino. Então, desde o oitavo período, comecei a dar plantão de Pediatria. Eu trabalhei muito tempo no Odete Valadares²⁶⁵, no hospital Santa Helena²⁶⁶, no Santos Anjos também, acho que não existe mais, pois eram particulares.

A Matemática esteve presente na minha vida. O computador era com folhas contínuas, matriciais, então fazia as contas no lápis. Eu fazia curvas e desvio-padrão, as curvas normais. Pegava as fichas dos pacientes contando o pauzinho mesmo, e transformava um cálculo percentil, na mão, muita Estatística. Se não sabe, aprende, estuda.

²⁶⁴ SUS – Sistema Único de Saúde.

²⁶⁵ O Hospital Maternidade Odete Valadares é um hospital público que exerce assistência à saúde da mulher e do neonato. Inaugurado em 1955, é referência em gravidez de alto risco. Oferece capacitação para profissionais da saúde. Está situado na Avenida do Contorno, 9494. <http://saude.mg.gov.br/gripe/story/6854-maternidade-odete-valadares-completa-60-anos-dedicados-ao-nascer> Último acesso em: 10 jul. 2019.

²⁶⁶ O Hospital Santa Helena foi inaugurado em 1975, pelo doutor Homero Gomes. Hoje é administrado pelo Grupo Ortocenter. Está localizado na Rua Cassuarinas em Contagem. www.hospitalsantahelenamg.com.br/base/quem-somos/. Último acesso em 10 jul. 2019.

Não tenho dúvida, a minha base é dos cursos em que você começa a estudar de maneira mais organizada. Fui privilegiada também, porque o Barão do Rio Branco foi uma escola muito boa, foi um dos melhores grupos escolares que tinha na época. O Ginásio, acredito que essa base que tivemos foi muito importante para todos nós.

E os colegas, são muitos engenheiros da minha turma. Muitos engenheiros e alguns médicos. Teve gente que foi para Artes. O primeiro lugar do ITA²⁶⁷, na época, foi um colega nosso. Nossa, a gente ficou com um orgulho, deu festa para ele. Constantino, ele chamava. Ele passou em primeiro lugar. Depois ele abandonou, ficou com a cabeça melhor, eu acho, saiu do ITA, fez outro curso.

Então, boa parte dos colegas do Aplicação que a gente ainda convive, ainda encontra, são super bem sucedidos. Não estou dizendo em termos financeiros. Em termos financeiros, depende. Se eu fosse uma cirurgiã plástica, eu iria ter muito mais dinheiro do que tenho hoje, muito mais! Ou uma dermatologista estética, ou uma neurocirurgiã, mas fui para a base da pirâmide da Medicina. Então, assim é claro, depende, mas você não fica sem emprego. Na Medicina você não fica sem emprego, e antigamente Engenharia também não ficava. Agora tem muito engenheiro desempregado. Na medicina não tem, você tem subemprego.

Hoje a turma ainda encontra. Agora os professores pararam de ir, mas teve um tempo que alguns professores ainda iam aos encontros da gente, nos encontros maiores. Eurildes já foi; a Madalena, que foi professora de Francês mais para a frente.

Agora que me aposentei, trabalho com projetos. Me aposentei em 2015, não faz tanto tempo, então já escolho os projetos. Mudou muita coisa, virei vovó também; ocupa a gente de alguma maneira. É outra etapa de vida, outra construção, que também não é fácil, porque você sai de trabalhar de manhã, de tarde e de noite. Não era toda noite, mas eu viajava para dar aulas fora, enfim, propósito de doação. Retraí, é outra construção que você tem que fazer, trabalhar bem sua cabeça porque...

²⁶⁷ Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA – foi a realização de um sonho de Casimiro Montenegro Filho, cearense, com vasta experiência na aeronáutica em 1943 conheceu o MIT – Massachusetts Institute of Technology e decidiu criar um Instituto semelhante no Brasil. Tinha como objetivo formar engenheiros e desenvolver tecnologia aeronáutica. Em 1945, fez uma apresentação a um grupo de oficiais do Estado Maior da Aeronáutica, e muitos duvidaram do seu projeto. Ele seguiu com sua ideia e por meio do decreto nº 27.695, de 16/01/50 e definido pela Lei nº 2.165, de 05/01/1954 foi criado o Instituto Tecnológico de Aeronáutica. Atualmente, oferece seis cursos de graduação e os programas de Pós-Graduação em Engenharia Aeronáutica e Mecânica (PG-EAM), Engenharia Eletrônica e Computação (PG-EEC), Física (PG-FIS), Engenharia de Infra-Estrutura Aeronáutica (PG-EIA) e Ciências e Tecnologias Aeroespaciais (PG-CTE). <http://www.ita.br> último acesso em: 13 maio de 2019.

Encontrei com uma colega minha esses dias, na rua. Ela aposentou também, e estava me falando: “olha, eu aguentei quatro meses, deprimi, fazendo pós doc!” Voltou para o pós doc, pegou aula em Lagoa Santa, não sei onde. “Agora estou aguentando!” Eu disse: “Você é doida”: “Mas você sai de casa, você se arruma! Eu não. Botava pijama e ficava vendo TV o dia inteiro!” Eu disse: Assim deprime mesmo, não tem jeito.

Olha da escola, do colégio, acho que tanto para mim quanto para os colegas, que encontro ainda, só ficou uma coisa muito boa. É uma unanimidade, entre nós. Essa avaliação de que a escola nos proporcionou uma base muito boa, uma base ética, que nesse grupo isso é uma coisa que a gente constata muito, que não tem a ver com posição política.

Ética é ética, na sua atitude cotidiana. Na política também vai ter, mas na sua atitude cotidiana, o respeito, as pessoas, os direitos das pessoas, se considerar que a gente viveu aquele período, na observação e na vivência a gente foi se conhecendo e se formando, em relação a essas coisas todas, não foi porque tinha uma aula obrigatória de OSPB²⁶⁸.

Uma conclusão bacana, você constatar isso hoje. Nossa, estudei em um lugar privilegiado, tivemos um ensino privilegiado, que era bom. Quem não passou nos melhores vestibulares? É quem não quis fazer, todos nós passamos, foi quem não quis, optou por não fazer. Passamos todos.

Tive muitos colegas de Ginásio que só ficaram em iniciativa particular. Fizeram carreiras, belas carreiras, enriqueceram, mas têm um senso e uma visão super bacana de mundo. São essas pessoas que a gente resgata nesses encontros. A gente pode ter divergência de muitas coisas, mas tem muitas que nos unem. E não é ficar falando da época de colégio. Eventualmente um lembra de uma coisa. Isso é óbvio, isso é normal, mas conversamos de tudo. É isso que acho que é um ganho que as escolas não dão hoje, é muito difícil ver isso.

Vejo pelas minhas filhas. Os colegas delas que permaneceram foram da época da faculdade. Nossa ... Isso me marcou tanto, eram colegas tão marcantes! Isso aconteceu na turma do meu irmão. Eles se encontram até hoje. Conheço outras pessoas que são egressos do Colégio Estadual, e que têm esses encontros de turma.

²⁶⁸ Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Disciplina criada por meio do decreto 869, de 12 de setembro de 1969 durante o regime militar. O decreto foi revogado pela [lei nº 8.663, de 14 de junho de 1993](#).

A minha primeira turma, que tomei bomba, até hoje me mandam convite. Eles mantêm também, fazem encontros anuais. Vai para o sítio, vai para não sei o quê. É bacana, então isso é uma coisa que é rara.

ANA MARIA REIS DE SOUZA – 68 anos**Ex – aluna do Colégio de Aplicação: 1966 – 1969****Data da Entrevista: 13/08/2018**

Ana Maria foi aluna do Curso Normal do Colégio de Aplicação e traz uma contribuição sobre o curso para nossa pesquisa.

Muito simpática e atenciosa, ela me recebeu em seu consultório de psicologia para compartilhar conosco suas memórias. Durante a entrevista ficou muito à vontade ao falar do Colégio de Aplicação e o quanto ele foi importante para sua formação. Tem lembranças afetivas do Colégio e de momentos que marcaram sua vida.

Eu estudava no Colégio Estadual²⁶⁹, que era um bom colégio em Belo Horizonte, um dos bons colégios de BH. Ele ou o Municipal²⁷⁰ eram os melhores da época. Eu queria fazer o Clássico, queria fazer Letras, mas a minha mãe, que tinha um senso prático muito claro na cabeça, falou: “não, vocês têm que ter uma profissão; a gente tem uma classe média baixa, precisa de trabalhar. Então você vai fazer Magistério”.

Eu não queria fazer o Magistério de jeito nenhum, mas como naquela época nós não desobedecíamos aos pais e no fundo eu sabia que ela tinha uma lógica na cabeça, falei: “bom, eu só faço se for no melhor colégio que oferece esse curso em Belo Horizonte.” Porque eu queria fazer o Magistério no melhor colégio em Belo Horizonte, e esse, que me daria uma base para o vestibular, era o Colégio de Aplicação.

Fiz a prova de seleção, fui aprovada e comecei a estudar em 1966. Escolhi estudar no Colégio de Aplicação pela qualidade diferenciada do ensino, pela

²⁶⁹ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro. Foi renomeado, em 1943, como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

²⁷⁰ Uma promessa de campanha eleitoral do prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima, sanciona a lei que cria o Colégio Municipal, em 5 de maio de 1948, para atender adolescentes de poucos recursos em BH. Foi o primeiro Ginásio gratuito em Belo Horizonte, pois mesmo os colégios oficiais do Estado cobravam mensalidades. Sua primeira sede foi em um casarão no Parque Municipal, em 1954 foi transferido para o Bairro da Lagoinha. Teve seu nome alterado para Escola Municipal de Belo Horizonte e atualmente está localizada na Av. José Bonifácio, 189, no bairro São Cristóvão. https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/10/18/interna_90_anos,998196/conheca-as-escolas-publicas-que-contam-a-historia-de-belo-horizonte.shtml último acesso em: 01 mai. 2019.

possibilidade de dali eu fazer um bom Magistério e poder fazer vestibular depois, que foi o que fiz.

A escola era uma casinha velha, um ambiente muito simples. A parte do Magistério, onde a gente ficava, era no fundo, um anexo que haviam feito; era bem difícil, muito simples. A sala era arejada. Tinha o que precisava: cadeira, quadro, iluminação. Tinha uma quadra de ginástica a que não íamos nunca. O Magistério não tinha tempo de fazer ginástica. Então a gente não ia lá.

Com relação às matérias, se não estou enganada, eram dezesseis. Estudávamos Português, Matemática, Geografia, História, Biologia, as matérias que seriam as previstas. Francês, porque escolhi Francês (era Francês ou Inglês), Espanhol, Sociologia, Psicologia, Filosofia e todas as didáticas que existiam, além de Artes, Música e Literatura Infantil.

Nossa turma não tinha Educação Física, não dava. Como é que ia enfiar mais matéria naquele curso? Nem se a gente ficasse lá 24 horas por dia. Usávamos algumas salas no fundo, às vezes, para fazer os nossos teatros. Tinha uma sala para fazer arte. A gente mexia com argila, papel, tesoura, para fazer material para a escola.

Tinha uma cantina simples. Depois de cinco anos no curso de Psicologia, no mesmo lugar, olhando para a mesma sala, pensava assim: “que dia isso aqui vai mudar?” Parece que a casa está lá até hoje.

A gente não reclamava, não tinha queixas explícitas com relação a isso. Acho que o aluno reclamava menos naquela época, éramos menos exigentes, e eu até preferia, porque não gostava do ambiente do Estadual Central.

Quando saí do grupo²⁷¹ (em que você punha a mão no ombro do outro, fazia fila para entrar), cheguei ao Estadual Central, para cursar o primeiro ano de Ginásio, hoje chamado de quinta série, ficava perdida ali, tinha pavor de lá. Então, por essa razão, achava o coleginho²⁷², nesse ponto, mais tranquilo.

²⁷¹ Os grupos escolares foram criados no estado de São Paulo em 1893, com o objetivo de reunir e agrupar escolas isoladas de uma região comum. Constituíram um novo modelo de organização escolar no início da República no Brasil. Foi um modelo tipicamente urbano, pois as escolas se mantiveram isoladas por um longo período no meio rural. E os grupos escolares agruparam os alunos segundo a série do curso primário, que era de quatro anos com um programa enciclopédico, com matérias que possibilitavam uma formação integral. Passou-se a controlar o tempo escolar por meio do calendário, além de práticas rituais e simbólicas como os exames finais, as datas cívicas, as exposições escolares e as festas comemorativas. Os Grupos Escolares foram difundidos para todo o Brasil, tendo sido criado em Minas Gerais em 1906 com a Lei nº 439, de 28/09/1906. http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_%20escolar.htm. Último acesso em: 01 maio 2019.

²⁷² Os alunos referiam-se ao Colégio de Aplicação carinhosamente como coleginho.

No Magistério a gente estudava igual louca. A grade era muito ampla (e quase ninguém que estava lá ia dar aula) para permitir que você fizesse um vestibular depois com as matérias que seriam do Clássico.

Naquela época, eram apenas mulheres quem fazia Magistério. Hoje já tem homens fazendo, mas naquela época não. Era uma mulherada sem fim, trinta na nossa sala, se não me engano. Mas tinha muita gente fazendo Magistério, eram várias turmas, acredito que de séries diferentes, e era no mesmo prédio, os mesmos professores do Clássico, fora o pessoal da Faculdade de Educação que dava as matérias específicas de Educação.

Se não me engano eram duas ou três turmas. Não sei se estou exagerando, a minha memória agora pode estar falhando, não lembro, porque também a gente convivia muito naquela panelinha, realmente não dava tempo. Se você pensar que a gente tinha vários livros para ler, filmes, vários trabalhos para fazer. A escola enchia a gente de trabalho, trabalho não faltava.

Como o colégio era um Colégio de Aplicação, tinha que receber na sala os alunos dos cursos superiores da Fafich para fazer os estágios de todas as matérias. A gente maltratava os estagiários. Se não fosse com a cara deles, eles estavam fritos, porque depois os professores assistiam às aulas dadas por eles. Decidíamos se íamos colaborar ou não, coisa de adolescente. Os que realmente não tivessem uma chegada legal eram um pouco maltratados.

Os estagiários ficavam um tempo, não lembro quanto tempo, não era muito, porque eram muitos estagiários. Eles assistiam às aulas, acompanhavam a turma e depois davam aulas. Depois um professor deles ia acompanhar a aula que eles estavam dando no dia determinado para avaliá-los. Em todas as nossas matérias, tinha estagiários.

Quando fui fazer Psicologia, vi que muitas coisas que os estagiários de Psicologia tinham levado para a gente eram coisas que fui estudar mais tarde: testes, pesquisas, coisas assim. Então, tinha sido legal, embora não déssemos valor na época.

O colégio tinha um convênio com a Cultura Inglesa e com a Cultura Francesa. Estudei Francês. Nós estudamos nessas matérias as mesmas coisas que se estudava em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa. No segundo grau, líamos livros de Sartre, Guillaume Apollinaire, Jacques Prévèrt, etc., tinha que ler.

A escola preservava o rigor acadêmico, e uma coisa que era interessante no curso da gente, que hoje, à distância é que damos valor. É que, como eram muitas matérias, para a gente não ficar louco, as matérias eram integradas. Por exemplo, estudávamos literatura infantil, folclore, todas aquelas coisas. Estudávamos Francês, tínhamos aula de Arte e Música e a Cultura Francesa ia lá ver o desempenho da gente, eles acompanhavam o nosso desempenho. Então, o que é que fizemos?

Traduzimos a literatura infantil para o Francês. Fizemos o material didático, teatro de sombra, tudo que precisava. Traduzimos as músicas e apresentamos em Francês para o pessoal da Cultura Francesa. Fizemos os fantoches, conseguimos integrar a matéria. Com a Cultura Inglesa era a mesma coisa para quem tinha escolhido o Inglês.

Então, tínhamos que saber Francês, saber mesmo, não era só uma aulinha. O Espanhol era a mesma coisa, com bastante rigor, e o Português nem se diga. Ainda tinha didática depois, ligada a Português e tudo mais.

A Professora de Português eu não me lembro do nome dela, deu aula uns três anos para a gente. Ela era rígida, exigente, mas receptiva. Não era uma aula chata, é que eram outros tempos. A posição do aluno e a do professor eram outras. Tinha alguns professores que eram mais abertos e mais próximos dos alunos.

A professora de sociologia a gente amava, a mulher era “loucona”, assim, para a época. Ela já devia ter uns quarenta e tantos anos, recém-casada, o marido muito mais novo, muito mais bonito do que ela, e, ela morria de rir disso, contava casos, era uma pessoa mais próxima.

No terceiro ano a gente fez uma viagem para Curitiba, viagem de excursão de escola para encerrar o curso. Ela e o marido foram. A professora de Didática, de uma das Didáticas que não lembro mais qual, também foi com a gente. Ela e o marido, que também tinham uma afinidade maior conosco.

A professora de Música e de Artes era uma professora mais velha do que os outros professores. Ela era mais mãe, um estilo mais mãe, durona, porque se ela “desse corda” ninguém fazia nada do que ela queria. Ficar aprendendo canto em Tupi-Guarani não tem graça, mas com ela, apesar disso, a gente tinha uma relação legal.

Alícia era de Psicologia. Ela não era afetuosa como a outra, mas, se for falar de uma maneira geral, os professores eram respeitosos com os alunos. Por causa da Alícia,

por exemplo, como me interessei por suas aulas, ia, no intervalo, para a biblioteca da Fafich para ler. Eu queria ler, saber mais sobre psicologia.

Sabia que não tinha dinheiro para comprar os livros. Então li as coisas de Psicologia, do Espanhol, que gostava muito. Li Dom Quixote durante aquele ano. Então, tirava dúvidas. Havia esse ambiente junto aos professores: estou lendo um livro, não entendi o que é isso, eles tiravam dúvidas. Era uma coisa muito legal que no Estadual não tinha, a gente não via isso. Não era professor amigão, fora essa professora de Sociologia, que era mais loucona, mas o resto era: sou professor, te recebo. Alguns te tratavam quase como alguém que ia ser professor também, outros, mais como filhos.

Lembro do Tufi Bistene²⁷³, porque depois ele deu aula de Filosofia para mim no curso de Psicologia. Não gosto muito de falar dele, achava-o muito chato. Alícia que foi minha professora de Psicologia, virou paixão. Fui fazer Psicologia por causa dela. Tinha uma professora de Francês que gostava muito, não me lembro o nome dela. Ela é irmã do Lasmar²⁷⁴ que é médico do Atlético, agora não lembro o nome dela. Lembrar nomes é difícil.

Não me lembro dos meus professores de Matemática. Só lembro dos mais amáveis ou dos mais detestáveis.

A parte de Matemática não era, vamos falar assim, não era o foco daquele curso; a gente fazia porque tinha que ter aula de Matemática. Mas não peguei aquelas questões mais complicadas, era mais quase voltado para “como ensinar Matemática” do que para estudar Matemática. Naquela época gostava de ler, que é uma coisa que hoje a gente vê que o povo não gosta mais, mas não tenho muitas lembranças. Não era minha matéria de maior interesse, mas tirei notas boas suficientes para passar sem precisar de prova final. Não lembro muito, com o tempo já foi.

Lembro mais das aulas de Português, que gostava mais, além da exigência, eu gostava mais. Gostava mais da aula de Francês, as Didáticas a gente engolia.

As aulas de Matemática eram um negócio assim: vamos preparar para você dar aulas. O que acontecia na época é que o MEC tinha uma programação de ensino. Então, se um professor chegava para dar aula para o primário, você não inventava. Você dava o

²⁷³ Tufi Bistene foi contratado em março de 1964 como Instrutor de Ensino Superior para a cadeira de Lógica Clássica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

²⁷⁴ Neylor Pace Lasmar foi ortopedista da Seleção Brasileira de Futebol. Passou por duas Copas do Mundo em 1982 e 1986. Foi responsável pelo departamento médico do Clube Atlético Mineiro. Atualmente é diretor da clínica Ortocenter e diretor da Faculdade de Ciências Médicas. <https://www.escavador.com/sobre/1201686/neylor-pace-lasmar>. Último acesso em: 26 jun. 2019.

que estava lá: operações básicas, como é que você vai fazer, como é que você vai introduzir. Hoje já tem tantos anos, não vou lembrar os detalhes, mas era mais saber seguir aquelas determinações e ter uma didática para ensinar do que a Matemática. Tanto que fui fazer cursinho para reforçar as coisas que não estava vendo ali.

Português era mais, acho que tinha mais peso, não sei por quê. Português era mais caprichado. Lembro mais da professora de Português, a gente ter que estudar, ler um livro do dia para o outro e fazer um trabalho e apresentar. Não queriam saber se você tinha problema ou não, mas a gente aprendeu.

No nosso caso, era mais ensino da Matemática, embora a gente tivesse que saber o que estava falando, o que ia fazer, dominar o conteúdo, não era só como dar a aula, era saber o sobre o quê estava falando.

Nessa época, no segundo grau, por exemplo, você já tinha que saber fração de trás para diante. No Magistério não era assim, você tinha que dominar a lógica da fração, por que você ia ensinar o significado de fração. O curso do Magistério é um pouco diferente. Você tem que entender para saber ensinar. Ver o que é cada conteúdo. Para que serve isso? Onde é que está isso? Para que isso? Então, sobre as aulas de Matemática, não vou poder ajudar muito, porque o foco era um pouco diferente.

Acho que tivemos Matemática no primeiro ano, porque no segundo e terceiro já era mais de Didática mesmo, pesada, e as matérias de humanas. Tínhamos Psicologia, Filosofia e Sociologia, tudo junto, misturado, era muito. Depois, na Psicologia, as aulas que tive de Filosofia e Sociologia foram inferiores ao que tive no segundo grau, para você ver o nível de aprofundamento e de estudo. Também teve alguns professores que não tinham muito interesse em lecionar... Na Federal sempre teve isso, tem os que querem e os que não querem; os que não querem não adianta esperar nada deles.

Lembro que os professores usavam o quadro. Grande parte das aulas era expositiva, claro que tínhamos liberdade de perguntar. Você participava, fazia exercícios na sala, não eram somente atividades. Levava muitas coisas para fazer em casa. Muitas das aulas ainda eram expositivas, falando, e você copiando e anotando.

Não era aquela aula engessada que você ficava ali... E como havia muitos estagiários, viviam passando lá pela gente. O estagiário não conhecia tudo, então ele tinha que chegar e conversar, perguntar por que, como é que ele ia conseguir dar aula, não tinha jeito.

Tinha alguns recursos na aula, hoje não lembro mais como é que era isso, mas a gente via filme na sala, não lembro como, porque não tinha DVD, não tinha VHS. Não lembro como a gente via filme, mas lembro, existia filme na sala. Filme mesmo, não era slide, não lembro mais como era isso, mas tinha os recursos que a universidade podia oferecer. Essa era uma vantagem. Engraçado, você está me fazendo pensar nisso, nunca tinha pensado a escola por esse ângulo. Nós assistimos a um filme sobre o Grande Sertão Veredas²⁷⁵. Não era o que passava na televisão, alguma coisa tinha que ter, e quando o recurso é bom você não reclama.

Eram recursos que, para a época, eram um avanço de primeira linha. Ouvíamos música na sala. Acho que a escola investia para você ter um padrão melhor de ensino do que em outros locais. Tinha colegas que estudavam em outros colégios e não tinham isso, mas sempre a exigência era de padrão alto. Tinha que ter boas notas, tinha que saber, não era só porque eu me exigia, porque a escola também exigia.

Havia alguns trabalhos em grupo, mas a maioria era individual. Os trabalhos de Português eram individuais. Líamos o livro, apresentávamos, fazíamos as resenhas, as comparações, os estudos. Tinha alguns trabalhos em grupo, com atividades que aconteciam de tanto em tanto tempo, não era todo dia. Tinha uma grade para isso, e os outros eram individuais.

Na aula de Arte, por exemplo, lembro que fazia bichos com formol. Minha mãe ficava me xingando, pois a gente tinha que fazer em casa, com nosso dinheiro, com o nosso material. Então, a escola nesse ponto não ficava barata. Cada um fazia o seu, éramos avaliados pelo que fazíamos. Havia aula ensinando o método para fazer os objetos, mas depois cada um fazia o seu. Isso era individual, os trabalhos de análise, as pesquisas, descobrir, identificar o livro, saber que livro ia trabalhar, eram individuais. Quando tinha trabalho em grupo, decidíamos o que íamos fazer e “tocávamos o bonde”.

Há pouco tempo estava lembrando. Uma pessoa me mandou, no WhatsApp, um material dizendo que adoçante mata. No dia eu estava de veia ruim, respondi a ela que em 1968 eu fiz um trabalho no colégio de Aplicação, em Francês, falando que ciclamato matava. Se alguém tivesse que morrer de 1968 para 2018 por tomar adoçante, quantas pessoas já teriam morrido?

²⁷⁵ Grande Sertão: Veredas, filme brasileiro, de 1965, é baseado no romance de Guimarães Rosa e dirigido por Geraldo Santos Pereira e Renato Santos Pereira. <http://www.adorocinema.com> Último acesso em: 01 maio de 2019.

Desde aquela época já existia isso, porque a gente também tinha que estar acompanhando as atualidades, tinha que saber o que estava acontecendo no mundo. Muita coisa se fazia sobre isso. Lembro que, nessa época, já havia pesquisas dizendo que ciclamato matava. Eram coisas que a gente era obrigada a fazer. Lembro-me de ir ao cinema; naquela época tinha, antes de começar o filme, o canal (Canal 100) que era um jornal, e nesse jornal sempre passava alguma coisa, e a gente usava essas informações para trazer para os trabalhos que estávamos fazendo.

Então era estimulado assim: o que você leu? O que trouxe? O que viu? As primeiras revistas que começaram a circular, a Veja vem um pouco depois, se não me engano. Tinha uma revista chamada Realidade²⁷⁶, que era tipo a Veja, Isto é, então de ler, de acompanhar o que estava acontecendo, de trazer por que estudávamos Estudo Sociais, além da famosa OSPB.

Não é OSPB, como é que chamava? Tinha que estudar esse negócio, Moral e Cívica? Tinha outro nome na época, não era OSPB. Era um nome parecido com esse, que ainda era obrigação. Tudo imposição da ditadura. Ainda tinha que estudar isso também, aquelas balelas.

Nossa gente, “Nossa Senhora!”, até na faculdade eu tive que estudar isso. Era obrigatório, o povo fica aí querendo Bolsonaro, não sabem o que é que a gente passou, não sabem o que é que já tivemos que viver. Aquelas aulas panacas, aquelas bobearias, mas era obrigatório. A escola tinha que acrescentar essa matéria também.

Se me perguntar o que é que estudamos não lembro mais. Tinha que ter as “maravilhas do milagre brasileiro”, a homenagem a uma revolução, outro nome parecido, mas tinha isso. E “ai” da escola se não desse, se não comprovasse que o aluno assistiu aula, pois tinha nota.

Na parte de literatura as pessoas iam lá. Alaíde Lisboa de Oliveira, Ana Maria Machado e outros escritores iam lá discutir com a gente. Tinha fórum, sei lá como é que chamava na época, que a escola promovia, realmente assim de: “opa, vem cá, vem saber”.

²⁷⁶ A revista Realidade foi criada em 1966, pela Editora Abril. A revista foi produzida durante dez anos consecutivos. É considerado um marco na história do jornalismo brasileiro. Os três primeiros anos de sua existência é um dos mais importantes de sua produção. Foi modelo de vinculação entre a produção do texto jornalístico e o conjunto das manifestações culturais e políticas vividas no Brasil naquele período. <http://virourealidade.blogspot.com/2010/05/historia-da-revista-realidade.html>. Último acesso em 26 jun. 2019.

A Alaíde Lisboa de Oliveira ia junto com o pessoal da Cultura assistir as maluquices que a gente fazia com as obras dela. Ela foi ver a gente contar a história da Bonequinha Preta²⁷⁷ em Francês. A gente era muito atrevida, porque também era o único jeito de conciliar tudo que tinha para fazer num tempo curto. Não lembro se alguém propôs, ou se a escola já tinha esse hábito; sei que fazíamos essas saladas todas, misturávamos tudo. Já que tem que fazer, tem que apresentar, vai ser avaliado. O pessoal da Cultura estava lá anotando os meus erros de pronúncia, o meu não sei o quê. Então fazíamos uma coisa só, uma festa só.

Pegávamos várias disciplinas e apresentávamos na língua estrangeira. Didática, em si, porque tinha a ver com a Didática; Artes, Música, porque isso também a gente estava aprendendo para ser professor. A parte de literatura infantil que tínhamos que estudar e entender, a questão de língua que tínhamos que fazer, juntava tudo isso e fazíamos uma coisa só.

No final, era a entrega do trabalho, além das provas teóricas e tudo mais. Então, para mim que gostava disso, era uma festa. Para quem não gostava, eles queriam matar, mas tudo bem, a única coisa que lembro que a gente não tinha era Física e Química, isso não tinha. Biologia tinha só a parte da didática, porque não cabia, não daria conta.

Além dos trabalhos, tínhamos as provas. A prova era normal. Com questões, para responder e entregar. Não era múltipla escolha. Tinha prova de raciocínio, você tinha que parar para pensar, você tinha que saber.

Em Arte a prova era mais técnica. Arte e Música eram conhecer as músicas do folclore, entender por que é que canta; entender a região de onde vem; saber cantar a música; saber orientar o aluno para cantar. Aí já era uma coisa mais específica.

Tinha aula de Desenho, mas o Desenho era focado. Já não era o Desenho que tive no primeiro grau, mas um desenho mais focado: como é que se faz; como é que se monta álbum seriado; como é que você faz mesmo; os recursos para dar uma aula. Hoje tem tudo pronto, mas, naquela época, ter o pronto era muito caro, você aprendia a fazer. Haja dinheiro para uma família pobre. Todo dia: “Mãe, agora precisa comprar espuma. Agora preciso comprar flanela; agora preciso comprar gesso”. A minha mãe queria me matar, mas era ela que tinha inventado. Então, ela tinha que me aguentar!.

²⁷⁷ A Bonequinha Preta é um clássico da literatura infantil. Lançado em 1938, pela escritora mineira Alaíde Lisboa de Oliveira, vem encantando gerações. Está em sua vigésima segunda edição. <https://culturalizabh.com.br/index.php/2017/07/31/a-bonequinha-preta-alaide-lisboa/> Último acesso em: 01 maio de 2019.

Tínhamos duas orientadoras. A primeira orientadora era muito rígida, a segunda orientadora era mais “orientadora”. Não podíamos chegar atrasados, e eu tinha mudado para o Dom Cabral²⁷⁸. Na época não tinha ônibus, perto da PUC; era um ônibus que aparecia o dia e a hora que ele queria. Imagina a distância que era, porque antes eu morava no Funcionários²⁷⁹.

Saía de casa em torno das dez e meia da manhã para chegar à uma hora da tarde na escola. Não sabia a que hora que o ônibus ia passar: dez e meia, onze, meio dia. No dia que ia ter uma prova, quando cheguei à escola dois minutos atrasada e não ia poder entrar, já não queria nem entrar. Só queria chorar, de tanta angústia: ter ido da minha casa até lá e perder uma prova, naquela época não tinha reposição de prova porque estava dois minutos atrasada. Chorei tanto!

Já tinha trocado a orientadora, ela resolveu me perguntar por que é que eu estava chorando tanto, aí falei com ela: “Saí de casa às dez e meia da manhã, estou sem almoçar, venho sem almoçar, não dou conta disso aqui.” Tinha outra menina que era a Etelvina, que também morava longe, no Santa Efigênia²⁸⁰, não sei, ela chamou a gente para conversar e falou: “bom”. Como tinha gente que ia de motorista para a escola, e a gente tinha que ir de ônibus, ela falou: “então, nesse caso...” Ela fez as exceções que a escola não fazia antes porque não havia necessidade.

Eu não chegava atrasada, tinha a caderneta na entrada, então ela começou a ter um olhar para a diversidade que tinha na escola, que era mais nisso do que em outras coisas. Como a prova era muito exigente, a gente tinha o nível intelectual muito homogêneo, não tinha diferenças na sala. Foi aí que a escola começou a ter esse olhar considerando: “um pouco mais, espera lá, aqui tem gente diferente”.

²⁷⁸ O Bairro Dom Cabral é uma homenagem ao primeiro bispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral. Seu terreno pertencia ao Seminário Coração Eucarístico e foi vendido ao município em 1964. Seus habitantes inicialmente foram principalmente funcionários públicos, pois tinham um auxílio de um programa habitacional. Situa-se na região Noroeste de Belo Horizonte. http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NoroesteCompleto.pdf Último acesso em: 01 maio de 2019.

²⁷⁹ O bairro Funcionários é um dos bairros mais antigos da Capital mineira. Localizado na região Centro-Sul, é referência cultural e histórica de Belo Horizonte. Fundado em 1896, foi planejado para receber os funcionários públicos recém-chegados à capital. Situa-se na região Centro-sul de Belo Horizonte. https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de_governo/cultura/CentroSulCompleto.pdf Último acesso em: 01 maio de 2019.

²⁸⁰ O Bairro Santa Efigênia, antigo Quartel, pertence à região leste de Belo Horizonte. O bairro abriga a área hospitalar. Sua história está ligada a construção do 1º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, na Praça Floriano Peixoto. Seu nome é uma homenagem a Santa Efigênia, padroeira dos militares. <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/cultura/LesteCompleto.pdf> Último acesso em: 01 maio de 2019.

Nunca abusamos de chegar atrasados por chegar, mas já tinha essas questões e tinham cuidado com o aluno, entendiam que a gente ainda era menor de idade, e que a Fafich viu polícia, aquela confusão lá na porta da Fafich, você imagina isso na época de 68. Valorizo hoje quando percebo que a escola tinha esse cuidado.

Só tinha uma coisa chata, a gente era aluno do Colégio, e tinha aula numa sala da Fafich. Não podia pegar elevador porque éramos alunos do segundo grau. Que diferença faz? Acho que eles deviam ter lá suas razões.

De uma maneira geral, com o diretor quase não tínhamos contato, porque era muito aluno. Tinha aluno do Clássico com alunos do Magistério, alunos do Científico, então não tínhamos muito contato com eles. Era menino para tudo quanto é lado. Mas acredito que era uma escola que cuidava do aluno.

A escola era muito “cabeça”, realmente muito mais aberta do que o Colégio Estadual. Se eu tivesse ficado no Colégio Estadual, época de Dilma Rousseff estaria muito mais politizada do que no Colégio de Aplicação, mas em termos de didática eu ganhei com a ida para o “Coleginho”. Realmente os professores tentavam fazer uma integração, porque o MEC tinha essas exigências.

Mas, saí de lá em condições de pegar um grupo pobre, sem recursos, construir o meu próprio material e conseguir dar uma aula, sem medo daquilo que estava acontecendo. Então acho que foi isso, do pessoal que nós tínhamos na sala éramos eu e mais duas pessoas de classe média mais baixa, o resto era meio “elite”, de poder aquisitivo alto, que realmente não sei o que é que fazia no Magistério, porque elas não iriam dar aula, e não estavam lá (como era antigamente) fazendo o Magistério para “esperar casar”. Também não era isso; depois foram duas delas, foram minhas colegas na Psicologia, a gente se reencontrou na Psicologia.

No final do Magistério fazíamos o estágio obrigatório. Tínhamos indicação de alguns lugares, mas depois você tinha que ir lá e se virar para achar o seu estágio. Não era uma coisa pronta, esse lugar é seu; eram escolas de verdade, escolas normais. Lembro que primeiro acompanhava algumas aulas da professora e depois dava algumas aulas e éramos avaliados como um estágio normal. Não me lembro de quanto tempo era o estágio, mas teve essa parte aplicativa.

Teve um período na escola, se não me engano no segundo ano, isso foi em 1968, não sei por que, não sei como, tentei até descobrir depois, mas não consegui. Um

dia, a escola, que era laica, chegou para nós e nos disse que tínhamos aula de Cultura Religiosa. Esperneamos, porque ninguém achava aquilo bonito, mas não tinha escolha.

Chega uma freira sem hábito, uma moça jovem muito bonita, agradável, e disse: “eu vou dar aula de Cultura Religiosa”. Desde o primeiro dia, todos os dias que ela deu aula para a gente (ela não fechou o semestre), a gente via literatura engajada, música engajada. A primeira aula foi sobre a música Viola Enluarada. A gente lia João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, discutia as questões sociais, não tinha nada de religião, nada.

A freira convidou os alunos para fazer um curso de alfabetização de adultos na Casa das Freiras, que era próxima do Colégio. Resolvi ir. Acompanhei umas três aulas, era o método do Paulo Freire, que naquela época, era subversão. Só que eu era meio ingênua. Achei aquilo lindo, estava ótimo, mas de repente a freira sumiu. A Casa das Freiras foi fechada e o colégio nunca disse uma palavra sobre essa freira.

Acho que talvez ela nem fosse freira, a essas alturas, porque, naquela época de perseguição política, essas coisas eram comuns. É a história mais interessante que lembro. Até tentei, depois, ver se descobria olhando fotos de perseguidos políticos, mas não, e a escola nunca disse nada, nem porque ela chegou, nem porque ela foi embora.

Era uma época em que sabíamos que alguns professores eram realmente “dedo-duro”. Isso era comum não só na Fafich, mas em qualquer lugar do Brasil. Não era só no ensino; quando as coisas ficavam feias em termos políticos, a escola nos dispensava.

Eu morava perto da PUC do Dom Cabral e pegava um ônibus em frente à Faculdade de Ciências Econômicas²⁸¹. Então, já corri muito de cavalo e de cachorro por Belo Horizonte, mas eram bons tempos... Os professores eram muito bons, a gente não tinha queixa de que estavam enrolando. A escola mantinha, tinha um rigor com o aluno, tinha um rigor com os professores.

Eu não queria fazer esse curso de jeito nenhum, mas acho que a escolha da escola foi fundamental. Sempre sabia que podia usar aquilo para alguma coisa. Hoje os meninos reclamam de fazer ENEM, mas era o segundo ano, quando fui fazer vestibular.

²⁸¹ A Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) foi fundada em 1941 como uma entidade privada, com o nome de Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais. Em 1948, a faculdade foi incorporada à Universidade de Minas Gerais e em 1949 foi transformada em estabelecimento federal de ensino. Funcionou, de 1954 a 2007, em sede própria à Rua Curitiba, 832, no centro de Belo Horizonte. No fim de 2007, foi transferida para a nova sede no campus Pampulha da UFMG. Atualmente, oferece os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Controladoria e Finanças, Ciências Econômicas e Relações Econômicas Internacionais. Mantém em funcionamento, também, pós-graduação em Administração, Controladoria e Contabilidade, Demografia e Economia. <https://face.ufmg.br> Último acesso em: 01 maio de 2019.

Era o segundo ano de vestibular integrado; aquilo era assustador, aquilo era a mesma prova para todo mundo, não interessa a formação que você teve antes. Então, quem tinha feito Científico ia ser melhor mesmo, porque para as provas mais difíceis eles estavam mais preparados. Tinha consciência disso. Então, o curso que não fosse me ajudar não ia fazer, por isso fui parar no Colégio de Aplicação.

Fizemos uma viagem para finalizar o curso. A gente viajou em junho, porque o final do ano seria muito complicado. A escola tinha contatos com uma escola em Curitiba, fomos de ônibus para Curitiba e ficamos hospedados nessa escola, tinha um alojamento grande. Foi passeio mesmo de turismo, visitamos, ficamos lá uma semana.

Um frio tremendo, que Curitiba sabe prestigiar a gente com frio. Saímos à noite, não era uma boate, tanto que os professores foram com a gente. Era todo mundo menor de idade. Passeamos muito, conhecemos Curitiba. A escola nos apresentou costumes, alimentação, o jeito de ser de Curitiba, danças típicas, foi muito legal, fomos no campo de futebol.

Estava numa gripe daquelas de morrer, a minha mãe: “ah não vai”. Falei: “vou”. Fui à farmácia e falei: “me dá uma injeção!” Naquela época você podia chegar à farmácia e pedir uma injeção. Desmaiei, passei mal, minha mãe: “não vai”! “Eu vou, nem que eu morra!” Saí daqui mal, cheguei a Curitiba; no frio melhorei, porque a vontade de melhorar era tanta, que melhorei e voltei. Tudo bem. Lógico que, a viagem, para mim, que não tinha hábito de viajar tanto, foi uma aventura, foi legal.

Na época da nossa formatura, lembro que nos encontramos os grupinhos separados; teve uma festa aqui, outra festa ali, teve a cerimônia da formatura e uma missa de formatura na capela do Colégio Santo Antônio, na época com o Frei Hilário²⁸².

O Frei Hilário era amigo do Leonardo Boff²⁸³. Quando você olha assim, você fala: “poxa!” Ele era o frei, vamos dizer assim: ah, “o padre Fábio de Melo” para fazer associação. Só não era bonito, ele era muito feio, mas era o único frei que falava o que

²⁸² Frei Hilário Meekes nasceu na Holanda em 1930. Em 1951, entrou para a Ordem dos Frades Menores. Em 1955 professou seus votos religiosos em 1958 foi ordenado padre. Foi vigário da Paróquia Santo Antônio e diretor do Colégio Santo Antônio por nove anos seguidos. Faleceu aos 70 anos de idade, em outubro de 2001. <https://www.colegiosantoantonio.com.br> Último acesso em: 01 maio de 2019.

²⁸³ Leonardo Genésio Darci Boff nasceu em Concórdia, Santa Catarina, em 1938. Graduiu-se em Teologia no Instituto dos Franciscanos de Petrópolis e doutorou-se em Filosofia e Teologia pela Universidade de Munique, na Alemanha, em 1970. É teólogo, escritor e professor. Foi professor de ética, Filosofia e Religião na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em 1982, publicou o livro “Igreja: Carisma e Poder” e em 1985 recebeu, como castigo, pela Igreja, ficar um ano em silêncio. Em 1992, recebeu nova condenação, o que o levou a renunciar as atividades religiosas. É um dos maiores representantes da Teologia da Libertação do mundo. É autor de vários livros e recebeu diversos títulos. https://www.ebiografia.com/leonardo_boff/ Último acesso em: 01 maio de 2019.

as pessoas gostavam. Vinham de longe vê-lo, e o fato dele ser amigo do Leonardo Boff dava assim certo status. Não sei o que aconteceu com ele, se a igreja o tirou de lá, mas a missa foi um evento da gente se enfeitar, se “emperequetar” toda para ir à missa e ficar muito embevecida daquilo.

A professora de Francês quis saber o que eu ia fazer no vestibular. Falei com ela que ia fazer Psicologia e Francês; ela ficou meio enciumada. Realmente, fiz Francês na PUC e passei, mas na Federal, você tinha aula de manhã, de tarde e de noite na Psicologia. Tinha aula de manhã na Fafich, de tarde no ICB (Instituto de Ciências Biológicas), na Faculdade de Medicina. Tinha algumas aulas no ICEX²⁸⁴, a parte de Estatística. Ainda tinha aula na Faculdade de Educação, e era o aluno que ficava trançando. Falei: “chega, não dá.” Hoje sinto falta, devia ter feito Francês, porque gosto muito, mas seria mais por prazer, não queria ser professora de Francês.

Quando saí do Colégio de Aplicação, fiz um ano de cursinho, porque as matérias, inclusive a Matemática, eram menos intensas. Eu teria que fazer o vestibular concorrendo com quem fez Científico; era a mesma prova. Fiz cursinho no Palomar, que era um bom cursinho na época, e fui para a FAFICH, para o mesmo prédio, estudar Psicologia. O colégio não estava lá mais e voltei para a mesma casinha para estudar Psicologia.

Fiz Magistério, meu irmão fez Contabilidade. Só minha irmã caçula é que escapou, pôde fazer o Científico. Depois fiz Psicologia, meu irmão fez Engenharia e minha irmã Veterinária. Dei aula só para pagar o meu cursinho, porque queria ser aprovada no vestibular. Na época, trabalhava em um grupo do Estado. Ganhava 115 cruzeiros e pagava 100 cruzeiros de cursinho, porque era o único jeito de passar na Federal.

Não me arrependo, acho que valeu. Depois, ainda dei aula um pouco, o que me ajudou muito na Psicologia, nos trabalhos depois. Fui trabalhar com Psicologia Organizacional, e depois que virei professora de gente grande, penso que o que aprendi lá valeu. *Atuo com* Desenvolvimento, treinamento, dei aula para a Universidade. Então valeu a pena.

²⁸⁴ O ICEX – Instituto de Ciências Exatas foi instituído com a Reforma de Ensino de 1968. Era dividido em três departamentos: Física, Matemática e Química. Responsável por todo o ciclo básico das Ciências Exatas e várias disciplinas da Biologia. Na década de 1970 foram criados os departamentos de Ciências da Computação e Estatística. Atualmente, é formado por cinco departamentos, com nove cursos de graduação e cinco de pós-graduação. <http://www.icex.ufmg.br/index.php/home/historia-da-unidade> Último acesso em: 05 abr. 2019.

O máximo da rebeldia que a gente fez quando estava formando foi fazer umas fotos bobas no fundo da escola. Deixou amizades boas. Claro que as pessoas mais ricas da sala, como em qualquer curso, se relacionam mais no grupinho delas. Não tinha essa discriminação nas aulas, na convivência do dia a dia, mas a interação sempre foi assim. Você vai por afinidade e por grupo social. Das pessoas com quem continuei convivendo depois, foram amizades boas que ficaram consolidadas e isso também a gente aprende a conviver na escola.

No Colégio de Aplicação tinha o Científico, o Clássico e o Normal. Os meninos do Científico viam aquela mulherada, eles ficavam paquerando as meninas. Eles se achavam o máximo, o “bam, bam, bam da bala Chita”. Eles eram o “supra”, o pessoal do Clássico era mais “normal”. Existia isso, mas não sei se é porque eu morava tão longe, e chegava à escola tão focada que não tinha nenhum relacionamento com as outras turmas. Eu entrava, assistia à aula e ia embora. Fora essas coisas que são comentário mesmo de pátio, e na cantina, os meninos do Científico achavam que a gente era umas meninas bobas. Eu não ligava muito não, não tinha muito tempo para isso.

O olhar era diferente para o Magistério. Acho que talvez me defendesse. Mas não queria estar ali, não era isso que queria. Só estava lá de passagem, era só “uma passagem”. A gente nem entrava no prédio deles, não tinha muito contato mesmo. Era mesmo uma ilhazinha, nem sei se os professores também transitavam, davam aula para eles.

Matemática, Física e Química nunca foram minhas grandes praias. Em Biologia não ia mal, mas não era também, tanto que depois, na Psicologia, a gente teve a parte toda do ICB e fui bem.

Querida fazer o Curso Clássico, porque meu sonho era Francês. Era apaixonada, queria estudar, queria estudar o Francês e o Português, e tudo. Era onde eu navegava, lia até parede. Se tivesse algum escrito eu parava para ler. Então, eu queria mais era nessa área. Lidar com crianças, não é que eu não levava jeito. Acho que fiz bons estágios, fui uma boa professora depois, mas não era isso, não era o que eu queria. Adolescente “de jeito nenhum”, nem como psicólogo queria trabalhar com desenvolvimento para esse grupo, pelo amor de Deus! Hoje, até lido melhor com esses jovens.

O meu neto achava que eu dava aula. Era menino, me viu fazendo material para dar aula e junto havia a foto de um treinamento. El se espantou e disse: “nossa Vó Ninha, seus alunos são velhos!” Achou aquilo a coisa mais horrível do mundo.

Olha uma coisa engraçada. Ficou um orgulho bom! Por que é que estou chamando de orgulho bom? Orgulho de ter passado na prova para entrar no Aplicação, porque era uma prova difícilíssima, e eu tinha posto como condição que tinha que ser a melhor escola de BH. Então, passar na prova me fez muito bem. O orgulho de ter tido um ensino de qualidade que tive, assim como trago do Barão do Rio Branco, do Colégio Estadual, esse orgulho mesmo.

Eu tive uma formação que fez diferença e, sem ser pretensiosa, faz diferença até hoje, em relação ao que eu vi depois acontecer com a minha filha, que teve uma boa formação, e com o meu neto, que teve uma boa formação... Mas esse tecido da educação está ficando desgastado. Tenho boas lembranças de coisas que aprendi lá. Da oportunidade de ter lido tanta coisa legal, de ter convivido com pessoas inteligentes, que estavam ali mesmo com vontade de dar aquela aula, de ensinar. Então, isso fica. Isso é valor para mim e eu gosto de lembrar, e outras pessoas que conheço e que estudaram lá, elas têm esse mesmo olhar em relação à escola. Acho que é para isso que a escola serve. Para deixar essa “marca”. Com se a escola dissesse: vai, você pode ir, o que eu lhe dei aqui vai te acompanhar.

Lembro-me das bagunças que a gente aprontava, da Ritinha. Saí do Estadual, (lá você entrava a hora que queria, chegava a hora que queria, matava aula se você estivesse com vontade. Era assim na época) e fui para aquela escola em que a supervisora tinha um sininho. Quando acabava o recreio, ela ficava fazendo pi,pi,piiii... Eu tinha ódio daquilo, meu Deus! Era como se fôssemos meninos pequenos e ela insistia com o sino; enquanto a turma não entrasse para a sala ela não parava de balançar aquele sino horroroso. A gente ria muito daquilo, no fundo achávamos divertido.

A Leonor²⁸⁵ foi uma orientadora muito querida, muito respeitada. Quando eu a encontrei de novo disse a ela: “Leonor você não sabe o que é que você significou na minha vida em termos de acolhimento”. Era diferente de uma escola que paparica; era

²⁸⁵ Maria Leonor Vianna Ferrari foi admitida em agosto de 1965 como Orientadora Vocacional no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Maria Leonor é colaboradora da pesquisa.

uma escola que tinha uma visão mais humanista mesmo, era Faculdade de Ciências Humanas mesmo.

Tenho saudade, até da sala feia em que a gente tinha aula. Depois quando voltei para fazer Psicologia, estava mais feia ainda. Bom, creio que não era suja, era gasta, um ambiente gasto, mas é isso.

MARIA LEONOR VIANNA FERRARI – 82 anos**Ex – Orientadora Educacional do Colégio de Aplicação: 1965 a 1999****Data da Entrevista: 21/08/2018**

Meu primeiro contato com Maria Leonor foi por telefone. Ela foi indicada por Ana Maria, uma de nossas entrevistadas. Relatei-lhe um pouco a pesquisa e marcamos a entrevista.

Nos encontramos em sua residência e, antes de começar o depoimento, discorri sobre o meu trabalho e sobre como está a escola nos tempos atuais. Expliquei-lhe os trâmites e procedimentos a serem realizados após a entrevista.

Nasci em uma cidade do interior chamada Guidoal, Estado de Minas, Zona da Mata, dia 16 de julho, em, agora que é o difícil, 1936. Meus pais tinham uma farmácia. A minha mãe era uma mulher à frente do tempo. Ela era formada em Farmácia. O papai era da Granado, laboratório Granado²⁸⁶. Eu vivi naquele ambiente de farmácia, de observação do que se passava com o povo pobre, sofrido, porque, mesmo sendo criança, percebia tudo aquilo. E também as atitudes deles em relação às desigualdades sociais.

Em casa era uma espécie de grêmio literário. A minha avó, na época, era uma mulher que gostava de ler, contar histórias. Meus pais gostavam de ler e escrever e faziam peças de teatro às vezes, para ajudar os pobres. Para os pobres, para a Sociedade de São Vicente de Paulo²⁸⁷. Então, o meu início de vida foi assim.

Depois que fiz o primário, fui estudar em um colégio de freiras numa cidade próxima, Ubá. Era a casa mãe do Sacré Coeur De Marie²⁸⁸, no Brasil. Fiz os quatro anos de Ginásio, mas fiz um ano a mais, porque naquela época, tinha a questão de corte de idade. Então, só podia entrar com onze anos, e eu tinha dez. Tive que fazer um ano a mais, do Curso de Admissão. Depois do Ginásio fiz o Curso Normal. Mamãe queria que

²⁸⁶ A Granado Farmácias foi fundada em 1870, no Rio de Janeiro, pelo português José Antônio Coxito Granado. Em 1994 a empresa foi vendida para o inglês Christopher Freeman e, em 2004, a Phebo foi incorporada à empresa. <https://www.granado.com.br/institucional/historia-granado> último acesso em: 16 maio de 2019.

²⁸⁷ A Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) foi criada em 1833 por um grupo de jovens católicos com a missão de aliviar a miséria espiritual e material de pessoas vulneráveis, colocando em prática os ensinamentos de Cristo e da Igreja Católica. Espalhou-se pelo mundo e atualmente está presente em 150 países. <http://www.ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/> último acesso em: 16 maio 2019.

²⁸⁸ O Colégio Sacre Coeur De Marie (Sagrado Coração de Maria) foi fundada em 1911, na cidade de Ubá, Minas Gerais, por um grupo de religiosas do Sagrado Coração de Maria. Em 1928 é fundada uma unidade do colégio em Belo Horizonte. Oferece o Ensino Infantil, o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio. <http://www.redesagradobh.com.br/institucional/o-cscm-belo-horizonte/> . Último acesso em: 18 jul. 2019.

eu tivesse a oportunidade de continuar os estudos. Para isso, ou eu tinha que ir para Juiz de Fora ou para Belo Horizonte. A minha ideia era ficar em Juiz de Fora, pois tinha amigos lá e por estar mais perto da minha cidade. Cheguei a ir para Juiz de Fora, mas fiz um concurso para professora do primário em Belo Horizonte e fui aprovada. Então, vim para Belo Horizonte para estudar, fazer um cursinho para o vestibular, e fui nomeada para o cargo de professora primária.

Fui à Secretaria de Educação escolher a escola. Para a escolha da vaga, entrava o tempo de trabalho, e eu não tinha esse tempo. Então, fui designada para o Grupo escolar Silviano Brandão, pois tinha mais vagas e também era mais próximo do centro da cidade. A escola existe até hoje, na Rua Itapecerica, Escola Estadual Silviano Brandão²⁸⁹. Trabalhei nessa escola por um tempo. Fiz o vestibular para Letras, na Católica, não era PUC ainda, era a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Maria²⁹⁰, então fiz o curso de Letras Neolatinas. O curso era o estudo de todas as línguas, as neolatinas, o Latim, o Francês, o Português, o Italiano, o Espanhol, e depois as literaturas. Quando escolhi fazer o curso de Letras me senti um pouco influenciada pela minha mãe, pois ela gostava muito de Francês. Os livros dela de Farmácia eram quase todos em Francês. Durante o curso, eu tinha que ler muito e não estava dando conta de conciliar os estudos e o trabalho na escola, pois precisava fazer diariamente o plano de aula, corrigir os cadernos, entre outras tarefas que cabia ao professor. A rotina diária era muito pesada e perdia muito tempo também no deslocamento. Eu morava na Rua São Paulo, perto do Mercado²⁹¹, e subia a pé até a Praça da Liberdade²⁹² para ir

²⁸⁹ O Colégio Estadual Silviano Brandão foi fundado nas primeiras décadas do século XX. Localizada em Rua Itapecerica, 685, Lagoinha. Belo Horizonte - Minas Gerais, oferece o Ensino Fundamental II, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). <https://www.escol.as/141020-ee-silviano-brandao>. Último acesso em: 16 maio 2019.

²⁹⁰ A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas foi idealizada por Dom Antônio dos Santos Cabral. Fundada em dezembro de 1958, oferecia cursos de formação para professores tendo como objetivo oferecer à juventude uma universidade comprometida com as pessoas humanitariamente, com os pobres e os direitos fundamentais dos cidadãos. Seu primeiro reitor foi o padre José Lourenço da Costa Aguiar. Atualmente, a PUC Minas está sob a gestão do professor Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães e “vive o desafio de continuar a construção do sonho de Dom Cabral: uma Instituição que, efetivamente, dê a sua contribuição para uma sociedade mais justa e mais digna”. <https://www.pucminas.br>. Último acesso em: 08 maio 2019.

²⁹¹ O Mercado Central foi inaugurado em setembro de 1929, reunindo em uma área de 14000m², produtos para abastecer a população de 47000 habitantes. Hoje o Mercado Central é um dos pontos turísticos de Belo Horizonte. Possui mais de 400 lojas e conta com serviço de informações bilíngue, o que atrai milhares de visitantes do Brasil e do exterior. <http://mercadocentral.com.br>. Último acesso em: 16 maio 2019.

²⁹² A Praça da Liberdade foi construída em 1903, projetada por Araújo Reis para compor a nova capital. Durante muitos anos abrigou a sede do poder mineiro, como o Palácio do Governo e as primeiras secretarias. Atualmente foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas

para a faculdade, depois descia a pé até onde hoje é a rodoviária e pegava um bonde que subia a rua Itapecerica para ir trabalhar.

Depois, consegui transferência para o serviço de Estatística Educacional da Secretaria de Educação, que funcionava em um prédio perto do Minas Tênis Clube²⁹³. Meu trabalho era analisar relatórios de agentes de Estatística que faziam levantamentos nas escolas existentes em municípios mineiros: escolas estaduais, municipais e particulares: urbanas e rurais. Na análise, precisava criticar preenchimentos inadequados, pedir novos dados, confrontar com outros já existentes. O trabalho era feito em dupla: análise e revisão. Esse trabalho também me permitiu conhecer a realidade de pequenas cidades e vilas do interior mineiro da época, o empenho de professoras formadas e também leigas, o investimento ou não de prefeituras no sistema educacional. Isto me levou mais tarde a fazer uma disciplina no mestrado da Faculdade de Educação (FaE), Estatística Educacional, que foi ministrada pela professora Terezinha de Oliveira. Mesmo sendo um trabalho que me exigia menos do que a escola, ainda estava difícil conciliar o trabalho e a faculdade. Conversei com meu pai e pedi a ele para pagar minhas despesas em Belo Horizonte para eu não precisar trabalhar enquanto estivesse fazendo a faculdade.

Terminei o curso na faculdade; na época eram três anos de Bacharelado e um de Didática. Quando estava terminando o curso de Didática, surgiram os cursos de Psicologia e o curso de Orientação Educacional. Terminei o curso de Didática e fiz o curso de Orientação Educacional em nível de especialização. Foi assim que entrei para a área pedagógica. Fiz o estágio obrigatório no SOSP, Serviço de Orientação e Seleção Profissional da Secretaria de Educação, que funcionava em um anexo do Instituto de Educação. Ainda na área da orientação fiz o PREPES na Católica e tivemos também uma professora muito boa que veio de São Paulo, das Faculdades Metropolitanas Unidas. Havia outros professores e era muito interessante, porque durante o curso, fazíamos provas escritas e provas orais em que se trocavam ideias, conhecimentos, leituras realizadas, experiências com alunos e professores. Então, acredito que o PREPES contribuiu muito para minha formação.

Gerais – Iepha-MG. <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/servico-turistico/espaco-para-evento/aberto/praca-da-liberdade> Último acesso em: 20 nov. 2018.

²⁹³ O Minas Tênis Clube é um dos clubes mais tradicionais de Belo Horizonte. Fundado em 1935 ocupa um quarteirão em área nobre de Belo Horizonte. Foi o primeiro clube da capital mineira a construir uma piscina olímpica. Atualmente é composto por quatro unidades: o Minas I, Minas II, Minas Náutico e Minas Coutry. Sua unidade mais antiga está situada à Rua da Bahia, 2.244, Lourdes Belo Horizonte - MG. <https://www.minastenisclub.com.br> Último acesso em: 16 maio 2019.

Eu fiz vários cursos de extensão na área da educação, não só aqui, mas em outros estados também. Fiz um curso de extensão uma vez no Rio. Outro curso que me lembrei que fiz foi o curso de cinema com o professor Padre Edeimar Massote, um jesuíta: como a literatura cinematográfica pode permitir uma visão de mundo! Nesse curso aprendemos realmente o cinema como literatura. A importância do diretor, sendo ele a pessoa mais importante no filme, o contexto do filme, as tomadas. Esse curso me ajudou muito quando fui trabalhar como orientadora. Conversando com uma pessoa, percebia o que ela deixava transparecer, pela fisionomia, expressões corporais, o que está pensando, a sua aprovação ou desaprovação. Isso tudo me ajudou, porque eu já tinha estudado literatura, no sentido mais visual da história ou do tema que estava sendo tratado. Então, ali e em outros lugares, havia mais possibilidade de discutir, de aproximação e de ver uma forma diferente de situar a literatura “visual”.

De grande importância em minha formação, além dos cursos, estágios e experiência profissional foi a militância na época da faculdade na JUC, Juventude Universitária Católica. Havia também a JEC (estudantil), a JOC (operária), JIC (independente) e a JAC (agrária). O que era a JUC? Era um grupo de universitários em cada faculdade que resolveu levar o cristianismo a sério, ou seja, seguir os passos de Jesus de Nazaré em seu projeto de criar um reino aqui, na terra, de justiça, de igualdade, de liberdade, de paz para todos. Para isto, era preciso tomar conhecimento da realidade do país, opressão, preconceitos, desigualdades, injustiças, pobreza e exclusão. Era preciso, também, estudar e conhecer as causas das desigualdades: a escravidão não só étnica, mas operária, do homem do campo, as causas da pobreza, etc. Aprender sobre o que era o capitalismo, a exploração do nosso solo. O Brasil era só exportador de matéria prima e depois recebia essa matéria prima transformada em material para construção, para a indústria e comércio. Depois que foi criada a Companhia Siderúrgica Nacional é que houve uma transformação. Havia a influência estrangeira também. Tinha uma relação com Matemática; era uma metodologia chamada Ponto 4. Uma influência americana que foi aplicada experimentalmente no Instituto de Educação aqui em Belo Horizonte.

Outros estudos nos permitiram aprender a desmistificar a história contada sob a ótica do vencedor. Começamos a estudar o Paraguai, que era o vilão, a tríplice aliança era “ótima”; a influência da Inglaterra, como a Inglaterra entrou no conflito da Guerra do Paraguai, porque para ela, que tinha manufaturas, o Paraguai era um concorrente.

Estudar tudo isso foi muito esclarecedor para todos nós. Estudar que o Brasil não foi descoberto, mas invadido, o massacre das populações, que até hoje tem acontecido, tudo isso a gente aprendia sob a ética do bem comum, quer dizer, como se pode mudar isso a partir do ensinamento de Jesus de Nazaré, que era o bem comum, o bem da comunidade. O que Jesus propôs senão uma vida sem sofrimento, de valorização da vida e da terra criada para o bem de todos? Para nós, universitários, uma proposta: devolver à sociedade aquilo que recebemos. Devolver os privilégios recebidos de estudo em escola pública ou subvencionada pelo poder público, no mínimo ser um bom profissional em sua área.

Então, a vivência da JUC nos permitiu entrar em contato com universitários de outras faculdades e, assim, tomar conhecimento das conquistas e dos problemas nos campos da saúde, da Medicina, da Farmácia, da Odontologia, da Enfermagem, do Direito, as questões de justiça, os direitos do cidadão e dos trabalhadores, lutar por leis mais justas, mais igualitárias. Da Engenharia, construções rurais e urbanas seguras, rodovias de acesso a todos, educação de qualidade para todos, etc. Foi um aprendizado muito grande e havia grande amizade entre os grupos. Se você participava da JUC, você tinha na sua faculdade as Equipes de Influência. Aquelas pessoas com quem se conversava e passava aquilo que nós havíamos aprendido. Às vezes elas integravam os grupos posteriormente.

Tínhamos uma manhã de formação e a partir da luz da palavra de Deus, de Jesus, discutíamos as ações de que iríamos participar. Um grande expoente dessa época foi o Betinho, que depois propôs ações concretas contra a fome no Brasil. O Betinho era estudante de Sociologia. Falavam que o 5º andar da Faculdade de Ciências Econômicas, era uma chocadeira de gênios. Era o Betinho, muitos outros. A Sociologia ajudava a ver melhor a realidade. Tudo isso influenciou nossas atitudes de engajamento, em associações de classe, sindicatos, em manifestações públicas em favor de um Brasil melhor para todos e todas. E também nas posições que fomos conquistando em nossos trabalhos profissionais.

Das minhas experiências profissionais, além do Silviano Brandão e do Serviço de Estatística da Secretaria de Educação, também trabalhei como professora ginásial do Colégio Santa Marcelina, funcionária do DOT, Departamento de Orientação e

Treinamento do Banco da Lavoura²⁹⁴ de Minas Gerais, como orientadora Educacional no Colégio Anchieta²⁹⁵, como professora de Relações Humanas e Linguagem Oral no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), para os cursos de estética facial, cabeleireiros, barbeiros e garçons.

Esse trabalho foi muito interessante, porque me lembro de trabalhar com linguagem oral. Eu pedia para os alunos levarem para a aula algum material que tinham lido, um recorte de jornal, de revistas. Os barbeiros chegavam com notícias de crimes ou futebol. Eu ia ao local das aulas práticas onde eles estavam aprendendo a profissão. Então, ali eu percebia o que falavam, o assunto, o interesse, o que eu poderia usar para abrir o horizonte do pessoal a ter, talvez, um crescimento maior, uma análise de um documentário, de uma notícia de jornal, etc. Trabalhei, também, como orientadora educacional no colégio Bueno Brandão, uma escola particular, mas os meninos eram mais carentes. No Bueno Brandão fazíamos reuniões aos domingos, conseguíamos com a direção que pagasse os professores para irem à reunião no domingo, somente para entrar em contato com os pais. Trabalhei no Colégio de Aplicação como Orientadora Educacional. Fui admitida como professora auxiliar de ensino em seleção realizada por meio de apresentação de currículo e entrevista. Mais tarde com a reforma universitária, submeti-me a concurso público para professor assistente do Departamento de Orientação e Métodos e Técnica de Ensino na FaE. O concurso era composto por análise de currículo, prova escrita e uma aula com a banca examinadora, composta por professores da FaE e da USP. Fui aprovada e continuei a trabalhar no SOEV, Serviço de Orientação Educacional, Profissional e Vocacional do já então Centro Pedagógico da UFMG.

Quando terminei o curso de especialização em Orientação Educacional, fiquei sabendo, por um colega, da criação do Departamento de Orientação e Treinamento,

²⁹⁴ O Banco da Lavoura, fundado em Belo Horizonte, em 1925, por Clemente Faria, inicialmente surgiu como uma cooperativa. Inicialmente seu objetivo era oferecer crédito aos agricultores em Minas Gerais. Com sua morte em 1950, o banco foi dividido entre seus dois filhos, Aloísio de Faria, que criou o Banco Real, atual Santander, e Gilberto de Faria, que Fundou o Banco Bandeirantes, atual Itaú Unibanco. <http://www.scielo.br/pdf/ram/v16n2/1518-6776-ram-16-02-0092.pdf> Último acesso em: 16 maio 2019.

²⁹⁵ O Colégio Anchieta foi o sucessor da Escola Livre de Direito, criada em 1935 por Newton de Paiva Ferreira e um grupo de amigos, cujo conceito era: “instruir e educar para melhor conceituar o direito de liberdade”. Essa instituição foi um dos primeiros estabelecimentos de ensino secundário de Belo Horizonte. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/313144.pdf>>. Ele era situado na esquina da rua Tamoiós com a avenida Olegário Maciel, no centro de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://migre.me/vae04>>. Último acesso em: 19 maio 2019.

DOT, no Banco da Lavoura, que ficava na Praça Sete²⁹⁶. A inovação foi organizada e dirigida pelo professor Pierre Weil²⁹⁷. O professor Pierre era um francês muito culto, com vários livros publicados. Era novidade uma empresa selecionar o pessoal, depois estudar quais eram as características de cada um para colocá-los; falava-se que era “colocar no lugar certo”. A gente aplicava testes, por exemplo: aquele que era melhor na atenção a gente encaminhava para a conferência de cheques; aquele que era mais extrovertido ia para o contato com o público.

Aprendi muito com o professor Pierre. Ele criou uma equipe com alguns psiquiatras de Belo Horizonte, lembro-me do doutor Djalma Oliveira, Jarbas Portela²⁹⁸ e muitos outros. Foi uma equipe muito boa. Trabalhamos muito com ele, aprendi muito. Depois se iniciou o treinamento com funcionários, foi criada uma agência-escola. Primeiro eles passavam pela equipe de seleção, depois pelo Serviço de Orientação e treinamento e por fim pela agência-escola. Aí já eram técnicos do próprio banco que treinavam.

A agência-escola era um treinamento para as atividades bancárias. Acho que foi uma grande escola o trabalho no Banco da Lavoura. Com essa equipe aprendemos o que era o trabalho coletivo. Cada um contribuindo com o seu saber, com sua experiência. Não me recordo de atitudes competitivas. Tínhamos muita liberdade. A partir dos testes, nós podíamos fazer com os funcionários orientações vocacionais. Tínhamos seminários de estudo para aperfeiçoamento. A experiência nos despertou para participações mais efetivas no campo dos direitos dos trabalhadores. Embora fossemos técnicos da área

²⁹⁶ A Praça Sete, antiga Praça Doze de Outubro, situa-se no cruzamento das principais avenidas da cidade – Afonso Pena e Amazonas, no centro de Belo Horizonte. Assumiu seu nome atual, devido às comemorações do centenário da Independência do Brasil. No centro dessa praça, encontra-se o monumento conhecido como "Pirulito", obelisco feito de granito em formato de agulha, com sete metros de altura, apoiado em um pedestal. <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/atrativos/roteiros/praca-sete-o-coracao-fervilhante-de-bh>. Último acesso em: 17 maio 2019.

²⁹⁷ Pierre Weil nasceu em Strasbourg, na França, em 1924. Conviveu com conflitos religiosos em sua família durante sua infância e também com conflitos de guerras entre a França e Alemanha, o que contribuiu para que se tornasse um amante da Paz. Pierre Weil era doutor em Psicologia pela Universidade de Paris. Veio para o Brasil em 1948, a convite do professor Léon Walther, para treinar equipes no Senac, no Rio de Janeiro. Em 1958, veio para Belo Horizonte. Foi chefe do Departamento de Orientação e Formação do Banco da Lavoura e professor da UFMG, trabalhando em Psicologia Social, Industrial e Transpessoal. Foi um dos responsáveis pela regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Em 1987, tornou-se presidente da Fundação Cidade da Paz e Reitor da Universidade Holística para a Paz de Brasília e permaneceu no cargo até sua morte em 2008. <http://pierreweil.pro.br/1/Brazil.htm> Último acesso em: 17 maio 2019.

²⁹⁸ Malomar Lund, em conjunto com Jarbas Moacir Portela, Djalma Teixeira Oliveira, Elba Duque de Moura, Antônio Franco Ribeiro da Silva e Eunice Rangel, criou o Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda em 1963. O grupo se expandiu e em 1970, mudou seu nome para Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. <https://cpmg.org.br/crculo-psicanaltico-de-mg> último acesso em 30 jul. 2019.

educacional, comecei a participar do Sindicato dos Bancários, inclusive nas greves. Isto me fez perder o emprego. O professor Pierre me deu uma carta de recomendação falando que a circunstância da minha saída não era devida à falta de competência. Eles estavam plenamente satisfeitos com o meu trabalho. Citou muitas coisas na carta. Ela foi uma boa referência, depois, para eu conseguir outros empregos, inclusive a seleção do Colégio de Aplicação.

Encontrei um amigo que estava trabalhando no Colégio Anchieta e disse a ele que estava procurando um emprego. Fui informada que havia uma vaga para o serviço de orientação no colégio e me convidou para trabalhar no Colégio Anchieta. Comecei a trabalhar no serviço de orientação. O salário era inferior ao do Banco da Lavoura, mas foi um período muito bom, porque trabalhei com um pessoal diferenciado. Trabalhava no turno da tarde e morava próximo ao Colégio de Aplicação, então fui à escola conhecer o serviço de orientação e fui informada que estavam fazendo seleção para o Serviço de Orientação (SOEV) e me inscrevi. A seleção foi por meio do currículo e uma entrevista. Fui selecionada para trabalhar como Orientadora Educacional em agosto de 1965. Acredito que o meu estágio no SOS, minha experiência no Colégio Anchieta e o trabalho desenvolvido no Banco da Lavoura, juntamente com a carta de apresentação do professor Pierre, me ajudaram a conquistar a vaga.

Toda a minha vivência de formação que é familiar, educacional, profissional, o engajamento religioso e político influenciaram meu trabalho no Colégio de Aplicação. Você não passa por uma experiência dessas sem ficar marcado, você leva para toda a vida. Quando fui selecionada, em agosto de 1965, trabalhei com alunos dos cursos Clássico e Científico. Quando cheguei ao Colégio de Aplicação, encontrei uma situação bem complicada. Com a fundação do Colégio Universitário²⁹⁹ em 1965, muitos professores do Colégio de Aplicação foram convidados a trabalhar no Colégio Universitário. Os meninos se sentiam órfãos, porque eram bons professores. Foi complicado e é até difícil de falar, mas os professores que os substituíram eram mais jovens ou talvez recém formados.

Eu entrei para ser orientadora, para aplicar os testes psicológicos e de personalidade. Para auxiliar os alunos na orientação vocacional. Realizava o perfil

²⁹⁹ O Colégio Universitário na UFMG foi inaugurado em 02 de abril de 1965. Ele ofertava a terceira série do colegial. Considerado uma experiência pedagógica inovadora, permaneceu até 1970. Sua criação se deu na gestão do reitor Aluísio Pimenta, e foi resultado de uma reforma universitária. <https://www.ufmg.br/boletim/bo11344/quarta.shtml> . Último acesso em: 01 abr. 2019.

manifestado nos resultados e a avaliação de traços de personalidade que influenciaram em suas escolhas. Às vezes o menino queria fazer Arquitetura, por exemplo, e o teste de inteligência espacial não tinha dado um resultado que indicaria ciências exatas. Então eu discutia e mostrava que tipo de aprendizado ele tinha que ter para alcançar o objetivo. Muitas vezes, queriam uma profissão que era a mesma do pai. Na minha casa, por exemplo, o meu tio falava com a minha mãe: “por que você não colocou essa menina pra fazer Medicina?” Verificava e discutia com eles se os resultados coincidiam ou não com seus interesses pessoais.

Muitas vezes, os alunos nos procuravam para falar das dificuldades pessoais, às vezes até de namoro, estavam gostando de uma menina... Mas, pelo menos desabafavam. Eu peguei um período de crise na escola. Os alunos estavam, num certo sentido, revoltados com as duas mudanças importantes: a mudança dos professores que foram para o Colégio Universitário e a mudança política do país. Para isso, realizávamos entrevistas espontâneas sobre as dificuldades pessoais ou de aprendizagem, inclusive ligados a relacionamentos com professores, questões de metodologia, ou situação de desconforto em relação à situação política do país (pós-golpe militar de 1964) e sua influência na educação. Realizávamos reuniões de turmas em que manifestavam a apreensão em relação à criação do Colégio Universitário no Campus da Pampulha e à transferência de muitos professores considerados excelentes na facilitação da aprendizagem. Conversava muito com eles, então é lógico que nessas conversas eles foram expondo tudo que sentiam com essas mudanças. Pela minha história de vida, achei que tinha que fazer alguma coisa, tentar mudar a situação.

Vivíamos num clima de insegurança e apreensão em razão do golpe militar. Tudo que fazíamos era considerado, como se você estivesse indo contra as regras que eram estabelecidas no país. Quer dizer, a forma de manifestação tinha que ser modificada. Não havia mais liberdade talvez de enfrentar. Outra questão foi a obrigatoriedade das disciplinas de Moral e Cívica e OSPB – Organização Social e Política do Brasil – com ênfase no pensamento oficial do novo regime. Os alunos antes tinham o grêmio, mas houve uma desestruturação. O Grêmio, às vezes, era literário, mas era um Grêmio que também discutia os assuntos relacionados ao que o país estava vivendo. Depois do golpe praticamente acabou. Quando eu cheguei, já estava sendo eliminado: “não vamos fazer mais, pode dar problema.” As pessoas não podiam se manifestar muito, principalmente nos grupos. Havia vigilância também externa. Os

professores eram, em certo sentido, policiados: o que faziam, o que falavam. Não pela diretora do colégio, mas por outras pessoas que seguiam cartilhas do poder dominante. Eu também senti muito esse período da ditadura. Tive amigos que sumiram e estão sumidos até hoje. Bom, então, do tempo que eu fiquei com o Clássico e o Científico, tentei amenizar um pouco o que estavam vivendo.

Os alunos se sentiam orgulhosos de ser alunos do Aplicação. Com esses dois cortes, a criação do Colégio Universitário e o golpe, houve uma ruptura em tudo isso. Acredito que, a não ser aqueles professores que ficaram, que já tinham certo rapport com os alunos, com os outros que vieram depois foi mais difícil. Mas acho que conseguimos amenizar um pouco.

A minha atuação em relação a esse coletivo, foi mais criar um clima de mais liberdade e incentivar o Cine-clube, em que filmes como Deus e Diabo na Terra do Sol, Morte e Vida Severina, La Dolce Vita e As Noite de Cabíria, de Federico Fellini, Morangos Silvestres, de Ingmar Bergman, etc., fossem utilizados como literatura e ao mesmo tempo permitindo uma análise do contexto dos filmes. Isso valeu uma gratificação, a expressão de um aluno: “já mudou o clima com a chegada da senhora”. Quer dizer, é toda a minha história que me permitiu atuar dessa forma. Isso está guardado aqui no coração.

Outro trabalho que realizei nesse período do Colégio de Aplicação foi o atendimento aos pais. Eles traziam suas preocupações em relação aos filhos e queriam orientação sobre alguns procedimentos com os adolescentes. Realizamos, também, um trabalho, juntamente com os professores de avaliação coletiva, que posteriormente denominou-se conselho de classe. Era feita uma avaliação não só de rendimento intelectual, mas também psicoemocional, o que me permitiu uma participação mais efetiva.

Particpei de um projeto de alfabetização com os mineiros da mina de Morro Velho³⁰⁰; esse projeto foi feito em parceria com o MEC e a Faculdade de Filosofia da Católica que passou pela fase da pesquisa do universo vocabular, treinamento dos

³⁰⁰ A Mina de Morro Velho foi um complexo de minas de ouro localizadas na cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. Sua exploração se inicia com a empresa Saint John del Rey Minning Company a partir de 1834. Em 1954, a empresa The Hanna Company assumiu a empresa e criou a empresa Companhia de Mineração Novalimense para explorar o minério de ferro. Em 1996, a Minorco Gold Ltda passa a assumir a mina e em 1999 a AngloGold passa a comandar a empresa até o encerramento de suas atividades em 2003. http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoPagina.aspx?cod_destino=13&cod_pgi=2278 Último acesso em: 17 maio 2019.

coordenadores e monitores. Utilizamos a metodologia de Paulo Freire que consistia, também, antes da alfabetização fazer círculos de cultura que era uma ferramenta de proporcionar o adulto analfabeto uma visão de que ele como trabalhador fazia cultura, pois construía, operava, produzia. Enfim, permitia que não se sentisse inferior. Liberava-o de um complexo de inferioridade. O que ele não tivera era a oportunidade de participar do letramento ou continuar os estudos. Eles acabaram com o projeto. Após o golpe militar o projeto de alfabetização foi aberto pelo MEC, mas não se concretizou. Ficou só na fase de preparação. O MEC cortou a verba inclusive exigindo que a Universidade Católica prestasse conta dos gastos realizados até então. Foi uma frustração. Ficou em todos nós o conhecimento do método Paulo Freire de alfabetização de adultos e a consciência das verdadeiras causas das diferenças das oportunidades sócio-econômicas-educacionais de grande parte do povo brasileiro.

No Colégio de Aplicação, também funcionava o curso de formação de professoras, com clientela só feminina. Funcionava como estágio da licenciatura, observação e aplicação de metodologias para o ensino nas séries iniciais, antigo curso primário. Era destinado principalmente às alunas dos cursos de Pedagogia e licenciatura em Filosofia, Psicologia Educacional, Biologia Educacional e Ciências Sociais. Com a vacância da direção do Curso Normal, foi-me solicitado ocupar o cargo, como diretora do Curso Normal. O curso funcionou algum tempo no prédio do Colégio de Aplicação e depois fomos para uma sala do Departamento de Educação, no terceiro andar da Faculdade de Filosofia, e a última turma funcionou no prédio novo do Centro Pedagógico, no campus da Pampulha. Com a criação do Coltec, mais profissionalizante, o Curso Normal foi extinto e passou-se a dar preferência à formação de professores das séries iniciais no curso superior de Pedagogia.

Como diretora eu procurei inteirar-me das funções administrativas do cargo, bem como auxiliar na avaliação das alunas em seus estágios obrigatórios em escolas da cidade. As alunas do curso de formação de professores precisavam fazer estágio supervisionado, que era acompanhado pelos professores da área de Pedagogia. Os estágios eram acompanhados de perto e os professoras da Pedagogia iam às escolas onde as alunas faziam os estágios para supervisionar, observar o trabalho em sala de aula, conversar com diretores e professores da escola sobre as alunas e seu desempenho. Às vezes, eu ajudava nesse trabalho, e cheguei inclusive a sugerir outro estágio para alunas cujas condições da escola escolhida não preenchiam os requisitos necessários à

sua aprovação. Como por exemplo, o número de alunos inadequado, ausência de material didático, ausência de professor titular dentro da sala e também das condições físicas da escola.

Os professores do Curso Normal eram muito criativos; utilizavam materiais didáticos inovadores para a época. Lembro-me de uma dramatização sobre as mulheres em Vinícius de Moraes, feita pelas alunas em aulas de Português, e cada uma representava uma mulher. Elas tinham Matemática, as disciplinas de Didática, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Biologia Educacional, Métodos e Técnicas do Ensino da Matemática, Português etc. Depois entrou Moral e Cívica. Esse ponto é importante, porque os professores que entraram para trabalhar com Moral e Cívica, inclusive para o Clássico e o Científico, tiveram que introduzir, também, OSPB³⁰¹ - Organização Social e Política Brasileira. Essas duas disciplinas foram introduzidas praticamente para “contrabalançar”, talvez, a História investigativa e crítica que era dada.

Nas aulas de métodos e técnicas de ensino, elas aprendiam como dar aulas de Matemática. Elas conheciam o currículo de Matemática das séries iniciais, e como dar aulas para crianças dessa idade, primeira à quarta série. Os professores do Colégio de Aplicação eram estudiosos, cultos, especializados e interessados em melhorar a situação de ensino no país.

O professor de OSPB teve alguns problemas. Os meninos não aceitaram a forma da Organização Social e Política. Eles tinham outro tipo de experiência, estavam revoltados com o golpe. Havia outro professor de Ciências, e era bem aceito, tinha ideias progressistas. Depois, vieram pessoas muito interessantes da Faculdade de Educação, que ficaram no Centro Pedagógico na parte de supervisão. Elas deram aula para o Curso Normal já no final e depois ficaram no Centro Pedagógico como orientadoras específicas de área.

Com a reforma universitária, o Colégio de Aplicação transformou-se em Centro Pedagógico, isso nós já recebemos pronto, e veio a criação do Colégio Técnico e a não aceitação do Curso Normal, então voltei ao SOEV, Serviço de Orientação Educacional e Vocacional. A dona Alaíde ficou como diretora do Colégio de Aplicação até quando foi

³⁰¹ Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Disciplina criada por meio do decreto 869, de 12 de setembro de 1969 durante o regime militar. O decreto foi revogado pela lei nº 8.663, de 14 de junho de 1993. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html> . Último acesso em: 19 maio 2019.

fundado o Centro Pedagógico. Depois, ela e a Magda Becker Soares, que era sua vice-diretora no Colégio de Aplicação, ficaram na Faculdade de Educação. Quem passou a ser diretor foi o Oder José dos Santos³⁰². O Oder era sociólogo e foi nomeado diretor-geral do Centro Pedagógico. Foi ele que introduziu a seleção por quartil permitindo a organização das turmas heterogêneas e equivalentes mais semelhantes a realidade das escolas públicas, importante para uma escola experimental.

No Colégio de Aplicação, os estagiários das licenciaturas ficavam dentro da sala. Havia uma escala. Quem fazia Matemática só assistia às aulas de Matemática. Quem fazia Português só assistia Português. E assim para o Francês, o Inglês, Ciências etc. Acho que, para não perturbar muito, surgiu a ideia do local de observação. Assim, poderia ir mais gente para ver a aula.

Quando fomos para o campus da Pampulha, já no Centro Pedagógico, os professores foram agrupados em setores, passou a ser uma sala por setor. E nós tínhamos também as nossas salas de orientação. A nossa sala era na entrada, parece que hoje é a diretoria. E tínhamos duas salas de entrevistas pequeninhas, em que a gente entrevistava pais e alunos. Ainda tínhamos uma salinha para fazer trabalhos com os alunos que estavam com certa dificuldade. Às vezes, a dificuldade não era intelectual, era superatividade.

Nos conselhos de classe, brincavam que nós, orientadores, éramos os defensores dos alunos, passávamos a mão na cabeça. Era nossa função olhar a parte do aluno. Discutir, por exemplo, um aluno que não tinha condições de passar, mas era necessário ver as circunstâncias, os problemas, às vezes familiares, sérios, que impediram que ele vencesse aquela etapa, dar recuperação e tudo. Éramos as orientadoras, as “mãezinhas”, passávamos a mão na cabeça. Sempre houve essa fama do orientador passar a mão na cabeça, quer dizer, ser o defensor do aluno. Na verdade, a gente estava ali não era defendendo, mas mostrando outra realidade de cada pessoa: por que é que não está vencendo? Quais as dificuldades, de onde veio? As causas ...

O problema é isso. O que pode ser feito para melhorar a recuperação? Será que há outras possibilidades? O trabalho com o estagiário, por exemplo, eu poderia trabalhar, ajudar, porque nós tínhamos meninos de nível socioeconômico diferente. No

³⁰² Professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Oder José dos Santos é doutor em Ciências Sociais e pós – doutor pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres. Oder atuou em diferentes órgãos colegiados na universidade. Foi coordenador do curso de Pós Graduação em Educação da FAE/UFMG no período de 1977 a 1979. https://www.ufmg.br/noticias/no_09122003_emeritosoder.shtml Último acesso em: 20 maio 2019.

Centro Pedagógico houve realmente isso. Você vai receber meninos de diversos níveis, não só em relação à nota, mas também ao nível socioeconômico. Eram pessoas de todo tipo. Houve também um problema depois. Muitos diziam que esses meninos não tinham condições de estar nessa escola, mas eles tinham que estar aqui, porque é com eles que iríamos aprender a modificar a situação de desigualdade na área da educação.

No Centro Pedagógico fui também a primeira coordenadora da Educação de Jovens e Adultos, hoje a EJA. O curso era noturno, utilizando a capacidade ociosa do Centro Pedagógico nesse horário. Foi uma reivindicação dos funcionários da UFMG; a fala de um deles dizia: “nós trabalhamos na casa do saber e não nos beneficiamos dele”. Esse movimento pró-supletivo encontrou eco no reitor da época, o professor Tomaz Aroldo da Mota Santos, no professor Pompeu, da FaE, então diretor geral do Centro Pedagógico, e em vários professores sensibilizados com o problema educacional excludente do Brasil. A grande incentivadora desse projeto foi a professora Amélia Giovannetti, da FaE, professora de Educação de Adultos, e outros. Os professores da FaE, do CP, do ICEX, do ICB, orientavam os estagiários, todos alunos da universidade que davam as aulas para os alunos adultos. Posteriormente a seleção de alunos se ampliou para pessoas terceirizadas e moradores das imediações do campus. O que me levou a participar da coordenação foi também uma experiência com um projeto do qual participei: Alfabetização dos mineiros das minas de ouro de Nova Lima com a metodologia de Paulo Freire. Projeto encerrado depois do golpe de 1964.

No início do Centro Pedagógico, os alunos eram selecionados, mas havia uma preferência. Os filhos dos professores e funcionários tinham preferência, pois havia uma legislação que permitia colocar o filho próximo da sua casa ou próximo do seu trabalho. Então, os filhos dos professores podiam ir para o Centro Pedagógico, inclusive os meus quatro filhos estudaram lá. Todos faziam a prova. Houve posteriormente uma abertura para filhos de pessoas que moravam ou trabalhavam no Campus e, por fim, para as pessoas que residem no entorno da universidade.

CARLOS EDUARDO REZENDE BRAGA, CARLOS TASSARA, CLÁUDIO BERENSTEIN, EDUARDO BELISÁRIO, JOSÉ LIMA OLIVER JUNIOR, LUIZ SANTANA IVO, MARCO ANTÔNIO FERREIRA, MARCUS GONTIJO, PAULA APGAUA BRITTO, PAULO ÂNGELO DE PINHO.

Ex – alunos do Colégio de Aplicação: formaram no Científico em 1965

Data da Entrevista: 13/04/2019

Quando ingressei no doutorado, em 2017, fiz inicialmente, um levantamento dos possíveis colaboradores para a pesquisa. Utilizei as redes sociais das quais faço parte para realizar alguns contatos. Em busca de ex-alunos do colégio, escrevi um pequeno texto, no grupo ao qual faço parte no Facebook, “Fotos Antigas de Belo Horizonte³⁰³”, explicando a pesquisa. Carlos Tassara foi um dos que me respondeu. Em nossas conversas, passou-me o contato de Carlos Braga, que estava organizando um dos encontros da turma. Fui convidada a participar desse encontro, realizado em maio de 2017.

Nesse encontro, conversamos muito sobre o colégio, mas foi uma conversa informal, pois o projeto de pesquisa ainda não havia passado pelo COEP. Participei de mais um encontro com a turma no mesmo ano. Após a liberação do COEP, fiz uma entrevista com Paula Apgaua. Em abril de 2019, marcamos um novo encontro com a turma, para fazer uma entrevista coletiva.

Nosso encontro foi no restaurante do Minas Tênis Clube, unidade I, e foi marcado de muitas emoções. Os ex-alunos levaram fotos, cadernetas e trabalhos e rememoraram os tempos vividos no Colégio de Aplicação. Fiquei feliz em poder compartilhar com eles as memórias dessa escola.

³⁰³ A página é composta por mais de trinta mil membros e foi criada com o objetivo de ser um espaço para interação, troca de fotos antigas de Belo Horizonte, experiências e lembranças vivenciadas por pessoas em diferentes momentos. Encontra-se no endereço: <https://www.facebook.com/groups/211578045863114/>. Último acesso em: 06 set. 2019.

Figura 41 - Quatro cadernetas do Ginásio e três do Científico.



“Estas são as cadernetas que utilizei no Ginásio e no Científico”.

Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Paulo Ângelo de Pinho.

Figura 4 - Sete páginas da caderneta do segundo ano de Ginásio de 1959.



“Essa caderneta é do segundo ano do Ginásio. Ano em que fui reprovado”.

Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Paulo Ângelo de Pinho.

Figura 43 - Foto de ex-alunos do Colégio de Aplicação.



“Esta foto foi feita no dia da missa de formatura no Ginásio, na Igreja Santo Antônio, em 1962. Os três da foto somos eu (Carlos Braga), o Eduardo e nosso colega, já falecido, Glênio Damasceno.

Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Eduardo Belisário.

Figura 44 - Foto da equipe feminina de vôlei do Colégio de Aplicação.



Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Paula Apgaua.

“Equipe feminina do Colégio de Aplicação para os jogos estudantis dirigida pelo aluno e colega Paulo Menezes”.

Figura 45 - Foto da excursão para a Gruta de Maquiné.

“Excursão para a Gruta de Maquiné em 1965”.



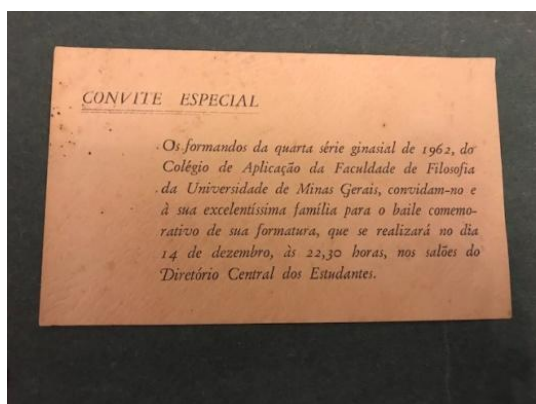
Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Carlos Eduardo Rezende Braga.

Figura 46 - Foto da excursão para a praia do Canto, em



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Carlos Eduardo Rezende Braga.

Figura 47 - Foto do convite especial dos formandos do Ginásio de 1962.

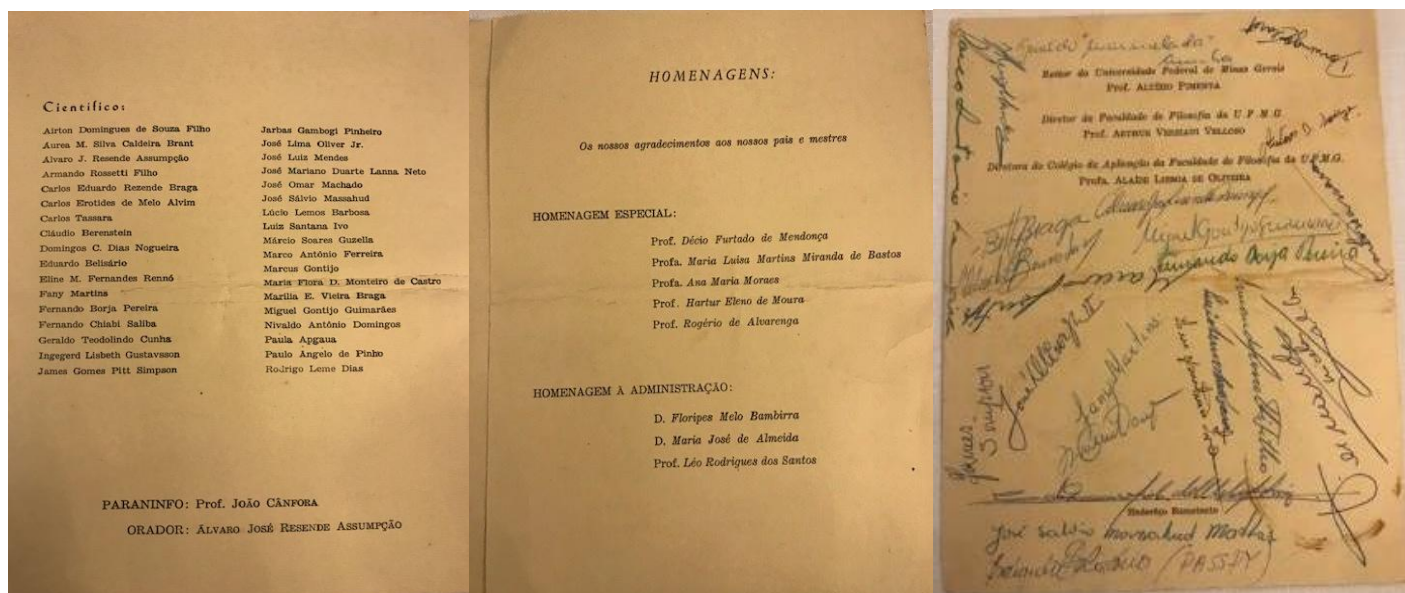


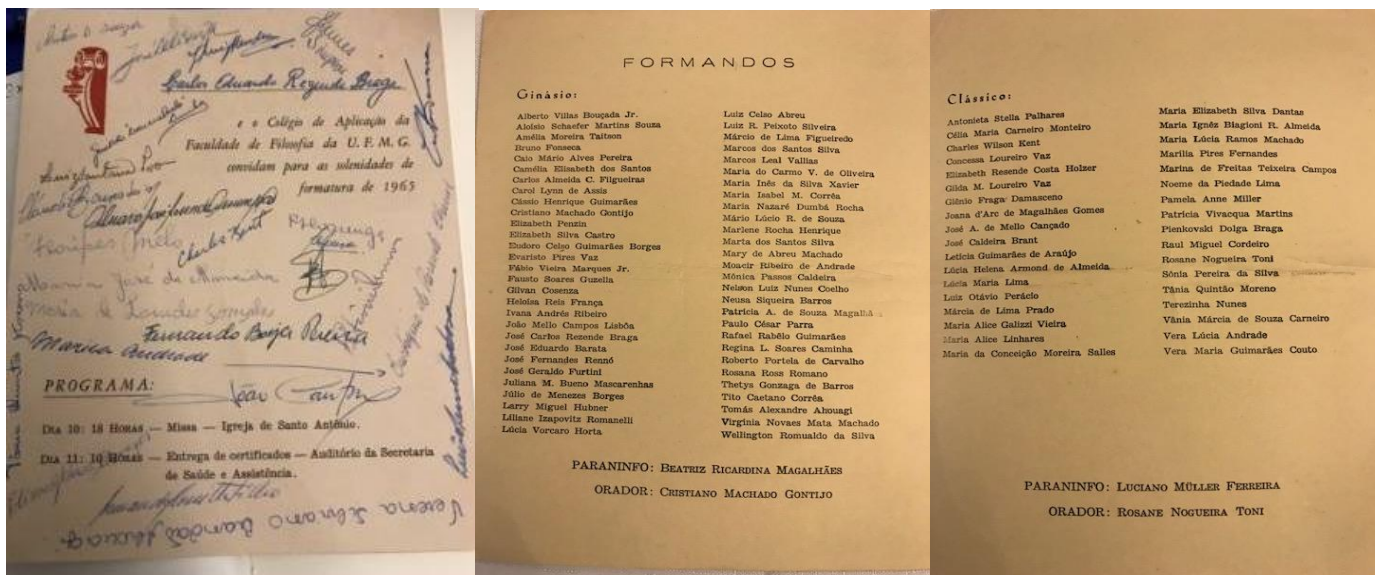
Os formandos da quarta série ginasial de 1962, do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, convidam-no e à sua excelentíssima família para o baile comemorativo de sua formatura, que se realizará no dia 14 de dezembro, às 22,30 horas, nos salões do Diretório Central dos Estudantes.

“O convite especial para minha formatura do Ginásio em 1962”.

Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Paulo Ângelo de Pinho.

Figura 48 - Foto do convite de formatura dos formandos do Ginásio, do Clássico e do Científico de 1965.





Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Carlos Eduardo Rezende Braga.

Figura 49 - Fotos do encontro dos ex-alunos do Colégio de Aplicação no Minas Tênis I. Dia 13 de abril de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Meu nome é Carlos Eduardo Rezende Braga. Entrei para o Colégio de Aplicação em 1961, na antiga 3ª série ginásial. Vim do Colégio Loyola³⁰⁴, onde fiz o curso de Admissão, a 1ª e 2ª séries do Ginásio. Me formei no Colégio de Aplicação em 1965, no 3º ano Científico.

Saí do Colégio Loyola porque era um colégio pago e o Colégio de Aplicação era um colégio gratuito. Minha família era grande, nós éramos seis filhos e a educação era um item que pesava. Eu já tinha dois irmãos matriculados no colégio, uma irmã que estava concluindo o Clássico e um irmão que estava iniciando o Ginásio, então eu fiz o concurso. Eram duas vagas para a 3ª série do Ginásio. Eu passei e ocupei uma das duas vagas; a outra vaga foi ocupada em 1º lugar pelo colega Eduardo Belisário.

Meu nome é Marco Antônio Ferreira. Entrei para o Colégio de Aplicação em 1958 e me formei em 1965. Eu fui estudar no Colégio de Aplicação porque era um colégio gratuito. Vim de uma família de muitos irmãos e alguns deles já estavam estudando no Colégio de Aplicação.

Meu nome é Cláudio Berenstein. Eu entrei para o Colégio de Aplicação em 1963, para fazer o Científico, e me formei em 1965. Meu pai era militar e na época eu tinha o direito a escolher dois colégios gratuitos, o Colégio Militar ou o Colégio de Aplicação. Eu escolhi o Colégio de Aplicação. Na época meu pai estava fora do Brasil, servindo nas forças de Paz da ONU (Organização das Nações Unidas), no canal de Suez, e por causa disso eu consegui a transferência para o Colégio de Aplicação. Eu escolhi o Colégio de Aplicação porque meu pai era militar e eu não gostaria de seguir a mesma carreira dele. Sou engenheiro eletricitista, já aposentado.

Meu nome é Marcus Gontijo. Eu entrei para o Colégio de Aplicação em 1963, para fazer o Científico, e me formei em 1965. Na época, meu pai tinha quebrado, então tive que sair de um colégio pago para ir para um colégio gratuito, pois se não fosse assim, não poderia continuar estudando. Fiquei surpreso ao perceber que o ensino de um colégio público não ficava a desejar em relação ao Colégio Santo Antônio³⁰⁵. Estudar no Aplicação me habilitou a passar no vestibular de engenharia elétrica com tranquilidade.

³⁰⁴ O colégio católico Loyola foi criado na cidade de Belo Horizonte, em 1943. No início eram apenas 33 alunos. Era uma escola para meninos. Em 1967, chegaram as primeiras meninas. Atualmente, o Colégio conta com cerca de 2500 alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Disponível em: <http://www.loyola.g12.br/>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

³⁰⁵ O Colégio Santo Antônio foi fundado em 1909, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais. É uma instituição educacional franciscana, que procura orientar sua ação pedagógica à maneira de São Francisco de Assis. Em 1949 transferiu alguns cursos para Belo Horizonte. Atualmente, está localizada no

Meu nome é Eduardo Belisário. Eu entrei para o Colégio de Aplicação no ano de 1961. Eu era oriundo do Colégio Santo Antônio e fiquei marcado, pois havia perdido o ano. Tinha que dar uma satisfação para minha família, principalmente para meus pais, de que eu era capaz de entrar para um bom colégio de ensino gratuito, através de um concurso público, não por necessidade, mas por superação própria. Pelo menos me faria sentir melhor, recuperando o prejuízo do ano perdido. Fui feliz, me adaptei muito bem ao colégio, passei lá até o ano de 1965, em que terminamos o Científico. Em 1966, já estava na Escola de Engenharia. O Colégio de Aplicação foi uma mudança grande na minha vida. Acho que foi lá o lugar onde passei a estudar e superar meus problemas.

Meu nome é Paulo Ângelo de Pinho. Fui estudar no Colégio de Aplicação porque era um colégio público. Os meus pais não podiam pagar um colégio privado. E também porque, naquela época, os colégios públicos é que tinham a fama de serem os melhores colégios. Tinham um nível de escola mais alto.

Eu estudei desde o Ginásio no Colégio de Aplicação. Fiz os quatro anos do Ginásio e mais o Científico. Me formei em 1965 e no mesmo ano fiz vestibular na Engenharia da UFMG. Passei, e lá me formei. Sou muito grato ao Colégio de Aplicação; foi uma escola fenomenal. Um colégio extremamente diferenciado. Depois de aposentado, resolvi fazer Direito. Hoje também sou advogado. Não tenho nenhuma dúvida que o Colégio de Aplicação me deu uma base insuperável. Sou muito grato ao Colégio de Aplicação.

Eu sou José Lima Oliver Junior. Fui criado em Barão de Cocais, interior de Minas Gerais. Minha família veio para Belo Horizonte em 1959. Em Belo Horizonte, meu primeiro colégio foi o Marista Dom Silvério, de mais fácil adaptação, considerando que havia feito o admissão e a 1ª série do Ginásio em um colégio de orientação católica, o Seminário do Caraça. Como todos os colegas aqui, vivendo numa família numerosa e sem muitas condições para estudar, fiz o concurso para o Colégio Estadual³⁰⁶ e o Colégio de Aplicação.

bairro Funcionários, onde oferece o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio. Disponível em: <http://www.colegiosantoantonio.com.br>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

³⁰⁶ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro. Foi renomeado, em 1943, como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

Não fui aprovado no Colégio Estadual, mas fui aprovado na seleção do Colégio de Aplicação, onde eu cursei da 4ª série do Ginásio até o 3º Científico. Tive uma reprovação na 4ª série porque ainda era uma fase de adaptação da escola do interior para uma escola de altíssimo nível que era o Colégio de Aplicação.

Era um colégio que realmente atingia nossas necessidades e tenho certeza absoluta que grande parte da minha personalidade, do meu curso de vida, eu aprendi no Colégio de Aplicação. Foi uma mudança muito grande entre a vida no interior e a vida na capital.

Hoje sou engenheiro eletricista aposentado, empresário. Sou plenamente realizado. Ter pertencido ao Colégio de Aplicação talvez tenha sido um dos grandes acontecimentos da minha vida. Lá conheci as pessoas que mais gosto e que convivo até hoje, numa região que sempre foi a minha, o bairro Santo Antônio. Esperamos que esse convívio dure bastante.

Meu nome é Luiz Santana Ivo. Entrei para o Colégio de Aplicação em 1963, para fazer o Científico. Me formei em 1965. Fiz o Ginásio no Colégio Tristão de Ataíde; lá só tinha até o Ginásio. Na época, lembro que fiz prova de seleção para o Colégio Estadual e para o Colégio de Aplicação. Passei nos dois colégios.

Meu pai era professor da Faculdade de Filosofia³⁰⁷, ao lado do Colégio de Aplicação. Ele conhecia o Colégio de Aplicação, conhecia os professores e acreditava que o Colégio de Aplicação era o melhor colégio em Belo Horizonte, então ele decidiu que eu deveria ir para lá e foi para onde fui. Saí do Colégio de Aplicação, fiz um cursinho de férias do Mário de Oliveira³⁰⁸, fiz um vestibular na Escola de Engenharia da

³⁰⁷ A Faculdade de Filosofia da UFMG foi fundada em 21 de abril de 1939, inicialmente, com os cursos: Filosofia, Pedagogia, Letras, História Natural, Geografia, Matemática, Física, Química, Ciências Sociais e História. Posteriormente foram implantados os cursos de Jornalismo (atualmente Comunicação Social) e Psicologia. Quando inaugurada, localizava-se na antiga Casa de Itália, situada à Rua dos Tamoios. Posteriormente utilizou o prédio do Instituto de Educação, situado no centro da cidade, Rua Pernambuco, 47, no bairro Funcionários. Teve sede própria no Edifício Acaiaca e no início da década de 1960 foi transferida para o prédio na Rua Carangola, onde ficou até 1990, quando foi transferida para o campus da UFMG. Com a criação dos institutos em 1968 por meio da Reforma Universitária, se tornou Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, oferecendo os cursos de Ciências Sociais, Comunicação Social, Filosofia, História e Psicologia. Atualmente, além dos cursos oferecidos a partir de 1968, também oferece graduações em Ciências Socioambientais, Gestão Pública e Antropologia. Conta, ainda, com os cursos de pós-graduação. <http://www.fafich.ufmg.br/a-faculdade/historia/>. Último acesso em: 08 jun. 2019.

³⁰⁸ O professor Mário de Oliveira foi admitido em 1944 para a cadeira de Complementos Matemáticos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Foi Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais. Na década de 1960 criou um dos primeiros cursos pré-vestibulares da cidade de Belo Horizonte. Também foi um dos idealizadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, Fafi-BH e fundador da Escola de Engenharia Kennedy. Autor de livros na área de Matemática (OLIVEIRA, 1998).

UFMG, passei em Engenharia Química. Me formei em 1970, e exerci a profissão de engenheiro químico até aposentar. Hoje sou aposentado.

Meu nome é Carlos Tassara. Estudei no Colégio de Aplicação no período de 1963 a 1965. Sempre morei perto do colégio e já sabia da boa qualidade de ensino que ele tinha, além disso, era gratuito. Fiz o curso de Engenharia Civil e exerci essa profissão até 2011. Hoje sou aposentado.

As próximas falas são de todos os ex-alunos reunidos no encontro.

O Colégio de Aplicação e o Estadual eram os dois colégios mais bem falados de Belo Horizonte. Muita gente fazia a seleção nos dois colégios e preferia o Aplicação. Ele tinha a fama de ser um bom colégio (Carlos Tassara).

Era um colégio de excelência pela qualidade do ensino. Uma outra coisa que acho importante também: a Faculdade de Filosofia formava os alunos para serem professores e quando eles iam fazer o Curso de Didática, o colégio onde eles apresentavam e treinavam suas práticas era o Colégio de Aplicação. Era um colégio que tinha essa função. Por isso era um colégio que mantinha um nível alto, para formar bons profissionais da própria Faculdade de Filosofia. Acho que isso era uma coisa que elevava bastante o nível do colégio (Luiz Santana).

O corpo docente do colégio sempre foi de primeiríssima qualidade. Citar nomes agora seria injustiça, mas os níveis dos professores de Matemática, Inglês, Francês, de todas as matérias era muito alto. Eram professores realmente de alto gabarito. Isso ajudava não só os alunos do colégio como também os alunos da Faculdade na parte didática da matéria (Carlos Braga).

Estudamos no prédio antigo que tinha o pátio. No 2º ano do Científico ficamos onde era a biblioteca (José Lima). E no terceiro ano fomos para a ala nova. A 3ª série ginásial fiz na última sala, aquela que você saía e dava no buracão; a 4ª série fizemos na primeira sala, aquela que, ao entrar no colégio, passava no corredor e era a primeira sala à direita. Tinha um laboratório de Química bem montado (Carlos Braga).

Eu estudei nos dois colégios, Estadual e Aplicação. Fui para o Aplicação em função do ensino. Tenho um colega na Engenharia que também estudou nos dois colégios e foi para o Estadual por conta da estrutura física do Estadual. Ele não estava preocupado com o ensino, mas sim com a estrutura (Luiz Santana).

No Aplicação a gente fazia Educação Física num campo de terra. Era no primeiro horário e a gente não tinha como se lavar (Marco Antônio) e nem trocar de

roupa, colocávamos nossas roupas em um barracão de madeira (Eduardo Belisário). As aulas de Educação Física só eram ministradas no período do Ginásio. O professor de Educação Física era o subtenente Dirvan Figueiredo³⁰⁹ (Carlos Braga). Ele era da Polícia Militar. Ele mandava a gente dar volta naquele coqueiro (Paulo Ângelo), descer e subir o barranco (José Lima). Lá embaixo tinha gado, um brejo, uma ou duas vacas e um coqueiro (Paulo Ângelo).

No Ginásio tinha o Trabalho Manual (Marco Antônio) e o Canto Orfeônico (Carlos Braga). O professor de canto, Mário Lúcio, ia às sete horas da manhã com uma gaita, dava o diapasão para que cantássemos o hino nacional às sete horas da manhã, de lado, no pátio (José Lima). A gente era tão privilegiado que nosso professor de Música era regente das sinfônicas, ele era o rei, o maestro regente (Paulo Ângelo).

Em Matemática tivemos excelentes professores. Um professor de excelência que existia era o Mário de Oliveira. Ele dava aula no colégio e dava aula no cursinho, era um excelente professor (Luiz Santana).

Do período que nós viemos do Ginásio até o término do Científico, passamos por três professores de Matemática. Um que me marcou muito no Científico foi o professor Paulo Roberto³¹⁰. Ele era excepcional (Eduardo Belisário). O professor Paulo Roberto era muito dedicado (Paula Apgaua). O aluno que ia mal, ele sabia que ia mal, mas ele tinha um acompanhamento individual de cada um. Não era fácil, você tinha que estudar (Eduardo Belisário).

Ele era um professor muito fechado (Paula Apgaua), mas apesar de ser muito para dentro, sabia acompanhar um por um. Não era desses tipos que tínhamos lá que gostavam de dar um zero. Ele detestava dar uma nota ruim. Me lembro que tive um problema na fase da Matemática, porque estava naquela parte de trigonometria e ele percebeu aquilo. Lembro de uma prova que fiz e ele me chamou e me disse: “Olha, isso aqui você deveria ter feito assim.” Isso não existia. E a maneira como ele ensinava era muito boa, uma didática espetacular (Eduardo Belisário).

³⁰⁹ Dirvan Figueiredo Brandão foi admitido em abril de 1958, para o cargo de professor de Educação Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³¹⁰ Paulo Roberto Baeta da Costa foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Já falecido.

No segundo ano do Científico o nosso professor foi Clemenceau³¹¹. (Eduardo Belisário). O Mário de Oliveira foi nosso professor no 3º ano do Científico (Carlos Braga). O Paulo Roberto não faltava aula de jeito nenhum (Eduardo Belisário).

Naquela época, as aulas de Matemática eram na base do cuspe e giz. Era o professor escrevendo no quadro e nós escrevendo no caderno. As perguntas eram feitas e respondidas dentro do próprio processo da aula (Carlos Braga).

As aulas de Matemática eram baseadas em exercícios. Lembro que, quando fiz cursinho, tinha livros onde fazia 100, 200, 500 exercícios. Não era como hoje, era maçante, era exaustivo, exercício em cima de exercício, tudo que você pensar, tinha que fazer (Luiz Santana). Não sei se estou defasada, mas treinamento na Matemática é exercício (Paula Apgaua).

Hoje a quantidade de exercícios é pouquíssima. Não tínhamos prova de múltipla escolha. Você tinha que resolver. Fazer todo o desenvolvimento e raciocínio até chegar ao resultado. Não tinha como chutar (Luiz Santana).

As provas eram mimeografadas ou passadas no quadro para que você copiasse em folha de papel almaço e apresentasse a resolução de cada problema (Carlos Braga). Os professores exigiam que nós juntássemos na prova o rascunho (Luiz Santana). Era feita à caneta, não era a lápis (Carlos Braga). Às vezes, você dava uma resposta errada, mas o professor pegava o seu raciocínio e falava: “você errou porque fez essa conta errada aqui” (Luiz Santana).

Os livros do Osvaldo Sangiorgi e Ary Quintella eram os livros de Matemática mais utilizados no Ginásio. No Científico, eram várias apostilas utilizadas e cada professor propunha os problemas, os exercícios a serem feitos (Carlos Braga).

No 3º ano do Científico, em Química usamos o mesmo livro do Colégio Universitário (Cláudio Berenstein). Era um livro de capa verde. O de Física era de capa marrom (Paula Apgaua); não me lembro de quem era, mas era o que o Arthur Eleno³¹² adotava (Carlos Braga). Tinha os livros de Desenho, do João Cânfora, que foi nosso paraninfo no Ginásio e no Científico (Marco Antônio). Os livros de Física eram de um

³¹¹ Clemenceau Chiabi Saliba foi admitido em março de 1962, para o cargo de professor de Matemática de Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³¹² Arthur Eleno de Moura foi admitido em agosto de 1961, para o cargo de professor de Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

autor conhecido; tinha livro de Ótica (Paula Apgaua). De Matemática era apostila. Cada professor tinha sua apostila, tinha a do Mário de Oliveira, do Clemenceau (Luiz Santana). O Clemenceau rodava no mimeógrafo da escola e distribuía os capítulos para você estudar. Tinha a parte teórica, descrita, e tinha também problemas para resolver (Carlos Braga).

Houve um professor de Química que introduziu a prática das questões de múltipla escolha e esse professor adotou um critério (Marco Antônio). Critério pessoal (Carlos Braga). Eládio Pimentel³¹³, de Química Inorgânica³¹⁴. Então, cada resposta errada anulava uma resposta certa (Marco Antônio). Isso é uma maneira inteligente de fazer uma prova descritiva, múltipla escolha, a pessoa não vai sacar (Luiz Santana).

Por extenso³¹⁵, o professor tinha como valorizar o raciocínio e a parte até onde você tinha conduzido bem a solução. Você poderia até atingir uma resposta errada, mas o professor valorizava o trabalho que teve ali (Marco Antônio). Por exemplo: se desenvolvíamos a questão e errássemos a resposta, mas o raciocínio estivesse correto, ganhávamos alguma coisa (Carlos Braga).

Era diferente de uma prova de Inglês que fiz. A pergunta era quantas semanas tinha o ano. Eu fiz minhas contas, $12 \times 4 = 48$ e escrevi 48 semanas, mas são 52 semanas. Meu inglês estava perfeito, mas a quantidade de meses estava errada e eu tirei zero na questão. Não acho justo, a prova era de Inglês (Marco Antônio).

Estamos falando do professor Eládio, que era um grande professor, muito bom, um conhecimento incrível de Química. Mas ele tinha um ego, uma vaidade muito grande. Não sei, mas parecia que ele tinha necessidade de afirmação. Em relação aos alunos, e todos nós tínhamos um receio muito grande na hora de fazer as provas, com medo das reações e das perguntas que ele iria fazer. Isso não desmerece a sua competência, mas realmente era um professor que era odiado pelos alunos (Eduardo Belisário).

Ele sorteou dez zeros e eu fui sorteado. Me lembro que um outro professor foi dar aula prática de Química e a gente destruiu sua aula, como se ele não existisse. No dia seguinte, na aula teórica, ele falou: “Eu fiquei sabendo o que aconteceu na aula

³¹³ Eládio de Almeida Pimentel foi admitido em março de 1959, para o cargo de professor de Química do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³¹⁴ Todos responderam juntos o nome e a disciplina do professor.

³¹⁵ Ele se refere à prova discursiva.

prática ontem. Então, vocês denunciem quem estava fazendo bagunça.” Ninguém denunciou. Ele falou assim: “Então, já que vocês não denunciaram, eu vou sortear dez zeros”(Paulo Ângelo).

Nós fomos suspensos da sala de aula. A gente não podia entrar na sala de aula durante uma semana, sei lá quanto tempo. Então ele marcou uma arguição para aquele período que a gente não podia entrar na sala de aula. No dia da arguição, nós ficamos no pátio. Ele ficou dentro da sala de aula e chamava a pessoa para a arguição e a gente lá no pátio olhando. Chamava um, chamava outro, zero, chamou os dez e os dez ganharam zero (Paula Apgaua). E eu fui um dos sortudos. Acho que ele sorteou uma aluna, chamada Paula Apgaua. Ele sorteou a Paula e falou: “A Paula não.” A Paula era a melhor aluna (Paulo Ângelo). Ela era a “nerd” do colégio (Carlos Braga).

O colégio tinha uma liberdade muito grande com os alunos, mas não deixava de ter uma vigília. Eram duas as pessoas que acompanhavam problemas particulares de alunos, principalmente em casa. Me lembro de um nosso colega, que o pai bebia muito, alcoólatra, problemas em casa que eram de conhecimento da direção do Colégio, e elas, as psicólogas, acompanhavam o aluno, seus traumas, monitorando-o muito bem para enfrentá-los. Uma, Dona Alcinda, extraordinária pessoa, e a outra, mais jovem, inteligente, a Cleidmar (Eduardo Belisário).

Havia colegas nossos que eram acompanhados quase todos os dias com entrevistas particulares, dentro de sala fechada, para preparar o aluno dentro do próprio lar, para saber lidar com o problema dos pais em casa. Isso eu nunca vi em outras escolas e marcou minha vida (Eduardo Belisário).

Os professores que nós tivemos no Colégio de Aplicação eram uma categoria que, antes de ter o conhecimento, tinham aquilo como dogma, como uma profissão que trazia prazer. Não era só pelo salário e nem pela condição de ensinar. Lembro de um professor de História, não me lembro o nome, que dava as aulas de História mostrando que ele tinha muito conhecimento, fazia muitas viagens. Você não tinha um relato textual do livro de História, você tinha um conto de História (José Lima).

Acho que o Eládio nasceu para ser professor de Química. O Mário de Oliveira, por mais que faltasse, era um gênio em Matemática. Então me considero hoje privilegiado, porque tivemos professores categorizados, professores com formação de professores (José Lima).

Dou esse depoimento com conhecimento de causa muito grande. Como minha primeira formação escolar foi em um seminário, onde os professores tinham ideologia católica, a formação era voltada para a religião. Quando vi o professor do Colégio de Aplicação, eu vi uma pessoa muito mais completa. Acho que, se eu não tivesse estudado nada, ainda seria um bom aluno comparado aos alunos de hoje. Porque o nível de informação que a gente tinha era muito consistente e com conteúdo muito forte. Acho que não existirá outro colégio como o Aplicação. Não existiram outros professores com aquela característica e formação. Me traz uma satisfação enorme ter pertencido a essa geração (José Lima).

Não sei se por alguma coincidência temporal, que às vezes o universo escolhe uma época, mas aquela escola foi a nata. Depois que fui para a Escola de Engenharia, tive excelentes professores, Edson Judice³¹⁶, Walfrido³¹⁷, mas os professores do Colégio de Aplicação eram melhores que os professores da Engenharia (José Lima).

O professor de Química Prática do Colégio de Aplicação era o catedrático de Química da Escola de Engenharia de Ouro Preto. Era o professor Paulo Jakitsch³¹⁸. Era nosso professor de Química Prática (Carlos Braga).

Não tenho dúvidas em falar que nessa época aconteceu como se uma nuvem de cultura tivesse parado ali em cima do Colégio de Aplicação e falasse assim: “Esses meninos vão ser privilegiados” (José Lima). Ou então: “Vamos descarregar conhecimento aqui” (Carlos Braga). Exatamente, é a metáfora que eu faço (José Lima).

³¹⁶ Edson Durão Júdice (1925 – 2018) foi professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, onde lecionou nos cursos de Arquitetura, Economia, Engenharia Civil, Administração, Matemática, entre outros, e no Programa de Pós-graduação em Economia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (Cedeplar). Também foi professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Dos seus 92 anos, 65 anos foram dedicados ao ensino. Em 1948, graduou-se em Engenharia Civil pela UFMG. Em 1953, especializou-se em Matemática no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), no Rio de Janeiro. Ingressou na UFMG em 1949. Foi o primeiro chefe de departamento do ICEx. Lecionou até os seus 88 anos. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/03/27/interna_gerais,947011/morre-professor-emerito-da-ufmg-edson-durao-judice.shtml. Último acesso em: 25 ago. 2019.

³¹⁷ Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto é graduado em Engenharia Química pela UFMG. É empresário. Foi um dos fundadores do pré-vestibular Pitágoras, que posteriormente transformou-se no Sistema Pitágoras de Ensino, nas Faculdades Pitágoras e no grupo Kroton Educacional. Também foi um dos fundadores da Biobrás, empresa de insulina sediada em Montes Claros, MG. Foi deputado federal pelo PDT e vice-governador de Minas Gerais. <https://www.camara.leg.br/deputados/74668/biografia>. Último acesso em: 21 ago. 2019.

³¹⁸ Paulo Jakitsch foi admitido em outubro de 1958, para o cargo de professor de Química do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Isso era no tempo que professor era valorizado. Tanto era valorizado que a pessoa que queria omitir sua real profissão dizia ser professor para se valorizar. Hoje quando querem omitir a profissão dizem que são empresários, pois o professor é muito desvalorizado. (Paulo Ângelo). O professor era muito respeitado, realmente uma figura acima de tudo e de todos (Carlos Braga).

Em sala de aula tinha as bagunças, mas tinha uma disciplina (Luiz Santana). A Paula era única de qualquer maneira (José Lima). A sala podia estar pegando fogo, ela estava na primeira carteira, não olhava nem para trás. Nas provas, escrevia tudo escondido para ninguém ver (Carlos Braga). Não deixava ninguém colar dela (Carlos Tassara). Fazia a letra pequenininha (Paulo Ângelo).

O James³¹⁹ é filho de um americano e de uma portuguesa que basicamente construíram Governador Valadares. É por isso que a população de Valadares adorava os Estados Unidos, era influência do pai do James. Eles mudaram para Belo Horizonte e o James “caiu de paraquedas” no Colégio de Aplicação, no último ano. Ele era um sujeito que não falava bem o Português, então ficava desesperado, com aquela fleuma americana, com o que acontecia conosco. Até hoje ele fala que tinha uma turma que era igual à Máfia; se você não aderisse a esse grupo, tinha que ficar lá na última carteira esperando as coisas acontecerem (José Lima).

No Ginásio, tinha a festa de São João, a quadrilha. O colégio ficava animado com os ensaios de quadrilha, porque você ia estar com o par feminino, era aquilo: “Com quem vou dançar quadrilha?” Era aquela expectativa. Isso ajudava você a conhecer todo mundo no colégio. Era o Geraldo Marmelada, o Fernando Saliba, então você conhecia todo mundo (José Lima).

Eu sou realmente uma testemunha muito forte de sair de um colégio seminário e entrar num colégio bispo. Eu não sabia o que era mulher, eu conhecia a batina (José Lima). As meninas iam fazer Educação Física de short, nossa!(Carlos Braga) Na hora das aulas práticas, ao invés de ir para a aula você ia namorar. (José Lima)

E o João Cãnfora³²⁰? Um dia, ele nos contou que fez um concurso para selecionar quem iria ganhar dez na aula de Desenho. Ele chamou os três melhores alunos. O primeiro fez uma circunferência com a mão, perfeita. O segundo fez um

³¹⁹ James Gomes P. Simpson.

³²⁰ João Cãnfora foi admitido em março de 1955, para o cargo de professor de Desenho do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

ponto no meio da circunferência. Ele mediu com o compasso e era exato. O terceiro disse: “Não tem mais jeito, não vou participar porque vou perder.” Aí ele disse: “Ok, vai ganhar o aluno que fez o ponto. Podem sair.” Quando eles foram sair, o terceiro tinha desenhado uma porta com uma maçaneta. Eles foram tentar sair e era um desenho. Então foi o terceiro que ganhou o concurso. Não me lembro das aulas, mas me lembro dos casos (Paulo Ângelo).

O mais importante que ficou para mim do Colégio de Aplicação é tudo que sinto em termos de vida, eu devo tudo ao Colégio Aplicação (Paulo Ângelo). É o que ficou para o resto da vida, que é a base de todos nós para a formação cultural, educacional (Eduardo Belisário) ...

Não sei dizer se depende só do Colégio de Aplicação, mas sinto que tenho uma base muito forte. Está ligada a todo o ensino naquela época. O Ginásio, o Aplicação, a Escola de Engenharia trouxeram uma base muito forte para mim. Não digo que tudo é o Colégio de Aplicação, mas grande parte. O resto também tem sua importância (Luiz Santana).

É realmente difícil discutir ou deixar registrado aqui o que mais me marcou no Colégio de Aplicação. Acho que pode ter sido o início da vida, da minha vida de adolescente, começando a enxergar as coisas. Tive a felicidade de estar em um lugar que só tinha coisa boa, coisa séria, qualidade de ensino, professores qualificados, sem muita ideologia política. Na época, o Brasil passava por uma fase de extrema indefinição. Hoje não tenho dúvida de afirmar que um pouco da minha personalidade ou quase toda foi moldada, um molde bem feito, com artistas, artesãos perfeitos e que me deram a oportunidade de enxergar o mundo com muita clareza, muita ética, sem distorções. Realmente acho que foram cinco anos cruciais na minha formação (José Lima).

No meu caso, eu estudava em um colégio bem inferior comparado ao Aplicação. Quando fui para o Aplicação passei a ter uma nova visão, tanto de vida quanto de estudo. Então valeu muito para mim (Carlos Tassara).

Eu diria sobre a formação e constituição de muitos relacionamentos profissionais e de amizade (Marco Antônio).

Eu trago do colégio as melhores recordações de uma juventude muito bem vivida e que efetivamente se refletiu através dos tempos e hoje o reflexo disso está

exatamente nesse nosso encontro que retrata tudo aquilo que plantamos lá atrás e estamos colhendo agora (Carlos Braga).

PAULO SÉRGIO WANNER – 73 ANOS

Ex – professor de Matemática do CA: 1968 – 1997

Data da Entrevista: 22/05/2019

Era festa de confraternização do fim de ano no Centro Pedagógico, em dezembro de 2018, quando conheci o professor Paulo Wanner. Conteí a ele sobre a minha pesquisa e ele se prontificou, imediatamente, a participar. Tomei nota do seu telefone para agendarmos nosso encontro.

Em maio, marcamos nosso encontro em sua residência. Antes da gravação falamos de assuntos gerais. O professor Paulo foi muito simpático e descontraído, tornando agradável aquele momento importante da pesquisa.

A minha vida estudantil começou no Colégio Marista³²¹ em Belo Horizonte. Estudei no Marista do primário ao terceiro ano Científico. Depois me graduei na Universidade Federal de Minas Gerais. Fui da segunda turma do Curso de Matemática do ICEX³²² que pertencia à Faculdade de Filosofia³²³ da UFMG, de 1965 a 1968.

No início de 1968 comecei a trabalhar no Colégio Estadual³²⁴ de Minas Gerais. No mesmo ano, fui convidado pelo professor Milton Mirahy Maciel³²⁵, para ser

³²¹ Colégio Marista Dom Silvério, localizado no bairro São Pedro em Belo Horizonte. Faz parte da rede privada de ensino. Fundado em março de 1950 é mantido pelos Irmãos Maristas. Oferece da Educação Infantil ao Ensino Médio. <https://marista.edu.br/domsilverio/> Último acesso em: 12 jun. 2019.

³²² O ICEX – Instituto de Ciências Exatas foi instituído com a Reforma de Ensino de 1968. Era dividido em três departamentos: Física, Matemática e Química. Responsável por todo o ciclo básico das Ciências Exatas e várias disciplinas da Biologia. Na década de 1970 foram criados os departamentos de Ciências da Computação e Estatística. Atualmente, é formado por cinco departamentos, com nove cursos de graduação e cinco de pós-graduação. <http://www.ICEx.ufmg.br/index.php/home/historia-da-unidade> Último acesso em: 05 abr. 2019.

³²³ A Faculdade de Filosofia da UFMG foi fundada em 21 de abril de 1939, inicialmente, com os cursos: Filosofia, Pedagogia, Letras, História Natural, Geografia, Matemática, Física, Química, Ciências Sociais e História. Posteriormente foram implantados os cursos de Jornalismo (atualmente Comunicação Social) e Psicologia. Quando inaugurada, localizava-se na antiga Casa de Itália, situada à Rua dos Tamoios. Posteriormente utilizou o Instituto de Educação. Teve sede própria no Edifício Acaiaca e no início da década de 1960 foi transferida para o prédio na Rua Carangola, onde ficou até 1990, quando foi transferida para o campus da UFMG. Com a criação dos institutos em 1968 por meio da Reforma Universitária, se tornou Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, oferecendo os cursos de Ciências Sociais, Comunicação Social, Filosofia, História e Psicologia. Atualmente, além dos cursos oferecidos a partir de 1968, também oferece graduações em Ciências Socioambientais, Gestão Pública e Antropologia. Conta, ainda, com os cursos de pós-graduação. <http://www.fafich.ufmg.br/a-faculdade/historia/>. Último acesso em: 08 jun. 2019.

³²⁴ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro e renomeado em 1943 como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada, com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemeyer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

professor do Colégio de Aplicação, que à época funcionava na Rua Carangola, no prédio da Faculdade de Filosofia da UFMG, sob a Direção da professora Alaíde Lisboa de Oliveira³²⁶. Por muito anos fui professor de Matemática no Centro Pedagógico da UFMG (antigo Colégio de Aplicação), tendo interrompido temporariamente minhas atividades docentes na década de 90 para cursar mestrado e doutorado na Inglaterra (Universidade de Southampton). Após meu retorno à UFMG continuei por alguns anos ainda minhas atividades de professor de Matemática no Centro Pedagógico tendo aposentado em 1997. Trabalhei também no Colégio Estadual/Instituto de Educação de Minas Gerais até 2008, quando me aposentei também. Enquanto docente em regime de 40 horas semanais na UFMG, foi possível conciliar minhas atividades de Professor de Matemática também no Colégio Santo Antônio³²⁷, localizado à Rua Pernambuco, em Belo Horizonte. Após minha aposentadoria na UFMG, retornei ao Colégio Santo Antônio também na condição de professor e Coordenador Geral de Matemática, atividade que sempre me foi extremamente prazerosa, e me aposentei em 2013.

A minha vida como professor de Matemática foi longa, ao todo 46 anos. Tive turmas fantásticas no Colégio de Aplicação, na época em que esta Instituição se caracterizava pelo alto desempenho dos alunos que o frequentavam. Na década de 70, o Colégio de Aplicação se transformou no Centro Pedagógico, nome que perdura até os dias atuais, sendo um órgão suplementar vinculado à Faculdade de Educação.

O antigo Colégio de Aplicação funcionava em um prédio anexo à antiga Faculdade de Filosofia. Era um prédio de um único andar, com uma área central ao meio. Em sua estrutura física, havia a sala da Diretoria, umas seis ou sete salas de aula com o pé direito muito alto, uma biblioteca e uma cantina, além de um porão. Algumas

³²⁵ Milton Mirahy Maciel foi admitido em agosto de 1964 para o cargo de professor de Ciências do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³²⁶ Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007 em Belo Horizonte com 103 anos. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>. Último acesso em: 19 maio 2019.

³²⁷ O Colégio Santo Antônio foi fundado em 1909, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais. É uma instituição educacional franciscana, que procura orientar sua ação pedagógica à maneira de São Francisco de Assis. Em 1949 transferiu alguns cursos para Belo Horizonte. Atualmente, está localizada no bairro Funcionários, onde oferece o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio. Disponível em: <http://www.colegiosantoantonio.com.br>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

aulas eram ministradas no porão. Não eram salas grandes, pois eram poucos alunos por sala, em média de 30 a 35 alunos. Era um colégio misto, meninos e meninas.

A Diretora geral era a Dona Alaíde e em cada turno havia um diretor. À noite o diretor era o Léo³²⁸. Havia um “disciplinário” que tomava conta do pátio e dos alunos em seus momentos de recreação, além de um porteiro, o Cristóvão, que ficava o dia todo. Na biblioteca, tínhamos a Tharcilla³²⁹ e a Lucinha.

Não tínhamos laboratório de Matemática, mas o Colégio dispunha de um laboratório de Física, sob a supervisão do professor Arthur Eleno³³⁰, além de um laboratório de Biologia. Os laboratórios eram pequenos e muito utilizados. Quando necessário, eram utilizados os laboratórios da Faculdade de Filosofia, no prédio ao lado. Na Faculdade de Filosofia funcionavam os cursos de Matemática, Física, Química e Biologia. Somente depois da criação dos Institutos básicos, Instituto de Ciências Exatas (ICEX) e Instituto de Ciências Biológicas (ICB), tais cursos passaram a ser oferecidos por departamentos distintos. Assim, os cursos de Matemática, Física e Química passaram a ser oferecidos no ICEX sob a responsabilidade dos respectivos departamentos recém-criados, enquanto o curso de Biologia (atual Ciências Biológicas) passou a ser oferecido no ICB, sob a chancela de vários de seus departamentos.

Voltando às minhas atividades como professor de Matemática, as aulas eram de 50 minutos, com cinco aulas semanais no então curso Científico. Geralmente tínhamos aulas geminadas. Os horários eram estabelecidos no início do ano e permaneciam imutáveis até o fim do ano.

Aulas de Matemática aconteciam nos três turnos. Eu lecionava no 1º, 2º e 3º anos do curso Científico, pela manhã, enquanto o professor Paulo Roberto Baeta da Costa³³¹ lecionava junto com os professores Rogério Simões da Rocha e a dona

³²⁸ Léo Rodrigues dos Santos foi admitido em maio de 1961, para o cargo de Supervisor de Curso no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³²⁹ Tharcilla Vivacqua Martins foi admitida em fevereiro de 1964, para o cargo de auxiliar de bibliotecário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³³⁰ Arthur Eleno de Moura foi admitido em agosto de 1961, para o cargo de professor de Física do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³³¹ Paulo Roberto Baeta da Costa foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de professor de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

Aloys³³² de Meira Carvalhono turno da tarde no antigo curso Ginásial e à noite quem lecionava era o professor Raimundo Peixoto.

No terceiro ano do Científico, me lembro, que ensinávamos “Derivada” e noções de “Integral”. Hoje o aluno entra na universidade sem estes conhecimentos e, por isso, tem que fazer “Cálculo zero”. No Colégio de Aplicação era dada uma boa noção de “Limite e Derivada”. Foi um colégio no qual havia gosto de se trabalhar.

Durante o processo de avaliação, em Matemática, os alunos obtinham seus pontos fazendo somente provas. Todas as notas eram de provas. Notas não eram atribuídas a trabalhos, pois muitas vezes um aluno faz o trabalho e os outros copiam. Então, eram somente avaliações por meio de provas. A nota final era o somatório das notas das provas.

O desempenho dos alunos nas avaliações era muito satisfatório, o que deve ser atribuído à excelência dos alunos. Eles estudavam muito e o curso era considerado muito apertado. Eu exigia o máximo que podia e a resposta por parte dos alunos sempre foi muito boa. Lembro-me, com muita satisfação, de uma turma do Colégio de Aplicação em que todos passaram no vestibular. Apenas uma aluna não passou, mas não poderia ter passado, porque se casou e não fez o vestibular. O Colégio Aplicação era uma instituição de ensino excepcional. Para ter acesso ao Colégio, era necessário um concurso de admissão muito duro e concorrido, por isso, tínhamos alunos excepcionais.

Tínhamos uma máquina de datilografia na época no Colégio de Aplicação, mas minhas provas não eram datilografadas, pois era muito difícil datilografar os símbolos matemáticos. Fazer uma fração ou uma chave de um sistema, ou ainda uma raiz quadrada era uma tarefa impossível. Por isso, tudo era feito à mão. Com a evolução da tecnologia, as coisas iam se tornando mais fáceis assim começamos a xerocar as nossas provas. Muitas vezes xerocávamos as figuras e as colavam nas provas. Posteriormente, as cópias eram feitas de acordo com a necessidade. Hoje o computador faz tudo. É possível tirar uma foto no celular e enviar para o computador e imprimir... Na época não era assim.

Eu não saberia dizer com certeza quais os livros utilizei, mas foram muitos, como o do Alberto Serrão, Ary Quintella e Osvaldo Sangiorgi dentre outros. Como

³³² Aloys De Meira Carvalho foi admitida em janeiro de 1955 como professora de Matemática do Ensino Secundário no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. É uma das entrevistadas desta pesquisa. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. É colaboradora da pesquisa.

complemento, eu usava muito o Serrão, que era um único volume. Havia uma outra coleção de 10 volumes que não me lembro o nome, e a usava também para complementar as aulas e exercícios. Os livros adotados pela escola, parece-me, que eram o do Ari Quintella e do Osvaldo Sangiorgi. Os alunos compravam os livros pois não havia disponibilidade dos mesmos na biblioteca.

Não tínhamos um coordenador de Matemática como hoje têm em muitas escolas. Não era exigido um plano de curso e as provas não eram avaliadas. Não havia essa fiscalização mais sistemática, como hoje. Cada um fazia o seu plano de aula. Mesmo porque o colégio não era grande. Então, por exemplo, no turno da manhã, quem trabalhava no primeiro, no segundo e no terceiro ano Científico era apenas eu, não havia outro professor. Eu conversava com o professor Raimundo, que era o professor Fe Matemática do turno da Noite e tentávamos fazer algo juntos. À tarde funcionava o curso Ginásial, e os professores Paulo Roberto, a dona Aloys e o Rogério eram os responsáveis pelo ensino de Matemática, à época.

O nosso plano de aula era baseado no conteúdo do livro. Assim, por exemplo, no livro do 1º ano, usávamos todos aqueles tópicos. Fazíamos assim também para o 2º e 3º anos. E ao final desses três anos, deveríamos ter cumprido todo o programa do vestibular da Federal.

A Matemática no Colégio de Aplicação era considerada como uma matéria extremamente pesada e difícil, pois era direcionada a alunos que iriam fazer o vestibular da UFMG. Tivemos muitos alunos que passaram em primeiro lugar no vestibular, como Paulo Sérgio Beirão³³³, que hoje é professor do ICB/UFMG e grande representante da Ciência e Tecnologia no país. O José Pio Cardoso passou em primeiro lugar geral na UFMG, e ganhou um carro na época. Quem passava em primeiro lugar geral no vestibular na UFMG ganhava um carro e isso era um fato notório em Belo Horizonte. Enfim, o Colégio de Aplicação era um colégio de destaque e funcionava numa área nobre de BH, no início do bairro Santo Antônio.

³³³ Paulo Sérgio Lacerda Beirão é Professor Titular aposentado do Departamento de Bioquímica e Imunologia da UFMG. Foi Research Associate na University of Pennsylvania e Jefferson Medical College e Honorary Research Fellow da University of Leicester. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica, da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular, e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Toxinologia. Participou da criação do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG. Foi presidente do Conselho Curador da FAPEMIG e membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Foi diretor de Ciências Agrárias, Biológicas e da Saúde do CNPq e desde junho de 2015 é Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação da FAPEMIG. <https://www.ufmg.br/ieat/2017/10/paulo-sergio-lacerda-beirao-2/>. Último acesso em 05 jul. 2019.

Naquela época o vestibular estava começando a ser unificado³³⁴. Eu não me lembro exatamente quando o vestibular começou a ser único, mas este grande e importante evento aconteceu no Mineirão. Vale ressaltar que antes o vestibular era nas respectivas escolas. Assim, eu não fiz vestibular no Mineirão; fiz vestibular na escola onde fazia meu curso de Graduação, ou seja, na Faculdade de Filosofia. Então, naquela época quando os vestibulares eram realizados nas escolas, o Colégio de Aplicação tinha o curso Científico, que era destinado ao aluno que almejava ingressar na área de exatas. O curso Clássico era para aqueles que pretendiam fazer cursos na área de Ciências Humanas, enquanto o curso para Biologia se destinava àqueles que pretendiam ingressar na área de Ciências Biológicas/Saúde. Para ser mais claro, quando eu fiz vestibular, não tive que estudar Biologia e, por outro lado, quem fez na época Medicina não teve que estudar Matemática. Com o vestibular único, duas etapas eram realizadas: a primeira etapa envolvia 8 (oito) disciplinas; e a segunda etapa, só disciplinas específicas para a área do curso escolhido.

Lembro-me de um menino, talvez o melhor aluno que tive no Colégio de Aplicação, chamava-se Márcio Voloch. Não sei se era judeu ou de Israel. Os alunos eram excepcionais. Você falava assim: “esse vai passar em primeiro lugar, esse vai passar em segundo, esse vai passar em terceiro.” E essa linhagem continuou muito boa no Centro Pedagógico por mais algum tempo antes de me aposentar.

Eu tenho a impressão que o primeiro vestibular geral no Mineirão foi em 1970 ou 1971. Os candidatos chegavam ao Mineirão e recebiam uma prancheta, pois deveriam assentar em arquibancadas. Uma vez assentados, os candidatos colocavam a prancheta no colo, recebiam os cadernos de prova e faziam a prova. Quem sentava nas cadeiras cativas ficava no sol. Vale também lembrar outros bons alunos... O professor José Nagib Cotrim Árabe³³⁵, que foi candidato a Reitor da UFMG, tendo como Vice, o

³³⁴ O vestibular unificado tem início em 1970. As provas eram realizadas no estádio do Mineirão. Os números dos candidatos eram afixados nas arquibancadas e os mesmos recebiam uma prancheta para realização das provas. Em meio ao regime militar, policiais militares e o exército que faziam a segurança do vestibular. Era um vestibular muito concorrido chegando a 25 mil estudantes. https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/10/18/interna_90_anos,998203/ufmg-tem-nove-decadas-de-historia-e-desafio-de-buscar-financiamento.shtml último acesso em: 05 ago. 2019.

³³⁵ José Nagib Cotrim Árabe é Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Ciências da Computação possui experiência na área com ênfase em Arquitetura de Sistemas de Computação. Participou de cargos de coordenações no âmbito da UFMG: Foi coordenador do Curso de Ciência da Computação, Chefe do Departamento de Ciência da Computação, Pró-Reitor de Administração, Pró-Reitor de Graduação, Diretor Executivo da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa, Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento da UFMG e também, Superintendente de

professor Paulo Sérgio Lacerda Beirão, foi também um dos ótimos alunos que tive, ou melhor, os dois foram meus alunos e muito bons! Por isso, posso afirmar, sem sombra de dúvida, que o Colégio de Aplicação era um Colégio excepcional. Teve uma época em que haviam três Pró-reitores da UFMG que eram do Colégio de Aplicação. O professor Clélio Campolina era o reitor, o qual convidou gente de grande competência e da confiança dele para contribuir com sua gestão. Assim integraram a gestão do professor Campolina, os meus ex-alunos do Colégio de Aplicação Márcio Batista, o Nagib e o Roberto Marcos. Era realmente muito agradável e gratificante entrar na Reitoria ou em Unidades da UFMG e deparar com ex-alunos tão bem sucedidos!

Voltando ao ensino de Matemática, acredito que o livro do Ari Quintella era o grande livro de Matemática da época, porque tinha Matemática e Desenho. Havia também um livro de Desenho, Desenho Geométrico, de Affonso Rocha Giongo. Esses livros tinham construções geométricas, ou seja, os autores construía um triângulo conhecendo as três alturas, construía um triângulo conhecendo um lado ... E isso era muito importante já que a prova do vestibular para o curso de Matemática demandava conhecimentos não apenas de Matemática como também de Desenho. Depois o Desenho “sumiu” quando o vestibular passou a ser único. Hoje dificilmente um Colégio oferece aulas sobre Desenho Geométrico.

No curso Científico, em Desenho se estudava geometria descritiva. Então o professor no Colégio de Aplicação de geometria descritiva era o mesmo professor de Geometria Descritiva da Faculdade de Filosofia. Era o professor Luís Simões³³⁶, conhecido mundialmente por Barbantinho, porque ele não usava compasso e, sim, um barbante como compasso. Ele pegava o barbante, fixava no quadro e com uma destreza impressionante desenhava círculos. O desenho geométrico era um módulo especial na disciplina de desenho.

Vale comentar ainda que quando eu ensinava Matemática na 8ª série havia algumas construções geométricas focando triângulos retângulos; eu descrevia um triângulo retângulo e a área das figuras planas, e os alunos tinham que saber isso. Já no segundo grau, eles tinham Geometria Descritiva e estudavam afastamento, cota etc. Era uma coisa excepcional o ensino de Matemática no Colégio de Aplicação. Era uma escola modelo, é uma pena que talvez custasse muito hoje, quando se pensa em tudo

menos educação... O Centro Pedagógico era para ser a escola mais fantástica do mundo. Mas muitas vezes não se têm os recursos necessários aliado às outras questões que fogem ao nosso escopo discuti-las.

Não havia reunião de professores e nem conselho de classe. No fim do ano, os professores se reuniam e verificavam quais eram os problemas com os alunos que iriam fazer o exame de segunda época. Não existia recuperação, era segunda época. Marcava-se o que o aluno teria que estudar e ele tinha um mês para estudar. No final de janeiro ou no início de fevereiro, o aluno fazia a prova de segunda época, sendo que no Colégio de Aplicação, o nível de reprovação era muito baixo.

O Colégio de Aplicação era uma escola muito procurada para fazer a seleção visando o ingresso. Dessa forma, com 200 a 300 alunos para fazer um “vestibularzinho”, é possível escolher os 30 melhores candidatos. Era um colégio famoso em Belo Horizonte, porque quase todos os alunos que estudavam no Colégio de Aplicação não faziam “cursinho” para entrar na UFMG. Eles faziam o vestibular e eram bem sucedidos porque eles já tinham tido acesso a todos os conteúdos cobrados na Universidade.

Trabalhávamos bem com os 30 alunos e dentro da carga horária disponível que compreendia 5 (cinco) aulas de Matemática por semana. O respeito entre alunos e professores sempre existiu. Eu sempre fiz questão de dar minha aula e de não ter bagunça, ou seja, aproveitar bem o tempo disponível em prol do aprendizado. Quando tinha “bagunça” era porque eu a provocava, movido por um sentimento de quebra da austeridade das aulas de Matemática, geralmente consideradas como muito “pesadas”.

Ser professor do Colégio de Aplicação era uma grande honra. Outro ponto positivo a ser reafirmado, consistia na competência dos alunos, realmente eram bons alunos. No então, como professor e educador não poderia deixar de registrar a ideia de que o grande desafio do professor é pegar um aluno mediano, ou mesmo ruim, e transformá-lo em um bom aluno. Isso é de fato uma tarefa difícil, mas de extrema relevância social e humanística. No Colégio de Aplicação, os alunos já eram bons. E nós conseguíamos com que eles ficassem um melhor ainda, o que também é prazeroso e gratificante.

O ambiente de trabalho também era muito bom, marcado por um relacionamento de amizade e respeito mútuos entre os colegas professores. Fazíamos encontros quase todos os meses. Havia uma proximidade muito grande entre os professores. A vida era

menos corrida do que é hoje. Havia um convívio com a vizinhança muito maior do que na atualidade. Com a televisão, o computador, a internet, o celular, o convívio e o diálogo estão se reduzindo cada vez mais. As crianças praticamente só se sentem motivadas e felizes diante de um “celular”.

Recentemente, tive a oportunidade de assistir uma palestra de uma neurocirurgiã infantil, que falou o seguinte: “Nós, pais, temos uma vida apertada, chegamos em casa cansados, estamos querendo um pouco de descanso e o nosso filho que ficou o dia todo sem a gente quer a gente. E aí, então, em busca de algum descanso por mínimo que seja, oferecemos ao filho um celular para brincar uma hora. Enquanto ele está brincando este tempo, nós estamos descansando... Faça um teste com o seu filho, dê a ele um celular, espere uma hora. Chame uma vez, ele não vai te atender. Chama duas vezes, ele não vai te atender. Chama três vezes, ele não vai te atender.” Ela concluiu: “Esse menino vai dar problema na escola. Porque a professora vai chamar insistentemente e ele não vai atender”.

E eu fiz esse teste com os meus netos e pude comprovar a veracidade das palavras da neurocirurgiã infantil. De fato, é verdade! Isso se aplica. Se seu filho estiver “ocupado” com o celular, você pode chamá-lo várias vezes e ele não atenderá seu chamado. O celular chama mais atenção. A força do celular é maior. Hoje temos pouco tempo de convívio. Além do mais, não podemos deixar os filhos na rua sozinhos, porque temos medo da violência. Tudo colaborando para uma infância e juventude de pouco convívio afetivo e voltadas para o mundo frio da tecnologia.

Muito diferente dos dias atuais foi minha infância no bairro Serra, em Belo Horizonte, onde me sentia “solto”. Mudamos para a Serra em 1954. Quando eu ia para casa de amigos no fim de semana, a gente ficava na rua o dia todo, não tinha perigo nenhum. Hoje os pais não deixam os filhos brincarem na rua. Levam os filhos para a escola, porque têm medo. Eu saía da última rua da Serra, antes de chegar à atual avenida Bandeirantes e ia para o Colégio Marista a pé, ou de bicicleta, sem perigo nenhum.

“Esse menino vai dar problema na escola.” É o que eles chamam hoje de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Hoje tudo é o *déficit* de atenção. Fazendo uma extrapolação, o celular é colorido e, portanto, mais interessante que a professora que está dando aula no quadro...

Como o mundo evoluiu e as coisas modificaram na maioria dos contextos. Nós, que somos professores de Matemática podemos afirmar isso ... O quadro negro que era

verde no Colégio de Aplicação e escrito com giz, hoje é branco e escrito com pincel. Eu trabalhei a vida toda com giz. A experiência me tornou capaz de desenhar uma figura espacial com uma nitidez e uma clareza notáveis... Trabalhei até 2013, no Colégio Santo Antônio, e os meus quadros não desenhados com pincel. Nunca deixei trocar o meu tradicional quadro e meu giz para pincel. Porque você não consegue fazer uma boa figura espacial com o auxílio do pincel, pois este desliza, havendo necessidade de uso de régua. Mas com a régua implicaria em maior consumo de tempo, gastaria 15 minutos para fazer um desenho.

Hoje o celular mostra tudo colorido, faz os movimentos das figuras e nós na sala de aula com nossos recursos não temos como fazer isso. Então o celular chama mais atenção do que a gente na sala de aula, tornando-se mais atrativo aos jovens, infelizmente. Mas mesmo diante dos atrativos dos recursos digitais e virtuais, acredito que o respeito e a ética devem continuar permeando as relações entre professores e alunos, mesmo porque nada substitui o calor humano das relações interpessoais tão importantes principalmente no período de formação da personalidade dos jovens. Durante meus 47 anos como professor de Matemática nunca tive problema de garganta. Eu falo baixo, mas com timbre suficiente para que eles possam me escutar se estiverem em silêncio. Se não me escutarem é porque estão conversando, então, eles têm que falar mais baixo para que minha mensagem possa chegar até eles.

No Colégio de Aplicação, tive turmas fantásticas e fiz grande amigos. Até hoje me encontro com uma turma do Colégio de Aplicação. O encontro é no último sábado de novembro. Essa turma tem vários alunos que tornaram professores na UFMG. Alguns muito conhecidos, como o Professor José Nagib, da Ciência da Computação, que foi candidato a Reitor, tendo assumido numerosos cargos importantes na UFMG.

Com a transformação do Colégio de Aplicação em Centro Pedagógico, a escola passou a oferecer apenas o ensino fundamental até a oitava série. Quando fomos para o Campus na Pampulha, a maioria dos professores que trabalhavam no Colégio de Aplicação foram para o Centro Pedagógico, enquanto outros foram para o Coltec. E alguns outros foram para os departamentos da UFMG.

Por exemplo, os professores de Física: como a escola de primeiro grau do Centro Pedagógico não tinha Física, eles foram para o Coltec. Os professores de Química e de Biologia também foram para o Coltec. Já os de Matemática, todos nós fomos para a escola de primeiro grau e alguns poucos, que não me lembro se por escolha ou não,

foram para o Coltec. Estes foram o Jed (José Eloisio Domingos), o Abdala Ganam, o Sérgio, eles foram para o Coltec. Talvez porque não tivesse lugar para todos na escola de primeiro grau. Eu e os professores Rogério, Paulo Roberto e a dona Aloys fomos para o Centro Pedagógico.

Quando o Centro Pedagógico foi criado, seu objetivo maior era ser um campo de estudo para os alunos da FAE (Faculdade de Educação), que estavam formando se formando em alguma disciplina e necessitavam aperfeiçoar sua didática. Os alunos da Matemática iam para o Centro Pedagógico. Eles faziam didática na Faculdade de Educação e iam para o estágio.

Já na Pampulha, os alunos do Centro Pedagógico, em princípio, eram filhos de professores e funcionários da escola e da UFMG.– Durante muitos e muitos anos, o Centro Pedagógico atendia basicamente a filhos de professores e funcionários da UFMG que, muitas vezes, não tinham com quem deixar os seus filhos. Estudava o filho do Reitor, mas também o filho do motorista. Somente anos mais tarde, quando eu era diretor do Centro Pedagógico, tivemos um problema com um filho de um professor da Faculdade de Educação Física. Ele atrasou no pedido e não conseguiu a vaga. Então, o citado professor entrou na Justiça para poder colocar o filho no Centro Pedagógico. O juiz, à época, determinou que uma escola pública não poderia ter reservas de vagas. Diante disso, nós tivemos duas opções: ou matriculávamos o aluno ou teríamos que anular toda a nossa seleção interna de alunos. Então esse aluno foi matriculado. A partir daí começaram a ser feitos exames de seleção externos para o ingresso ao Centro Pedagógico (CP)

Dessa forma, os candidatos passaram a ser submetidos a processo seletivo para ingresso no CP. A entrada no CP se dava no 1º ano do ensino fundamental e esses alunos iam até a 8º série. Depois eles iam direto para o Coltec, caso quisessem. Quando sobravam vagas de outros níveis, essas eram ofertadas para filhos de professores.

Houve uma época em que o CP tinha duas turmas de cada série, depois passou a ter três turmas de cada série. Três turmas de cada série eram aproximadamente 90 alunos que ocupavam quase todas as vagas do 1º ano do Coltec. Reclamações começaram a surgir acerca da falta de um processo seletivo para ingresso no Coltec. Essa insatisfação resultou na implantação de processo seletivo para todos, portanto, a passagem direto do CP para o Coltec não existe mais. E atualmente, a entrada no CP é por sorteio.

Na realidade, o Centro Pedagógico, na sua criação, incluía a escola de primeiro grau e o Colégio Técnico. Mas nós tínhamos um diretor do Centro Pedagógico da escola de primeiro grau e um diretor da escola de segundo grau, além de um diretor geral que supervisionava as duas unidades. E nós tivemos vários diretores gerais. Esses diretores no começo eram da FAE, sendo que Magda Soares³³⁷, Óder José dos Santos³³⁸, Luiz Pompeu³³⁹, foram alguns dos diretores gerais.

Como seria a entrada de um professor no Centro Pedagógico? Essa entrada era via concurso. Depois, junto com a professora Vanessa Guimarães³⁴⁰, que foi diretora da Faculdade de Educação e diretora geral do Centro Pedagógico e, mais tarde, Reitora, foi estabelecido que todo professor, ao entrar para o Centro Pedagógico, fizesse antes o exame de seleção no Departamento no qual que ele iria atuar. Por exemplo, o meu concurso foi no Departamento de Matemática. Os professores de Física no Departamento de Física, os de Química no Departamento de Química, e assim por diante. Os professores de Português faziam concurso na Faculdade de Letras (FALE).

Dessa forma, não sei precisar exatamente a partir de qual ano, mas muitos dos professores do CP se tornaram professores da carreira do magistério superior. No entanto, havia ainda uma concomitância de professores de primeiro e segundo graus, e aqueles da carreira de magistério superior como era no Colégio Pedro II no Rio.

³³⁷ A professora Magda Becker Soares inicialmente fazia parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia. Foi vice-diretora da professora Alaíde Lisboa no Colégio de Aplicação. Com a reforma Universitária foi para a Faculdade de Educação da UFMG. Também compôs a comissão de planejamento do Colégio Universitário. Possui ampla experiência com o ensino e defende a modernização dos métodos de ensino, priorizando a participação ativa dos alunos. Magda Soares é uma das fundadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG e autora de diversas publicações, inclusive livros didáticos de língua portuguesa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, da International Literacy Association e atuou nos comitês assessores do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC). É professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-873N48>; http://www.mcti.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/jIPU0I5RgRmq/content/magda-soares-e-primeira-educadora-a-receber-o-premio-almirante-alvaro-alberto . Último acesso em: 17 maio 2019.

³³⁸ Professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Oder José dos Santos é doutor em Ciências Sociais e pós – doutor pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres. Oder atuou em diferentes órgãos colegiados na universidade. Foi coordenador do curso de Pós Graduação em Educação da FAE/UFMG no período de 1977 a 1979. https://www.ufmg.br/noticias/no_09122003_emeritosoder.shtml Último acesso em: 20 maio 2019.

³³⁹

³⁴⁰ Vanessa Guimarães Pinto é licenciada em Pedagogia pela UFMG. Nos anos de 1970 começou sua trajetória como professora da Faculdade de Educação da UFMG. Foi diretora da Faculdade de Educação e do Centro Pedagógico da UFMG. Foi pró-reitora de graduação e a primeira reitora mulher da UFMG. Em 2005 recebeu o título de Professor Emérito da UFMG. Foi Secretária Adjunta da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais e Secretária de Estado de Educação. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/002765.shtml> último acesso em: 05 ago. 2019.

Principalmente no Colégio Técnico, cumpre ressaltar que alguns professores (por exemplo, professores de Técnicas Gerais e Laboratório- TGL eram professores de primeiro e segundo graus porque não havia uma carreira na Universidade que pudesse abrigá-los. No CP nós tínhamos curso de Datilografia, Mecanografia e Ciências Contábeis, então esses professores eram também professores da carreira de primeiro e segundo graus. Hoje a grande maioria dos professores do CP são de primeiro e segundo graus, já que quase todos os professores de terceiro grau já se aposentaram. Conforme mencionado anteriormente, os candidatos a professores faziam concursos para o Departamento da sua disciplina. Se vai dar aula de Matemática, no ICEX, de Ciências ou de Biologia, no ICB. O ICEX, na época, aglutinava as três ciências: o Departamento de Física, o Departamento de Matemática e o Departamento de Química. Mais tarde, o Departamento de Matemática dividiu-se em Departamento de Matemática e Ciência da Computação. Hoje, cada um tem um prédio próprio. Os professores que vieram do Colégio Universitário³⁴¹, do Colégio de Aplicação e alguns do Colégio Técnico tiveram que fazer concurso para permanecerem no cargo. Nós saímos de férias e quando voltamos nós estávamos inscritos ex-ofício para fazer o concurso, o qual foi realizado no ICEX. Isso foi em 1971 ou 1972. Depois fizemos concurso interno para professor assistente.

Para o concurso de professor assistente não havia número de vagas limitado. Por exemplo, se nós éramos cinco candidatos, cinco vagas seriam abertas. Por ocasião do concurso ex-ofício, um ou dois professores não compareceram para fazer o concurso, devido à exiguidade de tempo para se preparar para o mesmo. Tinha professor inscrito que ministrava 70 aulas por semana.

Eu entrei no lugar do professor Clemenceau, que também era professor de Matemática. Quando ingressamos na UFMG como professores, nós éramos celetistas. Nós tínhamos fundo de garantia. Após alguns anos como celetista, não me lembro exatamente como, se por decreto, passamos para a categoria de professores efetivos do serviço federal, fazendo jus ao recebimento do fundo de garantia.

³⁴¹ O Colégio Universitário na UFMG foi inaugurado em 02 de abril de 1965. Ele ofertava a terceira série do colegial. Considerado uma experiência pedagógica inovadora, permaneceu até 1970. Sua criação se deu na gestão do reitor Aluísio Pimenta, e foi resultado de uma reforma universitária. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bo11344/quarta.shtml>> . Último acesso em: 01 abr. 2019.

Os professores que atuavam nas séries iniciais no CP todos eram professores lotados nos diversos Departamentos da FAE. Mas elas eram professoras da carreira do terceiro grau, com todas as prerrogativas.

Vou falar de algumas professoras das séries iniciais do Centro Pedagógico. Por exemplo: Beth Antonini, Sheila, Mônica, Maria Helena Lima. Todas essas professoras da FAE eram professoras do terceiro grau de ensino superior. Quando eu entrei para o Colégio de Aplicação, ministrava 15 aulas e ganhava por 12. Porque o contrato era T12 e T24. Depois de um ano, a universidade mudou o seu regime de contrato, passando a oferecer T20 e T40. Eu, que tinha 15 aulas, fui para 40, em regime de T40. Mas a dedicação exclusiva era para pouquíssimos professores. Tinha incentivo 1, incentivo 2, incentivo 3, incentivo 4. Incentivo 4 era para quem tinha dedicação exclusiva e não podia “trabalhar em outro lugar.”

Em uma das greves, o Governo Federal contemplou o incentivo 4 (dedicação exclusiva) com um aumento da ordem de 50% do salário. Já que eram pouquíssimos professores com dedicação exclusiva, o incentivo foi para uma minoria. A partir daí, todo mundo começou a querer ser dedicação exclusiva, regime de trabalho preponderante na UFMG até os dias atuais.

Quando comecei a minha carreira e durante muitos anos, alternava meu trabalho de professor entre uma escola e outra. Com uma longa jornada de trabalho, eu começava as aulas às 7 horas da manhã, no colégio Santo Antônio. Após 2 aulas, eu me dirigia, de moto, para o CP, na Pampulha para iniciar as aulas lá às 9:10 horas. Isso tem 40 anos, 50 anos. Não tinha o trânsito existente na atualidade. Em cerca de 10 a 15 minutos, eu atravessava a Afonso Pena e Antônio Carlos, chegando ao CP, onde permanecia até as 17:30 horas após término da última aula. Mas o meu dia de trabalho ainda não acabara. E às 19:00 horas, eu iniciava minhas atividades como Diretor de uma escola estadual também em Belo Horizonte, onde permanecia até próximo das 23 horas. Esta foi minha vida profissional, conciliando aulas e outras atividades afins, mas felizmente meu trabalho foi muito gratificante e reconhecido por muitos ex-alunos. Não existe profissão mais nobre do que ensinar, porque esta missão quando bem cumprida é capaz de transformar a Sociedade.

Conforme mencionado acima eu, de fato, consegui conciliar meu trabalho de professor de Matemática em três escolas, uma no âmbito federal, outra no âmbito estadual e outra no âmbito privado. Tive três empregos na minha vida e consegui por

trabalho sério me aposentar nos três. Naquela época, dificilmente você conseguiria um colégio para trabalhar o dia todo. Você trabalhava em um de manhã e em outro à tarde, isso era normal. E à noite era para preparar aula, preparar exercícios, preparar as provas, fazer a prova escrita no *stencil*... Rodava no *stencil* à álcool, aquele cheiro de álcool era terrível e não deixou saudades...

No Colégio de Aplicação ninguém tinha dedicação exclusiva. Não existia dedicação exclusiva, à época. Provavelmente, a dona Alaíde tinha 40 horas, pois ela ficava de manhã, à tarde e, às vezes, à noite. Ela tinha o tempo dobrado. Todos os outros professores trabalhavam somente em um turno. Foi uma conquista quando a escola de primeiro grau do Centro Pedagógico e o Coltec conseguiram professores com tempo integral e, mais tarde, com dedicação exclusiva.

Quanto à minha carreira administrativa no CP, eu fui o segundo vice-diretor da professora Maria Leonor³⁴², quando esta foi diretora. Ela pediu demissão e eu continuei o mandato dela e depois fui eleito diretor. Então, eu me lembro que eu e muitos colegas lutamos incansavelmente para que o regime de trabalho de dedicação exclusiva se estendesse a todos os docentes do CP. Muitos dos nossos alunos, por serem filhos de professores e funcionários, permaneciam por muito tempo na escola, apesar do regime dos alunos não ser tempo integral. Na época não havia creche na universidade, o que exigia do CP um acolhimento especial para estas crianças. Devo registrar aqui a grande ajuda dada ao CP durante minha gestão como diretor do Centro Pedagógico, dos reitores professor Celso de Vasconcelos Pinheiro³⁴³, professor Marcelo de Vasconcelos Coelho³⁴⁴ (esse foi o que mais me ajudou), o professor José Henrique Santos³⁴⁵ e ainda a professora Vanessa Guimarães.

³⁴² Maria Leonor Vianna Ferrari foi admitida em agosto de 1965 como Orientadora Vocacional no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Maria Leonor é colaboradora da pesquisa.

³⁴³ Celso de Vasconcelos Pinheiro graduou-se em Arquitetura, se especializando logo depois em Urbanismo pela UFMG. Foi assessor de Planejamento Urbano do Conselho Municipal de Planejamento e Desenvolvimento de Belo Horizonte. Foi diretor executivo do Conselho de Graduação da UFMG e pró-reitor de Graduação. Em 1978 foi nomeado Reitor da UFMG. Também foi secretário de Planejamento e Coordenação Geral da prefeitura de Belo Horizonte. Faleceu em janeiro de 2008. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/007560.shtml> último acesso em: 05 de ago. 2019.

³⁴⁴ **Marcelo de Vasconcelos Coelho é paraibano**, nascido em João Pessoa. Formou-se em Medicina na Universidade Federal de Pernambuco. Foi professor na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco e na Escola Baiana de Medicina em 1955. Também lecionou na Faculdade de Filosofia da Universidade de Recife. Em 1959, lecionou na Faculdade de Odontologia da Universidade de Minas Gerais (UMG). No ano seguinte passou a lecionar na Faculdade de Medicina da UMG, onde também foi diretor. Foi médico do Ministério da Saúde, pesquisador do Laboratório de Leishmaniose e chefe do Centro de Pesquisas René Rachou do Instituto de Endemias Rurais. Ocupou o cargo da reitoria de 1969 a 1973. Faleceu em

O Centro Pedagógico era um órgão suplementar da FAE, mas esta não provia as nossas necessidades financeiras. Tínhamos alunos carentes e esses alunos tinham assegurados a merenda e o almoço no bandeirão da UFMG. Com uma contribuição anual recebida da Administração Central da UFMG resultante de nosso esforço, conseguíamos dar assistência aos alunos carentes com suas refeições no Centro Pedagógico.

Próximo do início do ano letivo, o aluno fazia a matrícula e, ao mesmo tempo, era solicitada uma pequena contribuição que poderia ser de 10, 20, 30 ou 40 reais, enfim uma quantia que era possível contribuir. Com essa quantia arrecadada e mais o dinheiro que os reitores destinavam ao CP conseguíamos manter o suporte aos alunos carentes.

Lembro-me de um fato curioso ocorrido durante a gestão do professor José Henrique. O filho dele era meu aluno no CP. Certo dia nós ficamos sem verba para pagar o bandeirão da universidade. Eu fui ao professor José Henrique para pedir uma verba destinada ao pagamento do bandeirão dos alunos carentes. No mesmo dia chegou também um pedido do diretor da Escola de Engenharia, de uma verba dez vezes maior do que a nossa solicitação. Tal verba seria destinada para a celebração dos 70 anos da Escola de Engenharia.

A verba foi liberada para a escola de Engenharia e não o foi para o CP. Eu fui ao professor José Henrique e, como um homem extremamente sensato, ele disse algo assim: “isso é um absurdo, deve ser liberada a verba primeiro para o CP, que é um décimo do valor da, paga-se o que eles devem e depois nós vamos fazer a festa.” Eu tive muita ajuda dos reitores da UFMG, porque alguns deles, como o professor Marcelo e o professor José Henrique, tinham filhos estudando no Centro Pedagógico. Então, para eles era também interessante que o CP oferecesse a seus alunos um ensino de altíssima qualidade.

Há alguns dias atrás, comemorou-se o aniversário do Colégio de Aplicação, 65 anos. O aniversário foi celebrado com uma festa no CP. Na ocasião, eu me encontrei com quatro professores que eram do Colégio de Aplicação na Rua Carangola. Foi lá que tudo começou. A dona Aloys é a professora mais antiga do Colégio de Aplicação. Ela

outubro de 2004. <http://agencia.fapesp.br/morre-ex-reitor-da-ufmg/2668/> . Último acesso em 05 ago. 2019.

³⁴⁵ **José Henrique Santos** Nascido é bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde também lecionou. Foi vice-reitor da UFMG no mandato do professor Celso de Vasconcelos Pinheiro, após o mandato foi nomeado reitor em 1982. Em 1992, tornou-se membro da Academia Mineira de Letras. <https://www.ufmg.br/80anos/reitores.html#17>. Último acesso em: 05 ago. 2019.

entrou em 1955, um ano depois da inauguração. Acho que esse encontro foi muito gratificante para a professora, os demais professores, os ex-alunos...

No Colégio de Aplicação eu vivenciei momentos fantásticos e muitas experiências felizes e frutíferas. O mesmo posso dizer do meu tempo no CP. Tive lá também alunos excepcionais e que deixaram saudade. Por exemplo, nesta festa me encontrei com a Leonor. A Raquel, sua filha, foi minha aluna, além do Marco Túlio, filho da dona Aloys, e da Flávia, filha da Eliane. Todos foram alunos excepcionais. Normalmente a gente lembra o nome dos bons alunos e dos “péssimos” alunos. Atualmente, no CP, o alunado pertence a diversas classes sociais. Um aluno das classes D ou E pode ser sorteado, bem como um pertencente à classe social A ou B. Então você tem uma classe completamente eclética, o que exige muito do professor. Transformar um aluno “fraco” em um aluno “potente” é, sem dúvida, um grande desafio, ao mesmo tempo algo de muita relevância social. Às vezes, uma experiência não muito boa para aquele que já é bom aluno, pois ele pode sentir que “você não está dando atenção para ele”. Mas o desafio do professor é transformar seu trabalho em uma boa aula e ter um bom resultado. Eu acho que nós tínhamos muito bons resultados no Colégio de Aplicação e no CP. Não sei hoje, porque tem 21 anos que eu me aposentei, e em 21 anos, muita coisa pode acontecer para o progresso ou mesmo retrocesso...

O CP foi feito para não ter nenhuma barreira física. Hoje ele é todo cercado. Recentemente Fui ao CP e o porteiro me perguntou: “o que você vai fazer?” Eu falei: “eu só trabalhei aqui 34 anos, fui diretor aqui 9 anos, será que eu posso entrar? Fui convidado para a festa...” Aí ele me deixou entrar.

Hoje é tudo cercado. Onde atualmente é o refeitório era a sala do Jony e da Míriam, professores de Artes. Se alguém descesse aquele mato atrás do refeitório chegaria à Faculdade de Letras. Hoje está todo gradeado. No passado, não havia grade, nós nunca conseguimos colocar uma grade, mesmo que a grade fosse de árvore.

Hoje existe um caminho para se entrar no C. P, fizeram até uma escada. Então as coisas vão mudando, não sei se para ficar mais fácil, ou porque é mais conveniente por alguma razão... Hoje é mais fácil você tomar conta de um menino de 6 ou de 7 anos, com uma grade. Mas há 40 anos atrás os meninos não desciam para lugares não permitidos, primeiro porque eles tinham medo e, segundo, por causa de punições. Tinha um inspetor de manhã e outro à tarde, Dirvan e Arminto. Eram dois sargentões, que

tomavam conta dos alunos. E nós éramos responsáveis pelos meninos uma vez nos deixados pelos pais.

Hoje existe uma grade em lugar outrora totalmente aberto... Nós vivemos presos nas nossas casas, cada vez mais colocamos grades nas janelas, nas varandas... Então, com o passar do tempo, o CP também foi mudando. Tínhamos uma cantina. Na cantina, os alunos “carentes” não pagavam. Eles tinham ficha para que pudessem ter acesso à merenda. E almoçavam no Restaurante Setorial com o carnê de carente. Os outros compravam a merenda, bem como os professores. Estes almoçavam na FAE, no Bandeirão ou na Reitoria. Quando era feita a renovação de matrícula em outubro, havia uma doação que era suficiente para a manutenção da merenda e do almoço dos alunos carentes quase o ano inteiro.

Os alunos íam frequentemente à FAE. Passear às vezes , jogar um *ping-pong*. E uma crítica que vinha do Coltec é que o aluno do Centro Pedagógico não saía daquele círculo. Quando ele chegava ao Coltec, ele estava livre para matar aula, para ir à Química jogar *ping-pong* e tudo mais... Então as coisas vão se fechando cada vez mais e gradativamente ficamos mais isolados. E não sei se isso é bom para o aluno. Mas era uma coisa fantástica, você pode ter certeza. Fatos que remontam a este passado só me trazem alegrias e uma doce saudade de tudo e de todos.

CLEMENCEAU CHIABI SALIBA – ANOS**Ex – professor de Matemática do CA: 1961 – 1972****Data da Entrevista: 04/06/2019**

Tomei conhecimento da participação do Clemenceau no Colégio de Aplicação por meio do livro de ponto de 1962 encontrado nos arquivos do Centro Pedagógico da UFMG em 2016, enquanto elaborava o projeto para ingressar no doutorado. Fiz uma lista com professores cujos nomes estavam no livro de ponto e procurei informações para futuro contato com eles.

Tentei encontrar o professor por meio da internet, especialmente pelas redes sociais. Embora tivesse localizado um de seus filhos, ele não respondeu as mensagens que lhe enviei. Como o professor foi muito citado nas entrevistas, não desisti. Procurei mais informações sobre o filho, que em maio de 2019, me enviou a resposta que me possibilitou o contato com o professor.

Clemenceau se prontificou a participar da pesquisa e marcamos um encontro na mesma semana. O professor me recebeu em sua casa para a entrevista. Antes de começar as perguntas, expliquei-lhe o trabalho e conversamos mais de uma hora sobre a educação em geral e sobre sua trajetória profissional.

Sua esposa, muito simpática, nos ofereceu um café e logo em seguida começamos a entrevista. O professor Clemenceau foi muito simpático e mostrou-se descontraído, tornando agradável aquele momento importante.

Sou produto da escola pública onde estudei e aprendi a trabalhar. Eu estudei no Grupo Escolar Caetano Azeredo³⁴⁶. Depois, fiz o exame de admissão para entrar no Colégio Estadual³⁴⁷. Me preparei no segundo semestre e fiz o exame de admissão nas férias. Entrei no Colégio Estadual, que na época era no Barro Preto, em um prédio lindo. No Estadual fiz o Ginásio e depois o Científico.

³⁴⁶ A Escola Estadual Professor Caetano Azeredo, inicialmente denominada Grupo Escolar Professor Caetano Azeredo, foi inaugurada em setembro de 1930. A escola está localizada na Rua Guajajaras, 1827, Barro Preto. Oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. <http://www.radaroficial.com.br/d/5102981733154816>. Último acesso em: 20 ago. 2019.

³⁴⁷ O Colégio Estadual, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, foi fundado em 1890 como Ginásio Mineiro e renomeado em 1943 como Colégio Estadual de Minas Gerais. Em 18 de março de 1956 teve sua nova sede inaugurada, com uma arquitetura de um dos mais ousados projetos de Oscar Niemayer. Foi uma escola de excelência e uma escola de elite nessa época. Situada à Rua Fernandes Tourinho, 1020, Lourdes. <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00261.pdf> Último acesso em: 22 mar. 2019.

Até o segundo ano do Científico tinha dúvidas sobre o que eu faria. Pensava em ser médico, porque tinha, em minha família, dois tios médicos do lado da minha mãe e dois tios médicos do lado do meu pai. Meu pai era farmacêutico e também tinha um tio farmacêutico. No ambiente em que vivi era natural eu ser médico. Fui estudando crente que seria médico.

Eu era o neto mais velho. Sou de família libanesa, e o primeiro neto homem era muito paparicado. Quando estava no segundo ano do Científico, minha avó passou mal e meu tio que era médico estava preocupado. Na época, não havia diagnóstico por imagem, não existia ultrassom e o raios-x não estava muito claro. Ele a levou para o Rio de Janeiro para um amigo médico ajudá-lo. Fizeram um diagnóstico e resolveram operá-la.

Abriram a barriga dela e costuraram tudo de volta. Eu presenciei quatro médicos e dois farmacêuticos vendo aquela velha sem poder fazer nada. Doparam-na para não sofrer. Esperando por sua morte. Morreu pele e osso. Eu vi o sofrimento deles. Meu tio me disse: “Você vai ser médico, vai passar por isso, se prepara”.

Eu sou muito afetivo, libanês é muito afetivo, abraça, beija. “Meu Deus do céu, é duro demais da conta”. Eu vi o sofrimento do meu pai, dos meus tios médicos. Não tinha nada a fazer por ela.

E eu, que estava na dúvida do que fazer, fui conversar com o Reitor do Colégio Estadual: “Estou em dúvida sobre o que fazer. Iria fazer Medicina, mas estou em dúvida se é isso mesmo que eu quero”. “Dúvida de quê? Você vai ser professor de Matemática aqui no Colégio”. “Professor por quê?”. “Você foi o único aluno que tirou dez com o professor Franz Roedel. Você tirou dez na segunda parcial e isso nunca aconteceu aqui”. “É mesmo, professor?”. “Pois é, você tirou dez com ele, agora está famoso no Colégio. Você vai fazer matemática e dar aula aqui”. É mesmo. E eu adorava o Colégio.

Terminei o Científico em 1952. Fiz o CPOR³⁴⁸ e fui fazer um estágio em Pouso Alegre, no Regimento de Artilharia de Pouso Alegre. A gente saía do CPOR como aspirante e, depois do estágio, saíamos como segundo tenente. O coronel comandante do regimento queria que eu fosse para a Academia Militar, pois para ele eu tinha completa vocação. Mas falei que o meu sonho era ser professor e queria terminar minha

³⁴⁸ Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) é a unidade de ensino do [Exército Brasileiro](https://www.eb.mil.br/web/ingresso/cpor-e-npor?inheritRedirect=true) responsável pela formação de grau médio, para formar o Aspirante-a-Oficial da Reserva de 2ª classe. <https://www.eb.mil.br/web/ingresso/cpor-e-npor?inheritRedirect=true>. Último acesso em: 20 ago. 2019.

formação para me dedicar ao magistério. Dediquei-me ao Magistério e me apresento como o professor que deu certo.

Depois que saí do Científico, tive esse intervalo por causa do CPOR. No dia do vestibular, houve manobras a que eu não podia faltar, então perdi o vestibular dois anos. Comecei a estudar de novo. Quando fiz o vestibular para Matemática, o meu pai ficou muito orgulhoso. Eu falei: “Eu quero ser professor do Colégio Estadual”. E ele disse: “Que coisa maravilhosa, meu filho, estou muito orgulhoso”. Ele ficou todo empolgado. Agora imagina que, 30 anos depois, minha filha falou que queria ser professora. Me deu um frio na barriga e quase chorei, mas me contive, a abracei e falei para ela que o magistério carece de bons profissionais e que se ela tivesse competência e responsabilidade profissional se daria muito bem. E realmente se deu muito bem no Magistério. Está completamente realizada.

Fiz três anos de Matemática na Católica³⁴⁹ e me formei em 1960. Depois, fiz um ano de Didática na Federal. O curso de Matemática que fiz na Católica tinha excelentes professores. No ano em que entrei, entraram comigo três engenheiros. Então nós éramos apenas quatro alunos. No decorrer do curso, ele foi ficando apertado e os engenheiros foram desistindo. A partir do segundo ano, eu fiquei sozinho no curso. Era o único aluno. Como eu era o único aluno e os professores eram muito bons, eu pensei: “Se eu for mal nas provas, eles vão perder o interesse em dar aula para mim. Como eu estou construindo o meu futuro, vou ter que ser muito bom aluno”.

Estudei demais durante o meu curso e os professores gostavam muito de mim. E consegui terminar o curso, no terceiro ano, com dez em todos os trabalhos de estágio, todas as provas. Me formei com a média dez no terceiro ano da faculdade. Eu tinha aula das sete ao meio-dia; a faculdade era na Praça da Liberdade³⁵⁰. Saía da faculdade e ia para casa no Santo Agostinho. Tinha uma hora, porque à tarde eu trabalhava no DER, Departamento de Estradas e Rodagem. Trabalhava no expediente de meio-dia as seis, mas, como eu estava na Universidade, tinha uma hora de tolerância; então, trabalhava

³⁴⁹ A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas foi idealizada por Dom Antônio dos Santos Cabral. Fundada em dezembro de 1958, oferecia cursos de formação para professores tendo como objetivo oferecer à juventude uma universidade comprometida com as pessoas humanitariamente, com os pobres e os direitos fundamentais dos cidadãos. Seu primeiro reitor foi o padre José Lourenço da Costa Aguiar. <https://www.pucminas.br>. Último acesso em: 08 maio 2019.

³⁵⁰ A Praça da Liberdade foi construída em 1903, projetada por Araújo Reis para compor a nova capital. Durante muitos anos abrigou a sede do poder mineiro, com o Palácio do Governo e as primeiras secretarias. Foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – Iepha-MG. <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/servico-turistico/espaco-para-evento/aberto/praca-da-liberdade> Último acesso em: 20 nov. 2018.

das 13 às 18 horas. Era um sacrifício. A partir do segundo ano de faculdade, eu comecei a dar aula.

Eu tinha aula de manhã, trabalhava à tarde e dava aula à noite. Tinha que estudar até a madrugada. Já virei noites estudando. Quando clareava, levantava, tomava café e ia para a aula. Eu consegui fazer todos os trabalhos com nota dez na faculdade, no curso de Matemática, todos os trabalhos e provas. Isso abriu as portas para mim. Fui convidado a dar aula no Colégio Estadual, que era um colégio excepcional. Um dos meus professores, Wagner Brandão, falou: “vou te convidar para o Estadual, você ainda não formou, mas, pelo que estou vendo aqui, você fecha todas as notas, é um ótimo aluno. Já falei com o Mário de Oliveira³⁵¹, e você vai pegar umas turminhas para começar. E vai ter concurso”, eu falei: “vou me preparar”.

O professor Nivaldo Reis, que também foi meu professor, falou: “eu estou aqui há muitos anos, quero parar, mas não tinha para quem entregar a minha cadeira, você tem toda condição de ficar com a cadeira de Analítica”. Eu fiquei muito orgulhoso. Outro professor, da Engenharia, também, conversou comigo. Moral da história, as portas se abriram pelo que fiz. Comecei a dar aula no Estadual; a primeira vez que eu dei aula foi em 1959. Fiquei lá de 1959 a 1963. Como eu ajudava muito no Estadual, estava muito disponível, o reitor me chamou para dirigir o primeiro anexo do Estadual, na Sagrada Família. Dirigi o anexo em 1963 e 1964.

Eu entrei para o Colégio de Aplicação em uma situação muito interessante. Fiz o Curso de Didática na Universidade Federal e a catedrática era a dona Alaíde Lisboa³⁵². A assistente era a Magda Soares³⁵³. A Magda era muito inteligente, muito esperta. A

³⁵¹ O professor Mário de Oliveira foi admitido em 1944 para a cadeira de Complementos Matemáticos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich. Foi Reitor do Colégio Estadual de Minas Gerais. Na década de 1960, criou um dos primeiros cursos pré-vestibulares da cidade de Belo Horizonte. Também foi um dos idealizadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, Fafi-BH e fundador da Escola de Engenharia Kennedy. Autor de livros na área de Matemática (OLIVEIRA, 1998).

³⁵² Alaíde Lisboa de Oliveira foi uma importante escritora e educadora. Foi a primeira vereadora de Belo Horizonte, entre 1949 e 1952. Publicou vários livros, entre eles, *A Bonequinha Preta*, que se tornou um clássico da literatura infantil brasileira. Ela foi diretora do Colégio de Aplicação entre 1957 e 1971. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Faleceu em 2007 em Belo Horizonte com 103 anos. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>. Último acesso em: 19 maio 2019.

³⁵³ A professora Magda Becker Soares inicialmente fazia parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia. Foi vice-diretora da professora Alaíde Lisboa no Colégio de Aplicação. Com a reforma Universitária foi para a Faculdade de Educação da UFMG. Também compôs a comissão de planejamento do Colégio Universitário. Tem ampla experiência com o ensino e defende a modernização dos métodos de ensino, priorizando a participação ativa dos alunos. Magda Soares é uma das fundadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG e autora de diversas publicações,

dona Alaíde era uma gracinha, era uma pessoa muito humana, muito boazinha, eu adorava a dona Alaíde.

Eu fiz o Curso de Didática em 1961. Durante o curso, havia um dia na semana em que um aluno de cada curso dava uma aula. Em uma semana um dava aula de História, na outra semana, um dava aula de Biologia e assim por diante. O Morandi³⁵⁴ falou comigo: “você vai dar aula semana que vem na aula de Didática Geral”. Havia 200 alunos na sala. Porque nós tínhamos didática de cada matéria. Na Didática de Matemática, éramos eu e meus colegas com o Morandi. A Didática Geral era com a dona Alaíde. Então, eu fui dar aula com a dona Alaíde, que era a diretora do Colégio de Aplicação e a Magda Soares, que era assistente dela, no mês de agosto ou setembro, em 1961.

Dei a aula, 50 minutos, com muito desembaraço. Quando terminou a aula, a dona Alaíde chegou para mim, e falou assim: "Magda, você tem que pegar esse menino para o colégio amanhã". Então, falou comigo: "Você vai ao Colégio amanhã que eu quero conversar com você". No dia seguinte, eu fui ao Colégio e ela falou: "Você vai dar aula aqui de todo jeito". Eu fiquei muito honrado. Eles haviam aberto um cursinho da faculdade e me chamaram para dar aula nesse cursinho. Eu dei aula no cursinho até no fim do ano de 1961 e no ano seguinte comecei a dar aula no Colégio de Aplicação, que era um Senhor Colégio.

Entreí para o Colégio de Aplicação em 1962 como professor contratado. Comecei com o primeiro ano do Clássico e o primeiro ano do Científico. Eu trabalhava mais com o Científico. Se não me engano, em 1964, veio um decreto que efetivou o pessoal que estivesse trabalhando sem o concurso; então, fui efetivado no Colégio de Aplicação.

inclusive livros didáticos de língua portuguesa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, da International Literacy Association e atuou nos comitês assessores do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC). É professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-873N48>; http://www.mcti.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/jIPU0I5RgRmq/content/magda-soares-e-primeira-educadora-a-receber-o-premio-almirante-alvaro-alberto . Último acesso em: 17 maio 2019.

³⁵⁴ Henrique Morandi foi catedrático de Matemática do Colégio Municipal de Belo Horizonte e professor de Didática Especial de Matemática da UFMG. Também foi professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG, tendo lecionado a disciplina Prática de Ensino de Matemática. Autor de livros didáticos, faleceu em abril de 2010.

Fiquei até 1972, e tive que me afastar da Universidade. Tive que pedir demissão, porque já estava no Pitágoras³⁵⁵ e fui dirigir um colégio no Amazonas. Não tinha condições de ficar lá e aqui. Dei preferência a minha carreira na área particular, que era no Pitágoras. Eu já era diretor, superintendente. Mas eu adorava dar aula no Colégio de Aplicação e também no Estadual.

O Colégio de Aplicação funcionava no bairro Santo Antônio, na Rua Carangola. Era um prédio antigo, mas arrumadinho, bem conservado e os professores eram de alto padrão. Tinha excelentes professores. Os alunos também eram muito bons. A escola era muito bem dirigida e era realmente um privilégio dar aula no Colégio. Eu gostava demais!

Os alunos do terceiro ano entravam direto nos vestibulares nas melhores universidades. Não faziam cursinho, eles entravam direto. Eles saíam muito preparados. Um colégio bom dá condições para o aluno ter o privilégio de escolher onde quer estudar.

Então, quando o aluno está em um bom colégio ele tem condições. No Colégio de Aplicação o que acontecia? Os alunos eram muito dedicados, os professores eram muito bons e a gente exigia e cobrava dos alunos. Me lembro que no primeiro dia de aula falei para a turma: "Esse ano eu serei o professor então vamos combinar algumas regras, se vocês estiverem de acordo, é lei, se não estiverem, nem discuto".

Falei: "Primeira coisa, faço questão de assiduidade, se vocês estiverem de acordo, vou explicar como. A aula começa às 7 horas da manhã e eu estarei aqui pontualmente para começar a aula às 7. Tem um intervalo na hora do recreio, então, quando der o sinal para terminar o recreio, estarei na sala esperando vocês. Não quero ninguém demorando 10 minutos para entrar em sala, vocês estão de acordo? Porque se demorar mais de 5 minutos vai ter briga, e eu vou punir. Porque se não for assim, dará o sinal do recreio e eu vou ficar 15 minutos tomando cafezinho, batendo mais um papo e vocês vão ter meia aula. Está tudo combinado?"

Agora outra regra: "Vou mandar fazer exercícios para casa todos os dias, no dia seguinte a primeira coisa que farei é ver os exercícios. Todas as dúvidas serão esclarecidas. Você pode fazer o exercício todo errado, não tem problema, nós vamos

³⁵⁵ O Pitágoras iniciou suas atividades na década de 1960 com o curso Pré-Vestibular Pitágoras. Em 1970, foi inaugurado o primeiro colégio em Minas Gerais com uma unidade de Ensino Básico, o Colégio Pitágoras Cidade Jardim. Em 1979, foram inaugurados Colégios Pitágoras em diversos países do mundo: Iraque, Maurítânia, Congo, Equador e Angola. <http://www.colegiospitagoras.com.br/Institucional>. Último acesso em: 20 ago. 2019.

escolher e tirar essa dúvida. Agora, se você não fizer o exercício, vou te dar um prêmio. Vou te dar zero na caderneta e você vai ter que tirar dez no fim do mês para ficar com a média cinco, não estou brincando, está valendo".

"Professor, é assim?" Eu falei: "Vai ser assim". Dei a aula e mandei exercícios para casa. Dois dias depois, cheguei e disse: "Coloquem o caderno com os exercícios em cima da mesa". Três alunos não fizeram, eu falei: "zero, zero, zero". "Ah, professor...". "zero, zero e zero. Da próxima vez será a mesma coisa. Todos os dias irei conferir. Não fez, é zero, e não tem explicação, a regra foi combinada e vocês toparam, então, está valendo". Nunca mais ninguém deixou de fazer os exercícios.

A partir da primeira série do Ginásio, os alunos aprendiam Português, Inglês, Francês, Latim, Matemática, Ciências, Geografia, História, Educação Física e Educação Artística.

Em Matemática, no primeiro ano do Ginásio, começava com a noção de conjuntos, entrava com a parte de álgebra, muito leve, e depois, no segundo ano entrava com a parte de operações algébricas, polinômios e fatoração, equação do primeiro grau. No terceiro ano, já entrava a geometria plana; no quarto ano, terminava a geometria plana e fazia equações do segundo grau.

No primeiro ano do Científico, dava logaritmos, progressão aritmética, progressão geométrica, somatória e trigonometria. No segundo ano, era a parte de geometria sólida, álgebra, que tinha equações lineares, matrizes e determinantes. E no terceiro ano, se dava funções, limites e derivadas, números complexos, máximos e mínimos e uma noção de geometria analítica.

O que os alunos aprendiam no Colégio de Aplicação hoje estão dando no quarto período de Engenharia. Um aluno do quarto período de Engenharia, hoje, sabe o que o aluno do terceiro ano do Colégio de Aplicação sabia.

Eu escrevi um livro com exercícios com alto grau de dificuldade, mas os meninos eram feras, a gente podia apertar que eles respondiam. O Mário de Oliveira escreveu diversos livros que a gente usava. Eu escrevi uma parte do livro do primeiro ano do Científico e também exercícios de limites. Escrevi também um livro sobre números complexos. No Científico, usávamos um livro de quatro autores de São Paulo, não lembro o nome dele. No Ginásio era o livro do Osvaldo Sangiorgi.

A metodologia era a seguinte: no primeiro momento da aula, verificar o para casa que tinha sido dado e esclarecer as dúvidas. Para essa primeira parte, gasta-se em

torno de 10 a 15 minutos. Tem que fazer isso, porque, senão, a dúvida acumulada é dúvida aumentada. No planejamento da aula, tem que pensar: "Quais são os pré-requisitos necessários para poder apresentar esse assunto?" Vamos supor que a aula fosse de relações métricas do triângulo retângulo. Se o menino não está lembrado ou não sabe o que é cateto, hipotenusa, e eu ficar falando triângulo retângulo, ficarei falando grego para o menino. Então, tem que saber os pré-requisitos necessários para a aula.

Para que o aluno tenha condições de acompanhar a aula, apresentamos o que é necessário para aquela aula em torno de 5 minutos. Esclarecido aquilo, introduzimos o conteúdo em pequenas doses. Não vai querer dar todo o curso de álgebra em uma aula de 50 minutos. Então, entramos com aquilo que queremos que o aluno aprenda naquele momento. Terminada essa parte, o que fazer? Vamos dando pequenos exemplos em grau de dificuldade crescente sobre o tema apresentado.

Esse é o professor que faz um aluno acompanhar. Ele pergunta e interage o que pode fazer. Terminada essa apresentação, damos atividade autônoma para o aluno. Damos uma série de exercícios em grau de dificuldade crescente para os alunos resolverem. Pega o primeiro exercício e verifica se há alguma dificuldade. O primeiro exercício, que é muito fácil, você dá de propósito para todo mundo acertar.

O estímulo é uma resposta. Quando falavam que é um absurdo o que eu fazia, eu falava: "Eu uso condicionamento operante". Você estimula, o "cara" acerta e quer acertar de novo. É igual ao joguinho de criança: "Menino, para de jogar". Ninguém nunca falou: "Menino, você tem que jogar". Ninguém nunca falou. Sempre falam: "Para de jogar". Por quê? Porque ele vai fazer o menino acertar e tomar gosto e queremos acertar de novo, é estímulo-resposta.

Na Matemática é a mesma coisa. Dou um exercício, o aluno acerta e fica feliz. Dou outro exercício um pouquinho mais difícil, ele acerta. Dou outro um pouquinho mais difícil, mais complicado, e eles ficam entusiasmados. Agora, se você der logo de cara um difícil e ele erra ou não sabe, pensa: "Eu sou burro mesmo". Então o que você faz? Você estimula. A melhorar o quê? A autoestima dele.

Terminada essa etapa em que você vê que ele está indo bem, chegará um ponto que ele vai ter dificuldades. Você está dando exercícios até um grau que os alunos conseguem acertar, acertar, acertar. A partir de agora, entrava com atividade autônoma.

Dava exercícios para fazer em casa. Os exercícios do 17 até o 50 e depois de amanhã eu vou ver os cadernos. Mas não tinha conversa, eles não faziam apenas dois exercícios.

Às vezes, a pessoa fala comigo assim: "Eu sou Educadora". "Não. Você é ensinador, educador é o pai e a mãe". Mas eu pergunto: o que é uma pessoa educada? Não é uma pessoa que tem bons modos, é uma pessoa que tem firmeza, é segura, capaz de tomar decisão, que não fica tendo dor de barriga em frente a um problema, que tem competência para enfrentar problemas, isso é uma pessoa educada. Como é que você vai criar essa pessoa na escola massacrando o aluno para ele achar que é um fracassado? Não adianta fazer isso, o aluno tem que saber que a escola dá a ele o direito de provar o doce sabor do sucesso, que é uma delícia, o sucesso é gostoso demais. Então, o que você faz com o aluno? Você faz tudo para que ele aprenda. Se ele aprende, passa a ter confiança nele. Vai fazer uma prova e não vai ficar tremendo. Ele faz a prova e dá certo. Você tem competência e vai fazer a prova e vai se sair bem. Qual é a dúvida que vocês têm para fazer a prova? Tira a dúvida toda e vai lá e faz a prova.

Quando você vai mal na escola e vai à casa de um colega, quando vai embora a mãe dele fala assim: "Você tem que andar com bons alunos, esse colega que trouxe aqui é malandro". A mãe fica doida para você ir embora. Mas, quando você é bom aluno e vai visitar um colega, a mãe fala: "Tá vendo que menino bom, isso que é exemplo para você". Porque você é bom, o professor te trata bem, seus colegas te admiram.

"Então, você tem que ser bom e estou aqui para te ajudar. Não quero que seja ruim, não vou deixar". Assim você estimula o menino a ter vontade para chegar lá. Educar é isso. É dar o direito dele ter sucesso. De vez em quando vai fracassar, tomar bomba, mas faz parte do jogo. Quantas vezes eu dei bomba com a consciência tranquila!

A relação com os alunos do Aplicação era de muito respeito e amizade. Eu falava com a turma o seguinte: "A convivência tem que seguir o RAC. Sem RAC não tem nada gostoso". RAC significa respeito, apoio e confiança, mutuamente compartilhados. Se o aluno respeita, eu respeito o aluno; se eu apoio o aluno, ele me apoia, e se existe confiança recíproca, seria um ambiente maravilhoso. Me dava muito bem com os meninos. Eu era muito bravo, exigia muito. Eles tinham que estudar mesmo. Se não estudar, não vou deixar você passar. "Aqui, estuda ou não passa. A opção é sua".

Os alunos achavam que eu era um bom professor, só que exigia muito. Mas, era uma cultura, eu vinha do Estadual, onde era uma cultura de muita reprovação. Era um

defeito, acho que hoje vejo como um defeito que eu tinha. Eu poderia ter sido menos exigente.

No Colégio de Aplicação, nós tínhamos o diário de classe. A presença era condição minha, tinha que ter 75%. Não havia conselho de classe naquela época. O conselho de classe surgiu depois dos anos 70. O que tínhamos era uma reunião muito informal na sala dos professores. Nós conversávamos de um aluno ou outro, mas não havia nada formal. Cada um terminava o ano e dava o resultado. O resultado era entregue à secretaria e a secretária passava as notas no livro. Acho que a média era 5.

Vou contar um exemplo que acho que me marcou. O vestibular para Medicina era difícilimo, aliás, até hoje é muito difícil. Um aluno do Colégio de Aplicação ficou para a recuperação em Química no terceiro ano e fez vestibular para Medicina na Federal e passou. Foi fazer a segunda época de Química e o professor deu bomba no menino.

Ele falou assim: "O menino não estudou direito e eu dei bomba nele". Eu falei: "Você possivelmente tentou Medicina, não conseguiu e virou professor de Química". Ele falou: "Como é que você sabe?". "Pela atitude que você teve". "Mas o que você achou?". "Eu achei o seguinte: se eu fosse o aluno, te esperava na porta e te dava um murro na cara bem dado porque o que você fez é uma sacanagem. Professor, fazer isso com o menino, ele passou no vestibular, ele provou que sabe, agora você vem mostrar que é gostosão e o reprova. Você devia apanhar desse cara". Foi muita sacanagem. O menino passou em Medicina na Federal. "Você deve ser frustrado, você tentou Medicina e não passou e virou professor agora vai ferrar um "cara" desse?".

A média era cinco. Mas para tirar cinco tinha que ser bom. Não tinha nota de participação. A nota era de prova, fez ou não fez, zero e acabou. Eu dava muita arguição valendo nota. Colocava o menino no quadro e pedia para resolver um problema para mim, nesse caso avaliava como ele resolvia o problema. "Faz esse limite, faz essa equação aqui para mim".

Eu falava com a turma o seguinte: "Eu dou prova no dia e na hora que eu quiser". Um dia cheguei para dar prova às 7 horas da manhã e não tinha avisado a turma. "Bom dia, pessoal". "Bom dia". "Hoje tem prova". "Que isso, professor"? Eu falei: "Guarda os cadernos e coloca um papel em cima da mesa que teremos prova". "Mas professor...". "Vocês estão perdendo tempo, o tempo está correndo, não adianta chorar". "Mas você não avisou". "Eu não sou obrigado avisar. Quero ver se vocês estão

estudando ou se ficam “malandrando”, se aviso vocês correm para estudar no dia da prova. Comigo avalio a hora que quero, então hoje tem prova”.

Fui ao quadro e coloquei três exercícios. Eles não conseguiriam mexer. Quando acabei de passar os exercícios metade da turma levantou para entregar a prova, eu falei "Todo mundo sentado. Ninguém vai sair da cadeira. Vocês tem que ter persistência". Eu olhava para eles e estavam vermelhos e xingando. Eles olhavam para mim com aquela cara de raiva. Eu disse para a turma: "Faltam 10 minutos". "Espera, professor". "Faltam 5 minutos". "Espera, professor"

Os melhores alunos não faziam nada. Todo mundo ia tirar zero. Eles estavam com muita raiva. Deu o sinal e eu falei: "Ninguém sai. Todo mundo levanta e coloca a prova aqui nesse canto da mesa e volta para a carteira". Todos levantaram e colocaram a prova em cima da mesa e olhavam para mim com uma cara de ódio. Peguei o diário. “Que dia que é hoje?”. "Hoje é dia primeiro de abril". Peguei a prova e joguei na lata de lixo. “Hoje é primeiro de abril”.

As provas eram manuscritas no quadro. Naquela época, não tinha muito recurso. Era muito tradicional, quadro negro e giz. Quando eu falava em prova, todo mundo ficava nervoso. Mas não os apavorava. Nas arguições orais, eu chamava o aluno e falava: "Hoje você vai resolver isso aqui no quadro para mim, e está valendo nota. Vem cá, pois dará um show. Como é que faz isso?". Se o aluno estivesse nervoso, eu dava um apoio. Fazia de tudo para ele sair feliz dali. Mas em todas as avaliações eles ficavam nervosos. Avaliação é uma covardia. Me lembro quando fazia prova na universidade. Eu estudava muito, virava a noite estudando e era aquele sofrimento para poder fazer uma boa prova. Fui um ótimo aluno no colégio, virei professor por causa disso.

A média no colégio era cinco, mas o aluno tinha que estar lá para tirar os cinco. Outra coisa: tomava bomba em Espanhol, em Latim, em Geografia, não era só Matemática e Português que dava bomba. Se não estudasse, podia ser reprovado em qualquer matéria. Fazia de tudo para o menino ter sucesso, mas não conseguimos 100% de êxito.

Agora, se o aluno tinha base para trabalhar, verificava se ele aprendia, orientava, explicava, ajudava. A nossa geração tinha a preocupação em fazer o menino aprender e nós sabíamos como fazer isso, a gente fazia com o coração. Uma vez eu falei: "Se não tiver verba (nós estávamos no mês de setembro), eu dou aula até o fim do ano de graça, sem problemas, de tanto que eu gosto daqui”.

Naquela época, não tínhamos muitos recursos, mas não éramos muito exigentes. Na realidade, usávamos o que tínhamos. Tecnologia era quadro negro e giz. Quando começou o cursinho, tínhamos a apostila, mas no colégio era o livro didático, giz e quadro negro, não tinha muita coisa. Fazia a geometria usando barbante para amarrar o giz e fazer o círculo. Era a tecnologia mais simples possível. Usava o esquadro, o compasso. Eu fazia um quadro caprichado com a letra bonitinha, tudo certinho. Dividia o quadro em 4 pedaços. Era arrumadinho. Meu quadro realmente era muito bem feito.

O Morandi falava para mim: "O melhor quadro de Belo Horizonte é o seu". Eu não via dificuldade para trabalhar. Saía de casa para trabalhar alegre. Me lembro quando Juscelino foi presidente. Ele era sorridente, feliz, transmitia felicidade para o povo.

No Colégio de Aplicação dei aulas na quinta série, na sexta série, na oitava série do Ginásio e no primeiro, segundo e terceiro ano do Científico. Mas, como tinha mais experiência com o Científico, preferiram que eu pegasse as turmas que fariam vestibular. O colégio tinha uma ótima disciplina, não tínhamos problemas de disciplina.

O Dirceu³⁵⁶ tomava conta dos meninos, mas não era um disciplinário, era um "meio de campo". Ele ficava entre a diretora e os professores. Ele tinha um nível muito bom inclusive. Ele cuidava da disciplina, olhava a entrada e saída dos meninos.

Me lembro que no Colégio Universitário³⁵⁷ tínhamos uns 800 alunos e não tivemos durante um ano nenhum caso de indisciplina. Tinha porteiro, porque, se não, entravam e pegavam um microscópio, colocavam debaixo do braço e iam embora; tinha que ter portaria. Nós criamos uma mentalidade de universitário sério dentro daquele colégio. Foi uma pena ter acabado o colégio.

O Colégio de Aplicação tinha uma sala de professores com a mesa com as cadeirinhas, um sofazinho para a gente sentar. Como o colégio, era uma salinha muito agradável.. Eu falava que era o muro das lamentações, mas não tinha muita lamentação. No início dos anos 1960, o salário era bom. O salário era muito alto. O professor catedrático do Colégio Estadual ganhava igual a um desembargador.

³⁵⁶ Dirceu Braz Fonseca foi admitido em agosto de 1958, para o cargo de Instrutor de Ensino Superior no curso de Didática Geral da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Fonte: Dados estatísticos: funcionários e professores da FAFI. Arquivo da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Fafich.

³⁵⁷ O Colégio Universitário na UFMG foi inaugurado em 02 de abril de 1965. Ele ofertava a terceira série do colegial. Considerado uma experiência pedagógica inovadora, permaneceu até 1970. Sua criação se deu na gestão do reitor Aluísio Pimenta, e foi resultado de uma reforma universitária. <https://www.ufmg.br/boletim/bol1344/quarta.shtml> . Último acesso em: 01 abr. 2019.

Isso ocorria porque havia 12 professores catedráticos no Estadual e uns 15 no Instituto de Educação. Me lembro que vi no, início dos anos 1960, quando publicaram a tabela de vencimento do Estado, na primeira linha estavam o desembargador e o catedrático. O catedrático do Instituto de Educação também ganhava igual ao desembargador. Éramos muito respeitados, muito competentes, mas éramos poucos. Hoje um desembargador ganha 60.000 reais e um professor no Estado ganha 4000 reais, então ficou muito defasado.

Por que o professor hoje ganha mal? Porque tem muitos. Esse é o problema. Quando universalizaram o ensino, foi um mérito, não deixa de ser, a partir dos anos finais de 1970. A constituição de 1988 universalizou o Ensino Fundamental no Brasil inteiro. Com a expansão do ensino, foi necessário criar muitas escolas e admitir muitos professores e como o governo não tinha recursos ou não contingenciou recursos para isso, não alocou recursos para o pagamento, foram obrigados com o mesmo dinheiro atender o dobro, o triplo, o quádruplo do que já era então. O jeito foi segurar o reajuste. Como não tinham como pagar tanta gente, então congelou o salário dos professores por 10 anos.

Desde então, acompanhei a evolução da tabela salarial e em dez anos não aconteceu nada. Teve redução de 5%, 10%, o que aconteceu? O prestígio da profissão está ligado à remuneração do profissional. À medida que se aumenta o número de profissionais e o dinheiro não muda, vai ter que começar a pagar menos a cada um.

Então, quando os bons alunos queriam ser professores, naquela época, justificava-se, porque o magistério tinha prestígio, era respeitado e ganhava-se bem. Com o passar dos tempos, o salário foi diminuindo e o prestígio da profissão está em função do salário.

Para ter uma ideia, o estado de Minas Gerais tem 400.000 funcionários, dos quais 320.000 são professores do quadro de Secretaria de Educação e desses 320.000, 17% estão de licença para tratamento de saúde, que dá mais ou menos mais de 50.000 professores que são substituídos. São contratos substitutos e vários, também, estão de licença, e contratam outro substituto. É um negócio muito doido o sistema do Estado. E como é gente demais para pagar, não tem recursos.

Quando estava no Colégio de Aplicação, também dava aulas na Escola de Engenharia à noite. O reitor doutor Aluísio Pimenta³⁵⁸ queria criar um Colégio Universitário. Antigamente as escolas tinham o seu catedrático, cada escola tinha o seu. Por exemplo, o catedrático de Cálculo era o professor Dantas, da Engenharia. Tinha um professor catedrático na escola de Ciências Econômicas, um professor catedrático de cálculo na Arquitetura. O mesmo ocorria na Biologia, na Veterinária, na Odontologia, então, cada escola tinha o seu catedrático.

Então, o Aluísio Pimenta queria muito criar os Institutos Centrais na UFMG, mas tinha muita resistência. O que ele fez? Ele criou o Colégio Universitário nesse modelo. O Colégio Universitário tinha três departamentos, CIEX, Ciências Exatas, que eu dirigi, indicado pela Engenharia; CIBI, que era Ciência Biológica, dirigida pelo Hécio Werneck³⁵⁹, que era da Medicina, e CIS, que é Ciência Social, dirigido pela Magda, da Faculdade de Filosofia.

Esse colégio foi um sucesso, completamente diferente do padrão de Belo Horizonte. Apesar de ter o Estadual, que era excelente, o Aplicação que era excelente. Também tinha os ótimos colégios privados, como o Loyola³⁶⁰, o Dom Silvério³⁶¹, o Santo Antônio³⁶², eram colégios muito bons. Mas o Colégio Universitário chegou a tal ponto que as pessoas diziam assim: “quantas vagas tem na Federal? Se tem 3.500, tem

³⁵⁸ O professor Aluísio Pimenta foi reitor mais jovem da UFMG de 1964 a 1967. Farmacêutico, educador e político, Aluísio Pimenta promoveu diversas reformas na universidade e criou o Colégio Universitário em 1965. Deixou a UFMG, em 1968, após ser cassado pelo AI-5, durante a ditadura militar. Desde então, passou por centros universitários de renome na América Latina, América do Norte, Europa e Extremo Oriente. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/043347.shtml>. Último acesso: 20 ago. 2019.

³⁵⁹ Hécio José Lins Werneck era professor emérito da Faculdade Medicina de Rio Preto. Foi o responsável pela instalação e estruturação do Departamento de Anatomia Humana da Famerp. Em homenagem à sua dedicação acadêmica, o Laboratório de Pesquisas em Virologia da Famerp recebeu o seu nome. É doutor em Anatomia Humana pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde trabalhou como professor até 1967. Faleceu em 2010. http://www.diariodaregiao.com.br/index.php?id=/cidades/materia.php&cd_matia=1008891. Último acesso: 21 ago. 2019.

³⁶⁰ O colégio católico Loyola foi criado na cidade de Belo Horizonte, em 1943. No início eram apenas 33 alunos. Era uma escola para meninos. Em 1967, chegaram as primeiras meninas, vindas da Companhia de Maria. Atualmente, o Colégio conta com cerca de 2500 alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Disponível em: <http://www.loyola.g12.br/>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

³⁶¹ Colégio Marista Dom Silvério, localizado no bairro São Pedro em Belo Horizonte. Faz parte da rede privada de ensino. Fundado em março de 1950 é mantido pelos Irmãos Maristas. Oferece da Educação Infantil ao Ensino Médio. <https://marista.edu.br/domsilverio/>. Último acesso em: 12 jun. 2019.

³⁶² O Colégio Santo Antônio foi fundado em 1909, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais. É uma instituição educacional franciscana, que procura orientar sua ação pedagógica à maneira de São Francisco de Assis. Em 1949 transferiu alguns cursos para Belo Horizonte. Atualmente, está localizada no bairro Funcionários, onde oferece o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio. Disponível em: <http://www.colegiosantoantonio.com.br>. Último acesso em: 07 jun. 2019.

que tirar as 800 vagas do Colégio Universitário e as vagas são as que sobrarem”. Pois todos os alunos passavam direto na UFMG.

Naquela ocasião eu não entendia nada de qualidade total, de gerência por objetivos, eu era professor de Matemática. Isso eu aprendi depois quando virei diretor. Mas, logo no primeiro dia, tivemos uma reunião com nossa equipe de Matemática. O professor Aluísio deu carta branca para escolher quem eu quisesse na Universidade.

Eu tinha dois PHD na minha equipe, Roberto Mendes³⁶³, e o José Pedro³⁶⁴. Eles eram PhDs formados nos Estados Unidos. Eram da minha equipe de Matemática. Eles eram “feras³⁶⁵”. Nós tínhamos uma equipe muito boa. Na primeira reunião, convidei os catedráticos de Cálculo, de Analítica, de Física; eu falei com a turma o seguinte: “senhores, nós estamos muito honrados com a presença de vocês aqui no colégio, mas o objetivo da reunião é o seguinte: qual é o perfil de alunos que vocês querem receber na universidade no ano que vem? Nosso objetivo é esse, atender as suas expectativas, então, nós precisamos saber o que vocês gostariam de receber, que tipo de alunos vocês gostariam de receber”.

Eles começaram a falar e fomos anotando tudo. Acabou a reunião, duas horas depois, eu falei para a turma: “Já sabemos o que vamos fazer, então, nós vamos fazer”. Eu dava, por exemplo, derivadas. Todos os alunos do CIEX assistiam a uma aula magna onde mostrava derivadas como inclinação da tangente e depois como taxa de variação.. Acabei com aquele negócio de “decoreba”, fazia uma aula mais moderna, atualizada. Todos os alunos do curso de Exatas assistiam essa aula durante uma hora; terminado aquilo, eles iam para grupos de seis alunos. As salas tinham, em média, trinta alunos.

Havia um monitor com os exercícios para estudar aquele assunto, mais quatro horas em cima daquele assunto, eles saiam sabendo tudo sobre derivadas. E esse esquema funcionou na Física, na Química, na Biologia. Foi um sucesso. É um pouco da história do Colégio Universitário.

Em 1965, para ser diretor no Colégio Universitário deveria ter tempo integral, dedicação exclusiva, e o salário não estava atraente. Então, eu não quis continuar na direção do CIEX. Voltei para o Colégio de Aplicação até pedir demissão, em 1984, se não me engano.

³⁶³

³⁶⁴

³⁶⁵ Ele usa o termo “feras” para dizer que os professores eram muito bons no que faziam.

Belo Horizonte tinha colégios de excelência, dentre os quais se destacavam o Aplicação e o Estadual. Me lembro que os alunos eram no mesmo nível, excepcionais. Eu até brincava: “se não tiver verba para pagar a gente eu dou aula de graça até o fim do ano, pois eu adoro esses meninos”. E os meninos também me adoravam. Eu era um professor muito querido, muito carismático, exigia muito dos alunos, mas era amigo de todos eles.

Lembro que, uma vez, no Colégio Estadual, tinha aula sábado à tarde, sábado era até 6 horas da tarde, quando o chefe da disciplina interrompeu minha aula logo depois do recreio: "Professor, o reitor quer falar com o senhor agora", Eu falei: "Mas eu estou no meio da aula, não pode esperar no final?". "Não. Quer falar com o senhor agora". Falei aos alunos: "Eu vou passar os exercícios aqui e vocês, por favor se comportem que eu vou ter que sair. Vou ver o que o doutor Guerra quer comigo".

Quando saí, perguntei: "O que aconteceu? Estou no meio da aula". "Professor, os alunos roubaram o seu carro". Eu tinha um carro americano. Os professores do Estadual, naquela ocasião, tinham um padrão de vida muito alto. Não tinha praticamente indústria automobilística ainda, mas eu tinha um carro lindo. Era um Impala americano³⁶⁶ muito bonito, quando ele falou: "Os alunos roubaram seu carro no intervalo e quando os vi entrando os levei para o doutor Guerra. Ele vai expulsar os cinco alunos". "Ele não pode fazer isso ". "Mas ele resolveu que vai expulsar os meninos, roubaram o seu carro, foram pegos em flagrante". Entrei na sala do reitor e os meninos estavam brancos, completamente brancos.

Imaginaram que seriam expulsos do colégio. Estávamos no mês de novembro. Imagina a transferência de um aluno do Estadual em novembro por causa do que eles fizeram. O reitor falou: "Professor, esses alunos saíram com seu carro. Roubaram o seu carro no intervalo e no final do intervalo eles trouxeram o carro de novo. Mas o chefe da disciplina flagrou esses meninos e eles serão expulsos do colégio". Eu falei: "Não, doutor Guerra, está havendo um equívoco, houve um engano". "O que foi, professor?" "Eles me pediram o carro emprestado, não tem nada não". Eu havia dado uma olhada no carro antes de ir para a sala do reitor. O carro estava perfeito, não tinha nada. Eles

³⁶⁶ O Chevrolet Impala é um carro sedan de grande porte. Sua primeira versão foi construída pela Chevrolet, em 1958. O Impala foi o carro chefe de passageiros da Chevrolet e estava entre os automóveis mais vendidos nos Estados Unidos. <https://www.noticiasautomotivas.com.br/chevrolet-impala/> . Último acesso em: 21 ago. 2019.

fizeram uma ligação direta. Os meninos saíram dali e não sabiam o que fazer para me agradecer.

Muitos anos depois, encontrei com um deles. Fui ver uma exposição de trabalho de uma neta na escolinha, e um deles estava lá com a filha. Quando me viu, ele me abraçou e disse: "Professor, você foi muito legal, a gente não se esquece do que fez por nós". Eu era muito querido pela turma, era uma relação muito legal com os meninos. Eu exigia muito e acho que tem que exigir para o aluno estudar; se der moleza no estudo, mais tarde eles irão te xingar.

Eu fiz um concurso para o Estadual. Eram treze candidatos muito preparados. Era tão apertado ser professor! Só passaram três. Eu passei em primeiro lugar, com nota bem melhor do que os outros dois que passaram. A partir daí, as portas se abriram para mim. Eu podia escolher onde dar aula aqui em Belo Horizonte. Dei aula nos colégios particulares: Santa Maria³⁶⁷, que era feminino, Loyola, Dom Silvério, Santo Antônio.

Então, fui professor no Colégio Estadual. Dirigi dois colégios anexos. E em 1972, implantei o Colégio Pitágoras em Belo Horizonte. No Pitágoras, além de professor eu virei diretor. Depois, eu virei superintendente das operações do grupo Pitágoras. Nós chegamos a ter 25.000 alunos em Belo Horizonte e colégios do estado no Norte. Tínhamos colégio no Amazonas, no Pará, em Goiás, e em diversos países, como o Congo, Mauritânia e Equador.

Eu implantei e dirigi o Colégio Pitágoras para a construtora Andrade Gutierrez, com 1.600 alunos, no interior na floresta amazônica, quatro horas ao norte de Manaus. Para a mesma construtora Andrade Gutierrez, implantei e dirigi uma escola em Cuenca, no Equador, em plena Cordilheira do Andes. Dirigi uma escola da Odebrecht em Angola, na África

Sou de Belo Horizonte. Nasci e fui criado aqui. Fico muito desorientado, muito descrente com o seguinte: o magistério. O resultado do Brasil está ruim porque os professores são ruins. Estou vivendo essa realidade. Quando resolveram universalizar o Ensino Fundamental, como era Belo Horizonte em relação ao atendimento do ensino?

³⁶⁷ O Colégio Santa Maria foi inaugurado em 20 de julho de 1903 pelas Irmãs Dominicanas da congregação religiosa da França, com apoio do Conselheiro Afonso Pena e do Barão do Rio Branco, ministro das relações exteriores do Brasil da época. A primeira sede do Colégio Santa Maria foi no palacete Antônio Olinto, onde hoje se localiza a Igreja Nossa Senhora de Lourdes. A segunda sede foi no palacete do Conde de Santa Marinha, perto da Estação Rodoviária. O Colégio Santa Maria instalou-se em sua sede definitiva em 22 de maio de 1909, na região das ruas Pouso Alegre e Jacuí, no bairro Floresta, onde desenvolveu e ampliou suas atividades. <http://www.santamaria.pucminas.br> Último acesso em: 20 nov. 2018.

Tinha alguns grupos escolares que era o primário. Caetano Azeredo, onde estudei, Francisco Sales, Barão do Rio Branco, ... Nesses grupos escolares, as diretoras eram muito boas, as professoras sempre foram muito boas. Trouxeram para Belo Horizonte os melhores educadores e fizeram uma escola no Instituto de Educação para formar diretores e professores, um espetáculo.

Belo Horizonte tinha um ensino, nos anos 1950, igual aos países da Europa. O ensino aqui era espetacular. Eles investiam na educação. Outra coisa: era pouca gente. Naquela ocasião, nos anos 1950, mais ou menos, metade das crianças de 7 a 11 anos estavam nesses grupos escolares. Nós não tínhamos 400 mil habitantes. A outra metade estava nas escolas religiosas, particulares, a maioria era religiosa.

A partir daí, que é o antigo Ginásio, tinha três escolas públicas. O Estadual, que tinha o Ginásio, o Clássico e o Científico. O Colégio Municipal³⁶⁸, que tinha o Ginásio, o Magistério e o Científico. O Instituto de Educação, que tinha o Ginásio e o Magistério. Depois é que veio o Colégio de Aplicação com o Ginásio, o Clássico, o Científico e mais tarde o Normal.

Eu estava dizendo que o ensino nosso é ruim porque os nossos professores são ruins. Quando a Finlândia resolveu fazer uma reforma educacional, eles chegaram à seguinte conclusão: “Para ter o ensino bom, tem que ter professor bom.” Então a primeira regra, para poder ir para o curso de graduação, de magistério, tem que terminar o Ensino Médio entre os 10% primeiros. Então, tem que ter os melhores alunos para serem os melhores professores. Hoje, quem vai para o magistério no Brasil? Quem termina entre os 10% piores.

Fiz uma pesquisa e perguntei: “Por que você quis ser professor?” E me responderam: “Porque não tive alternativa.” Outra coisa, estão fazendo curso de supervisão a distância, curso de magistério a distância. Moral da história: os professores são ruins e gostam muito de modismo.

³⁶⁸ Uma promessa de campanha eleitoral do prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima, sanciona a lei que cria o Colégio Municipal, em 5 de maio de 1948, para atender adolescentes de poucos recursos em BH. Foi o primeiro Ginásio gratuito em Belo Horizonte, pois mesmo os colégios oficiais do Estado cobravam mensalidades. Sua primeira sede foi em um casarão no Parque Municipal, em 1954 foi transferido para o Bairro da Lagoinha. Teve seu nome alterado para Escola Municipal de Belo Horizonte e atualmente está localizada na Av. José Bonifácio, 189, no bairro São Cristóvão. https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/10/18/interna_90_anos,998196/conheca-as-escolas-publicas-que-contam-a-historia-de-belo-horizonte.shtml último acesso em: 01 mai. 2019.

Quando o Filocre³⁶⁹ que foi subsecretário de educação, chamou o pessoal de alfabetização da UFMG para fazer um projeto para o estado de Minas Gerais. Depois de algumas reuniões, chegaram à seguinte conclusão: “Nós sabemos escrever muito bem sobre o assunto, mas não sabemos alfabetizar”. Então, tiveram que aprender, porque não haviam sido alfabetizadores.

O Estadual tinha um defeito, mas era um mérito. A gente reprovava muito. Eu reprovava muito no Aplicação, também, em relação a hoje, que ninguém dá bomba. Se meia dúzia da turma tomasse bomba, era normal, mas o que acontece? O Estadual dava bomba, mas os “caras” que formavam lá eram a elite da sociedade mineira. Governador, diretor da Cemig, saía tudo de lá e a gente dava bomba, mas o “cara” saía na “ponta dos cascos”.

Hoje, a escola dá bomba e o menino é uma porcária na oitava série ou no terceiro ano do ensino médio. Reprova e os “caras” saem ruins. É muito diferente, o grau de exigência era muito forte. Nós éramos muito respeitados, nós éramos muito competentes. Hoje, o nível dos professores caiu muito no Brasil todo. Saindo da elite, que é o caso de Centro Pedagógico, o Estadual Central, tenho dó do que virou o colégio. Está um lixo, ninguém quer estudar, o colégio está às moscas. Acabaram com o colégio. Por que acabaram com o colégio? Porque o critério era mérito. Para entrar, tinha que estudar, tinha que fazer teste, tinha que fazer exame de admissão. Então, quem estudava lá eram os bons alunos. E os professor tinha que fazer um concurso difícilíssimo. Era a elite dos professores e a elite dos alunos.

Chegou uma ocasião em que o sindicato das escolas particulares fez uma reunião à qual eu estava presente. E, nessa ocasião, trabalhava também no Pitágoras, e o presidente falou assim: “É um absurdo os alunos do Estadual não serem os nossos alunos da rede particular, porque são os melhores alunos, tem família que pode pagar, então deviam estudar conosco. O que nós vamos fazer em relação a isso?”. “Nós vamos mudar aquele esquema lá”.

E conseguiram nomear, para o departamento do Ensino Médio, um diretor de uma escola daquelas que “pagou, passou” e a primeira coisa que ele fez foi dizer que o critério para entrar no Estadual seria o critério social. Então, se a lavadeira tivesse cinco filhos e ganhasse um salário mínimo, os cinco filhos podiam estudar, tinham o direito de estudar, porque a mãe era pobre.

O que aconteceu? Os alunos bons que estavam recebendo os alunos ruins misturaram. O professor na sala de aula, naquela heterogeneidade, se ficasse preocupado com os alunos que não sabiam nada, deixava os bons alunos, que já eram cria do Estadual. Se desse a aula no nível da turma remanescente, os alunos novos não entendiam nada. Ficavam perdidos, não sabiam nem trabalhar e os bons alunos começaram a perceber isso e começaram a querer sair do colégio. Mas não tinha um colégio no mesmo nível. Foi nesse contexto que falei com Walfrido³⁷⁰, no Pitágoras. Falei "Walfrido, está na hora de abrir um colégio, porque eles vão acabar com o Estadual".

Outro detalhe: para entrar em escolas públicas, os professores tinham que fazer um concurso violento. Eu examinei umas 300 bancas. Chamava Exame de Suficiência. Esse exame era a seleção para professores na rede estadual. Não podiam dar aula se não tivessem passado no concurso. Pois bem, quando examinei para Belo Horizonte, quando examinei para Juiz de Fora, Uberlândia, Uberaba, a exigência era muito alta, mas quando o exame era para Grão Mogol, por exemplo, em que o professor era o único formado, se déssemos bomba nesse professor não tinha outro para o cargo.

Quando a cidade era muito pequena, tinha outro critério para examinar o professor, porque não tinha intercâmbio com ninguém. O professor que está em Grão Mogol não tinha intercâmbio com ninguém. Ele formou há 20 anos e está dando as aulas dele. Então a gente tinha outro critério, era mais brando, evidentemente.

O que aconteceu? Quando fizeram essa mudança no Estadual, começaram a transferir para o Estadual professores do interior. O professor que vinha do interior ou era bom, ou regular ou ruim. A maioria era ruim. Alguns mais ou menos e pouquíssimos bons, comparando com a nossa equipe aqui em Belo Horizonte.

Os alunos começaram a ficar incomodados. Os bons alunos começaram a pensar em sair, eu falei: "Walfrido, está na hora de abrir um colégio". Foi a origem do Colégio Pitágoras. Ele falou: "Mas eu não entendo nada de colégio". "Mas eu entendo". Fizemos o colégio em 1972. No primeiro ano, esperávamos que tivesse 1000 alunos e tivemos

³⁷⁰ Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto é graduado em [Engenharia Química](#) pela [UFMG](#). É empresário. Foi um dos fundadores do pré-vestibular [Pitágoras](#), que posteriormente transformou-se no Sistema Pitágoras de Ensino, nas [Faculdades Pitágoras](#) e no grupo [Kroton Educacional](#). Também foi um dos fundadores da [Biobrás](#), empresa de [insulina](#) sediada em [Montes Claros](#), MG. Foi deputado federal pelo PDT e vice-governador de Minas Gerais. <https://www.camara.leg.br/deputados/74668/biografia> . Último acesso em: 21 ago. 2019.

1400 alunos. No final do ano, primeiro lugar na Federal e em vários lugares. No ano seguinte, tivemos que fazer a seleção para admitir aluno no colégio particular no segundo ano de vida. Lotou o colégio, não tinha mais nenhuma cadeira vazia de manhã, de tarde ou à noite. Só depois é que fizemos o Curso Técnico.

O Pitágoras foi um sucesso por causa dos ótimos professores. Eu era diretor do Estadual; dos nove coordenadores, sete vieram do Estadual. Eu trouxe sete coordenadores do Estadual para o Pitágoras.

Naquela época, professor tinha prestígio, tinha um bom salário. As férias eram longas, porque tinha aula no sábado, então as férias eram mais compridas. As aulas foram retiradas do sábado, porque os pais começaram a reclamar: pagamos doze mensalidades, mas não há doze meses de aulas. Nas escolas particulares, também havia aulas nos sábados. As férias eram muito longas e os pais tinham que pagar o ano inteiro. Eram doze mensalidades. O sindicato contornou a situação com o seguinte: tiraram as aulas dos sábados para que o ano letivo ficasse mais comprido, assim os pais reclamariam menos.

Então tiraram as aulas dos sábados. Agora, quando tem greve, repõem as aulas nos sábados. Isso é enganação diante da oposição, porque muitos professores faltam, vão poucos alunos e acabam não dando matéria, não tem prova... Outra coisa: pagam os professores pelos dias de greve. Se ficar em cem dias de greve, dia trinta o salário está na conta. Assim, até eu quero fazer greve para ir ao Espírito Santo de férias, vou para a praia.

Estava fazendo um trabalho no Maranhão e um dia o prefeito me falou: "O pessoal vai entrar em greve segunda-feira". Eu falei: "Vai. Pois essas pessoas entram em greve e depois exigem o pagamento do dia parado. Mas você não vai pagar nem meia hora parada. De que jeito? Pega o calendário, eles tiveram aula em fevereiro, março, abril e maio. Então hoje é o dia setenta e quatro do calendário. Tem que ter duzentos dias letivos, então eles estão decretando greve a partir de segunda-feira, o que seria o número de setenta e cinco do calendário. A lei exige que o aluno tenha duzentos dias letivos, o dia em que eles voltaram da greve vai ser o dia setenta e cinco do calendário. Se não vai ter reposição de aula, não tem o pagamento desse período que estão parando".

A turma pagou para ver. Chegou ao fim do mês ele pagou os vinte dias trabalhados, cortaram os dez. Chegou o outro mês, não pagou ninguém. Nunca mais

pararam por greve. Todo mundo voltou com o “rabo entre as pernas”. “Se vocês não trabalharam...” “Ah, mas e o fim do ano?”. “No final do ano vocês vão ter que dar aula em dezembro e um pedaço de janeiro, pois o aluno tem direito a duzentos dias letivos. Vocês não ficaram parados? Agora vocês vão recuperar lá na frente. Mas não terá reposição de aula, vocês darão o calendário normal. São contratados para darem duzentos dias de aula, agora vamos completar os duzentos dias que estão faltando”. Nunca mais falaram em greve.

Quem tem coragem de fazer isso aqui? Ninguém tem coragem, não. Fizemos greve de cem dias, quando o pessoal do PSDB estava no governo. Quando eu estava no Estadual, eu segurei umas três ou quatro greves. O que eles estavam alegando? Queriam efetivar todos os professores contratados. Vamos pensar um pouco. Tem professores que estão de licença e tem substitutos, se efetivar todo mundo vai sobrar gente.

Quando eu estava na universidade e queríamos fazer greve colocávamos uma pauta de reivindicações para que dez fossem atendidas e cinco não fossem. Fazer greve não é por aí. Parar de trabalhar para valorizar o professor tem efeito contrário, ele fica desvalorizado. As famílias não apoiam a greve para defender o professor. Ao contrário, xingam os professores e denigrem a sua imagem.

Eu gostava mesmo, adorava dar aula. Os meninos eram espetaculares. Os alunos correspondiam. Você exigia e via aquela turma desenvolvendo. Até hoje encontro com ex-alunos. “Professor, como é que você está?”. Fico orgulhoso quando recebo um elogio; o meu ego vai lá em cima.

Um dia fui a um casamento, de repente vi um rapaz que foi meu aluno no Estadual. Cheguei perto e disse: “Wilson Ourives”. “Você lembra do meu nome? Lembra de mim?”. “É claro. Como está o seu irmão Alberto?”. “Você lembra do meu irmão?”. “Lembro”. “Nossa, professor há quantos anos...”. “É o que você anda fazendo?”. “Eu estou na Unicamp. Terminei o meu doutorado e hoje sou professor na Unicamp”. “Que coisa boa, meus parabéns, você virou professor”. “Eu virei professor, mas vou te contar: fico lembrando do senhor, o melhor professor que já tive na minha vida foi o senhor”.

O Colégio de Aplicação era um colégio que as pessoas admiravam. Era um colégio espetacular. Os pais tinham orgulho de dizer que os filhos estudavam no Aplicação. Os professores eram muito bons e dedicados. Claro que havia divergências, como em qualquer organização, mas divergências sadias, de coisas contornáveis. Não

era o ambiente em que tudo era um “Mar de Rosas”, problema sempre tem. Organização é feita por pessoas e pessoas têm defeitos, então o colégio era perfeito? O colégio não era perfeito, porque ele era formado por pessoas e nós, como pessoas, temos defeitos.

Mas, pegando a somatória das virtudes de cada pessoa e dividindo pela somatória dos defeitos, dá um coeficiente k , que é constante. Então, o colégio era muito bem visto, muito respeitado e manteve essa tradição. Quando virou o Centro Pedagógico a fama continuou. Eu acho que o Centro Pedagógico, se quer realmente ser centro de excelência, devia fazer seleção dos alunos para entrar. "Ah, é sacanagem". Não acredito, pois seria o mérito. O aluno teria que estudar muito porque quer entrar no Centro Pedagógico. A mãe vai cobrar, o menino vai estudar e melhora a educação.

APÊNDICE G - CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Aloys de Meira Carvalho, RG nº MG691557, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 25.05.2018 com duração de 1:49:47 e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Aloys de Meira Carvalho
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Paula Aguiar Brito, RG nº M.83210, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 20/06/2018 com duração de 16:13:42" e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

B. Horizonte, 10 de julho 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Paula Aguiar Brito
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, GILVAN WESTIN COSENZA, RG nº 5.771.201-35PSP, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em _____, com duração de _____ e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 08 de Junho 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Gilvan Westin Cosenza
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Rafael Rabelo Guimarães, RG nº _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 24.07.2018 com duração de 1:40:19 e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 21 de agosto de 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Rafael Rabelo Guimarães
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Camélea Elizabeth dos Santos Passimiro, RG nº MG-4577, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 26.07.2018 com duração de 49:47 e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 11 de julho de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Joamihah Passimiro

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Gilvânia Weston Cosenza, RG nº M-4323190, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.08.2018 com duração de 1:36:06 e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 12/08/2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Gilvânia Weston Cosenza

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Jana Maria Reis de Souza, RG nº MG-967846, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 12/08/2018, com duração de 1:02:54 e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 12 de agosto de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Jana Maria Reis de Souza

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Paula Augusta Brito, RG nº M-83210, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 04min 14Seg, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Paula Augusta Brito

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Marco Antônio Ferreira, RG n° _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 04min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Marco Antônio Ferreira
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Carlos Eduardo Bizzi Braga, RG n° MG-3.735.145, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019 com duração de 1h 04min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Carlos Eduardo Bizzi Braga
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Cláudio Bernstein, RG n° 016-168-117, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 04min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Cláudio Bernstein
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Carlos Tassara, RG n° _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019 com duração de 1h 04min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2019
LOCAL E DATA DA CESSÃO

Carlos Tassara
ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa
ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Eduardo Belisário, RG n° _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 04min 19seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Eduardo Belisário

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, José Lima Oliver Júnior, RG n° _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13/04/2019, com duração de 1:04:14 e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 08 de setembro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

José Lima Oliver Júnior

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Marcus Fontijo, RG n° MG 521, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 4min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 16 de outubro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Marcus Fontijo

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Luiz Santana Ivo, RG n° MG 607920, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG n° MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 04min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 18 de outubro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Luiz Ivo

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Paulo Ângelo de Pinho, RG nº _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13.04.2019, com duração de 1h 4min 14seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 4 de novembro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Paulo A. Pinho

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Paulo Sérgio Warner, RG nº M.1.657.007, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 22.09.2019, com duração de 1h 32min 18seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 16 de outubro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Paulo Sérgio Warner

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Clemeneau Chiabi Saliba, RG nº _____, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 04.06.2019, com duração de 2h 16min 41seg e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 23 de setembro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Clemeneau Chiabi Saliba

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Maria Leonor Viana Ferrari, RG nº MG-3.085.691, declaro ceder a Renata Alves Costa, RG nº MG-7629774, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 21.08.2018, com duração de 1h 10min e, também, os direitos sobre a transcrição e a textualização (a mim apresentadas e por mim conferidas e validadas) do referido registro oral, para utilização em sua pesquisa de doutorado.

Declaro estar ciente que os conhecimentos resultantes desta pesquisa serão publicados em uma tese de doutoramento, bem como em artigos a serem submetidos a revistas especializadas, congressos e simpósios sobre pesquisas educacionais. E, nesse sentido, concordo que a transcrição e a textualização da entrevista por mim concedida sejam utilizadas, em parte ou integralmente, também nesses artigos.

Declaro, ainda, estar ciente de que o material coletado para o estudo, ao ser publicado na tese e em artigos, se tornará público e por isso poderá ser fonte para pesquisas de outra natureza.

Por fim, declaro autorizar a divulgação do meu verdadeiro nome tanto na tese de doutoramento quanto nos artigos oriundos dela.

Este documento será assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora responsável e a outra com o participante da pesquisa.

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2019

LOCAL E DATA DA CESSÃO

Maria Leonor Viana Ferrari

ASSINATURA DO COLABORADOR DA PESQUISA

Renata Alves Costa

ASSINATURA DA PESQUISADORA

ANEXOS

ANEXO I - ATA DE INSTALAÇÃO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

1

Ata da instalação do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

Dos vinte e três (23) dias do mês de Março de mil novecentos e cinquenta e quatro (1954), às nove horas da manhã, no prédio sito à rua Parangola, n.º 388, nesta cidade de Belo Horizonte, foi instalado o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, estando presentes ao ato os senhores: Professor Dr. Antônio Camillo de Saia Alvim, Diretor da Faculdade de Filosofia, Professora D. Silvelina da Costa Matos Almeida, catedrática de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia e Diretora do Ginásio de Aplicação, Professor Dr. Arthur Veziani Velloso, Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia, D. Heli Brunier Coelho, Inspectora Federal designada pelo Ministério da Educação e Cultura para a inspeção preliminar do estabelecimento, Professores Braz Sellegrius, Luise de Belém Seixena, Carlos dos Anjos Duarte de Andrade, D. Elaine Lisboa de Oliveira, José Quinça, Pedro Sarafita de Bessa, do Curso de Didática, Sr. Antonio Cecilio, Eunice Moraes, Beatriz Ricardina de Magalhães, Ivânia Júlias Winiç, Olga Duarte de Oliveira, Fernando Simeonetti, Nécio Surtado de Mendonça, Benê Guimarães, Ana Luiza de Franco Lins, Selma Myziam Melucci, Maria Vereginha Sicchioni, Hail Magalhães Cardoso de Souza e

George Maximuzzi, Professores do Ginásio de Aplicação, Missias Seixas Donato, Secretário da Faculdade de Filosofia e deste Ginásio, Professores: Wilfer Florencio, Aires da Mata Machado Filho, José Albano de Anais, Sabayara Sedoso, Valdemar Versiani dos Anjos, Olinto Osimi de Castro, Emanoel Brandão Bontes, José Laurício de Oliveira,IVALDO REIS, além de alunos da Faculdade e do Ginásio. Aberta a sessão pelo Professor Dr. Antonio Camilo de Saia Alvim, este declarou instalado o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, previsto pelo Decreto Lei número 9053, de 12 de março de 1946, e congratulou-se com os presentes pelo feliz acontecimento. Concluindo deu a palavra à Professora W. Zilocielina da Costa Brato Almeida, a qual, como Diretora, proferiu a plaudido discurso alusivo à solemidade. Solicitou o apoio e a colaboração da Diretoria, professorado e alunos da Faculdade de Filosofia e do educandário que ora se instala, a fim de ser dado cumprimento ao seu elevado objetivo, qual seja o de ministrar o ensino secundário e de serviços de campo de aperfeiçoamento e aplicação dos alunos do Curso de Didática da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a presente sessão de instalação, de cujo trabalho em, Marina Versiani Velloso, anamense "D" da Faculdade de Filosofia, designada pelo Sr. Diretor da mesma para auxiliar o Sr. Secretário do Ginásio de Aplicação, lavrei a presente ata, que vai por todo assinada. Belo Horizonte, 23 de março de 1954. Marina Versiani Velloso, anamense "D".

Antônio Camilo de Saia Alvim

Filomena C. M. Almeida
Arthur Versiani Velloso

10 Bah

Bruno
Morse de Belin Teixeira
Carlos Pedrosa
Alaide Lisboa de Oliveira

Artes

Sedio Broom

Paulo Augusto de Vasconcelos

Mutoni Cecilio
Eunice de Moraes
Beatriz Zicardina de Magalhães
Doênia Elias Diniz
Olga Duarte de Oliveira
Fernando Priocetti
Walter Furtado de Mendonça
Regina Guimarães

Uma amiga

Syng Leng de Camp Queiroz
E. M. M. Lucci

M. G. Pichioni
Lair Peres de Araújo
Georg Karimuzzi
Inês de Jesus Donato
Walter Horacio

Yellene (Cora de Souza)
José Albano de Vasconcelos
Catalina de
Valéria de
Dynte Dini

Portes

J. Lourenço de Almeida
Nivaldo

ANEXO II – ATA DA SEÇÃO SOLENE DE INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

Ata da sessão solene de inauguração do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

Nos vinte e um dias do mês de abril do ano de mil novecentos e cinqüenta e quatro (21-4-1954), no edifício situado à rua Calangula, número 289, com a presença do Sr. Professor Antonio Camilo de Saia Alvim, Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, de membros componentes da Congregação e de alunos da referida Faculdade, dos professores e alunos do Ginásio de Aplicação e mais pessoas gradas, foi aberta a sessão solene de inauguração do supra referido Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, fundado nos termos do Decreto-lei número 9053 de 21 de março de 1946. Com a palavra, a Diretora do novo educandário, Professora Sibcelina da Costa Antas Almeida, produziu a mesma um magnífico e expressivo discurso no qual, com a sua vasta experiência de educadora, expôs com grande elevação os fins do novo instituto e as normas gerais que iria seguir doravante para colimar os seus dilatados objetivos. Dirigindo-se ao seleto corpo docente do Ginásio de Aplicação, a Sr.^a Diretora insistiu-o que tomasse pelo seu espaço, dedicação, constância e amabilidade, todas as medidas no sentido de tomar-se o Ginásio, com o correr dos tempos, o mais notável estabelecimento de ensino secundário do Estado de Minas Gerais. Em seguida Vera Lúcia Rosseti, aluna da

da segunda série do curso ginasial do estabelecimento, declamou a poesia "Tragedia - A memoria de Siga-dente", de autoria de D. Bibulina da Costa Barros Almeida. Com a palavra, o Professor Antonio Camilo de Saia Alvim expôs brevemente os motivos daquela reunião, congratulando-se com o numerooso auditório por mais aquella etapa de progresso e desenvolvimento que alcançava a Faculdade de Filosofia da Universidade de Brasília Gerais. Em nome da Congregação saudou a eminente educadora D. Bibulina da Costa Barros Almeida, Catedrática de Didática Geral e Especial, em agas venerandas mãos a Faculdade honrara por bem cobrir o futuro do seu Ginasio de Aplicação. Simultaneamente S. Rev.^{ma} Padre Clovis de Sousa e Silva, catedrático de Filosofia da Faculdade, e que havia oficiando o Santo Sacrifício da Missa e abençoado todos os dependentes do Ginasio antes da reunião, lembrou com palavras repassadas de comocão e de afeto, haver ele próprio, naquele mesmo dia, 15 anos passados, ter abençoado a Missa gratulatória a propósito do inicio solemne dos primeiros trabalhos da Faculdade de Filosofia que naquela data aniversariava. S. Rev.^{ma} demorou-se em uma feliz recordação da história da Faculdade e terminou rogando ao Altissimo fizesse descer as suas melhores bênçãos sobre aquele novo empreendimento escolar e intelectual, fruto do primeiro e que naquele dia vinte e um de abril de mil novecentos e cinquenta e quatro encetava o seu caminho. Encerrando a sessão o Sr. Diretor da Faculdade, Professor Antonio Camilo de Saia Alvim, dirigiu-se mais uma vez ao numerosissimo auditório

que o apelandiou louçamente. E eu, Raina Versiani Velloso, secretária do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, lavei a presente ata, que dato e assino, sendo a mesma subscrita pelos senhores professores: Antonio Camillo de Souza Alvim, Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Arthur Versiani Velloso, Vice-Diretor, D. Bibelina da Costa Donato Almeida, Diretora do Ginásio de Aplicação, D. Nely Buzier Coelho, Inspectora Federal, Sade Clovis de Souza e Silva, Diretor da Escola Machado Filho, Arnaldo Reis, Tabajara Sedoso, Eduardo Soares, Maurice Vouzeland, Rogers Venhice, Vincenzo Spirelli, Bray Pellegrino, Giorgio Schreiber, Maria Romano Schreiber, José Lourenço de Oliveira, Elaide Lisboa de Oliveira, Francisco de Jesus Magalhães Gomes, Wilton Cardoso de Souza, Inesse de Belém Teixeira, João Camilo de Oliveira Torres, Adriano de Oliveira, Manuel Casasanta, Carlos dos Anjos Duarte de Andrade, Lair Gumsat Pennó, Flávio Neves, Saulo Henrique, Elzário Souza de Fátima, Estefyina Lima, Cecília Basilio de Souza Reis, Maurício Severina Donato, Hain Magalhães Cardoso de Sousa, Tereza Lúcia Cecília Melucci, Maria Terejinka Fichioni, Eunice do Moraes Benoue Guimarães, Beatriz Ricardina de Magalhães, Adélia Fúrias Diniz, Ina Luiza de Araújo Greiner, Olga Duarte de Oliveira, Dr. José Vidigal, Sade Antonio Cecilio, Décio Furtado de Souza Louca, Fernando Piemocetti. Belo Horizonte, 21 de Abril de 1954. Raina Versiani Velloso.

Dr. Alvim

Antonio Camillo de Souza Alvim

ANEXO III – ATA DA INSTALAÇÃO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

Ata de instalação do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

Dos vinte e um (21) dias do mês de abril de mil novecentos e cinquenta e oito (1958), no edifício situado à rua Carangola, número 388, onde desde o ano de mil novecentos e cinquenta e quatro (1954) funciona o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, presentes o Professor Antonio Camilo de Faria Alvim, Diretor da Faculdade, o Professor Lima-mel Brandão Fontes, Vice-Diretor, diversos professores da Faculdade, a Professora Maide Lisboa de Oliveira, Diretora do Ginásio, e professores do Ginásio e do Colégio de Aplicação, foi o referido Colégio instalado.

A Professora Maide Lisboa de Oliveira, Diretora do Colégio que ora se instala, expôs os fins educacionais do estabelecimento e dirigindo-se aos professores que com ela trabalharão, solicitou-lhes todo esforço e dedicação afim de que bem se realizasse a obra emetida sob os melhores auspícios; felicitou ao Professor Antonio Camilo de Faria Alvim pelo empreendimento ora levado a termo. O Professor Antonio Camilo de Faria Alvim deu por instalado o Colégio e congratulou-se com os presentes por mais essa etapa vencida pela Faculdade na sua administração.

Para constar, eu, Maria Verciani Velloso Secretária do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, lavrei a presente ata, que dato e assino sendo a

mesma assinatura pelos professores presentes.
 Belo Horizonte, 21 de Abril de 1958
 Maria Virginia Vellozo
 Arthur Amoldo
 Prof. Jones
 Gláucia Lisboa de Oliveira
 Salomão de Almeida
 Salomão de Almeida
 Chereza M. C. Calveira
 Chereza M. C. Calveira
 Examinadora da Carta Lage
 Agostinho
 Paulo Roberto Barte da Costa
 J. P. Bastos
 Raimundo de Almeida
 Maria Magdalena Cavalcanti Lemos
 George Aguiar
~~Diogenes Bastos~~

ANEXO IV - Programas de Matemática do curso ginásial e colegial da Portaria Ministerial nº 1045 de 14 de dezembro de 1951

Ginásio

Primeira série

I – Números inteiros; operações fundamentais; números relativos.

1. Noção de número natural, grandeza, unidade, medida. Numeração: numeração falada; numeração escrita. Sistema decimal. Valor absoluto e valor relativo dos algarismos.
2. Adição. Propriedades. Processo de abreviação. Prova.
3. Subtração. Propriedades. Provas. Complemento aritmético de um número.
4. Multiplicação. Propriedades. Processos de abreviação. Prova. Potência de um número. Produto e quociente de potências da mesma base.
5. Divisão. Divisão aproximada. Propriedades. Processo de abreviação. Prova.
6. Números relativos; interpretações. Adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação dos números relativos; regras práticas.

II – Divisibilidade aritmética; números primos.

1. Múltiplos e divisores. Divisibilidade. Princípios fundamentais. Caracteres de divisibilidade por 10 e suas potências; por 2, 4 e 8; por 5 e por 25; por 3 e por 9; por 11. Propriedades elementares dos restos. Provas das operações por um divisor.
2. Números primos e números compostos; números primos entre si. Crivo de Eratóstenes. Reconhecimento de um número primo. Decomposição de um número em fatores primos. Cálculo dos divisores de um número. Número divisível por dois ou mais números primos entre si dois a dois; aplicação à divisibilidade.
3. Máximo divisor comum. Algoritmo de Euclides; simplificações. Propriedades. Máximo divisor comum pela decomposição em fatores primos.
4. Mínimo múltiplo comum. Relação entre o máximo divisor comum e o mínimo múltiplo comum. Propriedades.

III – Números fracionários.

1. Frações. Fração ordinária e fração decimal. Comparação de frações; simplificação; redução ao mesmo denominador. Operações com frações ordinárias.
2. Frações decimais; números decimais. Propriedades dos números decimais; operações. Conversão de fração ordinária em número decimal e vice-versa. Número decimal periódico.

IV – Sistema legal de unidades de medir; unidades e medidas usuais.

1. Unidade legal de comprimento; múltiplos e submúltiplos usuais. Área; unidades de área; unidade legal; múltiplos e submúltiplos usuais. Área do retângulo, do paralelogramo, do triângulo, do trapézio e do círculo; fórmulas. Volume; unidade de volume; unidades legais;

múltiplos e submúltiplos usuais. Volume do paralelepípedo, do prisma, da pirâmide, do cilindro, do cone e da esfera; fórmulas. Peso e massa; unidade legal; múltiplos e submúltiplos usuais. Densidade; aplicações.

2. Unidade de ângulo e de tempo. Unidades inglesas e norte-americanas mais conhecidas no Brasil. Números complexos; operações; conversões.

3. Unidade de velocidade. Velocidade angular.

Segunda série

I – Potências e raízes; expressões irracionais.

1. Potência de um número; quadrado e cubo. Operações com potências; potências de mesma base e potências semelhantes. Expoente zero; expoente negativo. Potência das frações. Potência de um número decimal.

2. Expressão do quadrado da soma indicada de dois números e do produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números; interpretação geométrica.

Diferença entre os quadrados de dois números inteiros consecutivos.

3. Raiz quadrada. Regra prática para a extração da raiz quadrada dos números inteiros.

Limite do resto na extração da raiz quadrada. Prova. Raiz quadrada de um produto.

Aproximação decimal no cálculo da raiz quadrada. Raiz quadrada dos números decimais. Raiz quadrada das frações.

4. Raiz cúbica. Regra prática para a extração da raiz cúbica dos números inteiros. Prova.

Raiz cúbica de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz cúbica. Raiz cúbica de um número decimal. Raiz cúbica das frações.

5. Grandezas comensuráveis e grandezas incommensuráveis. Números racionais e números irracionais. Radicais. Valor aritmético de um radical. Transformação do índice e do expoente; redução de radicais ao mesmo índice; comparação de radicais; redução de um radical à expressão mais simples. Operações com radicais. Potenciação e radiciação de potências; expoentes fracionários. Exemplos simples de racionalização de denominadores.

II – Cálculo literal; polinômios.

1. Expressão algébrica. Valor numérico. Classificação das expressões algébricas.

Monômios e polinômios; ordenação.

2. Adição. Redução de termos semelhantes. Adição e subtração de polinômios.

3. Multiplicação de monômios e polinômios. Produtos notáveis.

4. Divisão de monômios; divisão de polinômios com uma variável.

5. Casos simples de fatoração; identidades.

6. Frações literais; propriedades; operações fundamentais.

III – Binômio linear; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.

1. Igualdade, identidade, equação. Classificação das equações. Equações equivalentes. Resolução de uma equação do primeiro grau com uma incógnita; equações literais. Discussão de uma equação do primeiro grau com uma incógnita. Binômio linear; decomposição em fatores; variação do sinal e do valor.
2. Desigualdade. Comparação de números relativos. Propriedades das desigualdades; operações. Inequação. Resolução das inequações do primeiro grau com uma incógnita.
3. Equações do primeiro grau com duas incógnitas; sistemas de equações simultâneas. Resolução de um sistema linear com duas incógnitas pelos métodos de eliminação por substituição, por adição e por comparação. Discussão de um sistema linear de duas equações com duas incógnitas.
4. Problemas do 1º grau com uma e com duas incógnitas; generalização; discussão.

Terceira série

I – Razões e proporções; aplicações aritméticas.

1. Razão de dois números; razão de duas grandezas. Propriedades das razões. Razões iguais; propriedades. Quarta proporcional. Cálculo de um termo qualquer de uma proporção. Proporção contínua; média proporcional; terceira proporcional. Propriedades mais usuais nas proporções. Ideia geral de média; média aritmética, média geométrica e média harmônica. Médias ponderadas.
2. Números proporcionais; propriedades. Divisão em partes diretamente proporcionais em partes inversamente proporcionais a números dados.
3. Regra de três. Resolução de problemas de regra de três simples e composta.
4. Porcentagem; problemas. Taxa milesimal.
5. Juros simples; problemas.

II – Figuras geométricas planas; reta e círculo.

1. Figuras geométricas; ponto, linha, superfície, reta e plano. Congruência.
2. Ângulos; definições; classificação e propriedades.
3. Linha poligonal; polígonos; classificação. Número de diagonais de um polígono.
4. Triângulos; definições, classificação. Grandeza relativa dos lados. Triângulo isósceles, propriedades. Casos clássicos de congruência de triângulos. Correspondência, na desigualdade, entre os lados e os ângulos. Comparação de linhas de mesmas extremidades.
5. Perpendiculares e oblíquas. Mediatriz e bissetriz como lugares geométricos.
6. Paralelas. Ângulos formados por duas retas quando cortadas por uma transversal; propriedades. Propriedades de duas retas perpendiculares a uma terceira. Postulados de

Euclides; consequências. Propriedades dos segmentos de paralelas compreendidos entre paralelas. Propriedades de ângulos de lados paralelos ou de lados perpendiculares.

7. Soma dos ângulos internos de um triângulo; consequências. Soma dos ângulos internos e dos ângulos externos de um polígono.

8. Quadriláteros: classificação dos quadriláteros convexos; classificação dos paralelogramos e dos trapézios. Propriedades paralelogramo e do trapézio. Translação. Retas concorrentes no triângulo.

9. Circunferência e círculo; definições. Propriedades do diâmetro. Arcos e cordas; propriedades. Distância de um ponto a uma circunferência. Tangente e normal.

Posições relativas de dois círculos. Rotação.

10. Correspondência de arcos e ângulos. Medida do ângulo central, do ângulo inscrito, do ângulo de segmento, do ângulo excêntrico interior, do ângulo excêntrico exterior. Segmento capaz de um ângulo dado.

III – Linhas proporcionais; semelhança de polígonos.

1. Pontos que dividem um segmento numa razão dada. Divisão harmônica.

2. Segmentos determinados sobre transversais por um feixe de paralelas.

3. Linhas proporcionais no triângulo; propriedades das bissetrizes de um triângulo; lugar geométrico dos pontos cuja razão das distâncias a dois pontos fixos é constante.

4. Semelhança de triângulos; casos clássicos. Semelhança de polígonos.

IV – Relações trigonométricas no triângulo retângulo. Tábuas naturais.

1. Definição do seno, do co-seno e da tangente de um ângulo dado. Construção de um ângulo sendo dado o seno, o co-seno ou a tangente.

2. Uso das tábuas naturais. Cálculo dos lados de um triângulo retângulo; projeção de um segmento.

Quarta série

I – Trinômio do segundo grau; equações e inequações do 2º grau com uma incógnita.

1. Equações do 2º grau. Resolução das equações incompletas; Resolução da equação completa; estabelecimento da fórmula de resolução por um dos métodos clássicos; fórmulas simplificadas. Discussão das raízes: casos de raízes diferentes, de raízes iguais e da não existência de raízes. Relações entre os coeficientes e as raízes. Composição da equação dadas as raízes.

2. Trinômios do segundo grau; decomposição em fatores; sinais do trinômio; forma canônica. Variação em sinal e em valor. Posição de um número em relação às raízes do trinômio. Valor máximo ou mínimo do trinômio do segundo grau. Inequações do segundo grau; tipos. Resolução de inequações do segundo grau.

3. Problemas do segundo grau; discussão. Divisão áurea.

4. Equações redutíveis ao segundo grau; equações biquadradas; equações irracionais.

Transformações de forma: $\sqrt[3]{A \pm \sqrt[3]{B}}$

II – Relações métricas nos polígonos e no círculo; Cálculo de π .

1. Relações métricas no triângulo retângulo. Teorema de Pitágoras; Triângulos pitagóricos.

2. Relações métricas no triângulo qualquer; relação dos co-senos.

3. Cálculo das medianas, das alturas e das bissetrizes de um triângulo.

4. Relações métricas no círculo. Corda e diâmetro que partem de um mesmo ponto.

Ordenada de um ponto da circunferência. Cordas que se cortam. Potência de um ponto em relação a um círculo; expressões da potência. Construções geométricas elementares.

5. Polígonos inscritíveis e circunscritíveis. Teorema de Hiparco. Teorema de Pitot.

6. Polígonos regulares; propriedades.

7. Construção e cálculo do lado do quadrado, do hexágono regular, do triângulo equilátero e do decágono regular convexo. Cálculo dos apótemas.

8. Lado do polígono regular convexo de $2n$ lados em função de n lados.

9. Medição da circunferência. Comprimento de um arco de curva. Razão da circunferência para o diâmetro. Expressões do comprimento da circunferência e de um arco qualquer.

10. Cálculo de π pelo método dos perímetros.

III – Áreas das figuras planas.

1. Medição das áreas das principais figuras planas. Área do triângulo equilátero em função do lado; área de um triângulo em função dos três lados, em função do raio do círculo circunscrito e em função do raio do círculo inscrito.

2. Relações métricas entre áreas; áreas dos polígonos semelhantes. Teorema de Pitágoras. Construções geométricas. Problemas de equivalências.

Curso Colegial

Primeira série

I – Noções sobre o cálculo aritmético aproximado; erros.

1. Aproximação e erro. Valor por falta ou por excesso. Erro absoluto e erro relativo.

Algarismos exatos de um número aproximado. Erro de arredondamento.

2. Adição, subtração, multiplicação e divisão com números aproximados. O cálculo da aproximação dos resultados e seu problema inverso; método dos erros absolutos.

II – Progressões:

1. Progressões aritméticas; termo geral; soma dos termos. Interpolação aritmética.

2. Progressões geométricas; termo geral; soma e produto dos termos. Interpolação geométrica.

III – Logaritmos:

1. O cálculo logaritmo como operação inversa da potenciação. Propriedades gerais dos logaritmos; mudança de base. Característica e mantissa. Cologaritmo.

2. Logaritmos decimais; propriedades. Disposição e uso das tábuas de logaritmos. Aplicação ao cálculo numérico.

3. Equações exponenciais simples; sua resolução com o emprego de logaritmos.

IV – Retas e planos; superfícies e poliedros em geral; corpos redondos usuais; definições e propriedades; áreas e volumes.

1. Reta e plano; postulados; determinação; interseção; paralelismo; distância; inclinação e perpendicularismo. Diedros e triedros. Ângulos sólidos em geral.

2. Generalidades sobre os poliedros em geral. Poliedros regulares; indicações gerais.

3. Prismas; propriedades gerais e, em especial dos paralelepípedos; área lateral, área total; volume.

4. Pirâmides; propriedades gerais; área lateral; área total; volume. Troncos de prisma e troncos de pirâmide.

5. Estudo sucinto das superfícies em geral. Superfícies retilíneas e superfícies curvilíneas. Superfícies desenvolvíveis e superfícies reversas. Superfícies de revolução. Exemplos elementares dos principais tipos da classificação de Monge.

6. Cilindros; propriedades gerais; área lateral; área total; volume. Troncos de cilindro.

7. Cones; propriedades gerais: área lateral; área total; volume. Troncos de cone de bases paralelas.

8. Esfera; propriedades gerais. Área e volume da esfera e das suas diversas partes.

V – Seções cônicas; definições e propriedades fundamentais.

1. Elipse; definição e traçado; círculo principal e círculos diretores; excentricidade; tangente.

2. Hipérbole; definição e traçado; assíntotas; círculo principal e círculos diretores; excentricidade; tangente.

3. Parábola; definição e traçado; diretriz; tangente.

4. As seções determinadas por um plano numa superfície cônica de revolução; teorema de Dandelin.

Segunda série

I - Análise combinatória simples:

1. Arranjos de objetos distintos; formação e cálculo do número de grupamentos.

2. Permutações de objetos distintos; formação e cálculo do número de grupamentos. Inversão. Classe de uma permutação; teorema de Bézout.

<p>3. Permutação simples, com objetos repetidos; cálculo do número de grupamentos.</p> <p>4. Combinações de objetos distintos; formação e cálculo do número de grupamentos. Relação de Stifel; triângulo aritmético de Pascal.</p>
<p>II – Binômio de Newton.</p> <p>1. Lei de formação do produto de binômios distintos. Fórmula para o desenvolvimento binomial no caso de expoente inteiro e positivo; lei recorrente de formação dos termos.</p> <p>2. Aplicação do desenvolvimento binomial ao problema da somação de potências semelhantes de uma sucessão de números naturais.</p>
<p>III – Determinantes; sistemas lineares.</p> <p>1. Determinantes e matrizes quadradas; propriedades fundamentais. Regra de Sarrus. Determinantes menores. Desenvolvimento de um determinante segundo os elementos de uma linha ou coluna. Transformação dos determinantes. Abaixamento da ordem de um determinante pela regra de Chio.</p> <p>2. Sistemas de n equações lineares com n incógnitas. Regra de Cramer.</p> <p>3. Sistemas de m equações lineares com n incógnitas; teorema de Rouché.</p>
<p>IV – Noções sobre vetores; projeções; arcos e ângulos; linhas e relações trigonométricas.</p> <p>1. Grandezas escalares e vetoriais. Vetores; propriedades. Operações elementares com vetores. Relação de Chasles.</p> <p>2. Projeção ortogonal de um vetor sobre um eixo. Teorema de Carnot.</p> <p>3. Generalização dos conceitos de arco e de ângulo. Arcos congruos. Arcos da mesma origem e de extremidades associadas.</p> <p>4. Linhas e funções trigonométricas diretas; definições e variação. Arcos correspondentes à mesma linha trigonométrica. Relações entre as linhas trigonométricas de um mesmo arco. Problema geral da redução ao 1º quadrante. Cálculo das linhas trigonométricas dos arcos expressos pela relação π/n.</p>
<p>V – Transformações trigonométricas em geral; equações trigonométricas simples.</p> <p>1. Adição, subtração e multiplicação de arcos. Bissecção de arcos. Transformação de somas de linhas trigonométricas em produtos.</p> <p>2. Disposição e uso de tábuas trigonométricas naturais e logarítmicas.</p> <p>3. Equações trigonométricas simples, tipos clássicos.</p>
<p>VI – Resolução trigonométrica de triângulos.</p> <p>1. Relações entre os elementos de um triângulo retângulo.</p> <p>2. Casos clássicos de resolução de triângulos retângulos.</p> <p>3. Relações entre os elementos de um triângulo qualquer, Lei dos senos. Relações dos co-senos. Expressão trigonométrica da área</p> <p>4. Casos clássicos de resolução de triângulos quaisquer.</p>

Terceira Série

I – Conceito de função; representação cartesiana; reta e círculo; noção intuitiva de limite e de continuidade.

1. Conceito elementar de variável e de função. Variável progressiva e variável contínua; intervalos. Noção intuitiva de limite de uma sucessão; exemplos clássicos elementares; convergência.
2. Funções elementares; classificação. Representação cartesiana de uma função e equação de uma curva. Curvas geométricas e curvas empíricas; noção intuitiva de continuidade. Representação gráfica de funções usuais; função exponencial, função logarítmica e funções trigonométricas diretas. Acréscimo de uma função num ponto; funções crescentes e funções decrescentes. Tangente; inclinação da tangente.
3. Limite de variáveis e de funções; limites infinitos. Propriedades fundamentais. Exemplos elementares de descontinuidade de uma função em um ponto. Descontinuidade das funções racionais fracionárias.
4. A função linear e a linha reta em coordenadas cartesianas. Parâmetros angulares e parâmetro linear. Formas diversas de equação da linha reta. Representação paramétrica; áreas de um triângulo em função das coordenadas dos vértices. Os problemas clássicos de inclinação, intersecção, passagem e distância, relativos à linha reta.
5. A equação geral do 2º grau com duas variáveis e a circunferência de círculo em coordenadas cartesianas. Formas diversas da equação da circunferência de círculo. Intersecção de retas e circunferências.

II – Noções sobre derivadas e primitivas; interpretações; aplicações.

1. Definição da derivada em um ponto; notações; derivada infinita. Interpretação geométrica e cinemática da derivada. Diferença e diferencial; interpretação geométrica. Funções derivadas. Derivação sucessiva.
2. Regras de derivação; derivada de um constante; de um função de função; de funções inversas; da soma, do produto e do quociente de funções. Aplicação à derivação de funções elementares.
- 3. Aplicação da teoria das derivadas ao estudo da variação de uma função. Funções crescentes e funções decrescentes; máximos e mínimos relativos; interpretação geométrica.**
4. Funções primitivas; integral indefinida; constante de integração. Primitivas imediatas; regras simples de integração.
- 5. Integral definida. Aplicação ao cálculo de áreas e de volumes; exemplos elementares.**

III – Introdução à teoria das equações; polinômios; propriedades, divisibilidade por $x \pm$

a; problemas de composição, transformações e pesquisa de raízes; equações de tipos especiais.

1. Polinômios de uma variável; identidade. Aplicação ao método dos coeficientes a determinar. Divisibilidade de um polinômio inteiro em x por $x \pm a$; regra e dispositivo prático de Ruffini. Fórmula de Taylor para os polinômios; algoritmo de Ruffini-Horner.

2. Polinômios e equações algébricas em geral; raízes ou zeros. Conceito elementar de número complexo; forma binomial; complexos conjugados; módulo; representação geométrica. Operações racionais. Decomposição de um polinômio em fatores binômios; número de raízes de uma equação; raízes múltiplas e raízes nulas. Raízes complexas conjugadas. Indicação sobre o número de raízes reais contidas em um dado intervalo: teorema de Bolzano; consequências,

3. Relações entre os coeficientes e as raízes de uma equação; aplicação à composição das equações. Propriedades das raízes racionais e fracionárias.

4. Transformação das equações, transformações de primeira ordem: aditivas, multiplicativas e recíprocas.

5. Equações recíprocas; classificação; forma normal; abaixamento do grau.

6. Cálculo das raízes inteiras. Determinação das cotas pelo método de Laguerre-Thibault. Regras de exclusão de Newton. Algoritmo de Peletarius.

Observação: Os parágrafos em negrito destinam-se somente ao curso científico; os demais é comum ao curso clássico e ao científico.

ANEXO V - Sugestões para um roteiro de Programa para a cadeira de Matemática

Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 01 jan. 1965. p. 42-43. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/4202309/pg-42-poder-executivo-parte-1-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-19-01-1965> último acesso em: 28 set. 2020

Curso secundário – 1º Ciclo, 2º Ciclo e Normal. Ano – 1.965.

Considerando:

1. As possíveis transformações oriundas da aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, relativas aos assuntos que devem compor as disciplinas do curriculum do Curso Secundário;
2. As inúmeras solicitações recebidas pelo Departamento de Educação, provindas de Estabelecimentos de Ensino Secundário do Estado de São Paulo, bem como pais de alunos, no sentido de ser seguido um roteiro para o desenvolvimento das diversas disciplinas, face ao problema da transferência de alunos e professores;
3. A necessidade de ser estudada uma certa ordem nos assuntos, que devem compor a cadeira de Matemática, a serem ensinados nos estabelecimentos que integram a rede do Estado, a fim de que sejam evitadas orientações diametralmente opostas;
4. A importância que deve representar a matemática na formação dos atuais professores primários; a) no atendimento do aspecto de profundidade mais do que o de quantidade; b) na divulgação correta da legislação brasileira de medidas, inclusive as últimas inovações sobre a grafia do cruzeiro;
5. Que além do caráter estrutural do conteúdo da matemática a ser programado para o 2º Ciclo, devem ser atendidas, na medida do possível, as exigências dos exames vestibulares às diversas Faculdades; Esta Comissão, designada pelo Departamento de Educação, depois de cuidadosos estudos louvados, principalmente nos resultados aprovados nos Congressos nacionais de Ensino de matemática – que vêm refletindo a solução dada ao mesmo problema, existente em outros países, por Centros Experimentais de Estudos – propõe o seguinte roteiro para os assuntos que deverão constituir os diversos programas de Matemática; no 1º Ciclo, do 2º Ciclo, e do Curso Normal, dos Estabelecimentos Oficiais do Estado de São Paulo, como base para possíveis discussões que outros professores e demais educadores queiram participara por intermédio de sugestões que serão aceitas até o próximo dia 31 de janeiro de 1965.

Prof. Benedito Castrucci – Presidente.

Prof. Osvaldo Sangiorgi – Secretário.

Prof. Luiz Mauro Rocha – Membro.

Profª. Renate G. Watanabe – Membro.

Prof. Alcides Bóscolo – membro.

São Paulo, 13 de janeiro de 1.965.

Ginásio

Primeiro Ano Ginásial

1. Conjunto dos números inteiros:

- a) representação e sistema de numeração;
- b) adição e operação inversa, propriedades;
- c) multiplicação e operação inversa, propriedades;
- d) potenciação e operação inversa, propriedades;

e) prática da extração de raiz quadrada.
2. Divisibilidade: a) múltiplos e divisores; b) números primos; c) máximo divisor comum e mínimo múltiplo comum.
3. Conjunto dos números racionais (inteiros e fracionários): a) representação (fracionária e decimal); b) adição e operação inversa, propriedades; c) multiplicação e operação inversa, propriedades; d) potenciação e operação inversa, propriedades.
4. Estudo intuitivo das principais figuras geométricas.
5. Sistemas de medidas: a) sistema de medidas; b) noções sobre outros sistemas, não decimais, em uso.

Observação: Tal programação deverá ser atendida pelo 6º ano primário, que vier a ser criado nos estabelecimentos de Ensino Primário do Estado.

Segundo Ano Ginásial

1. Razões e Proporções: a) razões, propriedades; b) proporções, propriedades; c) conjuntos de números direta e inversamente proporcionais; d) regra de três, porcentagem, juros, câmbio.
2. Conjunto de números racionais relativos: a) inteiros relativos, operações, propriedades; b) racionais relativos, operações, propriedades; c) relação de ordem (desigualdade).
3. Equações e inequações do primeiro grau: a) noção de variável, tradução de sentenças com uma variável da linguagem corrente para a linguagem matemática; b) resolução de equações simples do primeiro grau com uma variável no conjunto dos racionais relativos, usando as propriedades das operações; c) resolução de inequações simples do primeiro grau com uma variável no conjunto dos racionais relativos, usando as propriedades.
4. Sistema de inequações simultâneas com uma variável.
5. Sistemas de duas equações simultâneas com duas variáveis;

- | |
|--|
| <p>a) tradução de sentenças com duas variáveis da linguagem corrente para a linguagem matemática;</p> <p>b) técnicas de resolução, substituição.</p> |
|--|

Observação: Tal programação deverá atender inclusive aos alunos que tendo terminado normalmente o 6º Ano Primário, queiram continuar o Ginásio, ingressando na 2ª série.

Terceiro Ano Ginásial

<p>1. Cálculo Algébrico:</p> <p>a) polinômios, operações, propriedades;</p> <p>b) frações algébricas, operações, propriedades.</p>

<p>2. Complementação do estudo das equações e sistemas:</p> <p>a) equações e inequações do 1º grau com uma variável;</p> <p>b) sistemas de equações simultâneas do 1º grau.</p>
--

<p>3. Introdução à Geometria Dedutiva:</p> <p>a) elementos fundamentais: ponto, reta, semirreta, segmento, semirreta, segmento, semi-plano, ângulo;</p> <p>b) polígonos, generalidades, estudo dos triângulos: congruência, propriedades e aplicações.</p>

<p>4. Paralelismo e perpendicularismo:</p> <p>a) Propriedades fundamentais, postulado de Euclides, consequências;</p> <p>b) Quadriláteros, principais propriedades.</p>
--

<p>5. Circunferência e Círculo:</p> <p>a) generalidades, arcos e cordas, propriedades;</p> <p>b) medida de arcos e ângulo.</p>

<p>6. Construções Geométricas e Transformações:</p> <p>a) construção com régua e compasso;</p> <p>b) transformações geométricas elementares: translação, rotação e simetria.</p>

Observação: Deverá constar ainda deste programa – a título precário os assuntos: razões e proporções, que deverão ser ensinados aos alunos provindo de 2ª séries que não tenham dado tais assuntos por circunstâncias de adaptação.

Quarto Ano Ginásial

<p>1. Conjunto de números reais;</p> <p>a) primeiras noções de número real e sua representação na reta;</p> <p>b) radicais: potências com expoente racional relativo, operações e propriedades.</p>
--

<p>2. Equações do Segundo Grau:</p>
--

<p>a) generalidades, resolução;</p> <p>b) equações biquadradas, equações irracionais;</p> <p>c) sistemas simples do 2º grau de duas equações com duas variáveis.</p>
<p>3. Funções:</p> <p>a) função linear e sua representação gráfica cartesiana;</p> <p>b) resolução gráfica de sistemas de equações;</p> <p>c) função trinômio do 2º grau, representação gráfica.</p>
<p>4. Semelhança:</p> <p>a) razão e proporcionalidade de segmentos;</p> <p>b) teorema de Tales, semelhança de triângulos, semelhança de polígonos;</p> <p>c) noção de seno e cosseno.</p>
<p>5. Relações métricas:</p> <p>a) num triângulo retângulo;</p> <p>b) num triângulo qualquer, lei dos senos e lei dos cossenos;</p> <p>c) num círculo.</p>
<p>6. Polígonos regulares e medida da circunferência:</p> <p>a) polígonos regulares inscritíveis e circunscritíveis no círculo;</p> <p>b) construção e relação métrica entre os elementos do quadrado, do triângulo equilátero, hexágono e decágono regulares;</p> <p>c) noção sobre medida da circunferência e o número PI.</p>
<p>7. Áreas das principais figuras planas.</p>

Colegial

Primeiro Ano Colegial

<p>1. Funções:</p> <p>a) noções gerais;</p> <p>b) função linear, representação gráfica, estudo da reta;</p> <p>c) função trinômio do 2º grau, variação, representação gráfica, inequações do 2º grau;</p> <p>d) função exponencial e logarítmica, uso das tábuas.</p>
<p>2. Sequências:</p> <p>a) exemplos de sequências, princípios da indução;</p> <p>b) progressões aritméticas e geométricas.</p>
<p>3. Funções trigonométricas:</p> <p>a) estudo das funções trigonométricas, periodicidade, simetria, representação gráfica;</p> <p>b) relações fundamentais, funções trigonométricas de a (mais ou menos) b, 2^a, $a/2$, onde a e b</p>

representam medidas de arcos;
 c) transformação de $\sin a$ (mais ou menos) $\sin b$, $\cos a$ (mais ou menos) $\cos b$ em produto;
 d) equações trigonométricas e resolução de triângulos.

4. Introdução à Geometria do Espaço:

a) axiomas e teoremas fundamentais;
 b) perpendicularismo e paralelismo, projeção e distância;
 c) diedros.

Segundo Ano Colegial

1. Análise Combinatória e Binômio de Newton:

a) análise combinatória simples;
 b) noção de probabilidade;
 c) binômio de Newton.

2. Sistemas de Equações lineares:

a) matrizes e determinantes;
 b) resolução de sistemas lineares.

3. Ângulos Poliédricos e Poliedros:

a) triedros e ângulos poliédricos;
 b) poliedros regulares;
 c) prismas e pirâmides.

4. Superfícies e Sólidos Redondos:

a) superfícies elementares: cilíndricas, cônicas e de rotação.
 b) Cilindro, cone e esfera.

5. Áreas e Volumes dos principais sólidos.

Terceiro Ano Colegial

1. Conjunto dos números complexos:

a) conceito, representação, operações, propriedades;
 b) raízes da unidade, equações binômias.

2. Polinômios e Equações Algébricas:

a) polinômios, operações, propriedades.
 b) resolução de equações algébricas.

3. Geometria Analítica:

a) estudo da reta;
 b) estudo da circunferência;
 c) noções sobre cônicas.

4. Introdução ao Cálculo Infinitesimal:

- a) noção de limite e continuidade de funções reais de variável real;
- b) derivada de funções racionais e trigonométricas;
- c) propriedades das derivadas e aplicação no estudo da variação das funções.

5. Transformações Geométricas:

- a) translação, rotação e simetria, propriedades;
- b) semelhança, homotetia, propriedades.